

# Cadernos do *Lepaarq*

Vol. XVIII nº36 2021



*Textos de  
Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*



ISSN 2316 8412



Cadernos do  
*Lepaarq*

*Textos de*

*Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

Vol. XVIII | nº36 | 2021 | ISSN 2316 8412



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

### Reitora:

Isabela Fernandes Andrade

### Vice-Reitora:

Ursula Rosa da Silva

### Pró-Reitora de Ensino:

Maria de Fátima Cássio

### Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Flávio Fernando Demarco

### Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Eraldo dos Santos Pinheiro

### Pró-Reitor Administrativo:

Ricardo Hartlebem Peter

### Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento:

Paulo Roberto Ferreira Júnior

## INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

### Diretor:

Sebastião Peres

### Vice-Diretora:

Andréa Bachettini

## LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

### Coordenador:

Rafael Guedes Milheira



### Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS CEP 96010-150

Fone/fax:(53)227 3677 e-mail:

editoraufpel@uol.com.br

Ficha catalográfica: Ayde Andrade de Oliveira - CRB 10/864

Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, v.18, n.36, Jan-Jun, 2021.

Semestral

ISSN eletrônico 2316-8412

1. Arqueologia - Periódico. 2. Antropologia - Periódico. 3. Patrimônio - Periódico. I. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia.

CDD 930.1

## EDITORIA - CADERNOS DO LEPAARQ

### Editores Responsáveis:

Rafael Guedes Milheira

Fábio Vergara Cerqueira

Gustavo Peretti Wagner

### Conselho Editorial:

Airton Pollini (Universite de Haute-Alsace, Mulhouse - França)

Ana Maria Sosa Gonzalez (Universidade Federal de Pelotas)

Carolina Kesser Barcellos Dias (Universidade Federal de Pelotas)

Charles Orser Jr. (New York State Museum - EUA)

Claude Pouzadoux (Centre Jean Bérard, Nápoles, Itália - Université de Nanterre, França)

Francisco Pereira Neto (Universidade Federal de Pelotas)

Helen Gonçalves (Universidade Federal de Pelotas)

Jean-Louis Tornatore (Universite de Bourgogne - França)

Lourdes Dominguez (Oficina del Historiador - Cuba)

Luiz Oosterbeek (Instituto Politecnico de Tomar - Portugal)

Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mariano Bonomo (Conicet - Facultad de Ciencias Naturales y Museo de La Plata - Argentina)

Marisa Coutinho Afonso (Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo)

Paulo DeBlasis (Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo)

Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade Estadual de Campinas)

Reinhard Stuperich (Universidade de Heidelberg - Alemanha)

Sandra Pelegrini (Universidade Estadual de Maringá)

### Conselho Consultivo:

Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)  
Albérico Nogueira de Queiroz (Universidade Federal de Sergipe) Neli Teresinha Galarce Machado (Universidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior)

Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos ( Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo)

Deisi Scunderlick Eloy de Farias (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Ana Inez Klein (Universidade Federal de Pelotas)

Fernando Ozório (Universidade Federal de Sergipe)

Arno Alvarez Kern (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Camila Gianotti (Centro Universitario Regional Este, Uruguai) Claudia

Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas)

Edgar Barbosa Neto (Universidade Federal De Minas Gerais)

Mártin César Tempass (Universidade Federal do Rio Grande) Maria

De Fátima Bento Ribeiro (Universidade Federal de Pelotas) Rafael

Corteletti (Universidade Federal de Pelotas)

Rafael Suárez Sainz (Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, Uruguai)

Renato Pinto (Universidade Federal de Pernambuco)

### Editoração e Projeto Gráfico:

Hamilton Oliveira Bittencourt Junior

### Apoio técnico e Gráfico:

Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som - LEPAAIS / UFPEL

### Revisão Linguística:

Núcleo de Revisão de Textos - CLC

Coordenação: Profa. Dra. Sandra Alves

## Editorial

O volume 18, número 36, referente ao segundo semestre de 2021 dos Cadernos do LEPAARQ, traz um importante dossiê intitulado “Patrimonio y marcas de lugar: una mirada desde la antropología y la arqueología”, organizado por Ana María Sosa González e Luis Fernando González Escobar. Este dossiê é produto de discussões de um grupo da Red Internacional de Pensamiento Crítico sobre Globalización y Patrimonio Construido –RIGPAC, especialistas no tema de patrimônio em sua interface com a Antropologia e Arqueologia. As discussões do dossiê, apresentadas em formato de artigos, envolvem 13 trabalhos de autoria de vários países, envolvendo pesquisas na América, Europa e Oriente Médio.

Além do dossiê, a revista ainda apresenta o artigo “Bioarqueologia do indivíduo exumado do sítio Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brasil”, de autoria de Claudia Minervina Souza Cunha, Wagner Fernando Veiga, Anna Bárbara Silva e Felipe Damasceno e Silva. Traz o artigo “Myocastor coypus: una aproximación a su explotación durante el holoceno tardío en el sudeste uruguayo (sitio CH2D01, excavación 1A)” de Federica Moreno. E, por fim, a revista traz também o relatório do Projeto “Arqueologia e educação patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero” – atividades referentes aos anos de 2018-2019, de autoria de Jelly Juliane Souza de Lima, Avelino Gambim Júnior, Carlos Eduardo Santos Barbosa, Leitícia Pinheiro Barros.

Boa leitura a todos e todas, dos editores.

Rafael Guedes Milheira  
Gustavo Peretti Wagner  
Fábio Vergara Cerqueira

## SUMÁRIO

### PÁGINA

#### EDITORIAL

Rafael Guedes Milheira, Gustavo Peretti Wagner e Fábio Vergara Cerqueira 05

**PATRIMONIO Y MARCAS DE LUGAR: UNA MIRADA DESDE LA ANTROPOLOGÍA Y LA ARQUEOLOGÍA** 06

Ana María Sosa González, Luis Fernando González Escobar (Orgs.)

**ENTRE LOS CERROS Y EL MAR. PROCESOS DE PATRIMONIALIZACIÓN Y CONFLICTOS AMBIENTALES EN UNA ZONA COSTERA DEL URUGUAY NATURAL** 11

Laura Brum Bulanti, Andrés Florines, Laura del Puerto

**VESTIGIOS ARQUEOLÓGICOS Y PROCESOS JUDICIALES A PARTIR DEL TRABAJO MEMORIAL EN EL ESPACIO MANSIÓN SERÉ. RELACIONES ENTRE EL ESPACIO MATERIAL, EL PATRIMONIO Y LAS PRÁCTICAS INSTITUCIONALES** 33

Silvina Fabri

**CONSERVAÇÃO PÚBLICA E PATRIMÔNIO COMO MARCA DE LUGAR: DIÁLOGOS COM O CAMPO DA ARQUEOLOGIA** 50

Rita Juliana Soares Poloni, Andre Luís Maragno, Leandro Infantini, Pedro Paulo Abreu Funari

**MARCAS ATIVADAS: ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA NO QUILOMBO BARRO PRETO** 65

Gustavo Santos Silva Junior

**LUGARES QUE SE MARCAN A TRAVÉS DE LAS LUCHAS POR LA MEMORIA Y EL PATRIMONIO: EL CASO DE LA SIERRA DE LA BARRIGA, ALAGOAS/BRASIL** 83

Ana María Sosa González, Rayanne Matias Villarinho

**MARCA DE LUGAR, ARTE URBANO Y PATRIMONIO. EL DESARROLLO HUMANO DEL CENTRO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE MÉXICO A PARTIR DE LA INTEGRACIÓN PLÁSTICA PARTICIPATIVA IMPULSADA POR LA FUNDACIÓN ORBS** 103

José Antonio García Ayala, Ricardo Chegues Morales, Anali Medrano Zetina

**OS CASARÕES DA SETE: ENTRE EDIFICAÇÕES DEMOLIDAS E CENÁRIOS CONSTRUÍDOS NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS/AM (1998-2010)** 118

Flávia de Oliveira Fernandes, Tatiana de Lima Pedrosa Santos

**O MUSEU DIFUSO NUMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO** 146

Nunziatella Alessandrini, Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

**A (RE)AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE PORTUGUESA E BRASILEIRA ATRAVÉS DAS FACHADAS DE EDIFÍCIOS HISTÓRICOS NO SÉCULO XIX: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO** 157

Larissa Patron Chaves, Mônica Lucas Leal de Macedo

**EL CUERPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICACIÓN EN LA FIESTA DE SAN JUAN BAUTISTA DE NAIGUATÁ** 175

Humberto José Mayora Guaita

**EL MONUMENTO AL COLONO EN TRES LOCALIDADES DE LA AMAZONIA COLOMBIANA. HISTORIA DE UN OBJETO, REPRESENTACIONES DE UNA IDEA** 202

Gabriel Cabrera Becerra

**AFRONTTEIRA CULTURAL OU DISPUTA PELA PAISAGEM? O CASO DA SINAGOGA DE TEL DOR, ISRAEL** 229

Gabriela Rodrigues Marques de Oliveira

**NA SENSIBILIDADE DO PERCEBER: AS DIVERSAS POSSIBILIDADES E OUTRAS NARRATIVAS DAS MISSÕES (RS)** 245

Ana Laura Carvalho Nunes, Ana Luisa Jeanty de Seixas, César Bastos de Mattos Vieira

**MYOCASTOR COYPUS: UNA APROXIMACIÓN A SU EXPLOTACIÓN DURANTE EL HOLOCENO TARDÍO EN EL SUDESTE URUGUAYO (SITIO CH2D01, EXCAVACIÓN IA)** 260

Federica Moreno

**BIOARQUEOLOGIA DO INDIVÍDUO EXUMADO DO SÍTIO CUCUÍRA – PONTA DE PEDRAS, PARÁ, BRASIL** 280

Claudia Minervina Souza Cunha, Wagner Fernando Veiga, Anna Bárbara Silva, Felipe Damasceno e Silva

**PROJETO “ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, CAMPUS MARCO ZERO” – ATIVIDADES REFERENTES AOS ANOS DE 2018-2019** 303

Jelly Juliane Souza de Lima, Avelino Gambim Júnior, Carlos Eduardo Santos Barbosa, Leiticia Pinheiro Barros

ARTIGOS

RELATÓRIO

**DOSSIER PATRIMONIO Y MARCAS DE LUGAR:  
UNA MIRADA DESDE LA ANTROPOLOGÍA Y LA ARQUEOLOGÍA**

Ana María Sosa González  
Luis Fernando González Escobar

Como citar este artigo:

SOSA GONZÁLEZ, Ana María; ESCOBAR, Luis Fernando González. Dossier Patrimonio y marcas de lugar: una mirada desde la antropología y la arqueología. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 6-10, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 15/11/2021

Aprovado em: 20/11/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **DOSSIER PATRIMONIO Y MARCAS DE LUGAR: UNA MIRADA DESDE LA ANTROPOLOGÍA Y LA ARQUEOLOGÍA.**

Ana María Sosa González<sup>1</sup>

Luis Fernando González Escobar<sup>2</sup>

Este *Dossier* tenía como objetivo inicial dar a conocer aquellas investigaciones que serían expuestas en el VI Congreso de la Red Internacional de Pensamiento Crítico sobre Globalización y Patrimonio Construido –RIGPAC (realizado online entre setiembre y noviembre de 2021, cuya sede fue la Unviersidade Nova de Lisboa). Para esta ocasión se tomó como eje de la discusión lo patrimonial y las marcas de lugar, temáticas que se abordaron desde las áreas disciplinares Antropología y Arqueología.

La pandemia del COVID-19 es el tiempo histórico que nos tocó vivir. Cerradas las fronteras locales y nacionales se abrieron aún mas las de los espacios virtuales. Las pantallas mediadoras reemplazaron la experiencia directa del espacio físico. El lugar, producto de la misma pandemia, ganó relevancia y hoy más que nunca, cuando se entiende qué significa perderlo y su importancia en tantos aspectos económicos, políticos, sociales, culturales, mentales, entre otros, deberá ser mejor comprendido en su complejidad. No era el propósito ni lo es, hacer una relación forzada entre los temas del dossier, con la pandemia y sus consecuencias, pues se podría decir que son pre-pandémicos, pero cada uno de ellos, de diversas maneras, dan relevancia y tienen algo que decir sobre lo que lo que es necesario recuperar e incorporar a esos procesos de los lugares en los tiempos por venir. Todavía más, cuando en buena parte del mundo, desde antes de la pandemia y en paralelo con la misma, se vivieron grandes movilizaciones sociales en donde se violentaron y derribaron estatuas y monumentos, con lo cual se pusieron en entredicho muchas narrativas históricas y se reclamaron resignificaciones simbólicas.

En este contexto singular, de rupturas y replanteamientos se desarrolló la convocatoria del dossier sobre “Patrimonio y marcas de lugar: una mirada desde la antropología y la arqueología”. Se planteó la recepción de artículos que, desde las mencionadas perspectivas disciplinares, discutieran sobre la manera en la que, a partir de objetos, bienes culturales, eventos, lugares, ciudades o regiones promovieran su identidad patrimonial. Teniendo en cuenta que dicha promoción se refuerza mediante la construcción de “marcas”, las que incentivan su mercadeo o consumo y ponen en circulación una imagen con la cual tales lugares se identifican o pretenden identificarse. Esas “marcas de lugar” tienen diversidad de repercusiones, de tensiones y disputas a distintas escalas en los territorios, con efectos socioespaciales, económicos, ambientales y culturales sobre el patrimonio (material e inmaterial). De ahí la necesidad por preguntarnos cómo el patrimonio es utilizado e instrumentalizado, de qué manera aporta o no a esa construcción de “marcas de lugar” y si sus aportes son causalidad de transformaciones y cuál es el sentido de estas.

---

<sup>1</sup> Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas - UFPel

<sup>2</sup> Profesor titular adscrito a la Escuela del Hábitat y Coordinador Doctorado en Estudios Urbanos y Territorial de la Facultad de Arquitectura. Universidad Nacional de Colombia - Sede Medellín



De los artículos recibidos, fueron evaluados de manera positiva por los pares académicos 13 trabajos que tienen origen en ejercicios de lectura y experiencias investigativas en Europa, Asia y América, entre ellos Argentina (Partido de Morón, provincia de Buenos Aires), Colombia (en tres centros urbanos de la Amazonía colombiana), Brasil (Sierra de la Barriga, Alagoas; las Misiones de Rio Grande do Sul, el Centro Histórico de Manaus, ciudad de Jequié en Bahía y ciudades del Estado de Río Grande do Sul), Israel (sinagoga de Tel Dor), Italia (área del Valle del Liri a lo largo de la histórica línea ferroviaria Roccasecca-Avezzano), México (centro histórico de la Ciudad de México), Portugal (el municipio de Fafe, en el distrito de Bragas, al norte del país), Uruguay (el bañado de San Miguel, en la cuenca de la Laguna Merín, al este del país), Venezuela (en el pueblo de Naguayatá, Estado de Vargas). Como se puede colegir una gran diversidad nacional y geográfica, pero también de experiencias que, desde las condiciones particulares en cada entorno, enriquecen el intercambio en el debate que es lo pretendido por la RIGPAC.

El mayor número de textos los aporta la Arqueología desde diversos enfoques. Aunque en algunos de los trabajos participa como uno de los componentes para valorar los lugares, en al menos tres artículos, es el eje central determinante para derivar hacia otros aspectos ya sea para definir y caracterizar lugares de memoria, de acciones educativas y pedagógicas, de mediación entre conflictos de diverso orden -entre ellos el ambiental- o de afirmación cultural e identitaria.

Ahora bien, partiendo de la arqueología hacia otras fronteras como lo es la extensión social y la educación patrimonial, los conflictos ambientales y la lucha por la memoria, y la definición de nuevos sentidos de esa memoria y del patrimonio: en el primer caso, el artículo titulado “Entre los Cerros y el Mar. Procesos de Patrimonialización y Conflictos Ambientales en una Zona Costera del *Uruguay Natural*”, de Laura Brum Bulanti, Andrés Florines y Laura del Puerto, da cuenta de las tensiones entre el turismo y los impactos ambientales, con sus efectos en playas y los paisajes serranos, pero también entre las ideas de los actores locales y el discurso oficial, a la vez entre la misma visión patrimonial hegemónica que privilegia ciertos discursos -en este caso la obra arquitectónica y urbanística moderna- en detrimento de la arqueológica y ambiental; el segundo trabajo, con el título de “Vestigios arqueológicos y procesos judiciales a partir del trabajo memorial en el Espacio Mansión Seré”, de Silvina Fabri, en el que el proceso de recuperación de los cimientos de la antigua casona Mansión Seré, reconocida como un Centro Clandestino de Detención, involucró un trabajo arqueológico y antropológico que dio lugar a la apertura del lugar de la memoria y construyó un andamiaje discursivo en torno a la memoria reciente, el terrorismo de Estado, los derechos humanos y la trama judicial, y, como lo señala la autora, la materialidad espacial se torna sustancialmente importante en el momento de construir y otorgar nuevos sentidos en un lugar de la memoria; un tercer artículo, que trata sobre la “Conservación pública y patrimonio como marca de lugar: Diálogos con el campo de la arqueología”, del grupo conformado por Rita Juliana S. Poloni, André Luis Maragno, Leandro Infantini y Pedro Pablo A. Funari, en el que partiendo de la propia Arqueología y la cultura material involucrada, nos conducen a un ejercicio de reflexión para actuar con las demandas públicas en contextos comunitarios y plurales, de tal manera que apoyados en algunos autores reafirman “la importancia de vincular la praxis de conservación y restauración de bienes culturales al público”.

Dos trabajos de afirmaciones identitarias afrobrasileñas, en contextos diferenciados -uno urbano y otro regional, establecen y definen otros sentidos culturales para la marca de lugar: el primer trabajo es el de “Marcas activadas: arqueología y etnografía en Quilombo Barro Preto”, de Gustavo Santos Silva Junior, en un contexto urbano de la ciudad de Jequié, en Bahía, va desde la arqueología histórica hacia la etnografía lo que permite la producción de insumos de afirmación étnico-racial, pertenencia territorial, marcas materiales e inmateriales y de lazos de parentesco y vecinales; el segundo de ellos, “Lugares que se Marcan a través de las luchas por la Memoria y el Patrimonio: el caso de la Sierra de la Barriga, Alagoas/Brasil”, de Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho, abordan el proceso de patrimonialización de la Sierra de la Barriga, ubicada en el Estado de Alagoas, analizan las tensiones entre las narrativas que se vinculan a las luchas afrobrasileñas y que en definitiva “marcan” el lugar, con otras presencias en ese espacio en el que convergen disputas por la memoria aún vigentes.

Por otro lado, teniendo como referencia los *centros históricos* hay dos trabajos con enfoques distintos: el referido a ciudad de México y el de Manaus. El texto titulado “Marca de lugar, arte urbano y patrimonio. El desarrollo humano del Centro Histórico de la Ciudad de México a partir de la integración plástica participativa impulsada por la Fundación ORB”, de José Antonio García Ayala, Ricardo Chegues Morales y Anali Medrano Zetina, analizan el aporte del arte urbano, tanto de artistas como de ciudadanos locales en un proceso participativo en entornos patrimoniales, entendidos como marcas de lugar, revitalización y humanización de los territorios en esta gran urbe; y, por otro lado, en el trabajo “Os Casarões da Sete: entre edificações demolidas e cenários construídos no Centro Histórico de Manaus/AM (1998-2010)”, de Flavia de Oliveira Fernandes y Tatiana de Lima Pedrosa Santos, la autoras tomando como referencia un complejo arquitectónico que inicialmente fue restaurado y después demolido por las mismas autoridades gubernamentales, reflexionan críticamente sobre ese accionar contradictorio, junto a las narrativas que guían las referencias y políticas del patrimonio en aquella ciudad en la Amazonía brasileña.

Otros dos artículos incluidos en el dossier, aunque de diferente factura teórica, metodológica, escalas e implicaciones, hacen trabajos relacionados entre países: uno de ellos, “El Museo Difuso en un Enfoque Interdisciplinario: un estudio de caso”, de Nunziatella Alessandrini y Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, nos muestra las posibilidades que puede brindar un enfoque interdisciplinario como lo es el concepto de *Museo Difusso* aplicado primero en Italia, con el fin de preservar y desarrollar un territorio a partir de un eje ferroviario en pequeños pueblos portugueses; el segundo de ellos, “A (Re)afirmação da Identidade Portuguesa e Brasileira Através das Fachadas de Edifícios Históricos no Século XIX: memória e patrimônio”, elaborado por Patrón Larissa Chaves y Mónica Lucas Leal de Macedo, partiendo del análisis de las fachadas de una arquitectura patrimonial privada e institucional hospitalaria, permite establecer los viajes de ida y vuelta entre Portugal -la ciudad de Fafe- y Brasil - Rio Grande do Sul - que definen y redefinen los procesos de apropiación, configurando procesos de memoria e identidad, desde lo que se concibe como la *lusofonía*.

Los demás trabajos son más individuales con escalas diferentes que van desde el cuerpo en relación con la fiesta, el monumento en ciudades de frontera de colonización y la frontera en

paisajes culturales. Humberto José Mayora Guaita, en el texto “El Cuerpo Humano Como Canal de Comunicación en la Fiesta de San Juan Bautista de Naiguatá”, como su nombre lo indica, resalta el valor del cuerpo humano en estas festividades populares, mezcla de fervor religioso y hecho cultural, por tanto, considerado como patrimonio vivo de esta parroquia en el estado de Vargas, en Venezuela. En el texto, “El Monumento al Colono en Tres Localidades de la Amazonia Colombiana. Historia de un Objeto, Representaciones de una Idea”, de Gabriel Cabrera Becerra, reflexiona sobre los monumentos en Colombia y su presencia tardía en tres contextos urbanos de zonas de colonización en la Amazonía, para hablar de sus particularidades y de su sentido histórico en este contexto territorial. Mientras que en “¿Frontera cultural o disputa paisajística? El caso de la sinagoga de Tel Dor, Israel”, Gabriela R. Marqués de Oliveira, nos plantea “cuestiones relacionadas con los usos del culto imperial en las provincias romanas, y los límites y fronteras entre Roma y los romanos de las provincias, y entre judíos y romanos”, y así observar de qué manera esas fronteras pueden ser simbólicas y culturales, pero también son espacios que conducen a una disputa sobre el paisaje construido.

Por último, el trabajo, “Na Sensibilidade do Perceber: As diversas possibilidades e outras narrativas das Missões (RS), de Ana Laura Carvalho Nunes, Ana Luisa Jeanty de Seixas y César Bastos de Mattos Vieira, asume una reflexión teórica crítica sobre la “marca de lugar”. Partiendo de la reflexión de un entorno concreto, la Región de las Misiones, en el noroeste de Rio Grande do Sul, identifica las diferentes narrativas y cuestiona los usos e instrumentalizaciones que se hacen del patrimonio de corte eurocéntrico, incluyendo la construcción de la “marca de lugar”, para reclamar una lectura más sensible de la «realidad» patrimonial, y “provocar reflexiones sobre la necesidad de una mirada más precisa a otras narrativas ‘olvidadas’ o emergentes”.

Creemos que, con esta selección de artículos, con su pluralidad de miradas, enfoques metodológicos y teóricos, se han cumplido los propósitos de la convocatoria hecha por la RIGPAC para su sexto congreso: discutir el patrimonio y las marcas de lugar en diferentes espacios del globo.

**ENTRE LOS CERROS Y EL MAR. PROCESOS DE PATRIMONIALIZACIÓN Y  
CONFLICTOS AMBIENTALES EN UNA ZONA COSTERA DEL URUGUAY NATURAL**

ENTRE OS MORROS E O MAR. PROCESSOS DE PATRIMONIZAÇÃO E CONFLITOS  
AMBIENTAIS NUMA ZONA COSTEIRA DO URUGUAI NATURAL

BETWEEN THE HILLS AND THE SEA. HERITAGIZATION PROCESSES AND  
ENVIRONMENTAL CONFLICTS IN A COASTAL AREA OF URUGUAY NATURAL

Laura Brum Bulanti  
Andrés Florines  
Laura del Puerto

Como citar este artigo:

BRUM BULANTI, Laura; FLORINES, Andrés; PUERTO, Laura del. Procesos de Patrimonialización y Conflictos Ambientales en una Zona Costera del Uruguay Natural. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 11-32, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 05/06/2021

Aprovado em: 06/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

Laura Brum Bulanti<sup>a</sup>  
Andrés Florines<sup>b</sup>  
Laura del Puerto<sup>c</sup>

**Resumen:**

El artículo analiza un proceso de patrimonialización en torno a ocupaciones prehistóricas fini-pleistocénicas en una localidad turística del Este del Uruguay. Se hace foco en los conflictos por la revalorización y conservación de un tipo de patrimonio invisibilizado por el estado nación y por los discursos hegemónicos sobre la cultura y la historia nacional, representados en este lugar por la obra arquitectónica y urbanística de Francisco Piria, símbolo de la modernización y el progreso del Uruguay del siglo XX. Se analizan las tensiones provocadas por la continuidad de un modelo de desarrollo turístico residencial y los impactos ambientales del consumo lucrativo de tierras que avanza, poniendo en riesgo la calidad de recursos fundamentales para el turismo como las playas y los paisajes serranos que son su marca territorial. Se discute cómo la cultura material de los pueblos originarios prehistóricos se imbrica en paisajes que conforman el *Uruguay Natural* en el discurso oficial, mientras que en los discursos locales se materializa en luchas de organizaciones sociales que se resisten a la degradación de su entorno buscando conservar algunos elementos emblemáticos poniéndolos fuera de la órbita del mercado especulativo de tierras.

**Palabras-Clave:**

patrimonio arqueológico, ambiente, desarrollo, turismo.

**Resumo:**

Este artigo analisa um processo de patrimonialização em relação às ocupações pré-históricas fini-pleistocênicas numa localidade turística do Leste do Uruguai. O foco são os conflitos pela revalorização e conservação de uma classe de patrimônio que tem sido mantido invisível pelo estado-nação e pelos discursos hegemônicos sobre cultura e história nacional, representados neste lugar pela obra arquitetônica e urbanística de Francisco Piria, símbolo da modernização e do progresso do Uruguai do século XX. Analisam-se as tensões provocadas pela continuidade de um modelo de desenvolvimento turístico residencial e os impactos ambientais do consumo lucrativo e crescente de terras, pondo em risco a qualidade de recursos fundamentais para o turismo, como as praias e as paisagens de serras que constituem a sua marca territorial. Discute-se como a cultura material dos povos originários pré-históricos se intercala em paisagens que conformam o *Uruguai Natural* no discurso oficial, enquanto que nos discursos locais materializa-se nas lutas de organizações sociais que opõem resistência à degradação do entorno, procurando conservar alguns elementos emblemáticos deixando-os de fora do mercado especulativo de terras.

**Palavras-Chave:**

patrimônio arqueológico, ambiente, desenvolvimento, turismo.

**Abstract:**

This paper presents a heritagization process around a Late Pleistocene prehistoric human occupation site in a touristic region of Eastern Uruguay. It focuses on the conflicts for conservation and revalue of an archaeological cultural heritage often invisible for the State and the hegemonic discourse about national Culture and History. An official discourse and heritage that is represented in this region by the urban and architectural legacy of Francisco Piria, a symbol of the progress and modernization of Uruguay in the XX century. It analyses the tensions of a model of residential tourism and its environmental impacts produced by a lucrative land consumption which endangers some of its most valuable assets for tourism, as beaches and hill landscapes, the region's territorial brand. It discusses how material culture of prehistoric cultures is embedded landscapes and discourses of *Uruguay Natural*, meanwhile in local discourse it is materialized in the struggle of social movements, resisting their environmental degradation, and trying to preserve some significant landscape features, extracting them from the speculative land market.

**Keywords:**

archaeological heritage, environment, development, tourism.

<sup>a</sup> Centro Universitario Regional del Este (CURE), Universidad de la República (UDELAR). Magíster. Profesora Asistente, Departamento Interdisciplinario de Sistemas Marinos y Costeros. Beca doctoral, Sistema Nacional de Becas- Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII). Programa de Doctorado en Ciencias Ambientales (Facultad de Ciencias, UDELAR). [lbrum@cure.edu.uy](mailto:lbrum@cure.edu.uy).

<sup>b</sup> Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FHCE), Universidad de la República (UDELAR). Magíster. Profesor Asistente, Departamento de Arqueología, Instituto de Ciencias Antropológicas. [andresflorines@gmail.com](mailto:andresflorines@gmail.com).

<sup>c</sup> Centro Universitario Regional del Este (CURE), Universidad de la República (UDELAR). Doctora en Ciencias. Profesora Adjunta, Departamento de Sistemas Agrarios y Paisajes Culturales. [ldelpuerto@cure.edu.uy](mailto:ldelpuerto@cure.edu.uy).

## INTRODUCCIÓN

Desde hace casi dos décadas, vecinos organizados del oeste del departamento de Maldonado realizan acciones para la conservación y protección de la localidad arqueológica Cerro de los Burros- Arroyo Tarariras, reconocida por la arqueología nacional y regional desde la década de 1960 (SCHOBINGER, 1969 ; TADDEI, 1987; POLITIS ET AL., 2004).

La declaración del Cerro de los Burros como Patrimonio Departamental y luego Monumento Histórico Nacional entre 2013 y 2014 fue una meta concretada, parcialmente, con esos reconocimientos. No obstante ese hito, histórico para la arqueología nacional y para la gestión del patrimonio cultural del país, las presiones y amenazas en el área son constantes, enmarcadas en un proyecto de desarrollo local que bajo la marca *Destino Piriápolis*, ofrece un paisaje único de serranías y mar para el consumo inmobiliario.

El modelo imperante de desarrollo en el área promueve el turismo residencial de tipo tradicional y nuevas modalidades de turismo asociadas al medio rural, que densifican zonas urbanas existentes, habilitan nuevas y promueven nuevos modelos de turismo rural-costero exclusivista. Esto sin mediar planes de manejo e instrumentos de ordenamiento locales adecuados para la gestión sustentable del territorio, sus recursos y actividades. Ello impacta destruyendo ecosistemas, alterando paisajes y generando asimetrías socioterritoriales. Las tensiones generadas por proyectos y obras, que desconocen los principios precautorios definidos por la robusta normativa ambiental vigente a nivel nacional y local, provocan una conflictividad creciente en el área<sup>1</sup>, una conflictividad que se expresa en diversos sectores de la zona costera del país (CONDE, 2013).

Como se busca exponer en esta contribución, el Cerro de los Burros y sus evidencias arqueológicas son el emblema de una lucha en el presente que, por un lado, busca conservar y reconocer el pasado, históricamente negado (“el país sin indios”). Pero por otro, y quizás mas potente, constituye un campo de disputa hacia el futuro, para conservar un paisaje como bien común, materializado en sus ambientes, su diversidad biológica e histórico-cultural. Esta lucha se expresa en diversas estrategias que buscan abrir otros caminos de desarrollo local diferente al imperante del balneario tradicional.

El presente trabajo se enmarca en una línea de estudios críticos del patrimonio (PRATS, 2005; CURTONI, 2014; LONDOÑO DIAZ, 2020), fundamental para entender que los discursos patrimoniales son un fenómeno complejo, con una dimensión política e insertos en una trama de relaciones sociales, económicas y en proyectos territoriales con escalas y espacialidades yuxtapuestas e históricamente construidas, así como para comprender los usos y efectos de estos procesos en todas esas dimensiones (GUERRERO, 2018)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Prensa: El Observador. *Justicia suspendió remate del Cerro de los Burros*. Fecha: 24.10.2013. Disponible en: <https://www.elobservador.com.uy/nota/justicia-suspendio-remate-del-cerro-de-los-burros-2013102412370> ;

Prensa: La Diaria. *Mañana se hará una audiencia pública en Las Flores por un proyecto que instalará una fábrica de materiales de construcción en la Cuenca del Arroyo Tarariras*. Fecha: 14.02.2018. <https://ladiaria.com.uy/articulo/2018/2/manana-se-hara-una-audiencia-publica-en-las-flores-por-proyecto-que-instalaria-fabrica-de-materiales-de-construccion-en-cuenca-del-arroyo-tarariras/>;

Prensa: Montevideo Portal. *Comisión de Fomento de Punta Colorada advierte sobre “crítica situación” de la costa*. Fecha: 19.17.2019. <https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Comision-de-Fomento-de-Punta-Colorada-advierte-sobre-critica-situacion-de-la-costa-uc724710>

<sup>2</sup> Este enfoque crítico sobre el patrimonio, “entiende el discurso patrimonial como un fenómeno complejo y se

## LA COMARCA DE LOS CERROS Y EL MAR<sup>3</sup>

La localidad arqueológica Cerro de los Burros – Arroyo Tarariras se ubica en la zona oeste del departamento de Maldonado, entre los municipios de Piriápolis y Solís Grande (abarcando diversas urbanizaciones costeras: Playa Hermosa, Playa Verde, Las Flores y zona rural aledaña). Se encuentra dentro del *Destino Piriápolis*, la marca turística que engloba un conjunto de balnearios que recorre unos 38 kilómetros de costa sobre el Río de la Plata (Figura 1).

La historia de Piriápolis comienza a fines del siglo XIX, cuando Francisco Piria adquirió tierras en esta región para la fundación de un establecimiento balneario, industrial y minero, explotando diferentes paisajes característicos de la región: costa, valles, interfluvios y cerros, con intervenciones que incluyeron, entre otras, la forestación a gran escala, la construcción de un puerto y vías férreas para la conexión con el sistema nacional que unía con la capital Montevideo, parques y paseos, hoteles (OLIVERA ET AL., 2008; DA CUNHA Y CAMPODÓNICO, 2012). Poco después otros proyectos turísticos fueron instalándose en sus alrededores, pero la impronta de Piria ha sido la más duradera, por la escala de su proyecto y proyección temporal, materializada en trazados urbanos, edificios monumentales, parques y paseos públicos.

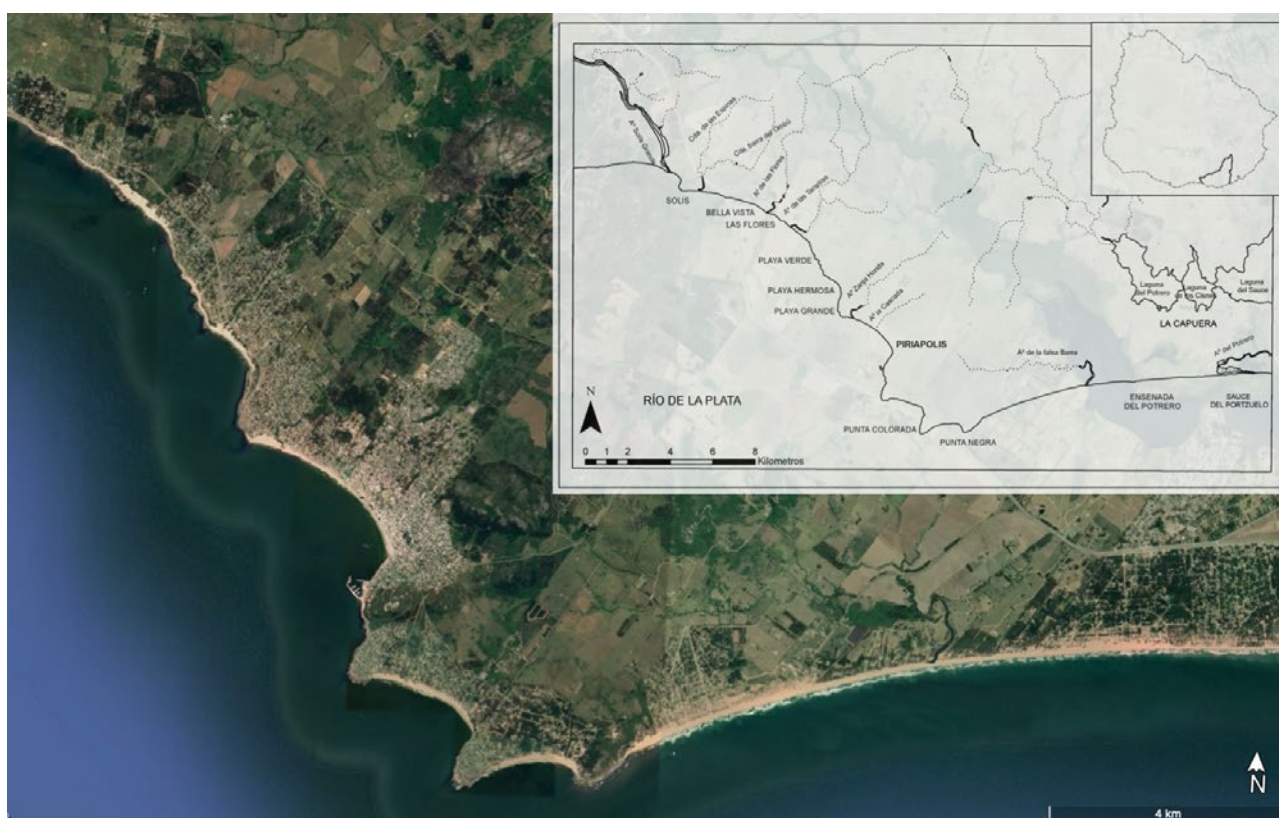


Figura 1. Zona oeste del departamento de Maldonado. Imagen satelital (Google Earth) y mapa con las principales localidades de los Municipios de Piriápolis y Solís Grande.

interroga por los fundamentos y funciones socio políticas que éste tiene hoy en día, sus usos y efectos. Desde una perspectiva crítica los procesos de construcción patrimonial son acciones que han estado históricamente ligadas a las luchas por el poder social al interior de una comunidad social y culturalmente territorializada. Esto ha dado forma a diversos conflictos y disputas, las cuales generalmente han quedado relegadas del análisis patrimonial institucionalizado.” (Guerrero, 2018, p.5)

<sup>3</sup> Esta es la denominación asignada a la microrregión por el Decreto No. 3867: *Sobre disposiciones de Ordenamiento Territorial y Categorización del Suelo en el Departamento de Maldonado: Directrices Departamentales y Microrregionales de Ordenamiento Territorial y Desarrollo Sostenible*, del 21 de abril de 2010, Capítulo IV. Maldonado. Uruguay.

Desde entonces, en esta región convivieron dos modelos de desarrollo: uno rural (ubicado entre las sierras y la costa) y otro turístico de balneario cercano a las playas (ubicado en la costa). Con el auge del turismo y su masificación a partir de la década de 1950, la economía de esta región se enfocó en el turismo de veraneo y entre la década de 1930 y 1960 se terminaron de fraccionar todos los campos costeros de esta porción del departamento (DA CUNHA Y CAMPODÓNICO, 2012). Este desarrollo urbanístico costero fue favorecido primero por la red ferroviaria (ADINOLFI Y ERCHINI, 2012) y en la segunda mitad del siglo XX por la concreción de la red carretera lineal costera, acompañando el auge del transporte automotriz (BARRACCHINI, 1982; CAMPODONICO Y DA CUNHA, 2010).

Siguiendo la evolución del turismo a nivel regional (DA CUNHA Y CAMPODONICO, 2005), Piriápolis pasó de un primer momento de turismo elitista, a otro de corte más popular a partir de la década 1930, favorecido por las reformas sociales del batllismo y la evolución global de fenómeno turístico. Así, el desarrollo de Piriápolis, a diferencia de su vecina Punta del Este, se fue orientando a un turismo de clase media (OLIVERA ET AL., 2008; DA CUNHA Y CAMPODÓNICO, 2012), tanto de Argentina como de Uruguay, en un medio urbano altamente equipado (Figura 2). Desde sus orígenes, su promoción como destino turístico destacó su paisaje único en la costa uruguaya, de conjunción de serranía y mar, así como la obra civilizatoria y monumental de su creador, Piria, como símbolo de los ideales de progreso y de la modernización que marcaron la primer mitad del siglo en el país (ACHÚGAR Y MORAÑA, 2000);

El porvenir de Piriápolis es colosal. Hace 23 años que se empezó la magna obra y hoy tiene en sus calles plazas y avenidas cuarenta mil árboles de treinta y cuarenta metros de altura, alineados y simétricamente plantados. Varios millones de eucaliptus, pinos y acacias forman marco á la gran Ciudad Balnearia. Una cadena de montañas circunda el magestuoso valle, donde surge la planta de la futura Ciudad. (PIRIA, 1913,p.6)

Francisco Piria promocionaba así su proyecto turístico y, años más tarde, la revista Mundo Uruguayo destacaba:

(...) es una de las playas del Este en que a la belleza natural del panorama y a las condiciones excepcionales de su costa, y especialmente de sus arenas y la transparencia de sus aguas, se une el impulso progresista, que creó inicialmente don Francisco Piria y que dio ambiente luego a la intensificación y ordenación edilicia. (...) Las alturas de los alrededores le agregan además un encanto especial, (...) (REVISTA MUNDO URUGUAYO No 1235, 1942, p.43)

En el año 1948 la revista *Turismo en Uruguay* publicaba “Cerros y montes, valles y arroyos, mar y playas, abarcados por un cielo apacible, descubren el delicado y pintoresco paisaje, con el más compuesto despliegue de formas y matices” al referirse al balneario (tomado de DA CUNHA Y CAMPODÓNICO, 2012, p.347). Piriápolis conjugaba naturaleza y lugares para la sociabilidad en una arquitectura y plan urbano y paisajista de claro signo modernista, y ese ha sido desde entonces su elemento distintivo.





Figura 2. Fotografía de Piriápolis y su paisaje de serranía. Se observa la sucesión de playas, la planta urbana del principal balneario, la forestación y paseo costero. (Fotografía Colección Aníbal Barrios Pintos, Año 1957. Biblioteca Nacional del Uruguay, Colecciones digitales)

En la década del 2000 la promoción turística de Piriápolis asumió una nueva institucionalidad. Tras un proceso de evaluación y planificación estratégica, se buscó reposicionar al balneario y la región destacando sus singularidades en un contexto global competitivo y en un momento del ciclo de vida del destino definido como “maduro” pero con posibilidades de “relanzarse” (KAUFMANN, 2017). En el año 2007 se creó la Asociación de Promoción Turística de Piriápolis (APROTUR), que nuclea a operadores privados y al sector público nacional y departamental, y que comenzó a generar nuevas estrategias de comunicación, promoción y gestión del destino bajo una única marca: *Destino Piriápolis*, englobando a todos los actores del sistema turístico local y resaltando sus grandes atractivos: cerros, playas y sol (Figura 3)

El turismo es la principal actividad económica del departamento de Maldonado y del municipio de Piriápolis. Según el Observatorio Territorio Uruguay (de la Oficina de Planeamiento y Presupuesto, OPP)<sup>4</sup> la economía departamental aportó en el 2018 al PBI nacional un 5.7 % (el tercer lugar a nivel nacional), con una actividad económica concentrada en el sector Terciario (67,3%) y Secundario (29,9%) y solo un 2,8 % correspondiente al Sector Primario en el año 2014<sup>5</sup>. De acuerdo al último

<sup>4</sup> Disponible en: <https://otu.opp.gub.uy/observatorio-territorio-uruguay>

<sup>5</sup> “Maldonado se caracteriza por una estructura productiva orientada a los servicios, vinculada a la concentración poblacional y todos los servicios que el turismo receptivo demanda. Presentan una elevada participación del sector terciario (71,6 %), dentro del cual se destaca la existencia de otros servicios (33,0 %) que incluyen el sector inmobiliario. El sector secundario es también relevante (25,3 %), con gran participación de la industria de la construcción, mientras que

censo (del Instituto Nacional de Estadística, año 2011) en Piriápolis se observa una mayor densidad demográfica (106,4 hab./km<sup>2</sup>) que en el resto del departamento (34,3 hab./km<sup>2</sup>), predominantemente urbana (98.3%) y con una población rural (1,7%) sensiblemente más baja que la departamental (3.1%) y nacional (5,3%). A nivel poblacional presentó una variación intercensal de un 41.4% entre 2004 y 2011, y un 51,1% de su población se compone de personas nacidas en otro departamento. Su nivel de empleo, 59,2% está levemente por debajo de los valores departamentales, con una tasa de informalidad departamental (25%), por encima de la nacional. Piriápolis presenta una cantidad de habitantes con al menos una necesidad básica insatisfecha (NBI) de un 36,6%, superior al valor nacional y al promedio departamental. La variación intercensal de viviendas es de 37,8% entre 2004 y 2011, con un nivel de vivienda desocupadas del 65%, lo que evidencia el modelo de desarrollo turístico de tipo residencial o de segunda residencia (OFICINA DE PLANEAMIENTO Y PRESUPUESTO, 2017), con un importante papel de la construcción y el sector inmobiliario. Otro dato importante para la caracterización socioeconómica del municipio, es que la localidad con una mayor variación positiva intercensal (400%) es La Capuera, ubicada en el hinterland -lejos de la costa turística- y que presenta los índices más altos de NBI (65% de los hogares), de hogares ocupados de forma irregular (56%) y de hogares con población menor de edad (CABRERA, 2015).



Figura 3. Imagen promocional de Destino Piriápolis con los isotipos de Destino Piriápolis y Costa Serrana, productos emblema y marca territorial de la región.

## UN PAISAJE ENDÉMICO

Esta región costera ha sido reconocida por sus valores de conservación tanto culturales como naturales, caracterizada por un paisaje singular donde se observa la interfase entre ambientes de serranía (Ecorregión Sierras del Este) y costeros (estuario del Río de la Plata) (BRAZEIRO ET AL., 2012). Esto da lugar a una sucesión de paisajes de sierra, praderas y costa excepcionales en nuestro país. La relevancia y singularidad del patrimonio natural y cultural del área la ubican entre las zonas

---

el sector primario es poco relevante (3,1 %) y principalmente ganadero.” (Castiglia, 2017, p.2)

BRUM BULANTI, Laura; FLORINES, Andrés; PUERTO, Laura del. *Procesos de Patrimonialización y Conflictos Ambientales en una Zona Costera del Uruguay Natural. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 11-32, Jul-Dez. 2021.*

prioritarias para ser incorporadas al Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP) (SOUTULLO ET AL., 2014), catalogada en la Red Física de Sitios de Interés SNAP (SISTEMA NACIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS, 2017). A su vez, cuenta con varios Monumentos Históricos Nacionales (MHN), entre ellos el Cerro de los Burros, también declarado Patrimonio Departamental. Los sitios arqueológicos ubicados en esta localidad, a su vez, han sido incorporados al Inventario Nacional de Sitios de la Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación (del Ministerio de Educación y Cultura, MEC) desde el año 2017.

La protección y valorización de los sistemas costero y serrano de esta región están también estipuladas en la legislación departamental vigente para la planificación territorial de los dos municipios de esta región oeste (Artículos No. 19, 20, 21, 37, 38 y 40 del Decreto 3867/2010), en donde entre otras, se plantean como directrices específicas: la revalorización del Patrimonio cultural y paisajístico; el manejo integrado de la costa y de las laderas; la mejora de la calidad ambiental; la protección y manejo responsable de usos y ocupación de bienes y recursos naturales; revalorizar áreas rurales de paisaje natural o construido, incluyendo el paisaje serrano rural, por mencionar algunas.

No obstante estas directrices, y el reconocimiento a nivel institucional tanto del SNAP como del Ministerio de Educación y Cultura respecto a los valores de conservación presentes en el territorio, a diez años de promulgadas estas normativas no se han desarrollado los instrumentos de manejo requeridos por la Ley Nacional de Ordenamiento Territorial y Desarrollo Sostenible (Ley No. 18.308) que harían posible instrumentar alguna de las recomendaciones definidas para esta región. Esto sucede, además, en un contexto donde el sector inmobiliario y la construcción asociados al turismo son los principales agentes de cambio y transformación del suelo, tanto urbano como rural. Estos sectores han tenido un crecimiento sostenido, visible en indicadores de construcción de viviendas, en la densificación de las plantas urbanas costeras y con la aparición de modelos turísticos emergentes como los barrios privados cerrados, adaptados a espacios rurales (p.e. clubes de campo y chacras) como oferta inmobiliaria exclusivista, orientada a un mercado global que mueve las fronteras del turismo de costa a los ambientes serranos e interserranos (hinterland) como “refugio exclusivo estacional” (VARELA, 2017, p.13).

## **DE REGISTRO ARQUEOLÓGICO A MONUMENTO HISTÓRICO NACIONAL**

El cerro de los Burros y el valle del arroyo Tarariras conforman una localidad arqueológica conocida desde la década de 1960 (SCHOBINGER, 1969; MENEGHIN, 1970; FLANGINI, 1972) que se ubica a un kilómetro y medio de la costa, en una zona de interfaz entre las urbanizaciones costeras (balnearios) y la zona rural. Por el registro artefactual y fechados radiocarbónicos, algunas de sus ocupaciones han sido ubicadas como sitios tempranos del territorio uruguayo y la región (SUÁREZ, 2017; POLITIS ET AL., 2004). Pero ese registro arqueológico presenta una continuidad espacial y temporal a lo largo de todo el territorio y sus ambientes. Algunas de estas evidencias culturales fueron señaladas por naturalistas y pioneros de la investigación científica desde el siglo XIX, tales como los amontonamientos de piedras o cairnes relevados en la Sierra de las Ánimas (DARWIN, 1840; FIGUEI-

RA, 1958), o la pintura rupestre del cerro Pan de Azúcar (FIGUEIRA, 1892; PELAEZ, 1972). Otros trabajos posteriores se centraron en ocupaciones prehistóricas costeras (BAEZA Y PELAEZ, 1972). Con la creación de la formación universitaria en arqueología a partir de la década de 1970, la región volvió a ser abordada desde la academia, primero en el marco de trabajos académicos de grado (IRIARTE, 1994; FLORINES, 1995) y con proyectos de investigación (BRUM BULANTI, 2011).

Pero mientras la arqueología científica uruguaya comenzaba a afianzarse, con foco en otras regiones y temáticas, la sociedad civil organizada de la zona junto a algunos profesionales inició un proceso de búsqueda y revalorización del pasado prehistórico de la región. Primero con la conformación del grupo Betel Betete de Maldonado en el año 2001, que inició gestiones ante del gobierno departamental y el nacional para la protección del Cerro de los Burros, además de actividades culturales para divulgar y sensibilizar sobre la relevancia arqueológica de las ocupaciones prehistóricas del lugar. Este grupo estableció vínculos con académicos, comunicadores y grupos charrúas como Basquadé Inchalá, Guidaí e INDIA<sup>6</sup>. En esta primera etapa, el colectivo logró que el gobierno de Maldonado declarara de “Interés Departamental” el Cerro de los Burros en el año 2002. La continuidad de su actividad derivó en la creación de la Asamblea Permanente de Vecinos del Cerro de los Burros en el 2006 hasta la instalación en 2009 de la Comisión Vecinal del Cerro de los Burros, con el objetivo de proteger y divulgar el patrimonio cultural y natural de la zona.

Este proceso de patrimonialización de elementos del pasado prehistórico en la región de Piriápolis cobró fuerza, con la declaración de la pictografía del Cerro Pan de Azúcar como Monumento Histórico Nacional en el año 2005. Hasta entonces, el patrimonio cultural reconocido oficialmente para esta región seguía unívocamente la impronta del discurso histórico del Estado Nación, valorando obras del período histórico y la cultura hegemónica criolla-colonial-modernista. Los bienes protegidos y celebrados de la región estaban integrados por la obra de Francisco Piria: sus grandes hoteles y su residencia castillo, declarados patrimonio nacional entre 1984 y 1993. Esa historia de Piriápolis, conforma la parte central del relato institucionalizado y promocionado en la presentación del destino y es parte central del imaginario y la identidad de esta región.

A partir del año 2008 comenzó un vínculo más fluido entre académicos (en el marco de proyectos de investigación en curso en el territorio), la agrupación vecinal y otros actores locales, fortaleciendo las acciones de sensibilización, gestiones institucionales y al posicionamiento del cuidado del patrimonio arqueológico prehistórico y el ambiente en la agenda local y nacional. Esto coincidió con el crecimiento demográfico señalado para el área y con una mayor asociatividad, visible en un número creciente y diverso de grupos de tipo barrial (comisiones barriales) y/o temáticos (ambientales, productivos), como Ecópolis, Aprobioma, entre otras (BRUM ET AL., 2011). Surgieron así modalidades de trabajo entre academia y sociedad civil, y en red con otras organizaciones sociales, posibilitando la amplificación de acciones, con una mayor cobertura territorial, conjugando apoyos y adhesiones a diferentes campañas de divulgación y de conservación. También en 2008

---

<sup>6</sup> Utilizamos el término “grupos charrúas”, considerando la trayectoria que han explicitado en su proceso de reemergencia y autoadscripción los colectivos que conforman el movimiento charrúa en el Uruguay (ver Rodríguez y Michelena, 2018).

inició una etapa de descentralización universitaria en todo el país, con la instalación en la región este de la Universidad de la República (UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA, 2009), congregando equipos de investigación en temas prioritarios, entre ellos “Medio ambiente, biodiversidad, ecología”. En el departamento de Maldonado se encuentra una de las sedes universitarias y eso ha fortalecido el vínculo entre la academia (grupos de investigación, docentes y programas de formación) con el territorio, sus actores y problemáticas. También en el Municipio de Piriápolis se instaló el Campus Regional de Educación Técnico Profesional (Polo Educativo Los Arrayanes) a partir del año 2009, con una fuerte orientación a la capacitación en educación ambiental y conservación de recursos naturales. Este contexto posibilitó que las acciones para la valorización y conservación de la localidad arqueológica Cerro de los Burros-Arroyo Tarariras pasaran a ser un proceso colaborativo entre diversos actores (sociedad civil organizada -en adelante SCO-, académicos, instituciones educativas, colectivos artísticos, comunicadores, residentes y veraneantes, entre otros) (BRUM BULANTI, 2013). Así se configura una segunda etapa en el proceso de patrimonialización, que derivará en la consolidación y formalización de la asociación civil Comisión Vecinal Cerro de los Burros, en la elaboración de diversos proyectos para el territorio (p.e. Proyecto Corredores Biológicos, Proyecto Centro de Interpretación, Propuesta de protección patrimonial, Propuesta de ingreso al SNAP) y en el reconocimiento y protección como patrimonio departamental (año 2013) y nacional (año 2014) por parte del Estado (MARTÍNEZ Y ARRUABARRENA, 2014).

## **PATRIMONIO, PARTICIPACIÓN, NATURALEZA**

Para entender el marco en el cual estos eventos tuvieron lugar es pertinente señalar los cambios jurídicos, institucionales y de políticas públicas que se generaron en el marco de los gobiernos progresistas en el Uruguay a partir del año 2005 (Tabla 1). En ese período de quince años hubo un progresivo fortalecimiento del marco jurídico e institucional para la protección del medio ambiente y el patrimonio cultural, en sus diversas expresiones, y que se materializó en un conjunto de leyes e instrumentos que fortalecieron la implementación de acuerdos internacionales y normativas previas sobre el medio ambiente, otro conjunto de leyes vinculados a la planificación territorial, urbana y rural desde una perspectiva integradora y sistémica, haciendo referencia directa a sus componentes históricos y culturales. Y por otro lado, un conjunto de leyes e instrumentos que atendieron a una agenda de derechos culturales, con una fuerte apuesta a la descentralización y participación ciudadana, y a una visión sistémica de la gestión cultural.

Tabla 1: Normativa y principales instrumentos jurídicos vinculados a la gestión ambiental, del territorio y cultural en el Uruguay.

TIPO NORMA/Nº	ASUNTO	AÑO
Art. 34	Constitución de la República: Riqueza artística o histórica de la Nación como tesoro cultural de la Nación y bajo la salvaguardia del Estado.	1996 (desde 1934)
Ley 14.040	Creación de la Comisión del Patrimonio Histórico, Artístico y Cultural de la Nación	1971
Decreto 536	Decreto reglamentario Comisión del Patrimonio Histórico, Artístico y Cultural de la Nación	1972
Ley 16.466	Evaluación Impacto Ambiental	1994
Ley 17.283	Ley General de Protección del Medio Ambiente	2000
Ley 17.234	Creación y Gestión de un Sistema de Áreas Protegidas	2000
Decreto 349/05	Decreto reglamentario de EIA	2005
Decreto N° 52/005	Recursos Naturales Sistema Nacional de Áreas Protegidas	2005
Ley 17.930	Ley de Presupuesto Nacional, Art. 328 crea la Dirección Nacional de Agua y Saneamiento (DINASA)	2005
Ley 17.930	Art. 252 Fondos para el Desarrollo de Infraestructuras Culturales en el Interior del País.	2005
Ley 17.930	Art. 238 y 250 Crea el Fondo Concursable para la Cultura.	2005
Ley 18.035	Se aprueba la Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial - UNESCO. Montevideo	2006
Ley 18.068	Convención sobre Protección y Promoción de la diversidad de las expresiones culturales	2006
Decreto 144/007	Proyecto Plan Ceibal	2007
Decreto 364/007	Reglamentación del Registro de Proyectos de Fomento Artístico para la Cultura, del Fondo Concursable para la Cultura y el Consejo Nacional de Evaluación y Fomento de proyectos artísticos culturales	2007
Ley 18.308	Ley de Ordenamiento Territorial y Desarrollo Sostenible	2008
Ley 18.820	Creación del Sistema Nacional de Archivos. Conservación y Organización del Patrimonio Documental de la Nación	2008
Ley 18.567	Descentralización política y participación ciudadana	2009
Decreto 238/009	Sistema Nacional de Respuesta al Cambio Climático y la Variabilidad	2009
Ley 18.632	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas	2009
Ley 18.640	Creación de un Centro para la Inclusión Tecnológica y Social (Plan Ceibal)	2010
Ley 18.719	Art. 504: Creación de Dirección de Centros MEC	2010
Ley 18.719	Art. 507: Creación del Fondo de Estímulo a la Formación y Creación Artística	2010
Ley 19.037	Sistema Nacional de Museos	2012
Ley 19.147	Observatorio Nacional Ambiental (OAN)	2013
Ley 19.355	Secretaría Nacional de Ambiente, Agua y Cambio Climático	2015
s/d	Creación del Departamento de Gestión Marina y Costera	2015
Decreto 359/2016	Sistema Nacional Ambiental	2016
Decreto 172/016	Creación del Sistema Nacional Ambiental y reglamentación de Ley 19.355, y creación del Gabinete Nacional Ambiental	2016
Decreto 310/017	Política Nacional de Cambio Climático	2017
Decreto 222/019	Plan Nacional Ambiental para el Desarrollo Sostenible	2019

Como elementos destacados en todo este proceso señalamos el fortalecimiento de políticas públicas para la conservación y cuidado del medio ambiente. Se reglamentaron instrumentos como el Sistema Nacional de Áreas Protegidas y la Evaluación de Impacto Ambiental; se estableció un sistema de monitoreo ambiental; se institucionalizó y planificó la gestión de recursos y ambientes clave como el agua y las costas, por mencionar algunos. En lo que refiere a la conservación del ambiente, las primeras Áreas Protegidas ingresaron al SNAP a partir del 2008 (Fuente: Sistema de Información del SNAP)<sup>7</sup>. A nivel de la planificación territorial se promulgó la Ley de Ordenamiento Territorial y Desarrollo Sostenible que definió las líneas generales para el ordenamiento territorial en el país y dio un papel central a los gobiernos departamentales en el ordenamiento y proyección de su territorio.

A nivel de la gestión cultural y el patrimonio cultural, también hubo cambios sensibles. Un conjunto diverso de leyes y políticas buscaron atender los derechos culturales, unas ratificando convenciones internacionales en la materia, otras desarrollando leyes para organizar de forma sistémica la gestión de archivos, museos y bibliotecas. También se generaron instrumentos para promover la descentralización, democratización y acceso a recursos culturales, como los Centros MEC (casas de cultura) en todo el país; fondos de financiación a proyectos locales (Fondos Concursables), entre otros (BERGER Y SEQUEIRA, 2018)<sup>8</sup>. También se establecieron procesos participativos para la discusión nacional de un Plan Nacional de Cultura y de una nueva Ley de Patrimonio Cultural, entre otras (MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CULTURA, 2014; DIRECCION NACIONAL DE CULTURAL, 2019), en intentos de ubicar a la ciudadanía en otra posición en el proceso de definición de políticas públicas. Esto se realizó con un éxito relativo, y dificultades para abandonar un modelo de gestión estatal paternalista (de arriba hacia abajo), y para establecer las condiciones para un ejercicio real de la participación ciudadana.

En este período progresista el concepto de Patrimonio cobró otra dimensión, vinculado al proceso de descentralización y a los nuevos instrumentos disponibles. La celebración del Día del Patrimonio (surgida en 1995) se vio revitalizada y multiplicada en el territorio por colectivos sociales en diversas regiones del país, con propuestas de actividades y festejos en nutridas agendas locales. La celebración del patrimonio se amplificó y se des-localizó, en contextos sito-específicos, que muchas veces escapan de la órbita del discurso oficial y el Patrimonio Nación. A estas fechas, se sumó el empoderamiento de los gobiernos locales, que comenzaron a definir sus normativas en la materia, y proyectos de cooperación internacional que dieron como fruto la producción de guías y catálogos (p.e. Cosas de Pueblo, Guía de Fiestas Uruguayas, generadas por la OPP), que fueron acompañando procesos de revalorización de identidades, actividades, lugares, memorias en la escala local, sacando del centro orbital al Patrimonio y la Historia de la Nación.

Es de destacar el proceso de organización de grupos charrúas a partir de la vuelta a la democracia, y que desde entonces han ido cobrando visibilidad, de forma muy lenta y resistida, pero poniendo en discusión nuestra pretendida condición de “país sin indios”, que tan funcional y ope-

<sup>7</sup> Disponible en: [http://www.snap.gub.uy/sisnap/web/mapa\\_conceptual/snap](http://www.snap.gub.uy/sisnap/web/mapa_conceptual/snap)

<sup>8</sup> Más información sobre esta agenda de derechos culturales en un plan mas amplio de agenda de derechos laborales, de salud, entre otras, durante los gobiernos de la izquierda progresista en Uruguay desde 2005 al 2018 en Berger y Sequeira (2018).

rativa ha sido con el modelo de desarrollo capitalista y el “proyecto modernizador” que caracteriza al país (VERDESIO, 2005). Si bien estos colectivos aún no son reconocidos oficialmente como tales, con resistencias a nivel del Estado, y con la persistencia de resistencias académicas, discursivas y performativas respecto a su condición y autenticidad, han logrado cambios sustanciales en una parte importante de la academia del siglo XXI y de la opinión pública. Y de algún modo, en algunos componentes del Sistema Estado, como dato, del total de MHN referidos a épocas prehistóricas o pueblos originarios, desde la aprobación de la Ley No. 14.040, un 55,6% fueron declarados entre 1971-2004, el 44,4% restante fueron aprobados en los quince años de gobierno progresista. La lucha de estos colectivos ha contribuido a visibilizar esos otros patrimonios aún invisibles para una parte de la sociedad, en un proceso más amplio de lucha de estos grupos por constituirse como sujetos políticos en un país que se resiste a abandonar la condición de “país sin indios” y ante un Estado que se niega a la ratificación del Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo -OIT- (RODRÍGUEZ Y MICHELENA, 2018).

## **LOS CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES EN EL *URUGUAY NATURAL***

Pese a la coyuntura jurídica y a los instrumentos generados para velar por el medio ambiente, derechos ciudadanos, políticas sociales compensatorias, entre otras, el modelo económico del país se asentó en una expansión del agronegocio, con fuerte dependencia internacional y un conjunto de políticas económicas que han sido englobadas bajo el concepto de neodesarrollismo (SANTOS ET AL., 2013)<sup>9</sup>. Este modelo se expresa también en una expansión e incremento de la actividad turística residencial en toda la zona costera, todo ello bajo la marca país de *Uruguay Natural*, herencia del periodo neoliberal y con una fuerte impronta hacia la promoción turística (SANTOS Y CHOUHY, 2013). Ello ha derivado en conflictos vinculados a procesos de acumulación por desposesión (sensu HARVEY, 2004), que han sido los más dinámicos durante los gobiernos progresistas (SANTOS ET AL., 2013:26). Conflictos que configuran disputas por el uso y apropiación de bienes comunes por parte del capital, los más visibles en el marco de megaproyectos (minería, plantas de celulosa, puerto de aguas profundas).

La reconversión de suelo rural en urbano en el marco de proyectos turísticos a lo largo y ancho de la costa uruguaya (GADINO Y TAVEIRA, 2000) configura también un proceso de acumulación por desposesión, en el que como plantea Aledo Tur, la tierra (como sinónimo de lo productivo) pasa a ser reconvertida en suelo (urbanizable/edificable) consumible tanto para el turismo residencial (TR) de ciudades costeras, como del nuevo turismo residencial (NTR) (ALEDO TUR, 2008), en forma

---

<sup>9</sup> “se denomina neodesarrollismo al modelo implementado en diversos países de la región cuyas economías han protagonizado un fuerte crecimiento dinamizado por la renta de los bienes comunes (de la tierra a través de productos agropecuarios, de los hidrocarburos y los minerales), donde el estado juega un papel activo instituyendo un nuevo modo de regulación (Harvey, 1998). Este nuevo modo de regulación genera condiciones institucionales para el arribo y permanencia de la inversión transnacional al tiempo que despliega políticas sociales compensatorias de redistribución del ingreso imponiendo algunas condiciones al capital transnacional. (Santos et al., 2013, p.13)



de clubes de campo y barrios cerrados, “paraísos exclusivos” ubicados tanto en la costa como en el hinterland (VARELA, 2017). Este fenómeno ha sido definido como “extractivismo inmobiliario” orientado al desarrollo urbano y turístico (ALARI, 2014), como otra de las facetas del modelo de desarrollo capitalista neoliberal.

Entendemos que el conflicto generado en el proceso para la protección y conservación del Cerro de los Burros y su entorno, configura un conflicto de acumulación por desposesión, surgido de un escenario de consolidación y avance del suelo urbano del modelo de TR y de nuevos proyectos de tipo NTR. Este avance se da no solo sobre tierras otrora productivas (SILVERA ET AL., 2017), sino también en ambientes valorados localmente como espacios de paseo y recreo, como los cerros y los cursos de agua que, en muchos casos, han sido usufructuados de modo colectivo de forma consuetudinaria con propietarios y sucesores, en el marco de un respeto y complementariedad entre las esferas rural / productiva y turística / costera, entre el turista y el residente, imperantes a lo largo del siglo XX en el territorio (BRUM BULANTI 2019).

## EL CERRO EN VENTA

Conservar el Cerro de los Burros como tierra, como memoria, como paisaje, sacarlo de la órbita del mercado de tierras, no ha sido tarea sencilla. Inmediato a la obtención de la declaración de Patrimonio Departamental (en el año 2013) la cima del Cerro de los Burros fue puesta en venta por procedimiento de remate. La amenaza de “privatización” (de un inmueble -tierras- que hasta el momento integraba la cartera de un banco fundido e intervenido por el Estado Uruguayo tras la crisis económica del 2002)<sup>10</sup>, generó una secuencia de reacciones y campañas a nivel local y nacional, movilizando a las fuerzas vivas locales, fundamentalmente a la SCO, académicos y artistas. Estas acciones –que incluyeron desde el “Remate No” y la judicialización del reclamo para frenar el proceso de remate, hasta la movida cultural “El Cerro nos Toca a Todos” que convocó a músicos y otros artistas de trayectoria nacional e internacional en torno a la causa de proteger al Cerro de los Burros- derivaron en su declaración como Monumento Histórico Nacional, la figura de protección y reconocimiento patrimonial más fuerte por parte del Estado. Estas acciones continuaron con la solicitud de ingreso de la cuenca del Arroyo Tarariras y parte de la zona costera vinculada a la localidad arqueológica Cerro de los Burros al SNAP en el año 2014 (COMISIÓN DE VECINOS DEL CERRO DE LOS BURROS, 2014), con una actividad titulada “El Cerro de los Burros te pasa la posta”<sup>11</sup>, que buscó extender el reconocimiento de los valores de conservación y las singularidades del área desde

<sup>10</sup> El remate corría “por cuenta de la Corporación de Protección del Ahorro Bancario, que es persona pública pero no estatal dependiente del Banco Central, y se trata de un bien que pertenecía al fundido Banco La Caja Obrera.” (Fuente Prensa La República: *Justicia suspendió el remate en Cerro de los Burros*. Fecha 25.10.2013. Disponible en: <https://republica.com.uy/remate-del-cerro-de-los-burros/>)

<sup>11</sup> Prensa: Correo de Punta del Este. *Cerro de los Burros: carrera de postas para que lo ingresen al SNAP*. Fecha: 10.06.2014. Disponible en: <https://correopuntadeleste.com/cerro-de-los-burros-carrera-de-postas-para-que-lo-ingresen-al-snap/>

una perspectiva territorial más amplia. Desde entonces, el desarrollo turístico en la región avanza, mientras el Cerro de los Burros y su entorno como sitio protegido es sostenido con esfuerzo por las organizaciones locales que ofician de guardianas de una región en la que la gestión territorial y ambiental permanece desarticulada y omisa en desarrollar instrumentos (Plan de Manejo y Plan Local de ordenamiento territorial) adecuados a su estatus y a las directrices ya aprobadas.

## **EPÍLOGOS DE UNA LUCHA SIN TREGUA**

En más de veinte años de actividad y activismo sin tregua, la comunidad en torno al Cerro de los Burros y sus patrimonios sorteó varias batallas, con amenazas de proyectos hoteleros, remates y clubes de campo, logrando un estatus de reconocimiento local y nacional, de la opinión pública y del propio Estado. De esta forma se instituyó en emblema de una identidad emergente en el territorio, de nuevos discursos relacionados a su paisaje, a un vínculo más respetuoso con los entornos, con la historia del lugar, integrándose el legado de los pueblos originarios y de pobladores históricos de la zona, con una naturaleza que se percibe como valiosa y en crisis. Esto choca con el discurso intervencionista y en cierto modo avasallante del proyecto de Piria, que moldeó valles, cerros y playas para construir un paisaje moderno y europeo en tierras “salvajes” para el gusto de la época.

La ciudad de Piria y el escenario de cerros y playas permanecen como parte central del imaginario del balneario y la marca del destino. Pero las amenazas sobre esos ambientes, a través de procesos que transforman esos paisajes degradando su calidad, reduciendo las zonas de baño en playas que pierden su arena por erosión y fijación de dunas, transformando sus verdes cerros en ciudad, son elementos que si bien son problematizados por algunos actores (BRUM ET AL., 2011; BRUM BULANTI 2013), no son internalizados en la discusión política sobre el proyecto territorial y su planificación. Las desigualdades socioterritoriales producto del modelo de desarrollo turístico en la región son visibles, con las precariedades de algunas de sus localidades interiores, ocultas al turista y al turismo, como la Capuera. El avance del TR y el NTR se sustenta en un consumo de tierra que desplaza a poblaciones rurales, con una densidad poblacional cada vez más baja en la región, que abandona proyectos productivos que hasta hace medio siglo eran fundamentales para el abastecimiento del turismo local. Por otro lado, las asimetrías en el acceso a bienes comunes, como playas, paseos públicos y otros servicios son claras, con espacios urbanos altamente equipados, con servicios e inversión, cercanos a la costa y medio-habitados durante gran parte del año, mientras los territorios de mayor concentración de residentes permanentes presentan graves necesidades básicas insatisfechas, evidenciando un proceso de gentrificación, de fragmentación y segregación socioterritorial en el cual se inscribe el departamento de Maldonado (VEIGA ET AL., 2012).

La patrimonialización (puntual) del Cerro de los Burros, y la falta de respuesta institucional para ingresar un territorio más amplio al SNAP, opera desprotegiendo al resto del territorio, tal como expresan Santos y Chouhy (2013) para las áreas protegidas. Estos autores señalan que la protección puntual de sitios o lugares no logra su pretendida sustentabilidad si no se integra a un proyecto de

país sustentable ambiental y socioeconómicamente, y cuando las bases económicas del *Uruguay Natural* se siguen sustentando en un consumo desmedido de recursos naturales para el agronegocio (SANTOS ET AL., 2013) y de tierra (productiva) reconvertida en suelo (urbanizable/edificable) para el turismo (ALEDO TUR, 2008)<sup>12</sup>.

No obstante, entendemos que el ejemplo del Cerro de los Burros como espacio de disputa por la apropiación sociocultural y política de un territorio, permite análisis y aportes críticos de las políticas patrimoniales y territoriales del país y del modelo de desarrollo monoprodutivo de la costa basado en el turismo residencial. Por un lado poniendo en evidencia la necesidad urgente de descolonizar las miradas sobre el territorio y los espacios que habitamos (VERDESIO, 1999). Por otro, revisando los imaginarios de desarrollo imperantes, sostenidos en marcas que antagonizan conservación y desarrollo, que se materializan en el “Uruguay Natural” y el “Uruguay Productivo” (DABEZIES, 2019), y en la dicotomía “Uruguay Natural” / “Uruguay Cultural” (SABATE BEL, 2012), desde un esencialismo reduccionista que oculta todas sus contradicciones inherentes. Esto es evidente en el *Destino Piriápolis*, donde todo aquello previo a la llegada de Francisco Piria es “naturalizado” (cerros y mar) y despojado de su condición de paisaje cultural, producido y transformado durante miles de años de interacciones entre sociedades humanas y su entorno.

En ese sentido entendemos que el caso del Cerro de los Burros como expresa Guerrero

(...) está asociado a los conflictos, demandas y resistencias de las comunidades respecto a la instalación y profundización del modelo neoliberal en sus territorios, expresado en un discurso y normativa patrimonial fuertemente monumentalista y de mercado. Este discurso ha vinculado lo patrimonial a expresiones físicas y a un pasado remoto específico y acotado que no se vincula con la diversidad de memorias y necesidades de los habitantes, relegando los procesos críticos sobre el pasado y las memorias del territorio. Las acciones patrimoniales a escala local expresan, a nuestro entender, procesos de reterritorialización (...), es decir acciones que a través de la valorización de determinadas expresiones como patrimonio develan el territorio como un espacio culturalmente heterogéneo, con diversos pasados y memorias que tanto se entrelazan como entran en pugna. (GUERRERO, 2018, p. 3)

En los últimos 20 años ha habido cambios demográficos significativos en las localidades en torno al Cerro de los Burros (Playa Verde y Playa Hermosa), que pasaron de una modalidad de ocupación predominantemente estacional estival y escasos residentes permanentes a un incremento demográfico sostenido desde mediados de la década de 1990. Se da una duplicación de la población permanente en pocos años (Playa Hermosa/Playa Verde 1996- 710 /2011-1320 [INE]).<sup>13</sup> Este incremento demográfico sumado al perfil sociocultural del nuevo residente (de clase media, calificado), ha tenido su influencia en los procesos de patrimonialización, enmarcados en un reclamo por una participación crítica para incidir en su entorno social, introduciendo una demanda por una identidad

<sup>12</sup> Aledo Tur refiere al proceso en que la tierra (concepto vinculado a la producción) en suelo, como principal recursos para el turismo residencial “La tierra ha pasado de entenderse como un espacio para la producción agraria a convertirse en deseado suelo urbano o urbanizable. Ha dejado de ser un medio de producción para convertirse en un bien de cambio y en un objeto de consumo de masas. El suelo sigue siendo riqueza pero esta vez despojado de sus cualidades ecológicas, desarraigado de los ciclos naturales y culturales en los que interviene y sobre los que se conforma. Suelo en definitiva desnaturalizado y transformado en plano urbano. Objeto de consumo hasta su total agotamiento.” (Aledo Tur 2008, p. 101)

<sup>13</sup> Fuente INE: Instituto Nacional de Estadística y Censo. <https://www.ine.gub.uy>

local diferenciada. Los focos de interés de los nuevos residentes permanentes para esta “activación patrimonial” (PRATS 2005) son la naturaleza y la historia. Las narrativas emergentes reclaman una percepción de la naturaleza que trascienda el ámbito escénico paisajístico y se vuelque hacia una perspectiva ecológica, incluyendo la puesta en valor de los ecosistemas. Esto genera disonancias con la historia local de referencia, y se sale del relato fundador de Piria (fines del siglo XIX-inicios del XX), hacia las raíces profundas de la ocupación humana en la transición Pleistoceno-Holoceno, abriendo escenarios a otros saberes y relatos, que permitan construir una historia ambiental y una ecología histórica y del paisaje, superadora de las narrativas colonialistas de la “página en blanco” (VERDESIO, 1999), hoy contestadas, pero muy vigentes.

## **AGRADECIMIENTOS**

Esta publicación se realiza en el marco del proyecto de investigación doctoral *“Procesos de antropización en la región costera del Este del Uruguay. Un análisis histórico-ecológico de la evolución del paisaje en la costa oeste del Departamento de Maldonado”*, Programa de Doctorado en Ciencias Ambientales (Facultad de Ciencias, Universidad de la República). Es financiado a través del Sistema Nacional de Becas de la Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII) y del programa de Iniciación a la Investigación de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Universidad de la República. Queremos agradecer al equipo del proyecto, a colegas, instituciones y organizaciones que colaboran con esta investigación. En particular a las vecinas y vecinos del Cerro de los Burros.

## REREFENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo y MORAÑA, Mabel (coords.). *Uruguay: Imaginarios culturales. Tomo I: desde las huellas indígenas a la modernidad*. 1ª ed, Montevideo, Ed. Trilce, 2000.
- ADINOLFI, Laura y ERCHINI, Carina. El Ferrocarril en la construcción del territorio costero. *Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay*, Montevideo, 10, p. 173-179, 2012.
- ALARI PAHISSA, Elisenda. «El barrio no se vende»: Las barriografías de la Barceloneta como herramienta de resistencia vecinal frente al extractivismo urbano. *Ecología Política*, Barcelona, 48, p. 36-41, 2014.
- ALEDO TUR, Antonio. De la tierra al suelo: la transformación del paisaje y el nuevo turismo residencial. *Arbor*, Madrid, 184(729), p. 99-113, 2008.
- BAEZA, Jorge. y PELÁEZ, Emilio. Un proyecto de estudio y levantamiento arqueológico nacional. En *Antecedentes del I Congreso Nacional de Arqueología y II Encuentro de Arqueología del Interior*. Fray Bentos, 1972.
- BARACCHINI, Hugo. *Historia de las comunicaciones en el Uruguay*. 1ª ed, Montevideo: Instituto de Historia de la Arquitectura. Dir. Gral. Extensión Universitaria. Facultad de Arquitectura. 1982.
- BERGER, Damian y SEQUEIRA, Federico. Centros MEC. Análisis de una política pública cultural con anclaje territorial en el Uruguay de la última década. *Encuentros Latinoamericanos* (segunda época), Montevideo, 2(1), 39-54, 2018.
- BRAZEIRO, Alejandro; PANARIO, Daniel; SOUTULLO, Álvaro; GUTIERREZ, Ofelia; SEGURA, Ángel y MAI, Patricia. *Clasificación y delimitación de las eco-regiones de Uruguay*. Informe Técnico. Convenio MGAP– Facultad de Ciencias /Vida Silvestre/Sociedad Zoológica del Uruguay/CIEDUR, Montevideo, 2012.
- BRUM BULANTI, Laura (coord.). Entre la sierra y el mar. Memorias de la costa y el campo en una zona balnearia de Maldonado. 1ª ed, Montevideo: Imp. Mosca. 2019.
- BRUM BULANTI, Laura. Gestión del patrimonio arqueológico en el litoral oeste del departamento de Maldonado (Uruguay), La investigación como práctica integral, *Revista del Museo de La Plata*, Sección Antropología, La Plata, 13 (87), p. 417-428, 2013.
- BRUM BULANTI, Laura. Primeras aproximaciones a las ocupaciones litorales en las costas platenses del departamento de Maldonado (Uruguay). *Revista de Estudios Marítimos y Sociales*, Mar del Plata, Año 4, n°4, p. 21-30, 2011.
- BRUM, Laura; CERVETTO, Mariela; CHRETIES, Christian; GOROSTIAGA, Jimena; IRIONDO, Luciana; LEICHT, Eleonora; ROBERTO, Carla, y RODRÍGUEZ GALLEGU, Lorena. Plan piloto de manejo costero integrado en área de oportunidad Punta Colorada-Punta Negra, Maldonado. En *Centro Interdisciplinario para el Manejo Costero Integrado del Cono Sur. Manejo Costero Integrado en Uruguay: ocho ensayos interdisciplinarios*. 1ª ed, Montevideo, UDELAR CIDA, p. 153-18, 2011.
- CABRERA, Mariana. Maldonado. *Indicadores sociodemográficos seleccionados por Sección Censal, Localidades Censales y áreas gestionadas por municipios a partir de la información del censo 2011*. Montevideo. INE, MIDES, UNFPA, UN. Mayo 2015. Disponible en: <https://uruguay.unfpa.org/es/publications/maldonado-indicadores-sociodemogr%C3%A1ficos->

[-seleccionados-por-secci%C3%B3n-censal-localidades](#) [Acceso en: 10.04.2021]

- CAMPODÓNICO, Rossana y DA CUNHA, Nelly. La incidencia del transporte en el desarrollo turístico del Uruguay. El caso de ONDA (1935-1980). *Estudios y perspectivas en turismo*, Buenos Aires, 19(3), p. 422-440, 2010.
- CASTIGLIA, Alejandro. *Indicadores de empleo Departamento de Maldonado 2017*. Unidad Estadística del Trabajo. Ministerio de Trabajo y Seguridad Social. Uruguay. Disponible en: <https://www.gub.uy/ministerio-trabajo-seguridad-social/sites/ministerio-trabajo-seguridad-social/files/2019-07/Maldonado%202017.pdf> [Acceso en 28.04.2021]
- COMISION DE VECINOS DEL CERRO DE LOS BURROS. *Propuesta de ingreso del Cerro de los Burros al Sistema Nacional de Áreas Protegidas*. Junio de 2014. Playa Hermosa, 2014.
- CONDE, Daniel. Costas. *La zona costera uruguaya. Relevancia, problemáticas y desafíos para el manejo sostenible*. 1ª ed, Montevideo: Colección Nuestro Tiempo, Comisión del Bicentenario, 2013.
- CURTONI, Rafael. Archaeology and Politics. In Claire Smith (ed) *Encyclopedia of Global Archaeology*. Australia, Springer, p.394-401, 2014.
- DA CUNHA, Nelly; CAMPODÓNICO, Rossana. Aportes al estudio comparativo del turismo en el Cono Sur (1900-1930). *América Latinta en la Historia Económica*, México , n. 24, p. 39-60, 2005.
- DA CUNHA, Nelly; CAMPODÓNICO, Rossana. Uruguay: hacia la noción de país turístico. Estudio histórico 1930-1955. *Anuario IEHS*, Tandil, No 27, p.331-367, 2012.
- DABEZIES, Juan Martín. Discursos y tensiones entre caza, conservación y derechos de los animales en Uruguay. *Etnobiología*, México, 17(2), p. 11-24, 2019.
- DARWIN, Charles. *Journal of Researches into the Geology and Natural History of the Various Countries Visited by H.M.S. Beagle, under the command of Captain Fitzroy, R.N. from 1832 to 1836*. London: Henry Colburn, 1840.
- DIRECCION NACIONAL DE CULTURA. *Plan Nacional de Cultura Sistematización del proceso*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 2019. Disponible en: <https://www.gub.uy/ministerio-educacion-cultura/comunicacion/publicaciones/plan-nacional-cultura-sistematizacion-del-proceso> [Acceso en 28.04.2021]
- FIGUEIRA, José Henriques. *Los primitivos habitantes del Uruguay. El Uruguay en la Exposición Histórico-Americana de Madrid*. 1ª ed, Montevideo: Imprenta Dormalache y Reyes, 1892.
- FIGUEIRA, José Joaquín. *Una excursión arqueológica al Cerro Tupambay realizada en los comienzos de 1881*. Separata de la Revista Nacional, Tomo III, Año III: No 195. Montevideo. Ministerio de Instrucción Pública, 1958.
- FLANGINI, Tabaré. *Un yacimiento precerámico en la zona de Playa Verde (Depto. De Maldonado)*. 1ª ed, Montevideo: Centro de Estudios Arqueológicos, Publicación No2, 1972.
- FLORINES, Andrés. *Diseño de relevamiento arqueológico del Sur-Oeste del departamento de Maldonado (Planicie, Pie de Monte y Sierra)*. Monografía de grado en Ciencias Antropológicas. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Montevideo. 1995.
- GADINO, Isabel; TAVEIRA, Germán. Ordenamiento y gestión del territorio en zonas costeras con tu-

rismo residencial. El caso de Región Este, Uruguay. *Revista de Geografía Norte Grande*, p. 233-251, 2020.

GUERRERO, Rosa María. Patrimonialización por desposesión. Resistencia y cambio social en procesos de patrimonialización de territorios urbanos del sur de Chile: Biobío, Araucanía y Los Ríos. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, Vol 22, No. 599, p.1-20, 2018.

HARVEY, David. El “nuevo” imperialismo: acumulación por desposesión. *Socialist register*, London, Vol, 40, p.99-129, 2004.

IRIARTE, José. *Relevamiento general y planteo de excavación en la región litoral platense, SW del departamento de Maldonado*. Monografía de grado en Ciencias Antropológicas. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, Montevideo. 1994.

KAUFMANN, R. *Plan Estratégico de Desarrollo Turístico de Piriápolis 2020 - Cluster turístico Piriápolis*. Piriápolis: APROTUR-ANDE, 21 de junio de 2017. Disponible en: [https://www.ande.org.uy/images/Cluster-Piripolis-2020\\_ANDE.pdf](https://www.ande.org.uy/images/Cluster-Piripolis-2020_ANDE.pdf) [ Acceso en: 14.03.2021]

LONDOÑO-DÍAZ, Wilhelm. La Arqueología Latinoamericana en la ruta de la decolonialidad. *Boletín Antropológico*, Mérida, Año 38, No 100, p.286-313, 2020.

MARTINEZ, Eliane. y ARUABARRENA, Yohana. Despacio y por las piedras. *Revista Patrimonio*, Montevideo, n4, p. 28-31, 2014.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y CULTURA. *Sumar en patrimonio . Conferencias Ciudadanas*. 1ª ed. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura. 2014.

MENEGHIN, Ugo. *Comunicación preliminar sobre las industrias líticas del Cerro de los Burros (Dpto. de Maldonado)*. Montevideo, Centro de Estudios Arqueológicos, 1970.

OLIVERA, Mabel; SCHELOTTO, Salvador y SOBA, Álvaro. Piriápolis: modelo territorial y turístico en tres tiempos. Sobre turistas y turismo. *Barcelona Metrópolis*, Barcelona, No. 72, p.81-83, 2008.

OFICINA DE PLANEAMIENTO Y PRESUPUESTO. *Diagnóstico prospectivo turístico del Uruguay. El presente y futuro de la actividad*. Diciembre 2017. Montevideo: Dirección de Planificación, 2017. Disponible en: <https://opp.gub.uy/sites/default/files/inline-files/Diagn%C3%B3stico%20prospectivo%20en%20Turismo.pdf> [Acceso en: 05.03.2021]

PELAEZ, Emilio. El yacimiento pictográfico del Cerro Pan de Azúcar. En *Antecedentes y Anales de I Congreso Nacional de Arqueología y II Encuentro de Arqueología del Interior*, Fray Bentos, 1972.

PIRIA, Francisco. *Riquezas desconocidas del Uruguay*. Montevideo: Tipográfica El Arte de O.M. Bertani, 1913.

POLITIS, Gustavo; MESSINEO, Pablo y KAUFMANN, Cristian. El poblamiento temprano de las llanuras pampeanas de Argentina y Uruguay. *Complutum*, Madrid, Vol.15, p. 207-224, 2004.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. *Cuadernos de antropología social*, Buenos Aires, (21), p. 17 35, 2005.

REVISTA MUNDO URUGUAYO. Edición Especial de Navidad. Año XXIV, No 1235, Diciembre 24, 1942.

- RODRIGUEZ, Mariela Eva y MICHELENA, Mónica. Memorias charrúas en Uruguay: reflexiones sobre reemergencia indígena desde una investigación colaborativa. *ABYA-YALA: Revista sobre acesso à justiça e direitos nas Américas*, Brasília, 2(2), p. 180-210, 2018.
- SABATE BEL, Joaquim. Uruguay Patrimonial. *Identidades: territorio, proyecto, patrimonio*, Barcelona, (3), p. 3-8, 2012.
- SANTOS, Carlos y CHOUHY, Magdalena. Los enclaves del "Uruguay Naural" en los márgenes del neodesarrollismo. *Ecología política*, Barcelona, (46), p. 101-105, 2014.
- SANTOS, Carlos; NARBONDO, Ignacio; OYANTÇABAL, Gabriel y GUTIERREZ, Ramón. Seis tesis urgentes sobre el neodesarrollismo en Uruguay. *Revista Contrapunto*, Montevideo, 1(2), p. 13-32, 2013.
- SCHOBINGER, Juan. *Prehistoria de Suramérica*. 1ª ed, Barcelona: Editorial Labor, (1969).
- SILVERA, Nicolás; OLIVERA, Fidel; FRACHIA, Rosina; ARMAND UGÓN, Inés; GARRIDO, Mariana; FASCIOLI, Sofía; DE LOS SANTOS, Paola; BRUM BULANTI, Laura y GARCÍA ALONSO, Javier. Análisis espacio-temporal de los usos de suelo y sus presiones como herramientas para la gestión integrada de cuencas. El caso de la microcuenca Tarariras, Maldonado. *INNO-TEC*, Montevideo, No.13, p. 58-66, 2017.
- SISTEMA NACIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS. Ficha Sitio G29 Piriápolis. Red Física de Sitios de Interés SNAP. MVOTMA.DINAMA.SNAP. Actualizado 20/12/2017. Disponible en: [https://www.dinama.gub.uy/oan/documentos/G29\\_Pri%C3%A1polis.pdf](https://www.dinama.gub.uy/oan/documentos/G29_Pri%C3%A1polis.pdf) [Acceso en: 15/05/2021]
- SOUTULLO, Álvaro; BERTESAGHI, Lucía; RÍOS, Mariana; SZEPHEGYI, María Nube y DI MININ, Enrico. *Prioridades espaciales para la expansión y consolidación del SNAP en el período 2015-2020*. Documento elaborado en el marco del proyecto "Fortalecimiento del Proceso de Implementación del Sistema Nacional de Áreas Protegidas de Uruguay" MVOTMA/DINAMA - PNUD/GEF (Proyecto URU/06/G34). Montevideo, 2014. Disponible en: [https://www.gub.uy/ministerio-ambiente/sites/ministerio-ambiente/files/documentos/publicaciones/3\\_Documento\\_Subsidiario\\_3\\_compressed.pdf](https://www.gub.uy/ministerio-ambiente/sites/ministerio-ambiente/files/documentos/publicaciones/3_Documento_Subsidiario_3_compressed.pdf) [Acceso en: 20/05/2021]
- SUÁREZ, Rafael. The human colonization of the Southeast Plains of South America: Climatic conditions, technological innovations and the peopling of Uruguay and south of Brazil. *Quaternary International*, 431, p. 181-193, 2017.
- TADDEI, Antonio. Algunos aspectos de la arqueología prehistórica del Uruguay. *Estudios Atacameños*, San Pedro de Atacama, n8, p. 65-89, 1987.
- UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. *La Universidad en el Interior*. Colección Hacia la Reforma Universitaria No. 7. 1ª ed. Montevideo: Rectorado Universidad de la República, 2009.
- VARELA, Alma. *Paraísos exclusivos : emprendimientos turístico-residenciales cerrados emergentes en Maldonado*. Tesis Maestría en Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente. Universidad de la República. Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Montevideo. 2017.
- VEIGA, Danilo; FERNANDEZ, Emilio; LAMSCHEIN, Susana y REVOIR, Ana Laura. *Crecimiento económico y desigualdad social en el departamento de Maldonado*. Montevideo: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República. 2011. Disponible en: [http://www.maldonado.gub.uy/files/6544\\_326c46\\_Estudio%20Maldonado%20FCS%20IMM%20ultima%20version.pdf](http://www.maldonado.gub.uy/files/6544_326c46_Estudio%20Maldonado%20FCS%20IMM%20ultima%20version.pdf) [Acceso en: 15/05/2021]
- VERDESIO, Gustavo. La mudable suerte del amerindio en el imaginario uruguayo: su lugar en las



narrativas de la nación de los siglos XIX y XX y su relación con los saberes expertos. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, Sevilla, 7 (14), p.161-195, 2005.

VERDESIO, Gustavo. Hacia la descolonización de la mirada geográfica: las prácticas territoriales indígenas en la "prehistoria" de la ribera norte del Río de la Plata. *Revista iberoamericana*, Vol.LXV, No.186, p.59-80, 1999.

**VESTIGIOS ARQUEOLÓGICOS Y PROCESOS JUDICIALES A PARTIR DEL TRABAJO MEMORIAL EN EL ESPACIO MANSIÓN SERÉ. RELACIONES ENTRE EL ESPACIO MATERIAL, EL PATRIMONIO Y LAS PRÁCTICAS INSTITUCIONALES**

ARCHAEOLOGICAL REMAINS AND LEGAL PROCEEDINGS FROM THE MEMORIAL WORK IN THE ESPACIO MANSIÓN SERÉ. RELATIONS BETWEEN MATERIAL SPACE, HERITAGE AND INSTITUTIONAL PRACTICES

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS LEGAIS DA OBRA MEMORIAL NO ESPACIO MANSIÓN SERÉ. RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO MATERIAL, PATRIMÔNIO E PRÁTICAS INSTITUCIONAIS.

Silvina Fabri

Como citar este artigo:

FABRI, Silvina. Vestigios arqueológicos y procesos judiciales a partir del trabajo memorial en el Espacio Mansión Seré. Relaciones entre el espacio material, el patrimonio y las prácticas institucionales. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 33-49, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 09/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Vestigios arqueológicos y procesos judiciales a partir del trabajo memorial en el Espacio Mansión Seré. Relaciones entre el espacio material, el patrimonio y las prácticas institucionales**

Archaeological remains and legal proceedings from the memorial work in the Espacio Mansión Seré. Relations between material space, heritage and institutional practices

Vestígios arqueológicos e procedimentos legais da obra memorial no Espacio Mansión Seré. Relações entre espaço material, patrimônio e práticas institucionais

Silvina Fabri <sup>a</sup>

### **Resumen:**

En este artículo, planteo el interrogante sobre cómo el espacio puede constituirse en categoría analítica y en un recurso potente para pensar los procesos involucrados en la recuperación de los ex CCD, en particular en el Espacio Mansión Seré (EMS). En este caso, la materialidad espacial se torna sustancialmente importante en el momento de construir y otorgar nuevos sentidos en un lugar de la memoria. Existe una conexión entre los procesos espaciales, la construcción de las tramas memoriales y el proceso patrimonial. El proceso de recuperación de los cimientos de la antigua casona Mansión Seré involucró un trabajo arqueológico y antropológico que dio lugar a la apertura del lugar de la memoria y construyó un andamiaje discursivo en torno a la memoria reciente, el terrorismo de Estado, los derechos humanos y la trama judicial que analizaré a través de entrevistas, fuentes secundarias y observaciones de campo.

### **Palabras-Clave:**

patrimonio material, vestigios arqueológicos, trabajos de la memoria, espacio material, prácticas institucionales.

### **Abstract:**

In this article, I pose the question about how space can become an analytical category and a powerful resource for thinking about the processes involved in the recovery of former CCDs, particularly in the Espacio Mansión Seré (EMS). In this case, the spatial materiality becomes substantially important now of constructing and granting new meanings in a place of memory. There is a connection between spatial processes, the construction of memorial plots and the patrimonial process. The process of recovering the foundations of the old Mansión Seré involved archaeological and anthropological work that led to the opening of the place of memory and built a discursive scaffolding around recent memory, State terrorism, human rights and the judicial plot that I will analyze through interviews, secondary sources and field observations.

### **Keywords:**

material heritage, archaeological remains, memory works, material space, institutional practices.

### **Resumo:**

Neste artigo, questiono como o espaço pode se tornar uma categoria analítica e um poderoso recurso para pensar os processos envolvidos na recuperação de ex-CCDs, particularmente no Espacio Mansión Seré (EMS). Nesse caso, a materialidade espacial torna-se substancialmente importante no momento de construir e conceder novos significados em um lugar de memória. Há uma conexão entre os processos espaciais, a construção de terrenos memoriais e o processo patrimonial. O processo de recuperação dos alicerces do antigo casarão da Mansión Seré envolveu trabalhos arqueológicos e antropológicos que levaram à abertura do lugar da memória e construíram um andaime discursivo em torno da memória recente, o terrorismo de Estado, os direitos humanos e a trama judicial que analisarei através entrevistas, fontes secundárias e observações de campo.

### **Palavras-Chave:**

patrimônio material, vestígios arqueológicos, obras de memória, espaço material, práticas institucionais.

<sup>a</sup> Instituto de Geografía, Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. ORCID: [orcid.org/0000-0002-1275-3670](https://orcid.org/0000-0002-1275-3670). Correo electrónico: [fabrisilvina@gmail.com](mailto:fabrisilvina@gmail.com).

## **LO ARQUEOLÓGICO EN LA RECUPERACIÓN DE LA MANSIÓN SERÉ. PATRIMONIO, ESPACIO MATERIAL E INSTITUCIONAL**

Los espacios son reconstruidos de manera incesante, son remodelados tanto en su materialidad como en su inmaterialidad. El espacio se torna múltiple a partir de las prácticas sociales. En estos espacios, pensados como nodos materiales y simbólicos, en la construcción cartográfica y topográfica de la memoria, los territorios institucionales cobran una significación particular y a través de ellos es posible reflexionar sobre la conflictividad constitutiva de esa configuración pese a toda tentativa institucionalizadora con sentido único (HUFFSCHIMID, 2012, p. 11). Al mismo tiempo, el patrimonio como discurso rearma el espacio material. Por lo tanto, el espacio se constituye como primera coordenada para la problematización de las relaciones sociales en su interjuego dialéctico con el tiempo. En este sentido, Soja (1990) sostiene que, la geografía humana y crítica trató de ocuparse de la importancia interpretativa del espacio a partir de la interacción de la historia con la geografía; las dimensiones múltiples del ser-en-el-mundo pueden pensarse como articulaciones intrínsecas entre espacio, tiempo y ser social. Sobre ellos construyó su dialéctica del espacio. El patrimonio, por lo tanto, requiere de nominaciones impuestas desde un ámbito institucional y su normativa, del sentido otorgado por las comunidades y del uso socio-cultural de estos ámbitos. El patrimonio tangible en el EMS (Espacio Mansión Seré) está atravesado por todas estas esferas en el proceso de recuperación del EMS, la visita guiada y los juicios de lesa humanidad de la zona oeste.

El espacio social se prefigura como soporte espacial de la representación a través de las materialidades arquitectónicas. Entonces, el espacio socialmente construido (LOBATO CORREA, 1993; LOPES DE SOUZA, 1995) es susceptible a reinterpretaciones constantes, atravesadas por tramas temporales y políticas contextuales. Santos (1996) se detiene a analizar cómo es posible que los viejos cimientos se tornen actuales y, en ese pasaje posibiliten nuevos modos de ver y de producir el espacio. En consonancia con esta idea, los espacios concebidos como meras materialidades concretas en base a su mensurabilidad se confrontan tempranamente con los espacios arquitectónicos, espacios construidos en torno a su simbolización (WIGLEY, 1998). Estos mecanismos involucran una nueva trama de interpretación a la cual se le ha prestado mayor atención a partir del denominado *giro espacial* en ciencias sociales.

La materialidad espacial adquiere importancia para el análisis puesto que, a partir de ella, se construyen formas de apropiación, mecanismos de articulación entre lo espacial y lo social, modalidades de representación y dispositivos de marcación que intervienen en el espacio dedicado a la memoria del pasado reciente. A partir de 1983 y hasta 1984, en democracia y en el marco del Juicio a las Juntas Militares, el predio ocupado por la Mansión Seré fue reconocido por algunos sobrevivientes como el sitio en donde habían estado secuestrados. Con estas inspecciones oculares la Mansión pasó a ser uno de los 340 Centros Clandestinos de Detención identificados en el informe Nunca Más de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (CoNaDeP) donde se hizo público el uso de la casona como Centro Clandestino de Detención (CCD) durante los años 1977 y 1978 bajo el nombre de Atila, como parte operativa del circuito desaparecedor en la denominada sub zona 16.

¿Cómo se anudan las construcciones materiales y simbólicas en el proceso memorial? Los sujetos y las interrelaciones sociales no están simplemente cubiertos por la arquitectura (CIRLOT et al, 2007), sino que se hacen posibles a través de ella. La arquitectura funciona como soporte pero también inviste de simbolismos a partir de sus materiales y usos (WIGLEY, 1998). Por ello, los trabajos arqueológicos basados en la recuperación de vestigios arquitectónicos se conectaron con la construcción de un sentido memorial a través de la relación de los sujetos con esos vestigios, la historia del predio y la memoria sobre el pasado reciente en la Mansión Seré incendiada, demolida y desaparecida. Al mismo tiempo, para interpelar los usos de la historia en relación con la memoria y de la narración a través del patrimonio como soporte de ese relato se activaron mecanismos institucionales que construyeron valores y rediseñaron expectativas orientadas al futuro de su valorización y conservación. El patrimonio, en efecto, jugó un papel fundamental en la revalorización de ciertos rasgos e imaginarios compartidos (DEL MÁRMOL et al., 2010; ZOUAIN, 2010). La casona (su recuerdo rememorado) y la materialidad del edificio (situado e identificado) se reconstruyeron a través de la inasistencia de la materialidad.

Los que visitan el predio buscan ver la casa, la materialidad es reclamada en el propio proceso de trabajo memorial<sup>1</sup>. Volver al sitio es transitar una experiencia particular para quienes sufrieron los embates del Terrorismo de Estado. Justamente se convierte en un acto significativo, activa el recuerdo a partir de enfrentarse al espacio y sus recuerdos. Construye un vínculo estrecho entre el ámbito de lo visual, la memoria y el espacio. La restitución del patrimonio tangible, sus objetos, determinar qué lugares ocupaban los recintos, cuál era la relación entre las habitaciones de la casona permite articular lo intangible de la memoria con las materialidades que las estructuras recuperadas permiten reconstruir. El trabajo arqueológico y el desentierro de los cimientos de la casona desaparecida hacen que los vestigios del pasado adquieran un nuevo significado en un emplazamiento simbólico, se restituye el ámbito espacial para conformar un lugar de la memoria.

## **LAS EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS COMO HERRAMIENTA DEL PROGRAMA MEMORIAL. LOS CIMIENTOS DE LA MEMORIA**

*“La Mansión Seré ya no está, aunque de a ratos se respire.  
Los cimientos se levantan del polvo, o más bien el polvo se retira y destapa la historia”  
(Revista Hamartia; 2011. Documentales sobre Mansión Seré)*

El proceso memorial se inició a partir de la reconversión de dos ámbitos espaciales ubicados en el predio donde funcionó el CCD Atila. El primero, la refuncionalización de la Casa Blanca; casa de dos plantas construida por el Intendente Juan Carlos Rousselot para uso personal en la década del '90, que pasó a convertirse en la Casa de la Memoria y la Vida, sede de la Dirección de Derechos

---

<sup>1</sup> Aquí el trabajo memorial está pensado en el sentido otorgado por Ricœur (2013) cuando el recordar restablece el *loci* o al menos lo presentifica.

Humanos del Municipio de Morón<sup>2</sup>. El segundo sitio, la excavación arqueológica donde se encontraba la Mansión Seré. Con el fin de desenterrar los cimientos de la antigua casona (ocultada por la instalación de una cancha de fútbol, en lo que sigue siendo el Predio Polideportivo Municipal Gorki Grana). La labor arqueológica se inició a través del Proyecto Mansión Seré en el año 2002, en el marco del programa de recuperación de los espacios vinculados al Terrorismo de Estado (Fotografía 1).

La política impulsada por el Municipio articuló el proyecto memorial en conjunto con los trabajos arqueológicos de recuperación y las políticas tendientes a producir prácticas de marcación territorial en el predio. Este proyecto se inscribió como una iniciativa precursora en el país, en relación a la *recuperación* de espacios destinados a incentivar la memoria colectiva. A través del rescate del patrimonio tangible e intangible, la conservación de la estructura y la historia del sitio sobre el trabajo de recopilación testimonial de diversos actores sociales y la preservación de la memoria histórica sobre los usos del lugar antes, durante y después de su utilización como centro clandestino de detención se fue delineando el Proyecto Arqueológico y Antropológico Mansión Seré. En este sentido, las excavaciones de las estructuras subterráneas (sótano y pozo de agua, por ejemplo) se habilitaron para el desarrollo de las visitas guiadas y fueron también los primeros pasos para elaborar pruebas y evidencias que sirvieron como base para las investigaciones judiciales impulsadas desde la Dirección de Derechos Humanos Municipal (Fotografía 2).

Con los trabajos arqueológicos se delineó un nuevo sentido en el predio en su conjunto: las viejas marcas urbanas que los mecanismos represivos de la dictadura militar dejaron como huella en el entramado urbano se tornaron visibles como resultado del trabajo de excavación. En marzo del año 2002, al cumplirse un nuevo aniversario del golpe de Estado de 1976, distintas personalidades de la cultura y los derechos humanos realizaron una *palada simbólica* en el sitio de los restos de la Mansión Seré, dinamitada por la dictadura militar. De esa manera, el Municipio comenzó con el trabajo de recuperación de esas estructuras, para que pudieran ser visitadas por la comunidad.

Según el discurso municipal, el cambio en el uso del espacio no fue meramente cosmético sino que se trató de expresar distintos conceptos que siempre fueron centrales para la gestión municipal: lo vital de conocer el pasado reciente, la necesidad de saber el destino de los desaparecidos, y la obligación que el país tiene hacia sí mismo de que finalmente se concrete el juicio y castigo a los culpables de tantos secuestros y asesinatos durante la dictadura militar<sup>3</sup>. El predio se recuperó bajo un objetivo político preciso en torno a la memoria del pasado reciente y la articulación con una política de derechos humanos. En el discurso inaugural de La Casa de la Memoria y la Vida, Martín Sabbatella afirmaba: *recuperamos el predio con la responsabilidad indelegable de la reconstrucción del pasado, presente y futuro, para ejercitar la memoria y construir vida donde hubo muerte.*

Las excavaciones de las estructuras subterráneas, ahora visibles, fueron los sitios arqueológi-

<sup>2</sup> La tarea de convertir la Casa Blanca en la Casa de la Memoria y La Vida fue propuesta en el año 2000, a través de la gestión del intendente Martín Sabbatella y la participación de un grupo de personas provenientes de diversas áreas educativas, judiciales, Organismos de Derechos Humanos y vecinos en general. El entonces intendente, convocó a una reunión en el salón Mariano Moreno de la Municipalidad en donde participaron y discutieron alrededor de 30 personas acerca de los pasos a seguir con respecto al predio. La idea principal que surgió en esta reunión planteó la necesidad de recuperar el sitio para construir un espacio destinado a la reflexión acerca de la memoria, abierto a los vecinos.

<sup>3</sup> Extraído de Morón 10 años después, apuntes de la Gestión de Gobierno 1999-2009, pág. 28.

cos donde se encontraron objetos que sirvieron como elementos de prueba en los juicios de lesa humanidad<sup>4</sup>. El equipo interdisciplinario estuvo conformado por más de treinta investigadores<sup>5</sup>. Por un lado, contó con los aportes de la comunidad a través de talleres con vecinos<sup>6</sup> y testigos que a partir del relato y la evocación de sus recuerdos proporcionaron elementos para rearmar una imagen del predio antes, durante y después de su uso como centro clandestino de detención (Fotografía 3). Por otro lado, fue muy importante la donación de objetos materiales pertenecientes a la Mansión por parte de los/as vecinos/as que correspondían al periodo en el que la propiedad estuvo abandonada. Entre los más importantes se destacan maderas de mampostería, mármoles (escalón de entrada) y fotografías del lugar permitieron conformar el archivo documental de la DD.HH.

Como resultado de este programa, los trabajos de excavación posibilitaron la recuperación de gran cantidad de objetos y dejaron al descubierto la totalidad del perímetro y divisiones internas de la parte principal de la Mansión Seré. En el año 2006 se produjo un cambio en la configuración organizativa del proyecto, este proceso llevó a que la administración del lugar fuera enteramente municipal y se solventara con fondos propios. En este segundo periodo se realizaron obras de techado para preservar las estructuras y se comenzaron a organizar visitas guiadas orientadas a visitantes en general.

En el año 2009 se aprobó la construcción de un cerramiento vidriado y pasarelas internas para facilitar el recorrido de este sitio, que incluye además cartelería informativa y un sector de exposición. Al mismo tiempo se incorporó al proyecto un laboratorio de conservación, junto con un depósito de materiales arqueológicos. En el año 2013 finalmente se terminó de construir el EMS con las pasarelas definitivas, la señalética sobre el sitio y su relación con los acontecimientos políticos asociados al Terrorismo de Estado en Argentina y Latinoamérica. En el marco de las actividades organizadas por el Municipio de Morón para conmemorar el 37º aniversario del último Golpe de Estado, el intendente de Morón, Lucas Ghi, junto a la entonces presidenta de la Nación, Cristina Fernández de Kirchner y el ex intendente Sabbatella, inauguraron el EMS Centro de Investigación e Interpretación de Nuestra Historia Reciente en el año 2013. El proyecto incluyó la creación de un laboratorio donde funciona un centro de análisis de investigación y depósitos arqueológicos, la construcción de pasarelas que permiten recorrer y observar los cimientos de la vieja casa, un patio de la memoria y otras áreas de observación<sup>7</sup>.

Los ejes principales de este trabajo arqueológico, antropológico, memorial y patrimonial se

---

<sup>4</sup> La Causa Seré, a cargo del Juez Daniel Rafecas, en la que el Municipio fue citado como testigo para aportar testimonio acerca del uso de la Mansión Seré como CCD del año 2008 y la segunda causa iniciada en 2014 cuyas sentencias se resolvieron en 2015.

<sup>5</sup> El grupo estaba constituido por especialistas de distintas disciplinas arqueólogos, antropólogos, arquitectos, paisajistas, sociólogos e historiadores.

<sup>6</sup> El Taller con Vecinos en la Casa de la Memoria y La Vida, realizado el 27 de noviembre de 2004 con la presencia de 11 vecinos de la zona, con quienes se filmó un audiovisual que registró el desarrollo de una entrevista semi estructurada. En el año 2007 se realizaron una serie de jornadas (seis encuentros) en formato taller bajo el nombre *Memorias de un Barrio* donde también se generó material audiovisual. Luego se hizo un cierre de taller el 10 de noviembre de 2011 y un encuentro post taller con la concurrencia de 32 vecinos, el día 1 de diciembre de 2007 (Archivo DD.HH. referencia N° 1089-1090-1091-1099-1100, otros s/r).

<sup>7</sup> Ver <http://www.moron.gov.ar/autoridades/acciones-de-gobierno/derechos-humanos/casa-de-la-memoria-y-la-vida/>

basó en: 1) Rescatar toda evidencia material (objetos y estructuras) como parte de la reestructuración histórica del lugar en relación con los testimonios orales, documentos escritos y visuales. La evidencia se percibe como “marca” o señal de reconocimiento para las personas que pasaron por este lugar, y por consiguiente como la posibilidad de convertirse en evidencia judicial. 2) Recuperar vestigios arquitectónicos y objetos asociados que permiten darle materialidad a esa historia y avanzar en la reflexión acerca de nuestra historia reciente<sup>8</sup>. 3) Recuperar los lugares de la represión durante el Terrorismo de Estado. La metodología de trabajo arqueológica/antropológica resulta interesante a la hora de tratar de reconstruir, en parte, los lazos entre el espacio y la memoria. La práctica arqueológica<sup>9</sup> se convirtió en una herramienta para la reflexión en los espacios que formaron parte de la aplicación sistemática del terrorismo de Estado (Di VRUNO et al 2008; DOVAL, 2011; FABRI, 2016). Para el predio Quinta Seré el trabajo arqueológico significó iniciar el camino de la recuperación de la Mansión Seré y al mismo tiempo su entorno, en tanto espacio destinado al trabajo memorial. El predio tiene un doble funcionamiento: lugar de la memoria y polideportivo, ambos usos conviven y a partir de ellos se plantea el acceso, el uso y el recorrido por el sitio. Como señalara la primer ex directora de la Dirección de Derechos Humanos:

*El predio ya estaba funcionando; desde 1985 era el Polideportivo Gorki Grana. Era un lugar donde el espacio público está instalado, donde vecinos y vecinas venían, un lugar de pertenencia en el barrio. Y bueno... nosotros llegamos y hubo que ensamblar estos significados. Acá estamos permanentemente trabajando con el trauma y el horror también (...) este lugar significa todo esto (Entrevista Revista Harmathia: Di VRUNO, 28 de abril de 2011)*

El EMS actualmente es, entre otras funciones, un centro de interpretación arqueológico, en el cual se realizan visitas guiadas. Es un espacio público destinado a actividades, culturales, artísticas, recreativas y deportivas. La participación de distintos actores en el proceso de recuperación y resignificación del espacio con el propósito de contribuir a la búsqueda de la verdad y la justicia, promover la memoria colectiva sobre la historia reciente y generar un espacio de participación y diálogo en torno a los derechos humanos permitió incorporar distintas miradas y tratar de articularlas<sup>10</sup> para construir un espacio memorial. Ensamblar esos sentidos fue la tarea primordial en el predio.

La imbricación entre el espacio material y el espacio social a partir de la emergencia de los múltiples recuerdos rememorados sobre el predio delimitan su propia historia como ámbito urbano articula estos puntos de manera clara si nos detenemos en las palabras de Claudio Tamburrini, uno de los detenidos que logró fugarse de la Mansión Seré en marzo de 1978:

*Mi primera visita a la Mansión Seré, debo reconocer, no fue voluntaria. A fines de noviembre de 1977 fui secuestrado por un grupo represivo de la Fuerza Aérea y conducido al predio donde funcionaba un centro de detención ilegal. Esa experiencia de 120 días, signada por el terror, terminó el 24 de marzo de 1978, cuando escapé de la casa junto a otros tres compañeros con la intención de no volver jamás a ese lugar. Era, pensé, el momento de olvidar. Me equivocaba. Pocos meses más tarde volví a la casa buscando recuperar vivencias que me habían sido indebidamente apropiadas. Encontré sólo escombros, prueba de la voluntad de eliminar todo rastro de los habitantes de la casa. Eran tiempos de desazón y de angustia, en que todas las puertas se cerraban. Mi siguiente visita fue en democracia. Los escombros ya no eran mudos, las pintadas sobre las paredes derumbadas contaban la historia reciente del país. “Aquí se torturaba!”, decía el esqueleto desnudo de la casa. La*

<sup>8</sup> Extraído de Morón 10 años después, apuntes de la Gestión de Gobierno 1999-2009, pág. 131.

<sup>9</sup> Sobre la producción de la memoria, la materialidad arqueológica y la construcción de la patrimonialización de los restos materiales pueden consultarse los trabajos de Rowlands (1993), Milss y Walker (2008).

<sup>10</sup> El Diario de Morón, junio 2010 en: <http://moron.enorsai.com.ar/news/search?q=junio%202010>



*época traía consigo fervor y esperanza. Por primera vez en la historia de América Latina se avizoraba el castigo a los culpables. La posibilidad de reencontrar a los desaparecidos de la dictadura nos ilusionaba. Ambos anhelos, sin embargo, se frustraron. Adivino la larga noche del olvido forzado. Pero los escombros seguían hablando su lenguaje claro, a la espera de tiempos más propicios. Hasta que alguna vez también los escombros fueron borrados. Pero el predio renació, en otra forma. Con el comienzo del nuevo milenio, el lugar se abrió al público por primera vez en la historia centenaria de la casa. El otrora lugar de muerte se convirtió en foro de actividad y recuerdo, gracias a quienes se negaron a dar vuelta la hoja de la historia. Mediante una nueva metamorfosis, la casa se erigía otra vez en testimonio de los crímenes de la dictadura. Desde los escombros desenterrados de las profundidades del suelo, volvía a surgir la vida y a alimentarse la expectativa de enjuiciar a los culpables del exterminio de miles de argentinos. Eran, otra vez, tiempos de sueños, fortalecidos por los muchos años que habían pasado de esperanzas truncadas. Y con la casa desenterrada, volvió a tomar fuerza, ahora también en las nuevas generaciones, el ansia por conocer el destino de las víctimas (Claudio Tamburrini; 2009:242. Extracto de La casa testigo).*

En el relato de Tamburrini sobre su propia experiencia y en torno a su relación con ese espacio, sus vivencias en el predio aparecen, ordenadas por su propio recuerdo, esas capas de sentido que operan en la conexión entre espacio material y espacio social puede pensarse como un proceso que denomino espacialización del recuerdo. A partir del mismo, la presencia/ausencia de la casona funciona como dispositivo para conectar la trama de la experiencia y la construcción de una memoria social que trasciende las marcas de lo recordado individualmente.

En ese proceso de espacialización se produce la construcción del relato hay una selección particular de las imágenes que permiten hacer referencia a la casona desaparecida. Esa primera vez, en el reconocimiento, él halla ruinas, nos dice *Encontré sólo escombros* como resultado de los mecanismos de ocultamiento, de borrar las huellas de lo sucedido. Sobre la segunda vez que visitó el predio nos dice: *Mi siguiente visita fue en democracia. Los escombros ya no eran mudos, los graffitis y pintadas hacían evidentes las denuncias sobre el uso de la casa como centro clandestino de detención. Finalmente, Tamburrini se detiene, en un tercer momento: los escombros seguían hablando su lenguaje claro, a la espera de tiempos más propicios. Hasta que alguna vez también los escombros fueron borrados. Pero el predio renació, en otra forma.* Esa otra forma, alude a la recuperación del predio como lugar de la memoria a través del trabajo desarrollado bajo el Proyecto Mansión Seré.

En estos tres momentos el proceso de espacialización del recuerdo puede producir determinadas prácticas en la construcción del espacio material y social, pero en esa construcción media la práctica memorial que requiere, al mismo tiempo de instancias simbólicas y narrativas que habilitan establecer nexos con y sobre ese espacio. En este sentido, parece útil comenzar a trabajar con la construcción de la urdimbre simbólica de la memoria.

## **VISITA GUIADA EN EL PREDIO QUINTA SERÉ. NARRATIVAS Y RELATOS, MATERIALIDADES Y RECONSTRUCCIÓN VISUAL**

Cada una de las actividades se reconfiguraron a medida que avanzaba el Proyecto Mansión Seré y los objetivos mutaban de acuerdo a las herramientas que pudieron ser elaboradas con el correr del tiempo. Sin embargo, la actividad que más se vio afectada fue la estructura de la visita guiada, sin duda esa afectación está relacionada con los cambios en relación a la *visibilidad* de lo material y a la aproximación que el visitante podía realizar a los relictos materiales a medida que avanzaba el proyecto Seré. La recuperación de los restos de la casona, es decir, el descubrimiento de la totalidad

de los cimientos posibilitó la preparación de actividades guiadas y de taller con base en el trabajo arqueológico<sup>11</sup>. En un segundo momento, con la incorporación de infraestructura (techado, cerramiento de espacio, pasarelas) se plantearon condiciones propicias para realizar otro tipo de visitas, como la posibilidad de recorrer el sitio sin necesidad de guías<sup>12</sup> y auto administrarse la información a partir del relato visual y narrativo dispuesto de manera estratégica en el EMS a partir de banner con la estructura de la casona y los planos de la misma cuando se encontraba en pie (Fotografía 4 y5).

En su trabajo, Montenegro et al. (2013) analizan la experiencia de visitar un sitio de memoria señalando que la interacción con el espacio implica esfuerzos de comprensión de lo sucedido en los que el cuerpo, las sensaciones, la relación con los objetos y los espacios crean un la posibilidad de la experiencia como práctica singular. Entendemos, en este punto, que el recorrido propuesto (NO-RIEGA, 2021) posee un rol estratégico institucional<sup>13</sup>. Es posible que los visitantes integren sus conocimientos previos con aquellos que se van produciendo/construyendo durante la visita, generando una versión de lo ocurrido a la que se le otorga un carácter de verdad<sup>14</sup>. Resulta sugerente plantear como pregunta abierta hasta qué punto los visitantes/alumnos adquieren herramientas para poder deconstruir esas verdades y elaborar una actitud crítica y reflexiva sobre el lugar de la memoria. La elección de contenido y el sentido narrativo asumen el centro de la escena de las disputas institucionales en torno a la preparación de actividades.

## EL ARMADO DEL GUION PARA LA VISITA GUIADA EN LA EX MANSIÓN SERÉ

Al interactuar con el espacio y con los objetos que lo componen se produce una concreción de la memoria asociando los hechos del pasado a partir de una materialidad que pasa a formar parte de los propios recuerdos y los sentidos actuales. Los objetos y los espacios se erigen como agentes de enunciación de lo ocurrido; son portadores de un pasado, recrean una experiencia vuelta presente. En ese retorno son susceptibles de resignificación en cada visita de acuerdo a las características que asuman los grupos, sus intereses y/o inquietudes.

*En el primer guion de visita, teníamos fotos impresas grandes para mostrar... le dábamos testimonios impresos a los visitantes para que lean... trabajábamos con soportes muy artesanales, una fotocopia... La visita se arrancaba en la entrada de la mansión... después cuando se avanzó con la excavación del camino que une la mansión con los pilares empezábamos en los pilares, hacíamos el recorrido hasta la mansión y el circuito iba hacia las palmeras, hacia atrás de las casa... el sótano, el pozo y llegábamos en la ochava que mira hacia la Casa de la Memoria y La vida. No se hacía un recorrido por el predio... hablábamos sí... fuera del alambrado nombrábamos el tanque de agua y la pileta... el alambrado era un límite. En el relato mezclábamos lo histórico, lo*

<sup>11</sup> Recordemos que este período abarca desde el inicio del Proyecto Mansión Seré en el año 2000 hasta su finalización en el año 2002, cuando se consigue finalmente finalizar el techo definitivo.

<sup>12</sup> Esta posibilidad se logra una vez finalizado el cerramiento que constituye el EMS inaugurado en el año 2013.

<sup>13</sup> Esta idea también requiere encuadramientos más amplios que incorporan a la política municipal. Con fecha 22 de abril de 2013 el Consejo Escolar de Morón dispone declarar de interés educativo y cultural el ciclo de visitas para establecimientos educativos del Distrito de Morón al Espacio Mansión seré mediante la disposición Nº 82/13.

<sup>14</sup> En definitiva, la trama narrativa se construye en la relación –tensión entre el saber, el poder y la verdad en términos foucaultianos, a esa relación la entiendo propia del contexto, de la resolución de conflictos y de los intereses en pugna. La memoria, como dispositivo, aparece atravesada por esas regularidades repletas de cortes y rupturas.

*testimonial y elementos arqueológicos, de jerga arqueológica. Los niveles, estratos, había un mix de contenidos (Entrevista con Mariel Alonso, 24 de junio de 2015).*

*Teníamos un discurso según cada grupo, el problema es que eran totalmente heterogéneos, chicos de seis años, diez, diez y ocho, cuarenta, setenta, entonces era muy complejo articular y adaptar un relato. No sé cómo ocurrió pero salían todos entendiendo, comentando y puteando a los militares y lo más interesante: reflexionando. Comenzábamos con la demarcación de un contexto espacial-temporal que consistía en contar la historia de la Mansión (arquitectura, momento de la construcción) y algunas pocas fechas. Luego, se contaba el momento en que pasa a la Fuerza Aérea y qué tareas llevaban a cabo, interconectándolas con lo que ocurría en la Base Aérea de Morón. (Entrevista con Pablo Mercolli, 20 de noviembre de 2014).*

En estos testimonios acerca del armado de la visita guiada original advertimos la necesidad del equipo pedagógico de trabajar con materiales e insumos de variada procedencia. En el propio proceso de construcción surgen los problemas en torno a *lo pertinente y lo no pertinente*. Planteo la necesidad de pensar el entramado del guion como dispositivo del saber-pensamiento. Se trata una herramienta que permite intervenir en las conexiones entre el sitio y la sociedad. La visita guiada se inicia en la intervención artística *Las Huellas de Fuego*, se recorre La Casa de la Memoria y La Vida; se relata la historia de la institución. Luego, dependiendo de las características del grupo y del/de la guía se recorren instalaciones artísticas, se dan precisiones sobre el trabajo de la Asociación Seré y el de los Organismos de Derechos Humanos en general. Se genera la participación de los participantes, se otorga espacio para sus intervenciones, sus preguntas y comentarios sobre la experiencia de transitar el predio y, también de la información que reciben sobre el terrorismo de estado, de las actividades que se desarrollan en el predio y las tareas que lleva a delante la DD. HH. Municipal (Fotografía 6). Finalmente se accede al EMS, la señalética acompaña el recorrido y se articulan los relatos escritos y visuales con la intervención/acompañamiento de los/as guías.

Existe una estrecha relación entre el discurso gráfico-visual y la narrativa oral que refieren a las etapas iniciales del Proyecto Mansión Seré. Se pueden clasificar los carteles de acuerdo a su contenido en dos tipos. Por un lado, los que reponen visualmente los usos habitacionales de las distintas partes de la casa y los carteles con el contexto histórico-político y económico en los distintos años de la mansión instalados en el perímetro de las propias excavaciones. Estos carteles pueden leerse desde las pasarelas que siguen el ámbito perimetral de los cimientos. Por otro lado, las fotografías emplazadas en puntos estratégicos de las excavaciones, los banners con las fotografías de la mansión aún en pie y también de su período de abandono tratan de reponer la materialidad y otorgarle un sentido en la construcción del relato que opera en la transmisión y cumple una función pedagógica en el trabajo con los grupos. Finalmente, en relación a las características del grupo se visita el Pozo, o el laboratorio del centro de interpretación. Luego se realiza un recorrido por los relictos arquitectónicos originales de la mansión, el pozo de agua y los pilares de entrada que constan de un cartel informativo.

## **LA NARRATIVA Y LOS OBJETOS EN EL TRABAJO CON LAS INSTITUCIONES EDUCATIVAS EN EL EMS**

En el Espacio Mansión Seré el recorrido se realiza mediante pasarelas por el perímetro de la excavación. La finalización de la obra de cerramiento del EMS en el año 2013 permitió sistematizar la información y plantear la concreción de un sistema de visita auto guiado. Por otro lado, en el EMS se exponen algunos de los objetos encontrados en las excavaciones en vitrinas dispuestas en las pasarelas del EMS con leyendas explicativas, de los objetos diagnóstico los que, como refieren nuestros entrevistados, forman parte del material clasificado por el archivo de la DD.HH. y de los objetos que se conservan en el laboratorio arqueológico; motivo por el cual pueden variar los contenidos de las vitrinas a lo largo del tiempo. La noción de experiencia formativa se construye en el predio a través de la visita guiada, y también de otras actividades, esto habilita modificaciones en los posicionamientos de los sujetos para cuestionar los sentidos comúnmente instalados.

Como señalan Carbajo et al. (2015), a partir de una definición institucional en los sitios memoriales generalmente se pone en cuestión la noción de recorrido guiado, ya que no se busca contar una verdad ni un relato verdadero; sino que por el contrario se intentan crear condiciones para la reflexión, mediante diversas estrategias que habiliten a los sujetos a pensar algunas de las aristas de la sistematicidad de la última dictadura cívico militar, en sus aspectos, políticos, económicos y represivos, entre otros. Específicamente en la propuesta pedagógica se ofrece a las instituciones educativas y a las organizaciones sociales podemos decir que la serie de recorridos están pensados y contruidos en base a la pluralidad de intereses con la que los distintos grupos visitan el predio, fueron receptados a lo largo de la experiencia. Dichos recorridos, como quizás ocurre en muchos de los sitios recuperados abordan diferentes ejes temáticos: represión cultural, complicidad civil y rol de la prensa, jóvenes y política, CCD en el contexto del terrorismo de Estado y finalmente, los procesos que se asocian a los juicios en la Argentina (CARBAJO et. al. 2015).

La experiencia de recorrer estos sitios recrea estrategias y las re-construye; hace que las visitas que se realizan con el acompañamiento de un trabajador/a del sitio como las auto-administradas, adquieran significaciones diversas y reformulen las *entradas* reflexivas al tema del Terrorismo de Estado, bajo el supuesto de que esas tramas complejas del análisis no se agotan con una sola visita. En ese sentido, cada recorrido plantea una propuesta con paradas pautadas y recursos específicos. Pero no se trata de una experiencia que se repite de manera constante sino que es susceptible de modificaciones en relación a los intereses y expectativas del grupo. Se parte de las expectativas con las que los sujetos llegan al espacio y se propone un ejercicio de memoria en un sentido colectivo. La importancia del Centro de Interpretación sobre las excavaciones de la mansión es nodal. Allí es donde los/as visitantes centran su recorrido. En ese espacio se realizan explicaciones sobre la excavación arqueológica, repone los ambientes de la casa, su antiguo funcionamiento, se pone énfasis en la relación con la VII Brigada Aérea de Morón<sup>15</sup>, las construcciones que han logrado preservarse de

<sup>15</sup> A partir del trabajo arqueológico se lograron recuperar elementos que han servido como pruebas en algunos de los juicios contra distintos miembros de la Fuerza Aérea, en donde el Municipio de Morón y La Casa de la Memoria y la Vida participaron como querellantes.

la destrucción como la entrada con sus pilares originales y el tanque de agua. Una vez que se recorre el lugar los grupos realizan algunos talleres educativos y se produce la articulación entre el área de investigación (EMS) y el área pedagógica como forma de pensar las actividades coordinadamente y poniendo en diálogo distintas áreas institucionales.

## **LOS JUICIOS DE LESA HUMANIDAD. EL LUGAR COMO TESTIMONIO Y LA INSTITUCIÓN MUNICIPAL COMO QUERELLANTE**

En el marco de las tareas que se llevan a cabo desde la DD.HH. municipal, una de ellas se corresponde con el trabajo desarrollado a partir de la participación y aporte de pruebas en las causas por crímenes de lesa humanidad. El primer juicio en el que la DD.HH. y el EMS participaron fue el juicio, oral y público iniciado el 21 de agosto de 2008 en el Tribunal Oral en lo Criminal Federal Nº 5 de la Ciudad de Buenos Aires en el que se imputaron, entre otros, a los brigadieres Hipólito Mariani y César Comes<sup>16</sup> por autoría de delitos cometidos en el CCD Atila, los mismos habían sido beneficiados con la Ley de Punto Final en 1988<sup>17</sup>. Dicho juicio llegó a su fin el 5 de noviembre de 2008, con la condena de los imputados a 25 años de prisión por ser los responsables de los secuestros y torturas cometidos en Mansión Seré.

El segundo juicio denominado Juicio por el circuito represivo zona oeste o circuito represivo Mansión Seré se inició el 26 de marzo de 2014 a cargo del Tribunal en lo Criminal Federal Nº 5 de San Martín. En la causa se imputaron a responsables de la Fuerza Aérea Argentina y de la Policía Bonaerense<sup>18</sup>. La DD.HH. municipal aportó a la causa una serie de documentos que sirvieron como pruebas en la causa judicial<sup>19</sup>. Se los juzgó por un total de 95 víctimas por los crímenes de delito de privación ilegal de la libertad agravada por mediar violencia o amenazas y por dos homicidios agravados. Al

---

<sup>16</sup> Ambos estuvieron a cargo de la sub-zona 16, dentro de la zona I (I Cuerpo del Ejército) que abarcaba los actuales partidos de Morón, Ituzaingó y Hurlingham, junto con los de Merlo y Moreno. Mariani desde febrero de 1977 hasta diciembre de ese año, cuando fue reemplazado por César Comes. Fueron acusados de cometer tormentos y privación ilegal de la libertad agravada por el uso de la violencia y amenazas por un total de 12 casos de personas que estuvieron secuestradas en el CCD Mansión Seré o Atila.

<sup>17</sup> La Ley de punto final fijó una fecha tope para la apertura de causas por la represión ilegal. Sancionada por el Congreso Nacional a iniciativa del Poder Ejecutivo (RABOTNIKOF, 2007).

<sup>18</sup> Los diez imputados fueron: Carlos A. Cámara, Daniel A. Scali, Hipólito R. Mariani, César M. Comes, Marcelo Eduardo Barberis y Miguel A. Ossés quienes desempeñaron tareas en la Fuerza Aérea Argentina, y Alberto O. Lanás, Héctor O. Seis dedos, Felipe Ramón Sosa, Néstor R. Oubiña policías de la provincia de Buenos Aires.

<sup>19</sup> Informe de Investigación sobre la caracterización del ex Centro Clandestino de Detención; Mansión Seré o Atila: reconstrucción de aspectos arqueológicos-arquitectónicos funcionales; informe sobre relevamiento de Cancha Beachvoley; informe de Georadar; Informe sobre material balístico encontrado en la excavación; informe sobre pintadas y marcas encontradas a partir de las fotografías; informe Caracterización de la Regional de Inteligencia de Buenos Aires (R.I.B.A.); informe sobre el desarme de antena ubicada en R.I.B.A.; fotos aéreas del predio Mansión Seré, 1966; planos antiguos del camino afirmado Morón a Luján 1924; fotos actuales y antiguas de distintos sectores del predio; plano general del Predio; Planta de reconstrucción arquitectónica de la planta baja de Mansión Seré; planta de reconstrucción arquitectónica de la planta alta de Mansión Seré; croquis de sector de piso externo; fotografías de los objetos recuperados en excavación para posibles reconocimientos; croquis de Mansión Seré realizados por sobrevivientes del CCDTyE "Olimpo"; listados de medicamentos encontrados en excavación; entrevistas taquigrafiadas a sobrevivientes de Mansión Seré.

mismo tiempo se incluyó la figura de delito por crímenes sexuales. Finalmente, la pena máxima fue para el ex brigadier Miguel Ángel Osses, sentenciado a prisión perpetua. Cinco acusados fueron condenados 25 años, uno a 12 y otro a 9 años de cárcel.

Es importante resaltar que la construcción de la memoria en Argentina y la lucha por inscribir esa memoria en las discusiones acerca del pasado reciente se articuló fundamentalmente a partir del trabajo de los organismos de derechos humanos y el reclamo continuo e incesante de verdad y justicia<sup>20</sup>, atravesado por la consolidación del proceso de democratización y de la participación ciudadana. Desde las tareas desarrolladas por La Casa de La Memoria y La Vida en relación con el EMS es importante señalar la relación entre ambos a través del área de investigación que funciona en el Centro de Interpretación Arqueológica. A partir de la recuperación de restos materiales se probó la conexión entre la 7ma Brigada Aérea de Morón y la Mansión Seré. El relevamiento de testimonios de ex detenidos, familiares y vecinos del predio junto con los llamados *objetos diagnóstico* conformaron las pruebas utilizadas en los juicios de lesa humanidad:

*Los restos materiales son muy importantes, pero hay otra cosa, mucho más importante que tiene que ver con esta iniciativa de recuperación del EMS, tiene que ver con los testimonios de personas que también fueron secuestradas ahí, que también están vivos, que por fortuna puede, aún, seguir declarando en el marco del juicio por la zona 16, Mansión Seré, por el circuito represivo Mansión Seré.... Son compañeros que han estado ahí, que han sido torturados salvajemente pero que hoy pueden, gracias a que regresó la posibilidad de enjuiciar a los genocidas. En el año '85 se había hecho el Juicio a la Junta pero después vinieron las leyes de impunidad, de Obediencia Debida y Punto Final, de Indulto y ... desde hace ya más de una década el gobierno nacional tomó la iniciativa de derogar esas leyes y desde aproximadamente el 2006 estamos nuevamente con los Juicios por la Verdad, la Memoria y la Justicia y en este caso, el trabajo de investigación que se hizo, que se hace y se seguirá haciendo tiene que ver con eso, con recabar información, con entrevistar a ex detenidos, con juntar, recabar toda cantidad de datos, que sirvan para seguir haciendo justicia, para seguir luchando por la justicia”(Entrevista a Hermann Von Schmeling, realizada el 20 de mayo de 2014).*

Por otro lado, la participación de la Mansión Seré como querellante y como testigo en contra de los acusados se sostuvo a partir de un trabajo memorial inscripto en la gestión municipal. El papel de los trabajos llevados a cabo por la actual Casa de la Memoria y La Vida basados en la recopilación testimonial con los vecinos y con los ex detenidos-desaparecidos por un lado, y los aportes del trabajo arqueológico, de los materiales recuperados a partir de la excavación y el trabajo de archivo y laboratorio, por otro propiciaron el armado de la querrela. Por último, más allá de la trama del proceso, resulta interesante reflexionar en torno a la participación y la incidencia de diversos actores como organismos de derechos humanos, la Asociación Seré por la Memoria y la Vida, la misma DDHH y el rol del estado municipal.

El gobierno municipal aportó al tribunal el resultado de investigaciones desarrolladas sobre el lugar que funciona como sitio de memoria, constituyéndose como testigo en el proceso judicial. Estas investigaciones desarrolladas en el marco del Proyecto Mansión Seré se articularon en torno a la confección de archivos documentales y a la puesta en marcha de un trabajo arqueológico en torno a los restos de la antigua casona demolida durante la dictadura y posteriormente dinamitada en el

---

<sup>20</sup> Con el fin del terrorismo de estado y la llegada de la democracia los juicios a la cúpula militar responsables de los crímenes de lesa humanidad fueron un punto fuerte del gobierno del presidente Raúl Alfonsín. Existió a partir de 1983 un escenario propicio para la construcción de un “nuevo encuadre institucional del restablecimiento del Estado de derecho” (RABOTNIKOF, 2007, p. 265).

período democrático. En los juicios se presentaron las premisas del derecho a la verdad y el pleno esclarecimiento de los hechos criminales acaecidos durante la última dictadura militar, sacándolos de su ámbito familiar o individual de las víctimas y planteándolos como un delito contra la sociedad en su conjunto a partir de las políticas de la memoria como políticas estatales. La construcción de una memoria social involucra, en consecuencia, la investigación de las violaciones del pasado, el seguimiento del desarrollo de los juicios y el hacer públicos los veredictos finales. En este sentido, el programa educativo *Yo fui a los Juicios con mi Profe* estableció conexiones entre los ámbitos educativos, judiciales y memoriales. En relación con las políticas de memoria y la educación: la relevancia de jóvenes y memoria, la asistencia de los alumnos a los juicios, la participación en múltiples talleres y visitas a los sitios de la memoria conforman un abanico de actividades que ponen en relación lo educativo con lo memorial. Forma parte de una política pública más amplia y de un proceso que se ha institucionalizado.

*Nosotros también invitamos a que participen de esto juicios, a que vayan con sus docentes... un programa que hizo SUTEBA, y tiene que ver con hacer participar a distintos actores de la comunidad, pero en particular a los estudiantes que nacieron en democracia, chicos que tienen 17 años que están estudiando... tienen la posibilidad de ir a ver a la cara al tipo que torturó, que asesinó que mandó a desaparecer a un montón de gente, tienen la posibilidad de escuchar testimonios que son crudos, que son... que son muy tristes... de sobrevivientes, de gente que estuvo secuestrada, que vivió esa etapa... y para nosotros es fundamental eso... el hecho de que la justicia que si bien no fue efectiva... para la historia, para que quede plasmado en las nuevas generaciones, en el futuro... es importante saber que a los tipos estos se les dio la posibilidad de defenderse, la posibilidad de un juicio, en un estado de derecho, con un abogado, que tenga la posibilidad de testimoniar, de contrarrestar los testimonios de quien los acusa, que tengan un juicio justo. Vamos a decirlo... y que finalmente sean condenados (Entrevista a Hermann Von Schmeling, realizada el 20 de mayo de 2014).*

El día 6 de julio de 2015 se proyectaron en el Predio Quinta Seré, en el Microestadio Municipal, la lectura de las sentencias del llamado Juicio Mansión Seré y zona oeste. La proyección de la lectura del veredicto contó con la participación de alrededor de doscientos alumnos de distintos espacios educativos de la provincia de Buenos Aires acompañados de sus profesores con quienes presenciaron las audiencias en los juicios orales y públicos que juzgan crímenes de lesa humanidad.

## **PALABRAS FINALES**

Las actividades educativas en el Predio Quinta Seré pusieron en relación procesos memoriales, político-institucionales y prácticas socio-espaciales siempre en continuo movimiento; la recuperación de los cimientos del ex CCD y el proceso de institucionalización de la memoria han mostrado la capacidad de hacer dialogar el pasado en un presente complejo, donde la memoria no es unidireccional. A través de un dispositivo memorial el pasado es reactivado a partir de soportes de memorias y acciones de memorialización. Se llevan adelante en el presente y en espacios materiales que, a su vez, se constituyen como lugares simbólicos y territorios narrativos e institucionales. En ese ámbito se producen negociaciones entre actores diversos, se articulan niveles escalares múltiples, se toman decisiones para la gestión y administración de la memoria en un lugar. De qué manera adquieren relevancia estos procesos en relación con las prácticas de recuperar memorialmente el

pasado reciente.

Las tramas memoriales, judiciales y arqueológicas se anudaron con la espacialización del recuerdo y a través del proceso de patrimonialización. Los vestigios arquitectónicos del CCD Atila cobraron una nueva significación asociada a la política de recuperación del predio y el trabajo con las memorias sobre el pasado reciente. Sin embargo, la ciudad por sí sola en su dimensión espacial, no habla de su pasado, no lo narra a simple vista. El EMS sigue dando herramientas para reflexionar y seguir indagando en la complejidad institucional.

*(...) la ciudad no dice su pasado, lo contiene como las líneas de una mano, escrito en los ángulos de las calles, en las rejas de las ventanas, en los pasamanos de las escaleras, en las antenas de los pararrayos, en las astas de las banderas, surcado a su vez cada segmento por raspaduras, muescas, incisiones, cañonazos (CALVINO, 2013, p. 26).*

En definitiva, los lugares de la memoria nos permitirán seguir reflexionando siempre que las condiciones de posibilidad sean propicias. El EMS como parte de la ciudad no dice su pasado sin la trama puesta en acción por la política pública municipal de la memoria. Por ello, los vestigios arqueológicos, los objetos en su materialidad, su herrumbre y desgaste por el paso del tiempo, incluso sus demoliciones, tal como señala Calvino (2013), no hablan por su cuenta sino que sólo pueden narrar su pasado en función de prácticas memoriales y de las posibilidades político-institucionales que habiliten avanzar en la reflexión sobre el pasado reciente. Seguramente, nuevas preguntas advengan en los próximos tiempos puesto que los lugares de la memoria están atravesados por esa posibilidad incesante de poner en tensión el pasado, el presente y el futuro.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Ítalo. *Las ciudades invisibles*. Buenos Aires: Ed. Siruela, 2013.
- CARBAJO, Marina; Rocío, Álvarez; Gabriela, Oliva y Florencia Rodríguez (2015). Reflexiones en torno a la construcción de información para el diseño y la implementación de políticas para la memoria: La experiencia de un proyecto de voluntariado universitario en La Perla. En: *VIII Seminario Internacional Políticas de la Memoria. Memoria. Verdad. Justicia. Debates y políticas de memoria en Argentina*, Centro Cultural Haroldo Conti. Disponible en: <http://www.apm.gov.ar/> , 2015.
- CIRLOT, Lourdes et al. Arte, arquitectura y sociedad digital. ESARQ-UIC, escuela Superior de arquitectura. Ed. Universidad de Barcelona. DEL MÁRMOL, C. J. Frigolé y S. Narotzky (eds.). *Los lindes del patrimonio. Consumo y valores del pasado*. Barcelona: Icaria, 2007.
- DI VRUNO, Antonella y Guillermo Marcello. En torno a Mansión Seré. En *Memoria abierta. Uso público de los sitios históricos para la transmisión de la memoria*, Buenos Aires, p. 20-22, 2006.
- DOVAL, Jimena. *Cultura material, fotografías y memoria oral en la construcción del espacio social. El caso Mansión Seré*. Tesis de Licenciatura, Facultad de Filosofía y letras, Departamento de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires, 2011.
- FABRI, Silvina. *Procesos socioespaciales y prácticas memoriales. Espacialización, lugarización y territorialización en la recuperación del ex centro clandestino de detención Mansión Seré*. Tesis doctoral de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Disponible en: <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/4387> ,2016
- HUFFSCHMID, Anne. Topografías en conflicto. En: Huffschmid, Anne y Valeria Durán. *Topografías conflictivas. Memorias, espacios y ciudades en disputa*. Buenos Aires: Ed. Nueva Trilce, p. 11-20, 2012.
- LOBATO CORRÊA, Roberto. Espaço, um conceito-chave da geografia. En: Castro, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia, conceitos e temas*. Brasil: Ed. Bertrand, 1993.
- LOPES de SOUZA, Marcelo. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. En: Castro, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- MILLS, Bárbara y W. Walker (eds). *Memory work. Archaeologies of material practices*. Santa Fé, México: School for Advanced Research Press, 2008.
- NORIEGA, M. Carolina. La performatividad de un lugar de memoria. Un aporte a la construcción de pedagogías de memoria desde el Espacio Mansión Seré. Tesis de Maestría en Derechos Humanos. Postgrado de UNTREF, 2021
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo, Brasil: Ed. HU CITEC, 1996.
- RABOTNIKOF, Nora. Memoria y política a treinta años del golpe. En: Clara E. Lida, Horacio Crespo y Pablo Yankelevich (comp.). *Argentina, 1976. Estudios en torno al golpe de Estado*. México: El Colegio de México- FCE, 2007.
- ROWLANDS, Michael. The role of memory in the transmission of culture. En: *World Archaeology*, vol

25, Nº2, p. 141-151, 1993.

SOJA, Edward. Historia, geografía, modernidad. En: *Posmodern Geographies, the ressertion of space in critical social theory*. London: Verso, New Left Book, tr. Vera Ríbei, 1990.

WIGLEY, Marx. La deconstrucción del espacio. En: Schnitman, Dora. *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, p. 235-264, 1998.

ZOUAIN, Georges. ¿Constituye el patrimonio cultural inmaterial un lenguaje común para el Mediterráneo? En: *Quaderns de la Mediterrània* 13, p. 185-188, 2010. Disponible en: [http://www.iemed.org/publicacions/quaderns/13/qm13ESP\\_pdf/3.pdf](http://www.iemed.org/publicacions/quaderns/13/qm13ESP_pdf/3.pdf)

## **FUENTES SECUNDARIAS**

DIRECCIÓN DE DERECHOS HUMANOS (2012); Casa de la Memoria y La Vida. Su historia y sus protagonistas, Municipio de Morón, Marzo de 2012, Buenos Aires.

MUNICIPIO DE MORÓN (2009); Morón 10 años después, apuntes de la Gestión de Gobierno 1999-2009, Ed. Municipio de Morón, Buenos Aires.

PROYECTO MANSIÓN SERÉ (2006): “Proyecto Mansión Seré. Un presente histórico” en: Revista de Historia Bonaerense, Instituto y Archivo Histórico Municipal de Morón, diciembre, Año XIII, Nº 31, Buenos Aires.

TAMBURRINI, (2009). La casa testigo en: MUNICIPIO DE MORÓN; Morón en 10 años después, apuntes de la Gestión de Gobierno 1999-2009, Ed. Municipio de Morón, Buenos Aires.

## **FUENTES PRIMARIAS**

Entrevista Hermann Von Schmaeling, realizada el 20 de mayo de 2014, en Morón, Provincia de Buenos Aires.

Entrevista a Mariel Alonso, el 24 de junio de 2015, Caballito. CABA.

Entrevista a Pablo Mercolli, el 20 de noviembre de 2014, Tilcara-Buenos Aires (por medio virtual)

**CONSERVAÇÃO PÚBLICA E PATRIMÔNIO COMO MARCA DE LUGAR:  
DIÁLOGOS COM O CAMPO DA ARQUEOLOGIA**

Rita Juliana Soares Poloni  
Andre Luís Maragno  
Leandro Infantini  
Pedro Paulo Abreu Funari

Como citar este artigo:

POLONI, Rita Juliana S.; MARAGNO, Andre Luís; INFANTINI, Leandro; FUNARI, Pedro Paulo A. Conservação Pública e Patrimônio Como Marca de Lugar: Diálogos com o campo da Arqueologia. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 50-64, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 30/05/2021

Aprovado em: 25/07/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Conservação Pública e Patrimônio Como Marca de Lugar: Diálogos com o campo da Arqueologia.**

Rita Juliana Soares Poloni<sup>a</sup>

Andre Luís Maragno<sup>b</sup>

Leandro Infantini<sup>c</sup>

Pedro Paulo Abreu Funari<sup>d</sup>

### **Resumo:**

Tomando como exemplo o contexto de desenvolvimento e expansão dos novos campos epistemológicos e sociais que a arqueologia galgou a partir do trabalho voltado para atender demandas públicas, este artigo propõe uma análise quanto à expansão da esfera de atuação da conservação e restauração de bens culturais, em um exercício aproximado de reflexão do campo para atuar com demandas públicas em contextos comunitários e plurais. Transitando por autores clássicos que definem a guinada da arqueologia para uma aproximação direta com o interesse público na construção de sentidos dados ao patrimônio a partir da cultura material, colocamos paralelamente a (re)construção da teoria de conservação e restauração de Salvador Muñoz-Viñas. O autor amplifica a intenção do tratamento dado aos bens culturais enquanto estreita laços com aqueles a quem se destinam, abrindo caminho para um exercício participativo que une a expertise profissional ao público que, ao se acercar dos processos, se identifica e se apropria do patrimônio, formatando novos sistemas e ordenando uma memória social, entendida aqui não como percepção cognitiva, mas como esforço coletivo de perpetuação de um patrimônio identitário. Respalda pela teórica Barbara Appelbaum, que reforça a importância de elementos externos como a consideração humana aos objetos em si e sua materialidade física, tecemos, por fim, considerações a respeito da importância de ligar a práxis da conservação e restauração de bens culturais ao público, propondo que tratar as esferas do presente de maneira participativa não implica perigo de descaracterização, mas sim um espaço de herança em constante construção.

### **Palavras-Chave:**

Conservação e restauro; Participação pública; Memória; Patrimônio.

### **Abstract:**

Taking as an example the context of development and expansion of new epistemological and social fields that archeology came up from the work aimed at meeting public demands, this article proposes an analysis regarding the expansion of the sphere of action of conservation and restoration of cultural goods, in an approximate exercise of reflection by the field to act with public demands in community and plural contexts. Moving through classic authors who define the shift in archeology towards a direct approach to public interest in the construction of meanings given to heritage based on material culture, we put in parallel the (re) construction of Salvador Muñoz-Viñas's theory of conservation and restoration. The author amplifies the intention of the treatment given to cultural goods while strengthening ties with those for whom they are intended, opening the way for a participatory exercise that unites professional expertise to the public, who, when approaching the processes, identify and appropriate the heritage, shaping new systems and ordering a social memory, understood here not as cognitive perception, but as a collective effort to perpetuate an identity heritage. Supported by the theorist Barbara Appelbaum, who reinforces the importance of external elements such as human consideration of the objects themselves and their physical materiality, we finally make considerations about the importance of linking the praxis of the conservation and restoration of cultural goods to the public, and understand that treating the spheres of the present in a participatory manner does not constitute a territory of mischaracterization, but rather as a space of inheritance in constant construction.

### **Keywords:**

Conservation and restoration; Public participation; Memory; Heritage.

<sup>a</sup> Doutora em Arqueologia pela Universidade do Algarve (Portugal). Professora Adjunta do departamento de Museologia e Conservação da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora Associada do ICARÉHB/UAlg e do LEICMA/UFPel. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0544-4025>. E-mail: [julianapoloni@hotmail.com](mailto:julianapoloni@hotmail.com).

<sup>b</sup> Bacharel em Conservação e Restauro de Bens Culturais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Museologia pela Universidade de São Paulo, mestrando em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Paraná. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0318-4365>. E-mail: [andremaragno@gmail.com](mailto:andremaragno@gmail.com).

<sup>c</sup> Doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel (Brasil). Mestre em Arqueologia e Mestre em Geomática pela Universidade do Algarve (Portugal). Bolsista CAPES. Pesquisador do LEICMA-UFPel e do ICARÉHB - UAlg. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3669-3315>. E-mail: [leandroinfantini@gmail.com](mailto:leandroinfantini@gmail.com).

<sup>d</sup> Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, livre-docente em História (1996) e Professor Titular da Unicamp (2004). Professor de programas de pós-graduação da UNICAMP, Distinguished Lecturer University of Stanford, Research Associate - Illinois State University, Universitat de Barcelona, Université Laval. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0183-7622>. E-mail: [ppfunari@uol.com.br](mailto:ppfunari@uol.com.br).

## **HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA**

A Arqueologia surgiu no contexto do nacionalismo, do imperialismo e do cientificismo, três aspectos relacionados (POLONI; FUNARI, 2017). A modernidade, no século XVIII, testemunhou a revolução industrial, o Iluminismo racionalista, a formação de estados nacionais imperialistas, as ciências em busca da objetividade e a explicação fora do âmbito divino. A Filologia surgia como a disciplina humanística que daria novos contornos a antigas preocupações, como a Filosofia e a História, e abriria as portas para outras em tudo originais, como a Arqueologia, definida como o estudo das coisas antigas. De início, buscava-se o monumental e grandioso, o belo e excepcional, estruturas arquitetônicas, estatuária, tudo a refletir o esplendor da elite e do poder, no passado, assim como no presente (CHOAY, 2011; RIEGL, 2008). As pessoas comuns serviam para servir e para trabalhar (GOSDEN, 2006). Inventaram-se conceitos como o das raças e o da normalidade, antes inexistentes, considerados como objetivos e relacionados à visão produtivista aliada ao surgimento do capitalismo. Raça, palavra derivada do termo latino *ratio*, cálculo, de *reor*, eu junto (e separo), aplicado às pessoas, a partir das suas características físicas aparentes, a começar pela cor da pele, mas também por muitas outras, como no caso notável das formas cranianas mensuradas pela antropometria. As novas formas de justificar a ordem social seriam tão ou mais poderosas do que as anteriores, de base teológica, pois fundadas na inexorável objetividade científica, tinham a pretensão de ser irrefutáveis. Nesse contexto o racismo e o encarceramento de desviantes são facetas de um mesmo processo (MACGUIRE, COSTA, 2018).

Arqueólogos faziam parte, de forma consciente ou inconsciente e involuntária, desse processo. A formação militar (EVANS, 2014), o envolvimento com os serviços de espionagem, a participação em missões em ambiente colonial marcou a disciplina arqueológica (MOSHENSKA, SCHADLA-HALL, 2011) assim com a antropologia, a museologia e outras ciências que surgem no contexto do positivismo. Racismo, evolucionismo e colonialismo subjaziam às interpretações do registro arqueológico, com ênfase em invasões, migrações, conquistas de povos e territórios, classificação dos povos em superiores e inferiores, elementos culturais e seres humanos pensados enquanto curiosidades, entre outros (TRIGGER, 1984). Os arqueólogos não eram, em termos gerais, mais racistas, colonialistas ou sexistas do que outros acadêmicos, de antropólogos a historiadores e biólogos ou médicos. Nem tampouco, todos eram-no da mesma forma, de modo que muitos podiam apresentar perspectivas críticas e mais abertas aos subalternizados, do passado e da sua própria época. Basta citar Vere Gordon Childe e sua perspectiva humanista (TRIGGER, 1980).

Os movimentos sociais levaram a mudanças profundas, no decorrer do século XX, em particular a partir do pós-Guerra (1945), com a insurgência anti-colonialista, pelos direitos civis e femininos, a favor de maior liberdade de comportamentos. A Arqueologia tardou um pouco mais do que outros campos, como a Filosofia ou a Antropologia, a interagir com essas demandas, ainda que o humanismo estivesse presente nas mentalidades de diferentes profissionais e vertentes. A década de 1960 marcaria a disciplina por um movimento, vindo da periferia, de valorização da humanidade

dos povos indígenas ou nativos, denominado Arqueologia Social Latino-Americana (BENAVIDES, 2014), inspirada, não por acaso, em Gordon Childe (LUMBRERAS, 1974). A criação do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986, resultou desse processo anti-hierárquico, de cooperação com nativos, pessoas “comuns” e “subalternos” em geral, assim como com estudiosos de outras áreas, desde historiadores a linguistas (FUNARI, 2006). O código de ética aprovado em 1990 passou a levar em conta as demandas de comunidades vivas, para além de um suposto domínio técnico do especialista: vestígios humanos passaram ocupar o espaço de reflexão em relação às comunidades e pessoas concretas. Nas décadas seguintes, difundia-se o conceito de Arqueologia Pública, culminando com o surgimento da primeira revista dedicada ao assunto, no final do século passado, cujos temas deixavam já claro o escopo da área. Trata-se da revista *Public Archaeology*, de 1999, da qual um dos autores deste artigo foi cofundador.

Desde então, o campo expandiu-se muito e passou a ser relevante não só em termos sociais, como epistemológicos (BEZERRA, FUNARI 2012). A interação com pessoas e grupos contribuiu muito para que a disciplina não só fosse mais conhecida e apreciada, como relevante para o presente e para o futuro. As materialidades estudadas pela Arqueologia cada vez mais têm servido para compreender melhor o presente e nele influir para que o futuro seja diferente pela convivência entre humanos e entre estes e o resto da vida no planeta. Em termos epistemológicos as consequências também foram relevantes. A disciplina passou a fiar-se menos em certezas objetivas, como no passado havia sido pensado em termos de raça ou superioridade de uns e inferioridade de outros, por exemplo. Ou no que ainda observamos hoje, em relação ao uso do argumento da superioridade tecnológica para preservar artefatos saqueados de antigas colônias protetorados ou países periféricos, como é o caso da América Latina. Frente à certeza objetiva que justifica opressões e mesmo a destruição (Cf. BENJAMIN, 1965), no presente, a interação com grupos considerados subalternos tem levado à empatia, prenhe de questionamento interpretativo (VIVEIROS DE CASTRO, 2012). Retirada a enganosa objetividade, encobridora, apenas de quem detém o poder discursivo, a interação pública transforma a disciplina a serviço da vida.

## **ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COMUNITÁRIA COMO EXEMPLO DE ABORDAGENS CENTRADAS NO VALOR HUMANO PARA A CONSERVAÇÃO PATRIMONIAL**

O documento “*People-Centred Approaches to the Conservation of Cultural Heritage: Living Heritage*” publicado pelo *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property* (ICCROM) em 2015, cuja versão final se deve ao trabalho realizado no workshop realizado em 2013 pelo programa “*People-Centred Approaches to Conservation*” mantido pelo referido Centro entre 2011 e 2017, dá-nos uma visão bastante desafiadora dos esforços que refletem discussões de diversos campos das ciências sociais e humanas em relação ao patrimônio cultural em contextos cada vez mais globalizados e, ao mesmo tempo, confrontados com reivindicações identitárias locais e localizadas (PRATS, 2005).

Nele pode-se perceber a preocupação com os impactos negativos provocados pelo divórcio entre comunidades e patrimônio e o posicionamento diante de abordagens centradas no humano como um elemento central da conservação patrimonial. A partir dessa noção o patrimônio não é visto como uma simples entidade isolada que requer do Estado recursos para sua conservação, mas sim como um componente capaz de prestar um papel ativo e de trazer benefícios para comunidades e indivíduos. Além disso, vê-se o engajamento das comunidades como um processo de reforço das suas habilidades de participar de forma significativa no fazer e no processo decisório que dizem respeito à conservação do patrimônio.

O conceito de comunidade toma, no referido documento, três definições, podendo ser percebido com o sentido de comunidade local, ou seja, aqueles que vivem no entorno do patrimônio, comunidades de interesse, ou aqueles que se sentem conectados ao, ou têm interesse no patrimônio e de comunidade de especialistas, compreendendo os que trabalham com o patrimônio. Isso implica uma visão segundo a qual o foco se desloca da atratividade turística dos sítios e museus, seu número de visitantes ou sua visibilidade nos circuitos que envolvem a atividade do turismo, para a preocupação com a sustentabilidade das diversas comunidades que envolvem o patrimônio, não só em termos econômicos, sociais e ambientalistas, em especial, visando à conservação com vistas ao futuro dessas mesmas comunidades e ao seu direito de usufruto desses bens no presente e no futuro.

Além disso, o documento também identifica benefícios das abordagens centradas no humano para os gestores do patrimônio, para os especialistas e para as comunidades. No que diz respeito aos dois últimos agentes, o texto esclarece que a participação da comunidade traz para os especialistas inúmeros benefícios, tais como o engajamento no monitoramento e na busca por fontes de recursos e conhecimentos para uma melhor e mais humana gestão do patrimônio, bem como o acesso a sistemas culturais e tecnológicos tradicionais e a formação de ampla rede de apoio para a conservação. Já no que se refere às comunidades, o texto indica:

(...) maior senso de propriedade; reforço das identidades culturais; espiritualidade; maiores oportunidades de emprego; aumento do retorno econômico por meio do “valor agregado” do patrimônio; contribuições para o desenvolvimento sustentável; comunidades mais sustentáveis; aumento da inclusão cultural e social e integração intergeracional; mais experiências de aprendizagem ao longo da vida; oportunidades de lazer mais variadas; redução da pobreza e melhor compreensão intercultural (ICCROM, 2015, p.5).

Muito embora tais benefícios apresentem-se como bastante heterogêneos e possam variar segundo o tipo de sítio patrimonial e de comunidades envolvidos nas ações, seus graus de interesse, o tipo de apoio e infraestrutura disponíveis, parece ficar claro que o envolvimento das comunidades no processo de conservação do patrimônio pode potencialmente trazer inúmeros benefícios para todos os agentes envolvidos.

Para que isso se concretize, o documento ainda propõe algumas ações práticas, que podem ser implementadas por gestores, especialistas e comunidades, indicando, no caso dos especialistas, a abertura para discussões e ajustes junto à comunidade do sistema de gestão dos sítios, a constituição

de um canal de diálogo sobre a identificação, interpretação, definição de valores e significados do patrimônio junto com a comunidade e também o desenvolvimento de projetos de conservação patrimonial. No caso das comunidades, essas devem sugerir e organizar iniciativas próprias relacionadas ao patrimônio, partilhar conhecimentos a respeito dos sítios, envolver-se nas atividades oferecidas por gestores e especialistas e partilhar recursos, sobretudo humanos.

Parece claro que tais iniciativas implicam “uma nova mudança de paradigma com base no bem-estar das pessoas e do patrimônio” (UNESCO, 2015, p. 6), levando à necessidade do desenvolvimento ou do aprofundamento, no seio das ciências relacionadas ao patrimônio, não somente de novas metodologias de trabalho, mas sobretudo da conformação de campos teóricos que dialoguem diretamente com tais necessidades.

Nesse sentido, a arqueologia pública e comunitária traz interessantes pontos de reflexão para a construção de campos inter ou transdisciplinares, que abordem a conservação do patrimônio a partir de perspectivas em consonância com os princípios aqui abordados.

Na introdução da obra “A multivocalidade da Arqueologia Pública no Brasil”, intitulada “Arqueologia Pública: diálogos sobre experiências e práticas no Brasil, Renata Garraffoni (2017, p. 27), citando Barbara Little, define a prática da arqueologia pública como “um posicionamento político diante do trabalho com a cultura material, ou seja, é um processo de engajamento entre arqueólogos e comunidades, envolvendo um sentido mais amplo de responsabilidade e justiça social no contexto profissional”. Para tanto, Garraffoni aponta para a necessidade de reavaliarmos conceitos teórico-metodológicos da disciplina e de investirmos esforços na comunicação com as comunidades e na educação patrimonial. Segundo ela, se isso nos impõe os riscos de enfrentarmos silêncios, de promovermos resistências e de nos abirmos ao novo, tal posicionamento nos proporciona, por outro lado, a “produção de conhecimento na sua multiplicidade, desestabiliza certezas e amplifica as capacidades de ação humana” (2017, p.28).

Segundo Nick Merrimann (2004, p.2) a Arqueologia Pública seria um campo voltado para o interesse público em geral. Isso incluiria, como bem ressalta Garraffoni, a externalização dos resultados da pesquisa, a partilha dos saberes e dos fazeres dos campos teórico-metodológicos da disciplina, e dos valores e conhecimentos relacionados ao patrimônio, gerados pela esfera científica, com as suas diversas comunidades, mas, ainda, como preconiza a Arqueologia Comunitária “significa envolver a população local nas pesquisas arqueológicas e nas políticas de representação do patrimônio cultural” (FERREIRA, 2015, p.81).

No texto “Sob fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural” Lucio Ferreira (2015) aponta que, embora as metodologias da arqueologia comunitária possam variar conforme as especificidades culturais das comunidades e dos problemas de pesquisa envolvidos, elas enfatizam a necessidade de tornar as comunidades como colaboradoras ativas de todo o processo de pesquisa levando as discussões e o processo decisório para as etapas de prospecção, de trabalho de campo, de trabalhos laboratoriais, e de gestão do patrimônio, por exemplo. Deve-se manter contato permanente com as comunidades, de forma a compreender sentimentos e interpretações diante de todo o processo. O patrimônio aqui é visto como depositário de signos que permitem o



auto-reconhecimento das comunidades, possibilitando articulações entre passado e presente, bem como confrontos com memórias subterrâneas, esquecimentos e reivindicações sociais e políticas (FERREIRA, 2015, p. 87-89).

Isso implica, em alguns casos, a revisão de conceitos tão essencializados para o campo quanto o de sítio arqueológico, por exemplo. Trabalhando com o campo da arqueologia afro-latino-americana, Kathryn Sampeck e Lúcio Menezes Ferreira nos desafiam a pensar o quilombo como sendo, simultaneamente, um coletivo, um território ancestral e seus processos históricos: “Enquanto a típica metodologia centrada no sítio delimita uniformidade, fronteira rígida e particularismo, os quilombos são paisagens heterogêneas nas quais quilombolas sempre se deslocam, construindo suas narrativas sobre o passado e suas materialidades cotidianas” (SAMPECK, FERREIRA, 2020, p. 143-144).

A partir de tal conceito os autores nos propõem o trabalho arqueológico a partir do que seria a “arqueologia do nomadismo”, recuperando redes de solidariedade entre quilombos e senzalas para melhor compreender a constituição de territórios ancestrais, ou seja, “lugares para onde seus antepassados fugiram” (SAMPECK, FERREIRA, 2020, p. 144). Isso também implica a ampliação do próprio conceito de quilombola, para a inclusão de redes estabelecidas com outros coletivos excluídos com os quais quilombolas se associam e partilham a vida. Também implica repensar em profundidade, de forma crítica, as articulações intelectuais e teóricas estabelecidas, em toda a América Latina, entre negritude e crioulezão. Mas, sobretudo, implica lançar a disciplina para além das dicotomias entre forma e matéria (INGOLD, 2012), uma vez que para as cosmologias centro-africanas, de onde vieram a maioria dos escravizados, não há dicotomia entre alma e corpo, entre vida e morte. Os mortos integram a vida dos vivos, assim como os objetos e as pessoas formam “coletivos ontologicamente inseparáveis” (SAMPECK, FERREIRA, 2020, p. 149).

Em um trabalho que congrega as tradicionais metodologias arqueológicas com entrevistas com Babalorixás e lalorixás do Batuque, nome local para Candomblé, Lucio Menezes tem desenvolvido, a partir de materialidades encontradas em escavações realizadas na Charqueada São João (Pelotas, Rio Grande do Sul), um dos sítios da indústria saladeril brasileira do século XIX e XX, importantes abordagens em arqueologia comunitária. A partir desse trabalho foi possível perceber as profundas relações entre materialidades, território, espiritualidade, laços comunitários e resistência, através de elementos ritualísticos que se relacionavam com saúde e morte, por exemplo.

Destacando a importância que Ogum, inventor da arte da forja e da ferraria, e Bará (Exu), o intermediador entre a terra e o céu, tomam, entre os Orixás, durante o regime escravista brasileiro, Sampeck e Menezes (2020) nos desafiam a pensar o fazer da arqueologia a partir de suas ambiguidades, de seus entrecruzamentos, ou, como prefere os autores, de suas “encruzilhadas”. O ferro representou para os escravizados, coerção ou libertação, a partir de suas apropriações no mundo espiritual, assim como Ogum seria uma excelente metáfora arqueológica, por representar o fabrico de objetos duradouros e as suas cadeias operatórias. Articulações e manipulações (de pessoas e de materialidades), representadas por Ogum e por Bará, também tomam o mesmo sentido metafórico duplo, uma vez que significam tanto “o poder de articulação e manipulação

frente às agruras da diáspora e dos regimes escravistas” (SAMPECK, FERREIRA, 2020, p. 151), quanto representa, dentro dos princípios preconizados pela arqueologia pública e comunitária, o necessário diálogo para e com as comunidades, que coloca esses campos em consonância com as emergências e problematizações desenvolvidas pelo documento da UNESCO sobre abordagens centradas no humano, aqui anteriormente discutido.

Exemplos como o da abordagem da arqueologia comunitária na investigação de contextos afrodiáspóricos nos auxiliam a pensar de que forma o campo científico e o social podem produzir enredamentos que possibilitem encontrar vias de diálogo para pensar o patrimônio para as comunidades do presente e do futuro e, para além disso, que permitam discutir os próprios campos científicos e conceituais que circunscrevem os estudos da cultura material.

O engajamento da Arqueologia com tais abordagens constitui-se como um horizonte de possibilidade que pode gerar importantes diálogos com outros campos científicos relacionados ao patrimônio, entre os quais o campo da Conservação e Restauração. Assim como no caso da Arqueologia, já anteriormente citado, o nascimento da ciência da Conservação também está atrelado à formação dos Estados Nacionais e à preservação dos passados gloriosos das Nações, mas também à ideia de grandiosidade estética e arquitetônica. Nesse sentido a preocupação com a preservação do patrimônio para futuras gerações, bem como a manutenção de sua originalidade, estão no âmago das discussões teórico-metodológicas das nascentes disciplinas (DIAZ-ANDREU, 1996, *KAMEL-AHMED, 2015*). Entretanto, é a partir do aprofundamento das discussões em torno do patrimônio imaterial ou intangível, já no último quartel do século XX, que a percepção da importância das identidades e dos valores locais relacionados ao patrimônio toma cada vez mais importância e, em concomitância, que os valores intangíveis e a dimensão humana relacionados a esses patrimônios começam a ser percebidos como dotados de mais força de coesão social do que os discursos relacionados aos patrimônios dos Estados-Nação.

Nesse sentido, assim como no caso da Arqueologia, os caminhos da disciplina da conservação passam a estar cada vez mais vinculados aos aspectos intangíveis do patrimônio, de forma a promover cada vez maior convergência entre materialidades e imaterialidades.

## **O CAMPO DA CONSERVAÇÃO PÚBLICA. ALGUNS APONTAMENTOS**

O campo da conservação e restauração de bens culturais ganhou paulatinamente uma necessidade de formação técnica voltada para atender ao prolongamento da vida útil daquilo que classificamos como patrimônio hoje, procurando vencer a disputa contínua contra a finitude da materialidade. Concomitantemente, essa especificidade técnica em exercício conduz a uma via que gradativamente diminui a participação pública.

A herança de Cesare Brandi, nas considerações a respeito da conservação e restauração, formaram muito do pensamento moderno sobre o respeito para com o patrimônio e sua restauração. Contudo, na passagem do século XXI, o professor titular do Departamento de Conservação e

Restauração da Universidade Politécnica de Valência, Salvador Muñoz-Viñas (2003) publica sua teoria de conservação e restauração, na qual (re)classifica e discute as teorias de conservação e restauração, denominadas por ele de “clássicas” para uma releitura em consonância com discussões contemporâneas do patrimônio. Viñas abre espaço para um aprofundamento teórico da disciplina, buscando colmatar lacunas entre teoria e prática, recolocando o patrimônio entre “o que”, “para que” e “para quem” se preserva e redefinindo em termos epistemológicos as operações de consideração de tomada de decisão.

A ética de trabalho segundo Viñas deve ser mais democrática: a exploração de conceitos como distinguibilidade e reversibilidade se tornam mais abrangentes para atenderem com sensibilidade o maior número de formas de entendimento daquilo que é conservado e/ou restaurado. Embora ressalte a importância das “*hard science*”, tais como a química e a física, como campos interdisciplinares da Conservação e Restauração, o autor mantém veementemente a opinião de que estas informam, mas não devem justificar exclusivamente as tomadas de decisão, ou seja, embora exatos, os resultados, quando aplicados a um modelo ou diagrama utilizado para o tratamento de bens patrimoniais, podem ser, de fato, subjetivos. Para Viñas, interdisciplinaridade e sustentabilidade são critérios fundamentais para que as escolhas atendam de maneira mais satisfatória um maior número de sensibilidades, sendo que o debate interdisciplinar ainda reduz o risco de excessos “aristocráticos” cometidos por profissionais que podem orgulhosamente transformar a originalidade dos bens culturais. É o que nos justifica, quando fala da atualidade de sua obra:

La fragmentariedad es una de las principales desventajas de la teoría contemporánea de la restauración, porque hasta ahora la ha hecho de difícil articulación. Pero hay otras: es nueva, es desmitificadora (o mejor, re-mitificadora), y exige un esfuerzo intelectual de adaptación a aquellos que ya conocían las teorías clásicas. Sin embargo, tiene también importantes ventajas. Se adecua mejor a la realidad de la conservación y restauración tal y como se practica en la actualidad, y emplea instrumentos conceptuales más flexibles. En resumen, la teoría contemporánea de la restauración es más útil que las teorías clásicas porque permite comprender mejor muchos de los problemas que afronta el restaurador o las personas afectadas por su trabajo, de modo que ese esfuerzo de adaptación probablemente valga la pena<sup>1</sup>(MUÑOZ VIÑAS, 2005, p. 14).

Os termos “para que” e, sobretudo, “para quem” discutidos pelo autor abrem caminho para a participação pública nesses processos, articulando formas conjuntas de esforços na condução dos processos de preservação patrimonial, assegurando, com a participação pública, uma aproximação identitária e um pertencimento que abraçam sua historicidade, mantendo a memória social dos grupos ligados ao patrimônio com o qual se integram.

Entretanto, há muitos termos que definem, a partir de estudos de caso já publicados por

---

<sup>1</sup> A fragmentação é uma das principais desvantagens da teoria da restauração contemporânea, porque até agora ela tornou difícil de articular. Mas há outras: é nova, desmistifica (ou melhor, re-mistifica) e exige um esforço intelectual para se adaptar a quem já conhecia as teorias clássicas. No entanto, também tem vantagens importantes. É mais adequada à realidade de conservação e restauração como é praticada hoje e usa ferramentas conceituais mais flexíveis. Em suma, a teoria da restauração contemporânea é mais útil do que as teorias clássicas porque fornece uma melhor compreensão de muitos dos problemas enfrentados pelo restaurador ou pelas pessoas afetadas por seu trabalho, de modo que o esforço de adaptação provavelmente vale a pena (tradução nossa).

profissionais da área, a participação pública nos processos de conservação e restauro de patrimônio, alguns deles não amistosos como, por exemplo, os “desafios”, “limites”, “problemas”, “controvérsias” e ainda “conflitos” do que compreende envolver a participação pública nas esferas estruturantes que compreendem conservar o patrimônio.

O trabalho técnico de conservação e restauro, quando levado à risca no propósito de conservar a materialidade do patrimônio traz, em si, uma certa desumanização epistemológica, no sentido de imposição conceitual pela própria condução do restauro, não levando em conta certos pertencimentos e sistemas culturais, cujo resultado leva inevitavelmente, a certas colisões entre as partes envolvidas (considerando aqui principalmente o envolvimento nos processos, o que não ocorre em proporções muito justas).

A conservação de arte contemporânea é um bom exemplo de como a contemplação de muitos campos não-técnicos permite alcançar resultados mais eficazes nos processos de conservação e restauro, possibilitando que cada caso leve a uma nova construção de sentidos, abrangentes em suas epistemologias e salutares para as comunidades que se identificam e se relacionam com o patrimônio.

Barbara Appelbaum, em sua obra *Conservation Treatment Methodology*, oferece uma proposta de estudo que abrange a pesquisa do maior número de informações específicas através do que ela considera serem aspectos materiais e aspectos *não* materiais do objeto e do *não* objeto. Para a autora, múltiplas fontes de informações sobre o objeto e sobre o meio circundante podem fornecer referências necessárias para uma melhor tomada de decisão (APPELBAUM, 2010, p. 11-14).

Em sua proposta teórico-metodológica, a autora faz uma ponte entre as particularidades materiais e não materiais de uma obra ou objeto, a fim de evitar decisões precipitadas ou unilaterais na tomada de decisão sobre a conservação e/ou restauração. Apesar de cartesiano, seu plano confere artifícios para uma tomada de decisão que contemple, de maneira plural, os aspectos não materiais com um grau de importância que não é limitado ou suprimido pelos aspectos técnicos do exercício de conservar e restaurar.

Sendo assim, para pensar conservação e restauro de arte contemporânea, trata-se cada caso a partir do que se chama de “modelo de tomada de decisão”, do qual resultam procedimentos únicos para casos particulares que levam em conta fatores específicos daquele bem patrimonial, para além do rigor técnico quanto ao melhor procedimento para prolongar a vida útil de sua materialidade.

O processo de tomada de decisão discutido por esses autores referenciais para a disciplina exemplifica a importância de tratar a inclusão da participação pública como agente ativo nos processos que concernem à conservação e ao restauro de determinado patrimônio, evitando assim as controvérsias que ocorrem quando a *práxis* da conservação colide com as expectativas de outros atores envolvidos, que deveriam constituir parte intrínseca do processo decisório no campo da conservação e do restauro, mas que têm sua inclusão sido considerada, muitas vezes, como epistemologicamente equivocada.

Em consonância com Salvador Muñoz-Viñas, por outro lado, muitos profissionais do campo concordam que um posicionamento mais aberto ao diálogo entre ciência e sociedade afasta as divisões artificiais entre os componentes materiais e imateriais do patrimônio inclusive nos próprios

programas de formação, levando a um aprofundamento das práticas implementadas tanto por profissionais da área quanto por educadores e a que as ações de conservação e restauração, construídas a partir da participação pública, afastem tensões entre o campo teórico-metodológico e as necessidades das comunidades envolvidas.

## **A CONSERVAÇÃO PÚBLICA COMO CAMPO DE PESQUISA E AÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Pensar a conservação pública como um campo de pesquisa e ação, implica pensar nas profundas ligações entre Patrimônio e Memória. As materialidades e o espaço ajudam a dar coerência às memórias e a (re)significá-las, assim como reforçam os laços comunitários em torno de um passado comum. Explorar como as materialidades e os espaços estruturam as dimensões intangíveis de uma comunidade possibilita compreender os sentidos em que as próprias transformações culturais vêm ocorrendo no seio dessas mesmas comunidades, permitindo desenvolver planos de gestão mais acurados, pois que em diálogo mais profundo com os atores envolvidos.

Os processos sociais que se relacionam às atividades culturais dão aos lugares e às coisas significados que constituem parte das identidades das comunidades. Entretanto, tais campos não são estáticos, e sim, entidades vivas, em constante transformação, disputa e ressignificação, de forma que o campo da Conservação deve ser concebido como “um processo para gerenciar as mudanças que ocorrem em determinado local, ao invés de apenas se constituir com uma técnica de congelar a imagem do lugar em algum momento do passado de uma forma emocional pitoresca” (KAMEL-AHMED, 2015, p.74). Isso implica necessariamente em tomar as comunidades como partes interessadas e partícipes dos processos de pesquisa, análise e conservação de lugares e acervos, pensando tal conservação para o benefício das comunidades presentes e futuras, o que implica pensar nos lugares que tais materialidades ocupam nessas mesmas comunidades.

Trabalhando com metáforas advindas da literatura, Nigel Walter (2017), no texto “*Everyone Loves a Good Story – narrative, tradition and public participation in conservation*”, propõe que pensar os patrimônios como biografia implica, estando eles vivos ou não, pensá-los como narrativa finalizada. Isso implica um olhar voltado para o passado, que muitas vezes desconsidera as necessidades das comunidades ligadas de forma inseparável a esses patrimônios no presente. Por outro lado, pensá-los como crônica implica construir um catálogo de eventos a eles relacionados, constituindo-se, da mesma forma que a biografia, em um olhar voltado para o passado e desconectado com o presente. O autor então propõe uma abordagem patrimonial como narrativa, o que, segundo ele, “oferece ao presente o que poderíamos chamar de ‘pegada (*footprint*) temporal mais ampla’, incorporando passado, presente e futuro” (WALTER, 2017, p.60). O autor ainda faz referência à fundamental contribuição de Ricoeur sobre o tema nos três volumes de Tempo e Narrativa, observando a “reciprocidade estrutural de temporalidade e narratividade” (WALTER, 2017, p. 60). Isso faz com que o olhar do especialista se volte tanto para a continuidade do processo de significância em relação

ao patrimônio, quanto para o “todo cultural” que o constitui e para os meios que permitiram sua constituição e não somente para as suas partes. Também inclui a participação intergeracional, permitindo que cada nova geração se sinta partícipe da construção de “mais uma página da história” desse patrimônio, mas também que constitua um senso de responsabilidade sobre ele. Por fim, também impõe um desafio para os especialistas: o de ativamente se engajarem com o passado, indo além da informação e do conhecimento sobre ele, para o envolvimento com as tradições (sempre vivas) que o constituíram. Isso implica que, quanto mais genuíno esse diálogo se constitui, menos ele é conduzido, de forma unívoca por uma das partes, o que, do ponto de vista científico, implica por sua vez repensar epistemologias das disciplinas a ele associadas. Envolve também entender o patrimônio como personalidade em constante construção e não como biografia finalizada.

Sobretudo, entretanto, implica abrir-se para uma abordagem que permite o engajamento aprofundado de não especialistas com o patrimônio, já que as narrativas se constituem como formas familiares a todos nós. Citando Bárbara Hardy, Nigel Walter nos convida ao encontro empático com a narrativa: “Sonhamos em narrativa, sonhamos acordado em narrativa, lembramos, antecipamos, esperamos, desesperamos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, fofocamos, aprendemos, odiamos e amamos em forma de narrativa” (WALTER, 2017,p.63).

Para reencontrar a narrativa como elemento basilar da sociedade e como proposta metodológica para a Conservação patrimonial, retomemos, finalmente, uma vez mais, o texto do ICCROM “*People-Centred Approaches to the Conservation of Cultural Heritage: Living Heritage*” (2015), no qual é possível entrever exemplos de iniciativas a serem desenvolvidas entre cientistas e comunidades, de forma a ampliar a participação ativa dessas últimas em relação ao patrimônio. Entre as sugestões que o documento pontua destacam-se a elaboração do *Cultural Mapping*, definido como: “O conjunto de atividades e processos para explorar, descobrir, documentar, examinar, analisar, interpretar, apresentar e compartilhar informações relacionadas a pessoas, comunidades, sociedades, lugares e produtos materiais e práticas associadas a essas pessoas e lugares” e o *Heritage interpretation*, que pode ser entendido como “Qualquer processo de comunicação projetado para revelar significados e relações do patrimônio cultural e natural ao público, por meio do envolvimento em primeira mão com um objeto, artefato, paisagem ou local” (ICCROM, 2015, p.8). Enquanto no primeiro caso, a metodologia pode ser desenvolvida com o uso de mapas efêmeros, *sketch mapping*, *photomaps* e maquetes, bem como com auxílio de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas e dinâmicas de grupo, como o photovoice e a elaboração de participatory videos. No segundo caso, a identificação dos valores angulares para as comunidades pode ser conseguida a partir de discussões, workshops, pesquisas de opinião e com sessões assistidas, nas quais a comunidade pode apontar o que valoriza e pretende preservar, levando-a a definir o coração da comunidade, seu senso de lugar, sua atmosfera, aquilo que faz com que seja considerada desejável para viver ou para visitar.

Em todas essas alternativas, o que necessita ser reforçado é que a participação pública ou comunitária não deve ser entendida, como nos exorta o mesmo documento, como uma simples forma de incrementar o número de atores de um sistema de gestão, mas, muito para além disso, como meio para tomar a voz das comunidades como elemento central do processo de conservação do patrimônio.

## **CONSERVAÇÃO PÚBLICA COMO MARCA DE LUGAR. BREVES CONCLUSÕES.**

Pensar nas construções sociais, culturais, políticas e econômicas que permitem que determinados elementos patrimoniais – em suas dimensões materiais e imateriais - sejam alçados ao papel de símbolos, de marcas de lugar, implica pensar para além dos contextos que envolvem as redes de marketing, de consumo e de turismo relacionadas ao patrimônio, ou antes, de pensar tais redes como sendo resultados possíveis, ou externalizações, de outros laços, mais intrincados e fortes: aqueles que entrelaçam esses patrimônios com as suas comunidades, seja ela a local, a de interesse ou a de especialistas.

Como nos alerta Lorenç Prats (1983) os patrimônios são repertórios que são ativados como representações simbólicas de discursos identitários, sem os quais a retificação social necessária ao processo de ativação não ocorre. Sendo essa identidade um processo cultural dinâmico, várias versões identitárias podem coexistir numa mesma sociedade, bem como cada uma delas deve transformar-se ao longo do tempo. Conhecer essas comunidades e pensar a conservação patrimonial, a partir de diálogos construídos com elas, implica pensar o patrimônio como marca de lugar, sobretudo para aqueles que estão no cerne do processo de ativação patrimonial.

Por outro lado, como nos alerta Paulo Peixoto (2004), a própria identidade é usada como um recurso metonímico do processo de patrimonialização, que é mobilizado para que a mudança seja absorvida, apropriada e superada durante os processos de patrimonialização. Nesse contexto, muitas vezes, coloca-se em causa a vitalidade das identidades ou das práticas sociais que circundam, ao menos ao nível dos discursos oficiais, determinados patrimônios. Perceber em que medida(s) e de que forma(s) certos patrimônios são absorvidos e adotados por uma comunidade implica perceber o patrimônio em sua multivocalidade, que ultrapassa a consagração ou ativação pelas esferas oficiais, bem como, significa abrir espaço para outros valores culturais, identitários e patrimoniais invisibilizados ou subvalorizados pelas instâncias de poder de cada sociedade.

Assim, aceitando a reflexão de Laurajane Smith (2009, p.6), a partir da qual o Patrimônio é menos um objeto material, sítio ou lugar e mais uma negociação subjetiva e política de identidades, lugar e memória – sendo que todo patrimônio é intangível porque é um processo de reconstrução de valores culturais e sociais que nos ajudam a entender o presente – não é possível pensar em conservação patrimonial, senão a partir de diálogos profundos e permanentes com as comunidades a ele relacionadas, bem como, não é possível delimitar patrimônio como marca de lugar, sem que se compreenda (permanentemente) os contextos que constituem o, sempre vivo, universo cultural e identitário a partir do qual o patrimônio se torna possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Márcia Bezerra, Chris Gosden, Luis Lumbreras, Pedro MacGuire, Tim Schadla-Hall, Bruce Trigger (in memoriam). Mencionamos o apoio da FAPESP, CNPq, CAPES, Unicamp, ICAREHB-UAlg e WAC. A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPELBAUM, Barbara. *Conservation Treatment Methodology*. 2ª ed., Nova York: Routhledge, 2010.
- BENAVIDES, A. H. O., LOIOLA, T. S. A., LEMKE, T. M., RATTIS, T. A. J. P. Retornando à origem: arqueologia social como filosofia latino-americana. *Revista Terceiro Incluído*, 1(2), p. 164–192, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/17779>>. Acessado em: 30/05/2021.
- BENJAMIN, Walter : *Zur Kritik der Gewalt und andere Aufsätze*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1965 [1921].
- BEZERRA, M., FUNARI, P.P.A. Public archaeology in Latin America. In: SKEATES, R., MCDAVID, C., CARMAN, J. (Org.). *The Oxford Handbook of Public Archaeology*. 1ed, v. 1, Oxford: Oxford University Press, p. 100-115, 2012.
- BRANDI, Cesare. *Teoria de la restauración*. Madrid: Alianza Ed., 2000.
- CHOAY, Françoise. *As questões do patrimônio: Antologia para um combate*. Portugal: Edições 70, 2011.
- DÍAS-ANDREU, M.; CHAMPION, T. (org.). *Nationalism and Archaeology in Europe*. Colorado: Westview Press, 1996.
- EVANS, C. Soldiering Archaeology: Pitt Rivers and 'Militarism'. *Bulletin of the History of Archaeology*. 24: 4, 2014.
- GARRAFONNI, Renata. Arqueologia Pública: Diálogos sobre experiências e práticas no Brasil. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt, RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes, FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). *A multivocalidade da arqueologia pública no Brasil: comunidades, práticas e direito*. Criciúma: UNESCO, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/5477/1/EBOOK.pdf>>. Acessado em: 30/05/2021.
- FERREIRA, L. M. Sob fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 3, n. 1[3], p. 81–92, 2015.
- FUNARI, P. P. A.. The world archaeological congress from a critical and personal perspective. *Archaeologies*, Blue Ridge Summit, USA, v. 2, n.1-2006, p. 73-79, 2006.
- GOSDEN, C. *Archaeology and Colonialism*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ICCROM - International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property. *People-Centred Approaches to the Conservation of Cultural Heritage: Living Heritage*. Rome: ICCROM, 2015. Disponível em: <[https://www.iccrom.org/sites/default/files/PCA\\_Annexe-2.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/PCA_Annexe-2.pdf)>. Acessado em: 30/05/2021.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012
- KAMEL -AHMED, Ehab . What to conserve? Heritage, Memory, and Management of Meanings. *International Journal of Architectural Research - IJAR*, Vol. 9, Issue 1, p. 67-76, 2015. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/42136971.pdf>>. Acessado em: 30/05/2021.
- LEVINAS, E. *Altérité et transcendence*. Montpellier: Fata Morgana, coll, «Essais», 1995.
- LUMBRERAS, L. *La Arqueología como ciencia social*. Lima: Histar, 1974.



- MAGUIRE, P.; COSTA, D. 'Scientific torture'? Scientism and the marks of torture inside a police station in Belo Horizonte, Brazil. *Vibrant*, v. 15, n. 3, 2018.
- MERRIMAN, N. Introduction – diversity and dissonance in public archaeology. In: MERRIMAN, Nick (org.). *Public Archaeology*. Londres: Routledge, 2004.
- MOSHENSKA, G., SCHADLA-HALL, T. Mortimer Wheeler's Theatre of the Past. *Public Archaeology*. Maney. 10 (1), p. 46–55, 2011.
- MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Contemporary theory of conservation*. Oxford e Burlington: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.
- PEIXOTO, Paulo. A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização. *Revista crítica de ciências sociais*, n.70, Dezembro 2004.
- PRATS, Llorenç. Concepto y gestión Del patrimonio local. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 21, Universidad de Buenos Aires Buenos Aires, pp. 17-35, 2005.
- PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. *Política y Sociedad*, v.27, 1983.
- POLONI, R.J.S., FUNARI, P.P.A.. Nacionalismo e ciência: Arqueologia, imperialismo e Estado Novo em contexto luso-brasileiro. In: COSTA, Cléria B., RIBEIRO, Maraia E. S. R. C.. (Org.). *Fronteiras móveis: territorialidades, migrações*. 1ed. Belo Horizonte: Fino Traço, v. 1, 2017, p. 283-300.
- RIEGL, Aloïs. RIEGL. *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*. Traduzido por: Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2008.
- SAMPECK, K. E., FERREIRA, L. M.. Delineando a Arqueologia Afro-Latino-Americana. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 14(1), p. 141–168, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/13895>>. Acessado em: 30/05/2021.
- SMITH, Laurajane. Class, heritage and the negotiation of place. Conference paper presented to the 'Missing Out on Heritage: Socio-Economic Status and Heritage Participation' Conference, English Heritage, March 2009.
- TRIGGER, B. G. *Revolutions in archaeology*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1980.
- TRIGGER, Bruce G. Alternative Archaeologies: Nationalist, Colonialist, Imperialist. *Man*, New Series, 19, no. 3, p. 355-370, 1984.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Cosmological perspectivism in Amazonia and elsewhere. *Hau - Journal of Ethnographic Theory* (Masterclass Series vol. 1), v. 1, p. 45-168, 2012.
- WALTER, Nigel. Everyone Loves A Good Story – narrative, tradition and public participation in conservation. In: CHITTY, Gill (Org.). *Heritage, conservation and community: engagement, participation and capacity building*. Abingdon: Routledge, 2017, pp. 50–64.

**MARCAS ATIVADAS:  
ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA NO QUILOMBO BARRO PRETO**

ACTIVATED MARKS:  
ARCHAEOLOGY AND ETHNOGRAPHY IN THE BARRO PRETO QUILOMBO

Gustavo Santos Silva Junior

Como citar este artigo:

SILVA JUNIOR, Gustavo Santos. Marcas ativadas: arqueologia e etnografia no Quilombo Barro Preto. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 65-82, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 30/05/2021

Aprovado em: 31/07/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Marcas ativadas: arqueologia e etnografia no Quilombo Barro Preto**

Activated marks: archaeology and ethnography in the Barro Preto Quilombo

Gustavo Santos Silva Junior<sup>a</sup>

### **Resumo:**

Esse texto apresenta o corpus teórico-metodológico elaborado na análise da formação territorial do Quilombo do Barro Preto na cidade de Jequié, Bahia. No ano de 2007 o título de comunidade remanescente quilombola concedido pela Fundação Palmares representou o início do processo de titulação e reconhecimento das terras e propriedades do quilombo urbano. A escrita inicia com uma discussão pautada na arqueologia histórica sobre um assentamento quilombola, em seguida, indica o arsenal da etnografia acionada para a produção de dados visuais e orais, e por fim, compreende o desenvolvimento urbano do Barro Preto a partir da construção do trecho da Estrada Férrea de Nazaré nas primeiras décadas do século XX. Considerando que a constituição de um assentamento quilombola, vai além da noção de antiguidade, e incide na auto-atribuição étnico-racial, pertencimento territorial, marcas materiais e imateriais, laços de parentesco e vizinhança.

### **Palavras-Chave:**

Arqueologia vista de baixo; formação territorial; quilombo urbano

### **Abstract:**

This text presents the theoretical and methodological corpus developed in the analysis of the territorial formation of the Quilombo of Barro Preto in the city of Jequié, Bahia. In 2007 the title of Quilombo Remnant Community granted by Palmares Foundation represented the beginning of the process of titling and recognition of land and property of the urban quilombo. The writing begins with a discussion based on historical archeology about a quilombola settlement, then indicates the arsenal of ethnography used to produce visual and oral data, and finally understands the urban development of Barro Preto from the construction of the Nazaré Railroad in the first decades of the twentieth century. Considering that the constitution of a quilombola settlement, goes beyond the notion of antiquity, and focuses on the ethno-racial self-attribution, territorial belonging, material and immaterial marks, kinship and neighborhood ties.

### **Keywords:**

Archeology from below; territorial formation; urban quilombo.

<sup>a</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - PPGap/UFRB. Apoio financeiro Capes. Email: [gustavossjr@gmail.com](mailto:gustavossjr@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9811-9189>.

## **ENTRE O MARCO ZERO E AS MARCAS DE UM ASSENTAMENTO**

Ao pensar nas barreiras de contenção necessárias para iniciar uma segunda etapa de construção no Ilê Axé Bairá Omo Torrundê<sup>1</sup>, que resido com minha família, identifiquei as longas raízes de Iroko, divindade africana, cultuada através da gameleira branca. As longas raízes não possuem um padrão simétrico, mas muito se assemelha ao rizoma, tratado por Deleuze e Guattari, e que o antropólogo José Carlos dos Anjos (2008) utilizou para refletir sobre a religiosidade brasileira. Penso que a imagem do emaranhado das raízes da gameleira branca é o desenho teórico-metodológico desse estudo científico. Muitos caminhos foram necessários percorrer, para uma rota que me levasse ao Quilombo Barro Preto na cidade de Jequié, Bahia fosse traçada. Ao mesmo tempo que assentava meus pés na Arqueologia e no Patrimônio Cultural, revisitava o Direito para que a abordagem sobre o conceito de território, territorialidade, fosse entendido na formulação da vida vivida, e não como uma relíquia empoeirada no tempo.

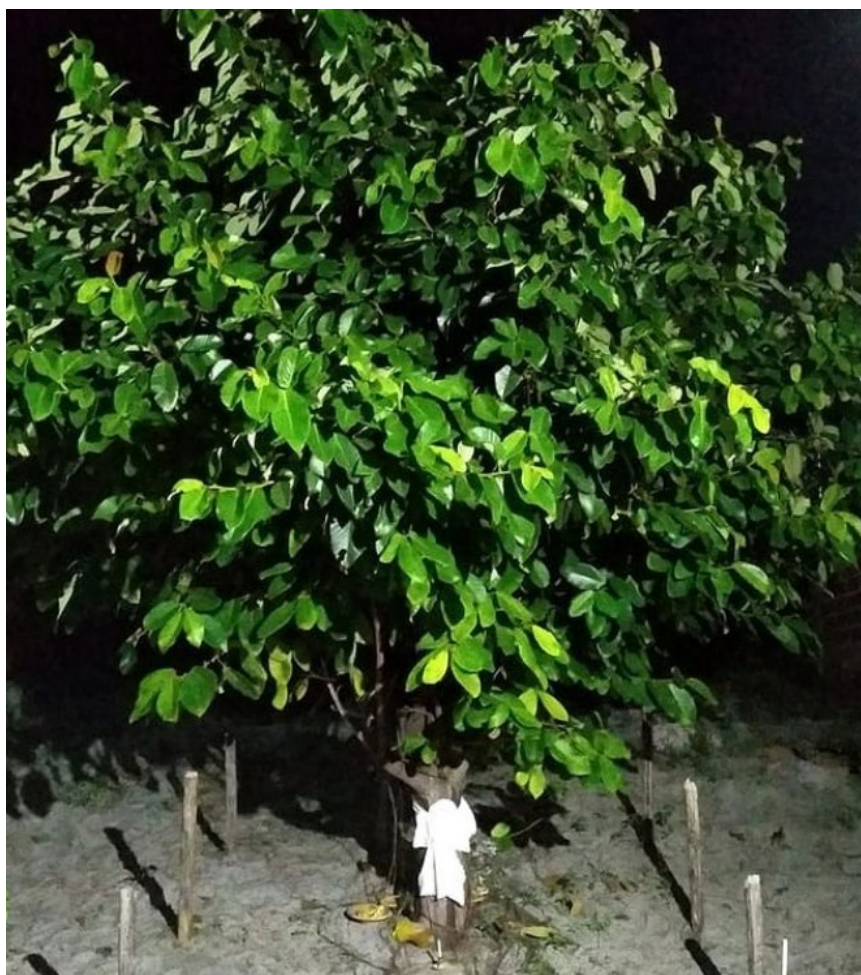


Figura 1. Iroko - gameleira branca - no Ilê Axé Bairá Omo Torrundê. Foto: Gustavo Santos, 2021.

<sup>1</sup> Terreiro de Candomblé localizado no município de Arembépe na Bahia. Fundado pela minha sogra Iyalorixá Giovanilza de Castro e administrado conjuntamente com minha esposa Iyalorixá Luciana de Castro. Sou filho de Ogum, ogã suspenso para o Orixá Obaluayê.

A partir de caminhos longos e que se cruzam, foi possível compreender a formação territorial de um Quilombo urbano, que possui historicidade direta para os primeiros anos do século XX e atualiza a clássica noção de que os quilombos são registros da luta contra escravidão no período colonial. O Barro Preto através de uma narrativa material informa a sociedade mais ampla, que a luta por liberdade e dignidade permaneceu no pós-abolição, e que o trabalho livre para uma população negra até o presente histórico é fundamentado na hierarquia e violência, e que mesmo assim, estratégias pelo bem viver permanecem sendo formuladas.

O Decreto nº 4.887/2003 indica que “quilombos são grupos étnicorraciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”<sup>2</sup>. Para tanto, esse artigo objetiva apresentar o corpus teórico-metodológico utilizado na análise do processo contemporâneo de formação territorial do Quilombo do Barro Preto na cidade de Jequié. O respectivo corpus é formulado a partir de problemáticas que envolvem a arqueologia histórica, a etnografia e os estudos jurídicos.



Figura 2. Mapa do município Jequié, Bahia. Fonte: Google Maps, 2021.

O problema operacional está atrelado à pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural com orientação do Prof. Dr. Carlos Etchevarne. A atenção está na identificação dos modos de incidência da ciência arqueológica na efetividade dos direitos territoriais de comunidades quilombolas. Esse problema está diretamente associado à

<sup>2</sup> Art. 2º do Decreto 4887, de 20/11/2003.

noção de assentamento arqueológico e as marcas que são valorizados na identificação jurídica de territórios quilombolas.

O Supremo Tribunal Federal (STF) julgou em 8 de fevereiro de 2018, que o decreto presidencial que define os ritos para demarcações de terras quilombolas é constitucional, rejeitando uma ação do antigo PFL (atual Partido Democratas) que pedia a revisão das regras e podia paralisar cerca de 1,5 mil processos. O STF também rejeitou a proposição de “marco temporal” do ministro Dias Toffoli para todas as demarcações de áreas quilombolas e indígenas, ou seja, o direito de reivindicação do território só seria garantido para ocupações até a promulgação da Constituição de 1988. Tal proposição de marco temporal é uma formulação anti-histórica, já que muitas das populações tradicionais, foram expulsas de seus territórios originais antes de 1988.

Nesse caminho, entendo os assentamentos arqueológicos como conjuntos de artefatos, construções, estruturas, restos orgânicos e ambientais de significativa atividade humana podendo ser de caráter rápido, esporádico ou geracional. O padrão de distribuição de sítios é, segundo Araújo (2001, p. 89) a “descrição das relações espaciais que os vestígios arqueológicos apresentam entre si e com a paisagem”. Forsberg (1985) indica que sistemas de assentamento são formados pela descrição dos ciclos anuais, distribuição, formas, funções e hierarquias dos sítios de determinado grupo e período de tempos específicos, podendo ser assentamentos residenciais, atividades específicas e temporárias. Desse modo, a investigação arqueológica busca reconhecer as mudanças que ocorreram ao longo de um determinado tempo e conformaram o assentamento do quilombo urbano Barro Preto enquanto uma dimensão física para habitação e circulação, como também subjetiva, de dimensões simbólicas, imaginativas e mentais em uma específica paisagem (SILVA, 2014, p. 11).

## **ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DE UM ASSENTAMENTO CONTEMPORÂNEO**

Segundo Felipe Criado Boado (2012, p.35), “um olhar distante sobre as histórias da modernidade, do pensamento moderno e da disciplina arqueológica”, permite compreender as significativas transformações epistemológicas e substituições de sistemas de referência que ocorreram entre os anos 1970 e 1990 e que impactaram a formação e atuação de arqueólogos (CRIADO BOADO, 2012). Refletindo sobre os territórios quilombolas dentro de cidades e a pensando sobre o que é urbano, identifiquei que os estudos sobre “quilombos” se intensificam somente a partir da década de 1970, quando a temática ganha visibilidade através de trabalhos como o da historiadora sergipana Beatriz Nascimento (OLIVEIRA, 2019, p. 257).

Na década de 1990 jovens pesquisadoras introduzem crítica a arqueologia, a partir do raciocínio narrativo e ausência de rigor analítico das classificações. A influência concentrava-se nas abordagens sistêmicas e adaptativas da arqueologia processual estadunidense, “de base materialista, focada na explanação dos processos culturais e na busca por regularidades e causalidades” (SYMANSKI, 2014, p. 20). Com isso, esse estudo apoia-se na perspectiva de uma “Arqueologia vista de baixo”

(Archaeology from below), pois rompe com as estruturas nacionalista, imperialista e colonialista em que se fundou a ciência arqueológica, além de enfrentar as ambivalências das políticas de representação do patrimônio cultural (FERREIRA, 2008). Trata-se de compreender o patrimônio arqueológico do Quilombo Barro Preto, bairro periférico do município de Jequié, a partir dos marcadores elaborados pela própria comunidade, e não um ajuste dos sentidos e significados impostos pela ciência arqueológica, de cima para baixo.

Schiffer (1990) impulsiona a pensar sobre a “composição dos grupos tarefa e suas formas de recrutamento”, ou seja, o envolvimento das pessoas e atividades na formação desse território nas primeiras décadas do século XX no sudoeste baiano. Também incita investigar, como são “estruturados na organização total do sistema” e como tais organizações mudam no curso da história (SCHIFFER, 1990). Sobre a necessidade de visualizar a totalidade da organização do sistema indicada por Schiffer, acrescenta o princípio binfordiano de abordar os aspectos reunidos em conjunto, porque a pesquisa metodológica só pode ser feita no contexto dos problemas que a longo prazo podem vir a ser solucionados, com atenção especial para as diferenças nos fenômenos estilísticos ou étnicos, nunca de forma isolada (BINFORD, 1983).

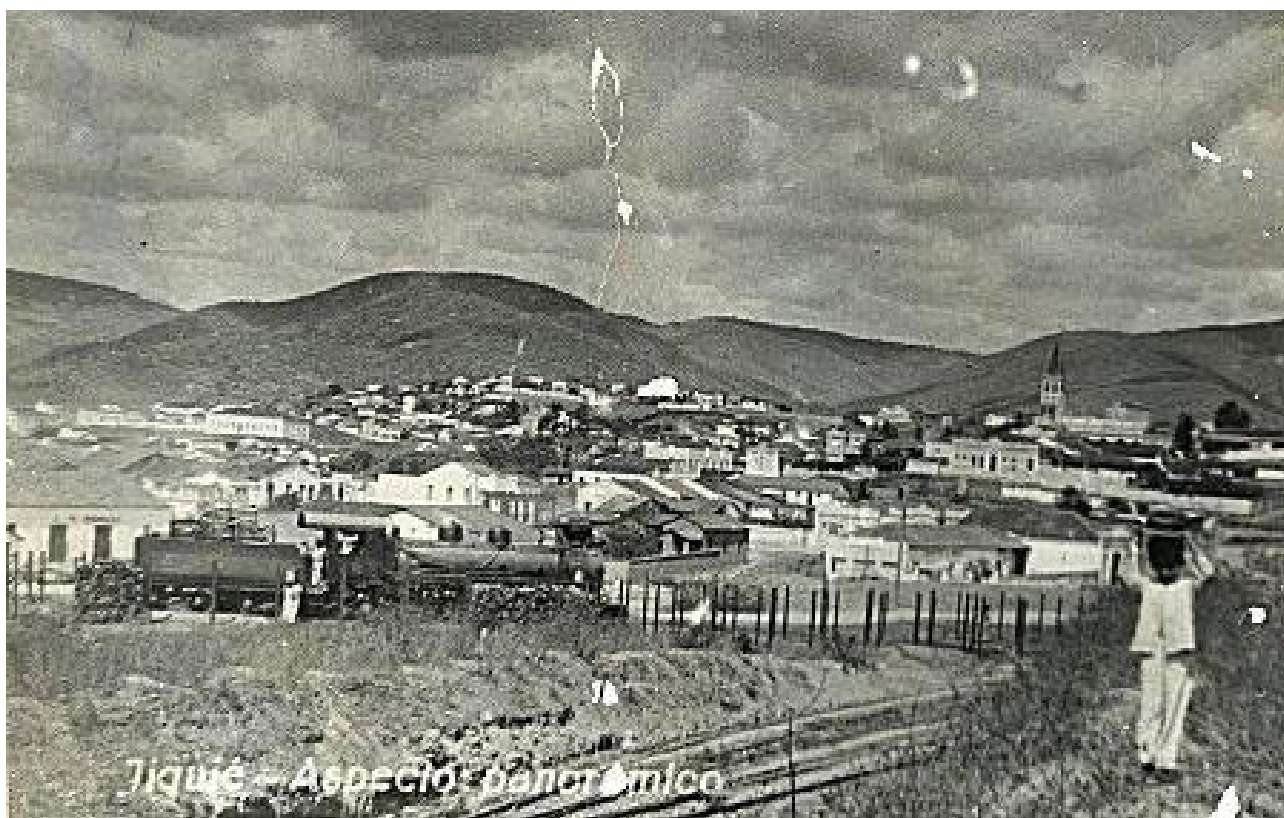


Figura 3. Estrada de Ferro Nazaré, Jequié, Bahia (autoria e ano desconhecido).

Ao se referir a “arqueologia do significado”, a narrativa transita na tentativa de compreender “a sociedade por trás do processo, a cultura por trás do sistema e o indivíduo por trás das leis de conduta” (CRIADO BOADO, 2012, p. 41). É por meio da arqueologia comunitária que a Academia poderá acessar aquilo que embasa a constituição de identidades culturais e a formação das

camadas sedimentares, em que se assentarão os sítios de memória negativa ou positiva. Portanto, essa Arqueologia vista de baixo, pode ser entendida enquanto uma perspectiva da Arqueologia Comunitária, tendo como fundamento a alteridade e a crítica, levando em consideração o outro para conceber as identidades culturais e o próprio trabalho arqueológico (FERREIRA, 2008).

A compreensão de que “o padrão espacial dos vestígios arqueológicos reflete o padrão espacial das atividades passadas”, segundo Schiffer reflete uma hipótese valiosa, mas que, não responde “como um sistema cultural [Quilombo Barro Preto] produz vestígios arqueológicos? Por que existem registros arqueológicos? E quais variáveis interculturais e intraculturais determinam a estrutura dos vestígios arqueológicos?” (SCHIFFER, 1990, p.81).

Isso significa que o mapeamento das marcas materiais e imateriais valorizados na formação territorial quilombola precisam acompanhar os próprios sentidos e valores do Quilombo. Para o caso do Barro Preto, as marcas materiais elencadas a partir da triangulação entre documentação histórica, etnografia e história oral são enumerados como 1. Habitações do período ferroviário (casas de turmas); 2. Estrutura férrea; 3. Fonte d'água; 4. Rio da Manga de Elza; 5. Fazenda de Elza; 6. Campos do índio e da Manga de Elza. Para as marcas imateriais 1. Caruru de São Cosme e Damião; 2. Terreiros de Candomblé; 3. Centros de Umbanda; 4. Feirinha do Joaquim Romão; 5. Artesanato de palha.

Contudo, a “expansão da prática arqueológica” por meio da incorporação de fontes auxiliares, não resultará em “conclusões mais facilitadas” como pontua Criado Boado, quando aplicadas ao estudo arqueológico do Quilombo Barro Preto, pois o protagonismo permanecerá do material e das relações variáveis com a comunidade e o ambiente (CRIADO BOADO, 2012). O estudo do Quilombo Barro Preto impulsiona entender que é indivisível a relação entre as diferentes áreas da vida, portanto não seria possível compreender os processos de trabalho na instalação da Estrada de ferro Nazaré nas primeiras décadas do século XX, sem que sejam verificados aspectos sociais, políticos, ambientais e econômicos no decorrer dos anos seguintes (KELLY et al., 2019).

Logo, a formação do Quilombo Barro Preto está relacionada a historicidade dos grupos que ali vivem, não no sentido de ocupação individual da terra, mas onde sempre predominou seu uso comum. Com isso, ficou evidente que o uso desse território possui relação íntima com as atividades agrícolas, extrativistas e outras, caracterizando a diversidade de uso e de ocupação dos elementos essenciais naquele ecossistema, que partem de “laços de parentesco e vizinhança”, sustentados por “relações de solidariedade e reciprocidade” (O'DWYER, 2002, p. 18-19).

O estudo de Mariana Cabral com os Wajãpi e a apresentação de uma outra formulação de passado, incitou que questões surgissem ao debruçar-me sobre o Quilombo Barro Preto, a partir do que ela define como “processo de ativação da memória”. Esse processo apresenta que não são as explicações em si, mas a maneira como as pessoas usam os dados materiais para construir as narrativas sobre o passado que precisa ser pleiteado em uma pesquisa arqueológica (CABRAL, 2013, p. 117). Com isso, o estudo arqueológico no Barro Preto identifica que marcas materiais e imateriais são ativadas enquanto patrimônios (ARRIETA URTIZBEREA, 2016), tomadas como referência máxima de identidade étnico-racial quilombola, memória e antiguidade do uso e circulação no assentamento territorial.



## **ETNOGRAFANDO O BARRO PRETO**

O campo etnográfico no Quilombo Barro Preto em Jequié, Bahia priorizou o contato com os moradores mais antigos, porém também formulado a partir do *insight*. Recurso narrativo descrito como parte da nova antropologia norte-americana e que deixa de “responder àquela obrigação para com o lado científico, sistematizante e generalizante da empresa antropológica” (PEIRANO, 1992, p. 4). Assim como expressa Geertz (1989, p. 15), esta pesquisa entende que “o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo criou”, portanto os processos etnográficos para mapear os marcadores do território do Quilombo Barro Preto, devem buscar os significados através da metodologia da indução analítica, ou seja, buscar conclusões universais a partir da análise de casos particulares.

O método etnográfico escolhido também fomentou a elaboração de um guia de visitação ao bairro para observação de aspectos urbanísticos tais como arruamento, tipologia edilícia, técnicas de construção, locais monumentais cívicos ou religiosos, entradas e saídas ao bairro, limites intra e extra urbanos, áreas verdes, entre outros. Por essa razão, torna-se essencial conhecer profundamente o bairro quilombola para após coletar referências documentais escritas, orais e iconográficas, saber localizá-las com precisão. Mariza Peirano (1992, p.8) aponta que o “lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados”, pois técnica e teoria não devem ser desatreladas, assim como antropologia e a pesquisa etnográfica se formulam na sofisticação da teoria antropológica.

Marc Bloch (2001) vai dizer que a memória é um dado comunicacional e não uma simples rememoração do passado. A memória é uma construção de grupos que produzem significados e ordenações objetivadas, que ocorrem com discordâncias e até distorções conscientes das versões dos fatos. Dessa forma, a criação do guia ou roteiro de entrevista com informantes é fundamental, não para fazer uma sessão de perguntas e respostas, mas sim para saber que o resultado é um conteúdo básico que precisa ser acessado, analisado e refletido. Bloch (2001) revela que os testemunhos mais ricos em detalhes não estão comprovadamente fixados na verdade, mas nas narrativas que revelam o que essas pessoas fazem com suas lembranças.

Em entrevistas informais, focalizadas e por pautas realizadas com “informantes-chaves, especialistas no tema em estudo, líderes formais e informais e personalidades destacadas” do bairro Barro Preto, o estudo volta-se para uma “visão aproximativa do problema pesquisado” (GIL, 2008, p. 111), ou seja, como a Arqueologia pode contribuir para discutir Direitos territoriais de comunidades quilombolas? Garantindo ampla liberdade ao entrevistado, as entrevistas alcançam as experiências vividas em condições precisas de quais são as marcas que são ativadas como patrimônios, as memórias e as relações de significações com o assentamento.

O roteiro de entrevista reconhece o momento de declarada calamidade pública pela pandemia de COVID-19, exigindo que além de entrevistas face a face, também fossem utilizadas ferramentas para acessar os interlocutores; ligações telefônicas, conversas e gravações de áudio de aplicativo de mensagens, vídeo-chamadas e *lives*. Os entrevistados foram selecionados a partir de indicações de

nomes que conduzem à outros interlocutores, iniciando uma rede de conexões pessoais e extensões por todo o território quilombola. As entrevistas com pesquisadoras que realizaram estudos etnográficos nos últimos cinco anos no bairro Barro Preto se fizeram presentes. Os diálogos com os interlocutores acessam dados pessoais, referente a habitação do bairro, a memória festiva, lugares culturais, organizações, dados étnico-raciais, relações de identidade com o quilombo, com a história e com a cidade de Jequié.

Neste sentido, sabendo que a realidade essencial das pessoas, ou seja, o mundo vivencial é constantemente construído na vida cotidiana sob condições anteriormente estabelecidas, entrevistas qualitativas também são utilizadas para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes, permitindo “esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações (BAUER; GASKELL, 2002, p. 65). A pesquisa de campo na Arqueologia e Antropologia, como em outras ciências sociais, utiliza métodos estatísticos, técnicas de *surveys*, aplicação de questionários.

[...] a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados [...] (PEIRANO, 2001, p. 9).

O processamento dos dados gerados na pesquisa é quantificado a partir do arcabouço teórico-metodológico da análise de discurso, pois seria inviável desconsiderar a imbricação entre intenção e significação, entre a constituição de um indivíduo em sujeito e a produção de sentido (SANTOS, 2013, p. 154). Neste sentido, a base linguística de processos discursivos ou ainda de processos de significação estão particularmente articulados com processos sócio-históricos, assim como “tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’” (FOUCAULT, 2002, p. 330).

As teorias de análise de discurso em Althusser (1999) que versam sobre o funcionamento da ideologia na constituição dos discursos desconsideram a “metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso”, pois, é afetado pelo simbólico, pelo sistema significante” pois todo sentido também está sujeito à língua, na história (SANTOS, 2013, p. 162). Bauer e Graskell (2002) pensam que a imagem e o som oferecem um registro mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, concretos, materiais. Inferem também que a pesquisa social deve estar a serviço de questões teóricas abstratas e que o mundo atual é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação pois “o visual” e “a mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica.

A análise de registros fotográficos e fonográficos permitiu compreender as mudanças no bairro Barro Preto, nas paisagens e conteúdos do barracamento, do estado dos corpos aquáticos, do calendário das festividades e celebrações, dos monumentos históricos; “tudo isto, quando adequadamente atestado, testemunhado e controlado quanto ao tempo, lugar e circunstância, pode trazer poderosa evidência ou valor persuasivo” (BAUER; GRASKELL, 2002). Para tanto o diálogo entre a etnografia, as entrevistas, a análise do discurso, de imagens, vídeos e áudios produz conhecimentos

e reflexões importantes para o desenvolvimento de estudos arqueológicos.

Ribeiro (et al., 2017) indica que é preciso colocar minha condição heteronormativa em análise, e me esforçar para escrever a formação territorial do Barro Preto por uma perspectiva feminista, oferecer a ciência arqueológica uma forma de “articular um projeto epistemológico através de uma prática discursiva intervencionista que produza reflexões sobre os sentidos da dominação e as práticas ‘domésticas’ de colonização, inclusive a intelectual” (SCHMIDT, 2006, p. 795). Com isso é preciso que a Arqueologia leve em consideração a localização limitada da produção dos saberes, o conhecimento situado, a recusa da transcendência e que a divisão entre sujeito e objeto como características da objetividade feminista.

## **FORMAÇÃO URBANA DO QUILOMBO BARRO PRETO**

O Município de Jequié está localizado no sudoeste do estado da Bahia, no Território de Identidade Médio Rio de Contas, com população total de 151.895 habitantes, “em que 139.426 habitantes residem nas áreas urbanas e apenas 12.469 nas zonas rurais”, marcado por uma paisagem de declividades “planas, de 0-3 graus, onduladas de 8-20 e forte de 20 a 55 graus e morros aos arredores do distrito sede e no vale do Rio de Contas” (CONCEIÇÃO; MAIA, 2019, p. 48 e 53).

O início da construção da estrada férrea data de 8 de outubro de 1871, chamada de Tram Road de Nazaré, em 1906 passa chamar Estrada Férrea de Nazaré, que finalmente foi inaugurada no ano de 1927, período que Jequié possuía 1.406 casas e cerca de 13.000 habitantes (ARAÚJO, 1997, p. 299). A chegada da linha férrea em Jequié acaba “coincidindo com uma fase em que florescia a agricultura de exportação no Brasil, que se estendeu até a crise de 1929/1930” (ARAÚJO, 1997, p. 297).

Nesse momento histórico “dispor de uma rede urbana em condições de absorver manufaturados exportados da capital, conjugando o comércio com a agropecuária” (ARAÚJO, 1997, p. 299), garantiu a sobrevivência desse povo próximo ao centro urbano que florescia nas idas e vindas do trem, surgindo primeiros elementos do quilombo urbano Barro Preto, que assim como outros agrupamentos quilombolas urbanos, foi constituído por

[...] casas de pau-a-pique, construídas com barro e pequenos troncos de árvores. Plantados em clareiras na mata, os casebres eram rodeados pelas criações de cabras, galinhas, porcos e animais de estimação. Com o tempo, os quilombolas fizeram pequenas roças de milho e mandioca, sem dúvida, um traço da influência indígena (ROCHA; LIMA, 2011, p. 3).

O conceito de urbano está relacionado com processos históricos “desde os primórdios da colonização brasileira ou seguindo outros períodos”, especialmente porque o conceito de cidade no contexto brasileiro considera populações dedicadas ao trabalho no campo e não somente “as aglomerações sedentárias que se caracterizam pela presença de população voltada exclusivamente para as atividades urbanas” (LENCIONI, 2008, p. 121).



Figura 4. Barracamento (Casas de turma) na Rua da Linha. Foto: Gustavo Santos, 2021.

O início do povoamento do Quilombo Barro Preto é descrito por Adriana Sampaio (2017, p. 54) como processo ocorrido com a chegada de “trezentos homens negros, que saíram do município de Maracás-BA” e participaram da construção do trecho da Estrada Férrea de Nazaré. Pelos depoimentos de moradores antigos, foi coletada uma versão de que o barro (argila) encontrado na região, utilizado como meio de sustento de diversas famílias que o utilizavam para a feitura e vendas de artesanatos, era de coloração preta, e que havia um “lugar chamado ‘barracamento’, próximo a estação de trem, onde havia cinzas de carvão que eram jogadas do outro lado do rio ficando a localidade toda suja”.

Uma segunda versão do povoamento surge na pesquisa de Michele Ferreira (2017, p. 150) como a versão adotada pela Fundação Cultural Palmares, descreve a vinda de seiscentos homens negros ao invés de trezentos que trabalharam na construção e manutenção da linha férrea e fixaram moradia na Rua da Linha. A Avenida Nazaré e Rua da Linha se encontram no caminho dos trilhos da estrada de ferro e ainda hoje estão preservadas na memória e na história das comunidades através das casas de turma ou “barracamento”. O “barracamento” é um termo êmico que a comunidade identifica tais construções desenvolvidas para abrigar trabalhadores e armazenar mercadorias da estrada de ferro e da Rua das Vassouras. É preciso enfatizar que a presença Negra na cidade de Jequié, está associada ao período da escravidão colonial quando grupos de trabalhadores chegaram na região comprados por José de Sá Bittencourt, com o objetivo de trabalhar na sede de sua fazenda Borda da Mata, latifúndio onde cresceu, oficialmente Jequié (ARAÚJO, 1997, p.72).

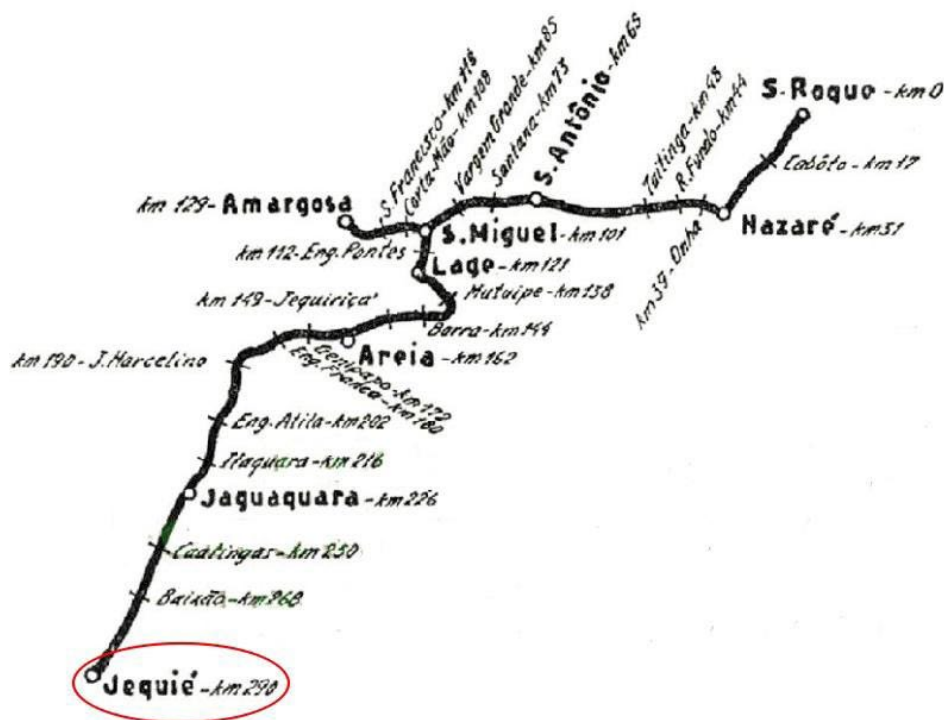


Figura 5. Mapa da Estrada de Férrea de Nazaré. IBGE/CNG. Disponível em: <<http://vfcp.brazilia.jor.br/mapas-ferroviarios/1954-ef-de-Nazare.shtm>>. 1954. Acessado em 06/05/2021.

As casas de turma são apontadas por estudos históricos e arqueológicos como locais pensados para abrigar “sujeitos ordinariamente alijados da história tradicional, operários pobres que sofreram com as duras condições de trabalho”, além de precariedade das moradias” (LINO; MATIAS; ARAÚJO, 2019, p. 92). O resultado de estudos etnográficos desenvolvidos no Quilombo informou que além dos trabalhadores negros, familiares, pessoas de Jequié e cidades da região por onde transitava o trem de ferro, passaram a morar no Barro Preto buscando “ganhar a vida” por meio da “ferrovia ou acompanhando quem nela trabalhava, no comércio, em casas de família ou na feira – um dos principais acontecimentos da região naquele tempo” (SAMPAIO, 2017, p. 55).

Numa das visitas realizadas no Barro Preto acompanhado por Taís Barreto, agente comunitária de saúde que nasceu e cresceu na comunidade, através de indicações de moradores antigos, chegamos na casa “Dona Rita”, mulher preta e senhora de 90 (noventa) anos de idade, reconhecida na comunidade quilombola por ser a última “fazedoura de vassouras” ainda viva. Sentada ali no sofá de sua casa na companhia de um de seus filhos, com postura um pouco curvada e mãos calejadas nos recebeu e ao ser indagada sobre seu ofício, dona Rita informou:

Hoje ninguém nem sabe como é, aqui mudou muito. Eu morava lá em Santa Rosa, foi as criatura lá que me ensinou, tem hora que queria ensinar, tem hora que não ensinava. Foi com que eu acabei de criar meus filhos, com a graça de Deus, fazia vassoura, criava porco. As palhas eu pegava era longe, é nesse fim de mundo, tinha vez que até do outro lado rio a gente pegava palha, tem hora que eu me deito assim e “alembro” o tanto que eu já passei minha fia, mas graças a Deus, venci. Se Deus me der licença eu vou completar 91 (noventa e um) anos dia 2 (dois) de abril, Deus é quem sabe. A gente o dia de agora e não o dia da tarde e da noite. Dia de sexta e dia de sábado eu levava as vassoura, minhas vassoura era tudo de

entrega, se eu amarrasse 4 (quatro) ou 5 (cinco) dúzia de vassouras era tudo de entrega. Dia de domingo buscava lenha e pegava água no rio, e hoje eu tenho “ranchinho”, tem uma pia pra lavar roupa, tem banheiro pra usar, graças a Deus (Quilombo Barro Preto, março, 2021).

O conceito de cidade vem sendo descrito como “um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação” (LÉFÈBVRE, 1972, p. 65), mas que inevitavelmente “responde aos conteúdos sociais ao longo do tempo histórico”, numa interação dialética entre cidade e urbano que decorre “pelo fato de que o urbano é a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, enquanto que a cidade é a forma material (prático sensível) que viabiliza ou não o urbano” (ARAÚJO, 2012, p. 138).

Ao pensar como se organizam os sistemas territoriais Claude Raffestin informa que a dimensão de uma malha nunca ou quase nunca corre de forma aleatória, “pois cristaliza todo um conjunto de fatores, dos quais uns são físicos, outros humanos: econômicos, políticos, sociais e/ou culturais” (RAFFESTIN, 1993, p. 153). É possível observar no mapa, a organização espacial das ruas e moradias do Barro Preto seguiu a lógica de interesse da “territorialidade, do quadro da produção, da troca e do consumo das coisas”, pois é sempre uma relação dos indivíduos e grupos com a produção do sistema territorial, determinando ou condicionando uma consumação deste (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Ainda em Claude Raffestin as “tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir”(RAFFESTIN, 1993, p. 144), por tanto cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais, está consubstanciada em “todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder”” (Ibidem., p. 144).

O autor Parejo Afonso (2012, p. 857) aplica o conceito de ordenamento territorial no direito administrativo na condição de atividade estatal que visa ordenar as atividades de intervenção territorial, mas que ultrapassa essa esfera e atinge outras áreas do direito por se tratar do campo que tem condão de materializar políticas de redução de desigualdades e de proteção dos direitos humanos. Os objetivos do ordenamento jurídico brasileiro no trato do direito territorial devem confluir conceitos do direito ambiental e do direito urbano, pois “assegurar a qualidade de vida significa garantir a prestação do mínimo vital (moradia, alimento, educação, segurança, saúde) a cada cidadão” conforme os princípios de desenvolvimento urbano social, ambiental e econômico (BRASIL, 2014, p. 87).



Figura 6. Rua da Linha férrea e Barracamento. Produção: Gustavo Santos, 2021.

A população remanescente, residente na zona periférica da cidade de Jequié, reivindicou com apoio do “Centro de Promoção Social da Comunidade e Creche Senhor do Bonfim, PANGEA, Associação de Moradores do Barro Preto, UNEJE, Associação dos Terreiros de Candomblé, além de representantes de outras entidades que defendem as questões raciais a exemplo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)”<sup>3</sup>, o reconhecimento dos aspectos culturais, religiosos, políticos, econômicos e demográficos da localidade do Quilombo do Barro Preto.

No ano de 2007 o título<sup>4</sup> de comunidade remanescente quilombola concedido pela Fundação Palmares representou o início do processo de titulação e reconhecimento das terras e propriedades no bairro Barro Preto. A mudança de nome da escola ora denominada Colégio Estadual Duque de Caxias para Colégio Estadual Doutor Milton Santos<sup>5</sup> denuncia o processo de retomada da comunidade quilombola. No interior da instituição escolar, oficinas de artes como capoeira, dança e música aliadas à incorporação da História da Cultura Africana e Afro-brasileira atua como valioso instrumento de acesso aos estudantes e comunidade, aos mecanismos disponíveis de promoção da cultura e da identidade NEGRA.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://tiagoenriqueinfoco.blogspot.com.br/2007/03/quilombo-urbano-em-jequi-ba.html>>. Acessado em 14/12/2017.

<sup>4</sup> Sob o LIVRO DE CERTIDÃO GERAL nº 9, Registro nº 919, fl 33, em 01/03/2007, Diário Oficial da União nº 49, 13/03/2007, portaria nº 25, 07/03/2007.

<sup>5</sup> As escolas quilombolas foram regulamentadas constitucionalmente com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012; produto de um contexto político anterior, iniciado na década de 1980. Determinou-se, portanto, que a Educação Escolar Quilombola ocorresse no interior do território com foco nas particularidades culturais e étnico-culturais de cada contexto social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As múltiplas faces do Quilombo urbano Barro Preto são o resultado da negociação e reivindicação política com caráter étnico-racial de direitos sobre a terra e da denúncia das desigualdades econômicas fruto da administração pública. Esse confronto entre o espaço do comum de uma comunidade e o espaço público de relação com a sociedade mais ampla, tensionaram e modelaram a formação de ruas, vielas, córregos, praças e campos. Potencializou marcos patrimoniais, lugares e construções habitacionais diante ao trabalho no pós-abolição até o presente histórico. Portanto, a configuração do tecido urbano do Quilombo Barro Preto deve ser compreendida como organismo vivo e dinâmico de sistemas territoriais de uma comunidade essencialmente heterogênea e que historicamente vem elaborando e aperfeiçoando estratégias de sobrevivência e de resistência.

A importância do campo arqueológico contribui para compreender “as comunidades locais, suas interpretações do passado e seus interesses políticos e sociais” (COPÉ; DEITOS ROSA, 2008, p. 4) permite compreender o patrimônio como resultado de processos de ativação e de relações situadas. Logo, àquela imagem das grandes escavações de sítios individuais tem cedido espaço a potência da prospecção no desenvolvimento de estudos regionais, ou mesmo sobre aquilo que está sob a superfície. Ao priorizar uma metodologia voltada para identificar as marcas materiais e imateriais de um assentamento quilombola a partir dos próprios termos da comunidade, a instância jurídica é fortalecida para reconhecer um território como tradicional através da relação intrínseca entre antiguidade e modos de pertencimento ao assentamento.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre a Reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. *Espaço e Tempo*. São Paulo, Nº 31, p. 133 - 142, 2012.
- ARAÚJO, Emerson Pinto de. *A nova história de Jequié*. Salvador: GSH Editora, 1997.
- ARAUJO, Astolfo Gomes de M. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arqueologia). MAE/USP, São Paulo, 2001.
- ARRIETA URTIZBEREA, Inaki. *Activaciones patrimoniales e iniciativas museísticas ¿Por quién? Y ¿Para qué?* País Vasco, Argitalpen, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2016. Disponível em: <<http://docplayer.es/24543886-Activaciones-patrimoniales-e-iniciativas-museisticas-por-quien-y-para-que.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- BAUER, Martin W. GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: Um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História: O ofício do historiador*. Apresentação: Lilia Moritz Schwarcz; Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRASIL, Luciano de Faria. Por um Direito do Ordenamento Territorial: Elementos Preliminares para um Modelo Integrado de Direito Urbano-Ambiental. *Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico*. Nº 52, Fev-Mar, 2014.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2018*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie/panorama>>. 2018. Acessado em: 04.04.2021.
- BINFORD, Lewis R. *Em busca do passado. Fórum da História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.
- BRASIL. Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. *Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos*. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm)>. Acessado em: 21 de novembro de 2020.
- CABRAL, Mariana Petry. “E se todos fossem arqueólogos?": experiências na Terra Indígena Wajãpi. *Anuário Antropológico/2013*, Brasília, UnB, v. 39, n. 2, p. 115-132, 2014.
- CRIADO BOADO, Felipe. *Arqueológicas. La razón perdida*. Barcelona: Bellaterra, 2012.
- CONCEIÇÃO, Renildo Santos da; MAIA, Meirilane Rodrigues. Aspectos ambientais de Jequié-Ba: subsídios para planejamento e gestão do território. *Revista Georaguaiá*, Barra do Garças - MT, v.9, n.1. p.45-60, 2019.
- COPÉ, Sílvia M., DEITOS ROSA, Carolina A. *A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas*. Projeto Arqueologia e Pré-história do Planalto Sul Brasileiro. UFRS, 2008.
- DOS ANJOS, José Carlos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural

africano. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77-96, JAN./JUN. 2008.

FERREIRA, Lúcio, Menezes. Sob fogo cruzado: Arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, no 3, p. 81-92, 2008.

FERREIRA, Michelle Gomes Freitas. *Conhecimentos étnico-raciais e formação de professores de uma escola quilombola: a emergência da africanização e descolonização do processo formativo*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Jequié, 2017.

FORSBERG, Lars L. *Site variability and settlement patterns*. Tese (Doutorado). Umea, University of Umea, 1985.

FOUCAULT, Michel. Lacan, o “Liberatore” da Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 329-330, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KELLY, Patrícia; FUENZALIDA, Nicole; REBOLLEDO, Sandra; ÁGUILA, Nicolás; SELPULVEDA, Jairo. “Si la arqueología no me sirve para entender lo que pasa en mi país ahora, de verdad no vale la pena”. Entrevista a Luis Guillermo Lumbresas. *Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología*, Número 49, 2019.

LÉFÈBVRE, Henri. *Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne*. Tradução Margarida Maria de Andrade, Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

\_\_\_\_\_. *Espacio y política: El derecho a la ciudad, II*. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. *Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 24, p. 109 - 123, 2008.

LINO, Jaisson Teixeira. MATIAS, Everson Semler. ARAÚJO, Fábio. Casas de turma da ferrovia do Contestado, Santa Catarina: Um olhar arqueológico. *Rev. Arqueologia Pública*: Campinas, SP v.13 n.2 p.79, Campinas, 2019.

O'DWYER, Eliane Cantarino. *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (Org.). *Pedagogias e Tecnologias em Quilombos: Conquistas e Novos Desafios*. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, 2019.

PAREJO ALFONSO, Luciano. *Lecciones de Derecho Administrativo. Orden económico y sectores de referencia*. Valencia: Tirant Lo Blanch. Disponível em: <[https://www.academia.edu/25782275/Lecciones\\_de\\_Derecho\\_Administrativo\\_Luciano\\_Parejo\\_Alfonso](https://www.academia.edu/25782275/Lecciones_de_Derecho_Administrativo_Luciano_Parejo_Alfonso)> 2012. Acessado em: 01.04.2021.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Série Antropologia. Brasília, 1992.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Lorena Maria. M.; LIMA, Irenilda de S. A História do quilombo anunciado em seu tambor: a música da nação Xambá como forma disseminadora da sua identidade cultural. In: *Anais do XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15146815-A-historia-do-quilombo-anunciado-em-seu-tambor-a>>

musica-da-nacao-xamba-como-forma-disseminadora-da-sua-identidade-cultural.html>. 2011. Acessado em: 31.03.2021.

- RIBEIRO, Loredana.; SILVA, Bruno. S. R. da.; SCHMIDT, Sarah.; PASSOS, Lara. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Revista Estudos Feministas*, vol. 25, n. 3, set.-dez, p. 1093-1110, 2017.
- SAMPAIO, Adriana Cardoso. *Mulheres Griôs: Um estudo etnográfico sobre identidades étnicas e de gênero no Quilombo Urbano Barro Preto em Jequé-Ba*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Jequié, 2017.
- SANTOS, Lucas de Jesus. Sujeito e sentido na análise do discurso. *Revista Ao pé da Letra*, Volume 15.1, 2013.
- SCHIFFER, Michael B. Contexto arqueológico y contexto sistémico. *Boletim de antropologia americana*. Portugal, 1990.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, 2006.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. “Arqueologia – antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico”. *Tessituras*, v. 2, n. 1, p. 10-39, jan./jun. 2014.
- SILVA, Mariane Moreira da. *O conceito de sítio arqueológico: breve histórico de sua evolução conceitual e considerações sobre sua aplicação na pesquisa arqueológica*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

**LUGARES QUE SE MARCAN A TRAVÉS DE LAS LUCHAS POR LA MEMORIA Y EL PATRIMONIO: EL CASO DE LA SIERRA DE LA BARRIGA, ALAGOAS/BRASIL**

LUGARES QUE SE MARCAM ATRAVÉS DAS LUTAS PELA MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO: O CASO DA SERRA DA BARRIGA, ALAGOAS/BRASIL

PLACES MARKED THROUGH THE STRUGGLES FOR MEMORY AND HERITAGE: THE CASE OF SERRA DA BARRIGA, ALAGOAS/BRASIL

Ana María Sosa González  
Rayanne Matias Villarinho

Como citar este artigo:

SOSA GONZÁLEZ, Ana María; VILLARINHO, Rayanne Matias. Lugares que se Marcan a Través de las Luchas por la Memoria y el Patrimonio: el caso de la Sierra de la Barriga, Alagoas/Brasil. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 83-102, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 27/06/2021

Aprovado em: 14/07/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

**Resumen:**

El artículo parte del proceso de patrimonialización de la Sierra de la Barriga, ubicada en el Estado de Alagoas/Brasil; local que fue el mayor asentamiento de esclavizados fugitivos de las Américas, conocido como *Quilombo dos Palmares* (1597-1695). Luego de su destrucción fueron varios los intentos de borrar esa historia, permaneciendo “olvidado” su legado durante casi tres siglos. A pesar de ello, el lugar se transformó en un suelo sagrado cultural y simbólicamente, representando la lucha y resistencia de esos pueblos esclavizados (fundamentalmente afro-brasileños). A partir de las movilizaciones del Movimiento Negro en la década de 1970 y de la incorporación de varias demandas del mismo en la Constitución Federal de 1988, la Sierra de la Barriga fue declarada Monumento Nacional; y, en noviembre de 2017, mes de la Consciencia Negra, fue incorporada a la lista de Patrimonio Cultural del Mercosur. Este cambio de status de patrimonio nacional para regional, dio visibilidad e importancia a un patrimonio otrora “incómodo”. Utilizando como principal metodología la Historia Oral, fue posible percibir en los discursos (históricos y políticos) en torno a la Sierra de la Barriga su validación como bien patrimonial, como herencia simbólica que representa resistencia y valores fuertemente vinculados a las luchas del Movimiento Negro, “marcando” así una apropiación de ese patrimonio por parte de diferentes actores, principalmente aquellos vinculados a las reivindicaciones memoriales que pone énfasis en la pluralidad cultural brasileira y al Movimiento Negro que entiende ese patrimonio como un territorio que “marca” la resistencia de ese pueblo ancestral. No obstante, desde las excavaciones arqueológicas y la situación actual de quienes habitan hoy el lugar, se observan tensiones que no parecen encontrar un camino de acuerdo y consenso, impidiendo una apropiación más amplia de la comunidad del lugar.

**Palabras-Clave:**

Historia y Memoria; Marca de Lugar; Patrimonio Cultural; Sierra de la Barriga.

**Resumo:**

O artigo parte do processo de patrimonialização da Serra da Barriga, localizada no Estado de Alagoas, Brasil; local que foi o maior assentamento de escravizados fugitivos das Américas, conhecido como Quilombo dos Palmares (1597-1695). Logo após sua destruição houve tentativas de silenciamento desta história, ficando no esquecimento durante quase três séculos. Apesar disso, o lugar se transformou em um solo sagrado cultural e simbolicamente, representando a luta e resistências destes povos escravizados (fundamentalmente afro-brasileiros). A partir das mobilizações do Movimento Negro na década de 1970 e da incorporação de várias demandas do mesmo na Constituição Federal de 1988, a Serra da Barriga foi declarada Monumento Nacional; e em novembro de 2017, mês da Consciência Negra, foi incorporada à lista de Patrimônio Cultural do Mercosul. Essa mudança de status de patrimônio nacional para regional trouxe visibilidade e importância a um patrimônio outrora “incómodo”. Utilizando como metodologia a História Oral, se percebeu que os discursos (históricos e políticos) em torno da Serra da Barriga a validam como bem patrimonial, como herança simbólica que representa resistência e valores fortemente vinculados às lutas do Movimento Negro, “marcando” assim uma apropriação desse patrimônio por diferentes atores, principalmente aqueles relacionados às reivindicações memoriais que destacam a pluralidade cultural brasileira e ao Movimento Negro que compreende este patrimônio como um território que “marca” a resistência deste povo ancestral. Entretanto, a partir das escavações arqueológicas e da situação atual de quem hoje habita o lugar, se observam tensões que não parecem encontrar um caminho de acordo e consenso, impedindo uma apropriação mais ampla da comunidade local.

**Palavras-Chave:**

História e Memória; Marca de Lugar; Patrimônio Cultural; Serra da Barriga

**Abstract:**

The article starts from the process of patrimonialization of Serra da Barriga, located in the State of Alagoas, Brasil; local that was the largest settlement of fugitives slaves in the Americas, known as Quilombo dos Palmares (1597-1695). After its destruction there were several attempts to erase that history, remaining “forgotten” its legacy for almost three centuries. Despite this, the place was changed into a cultural and symbolically sacred ground, representing the struggles and resistance of those slaves people (mainly Afro-Brazilian). From the mobilizations of the Black Movement in the 1970s and the incorporation of several demands of the same in Federal Constitution of 1988, Serra da Barriga was declared a National Monument; and in november 2017, the month of Black Awareness Day, it was added to the Mercosur Cultural heritage list. This change in status from national to regional heritage gave visibility and importance to a once “uncomfortable” heritage. This discourses (historical and political) around the Serra da Barriga validate it as a heritage, as a symbolic heritage that represents resistance and values strongly linked to the struggles of the Black Movement thus “marking” an appropriation of that heritage by different actors, mainly those linked to memorial claims that emphasize the brazilian cultural plurality and the Black Movement that understands heritage as a territory that “marks” the resistance of the ancestral people. However, from the archaeological excavations and the current situation of those who inhabit the place nowadays, tensions are observed that don’t seem to find a way of agreement and consensus, preventing a broader appropriation of the community of the place.

**Keywords:**

History and Memory; Place branding; Cultural Heritage; Serra da Barriga.

<sup>a</sup> Doctora en Historia por la Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Post-doctorado en el Programa de Pos-graduación en Memória Social e Patrimônio Cultural de la Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Profesora Visitante Extranjera en el Programa de Pos-graduación en Historia de la Universidade Federal de Pelotas (UFPel). [anasosagonzalez@gmail.com](mailto:anasosagonzalez@gmail.com).

<sup>b</sup> Magister en Historia por la Universidade Federal de Pelotas (UFPel) y postgrado en Gestión Cultural y Comunicación por la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) Argentina. [raaymatias15@gmail.com](mailto:raaymatias15@gmail.com).

## DEL PALMARES QUILOMBO AL PALMARES PATRIMONIO<sup>1</sup>

Desde finales del siglo XV la colonización europea en América Latina se sustentó en el trabajo compulsorio y esclavo de indígenas y posteriormente, por el trabajo forzado de quienes fueron traídos de África para tierras americanas. En Brasil ese tráfico negrero representó un número muy alto de personas que fueron esclavizadas en diferentes épocas y circunstancias<sup>2</sup>. La actividad económica que más demandó esa mano de obra fue la explotación minera y de los productos tropicales (azúcar, tabaco, algodón, cacao).

Estas sociedades esclavizadas se opusieron al sistema colonial a través de diferentes formas: insurrecciones, rebeliones, asesinatos, ataques y fugas. Huir y formarse en grupos fue algo recurrente (REIS, GOMES, 1996, p. 9; GOMES, 2015, p. 8). Esos grupos de “fugitivos” no eran exclusivamente de africanos y sus descendientes, indígenas, blancos y otras minorías desplazadas del sistema colonial se les unieron.

Esos agrupamientos de esclavizados que buscaban su libertad poseían diferentes denominaciones por toda América. En Venezuela se los conocía como *cumbes*; en Colombia, *palenques*; en Jamaica y en el Caribe inglés así como en el sur de Estados Unidos, se los llamó *maroons*. En el Caribe francés *marronaje*, en el español (principalmente en Cuba y Puerto Rico), *cimarronaje* (diferenciándose entre el *grand marronaje* y el *petit marronaje*, para fugas individuales). En Brasil eran conocidos como *mocambos* y después *quilombos*, y sus miembros *quilombolas* (GOMES, 2015, p. 9-10; REIS, GOMES, 1996, p. 10), siendo el “Quilombo dos Palmares” el mayor asentamiento de esclavizados en las Américas.

*Mocambo* o *mukambu* - tanto en kimbundu como en kicongo (lenguas de África Central), hacía referencia al “pau de feira”, tipos de soporte utilizados en los campamentos. La palabra quilombo, en cambio, solo aparece en la documentación del período colonial a fines del siglo XVII. Hasta ese momento la terminología utilizada era *mocambo*. El término quilombo solo apareció en Pernambuco<sup>3</sup> a partir de 1681 (GOMES, 2015, p. 10-11). En Angola, *kilombo* era conocido como campo de guerra, producto de las intervenciones europeas en África. No obstante, Palmares, en Brasil, también recibió el nombre de “quilombo” (FUNARI, 1999, p. 85).

Como fuera dicho, uno de los mayores quilombos no sólo del Brasil como americano, fue el “Quilombo dos Palmares”. Surgió hacia fines del siglo XVI y llegó a su auge en la segunda mitad

---

<sup>1</sup> Este artículo se basó en la investigación realizada para la Maestría del Programa de Pós-graduação em História de la Universidade Federal de Pelotas e incorporó aspectos teóricos y analíticos que forman parte de la discusión del presente Dossier.

<sup>2</sup> Según las estimaciones, la población africana que desembarcó en Brasil entre 1531 y 1780 es de aproximadamente 1.895.500. Y entre 1781 y 1853 es de aproximadamente 2.113.900 (KLEIN, 1987, p. 132-133). Según Reis y Gomes (1996, p. 9) la esclavitud de africanos en América representó cerca de 15 millones o más de hombres y mujeres arrancados de sus tierras.

<sup>3</sup> El Quilombo de los Palmares, se encontraba en el territorio que formaba parte de las Capitanías Hereditarias en el siglo XVI, localizándose geográficamente al sur de la Capitanía de Pernambuco. Fue recién en 1710 con la creación de la comarca de Alagoas que pasó a esa jurisdicción administrativa, la que en 1822, se transformó en Provincia, y luego en 1889, en el actual Estado de Alagoas.

del siglo XVII. Por su existencia durante casi cien años es conocido nacional e internacionalmente, simbolizando al mismo tiempo la historia de la resistencia negra<sup>4</sup>, proceso histórico que tiene además gran relevancia académica, política y cultural. A su vez, la Guerra de los Palmares es uno de los acontecimientos más marcantes del Brasil Colonial, llegando a ser comparado con la Revolución Haitiana entre los más destacados levantamientos de negros en América.

Asimismo, la discusión historiográfica en torno al Quilombo de los Palmares coloca en evidencia las dificultades para la reconstrucción de esa historia debido a la escasez de fuentes escritas, agravado por el hecho de que dichas fuentes son registros del “hombre blanco”, colonizador, cuya mirada está cargada de preconcepciones, lo que dificulta la reconstrucción histórica contemplando la perspectiva de los “vencidos”.

Desde entonces se desarrollaron diferentes estudios con posiciones teóricas distintas, que de alguna manera construyeron una “historia oficial” sobre los Palmares, aunque la misma no sea aceptada de forma unánime (ALLEN, 2000, p. 245). Los documentos históricos sobre esas guerras contra Palmares como cartas y relatos, conducen a la idea de que la historia terminó cuando el 20 de noviembre de 1695, fecha en que Zumbi, uno de los líderes más destacados, fue asesinado por el bandeirante Domingos Jorge Velho (DOSSIER, 2017, p. 29). Ese relato se ha visto alterado por los impactos presentes de aquellos episodios, entendidos como un legado, demostrando así que el Quilombo de los Palmares no se mantuvo cristalizado en el pasado, y que existen narrativas, memorias y reappropriaciones actuales sobre aquella historia que dan sentido y valor a aquel pasado marcándolo simbólicamente e históricamente, pero también política y culturalmente.

La región montañosa conocida en la época como Cerca Real dos Macacos, hoy es llamada Serra da Barriga y se encuentra en el municipio de União dos Palmares, en el Estado brasileño de Alagoas. Desde 2007 se instituyó en el lugar el Parque Memorial Quilombo dos Palmares (PMQP), bajo la responsabilidad de la Fundación Cultural Palmares (FCP), institución pública que busca la promoción y preservación de los valores culturales, históricos, sociales y económicos afro-brasileiros, producto de la influencia negra en la formación social e identitaria brasilera. Desde 2003, la FCP tiene la competencia de emitir certificados a las comunidades quilombolas, documento que reconoce los derechos de esas comunidades y le permite acceder a los programas sociales del Gobierno Federal (FCP, 2021). El área tiene una extensión de ocho quilómetros cuadrados y es gestionada por un comité que además de los representantes de la FCP, cuenta con la participación de representantes de la Prefeitura de União dos Palmares (la ciudad más próxima al sitio), del gobierno de Alagoas, del IPHAN, de la Universidade Federal de Alagoas (UFAL), de la Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), del Instituto Nacional de Colonización y Reforma Agraria (INCRA), del Instituto Brasileiro del Medio Ambiente y de los Recursos Naturales Renovables (IBAMA) (FCP, 2018).

---

<sup>4</sup> En esa narrativa es frecuentemente destacada la actuación de Angola Janga, reconocido líder del quilombo, que luchó hasta la madrugada del 6 de febrero de 1694, cuando las tropas portuguesas invadieron y destruyeron la “República Palmarina”.

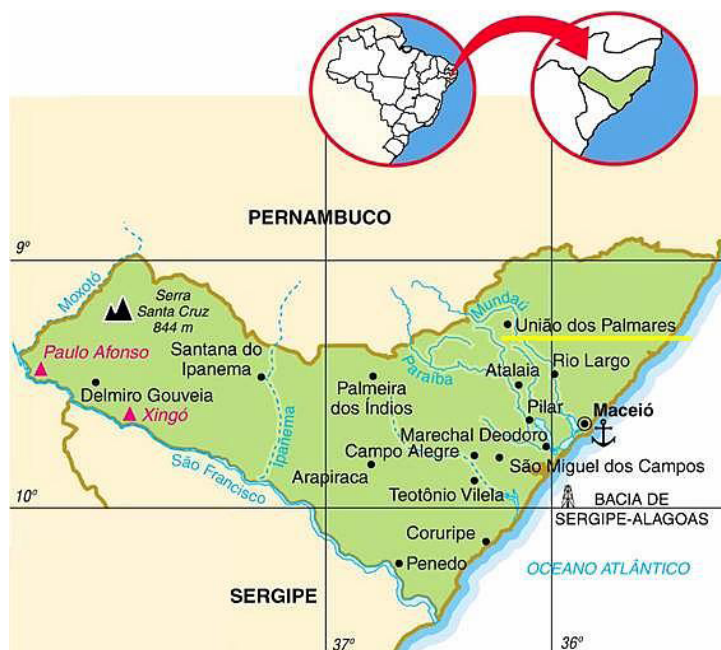


Figura 01. Mapa del Estado de Alagoas/Brasil. Fuente: Mega Times (2011).  
Disponibile en: <http://www.megatimes.com.br/search?q=serra+da+barriga> (2021).



Figura 02. Mapa del Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Fuente: Sitio oficial del PMQP.  
Disponibile en: [serradabarriga.palmares.gov.br](http://serradabarriga.palmares.gov.br) (2021).

No obstante, existieron muchos silenciamientos en la narrativa histórica sobre el Quilombo de los Palmares. Fue a partir de las reivindicaciones del Movimiento Negro que el legado palmarino, considerado símbolo de las luchas políticas para combatir la desigualdad, el prejuicio y el racismo, se transformó además en un espacio de referencia en la constitución de la identidad nacional



brasileña y latinoamericana. Ese proceso de reconocimiento se produjo a partir de la movilización y militancia del Movimiento, que se apoyó en esa historia buscando revertir la marginalización de la población negra desde el período de post-abolición (1888) y posterior Proclamación de la República del Brasil bajo el mito de la democracia racial.

En las décadas de 1970 y 1980, las narrativas históricas sobre Palmares y su principal líder: Zumbi, fundamentaron la consolidación de la identidad negra nacional y con ello, los quilombos pasaron a ser interpretados como construcciones simbólicas de la militancia negra en busca de una mayor valorización de su cultura (GOMES, 2015, p. 127-128). A partir de allí, considerando su dimensión e importancia histórica, cultural y social referente a la historia de los pueblos negros (DOSSIER, 2017, p. 69), fue que en julio de 1981, el Consejo General del Memorial Zumbi elaboró la solicitud para que la Sierra de la Barriga en Alagoas sea declarada patrimonio, elevando esa solicitud al Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional - IPHAN a través de su programa Pro-Memoria.

El 20 de noviembre de 1985, la Sierra de la Barriga fue declarada patrimonio por el Gobierno Federal, y en 1988, “considerando que la República Palmarina simboliza un marco en la conquista de la libertad” de acuerdo al Decreto nº 95.855 del 21 de marzo, pasó también a ser reconocido ese día como Día Internacional contra la Discriminación Racial, quedando entonces, la Sierra de la Barriga oficialmente declarada como Monumento Nacional. Junto a ello, el Decreto nº 96.038 del 12 de mayo de 1988, declaró el área de la Sierra de la Barriga de utilidad pública para fines de desapropiación.

En la dimensión regional, la Sierra de la Barriga conforma uno de los ocho bienes que integran la lista del Patrimonio Cultural del Mercosur, desde noviembre de 2017<sup>5</sup>. Ese territorio, escenario de una de las más importantes historias de resistencia al colonialismo de la época y consecuentemente a la esclavitud, es marcado además por su significativa contribución a la formación multicultural e identitaria de los pueblos latinoamericanos durante los siglos XVIII y XIX (DOSSIER, 2017, p. 12)<sup>6</sup>.

La inclusión de este bien representó un paso significativo en relación al establecimiento de políticas públicas afirmativas y el fortalecimiento de las referencias culturales negras y afro-brasileras en la construcción identitaria brasileña. Además, al tratarse de un bien cultural del Mercosur, se percibió en esa patrimonialización, un estímulo al proceso de integración regional entre los países del bloque; que comparten entre otras cosas, una herencia cultural africana y afro-descendiente común desde la época colonial. Desde entonces ese reconocimiento regional dio más visibilidad, valorización y destaque a la herencia cultural de las comunidades de matriz africana en América, acompañado de una dimensión simbólica muy importante: la reparación histórica luego de tantas persecuciones y actos de intolerancia practicados hacia la población de los quilombos y hacia los afro-brasileros en general.

Como ya fue señalado, ese reconocimiento no hubiera sido posible sin la militancia de los

<sup>5</sup> Mercosul (2021). Disponible en: <https://www.mercosur.int/pt-br/temas/cultura/> Acceso: 28/6/2021.

<sup>6</sup> La "Sierra de la Barriga, parte mais alcantilada" fue incluida a la lista de Patrimonio Cultural del Mercosur, documentado e el Acta 01/2017 de la XIV Reunión de la Comisión del Patrimonio Cultural (CPC) en Argentina.

activistas del Movimiento Negro, que en Brasil, desde las décadas de 1970 y 1980 buscaron promover la Sierra como patrimonio por su alto valor histórico, cultural y simbólico. A esa dimensión política se le agregó la cultural/social al reafirmar la importancia de ese legado como parte constituyente y fundamental de la identidad brasileña.

De esta manera, la Sierra de la Barriga es concebida como un patrimonio cultural de diferentes dimensiones, la material o tangible (vinculada a las características geográficas y del paisaje, y a la cultura material del lugar) y la inmaterial (vinculada a cuestiones simbólicas y ancestrales, religiosas e identitarias que se resignifican en el presente de distintas maneras).

Asimismo, se trata de una compleja situación por la diferente ocupación humana en diversas épocas en ese territorio: indígena, grupos africanos y afro-descendientes, ocupación “blanca” y/o mestiza sin vínculo directo con los grupos anteriores.

Para comprender el proceso de patrimonialización y la problemática mencionada, se optó por la Historia Oral como principal herramienta metodológica, intentando analizar los diferentes discursos que surgen en torno a la Sierra, los modos de apropiación de ese patrimonio, y la pluralidad de voces y memorias que fueron “marcando” el lugar. Al mismo tiempo se buscó comprender la manera en que dichos discursos se refuerzan y/o modifican a partir de los hallazgos arqueológicos y de las políticas culturales en torno a ese bien patrimonial.

## **PATRIMONIO CULTURAL, *PLACE BRANDING* Y LA SIERRA DE LA BARRIGA**

Mucho se ha debatido sobre los aspectos de la globalización que más afectan la cultura e identidad territorial, entre ellos la noción de “marca de lugar” que muchos territorios adoptan cada vez con más frecuencia para promocionarse nacional e internacionalmente, en lo que puede denominarse “el mercado de lugares en venta”. La velocidad de las transformaciones sociales, económicas, políticas, tecnológicas del mundo actual, repercute en ciudades, regiones y países motivando nuevas demandas en la agenda de las políticas públicas para la cultura, entre ellas, las de *place branding*, es decir ciudades y regiones que demandan marcas, como representaciones frente a la actual coyuntura internacional de competición entre diversos lugares (RIBEIRO; RAPOSO; MENEZES, 2018). De la misma manera que se trabaja la marca de un producto, es posible trabajar la marca de una ciudad o lugar, lo que se denomina el *branding* de lugares.

Esto conduce a la reflexión sobre la relación entre *marketing* y *branding*. Desde la perspectiva del denominado *place branding*, resulta crucial entender los efectos que sobre ciertos territorios ocasiona, en el caso del *marketing*, la decisión de ofertarlos, es decir, de promover su consumo; y en lo que respecta al *branding*, buscar formas de embellecerlo destacando sus características aparentes o reales que lo diferenciarían de otros lugares para destacar sus ventajas competitivo-comparativas, así como su atractivo y singularidad para que de alguna manera pueda fijarse en el imaginario del “consumidor”. De esta forma, el propósito de una estrategia de *branding* no es la venta sino la imposición de una marca, de un sello que lo diferencie a la hora de “comprar” o consumir dicho lugar.

Asimismo, desde las decisiones de la política pública que definen y ponen en marcha estrategias de mercadeo de lugares y territorios, basadas en la promoción de ciertas singularidades, como signos identitarios que se transforman en “marca” del lugar y al hacerlo se promueve su consumo. De este modo, se crea una imagen que va asociando el lugar con su “marca”, marca esta que se refuerza en la medida que es visitado o “consumido” retroalimentando el proceso. Este proceso es una puesta en valor, que en el caso del patrimonio que ya ha sido activado por la operación patrimonializadora, termina reafirmada por una acción de consumo en una lógica mercantil. Esto no es más que poner en valor sus atractivos con propósitos económicos y políticos para posicionar el lugar y al mismo tiempo generar recursos económicos a través de su visitación.

Paralelamente en la medida que la globalización se ha intensificado, y que la revolución en los transportes y en las comunicaciones ha dinamizado las posibilidades de trasladarse y conocer otros lugares y culturas, la circulación turística para la visitación y consumo de esos lugares es cada vez mayor, dinamizando el proceso antes mencionado.

En lo que respecta a la Sierra de la Barriga, al ser declarada patrimonio del Mercosur, adquirió un *status* regional, que reforzará la “marca de lugar” (vinculado a las culturas de matriz africana) que el local ya poseía. Así al cambio de *status* que la patrimonialización promueve al querer preservar las características memoriales e identitarias de determinado lugar para las futuras generaciones, por reconocer en ese bien su herencia cultural y su singularidad, se le agrega el cambio de *status* que un reconocimiento de esa dimensión trae consigo. El patrimonio cultural como importante agente formador de memoria colectiva vinculada al grupo que lo detenta y que tiene un vínculo afectivo con el bien, es entonces llevado a una escala mayor, esperando con ello no solo un reconocimiento más amplio, más abarcante, sino también recursos económicos provenientes de su visitación, es decir, del turismo.

Igualmente, ese proceso por el cual la Sierra hoy puede ser interpretada como un lugar con una “marca” propia vinculada al legado del Quilombo de los Palmares, comporta muchas tensiones y varios conflictos, dificultando un consenso en la identificación y valorización de ese patrimonio por parte de la población más próxima geográficamente al sitio. Al tratarse de un patrimonio asociado a las luchas por el reconocimiento de la pluralidad cultural brasileira y especialmente a los reclamos del Movimiento Negro que marcaron el lugar como símbolo de resistencia, quedan sin espacio de expresión otras voces: principalmente las que podrían vincularse a la primera ocupación de ese suelo, los indígenas, y a la última, es decir, a las ocupaciones posteriores a la destrucción del local hacia fines del siglo XVII.

## **USOS Y DISCURSOS EN TORNO A LA SIERRA DE LA BARRIGA COMO PLACE BRANDING**

En el Dossier elaborado para integrar la lista del Patrimonio Cultural del Mercosur, se establece que el patrimonio que la Sierra de la Barriga posee es histórico, arqueológico, paisajístico y también inmaterial (DOSSIER, 2017, p. 68-95) detallando y especificando sus atributos. Actualmente, el acceso al local se da a través de una ruta asfaltada, construida recientemente, inaugurada en 2019.



Figura 3. Ruta de acceso al Parque Memorial Quilombo de los Palmares.  
Fuente: Fotografía de Rayanne Matias Villarinho (2020).

Al llegar al área de visitación hay una serie de construcciones que sugieren un trayecto: una Atalaia<sup>7</sup> a la entrada, seguida por el Oxilé de Ervas<sup>8</sup>, Onjó Cruzambê<sup>9</sup>, Muxima de Palmares<sup>10</sup>, Ocas

<sup>7</sup> Fortificación de madera construida en puntos altos y estratégicos para vigilar y prevenir ataques. Forma parte de la tradición africana de combate, y en estas tierras, fue también parte de la cultura material palmarina (*Banner* expositivo del PMQP, 2020).

<sup>8</sup> Espacio simbólico referente a las plantas y raíces utilizadas con fines medicinales por diversos pueblos indígenas y africanos, para cura de enfermedades, baños y ofrendas, que se sigue usando actualmente (*Banner* expositivo del PMQP, 2020).

<sup>9</sup> También conocida como Casa del Campo Santo, local sagrado que sirve de apoyo a las prácticas religiosas de matriz africana en ese espacio. Babalaôs, lalorixás, Ekédes, Ogãs y Abiãs (entidades religiosas) hacen axexês (ofrendas) y orikis (oraciones) a los eguns (espíritus) que vagan sin sosiego por la sangre derramada (según informaciones del *Banner* expositivo del PMQP, 2020).

<sup>10</sup> Homenaje a los principales líderes do Quilombo de los Palmares: Aqualtune, Ganga-Zumba y Zumbi; a los comandantes-jefes que integraban el Consejo Deliberativo: Acaiene, Acaiuba, Acotirene, Amaro, Andalaquituche, Dambabanga, Ganga-Muiça, Ganga Zona, Osenga, Subupira, Tocolo, Tabocas; y Banga, Camoanga y Mouza, que resistieron después de la muerte de Zumbi (*Banner* expositivo del PMQP, 2020).

Indígenas<sup>11</sup>, Onjó de Farinha<sup>12</sup>, Gameleira Sagrada y la Laguna Encantada de los Negros<sup>13</sup>.

Como fuera dicho, actualmente el área se encuentra habitada por familias campesinas que desde su instalación (una vez destruido el “Quilombo dos Palmares”, hace más de tres siglos) obtienen de esas tierras sus recursos económicos y por lo tanto su sustento. Al ser declarado Patrimonio Nacional y luego Patrimonio del Mercosur las actividades de esos habitantes se han visto fuertemente afectadas, ocasionando con ello lógicamente diferentes conflictos<sup>14</sup>. El proceso de desocupación del área se encuentra con una serie de dificultades que tienen que ver con la reubicación de esas familias, con sus propias demandas y derechos de indemnización así como con la reivindicación de los grupos afro-descendientes que entienden que esa área no puede estar ocupada por esas personas y que allí debe respetarse la ancestralidad y legado cultural africano, promoviendo las actividades representativas de sus prácticas culturales.

Como aún no se ha reubicado a la población campesina del lugar, las casas y modos de vivir de esas personas se han integrado al paisaje turístico del PMQP. Este hecho genera trastornos y pérdidas significativas, pues estos individuos ven sus casas invadidas y sus tierras destruidas por el pasaje de los visitantes, además de ser víctimas de robos (CORREIA, 2016, p. 176). La realidad es que hoy estas personas viven en una situación de ocupantes de tierras públicas, o sea, viven bajo la amenaza de ser expulsados de las que consideran sus tierras, tierras que a su vez, son consideradas propias por parte de los grupos afro-descendientes que impulsaron la consagración de ese patrimonio.

Así entra en tensión la situación de quienes viven aún en el área patrimonializada con la intención de los actores que se identifican y sienten un compromiso específico con ese patrimonio. A esto se agrega la presencia del poder público que debe gestionar y proponer políticas culturales que en su interpretación serán desarrolladas en la medida que ese *place branding* se promueva, generando más reconocimiento y apropiación por parte de la comunidad afro-descendiente. Coexisten por lo tanto diferentes discursos y narrativas que demuestran diversas apropiaciones y resignificaciones sobre ese legado.

Por otro lado, los hallazgos arqueológicos “revelaron otro grupo social, hasta entonces poco mencionado en el contexto de Palmares, los indígenas” (CORNEJO, 2020, p. 20). Cornejo al investigar sobre los disputas y tensiones en torno a ese bien en particular, expresa que al escuchar a los pobladores actuales, repitiendo reiteradas veces que les “falta libertad” en relación a la Sierra de la Barriga, quedó impactada “con la contradicción del significado del lugar [puesto] que para el Movimiento Negro, simboliza exactamente lo contrario - la tierra de la libertad” (CORNEJO, 2020, p. 24-25).

---

<sup>11</sup> Como forma de evidenciar la presencia “indígena y sus valores que fueron fundamentales para la sobrevivencia de los quilombolas de la Sierra de la Barriga” (*Banner* expositivo del PMQP, 2020), atendiendo en parte a las investigaciones arqueológicas que comprobaron esa presencia indígena.

<sup>12</sup> La Casa de la harina, hace referencia a la *farinhada*, práctica indígena, incorporada por los negros (aún presente en las comunidades rurales), muy usada en el Quilombo dos Palmares (*Banner* expositivo del PMQP, 2020).

<sup>13</sup> Lugar que representaba la purificación de la vida, donde los quilombolas a través de la energía de las aguas y de los árboles reposaban y saciaban su sed, afilaban sus armas de guerra con la presencia del supremo a través de la naturaleza (*Banner* expositivo del PMQP, 2020).

<sup>14</sup> Para conocer más detalles de esa situación resulta fundamental la lectura de la tesis de Rosa Correia (2016), citada en este artículo.

La autora entrevistó también al hijo del cacique de la comunidad indígena<sup>15</sup> próxima a la Sierra, quien expresó que la Sierra de la Barriga tiene gran importancia para el Brasil, “porque es símbolo de resistencia, de lucha contra el opresor. Pero que la historia debe ser contada, pues no agrada a todos por no ser la verdad, pues además del pueblo negro, los indígenas también estaban allí, [ ]” (CORNEJO, 2020, p. 85).

El entrevistado agregó, que se debería decir que “además de Zumbí dos Palmares y Dandara, hubo otros líderes indígenas también, [ ]”, reafirmando en los resultados de las excavaciones y hallazgos arqueológicos. Informaciones, que en su opinión deberían estar expuestas, o por lo menos transmitidas en una placa que las mencione. Para él, es necesario “hablar de la presencia indígena allá, porque eso no disminuye la lucha del pueblo negro, eso solo suma, solo muestra que el movimiento social ya sucedía [en el pasado], que la resistencia contra la opresión ya [existía], no es nada nuevo [ ]” (CORNEJO, 2020, p. 86).

El mismo entrevistado agregó, “lo que no me gusta es que falta la historia, está en pedazos”. En su opinión no cuenta cómo, pueblos traídos forzosamente de África podrían conocer la geografía del lugar, es decir que si no hubiera sido por los indígenas, no hubieran sabido cómo acceder a la sierra. Además allí ya había agua potable, frutas, animales para cazar, vegetación, etc., “sólo un indígena nativo podría decirle eso” (SABARÚ, apud CORNEJO, 2020, p. 86).

Por otra parte, al ser la Sierra de la Barriga un territorio “marcado” por las representaciones simbólico-cultuales promovidas principalmente - aunque no exclusivamente - por el Movimiento Negro, parece no poder conciliarse con otras representaciones, intereses y demandas, sobre todo las de la población que habita hoy el lugar.

Paralelamente los resultados de las investigaciones arqueológicas en el lugar han traído otra complejidad a la situación. Por haber sido durante los siglos XVI y XVII el mayor asentamiento de esclavizados de las Américas, y por no contar con fuentes históricas escritas provenientes de los grupos que ocuparon en esa época la región, la investigación arqueológica resulta fundamental para verificar la expresión material de la sobrevivencia cultural y la creación de una comunidad de sujetos forzados a vivir en un ambiente extraño, y entre los cuales podrían no reconocerse debido a las diferencias lingüísticas y culturales (ORSER; FUNARI, 2004, p. 15).

Las primeras excavaciones arqueológicas en el lugar se realizaron en 1992 y estuvieron coordinadas por Funari y Orser<sup>16</sup> (ALLEN, 2006, p. 82-83). El objetivo principal de ese proyecto era obtener informaciones sobre la vida cotidiana en Palmares a través de sus vestigios materiales, dado que casi todo lo que se sabe sobre su pasado corresponde a documentos de quienes luchaban por su destrucción, distorsionando (FUNARI, 1996, p. 8) o cargando de preconceptos su mirada sobre el quilombo. En esas primeras excavaciones se encontraron 700 artefactos en los diez sitios analizados. Dichos materiales, según los investigadores quedaron en el Museo de Antropología y Folclore Théo

---

<sup>15</sup> El entrevistado es Marcus Sabarú, hijo mayor del cacique Eliziano de Campos, perteneciente a la etnia Tingui Botó.

<sup>16</sup> Orser Jr. y Funari trabajaron en colaboración en el profesor Zezito de Araújo (quien también fue entrevistado para la investigación que sustenta el presente artículo), quien en la época era el Director del Núcleo de Estudios Afro-Brasileiros de la Universidade Federal de Alagoas.

Brandão<sup>17</sup> (ORSER; FUNARI, 1992, p. 65).

La ausencia - inicial - de vestigios materiales que pudiesen ser vinculados a la ocupación afro y afro-descendiente en el lugar trató de ser explicada por los arqueólogos a través de entrevistas realizadas a los habitantes actuales. Orser observó que el impacto en el cultivo y los trabajos para aplanar el suelo de la zona datan de la década de 1940; y, por su estudio estratigráfico, cerca de 60cm del suelo fueron removidos, agravado por la afectación en los períodos de lluvia, en que los artefactos son arrastrados por la topografía descendiente del lugar (ALLEN, 2006, p. 4-5). Es decir, a las dificultades que presentan las escasas fuentes escritas, se agregan las alteraciones en el suelo y las transformaciones culturales del siglo XX que impiden encontrar informaciones sobre el pasado del Quilombo a través de su cultura material.

Posteriormente, Funari (1999) agregó que los *sertões*<sup>18</sup> fueron habitados por diferentes grupos étnicos, la mayor parte de ellos pertenecientes al tronco lingüístico tupi, mientras que en el litoral, era común que los hacendados mezclaran indígenas (“negros da terra”) con los africanos (“negros da Guiné”), demostrando con ello la dificultad de identificar en los restos materiales una procedencia étnica “negra” en Palmares. Por su parte, Scott Allen (1997), arqueólogo que analizó la cerámica de Palmares, identificó la presencia de tres principales tipos: nativa, europea y local, “rechazando la noción del mantenimiento de “trazos” africanos, nativos o europeos, en el registro arqueológico, Allen prefirió enfatizar que los habitantes de Palmares forjaron una cultura nueva, sincrética, en un contexto específico” (apud FUNARI, 1999, p. 84-85).

Por otro lado, Michael Rowlands (1998) explicó que el sitio donde los quilombolas encontraron refugio ya estaba ocupado por indígenas. Para este arqueólogo, en Palmares no existió una sociedad multiétnica resultado de la fusión o asimilación, ni una sociedad basada en diferencias étnicas. En todo caso una sociedad pluralista, con poca diferenciación en la cultura material (apud FUNARI, 1999, p. 85-86). Por su parte Funari sostiene que los amerindios, cuya cerámica y toponimia eran comunes en Palmares, “establecían continuidades con la humanización del paisaje en el interior del nordeste, en la medida en que vasijas, sierras, ríos y otros contextos ambientales eran interpretados de acuerdo con sus propias tradiciones locales, más que las africanas o europeas” (FUNARI, 1999, p. 87).

Según Allen, los análisis preliminares de las excavaciones realizadas por Orser y Funari, arribaron a conclusiones dispersas, mientras que Rowlands (1999) “se basó en evidencias espaciales para argumentar que el quilombo tuvo una organización formada por una elite plural, Orser (1994, 1996) vio la diversidad como evidencia de relaciones (redes) globales” (ALLEN, 2006, p. 83-84). Allen, a su vez, refiriendo a su trabajo de 1998, expresó que a partir de la cerámica encontrada, se puede indicar el “surgimiento de una comunidad nueva, con implicaciones para la identidad cultural” (ALLEN, 2006, p. 84). Esto repercutió muchísimo en la comunidad local (sobre todo el grupo que más “militaba” para ese patrimonio) e inclusive internacionalmente.

Al ser divulgados algunos resultados de los estudios arqueológicos en los medios de prensa locales

<sup>17</sup> Según lo observado en la visita realizada en marzo de 2020, esos materiales no forman parte de la exposición del Museo.

<sup>18</sup> El *sertão* en Brasil, es una vasta zona del interior del país, una región agreste que fue ocupada por los colonizadores después del siglo XVI (ANTÔNIO FILHO, 2011, p. 85).

se presentaron problemas. Al respecto, Allen cita una noticia de la Gazeta de Alagoas en la que se hablaba de la “Presencia indígena en Palmares”, lo que produjo “un cierto malestar en el equipo cuando vimos ese reportaje, pues sabíamos que traería mucho significado” (ALLEN, 2006, p. 87). En ese primer momento las informaciones sobre los grupos indígenas no fueron bien recibidas, llegando, la Fundación Cultural Palmares, a exigir que cesen todas las actividades arqueológicas (ALLEN, 2006, p. 88).

El proyecto arqueológico de Palmares se vinculaba a los movimientos negros y a los poderes políticos relacionados. El surgimiento de evidencias de las poblaciones indígenas en el lugar, aunque fuesen pre-coloniales, se presentaban como una “barrera al discurso específicamente direccionado al Afro-brasileiro” (ALLEN, 2006, p. 90), que ante esos riesgos, prefirió prohibir el trabajo arqueológico en la Sierra de la Barriga. Scott Allen (2006), agrega que en ese período se construyeron en el sitio “cabañas representativas de un Palmares imaginario”, además de otros elementos obtenidos a partir de registros históricos. Esas representaciones fueron edificadas a partir de ideas supuestas sobre África que estaban presentes en las mentes de los pueblos contemporáneos (ALLEN, 2006, p. 90).

Un entrevistado para la investigación que sustenta este artículo fue el Mestre Cláudio<sup>19</sup> (instructor de *capoeira*<sup>20</sup>), quien acompañó el proceso de construcción del Parque Memorial Quilombo dos Palmares. En su relato explica que cuando el arqueólogo americano preparó el suelo para la excavación “[...] hubo varias preocupaciones en no perforar más que 60 cm, junto a las preocupaciones porque se encontraron muchos jarros, urnas, urna funeraria, jarros con aquella cerámica indígena” (LEITE, 2020). Este arqueólogo al que se refiere es Scott Joseph Allen (quien basó su trabajo doctoral en ese sitio). El Mestre Cláudio agrega: “entonces mucho se encontró de indios y en aquel momento la preocupación fue, ¿será que el quilombo fue aquí? Igualmente entendemos que el quilombo no fue compuesto solo por negros, sino por indios, blancos y negros” (LEITE, 2020). Queda clara la preocupación en torno a los trabajos arqueológicos pues la mayoría de las evidencias materiales hablaban más sobre la presencia indígena en la Sierra da Barriga, que de la presencia negra o afro-descendiente. El mismo entrevistado destaca el momento en que se encontró un artefacto que identificaba la presencia africana o afro-descendiente, cuando se iba a hacer un baño para los investigadores que estaban en la excavación:

[...] Se encontró el primer artefacto de negro que fue el *cachimbo*<sup>21</sup>, eso fue una fiesta! El arqueólogo hizo una gran conmemoración [risas], [...] Y fue ahí que comenzó a entenderse lo siguiente: que arqueológicamente hablando, la primera camada, que es la más reciente fue empujada para los bordes, para poder ampliar el espacio para recibir al pueblo negro en los 20 de noviembre entonces los tractores cortaron la primera camada, que es la más reciente de la historia (LEITE, 2020).

<sup>19</sup> Entrevista de Severino Cláudio Figueiredo Leite (Mestre Cláudio) concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho en Alagoas, 29 de febrero de 2020.

<sup>20</sup> El término *capoeira*, del tupi *caá-apuam-era* [ ] significa bosque virgen, que ya no es, que fue talado, y en su lugar nació una vegetación más fina y rasa (REGO, 1968, p. 17-19).

<sup>21</sup> Artefacto usado para el consumo directo de tabaco, muy común entre los pueblos que habitaban en las Américas, confeccionados en diversos materiales (SANTOS; BRACHT; CONCEIÇÃO, 2013, p. 122). Son constantemente encontrados “en sitios arqueológicos históricos que tuvieron esclavos dentro de sus redes de relaciones sociales”, o sea, atribuidos a la cultura esclava, apareciendo “también como una constante en la iconografía de los viajeros que vinieron al Brasil en el siglo XIX” (AGOSTINI, 2007, p. 116).



En contraste con lo anterior, Joelma Farias Cornejo<sup>22</sup>, arquitecta y actual técnica del IPHAN (autora de la disertación mencionada anteriormente), al ser cuestionada sobre el proceso de patrimonialización de la Sierra, comenta que “vino muy forzada la cuestión negra [...] no abarcó otros elementos que son importantes en la Sierra, por ejemplo, incluso en el plan de gestión no se ve nada vinculado a la arqueología” (CORNEJO, 2020). La misma autora, en su investigación de maestría, al reconocer que faltan esas “voces” en el discurso patrimonial se interesó por “oír a los indígenas, porque lo que se encontró allí en la Sierra de la Barriga es indígena entonces intenté oírlos y entender la relación de ellos con aquel lugar” (CORNEJO, 2020), expresando que esas voces aún son poco o nada mencionados en ese proceso de patrimonialización.

Siloé Soares de Amorim, antropólogo y profesor universitario<sup>23</sup>, también refirió a la mayor presencia de vestigios materiales indígenas:

Arqueológicamente hablando va a encontrar residuos con más elementos indígenas [...] urnas funerarias, cerámicas, [...] esas prácticas eran tupis, [...] materialmente se encuentran elementos indígenas, [...] allí fue un territorio indígena, ocupado después por quilombolas, entonces la arqueología va a discutir eso [...] [se dará] un debate que es identitario por un lado e histórico por otro y esos debates no llegaron aún a un consenso (AMORIM, 2020).

Es posible percibir divergencias en los usos y discursos históricos en torno a la Sierra de la Barriga y consecuentemente diferentes apropiaciones. El entrevistado mencionado se refirió a los informes de los trabajos arqueológicos de Scott Allen, en su opinión, a partir de esos resultados se crearon “polarizaciones muy grandes” lo que “fue una forma muy equivocada de traer el debate étnico racial [ ]. El Movimiento Negro, cuestionando los datos arqueológicos y los datos arqueológicos afirmando otra identidad para la Sierra de la Barriga” (AMORIM, 2020). Evidentemente esta situación tensionó más las cosas.

Por otra parte, Scott Allen se refirió al “afrocentrismo” en los estudios sobre el Quilombo de los Palmares, que entiende como la acción de privilegiar en la búsqueda de trazos culturales africanos elementos sobre los cuales apoyarse en su “tentativa de reconstruir o interpretar su pasado” (ALLEN, 2000, p. 246), lo que confirma la ligación de elementos culturales africanos a los quilombos. No obstante, Allen afirma que Palmares nació en el seno del nordeste brasileño, “donde vivían habitantes originales de la tierra” por lo que “para poder abordar el cotidiano palmarino, hay que considerar el papel del indio en los quilombos, un abordaje [que] no [es] posible desde el punto de vista afrocéntrico” (ALLEN, 2000, p. 246).

A pesar de la existencia de varios estudios que evidenciaron la pluralidad de las poblaciones que componía Palmares, blancos e indígenas además de negros, el carácter africano es el que más se enfatiza en la literatura histórica y en los discursos políticos y patrimoniales, prevaleciendo, asociando y “marcando” el lugar vinculándolo - casi exclusivamente - a la presencia negra.

Los valores atribuidos al bien declarado patrimonio y que deben ser preservados, hacen

---

<sup>22</sup> Entrevista de Joelma Farias Cornejo concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho en Alagoas, 02 de marzo de 2020.

<sup>23</sup> Entrevista de Siloé Soares de Amorim concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho en Alagoas, 04 de marzo de 2020.

referencia a los testimonios materiales históricos como lugar que representó no solo uno de los quilombos más importantes, como la ocupación de otras etnias, entre ellas las indígenas verificadas en los vestigios y artefactos arqueológicos, así como por los valores paisajísticos que expresan la relación morfológica y topográfica a los procesos culturales, factores estos siempre preponderantes para la ocupación humana (DOSSIER, 2017, p. 49-79).

En cuanto *place branding*, ha quedado claro que el lugar se marcó principalmente por la presencia negra, silenciando o dando menos destaque a la permanencia indígena, y no integrando ningún aspecto ni participación de la “ocupación blanca” posterior a la destrucción del quilombo. Los trabajos arqueológicos han demostrado que la “arqueología se puede transformar en una pieza de ajedrez en el juego político. El riesgo en ese juego es la exclusión de otras voces históricas” (ALLEN, 2006, p. 98). Según Allen, cabe a los arqueólogos comprender los contextos dentro de los cuales operan, sin perder las exigencias científicas “al lado de nuestra responsabilidad social” (ALLEN, 2006, p. 98).

Diversos grupos afro-descendientes se han comprometido y vinculado fuertemente desde sus lugares de actuación (religiosos, culturales, académicos) a “defender” y promover ese patrimonio a través de prácticas que entienden ancestrales y que los vinculan con su pasado “negro”. Uno de esos grupos son los *capoeiristas*. El Mestre Cláudio (que nació en el Estado de Rio de Janeiro y vive en Alagoas hace más de 30 años) al referirse a la ancestralidad y su conexión con ese espacio, contó que su primera experiencia en el local fue un 20 de noviembre de 1985. Desde entonces fue habitual estar en la Sierra da Barriga en esa fecha conmemorativa. A partir de 2001, comenzó a trabajar con Zezito de Araújo (otro colaborador de esta investigación mencionado anteriormente) en la Secretaría de Defensa a las Minorías y asumió el cargo de coordinador de *capoeira* en la Sierra en los eventos del 20 de noviembre - *Dia Nacional da Consciência Negra* - reforzando lo significativo que ese día y esas actividades tienen para los activistas del Movimiento Negro. Este aspecto será destacado en el Dossier, al mencionar la numerosa presencia de *capoeiristas* en ese día, conectando “la importancia simbólica del Quilombo de los Palmares a los practicantes de capoeira, a partir de la construcción de las expresiones socio-culturales, de pertenencia colectiva y respeto a la memoria y a la ancestralidad (DOSSIER, 2017, p. 93), reafirmando los aspectos intangibles de este patrimonio.

Desde la academia el historiador, profesor universitario y activista, perteneciente también al Movimiento Negro, el Dr. Clébio de Araújo, reafirma que es necesario

[...] pensar la continuidad histórica de esa figura, *Zumbi dos Palmares*, por qué? Porque percibimos que el Estado brasileiro, y las elites que coordinan ese Estado en la imposibilidad de borrar totalmente Zumbi y los Palmares de la historia, que hicieron? Ellos resignificaron y se apropiaron, a través de una narrativa, se apropiaron de Palmares y de Zumbi pero se apropiaron [...] colocando *Zumbi dos Palmares* y los Palmares como algo que aconteció, y sucedió y terminó en el pasado, como algo que está allá, congelado en el pasado y que se termina ahí. Entonces, es ese acto historiográfico, ese acto en la memoria es lo que explica, por ejemplo, que los negros del presente en Alagoas no se piensa como una continuidad de *Zumbi dos Palmares*... (ARAÚJO, 2020).

Según lo expresado por Araújo queda claro que la reconstrucción histórica se ha focalizado en aspectos del pasado sin establecer las continuidades presentes, sin conectar elementos de reivindicación memorial, social, económica y cultural de estos grupos históricamente desplazados,

que sienten que han sido tratados de forma desigual, reforzando problemáticas (de todo tipo) que tienen sus efectos en la actual conformación de la sociedad brasileña y en las sistemáticas desigualdades que enfrentan. La consagración de este patrimonio “Sierra de la Barriga”, viene a cubrir además de una demanda concreta sobre ese legado, demandas de reconocimiento histórico, de su presencia social, de su importancia para la conformación identitaria y cultural del país, así como reconectar aspectos actuales que entienden forman parte de una memoria colectiva que surgió en el período colonial a partir de la migración forzada de africanos a América.

## CONSIDERACIONES FINALES

La Sierra de la Barriga, en Alagoas, fue sede del mayor asentamiento de fugitivos del sistema esclavista en Brasil, fue palco de la destrucción del mismo, y del posterior establecimiento de poblaciones blancas y mestizas que no tuvieron conexión con el pasado indígena y negro. Hoy es resignificada a través de su “marca” patrimonial que lo vincula prioritariamente con el pasado afro y afro-descendiente. La presencia indígena es poco destacada como ya se observó, y la dificultad de integrar otras voces provenientes de la ocupación posterior a la destrucción del quilombo ha quedado demostrada a lo largo de este análisis.

Asimismo, desde la década de 1970, la región se transformó simbólica y políticamente en la “bandera” del Movimiento Negro, que se apoyó en ese suelo considerado “sagrado” para demostrar su importancia, su historia de resistencia, su herencia cultural como un todo y así valorizar y dar visibilidad a la cultura afro-brasilera. A partir de allí, se produjo una escalada de reconocimientos patrimoniales que parten de lo local para ir luego a su consagración como patrimonio nacional (en 1986) y recientemente (2017) internacional-regional, en la medida que integra la lista de bienes considerados Patrimonio Cultural del Mercosur, que al mismo tiempo desencadena otros efectos que podrán seguirse estudiando.

Ese patrimonio y lo que se construye o mejor dicho re-construye en cuanto *place branding*, forma parte del legado de esos *mocambos* y quilombos que en el presente tienen demandas puntuales que se apoyan en aquel pasado para legitimarlas.

Como pudo observarse se está ante desafíos para su mantenimiento y sobre todo para la gestión de ese patrimonio, que como se verificó es vivo, en la medida que la comunidad que promovió su patrimonialización, resignifica y revive elementos memoriales y culturales, que lo conectan con el período histórico, pero sobre todo con las diversas demandas actuales de una población que ha sido sistemáticamente afectada por la desigualdad y la exclusión.

Coexisten entonces múltiples interpretaciones y apropiaciones que no parecen ser conciliables.

Queda claro que, por el momento la Sierra de la Barriga ha sido “marcada” fuertemente por una apropiación política e ideológica que encuentra en aspectos culturales afro y afro-descendiente una manera de destacar un pasado de opresión, pero también de resistencia. Se apoya en componentes

de la cultura viva que han llegado hasta el presente, asociado a la ancestralidad, a las religiones de matriz africana, a las prácticas culturales como la *capoeira*, elementos estos más intangibles de los que materialmente verificables en las excavaciones del sitio.

A partir de lo presentado anteriormente es posible observar las tensiones entre el uso de determinados aspectos del pasado histórico del “Quilombo dos Palmares”, para reafirmar los discursos político-patrimoniales y las evidencias obtenidas del trabajo arqueológico, a lo que se suma la difícil y aparentemente inconciliable presencia blanca de más de 300 años, que va desde fines del siglo XVII, cuando se “aniquiló” el quilombo, al presente.

## FUENTES ORALES

- AMORIM, Siloé Soares de. Entrevista concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho. 04 de marzo de 2020, Maceió/Alagoas.
- ARAÚJO, Clébio Correia de. Entrevista concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho. 04 de marzo de 2020, Maceió/Alagoas.
- CORNEJO, Joelma Farias Silva de. "Joelma Farias". Entrevista concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho. 02 de marzo de 2020, Maceió/Alagoas.
- LEITE, Severino Cláudio Figueiredo. "Mestre Cláudio". Entrevista concedida a Ana María Sosa González y Rayanne Matias Villarinho. 29 de febrero de 2020, Maceió/Alagoas.

## REFERENCIAS

- AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*. Paraná. Edição Inverno 1998. 3(2), p. 115-137, 2007. Disponible en: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2063> Acceso: 20 de junio de 2021.
- ALLEN, Scott Joseph. Identidades em jogo: negros, índios e a Arqueologia na Serra da Barriga. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; ELIAS, Juliana Lopes (orgs). *Índios do Nordeste: temas e problemas 2*. Editora UFAL, 2000, p. 245-275. Disponible en: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/246881> Acceso: 20 de junio de 2021.
- ALLEN, Scott Joseph. As vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. *Revista CLIO Arqueológica*. Recife. PPGARQ - UFPE. n (20). 2006. Disponible en: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/246881> Acceso: 21 de junio de 2021.
- ANTÔNIO FILHO, Fadel David. Sobre a palavra "sertão": origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). *Ciência Geográfica*. Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro. 2011. Disponible en: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV\\_1/AGB\\_dez2011\\_artigos\\_versao\\_internet/AGB\\_dez2011\\_11.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf) Acceso: 21 de junio de 2021.
- BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 95.85*. Disponible en: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/d95855.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/d95855.htm). 21 de marzo de 1988. Acceso: 20 de junio de 2021.
- BRASIL. *Decreto nº 96.038*. Disponible en: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=96038&ano=1988&ato=d68c3Zq5UNBpWTaa7>. 12 de mayo de 1988. Acceso: 20 de junio de 2021.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares (FCP). *Página oficial: Legislação e regimento*. Disponible en: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=106](http://www.palmares.gov.br/?page_id=106). 2021. Acceso: 23 de junio de 2021.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares (FCP). *Anexo: Regimento Interno da Fundação Cultural Palmares*. Disponible en: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/regimento->

[interno-anexo-2021.pdf](#)> 2009. Acceso: 23 de junio de 2021.

- BRASIL. Fundação Cultural Palmares (FCP). *Comitê Gestor da Serra da Barriga toma posse no dia 27 de março*. Disponible en <http://www.palmares.gov.br/?p=49430>> 2018. Acceso: 24 de junio de 2021.
- BRASIL. IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Dossiê de Candidatura da Serra da Barriga, parte mais alcantilada - Quilombo dos Palmares a Patrimônio Cultural do Mercosul*. Fidelity Translations. Editora Cuba, 2017.
- CORNEJO, Joelma. *O patrimônio como campo de disputa: Serra da Barriga e a fragmentação dos instrumentos de reconhecimento de bens culturais*. (Dissertação) Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Alagoas, 2020. Disponible en: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao\\_Mestrado-Joelma\\_Cornejo.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Mestrado-Joelma_Cornejo.pdf) Acceso: 20 de junio de 2021.
- CORREIA, Rosa. *Como os negócios dos Palmares: uma nova história de resistência na Serra da Barriga-AL*. (Tese). Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2016. Disponible en: <https://ppgsa.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/tese%20Rosa%20Correia%202016.pdf> Acceso: 2 de marzo de 2020.
- FUNARI, Pedro. A “República de Palmares” e a arqueologia da Serra da Barriga. *Revista USP*. São Paulo (28), p.6-13, 1996. Disponible en: <https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/2154> Acceso: 20 de junio de 2021.
- FUNARI, Pedro. Contribuições da Arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares. *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, MS, 3(6): p. 79-90, 1999.
- FUNARI, Pedro; ORSER, Charles. Pesquisa Arqueológica inicial em Palmares. *Estudos ibero-americanos*. PUCRS. v. XVIII, n. 2, p. 53-69, 1992. Disponible en: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/29225> Acceso: 20 de junio de 2021.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. 1ª Edição, São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- KLEIN, Herbert. A Demografia do Tráfico Atlântico de Escravos para o Brasil. *Estudos Econômicos*. São Paulo. 17(2), p. 129-149, 1987. Disponible en: <https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/Klein.pdf> Acceso: 20 de junio de 2021.
- MERCOSUR. *Página Oficial: Cultura*. Disponible en: <https://www.mercosur.int/pt-br/temas/cultura/>> Acceso: 25 de junio de 2021.
- ORSER JR, Charles; FUNARI, Pedro. Arqueologia da Resistência escrava. *Cadernos do LEPAARQ*. Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPel. v. 1. n. 2, p. 11-25, 2004. Disponible en: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/809> Acceso: 20 de junio de 2021.
- PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 67-73. 2000.
- REGO, Waldeloir. O Termo Capoeira. In: REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Editora Itapoan, Salvador, 1968, p. 17-27.
- REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. 2ª

reimpressão. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Emílio; RAPOSO, Daniel; MENEZES, Marizilda. Entre a imagem e a identidade de uma cidade Patrimônio Cultural. *Convergências - Revista de Investigação e Ensino de Artes*. Volume XI (21). [eletrônico]. 2018. Disponível em: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=289> Acesso: 20 de junho de 2021.

SANTOS, Christian; BRACHT, Fabiano; CONCEIÇÃO, Gisele. Esta que “é uma das delícias, e mimos desta terra...”: o uso indígena do tabaco (*N. rustica* e *N. tabacum*) nos relatos de cronistas, viajantes e filósofos naturais dos séculos XVI e XVII. *Revista Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul, p. 119-131, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/ZMwxrLh4ZJwCyjXKdBVkJQmj/abstract/?lang=pt> Acesso: 20 de junho de 2021.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Lívia Oliveira. Editora Edue. 2Ed. Londrina. 2015.

**MARCA DE LUGAR, ARTE URBANO Y PATRIMONIO. EL DESARROLLO HUMANO DEL CENTRO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE MÉXICO A PARTIR DE LA INTEGRACIÓN PLÁSTICA PARTICIPATIVA IMPULSADA POR LA FUNDACIÓN ORB**

PLACE MARK, URBAN ART AND HERITAGE. THE HUMAN DEVELOPMENT OF THE HISTORIC CENTER OF MEXICO CITY FROM THE PARTICIPATORY PLASTIC INTEGRATION PROMOTED BY THE ORB FOUNDATION

MARCA DE LUGAR, ARTE URBANA E PATRIMÔNIO. O DESENVOLVIMENTO HUMANO DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DO MÉXICO A PARTIR DA INTEGRAÇÃO PLÁSTICA PARTICIPATIVA PROMOVIDA PELA FUNDAÇÃO ORB.

José Antonio García Ayala  
Ricardo Chegues Morales  
Anali Medrano Zetina

Como citar este artigo:

AYALA, José Antonio García; MORALES, Ricardo Chegues; ZETINA, Anali Medrano. Marca de lugar, arte urbano y patrimonio. El desarrollo humano del Centro Histórico de la Ciudad de México a partir de la integración plástica participativa impulsada por la Fundación ORB. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 103-117, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 22/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412



José Antonio García Ayala <sup>a</sup>

Ricardo Chegues Morales <sup>b</sup>

Anali Medrano Zetina <sup>c</sup>

### Resumen:

Actualmente, el arte urbano es interpretado como una expresión creativa que dota al espacio urbano de carácter e identidad, impulsando una territorialización que refuerza el sentido de pertenencia socioterritorial. La Fundación ORB\* ha utilizado al arte urbano para fomentar un desarrollo humano sustentable a través del programa ISITIA, convirtiéndose en una herramienta de cambio a partir de la participación ciudadana. En el Centro Histórico de la Ciudad de México, esta asociación civil ha integrado plásticamente, a la arquitectura y los espacios públicos, las creaciones de distintos artistas urbanos y ciudadanos locales. Cada uno de estos murales ha producido una marca de lugar que humaniza y llena de color al paisaje urbano, demostrando el derecho a construir la urbe desde sus habitantes al revitalizar estos territorios. Con base en este recorrido presentado, que se desarrollará a continuación, se llega a concluir que estas intervenciones plásticas participativas funcionan como hologramas indivisibles interrelacionados con el tejido de la vida, donde se concretara el objetivo de explicar los efectos de este tipo de intervenciones artísticas en los entornos patrimoniales al “impensar” la ciudad desde el paradigma de la complejidad, la teoría de los sistemas complejos y la corriente sistémica, mismas que utilizan una metodología transdisciplinaria, e integran los aspectos históricos, las tradiciones y las costumbres que identifican a los lugares intervenidos.

\* La denominación ORB proviene de la unión de OR, que en hebreo se escribe así, אור, y significa “luz”, con B de la palabra “Orbe” que significa “Mundo”, y en conjunto significa: Luz del Mundo.

### Palabras-Clave:

Marca de lugar, arte urbano e ISITIA.

### Abstract:

Currently, urban art is interpreted as a creative expression that endows the urban space with character and identity, promoting a territorialization that reinforces the sense of socioterritorial belonging. The ORB\*\* Foundation has used urban art to promote sustainable human development through the ISITIA program, becoming a tool for change based on citizen participation. In the Historic Center of Mexico City, this civil association plastically integrated, to architecture and public spaces, the creations of different urban artists and local citizens. Each of these murals has produced a mark of place that humanizes and fills the urban landscape with color, demonstrating the right to build the city from its inhabitants by revitalizing these territories. Based on this route present, which will be developed below, it is concluded that these participatory plastic interventions function as indivisible holograms interrelated with the fabric of life, where the objective of explaining the effects of this type of artistic interventions in heritage environments will be specified while “unthink” the city from the paradigm of complexity, the theory of complex systems and the systemic current, same that use a transdisciplinary methodology, and integrate the historical aspects, the traditions and the customs that identify the intervened places.

\*\* The name ORB comes from the unión of OR, which in hebrew is written like this, אור, and means “light”, with B from the word “Orb” which means “World”, and together it means: Light of the World.

### Keywords:

Place mark, urban art and ISITIA.

### Resumo:

Atualmente, a arte urbana é interpretada como uma expressão criativa que dota o espaço urbano de caráter e identidade, promovendo uma territorialização que reforça o sentimento de pertencimento socioterritorial. A Fundação ORB\*\*\* tem usado a arte urbana para promover o desenvolvimento humano sustentável por meio do programa ISITIA, se tomando uma ferramenta de mudança baseada na participação do cidadão. No Centro Histórico da Cidade do México, esta associação civil integra plásticamente as criações de diferentes artistas urbanos e cidadãos locais em sua arquitetura e espaços públicos. Cada um destes murais produziu uma marca de lugar que humaniza e enche de cor a paisagem urbana, demonstrando o direito de construir a cidade de seus habitantes através da revitalização desses territórios. Com base neste percurso apresentado, que será desenvolvido a seguir, conclui-se que essas intervenções plásticas participativas funcionam como hologramas indivisíveis inter-relacionados com o tecido da vida, em que o objetivo de explicar os efeitos deste tipo de intervenções artísticas em ambientes patrimoniais será especificado por “impensar” uma cidade do paradigma da complexidade, da teoria dos sistemas complexos e da corrente sistêmica, mesmo que usam uma metodologia transdisciplinar, e integrar os aspectos históricos, as tradições e as costumes que identificam os lugares intervenidos.

\*\*\* O nome ORB vem da união de OR, que em hebraico é escrito assim, אור, e significa “luz”, com B da palavra “Orb” que significa “Mundo”, e juntos isso significa: Luz do Mundo.

### Palavras-Chave:

marca de lugar, arte urbana e ISITIA.

<sup>a</sup> Doctor en Urbanismo, profesor e investigador del Instituto Politécnico Nacional, quien apoyo económicamente al proyecto de investigación con registro SIP: 20211047, del cual se desprende este artículo; ORCID: 0000-0001-7757-3454.

<sup>b</sup> Alumno de la carrera de Ingeniero Arquitecto del Instituto Politécnico Nacional; realiza sus prácticas profesionales en el proyecto al proyecto con registro SIP: 20211047; ORCID: 0000-0001-7981-8654.

<sup>c</sup> Maestra en Ciencias de la Arquitectura, profesora del Instituto Politécnico Nacional, Doctorando en Ciencias en Arquitectura y Urbanismo, ORCID: 0000-0002-0410-6334.

## **EL ARTE URBANO Y LA TERRITORIALIZACIÓN EMOCIONAL Y CON SENTIDO DE LOS TERRITORIOS**

En la actualidad, el arte urbano a nivel global es percibido de forma distinta a como se veía anteriormente por la ciudadanía, debido a sus antecedentes vandálicos que lo asociaba a la inseguridad (por hacerse en la clandestinidad), y ahora se ha transformado en una manifestación artística pública, que forma parte de las agendas gubernamentales. El arte urbano es interpretado cada vez más como una expresión creativa que dota al espacio urbano de carácter e identidad a partir de los emosignificados<sup>1</sup> que produce, impulsando una territorialización emocional que refuerza el sentido de pertenencia socioterritorial ciudadano.

Este arte surge con la necesidad de expresar, de transmitir pensamientos, creencias sociales y culturales, al integrar sus elementos en lugares públicos para atraer a los espectadores. Suele tener un mensaje subversivo que critica con ironía a la sociedad, a la política, o simplemente impulsa la reflexión, dotando a estas obras de espontaneidad y sentido lúdico mediante técnicas como el stencil, el collage, el spray, las plantillas, las estampas, la serigrafía, entre otras.

Los artistas urbanos exhiben su arte en las calles no sólo para entablar un diálogo con la sociedad, sino para provocar cambios en la apariencia de los territorios que habitan, al recrear la realidad de quienes viven ese momento, y representarla. Aunque no todos los artistas buscan expresar sus pensamientos, sino transmitir sus sentimientos a la sociedad en obras artísticas heterogéneas para provocar, persuadir y llamar la atención a partir de distintas temáticas.

Según la concepción de Raffestin (NOGUEIRA 2020 p. 230-232) se entiende por territorio el espacio apropiado por un grupo social para asegurar la satisfacción de sus necesidades vitales, que pueden ser materiales o simbólicas y es producido, conservado y protegido por grupos de poder, en función de aspectos económicos, políticos, sociales y culturales; formando un sistema territorial en un momento y lugar determinado. Así, la apropiación del espacio puede ser útil y funcional o tener un carácter simbólico, es decir se puede formar en diferentes niveles: local, regional, nacional, pluri-nacional, mundial, por su naturaleza geográfica multiescalar.

Esta apropiación produce una territorialización como estrategia, al delimitar un territorio mediante un proceso de dominio (político y económico), o de la apropiación (simbólica y cultural) de un espacio. La territorialidad sugiere un control determinado por una persona, grupo social o étnico, o por un Estado, ya sea de tipo lineal o zonal. En el primer tipo se marcan límites hacia el exterior; el segundo se refiere a los diversos ámbitos de la vida social, orientados hacia los espacios interiores que suceden con distintos grupos sociales en las ciudades (NATES, 2011), quienes delimitan este territorio asociándolo a un paisaje particular.

El paisaje está estrechamente vinculado con el concepto geográfico de territorio, tomando fuerza en la última década por dos aspectos: 1) por el interés de un análisis global del entorno como traducción de un ecosistema; y 2) por el interés de la geografía cultural por la percepción vivencial del territorio, conduciendo al redescubrimiento del paisaje con el enfoque de la percepción terri-

---

<sup>1</sup> Los emosignificados son emociones con sentido simbólico.

torial, en donde los individuos incluyen en forma entremezclada su afectividad, su imaginario<sup>2</sup> y su aprendizaje sociocultural (GIMÉNEZ, 2007).

Aunque se piensa que el paisaje solo puede existir cuando es percibido por el ojo humano y vivido a través de su aparato sensorial, afectivo y estético, desde un enfoque complejo este es construido como resultado de una configuración integral de una porción de territorio local, y a veces regional, al que se le da unidad y significación.

Para Giménez (2007), la función primordial del paisaje es servir como símbolo metonímico, elemento visible del espacio percibido, o como visión fugitiva del territorio vivido por los individuos que lo producen, funcionando frecuentemente como referente privilegiado de la identidad socio-territorial, por lo que el territorio solo existe en cuanto es percibido y representado por los que lo habitan en forma de paisaje.

Así, el territorio, la territorialidad y la territorialización se dan de forma simultánea cuando se presenta la necesidad material e intelectual de contar con un espacio físico de significación. Estos procesos de territorialización emocional, y con sentido, se dan de diferente forma, dependiendo de la cultura de los habitantes, ya que habrá casos donde se marque el carácter específico de pertenencia al espacio, y otros donde pase desapercibido. Es así como, en la Ciudad de México, la asociación civil Fundación ORB, impulsa el desarrollo humano sustentable en grupos sociales y comunidades urbanas a través del arte; propiciando la significación de los entornos intervenidos en su calidad de territorios, favoreciendo la territorialización de estos por parte de los vecinos y los vecindados que los habitan.

Con ello, la Fundación ORB contribuye a la conformación de paisajes asociados a estos territorios, que permiten que sus habitantes fortalezcan su afectividad individual y colectiva; a partir de un imaginario que condensa de forma simbólica los elementos altamente significativos de estos entornos urbanos, desde la territorialidad y el proceso de territorialización que emana de sus ciudadanos; respaldando el sentido de pertenencia socio territorial con base en el arte urbano que crea marcas de lugar que distinguen a la Ciudad de México.

## **LA FUNDACIÓN ORB A.C. Y EL PROGRAMA ISITIA PARA FOMENTAR EL DESARROLLO HUMANO**

De acuerdo a diversos integrantes de la Fundación ORB Asociación Civil, esta institución interviene como una herramienta que favorece o potencializa el desarrollo de pueblos originarios, barrios urbanos en riesgo, grupos sociales y comunidades rurales, a través de una visión a futuro. Esto lo logra a través de su programa ISITIA, creado en el 2013, mismo año en que fue conformada la fundación. Cabe señalar que ISITIA es una palabra en náhuatl que significa “Despertar”, y fue usada

---

<sup>2</sup> Es un concepto acuñado en 1960 por Edgar Morin y por Gilbert Durant, que designa la representación simbólica de la realidad construida por una colectividad a través de su cultura, imaginación y memoria, integrada por la selección de los elementos más significativos que la componen.

para denominar este programa compuesto por 10 talleres, donde el objetivo es trazar un proyecto de vida que culmina con la realización de un mural participativo.

Como explican diversos miembros de la Fundación ORB, el significado de “Despertar”, en este caso, es enfocado más en un renacimiento de conciencia individual y colectiva, en encontrarse a uno mismo cuando la conciencia aparece para sí, desde el sentido de la manifestación de algo que estuvo presente o latente pero no se había revelado por completo. Es un detonador de la conciencia dormida, de la capacidad de uno mismo, y la capacidad de poder transmitirla mediante acciones individuales que sirven como los primeros pasos de un futuro al cual se anhela.

A lo largo de las observaciones participantes en diversas intervenciones en el territorio de la Fundación ORB, se pudo entender que estos principios básicos del despertar son fundamentales en el avance entre talleres y durante el programa se transmiten a través de actividades de introspección y empíricas. Es decir, si estamos en la búsqueda de un proyecto de vida esto significa pensar en el futuro; pensar en los factores personales y externos que pueden intervenir en la vida, sin olvidar el lugar de dónde venimos, nuestro territorio, ya que es conocido que hacer un análisis del mismo ayuda a entender también el presente que vivimos, y los cambios del lugar al paso de los años.

Así, para la Fundación ORB hacer un análisis del territorio permite identificar la importancia de nuestras decisiones en el pasado, y lo importante que estas serán para un futuro no muy lejano. De este modo, podemos saber si las decisiones actuales nos están llevando por buen camino. En este punto, es bueno recurrir siempre a la historia, desde un aspecto macro a uno micro, y viceversa, para entender la causalidad, el origen de una fenomenología social en determinados territorios, para entender por qué estos sitios tienen determinadas características.

Ello implica volver la mirada a un pasado en donde entendemos que diversos factores, personas, tomas de decisiones y alteraciones naturales fuera de cualquier influencia humana, han sido causantes de un ahora; donde no es lo mismo la sociedad y el comportamiento de la Ciudad de México después del terremoto de 1985; como tampoco lo es el comportamiento de una sociedad después de los estragos de una guerra o después de un año de sequías. Un ejemplo más cercano de esto es considerar que: no es lo mismo el comportamiento humano después de experimentar una pandemia.

Solo así entendemos el por qué la sociedad y la gente cambian a raíz de un suceso o una toma de decisiones. Reducir esto a un aspecto personal es entender que estamos viviendo un presente que es causa de un pasado (por lo que se sabe en estudios de psicología del desarrollo humano, el comportamiento de una persona no es el mismo a los 5 años de edad, ni a los 10, ni a los 15 o los 20, por el cambio en los aspectos familiares, sociales u hormonales que se convierten en grandes factores, especialmente en la etapa de la adolescencia, que va de los 11 a los 17 años aproximadamente, donde se da una importante búsqueda de identidad).

En la fase de la vida adolescente somos tan susceptibles a los entornos sociales, a una perspectiva de territorialidad, percibimos todo, y queremos todo, pero ¿qué es ese todo que nos rodea?, ¿cómo es el territorio que me rodea? Para la fundación ORB es fundamental que estas preguntas las respondan los adolescentes porque, contrario a lo que se piensa, regularmente ellos no son el futu-

ro, sino el presente, porque en este período se toman las decisiones trascendentales que tendrán relevancia en su provenir (como superar las condiciones adversas de su entorno urbano).

En este sentido para la Fundación ORB se vuelve factible el canalizar las ideas propias e ideologías del territorio en el que habitamos, por ello el programa ISITIA imparte diversos talleres dirigidos primordialmente a adolescentes, (aunque también puede a participar el público en general, ya que todos pueden cambiar independientemente de la edad); talleres en donde el objetivo de cada uno es ir despertando esta conciencia, un proceso de búsqueda de uno mismo con preguntas que puedan ser simples o complejas, como ¿quién soy?, ¿de dónde vengo?, ¿hacia dónde quiero ir?, con el fin de que una pregunta pueda llevar a otra con la finalidad de que, si son las adecuadas, nos orientan lo mejor posible a las respuestas correctas.

Durante este proceso es importante, a su vez, ir reconociendo nuestras fortalezas y debilidades, los gustos y los disgustos, entender de esta manera que una visión mejor enfocada y realista nos hará tomar mejores decisiones, y saber que estas decisiones formarán parte del territorio que habitamos, por eso para la Fundación ORB es importante, además, promover el sentido de reciprocidad durante todo el proceso del taller con inclusión y respeto, ya que los principios y valores son herramientas que ayudan al crecimiento personal y emocional; punto que explica la causa y el efecto de nuestra participación e influencia en cada lugar que habitemos. Es decir, de qué manera nuestros comportamientos son consecuencia, pero pueden ser efecto, para este mismo territorio.

Para la Fundación ORB la identificación con el territorio es uno de los elementos de suma importancia de este programa, debido a la relación espacio y persona. Sumando un poco el término de “*La Gestal*”<sup>3</sup> ¿qué tan propio sentimos el lugar que habitamos? No exactamente nuestra casa, sino la calle, la colonia, la comunidad, ¿nos son ajenas o simplemente existe un desapego emocional del territorio debido a la falta de identidad del mismo, o la falta de conocimiento de su identidad?

Para conectar con el pasado de mi territorio, habrá que saber cómo se fundó el lugar donde vivo, platicar del origen de sus festividades, conocer las costumbres, los primeros pobladores, con qué aspecto me siento identificado y con cuál no. Así para la Fundación ORB, los cuestionamientos pasan a las posibles respuestas, las cuales permiten una inmersión en uno mismo mientras se engloba al territorio como tal.

De acuerdo a diversos integrantes de la Fundación ORB, al finalizar los talleres, cada uno de los adolescentes debe presentar un proyecto de vida y un plan de mejoramiento barrial, siendo ellos los principales agentes de cambio, debido a que al finalizar, cada grupo lleva a cabo la pintura de un mural participativo, culminando este proceso con la representación pictórica, aunque también con una visión escrita o expuesta verbalmente. Desde este viaje interno, en conjunto con el análisis del territorio que habitan, se canalizan estas ideas y se da paso a un primer boceto del próximo mural a pintar, el cual permitirá englobar las ideas de los participantes del taller.

Como se observó al participar en las integraciones plásticas participativas de la Fundación ORB, la conceptualización del mural a pintar es diversa, así como lo son las comunidades, los barrios rurales,

---

<sup>3</sup> Es una teoría psicológica que proporciona explicaciones sobre la forma de percibir las cosas, y decidir con base en las “formas” que se crean.

las colonias o las calles dentro de un mismo país; esta parte corresponde a una canalización de ideas a símbolos para transformar todas las ideas, los sentimientos, los geosímbolos identificados, así como los usos y costumbres que se aprendieron durante los talleres; y de este modo dar lugar al boceto del próximo mural que se pintará en un punto estratégico del territorio, ya sea por su importancia, ubicación céntrica, lugar emblemático, mejoramiento de alguna fachada de una escuela, etc.

En estas observaciones se identificó que la participación durante la pintada del mural da como resultado la identificación del lugar. En el cierre de los talleres se presentan afectos e integraciones tras esta colaboración, ya que los participantes y las personas que se incluyan a este proceso de pintura perciben como suyo el mural, sienten que les pertenece tanto como la responsabilidad de apropiarse del lugar, de cuidarlo, de territorializarlo, porque este mural significó un sentido de trabajo, esfuerzo, pero sobre todo de pertenencia socio territorial.

## **LA INTEGRACIÓN PLÁSTICA EN EL CENTRO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE MÉXICO IMPULSADA POR LA FUNDACIÓN ORB**

La importancia del territorio en las características sociales, la equivalencia entre la territorialidad con el aspecto social, la influencia de una con la otra, la forma en que incluso las características sociales de un determinado lugar son completamente responsables de la circunstancia social a raíz de su historia, su pasado, y su presente: en la Ciudad de México nos encontramos con un punto céntrico en muchos aspectos, diverso y lleno de historia, con un folclor singular, con características particulares en la gastronomía, las leyendas urbanas, y una traza urbana que calle a calle cuenta la historia de muchas personas, para guardarlas en su memoria con ternura y respeto. También hallamos una importante mezcla de estilos arquitectónicos, desde el barroco, el clásico, el churrigueresco o el neoclásico, hasta un estilo ecléctico, un lenguaje arquitectónico contado de una forma tan particular que hablar de la Ciudad de México es hablar de su centro histórico, de su importancia, de su imponente fuerza y su patrimonio.

Un lugar lleno también de diversidad cultural, de arte, de oasis escondidos dentro de una mar de gente, de comerciantes, empresarios, toda una mezcla cultural de barrios abandonados o deteriorados a través del tiempo, inmuebles en recuperación o con un deterioro ya irreparable, pero arraigados a los ciudadanos que establecen un sentido de pertenencia socioterritorial a lo que llamamos patrimonio, ya sea por la importancia histórica, cultural o estética que guarda para un sector de la sociedad.

Existe un aspecto o una fenomenología de lo más interesante en el Centro Histórico de la Ciudad de México, cuando vemos que el arte y la arquitectura se llaman una a otra de la misma manera que se complementan. No es extraño ver este fenómeno en todas las calles que compone el entorno patrimonial. Si tomamos como punto de referencia el Palacio de Bellas Artes y sus representativos murales, y la forma de expresión artística barrial, vemos una complementariedad entre un arte privado y un arte de barrio, un arte de todos.

Aquí, es de suma importancia mencionar un término: “Integración Plástica”, que tuvo su lugar en México en la década de 1940 como un trabajo interdisciplinario entre arquitectura, pintura y escultura, con el propósito de hacerlas una sola, con identidad y valor estético. Como en su momento el pintor Carlos Mérida comentó respecto a este movimiento, se trataba de: “Arte para la masa, arte público a la vista de todos, para el goce emocional de todo el mundo, una forma de devolver a la pintura su función social” (GUADARRAMA PEÑA, 2019).

Entendiendo ambos puntos y la convergencia que existen entre las artes en México, como respuesta y consecuencia de los aspectos sociales del territorio, la Fundación ORB fomenta, y no solo impulsa, la integración plástica. Busca la participación social en el mismo proceso artístico. Como se mencionó antes, el programa ISITIA se caracteriza a grandes rasgos por una forma de participación gradual por medio de talleres, con un alcance de la visión de uno mismo y del territorio que habita. Desde esa fuente personal y de grupo se conceptualiza el mural a pintar.

Uno de los espacios urbanos que han sido intervenidos por la Fundación ORB es precisamente el Centro Histórico de la Ciudad de México, principalmente en su zona sur, una de las más degradadas en este Patrimonio Cultural de la Humanidad. Esta asociación se ha convertido, poco a poco, en una herramienta para catalizar las sinergias entre profesionales de distintas disciplinas y la ciudadanía en general. Integra plásticamente a la arquitectura y los espacios públicos, y/o recupera estos entornos patrimoniales con las creaciones de distintos artistas urbanos (en compañía de diferentes talleristas, gestores culturales y el apoyo barrial).

Como ejemplo de este proceso histórico de creación se encuentra el mural “El Corazón de la Merced” (figura 1), ubicado en la esquina de Avenida Circunvalación y calle Juan Cuamatzin, una intervención artística y cultural en una de las zonas más importantes de este centro histórico: la Merced, barrio que tuvo sus primeras edificaciones a finales del siglo XVI, y hoy en día alberga uno de los mercados más grandes de América Latina.

Para los integrantes de la Fundación ORB, un mural que abarque todo lo que representa La Merced no es cuestión solo de investigación de escritorio con base a libros, referencias bibliográficas, artículos y videos. Para conocer más de La Merced hay que vivirla, convivir con los locatarios del mercado, los comercios en su periferia, la gente del mismo barrio, la misma iglesia, los museos cercanos, pues existen estereotipos que marginan a este entorno patrimonial por su fama comercial, de inseguridad y prostitución; pero al adentrarse se da uno cuenta que eso solo forma una parte del calificativo que le han dado por años (pero que este espacio tiene más características por dentro que vale la pena conocer).



Figura 1. Mural “El Corazón de la Merced”. Fuente: Tomada por Sinergia Producciones MX para la Fundación ORB, 2019.

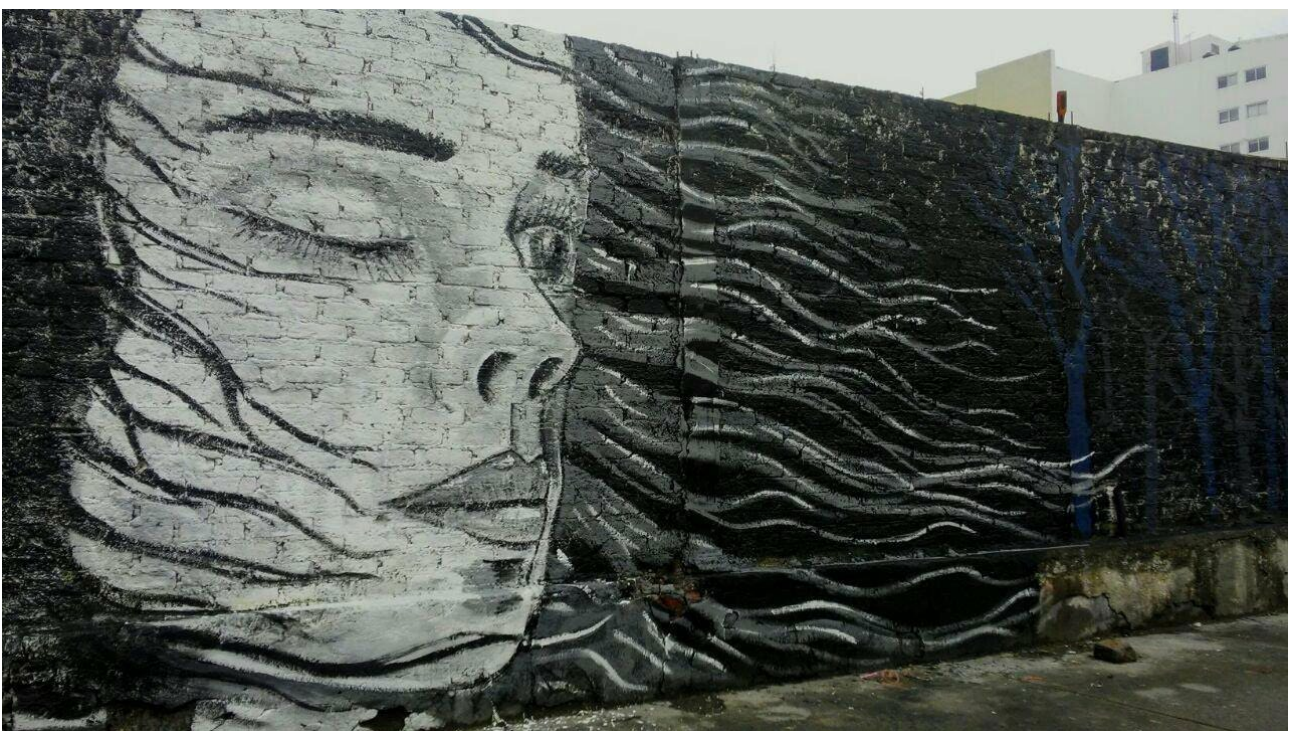


Figura 2. Mural en calle Nezahualcóyotl esquina con Eje Central Lázaro Cárdenas. Fuente: Ricardo Chegues Morales, 2017.

Otra intervención se encuentra en calle Nezahualcóyotl esquina con Eje Central Lázaro Cárdenas, mural (figura 2), que contaba la historia y la visión de un grupo de adolescentes del mismo barrio, que a su vez se recuperó de un espacio público que había sido un basurero por más de 10 años. Al presentarles la propuesta de taller, de intervención y rehabilitación del lugar, toda la gente colaboró, proyecto que no solo tuvo voz y alcance en el mismo barrio, sino aun fuera de este territorio.





Figura 3. Mural en Topacio 25. Fuente: Ricardo Chegues Morales, 2017.

Dos intervenciones más se encuentran en la colonia Doctores, entre la calle Dr. Pascua, esquina Dr. Andrade, un mural en conmemoración a los héroes anónimos del sismo del 19 de septiembre de 2017, y otro mural en calle Topacio N° 25, en la Merced (figura 3), que se realizó con un grupo de colaboración multidisciplinaria llamado ATEA, en un evento de nombre Wall Dialogue II, celebrado en el mismo año.

En estas intervenciones en estos entornos patrimoniales, cabe mencionar el aprendizaje con base en el sentido artístico y social de cada una de estas, donde se conjuga la integración plástica y el sentido de pertenencia socioterritorial, con relación al rescate de la identidad del lugar que se descubre durante el proceso, además de adquirir el compromiso de cada participante en la mejora barrial progresiva con el mismo tenor de participación.

Con ello se produce una marca de lugar que da paso a la creatividad, y esta misma a la creación no solo de arte, sino de relaciones humanas; una característica propia de la inclusión que de acuerdo a diversos integrantes de la Fundación ORB, el mismo programa ISITIA propone Unión+Diversidad=Fuerza, empoderando a la gente en un proceso de territorialización inclusivo donde ellos son los pilares, el cimiento más fuerte del territorio que habitan junto con sus paisajes. Y son ellos el principal agente de cambio, por medio del arte, porque es sabido que el arte sana y cambia, y por mucho tiempo más lo seguirá haciendo.

## LOS MURALES DE LA FUNDACIÓN ORB COMO MARCAS DEL LLUGAR DE LOS ENTORNOS PATRIMONIALES

Estos murales producen una marca de lugar que hace más conocido al entorno patrimonial donde se origina, motivando los itinerarios de turistas y visitantes de otras partes de la Ciudad de México dispuestos a disfrutar de esta obra artística que humaniza a un paisaje desprovisto de la riqueza cultural de sus ciudadanos y de la complejidad de las comunidades que lo habitan, las cuales hacen uso de su derecho a construir su ciudad mediante estas integraciones plásticas participativas, dando cuenta del poder local en el renacimiento de estos territorios.

Las cualidades de estos murales hacen que no pasen desapercibidos no solo por sus enormes dimensiones, sino por su gran colorido, que contrasta con el gris de las edificaciones de su alrededor, transformando estos territorios, que se ven complementados con los emoseñificados que transmiten, como los asociados a sus colores, texturas, a las aves, los coyotes, las serpientes, las plantas, las flores, los niños, las niñas, los hombres, las mujeres, e incluso los órganos de la anatomía humana como el corazón, que forman parte del imaginario expresado en estas obras de arte.

Imaginario que emana de aquel que configuran fundamentalmente los vecinos y vecindados que habitan este entorno patrimonial, y que desean expresar su sentir y sus pensamientos sobre este territorio por medio del diseño participativo, aspecto que hace a estos murales democráticos en sus temáticas y características, dejando un legado para las generaciones posteriores sobre su historia barrial a partir de estas marcas de lugar.

Estas marcas de lugar, producto de la identidad individual y colectiva de sus creadores, constituyen geosímbolos que distinguen a estos entornos patrimoniales; y en ellas se conjugan las herramientas y estrategias que pueden ayudar a crear identidades urbanas competitivas, funcionando como atracciones que convocan a los visitantes de otras partes de la Ciudad de México, así como a turistas, a visualizarlas e incluirlas en parte de sus itinerarios.

Las marcas de lugar han sido utilizadas por los gestores públicos y privados de países, regiones y ciudades, para obtener mayor presencia en un mundo cada vez más competitivo, y así convertir los lugares en sitios atractivos para cautivar a turistas, visitantes, inversores o residentes. De acuerdo con Robert Gover, la marca de lugar integra estrategias que posibilitan la producción de valor, e identifican a los lugares al incrementar la conciencia y mejorar las asociaciones de imágenes positivas, entendiendo que el lugar es un espacio apropiado de construcción, cooperación y de creación del propio lugar, un territorio de coincidencia y encuentro entre los sectores público, privado y social interesados (BRAD STRATEGY COLORS, 2018)

Los murales creados por la Fundación ORB y los residentes del Centro Histórico de la Ciudad de México, convierten a los muros que los albergan en geosímbolos; lo que les permite a sus creadores vivir la marca colectivamente, a través de sus tradiciones, historia y esencia, con base en el carácter único y distintivo de su paisaje, que es destacado por estas integraciones plásticas al definir y concretar lo particular de este territorio, a lo que se suma la autenticidad de esta obra de arte sustentada en la realidad y los valores auténticos expresados en sus diseños, así como su capacidad de

hacer memorable la experiencia identitaria asociada al entorno patrimonial (experiencia recordada por los visitantes y turistas, quienes desean volver, mientras que los residentes deseen permanecer al incrementar su sentido de pertenencia socioterritorial).

Es de resaltar las propiedades de estas marcas de lugar para la co-creación producida con base en una sólida coalición entre la Fundación ORB, el gobierno y los ciudadanos que habitan el entorno patrimonial, quienes son los encargados de su mantenimiento; a estas habrá que añadir su capacidad para convertirse en un factor integrador por medio de las experiencias que se conjuntan en sinergia con las cualidades anteriores, al estar en contacto directo con vecinos, vecindados, visitantes y turistas que son atraídos por la singularidad, la autenticidad y lo memorable de ese paisaje, es una oportunidad de tomar conciencia de las bondades inherentes al territorio donde se integran plásticamente, y de construirlo imaginativamente de acuerdo a sus deseos dentro de lo posible.

## **IMPENSAR LA CIUDAD A PARTIR DE LAS MARCAS DE LUGAR CREADAS POR LA INTEGRACIÓN PLÁSTICA PARTICIPATIVA.**

El anterior recorrido presentado, da pauta para llegar a las conclusiones presentadas a continuación que permiten concretar el objetivo de explicar los efectos de los murales participativos en los entornos patrimoniales en su papel de marcas de lugar con base en los resultados de una metodología transdisciplinaria tomando los aportes de la Antropología, la Arquitectura, el Urbanismo, la Filosofía y las Artes Plásticas, estructurada por medio de una investigación documental para conformar fundamentalmente en marco teórico-conceptual de la investigación, el cual se complementó con una investigación de campo realizada con base en entrevistas y observaciones participantes.

De este modo, la territorialidad es producida por el arte urbano a través de integraciones plásticas participativas en su papel de marcas de lugar, desde elementos que necesitan ser predecidos, abordados y gestionados con el fin de “impensar” (WALLERSTEIN, 2007, P. 55) desde el paradigma de la complejidad<sup>4</sup> (Morin, 1994), la teoría de los sistemas complejos<sup>5</sup> (GARCIA, 2006, p. 200); y la corriente sistémica<sup>6</sup> (CAPRA, 1995, p. 100-132), aspectos históricos, tradiciones y costumbres de estos territorios transformados, que cuentan con distintas interpretaciones de su carácter patrimonial.

Impensar los aspectos históricos, tradiciones y costumbres transformados por estas marcas de lugar de estos entornos patrimoniales, implica no solo repensar estas interrelaciones establecidas entre lo social y lo físico espacial a lo largo del tiempo, sino hacerlo a partir de principios epistemoló-

---

<sup>4</sup> Paradigma ideado por Edgar Morin que une en un mismo espacio y tiempo distintas lógicas heterogéneas inseparablemente asociadas en un tejido que presenta la lógica entre lo uno y lo múltiple.

<sup>5</sup> Enfoque teórico-metodológico propuesta por Rolando García, caracterizado por la articulación sistémica de los componentes de la realidad en la forma de un sistema no descomponible, cuyas partes no se entienden por separado, sino solo en su conjunto.

<sup>6</sup> Esta corriente planteada por Fritjof Capra explica como el Universo es un todo íntimamente interconectado, un flujo incesante de energía del que todos formamos parte, desde los paralelismos entre la ciencia occidental y el misticismo oriental.

gicos distintos a los empíricos (basados en la experiencia) y aprioristas (donde el conocimiento está dado a priori por una teoría) que han dominado las artes, las ciencias y las humanidades desde el siglo XIX, para utilizar otros que representan nuevas formas de construir el conocimiento, como el paradigma de la complejidad, la teoría de los sistemas complejos y la corriente sistémica de Capra.

Así, desde el paradigma de la complejidad, estas marcas de lugar que fueron posibles a partir de los murales impulsados por la Fundación ORB tienen que ser vistas desde la relación dialógica<sup>7</sup> entre los procesos de creación individual y colectiva característicos de los diseños participativos entre los adolescentes y demás integrantes de la comunidad, los talleristas y los artistas urbanos, que son distintos entre sí, pero a la vez complementarios al partir de la expresión individual de sus creadores, para llegar a producir una obra de arte comunitaria que enriquece la identidad urbana de los entornos patrimoniales donde se asientan, al interrelacionar en sus paisajes distintas visiones individuales, en una representación artística producto del imaginario del Centro Histórico de la Ciudad de México.

Además, habrá que considerar que estas marcas de lugar son producto de la identidad de los grupos sociales que habitan este entorno patrimonial, así como de la comunidad de creadores profesionales participantes, pero al mismo tiempo de su recursividad organizacional<sup>8</sup>. También son productoras de estas identidades colectivas que están integrando, a las cuales representan (al ser una forma de expresión de estas y de sus culturas producto de sus vivencias integradas a su territorio y paisaje).

Estas marcas de lugar funcionan como un holograma<sup>9</sup> que permite condensar una amplia gama de símbolos y significados, propios de las culturas de aquellos que las crearon, pero donde cada una de las representaciones que integran a este producto cultural, funcionan como un hipertexto que establece vínculos con formas simbólicas objetivadas, actualizadas y subjetivadas mucho más amplias, que significan a una cultura metropolitana, nacional o internacional. Una marca de lugar que produce efectos que son tanto consecuencia de la lógica interna de la comunidad del territorio donde se ubica, como de la lógica externa de las sociedades que la contienen a distintas escalas (que van del Centro Histórico de la Ciudad de México hasta el planeta mismo). Por consiguiente, un proceso de diseño participativo vivenciado por los artistas urbanos, los talleristas y los integrantes de la comunidad, a pesar de ser autónomo de otros, debe ser considerado en relación con las estrategias de intervención de la Fundación ORB.

En estas integraciones plásticas participativas emergen formas simbólicas y emoseñificados nuevos, producto de la interrelación entre estas marcas de lugar y los vecinos, avecindados, turistas y demás visitantes de este territorio, que no son reducibles a los significados asociados ni a esta obra artística, ni a las redes de sociabilidad compleja que convoca, y que retroactúan sobre el paisaje que

---

<sup>7</sup> Relación entre dos componentes opuestos entre sí, que son complementarios al necesitarse mutuamente para existir como el día y la noche.

<sup>8</sup> Relación entre un producto que es productor de sí mismo, como una forma simbólica producida por una cultura, que a su vez la transforma.

<sup>9</sup> Es un sistema cuyos componentes conforman un todo, donde el todo está en cada componente, que genera un todo interrelacionado.

les toca vivir, un paisaje que se muestra como borroso, y se opone a la idea de que estos símbolos y emoseñificados, propios de este territorio, se puedan plantear sin ambigüedad, pues en estos se mezclan sentidos y valores diversos producto de sus vivencias.

Por su parte, la teoría de los sistemas complejos permite identificar a estas marcas de lugar como complejas, integradas por prácticas y acciones colaborativas entre la Fundación ORB, los artistas urbanos, los talleristas y los miembros de la comunidad. Se trata de marcas que son indivisibles por la reciprocidad y la empatía que generan estas creaciones participativas, como lo mencionan sus protagonistas, y que no se pueden explicar por separado al estar organizadas mediante una estratificación de niveles de responsabilidad que van de la perteneciente a los ciudadanos, a la concerniente a los directivos de esta asociación civil, pasando por la de las autoridades gubernamentales o particulares que interaccionan entre sí, y que a la vez se articulan internamente, dentro de un proceso de conformación de esta obra de arte, y que afectan sus dimensiones económicas, administrativas, estéticas, culturales, sociales, políticas, ambientales, hasta éticas y espirituales, lo que no se da de forma lineal sino en sucesivas etapas de equilibrio que conducen a estados de relativa calma dentro de este proceso creativo vivenciado; proceso que es perturbado por factores que lo dinamizan hasta lograr crear esta marca del lugar, modificando las propiedades, las relaciones y las estructuras que se encuentran ínterdefinidas por esta.

Finalmente, desde la corriente sistémica de Capra habrá que entender a las marcas de lugar desde una visión hologramática para lograr un entendimiento ecológico de estas, al vincularlas con el tejido de la vida con base en su pertenencia a la infinita y extensa danza de la creación, donde la concepción ontológica<sup>10</sup> de un mural se sustenta en un enfoque de la realidad como un proceso creativo interrelacionado, donde su comprensión implica un análisis complejo, no aislado, que impacta en el desarrollo humano sustentable tanto de los que participan en su creación, como de los integrantes de la comunidad, artistas urbanos, talleristas y demás miembros de la Fundación ORB; en resumen, de todos aquellos que disfrutan del paisaje al que se integran y se vinculan no solo a un nivel óptico<sup>11</sup>, sino a un nivel ontológico.

---

<sup>10</sup> Conceptualizada por Martín Heidegger, es un abordaje de la realidad desde el interior del ser humano.

<sup>11</sup> Es aquello que se aprecia desde afuera del ente, al contemplarlo con pasividad, y se diferencia de lo ontológico porque éste último está vinculado al ser del ente y se ve desde adentro del mismo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARCIA, Rolando. *Sistemas Complejos: Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria*. Barcelona: Gedisa, 2006.
- BRAD STRATEGY COLORS. *Place Branding o la marca de lugar*. España, 2018. Disponible en: <https://www.columnacolors.com/es/>. Consultado en: 30 mayo 2021.
- CAPRA, Fritjof. *EL Tao de la física*. España, Editorial Sirio, S.A, 1995.
- GIMÉNEZ, Gilberto. *Territorio e identidad. Breve Introducción a la geografía cultural. Trayectorias Vol II, num. 17, 2007, p. 8-24*.
- GUADARRAMA, Guillermina. *La integración plástica, tres caminos*. Piso 9 Investigación y Archivo de Artes Visuales. Secretaría de Cultura. INBAL. Centro Nacional de Investigación, Documentación e Información de Artes Plásticas. México, 2019. Disponible en: <https://piso9.net/la-integracion-plastica-tres-caminos/#:~:text=Como%20dec%C3%ADa%20Carlos%20M%C3%A9rida%2C%20era,pero%20ten%C3%ADan%20el%20mismo%20objetivo>. Consultado en: 30 mayo 2021
- MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. España: Gedisa, 1994.
- NATES, Béatriz. *Soportes teóricos y etnográficos sobre conceptos de territorio. Scielo Co-herencia Vol. 8 num. 14, 2011, p. 209-215*. Disponible en: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-58872011000100009](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-58872011000100009). Consultado en: 30 mayo 2021.
- RAFFESTIN, Claude. *Territorio, frontera, poder. Revista Geographia Vol. 22. num. 48, 2020, p. 230-232*. Disponible en: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo2925090-claude-raffestin-%E2%80%93-territorio-frontera-poder](https://redib.org/Record/oai_articulo2925090-claude-raffestin-%E2%80%93-territorio-frontera-poder). Consultado en: 30 mayo 2021.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar las ciencias sociales. Límites de los paradigmas decimonónicos*. México: Mundo del Siglo XXI, 2007.

**OS CASARÕES DA SETE: ENTRE EDIFICAÇÕES DEMOLIDAS E CENÁRIOS  
CONSTRUÍDOS NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS/AM (1998-2010)**

OS CASARÕES DA SETE: AMONG DEMOLISHED BUILDINGS AND SCENARIOS  
BUILT IN THE HISTORIC CENTER OF MANAUS/AM (1998-2010)

Flávia de Oliveira Fernandes  
Tatiana de Lima Pedrosa Santos

Como citar este artigo:

FERNANDES, Flávia de Oliveira; SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. Os Casarões da Sete: entre edificações demolidas e cenários construídos no Centro Histórico de Manaus/AM (1998-2010). Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 118-145, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 06/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Os Casarões da Sete: entre edificações demolidas e cenários construídos no Centro Histórico de Manaus/AM (1998-2010)\***

### **Os Casarões da Sete: Among demolished buildings and scenarios built in the Historic Center of Manaus/AM (1998-2010)**

Flávia de Oliveira Fernandes<sup>a</sup>  
Tatiana de Lima Pedrosa Santos<sup>b</sup>

#### **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo analisar os discursos sobre o patrimônio histórico imóvel de Manaus, através dos Casarões da Sete, um conjunto arquitetônico, localizado na Avenida Sete de Setembro no bairro Centro da cidade de Manaus, restaurado no ano de 1998 e demolido entre os anos de 2008 e 2010, o que se caracteriza como ações contraditórias realizadas pelo próprio Estado do Amazonas. Desta forma, nos questionamos sobre quais narrativas guiam as referências e políticas do patrimônio na cidade de Manaus? Traçamos, então, uma contextualização dos embates em torno dos bens culturais através da modificação no entorno dos imóveis e discutimos a questão jurídica frente à demolição. Enquanto metodologia, este estudo de caso é de cunho qualitativo, tendo como prerrogativas, o contexto, a interpretação e o olhar crítico, contando com um campo de abordagem interdisciplinar entre as áreas do conhecimento que tem como tema os estudos do patrimônio cultural.

#### **Abstract:**

This article aims to analyze the discourses on the immovable historical heritage of Manaus, through the Casarões da Sete, an architectural complex, located on Avenida Sete de Setembro in the Centro district of the city of Manaus, restored in 1998 and demolished between the years 2008 and 2010, which are characterized as contradictory actions carried out by the State of Amazonas itself. Thus, we ask ourselves about which narratives guide the references and policies of heritage in the city of Manaus? We traced then, a contextualization of the conflicts around cultural assets through the modification of the surroundings of the properties and also discussed the legal issue towards the demolition. As a methodology, this case study is of a qualitative nature, having as prerogatives the context, interpretation and critical eye, counting on an interdisciplinary field of approach among the areas of knowledge that have as their theme the studies of cultural heritage.

#### **Palavras-Chave:**

Patrimônio Histórico Imóvel; Casarões da Sete; Manaus; Políticas Patrimoniais; Interdisciplinaridade.

#### **Keywords:**

Immovable Historical Heritage; Casarões da Sete; Manaus; Patrimonial Policies; Interdisciplinarity.

\* Este artigo apresenta um recorte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada Políticas Públicas e Patrimônio nos Casarões da Sete, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e defendida no ano de 2021 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA).

<sup>a</sup> Mestra em Ciências Humanas, com área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Bacharela em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Licenciada em História pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Pesquisadora no grupo de pesquisa do CNPq – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-3344-0112>. E-mail: [flavia.dof3@gmail.com](mailto:flavia.dof3@gmail.com)

<sup>b</sup> Doutora e Mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq (NIPAAM). Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, SEC-AM. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4642-0444>. E-mail: [tatixpedrosa@yahoo.com.br](mailto:tatixpedrosa@yahoo.com.br)



## INTRODUÇÃO

Os “Casarões da Sete” é uma denominação dada pela equipe de arqueologia da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas (SEC-AM), vinculada ao Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, a um conjunto de quatro casarões geminados que foram demolidos parcialmente no ano de 2010 (Figura 1), devido as obras do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM)<sup>1</sup> para serem transformados no Salão de Eventos Culturais Rio Solimões, também conhecido como Salão Rio Solimões (Figura 2), integrado ao Parque Senador Jefferson Péres e anexado ao Centro Cultural Palácio Rio Negro (CCPRN). O sítio histórico foi chamado de Manaus Casarões da 7, localizado na Avenida Sete de Setembro, entre a 1ª e a 2ª Ponte Romana, no bairro Centro na cidade de Manaus<sup>2</sup>.



Figura 1. Demolição dos 4 Casarões geminados no ano de 2010. Fonte: Blog Palavra do Fingidor. Disponível em: <http://palavradofingidor.blogspot.com/2010/01/crime-de-lesa-patrimonio.html>



Figura 2. Foto tirada em 2021 do Salão de Eventos Culturais Rio Solimões. Fonte: Flávia Fernandes, 2021.

No dia 04 de janeiro de 2010, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) recebeu uma denúncia sobre a demolição ilegal de um conjunto de quatro casarões centenários, a obra fazia parte do PROSAMIM a cargo da Construtora Andrade Gutierrez. Então, emergencialmente a equipe de arqueologia da SEC-AM foi até o local para identificar materiais de possível interesse para a arqueologia. Foram identificadas, por exemplo, a imagem de uma Santa da Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição, considerada pela tradição religiosa e cultural a padroeira do Estado do Amazonas, um casal de pretos-velhos, um filtro inglês da fábrica *Cheavin's* de letra “D” (Figuras 3 e 4), além de muitos fragmentos de grés e vidros não coletados.

<sup>1</sup> Uma política pública que surgiu no ano de 2003 como iniciativa do Governo do Estado do Amazonas para tratar de problemáticas sociais, ambientais e urbanas dos igarapés de Manaus, pelo fato da ocupação das margens dos leitos para moradia, tendo o PROSAMIM assim algumas metas, como: a recuperação ambiental das bacias e da função de drenagem desses igarapés; o reordenamento urbano; o reassentamento de famílias; a melhoria nos serviços de abastecimento de água e redes de esgotamento sanitário; a transformação dos espaços recuperados para uso público, entre outros (DUTRA, 2018).

<sup>2</sup> Esse registro é apenas dado pelo laboratório de arqueologia da Secretária de Cultura do Estado do Amazonas (SEC-AM), não existindo, portanto, essa denominação no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia federal do Governo do Brasil, vinculada ao Ministério do Turismo, responsável pela preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial no país.



Figura 3. Casal de Pretos Velhos e Santa. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 4. Filtro Inglês da Fábrica Cheavin's de letra D. Fonte: Arquivo Pessoal.

O casal de pretos-velhos foi estudado pelas presentes pesquisadoras ainda no período de graduação em Arqueologia, primeiramente como projeto de iniciação científica, nos anos de 2015 e 2016, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e, posteriormente, como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Do terreiro à sala de estar: Um estudo arqueológico da cultura material de pretos-velhos do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, defendido no ano de 2017. Ao pesquisar sobre o contexto de identificação dessas peças, percebemos muitas lacunas e contradições sobre as edificações em si e sobre a demolição. O que nos levou a questionar sobre essa espacialidade, sobre os discursos do patrimônio, bem como sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural manauara e no modo como influencia na vida da população.

Ao investigarmos sobre essas demolições, descobrimos que o conjunto arquitetônico era muito maior, e outros 6 imóveis de variados estilos arquitetônicos e datados de diferentes épocas, haviam sido completamente demolidos pouco tempo antes, entre os anos de 2008 e 2009, por isso, ao utilizarmos o termo “Casarões da Sete” estamos nos referindo a todos esses 10 imóveis, que inclusive foram restaurados através de financiamento do próprio Estado do Amazonas no ano de 1998.

As intervenções ocorridas entre 2008 e 2010 estavam voltadas para criação de um cenário específico, o da virada do século XIX e início do século XX, marcado pela *Belle Époque* na Amazônia, mais especificamente em Manaus, fato que só foi possível devido ao *boom* da economia através do látex, seiva da seringueira, árvore nativa da Amazônia brasileira e o principal material da borracha, o chamado “ouro branco da Amazônia”, o que também ficou conhecido como período áureo da borracha, ocorrido entre 1870 e 1914. Essa euforia econômica e cultural gerada pelos lucros advindos desta exploração atraiu muitos olhares para essa região, acarretando, na transformação urbana da cidade de Manaus, e, conseqüentemente na migração de um imenso contingente de trabalhadores de todo o país em busca de riqueza fácil (MESQUITA, 2006). Começaram a ser erguidas as edificações

suntuosas com arquiteturas de diferentes tipos de traços estilísticos europeus, como o neoclássico, a *art nouveau* ou do ecletismo, construídas nesse período áureo, e que ainda hoje são utilizadas como objetos de desejo de um possível retorno a tal época, tornando-se alvos constantes das principais ações por parte da administração pública há anos.

A constituição do patrimônio cultural, considerado um direito do cidadão, durante muito tempo foi pensada através de determinados atores sociais que ocupam uma posição de legitimidade dada pelo Estado, os quais atribuem valores de forma democrática ou não, segundo Fonseca (2005, p. 29):

Considero que falar de uma política pública de preservação supõe não apenas levar em conta a representatividade do patrimônio oficial em termos da diversidade cultural brasileira e a abertura à participação social na produção e na gestão do patrimônio, como também as condições de apropriação desse universo simbólico por parte da população. E falar em democratização implica, nesse caso, considerar um conjunto de ações, em vários níveis, visando a desprivatizar esse campo.

Esta afirmação parte do pressuposto de que os patrimônios “históricos e artísticos” não são universos fechados com sentidos unívocos de uma nação coesa, mas devem ser entendidos de forma relacionada às práticas sociais e à objetificação de identidades coletivas (FONSECA, 2005). A participação social, apesar de ser muito defendida, infelizmente não é explorada em sua completude, ainda assim, no interior das próprias instituições as conduções podem se dar de formas também conflitantes.

Através do exposto passamos a nos questionar justamente sobre quais narrativas guiam as referências e políticas do patrimônio na cidade de Manaus? Logo, este trabalho tem como objetivo analisar esses discursos levantados a cerca do patrimônio histórico imóvel de Manaus, tomando como objeto de estudo os Casarões da Sete. Para isso, traçamos uma contextualização dos vários embates em torno desses bens culturais através da modificação realizada no entorno dos imóveis, do movimento de restauração a demolição, e apresentamos ainda os documentos referentes ao processo judicial instaurado sobre esta última ação, como o processo 01490.000001/2010-22 e o processo judicial nº 1032- 24.2013.4.01.3200 – “Demolição de quatro casarões antigos do Centro Histórico de Manaus”.

De cunho qualitativa, tendo como prerrogativas, o contexto, a interpretação e o olhar crítico, esta pesquisa contou com um campo de abordagem interdisciplinar entre as áreas do conhecimento que tomam como tema os estudos do patrimônio cultural. Quanto às técnicas adotadas, foi realizado um levantamento e análise de documentação primária: como os processos oficiais, jornais, iconografias. Em seguida, a realização de uma entrevista semiestruturada com o Prof. Dr. Otoni Mesquita, coordenador do projeto-piloto “Casas da Sete” da Secretaria de Cultura em 1997-1988; e, por fim, a documentação secundária englobando artigos, dissertações e teses que versam sobre a temática do patrimônio histórico edificado.

Este trabalho se subdivide em três seções, abordamos primeiramente a restauração realizada no ano de 1998, os objetivos, a metodologia e os resultados obtidos do projeto. Na seção seguinte, discutimos a demolição ocorrida entre 2008-2010 para a transformação do espaço no Parque Senador Jefferson Péres, e os processos instaurados para a apuração do ocorrido. Por último, apresentamos uma conexão entre as análises das seções anteriores, considerando as relações de poder e a escolha de retorno à *Belle Époque* como cenário a ser resgatado.

## DA RESTAURAÇÃO: O PROJETO-PILOTO “CASAS DA SETE”

A reabilitação de centros históricos aliada à valorização do patrimônio cultural está associada aos debates sobre o desenvolvimento sustentável através da otimização dos custos financeiros e ambientais por meio do aproveitamento da infraestrutura dessas áreas e pelo impulso da indústria turística. Por este ângulo, é possível deduzir que além da contribuição no desenvolvimento econômico e social, também promovem a preservação de seus bens culturais e potencializam identidades coletivas nesses espaços (FUNARI & PELEGRINI, 2009).

Com diferentes interesses, principalmente para uma proposta de criação de uma imagem considerada positiva, o Programa Manaus *Belle Époque* é um exemplo de política pública voltada para preservação e valorização do patrimônio histórico, porém, não foi a primeira experiência a este nível. Anteriormente a este Programa teve, em 1998, o Projeto-Piloto da SEC intitulado “Casas da Sete”, também chamado de “Projeto Canteiro-Escola Casas da Sete” ou Projeto Piloto “Fachadas da Sete de Setembro”, que consistia na recuperação da fachada de 11 imóveis – de usos residenciais e/ou comerciais – no entorno do Centro Cultural Palácio Rio Negro (CCPRN), localizado na Avenida Sete de Setembro entre a Ponte Romana I e a Ponte Romana II (Figura 5). Os casarões que tratamos nesta pesquisa compõem este projeto que é pioneiro na restauração de conjunto de edificações históricas na Avenida Sete de Setembro.

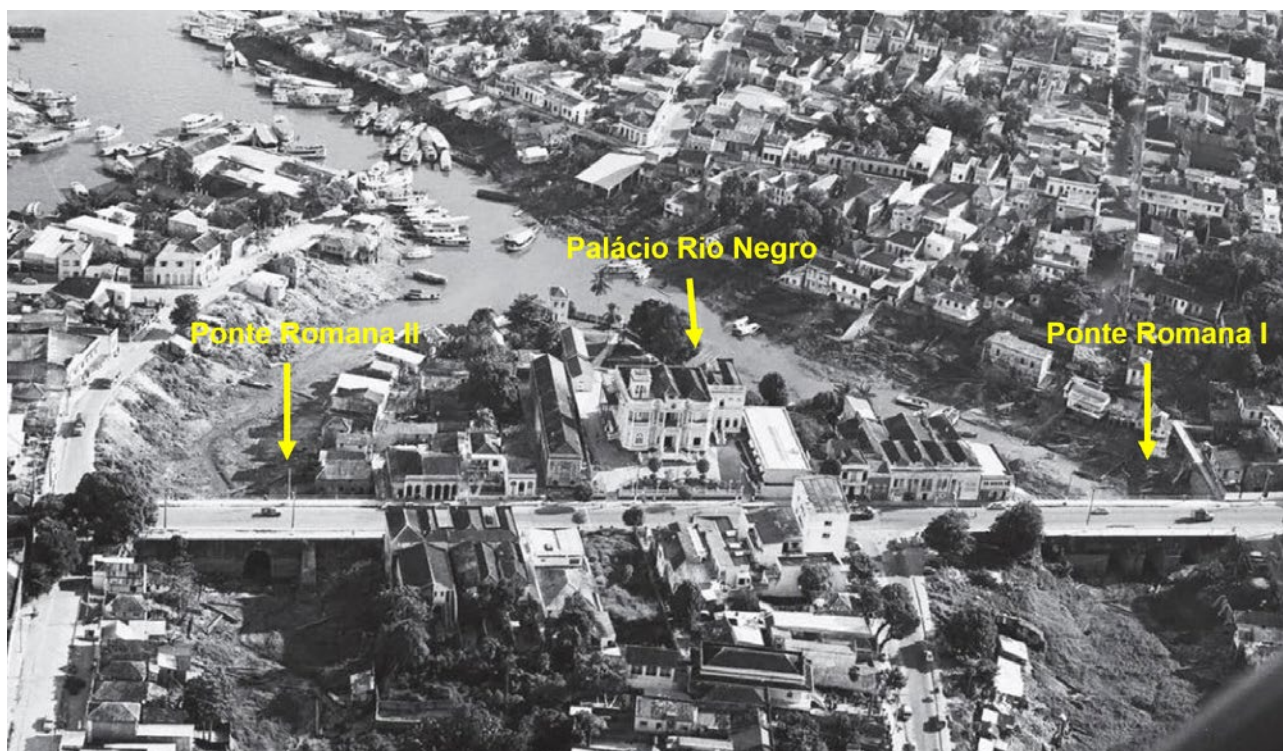


Figura 5. Visão aérea das pontes, Palácio Rio Negro e igarapés no período de vazante, final da década de 1960. Foto: Corrêa Lima. Acervo: Eduardo Braga. Fonte: Durango Duarte, 2009. (Adaptado pela autora).

Em 1997, a SEC-AM investiu na capacitação de seus funcionários por meio de diversas programações e projetos de aprimoramento em Técnicas de Restauro, como cursos, consultorias e eventos ministrados por profissionais da construção civil de todos os níveis – cerca de 600 profissionais – advindos de outras regiões do Brasil e de outros países também (CASTRO, 2008). Formou-se assim, mão de obra qualificada para intervenções em edificações históricas e o Projeto-Piloto “Casas da Sete” (Figura 6), de 1998, foi a primeira experiência da SEC-AM em intervenção de conjunto em área histórica e atividade prática dessa capacitação de trabalhadores.

### CASAS DA SETE



SITUAÇÃO ANTERIOR



SITUAÇÃO ATUAL

Figura 6. Sky-line do Projeto Casas da Sete, apresentando os imóveis vizinhos ao CCPRN antes e após a intervenção. Foto-montagem: Antônio Carlos Nascimento. Fonte: Márcia Honda Nascimento Castro, 2008, p. 117.

Entre os objetivos da revitalização dos imóveis no entorno do CCPRN, no trecho delimitado pelas pontes Romanas I e II na Avenida Sete de Setembro<sup>3</sup>, consistiam tanto na recuperação das fachadas quanto na valorização do conjunto arquitetônico, dando destaque ao CCPRN como um dos cartões de visita da cidade, o qual foi construído no período áureo da economia gomífera em Manaus, entre o final do século XIX e início do XX, para servir de residência ao comerciante alemão Karl Waldemar Scholz, um dos barões da borracha, o que ficou conhecido inicialmente como Palacete Scholz, porém, em 1918 foi adquirido pelo Estado do Amazonas passando a funcionar como sede do governo e residência do governador, sendo denominado de Palácio Rio Negro, permanecendo-se assim, até 1997, quando deixa de exercer a função de sede do governo para ser transformado em Centro Cultural Palácio Rio Negro.

O curso “Capacitação de Trabalhadores em Técnicas de Restauro de Bens Imóveis”, realizado em 1997, foi efetivado mediante a firmação de convênios de cooperação entre a SEC, o Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), e foi voltado para os próprios funcionários e técnicos de vários setores – dentre eles pedreiros, carpinteiros, ferreiros, pintores, mestre de obras, projetistas, arquitetos e engenheiros – do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH-SEC), profissionais que atuavam em obras de conservação e restauração de bens arquitetônicos. Os módulos oferecidos foram: “Introdução às Técnicas de Restauro, Conservação e

<sup>3</sup> Conforme Guimarães e Pereira (2012) passou por diferentes trocas de nomes, em ordem cronológica já foi: Rua Direita (1787); Rua Liberal (1831 a 1832); Rua Brasileira (1841); Rua do Sol (1844); Rua de Manaus (1866); Rua Brasileira (1879); Rua Municipal (1894 e 1895); Rua Fileto Pires (1897); Rua Municipal (1898; 1899; 1906; 1913 e 1915); Avenida Sete de Setembro (1922 e 1924); Avenida Efigênio Sales (Entre 1925 e 1929) e Avenida Sete de Setembro (1930 até hoje).

Recuperação de Bens Imóveis e Elementos Integrados” e “Recuperação de Pinturas Decorativas e Elementos Decorativos na Arquitetura.” (CASTRO, 2008; BARROS & ALBUQUERQUE, 2010; SANTOS, 2012).

Uma pesquisa realizada por duas estudantes de Arquitetura do Instituto Luterano de Ensino Superior de Manaus, Melissa Toledo e Márcia Honda Nascimento, sob orientação do professor Geraldo Valle, foi divulgada no jornal A Crítica do dia 3 de Agosto de 1997, onde apontam para alterações em casarões localizados nas ruas Dez de Julho, Monsenhor Coutinho, Ferreira Pena, Alexandre Amorim, Luiz Antony, Saldanha Marinho e avenidas Epaminondas, Joaquim Nabuco e Sete de Setembro. A maioria dessas modificações de fachadas e interiores ocorreu com o intuito de dar fins comerciais a tais casarões, sendo um exemplo disso, de um lado, a abertura de entradas nos porões para acesso facilitado dos clientes e a poluição visual através de letreiros e propagandas das lojas, ocupando muitas vezes quase toda a fachada. Por outro lado, as fachadas dos casarões utilizados como residências se encontravam com menos alterações. A imagem utilizada para ilustrar a matéria (Figura 7) é de parte dos imóveis correspondentes ao atual Salão Rio Solimões.



Figura 7. Recorte de jornal. Fonte: Jornal A Crítica, Manaus, Domingo, 3 de agosto de 1997.

Muitas dessas descaracterizações que esse patrimônio histórico vinha sofrendo ocorreram após a implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967, com a instalação do comércio de produtos importados para atender as novas demandas e o desenvolvimento do Distrito Industrial, espaço urbano com incentivos fiscais, de tamanho semelhante ao de um ou mais bairros ou até mesmo com tamanhos regionais, como é o caso de Manaus. Logo, não somente o Centro passou por modificações com a implantação de lojas do comércio da Zona Franca, mas também toda a cidade enfrentou novos problemas devido ao acelerado aumento demográfico com a mão de obra vinda do interior do Amazonas e de outros estados, além de problemas de saneamento básico, habitacional, a necessidade de abertura de estradas, entre outros (BARROS & ALBUQUERQUE, 2010).

Datando de diferentes épocas, alguns ainda da primeira década do século XX, outros dos anos 1930, 1940, 1950 e 1960, ressaltamos também os seus vários estilos arquitetônicos. As imagens, a seguir, correspondem aos imóveis que compuseram o projeto em destaque (Figuras 8, 9, 10 e 11), de um deles, inclusive, restava apenas a fachada.



Figura 8. Conjunto Arquitetônico localizado entre a ponte Romana I e o CCPRN, em 1997. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 9. Edificações localizadas entre o CCPRN e a ponte Romana II, em 1997. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 10. Imóvel localizado entre o CCPRN e a ponte Romana II, em 1997. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 11. Último imóvel do projeto localizado entre o CCPRN e a ponte Romana II, em 1997. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.

O projeto-piloto em discussão foi iniciado em julho de 1998 e finalizado em novembro do mesmo ano<sup>4</sup>. Foi uma das primeiras deliberações tomadas mediante a implantação da Coordenadoria do Patrimônio Histórico<sup>5</sup> da SEC-AM. A restauração das fachadas e coberturas do conjunto arquitetônico no entorno do CCPRN foi orientada para os problemas relacionados à cromatização, esquadrias, recomposição de elementos decorativos em estuque, telhado, entre outros, relacionados a elementos arquitetônicos (SILVA, 2013). A sequência das fotos, a seguir, corresponde aos imóveis após a restauração (Figura 12, 13, 14 e 15).



Figura 12. Conjunto Arquitetônico, após a restauração, localizado entre a ponte Romana I e o Palácio Rio Negro, em 1998. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 13. Edificações após a restauração, localizadas entre o Palácio Rio Negro e a ponte Romana II, em 1998. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 14. Imóvel após a restauração, localizado entre o Palácio Rio Negro e a ponte Romana II, em 1998. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.



Figura 15. Último imóvel do projeto, após a restauração, localizado entre o Palácio Rio Negro e a ponte Romana II, em 1998. Fonte: Otoni Mesquita. Acervo Pessoal.

A restauração se deu de forma gratuita, sem nenhum tipo de cobrança financeira aos proprietários dos imóveis históricos, e após a conclusão continuaram sendo utilizados com funções residenciais e comerciais, seja abrigando a cursos de computação, de barbearia, estúdios fotográficos

<sup>4</sup> Durante a gestão do governador Amazonino Mendes (1995-1999) e Robério Braga como Secretário de Cultura do Estado (1997-2018).

<sup>5</sup> Coordenado inicialmente pelo professor historiador da arte, jornalista e artista plástico Otoni Moreira de Mesquita.



ficos e quitandas de vendas de frutas, o que influenciou significativamente na boa aceitação dos proprietários, além de poderem usufruir de isenção total do IPTU, assegurado pela Lei nº 181, de 30 abril de 1993, sancionada pelo prefeito de Manaus, e que altera a legislação tributária relativa ao Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), dispondo de maneira mais favorável ao contribuinte. Assim:

Art. 7º - Ficam isentos do Imposto Sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana, pelo prazo de 5 (cinco) anos, os imóveis de interesse histórico ou cultural, assim reconhecidos pelo órgão municipal competente, que tenham suas fachadas e coberturas restauradas em suas características arquitetônicas originais.

Segundo entrevista cedida por Otoni Mesquita ao jornal A Crítica do dia 9 de agosto de 1998, o projeto influenciou e estimulou a população para a recuperação dos seus imóveis, e esse interesse foi demonstrado através de telefonemas e consultas feitas à Coordenadoria do Patrimônio.

A metodologia aplicada no projeto-piloto foi a de: levantamento fotográfico dos imóveis que compõem o grupo; estudo para recuperação das fachadas; elaboração de propostas de recuperação, contendo as interferências nos/dos aspectos arquitetônicos; criação de alternativas cromáticas, priorizando, no entanto, o resgate das cores originais a partir da prospecção; apresentação das propostas aos proprietários buscando envolvê-los no processo de recuperação do conjunto.

A experiência deste projeto-piloto definiu algumas diretrizes principais para os projetos de revitalizações conseguintes, como a busca pela originalidade e as adequações de uso quando necessárias, além de identificar a necessidade de profissionais específicos, materiais, recursos financeiros e o tempo médio de intervenção para se recuperar um imóvel (OLIVEIRA, 2004; CASTRO, 2008). Apesar disso, dez anos depois, essas ações realizadas e os resultados obtidos não foram levados em consideração ao decidirem pela demolição desses imóveis.

## **DA DEMOLIÇÃO: OS CASARÕES DA SETE**

Encontrando-se em área delimitada pela Lei Orgânica do Município de Manaus (LOMAN), de 1990, como Sítio Histórico e Centro Antigo da Cidade, o Palácio Rio Negro foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual pelo Decreto nº 5.218 em 3 de outubro de 1980, logo após uma restauração que conseguiu resgatar algumas de suas características originais (MESQUITA, 2006). Em 1997, como foi apontado anteriormente, antes política passou a exercer agora função cultural, o que levou em 1998 ao Projeto-Piloto “Casas da Sete”, para a valorização do seu entorno.

As intervenções de 1998 contribuíram para a harmonização visual do conjunto arquitetônico do entorno do CCPRN, além de ter se mostrado uma estratégia de alcance social para o patrimônio histórico no Centro da cidade, o que rendeu boa aceitação da população e certa curiosidade. Nesse momento tem-se uma dimensão de valor positivo, no qual se restauram esses imóveis, porém, em momento seguinte, 10 anos depois, o valor é transformado em negativo, havendo demolição de quase todos eles, isso porque passa a existir outra concepção cultural e institucional de modernida-

de que requer outras espacialidades. No caso em questão, devido às obras do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) para a construção do Parque Senador Jefferson Péres.

Ao pensar nessa dimensão das alternâncias de modernidade como construção espacial da cidade e essa demolição como parte dessa construção também, utilizamos da discussão levantada por Goyena (2010) ao tratar das técnicas e rituais de demolição de construções arquitetônicas. Este autor propõe que seja pensada num sentido menos acusatório e a própria noção de demolição como parte da construção. No entanto, como veremos no decorrer deste artigo, as ações partiram não de um planejamento com os órgãos responsáveis pelo patrimônio, mas de uma deliberação a partir do próprio Estado e envolta de muitas contradições.

Jorge (2003) argumenta que nas sociedades há dois tipos de pulsões expressas sobre o mundo material na chamada modernidade, de um lado, o impulso da criação – fazer algo novo – no qual também faz parte o impulso patrimonial – conservar o que tem valor. No outro, o extremo oposto, a pulsão destrutiva, em que se inaugura outro momento, deixando o anterior para trás. Ambos se encontram correlacionados no sentido de tanto se inaugurar fazendo, como desfazendo; conservando, como destruindo; Assim:

A modernidade, com a sua fúria destrutiva (rasgar avenidas, construir a partir do zero, abrir espaço, fazer novo) e a sua vontade “conservativa” (invenção suprema por excelência, que é querer conservar “patrimônio” para sempre, como uma entidade “lacada”) está aí para nos mostrar a coexistência destas duas atitudes aparentemente contraditórias (JORGE, 2003, p. 850).

Podemos estabelecer uma conexão com as demolições dos casarões ao pensarmos as dinâmicas da urbanização da cidade de Manaus e em como os modelos de modernidade vão sendo implementados na espacialidade. Por sua vez, desde o início da história urbana de Manaus, a cidade vive a problemática em que o modelo vigente requer determinado tipo de construção, mas, numa fase seguinte esse modelo já é outro e essas construções são demolidas para poderem ser espaços para construções do que é mais moderno no período.

Em 2006, foram iniciadas as obras do PROSAMIM I (primeira etapa do programa), o qual contou com recursos do próprio Governo do Estado do Amazonas, mas também do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Caixa Econômica Federal, com operacionalização e gestão administradas pela Unidade de Gerenciamento do Programa Social de Ambiental dos Igarapés de Manaus (UGPI). Foi priorizada, nesse primeiro momento, a bacia do Educandos, que tem como principais corpos hídricos os igarapés do Educandos, Quarenta, Cachoeirinha, Manaus, Bittencourt e Mestre Chico (DUTRA, 2018).

Nas intervenções dos Igarapés Manaus e Bittencourt<sup>6</sup>, dentre as várias problemáticas sociais e ambientais que o PROSAMIM tratava, estavam a drenagem da bacia, o saneamento básico, o urbanismo e a própria habitação, expostos mais especificamente na revitalização de tais igarapés e o reassentamento das famílias que viviam nos aglomerados de palafitas<sup>7</sup> às suas margens para os parques e conjuntos residenciais construídos nos mesmos locais, ou para outros mais distantes, e

<sup>6</sup> Passavam, respectivamente, abaixo das Pontes Romanas I e II.

<sup>7</sup> Casas de madeira construídas sobre as águas dos igarapés e sustentadas por estacas de madeira na vertical, na profundidade do igarapé (MENEHINI, 2012).

até mesmo com o ressarcimento através de indenizações (MENECHINI, 2012).

Tal aglomerado foi gerado pelo crescimento desordenado da cidade ao longo do século XX, principalmente com implantação da Zona Franca de Manaus em 1967 o que ocasionou grande aumento populacional, e também devido à imigração de pessoas vindas de vários estados e pelo êxodo rural dos municípios do interior do Amazonas a capital. A ocupação dessas áreas foi consequentemente acompanhada pela degradação ambiental, a visível falta de infraestrutura, ausência de água encanada e de um eficaz sistema de coleta de esgoto e lixo, que eram despejados nos igarapés.

Neste trabalho, deter-nos-emos apenas às ações que afetaram diretamente os casarões históricos no entorno em decorrência da transformação do espaço no Parque Senador Jefferson Péres, inaugurado no dia 01 de setembro de 2009 para servir de área de lazer, construído pelo aterro dos igarapés Manaus e Bittencourt (Figura 16) – impactando significativamente outros cursos d’água, e muitas outras situações, mas isto já é tema para outra pesquisa. O Programa não levou em consideração os esforços despendidos entre 1997 e 1998 no Projeto-Piloto “Casas da Sete”, o que ficou explícito pela demolição, sem autorização dos órgãos responsáveis, de quase todos os imóveis restaurados que compunham o projeto.



Figura 16. Entorno do CCPRN, obras de aterramento e revitalização realizadas pelo PROSAMIM, em 2008. Ao fundo, a ponte Padre Antônio Plácido. Foto: Mario de Oliveira. Acervo: Agecom. Fonte: Durango Duarte, 2009.

Na imagem acima, ao lado esquerdo do CCPRN, podemos visualizar que foram integralmente demolidos os imóveis de números 1590, 1582 e 1572 contemplados pelo projeto de 1998, e que somente a Vila Ninita não foi. No decorrer de 2008, 2009, e 2010, os imóveis do lado direito do CCPRN também foram demolidos – exceto a fachada dos casarões geminados –, nos quais, da

esquerda para a direita, respectivamente, encontrava-se a casa Genaro de nº 1486, que funcionou por décadas como mercearia; o imóvel onde funcionou o ETIAM de nº 1478, que oferecia cursos de informática e na década de 1990 possuía o nome de CENTTEC; os quatro casarões geminados de numerações 1456, 1462<sup>8</sup>, 1468 e 1472, que funcionavam como residência; e na década de 1990, um deles funcionava como barbearia e residência; e por último uma igreja Assembleia de Deus dos Milagres, unidade s/no., adjacente à unidade 1456. E que na parte detrás também servia como residência, e na década de 1990 funcionava como livraria/papelaria chamada Mania de Papel.

Apesar de terem sido demolições significativas, as repercussões só ocorreram quando os quatro casarões geminados de numerações 1456, 1462, 1468 e 1472 estavam sendo parcialmente demolidos em janeiro de 2010 (Figura 17). Foi quando o IPHAN-AM acionou o Ministério Público Federal (MPF) que instaurou procedimento administrativo para averiguação do ocorrido.



Figura 17. Foto tirada em janeiro de 2010 casarões geminados sendo demolidos. Foto: Clara Nihil. Fonte: Blog Palavra do Fingidor. Disponível em: <http://palavradofingidor.blogspot.com/2010/01/crime-de-lesa-patrimonio.html>

<sup>8</sup> Conforme a Nota Técnica nº 40/2020/COTEC IPHAN-AM/IPHAN-AM (SEI Nº2214275), gerada pelo pedido de acesso a informação ao IPHAN de informações sobre os imóveis, nos autos do processo 01490.000001/2010-22 a numeração do imóvel 1462 foi erroneamente citada diversas vezes como 1460.

De acordo com o Processo nº 01490.000001/2010-22, no dia 04 de janeiro de 2010, o IPHAN-AM recebeu denúncia sobre uma demolição irregular e arbitrária de um conjunto de quatro casarões centenários localizado na Avenida Sete de Setembro. Os técnicos do IPHAN-AM dirigiram-se até o local para verificação dos fatos, os quais foram confirmados e ocorriam com a utilização de máquinas escavadeiras de autoria da Construtora Andrade Gutierrez, integrando as obras do Parque Senador Jefferson Péres, no âmbito do PROSAMIM. Conforme a descrição dos técnicos do IPHAN-AM, no local não havia placa de identificação do engenheiro responsável pela obra e, após funcionários da construtora serem indagados, indicaram a SEC-AM.

Foram enviadas à SEC a Notificação 01/2010/Serviço Público Federal<sup>9</sup> e à Construtora Andrade Gutierrez a Notificação 02/2010/Serviço Público Federal para a imediata paralisação das obras; o IPHAN-AM também enviou o Ofício nº 003/2010/IPHAN/AM ao prefeito em exercício Amazonino Mendes, à Secretária Municipal de Cultura, ao Diretor Presidente do Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB) e ao Secretário Municipal de Infraestrutura, solicitando a adoção de providências cabíveis nas suas respectivas esferas de competência para a defesa do patrimônio cultural da cidade.

A partir de então, através das análises dos processos, ofícios, notas técnicas e outros documentos, percebemos que se deu início a uma acirrada disputa sobre as responsabilidades de tal ato e tentativas de isenções.

Conforme o Decreto Nº 7.176, de 10 de fevereiro de 2004, publicado no D.O.M. Nº 938 de 11 de fevereiro de 2004 e republicado no D.O.M. Nº 1018 de 14 de junho de 2004, esses bens estão inseridos no Setor Especial das Unidades de Interesse de Preservação do Centro Antigo de Manaus, e também constam na lista de Unidades de Preservação Histórica de 1º grau<sup>10</sup>, com a unidade de nº 1472 que ocupa a posição 274 no documento e descrita como conjunto de prédios residencial/serviços; e de 2º grau<sup>11</sup>, com as unidades de nº 1456 que ocupa a posição 1499 no documento; a unidade de nº 1462 ocupando a posição 1500; a unidade de nº 1468 ocupando a posição 1501, e novamente o de nº 1472 ocupando agora a posição 1502.

Por sua vez, não eram apenas os casarões geminados que estavam sob proteção do Departamento de Patrimônio Histórico do Estado. Através de um levantamento que fizemos nos anexos do decreto, identificamos ainda na listagem de Unidades de Preservação Histórica de 1º grau, a Vila Ninita, sem numeração, mas ocupando a posição 259 do documento; de 2º grau, os imóveis do lado esquerdo do CCPRN, sentido da ponte Romana II, de nº 1590 na posição 1508 do documento e o de nº 1582 na posição 1507; e os do lado direito entre a ponte Romana I, os de nº 1486 na posição 1505

<sup>9</sup> As notificações, ofícios e outros citados encontram-se no Processo nº 01490.000001/2010-22 e podem ser consultados através do link: <[https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)>.

<sup>10</sup> **Art. 5º** - As edificações classificadas como Unidades de Preservação de 1º Grau deverão conservar suas características originais, no respeito às suas fachadas, mantendo a mesma volumetria da edificação e a mesma taxa de ocupação do terreno, não podendo sofrer qualquer modificação física externa.

<sup>11</sup> **Art. 6º** - As edificações classificadas como Unidades de Preservação de 2º Grau deverão conservar as características mais marcantes da ambiência local, no que diz respeito às suas fachadas, volumetria atual da edificação e do conjunto onde está inserida.

do documento e nº 1478 na posição 1503, os quais já foram detalhados anteriormente, pertencendo ao conjunto restaurado em 1998 e demolidos completamente entre os anos de 2008 a 2009.

A Secretaria de Cultura tentou se isentar do ocorrido ao afirmar no Ofício nº 015/GS/SEC, que não era responsável pela obra de demolição dos imóveis de números 1456, 1462, 1468 e 1472, bem como não recebeu nenhum aviso da data em que se daria o início para que realizassem o seu acompanhamento. Informou ainda que a obra fazia parte do PROSAMIM a cargo da construtora Andrade Gutierrez, e que no projeto realizado pela Secretaria não estava prevista a demolição. Finalizando o ofício, afirmaram faltar competência jurídica ao IPHAN para intervir no caso, justificando que não havia tombamento federal nos imóveis e nem em sua vizinhança.

Em resposta, o IPHAN-AM envia o Ofício nº 006/2010/IPHAM/AM, argumentando que o conjunto arquitetônico é de relevante interesse de preservação, situado no entorno do CCPRN, bem tombado como patrimônio Estadual pelo Governo do Estado do Amazonas, através do Decreto nº 5.218 de 03 de outubro de 1980, e que foi objeto de restauração promovida em meados dos anos de 1998 pela mesma Secretaria de Cultura. Reforça que diante da inércia dos órgãos estaduais e municipais, o IPHAN-AM amparou-se no artigo 23 da Carta Maior e notificou não apenas a Secretaria, como também a empresa responsável pela condução das obras. Além do mais, estavam amparados pelo artigo 216 da Constituição Federal (1988), atribuindo a proteção ao bem jurídico que se constitui como Patrimônio Cultural Brasileiro, aí se incluindo a proteção, a conservação e a preservação dos bens situados no Centro Histórico de Manaus, protegidos pela LOMAN (1990) no artigo 342.

Sobre o artigo 23 da Constituição Federal de 1988, nos incisos III e IV definem:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

Portanto, a atuação dos estados e municípios em relação ao patrimônio foi conseguida através de uma maior autonomia no final da década de 1980, reforçado no artigo 23 nos incisos III e IV da Constituição Federal de 1988, que preceituam a competência comum e a cooperação entre variadas unidades políticas, na proteção e impedimento da evasão, destruição e descaracterização do patrimônio cultural. Logo, a competência e responsabilidade de agir na proteção de bens de interesse histórico, artístico e cultural compete a diferentes esferas e, no caso que estamos discutindo, o que vemos de fato, como apontado pelo IPHAN-AM, foi uma inércia dos mesmos, alguns por desconhecimento, outros não, já que esses casarões em discussão são protegidos pela LOMAN de 1990, estando sob responsabilidade do Departamento de Patrimônio Histórico do Estado. É importante ressaltar, dessa forma, a importância do IPHAN, com sua competência em fiscalizar, promover, estudar e pesquisar o Patrimônio Cultural Brasileiro, em intervir no caso da demolição desses casarões.

Foi aberta, então, a ação civil pública com o processo judicial nº 1032-24.2013.4.01.3200 – “Demolição de quatro casarões antigos do Centro Histórico de Manaus”, proposta pelo Ministério

Público Federal (MPF) em face da Construtora Andrade Gutierrez S/A e do Estado do Amazonas. Após várias audiências de conciliações, instruções e julgamentos, no ano de 2019 foi decidido, uma Minuta de Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta Ambiental – TACA, com duas propostas de obrigações elaboradas pelo IPHAN-AM, uma para o Estado do Amazonas e outra para a Andrade Gutierrez:

#### TÍTULO II – MEDIDAS CORRETIVAS IMEDIATAS

**Cláusula 4ª.** O ESTADO DO AMAZONAS obriga-se a ofertar, no prazo de 01 (um) ano, por meio da Secretaria de Estado da Cultura, um curso de conservação e restauro, a ser lecionado por técnico com experiência prática e teórica na área, focando-se no estudo de projetos desenvolvidos pela própria Secretaria, com as seguintes características:

I. Carga horária: O curso deve ser composto de aulas teóricas e práticas, distribuídas dentro de 32 horas totais;

II. Horário: Sábados, de 8:00h às 12:00h;

III. Localização: Instalação previamente definida pela SEC;

IV. Público-alvo: Profissionais atuantes na área da preservação do patrimônio cultural e profissionais autônomos em geral;

V. Vagas: 27, distribuídas igualmente para os seguintes órgãos, conselhos, instituições, autarquias: Manauscult; IMPLURB, Subsecretaria Municipal do Centro Histórico, CREA, CAU, ASBEA, UFAM, Instituto Amazônia e IPHAN.

**Parágrafo único.** A comprovação da realização do curso deverá ser feita diretamente ao MPF, no prazo indicado no *caput*, por meio de protocolo do plano de aula e das listas de frequência dos participantes na Procuradoria da República no Amazonas (preferencialmente acompanhada de registro fotográfico das atividades).

**Cláusula 5ª** A ANDRADE GUTIERREZ ENGENHARIA S/A obriga-se a, no prazo de 01 (um) ano, elaborar e distribuir uma cartilha consolidando e transmitindo os conceitos, normas e preceitos que orientam a preservação do Patrimônio Histórico e Artístico protegido pela União (Decreto-Lei nº 25/37), com as seguintes características:

I. Especificações: A referida cartilha deverá ser realizada em forma de publicação, observadas as normas da ABNT, e deverá ter seu conteúdo previamente fornecido pelo IPHAN/AM;

II. Público-alvo: Proprietários de imóveis localizados na poligonal de tombamento federal do conjunto do Centro Histórico de Manaus/AM, ou, situados nas áreas adjacentes, definida pelo IPHAN através de notificação publicada no Diário Oficial da União nº 222, Seção 03, de 22/11/2010;

III. Envio: A entrega do referido material será demonstrada pela Sociedade Empresária por meio de comprovantes de envio com aviso de recebimento;

IV. Tiragem: Número exato de imóveis no Centro Histórico de Manaus, conforme dados da Secretaria Municipal de Finanças relacionados a matrícula de IPTU.

Após dificuldades da SEC-AM em promover licitação para aquisição de material, conforme a Promoção nº 051/2019-PMA do Processo nº 3471/2013, foi definido a inclusão na transação judicial como encargo da Construtora Andrade Gutierrez, os valores de materiais para o Curso de Introdução de Conservação e Restauro e os valores das demais necessidades de reforma do Ateliê de Conserva-

ção e Restauo da SEC-AM, os quais totalizaram R\$ 331.171,31.

Por último, para o Cálculo do Valor do Dano e multa referente à demolição dos 4 casarões geminados (1456, 1462, 1468 e 1472) na Av. 7 de Setembro, Manaus/AM, foi aplicada para o método de estimativa do valor econômico do dano a aproximação do valor para uma hipotética reconstrução dos bens. Foi utilizado, de acordo com a Nota Técnica nº 12/2019/COTEC IPHAN-AM/IPHAN-AM, o “Manual de Procedimentos: Fiscalização e Autorização de Intervenção no Patrimônio Edificado” de autoria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN na aplicação da metodologia de orçamento estimativo, com a utilização do Custo Unitário Básico por metro quadrado (CUB/m<sup>2</sup>), chegando-se ao valor de R\$ 1.521.144,18 para uma hipotética reconstrução dos imóveis. Conforme orientação do MPF em reunião com o IPHAN, o valor da multa seria de 70% sobre o valor correspondente à reparação do dano causado, logo, resultando no valor final de R\$ 1.064.800,93. Foi proposto que tal valor fosse aplicado no restauro do edifício que abrigaria o Museu do Porto, localizado na Travessa Dr. Vivaldo Centro, pertence ao conjunto arquitetônico e paisagístico do porto flutuante de Manaus-AM, que se encontra fechado há aproximadamente 20 anos. O Estado do Amazonas ficaria responsável pelo fornecimento do projeto de restauro do edifício, salientando que a ManausCult é a autora deste projeto que obteve a aprovação do IPHAN.

O Decreto nº 7.176, de 10 de fevereiro de 2004, que estabelece o Setor Especial das Unidades de Interesse de Preservação, no Capítulo V das medidas de proteção, diz:

**Art. 18** - Qualquer atividade realizada nas Unidades de Interesse de Preservação, efetuadas sem prévia licença da Prefeitura Municipal, deverão ser devidamente autuadas e embargadas pelo IMPLURB.

§ 1º - A aplicação das penalidades previstas neste artigo, não exclui a aplicação de quaisquer outras penalidades previstas nas Leis de Posturas Municipais.

§ 2º - A comunicação dos atos ilícitos praticados seguirão o que dispõe a Lei nº 673/02.

§ 3º - As sanções serão aplicadas, sem prejuízo das responsabilidades civis e criminais correspondentes.

§ 4º - O pagamento da multa não exime o infrator de outras sanções previstas neste Código, nem da correção dos fatos que geraram a sua imposição. (MANAUS, 2004, p.2).

A utilização constante do decreto reforça o crime cometido contra o patrimônio histórico manauara e a condição de obra irregular sem autorização dos órgãos competentes, pois ao IMPLURB não foi solicitado alvará. Além do mais, também chamou nossa atenção a alegação da SEC em afirmar no Ofício nº 015/GS/SEC que não tinha conhecimento do início das demolições. No entanto, a sua sede localiza-se na Vila Ninita, anexo do CCPRN, ao lado dos casarões em questão, o que torna a alegação certamente questionável.

Outras fontes também importantes e consultadas referente ao caso foram alguns veículos de informações, como os jornais e blogs, mas, principalmente os jornais impressos, por terem ampla divulgação por toda a cidade como o A Crítica e o Diário do Amazonas.

Tangenciando pelas análises das matérias jornalísticas, o que houve por unanimidade foi a reprovação e muitas críticas negativas sobre o ocorrido. O Jornal Diário do Amazonas em 05 de ja-



neiro de 2010, na página 10, com o título “Estado derruba prédios históricos de Manaus”, noticiou sobre a demolição e fez menção à restauração realizada em 1998 com recursos do próprio Governo do Amazonas, e responsabilizou o Estado e a construtora Andrade Gutierrez pelas obras. Segundo entrevista cedida ao Jornal por Otoni Mesquita, coordenador do projeto na época: “Ali tem casas desde 1910, com uma arquitetura bastante eclética e foram esses os argumentos para restauração, os mesmos que agora são usados para demolir”, além dos casarões geminados, foi citada também a demolição da casa Genaro. O mesmo jornal no dia seguinte trouxe novas informações, nas quais a SEC promete criar uma “comissão com engenheiros do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea) e do governo para apurar as demolições”.

O que percebemos tanto nos jornais, quanto no processo instaurado citado exaustivamente é que há uma tentativa da SEC de se eximir da responsabilidade pelas demolições e desqualificar a atuação do IPHAN, numa relação de “bate e volta”. Apesar de parecer rígido, não estamos aqui para apontar culpados, mas apenas analisar o que apontam as fontes consultadas.

Um dos jornais mais importantes que conseguimos acesso foi o Diário do Amazonas de 07 de janeiro de 2010. Na página 10, com o título “Estado agora quer reconstruir casarões”, apresenta uma entrevista com a moradora de um dos casarões geminados, que afirma:

‘Minha casa era linda, segura, tinha título definitivo e não tinha nada caindo’ disse a aposentada Nailmar César de Souza, 65, que morava há 20 anos em um dos compartimentos do casarão, pertencente a mãe dela, Hilda Gomes de Souza, 93. Hilda morou 50 anos no casarão e está em depressão profunda por ter deixado o local, disse a filha (DIÁRIO DO AMAZONAS, 07/01/2010, p. 10).

Consideramos importante apresentar esta fala justamente por trazer diretamente a voz daqueles que foram afetados. Pela narrativa da moradora é exposto claramente que não houve concordância com a desapropriação do local, além de afetar emocionalmente as pessoas que já moravam nesses casarões há anos. O que colabora em reforçar a nossa posição de defender ir além apenas da preservação das edificações, monumentos ou sítios históricos sob pretextos físicos de valores excepcionais, históricos e/ou artísticos, como se ainda estivéssemos presos à ideia do patrimônio de pedra e cal, mas também eles devem ser associados às memórias e vivências dos diferentes grupos que tiveram algum tipo de aproximação, seja de morada, ou na sua construção, identificação, afetividade, representatividade, entre tantos outros aspectos que destacam a importância do valor patrimonial.

Já o Diário do Amazonas de 11 de janeiro de 2010, na página 6, apresenta a matéria “Demolições no Centro são ‘atração negativa’”, também trazendo a posição e concepções da população que mora próximo ao local e dos transeuntes. Assim como em outras notícias, a maioria lamenta, como é o caso do autônomo Val Batual, 50, que morava na Rua Lauro Cavalcante: “Trouxe minha mãe hoje (ontem) para rever o lugar onde moramos por muito tempo e dá pena chegar aqui e ver essa destruição. [...]. Para ele, a derrubada dos casarões é uma perda para a população” e ainda afirma que “A gente precisa manter a lembrança da Manaus antiga, preservar essa identidade”. Outra pessoa que também compartilha do mesmo pensamento é Raimundo Lira, 50, o funcionário público federal se assustou ao ver a demolição pela primeira vez e comentou: “Fiquei abismado. Não entendi por que

decidiram derrubar um patrimônio histórico, cultural e arquitetônico tão bonito”.

O intuito da matéria foi de mostrar de que forma a destruição atraiu a atenção das pessoas que moravam e passavam pelo lugar. O industrial Francisco Oliveira, 39, condenou a demolição dos casarões ao defender que “É um lugar que conta a história do nosso povo, do Amazonas de maneira geral”. Por outro lado, também são apresentadas posições divergentes a essas, por exemplo:

Apesar do valor cultural e histórico, há quem não se importe com a demolição dos casarões. ‘Quem é que vive de história? Sou a favor de destruírem esses prédios e construir algo válido para a população’, disse a auxiliar de almoxarifado, Rafaela Rodrigues, 23. A mãe da jovem tem o mesmo pensamento. ‘Para alguns, isso é uma relíquia, mas na minha opinião deveriam construir alguma coisa com mais utilidade como um hospital e não algo como um museu’, afirmou a costureira Antonina Rodrigues, 59 (DIÁRIO DO AMAZONAS, 11/01/2010, p. 6).

O apagamento desses patrimônios históricos do espaço leva à modificação das percepções visuais e acentuam a dificuldade de efetivação das políticas públicas voltadas ao patrimônio edificado e a sua proteção. Mas, por outro lado, foi fundamental a mobilização do poder público expresso pelo IPHAN e MP, com a abertura de processo administrativo, pois, dessa forma, tivemos acesso ao episódio e pudemos desvelar à existência e o desaparecimento desses imóveis, e mais:

Enquanto prática social, a constituição e a proteção do patrimônio estão assentadas em um estatuto jurídico próprio, que torna viável a gestão pelo Estado, em nome da sociedade, de determinados bens, selecionados com base em certos critérios, variáveis no tempo e no espaço. A norma jurídica, nesse caso, funciona como linguagem performativa de um modo bastante peculiar: não apenas define direitos e deveres para o Estado e para os cidadãos como também inscreve no espaço social determinados ícones, figurações concretas e visíveis de valores que se quer transmitir e preservar (FONSECA, 2005, p. 37).

Portanto, as normas e ação jurídica instauradas referentes à demolição e preservação dos bens culturais expõem a importância desses instrumentos e mecanismos em relação às legislações de proteção do patrimônio nas diferentes esferas, que muitas vezes são corrompidos por conflitos e interesses políticos, sendo um exemplo disso as constantes mudanças de governantes e seus distintos planejamentos.

Ponderamos que um possível equilíbrio para a efetivação das políticas públicas e questões voltadas para a preservação do patrimônio não é apenas a valorização e proteção da sua forma física, mas, sim, a reapropriação simbólica das edificações, representativos de diferentes épocas, pela sociedade e/ou um grupo de pessoas em particular, como os moradores e outras pessoas ligadas diretamente a eles, os quais muitas vezes são excluídos do poder e das decisões, o que não houve no caso da demolição do conjunto arquitetônico em discussão pertencente há diferentes décadas, tendo como resultado a criação de um cenário que remete a *Belle Époque*, observamos isso também através da escolha dos casarões geminados pertencentes a este período para serem transformados em Salão de Eventos Culturais Rio Solimões.

## O “ETERNO” RETORNO À *BELLE ÉPOQUE* NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

A memória construída em torno da *Belle Époque*, de seu conceito de modernização, com edificações emblemáticas, certo ideário de progresso e prosperidade nos campos da economia, política, sociedade e cultura, vão guiar os projetos de revitalizações e requalificações dos espaços e edifícios no Estado do Amazonas. Vemos isso, por exemplo, no caso da demolição dos imóveis em discussão.

Ao trabalhar o patrimônio como categoria discursiva, Gonçalves (1996) aponta, de um lado, que as práticas de preservação estão associadas a narrativas configuradas como respostas a situações sociais e históricas, ao encontrarem-se sob um risco iminente de desaparecimento. Por outro lado, esse processo de perda do patrimônio é muitas vezes ocasionado pelas próprias narrativas de intelectuais ou do poder público, em nome de qualquer categoria coletiva, ao utilizar de políticas de Estado para reapropriarem-se e recontextualizarem-se o patrimônio cultural.

Nesse sentido, a invenção de uma identidade regional baseada no “progresso” trazida pelo período áureo da borracha propõe uma estratégia discursiva de apropriação e a objetificação do patrimônio cultural, que vai justamente pressupor a sua perda, necessitando o seu resgate – mesmo que não seja completo – e proteção (GONÇALVES, 1996).

O que vemos no caso dos Casarões da Sete, no final da década de 1990, foi um respaldo pelo discurso dessa retórica da perda (GONÇALVES, 1996), transformando-os em alvo de preservação devido, por exemplo, às descaracterizações que vinham sofrendo, e entre outras condições que já foram levantadas anteriormente. Com base nisso, 10 anos depois, o que se evidencia é a incongruência das decisões tomadas pela deslegitimação da importância histórica e cultural dessas edificações que simbolizavam uma parte importante da história da preservação e revitalização de conjuntos arquitetônicos no Centro Antigo de Manaus.

Vemos essa tentativa de deslegitimação no próprio Jornal Diário do Amazonas de 08 de janeiro de 2010, na página 10, no qual apresentou no título “Robério Braga admitiu ordem para demolição” o então secretário da SEC, no entanto, admitiu apenas a ordem de demolição de dois casarões históricos, a casa Genaro de 1942<sup>12</sup> e a outra localizada ao lado, onde funcionava o ETIAM de nº 1478; alegando não terem “importância arquitetônica expressiva”. Porém, como foi abordado no início deste trabalho, em 1998, essas construções integraram o projeto-piloto da SEC “Casas da Sete”, no qual foram gastos pelo Estado o valor de R\$ 113 mil reais para restaurar essas edificações e outras no entorno do CCPRN, justamente pela importância histórica dos imóveis, o que sobrepõe com a fala do secretário. Por sua vez:

O secretário considerou como ‘acidente’ a construtora Andrade Gutierrez ter demolido parte da área externa do casarão de 1912. A edificação possuía quatro casas geminadas, com interior original modificado pelos últimos moradores, e o projeto, de acordo com Robério, previa deixar intactas fachada, laterais e telhado (DIÁRIO DO AMAZONAS, 08/01/2010, p.10)

Para compensar os danos, segundo o secretário, “a construtora terá de reconstruir o que foi demolido a mais do casarão rosa, sem ônus para o Estado”, e afirmou ainda que esse imóvel, ao con-

---

<sup>12</sup> O ano mencionado pelo jornal está errado, na realidade é de 1947.

trário dos outros dois, é protegido pelo Departamento do Patrimônio Histórico do Estado (DPH-AM) e pela Lei Orgânica do Município (LOMAN). Contudo, essa é uma informação equivocada, pois ambos eram unidades de preservação de 2º grau, conforme vimos diversas vezes no decorrer do artigo e, além disso, sobre a sua afirmação de não possuírem “importância arquitetônica expressiva”, Otoni Mesquita, coordenador do projeto-piloto de 1998 em entrevista ao Diário do Amazonas de 08 de janeiro de 2010 destaca: “Esses prédios foram restaurados porque eram de várias épocas e de uma arquitetura eclética. Agora eles usam esse mesmo argumento para demolir”.

Caracterizada como uma decisão vertical e produzindo um falso histórico através do cenário criado, um dos objetivos era que a reconstrução da paisagem fosse a mais próxima possível com a do início do século XX. Dessa forma, a fachada frontal dos Casarões geminados do início do século XX (Figuras 18, 19 e 20) foram poupadas, para comporem o cenário maior, sendo transformados no Salão de Eventos Rio Solimões e incorporados ao complexo do CCPRN e ao Parque Jefferson Péres. Por sua vez, todo o restante de construções que não pertenciam a esse período foi descartada.



Figura 18. Conjunto de casarões geminados ao fundo, na Rua Municipal, Ponte Romana I. Fonte: Anuario de Manaus 1913 – 1914. Acervo do IPHAN-AM.

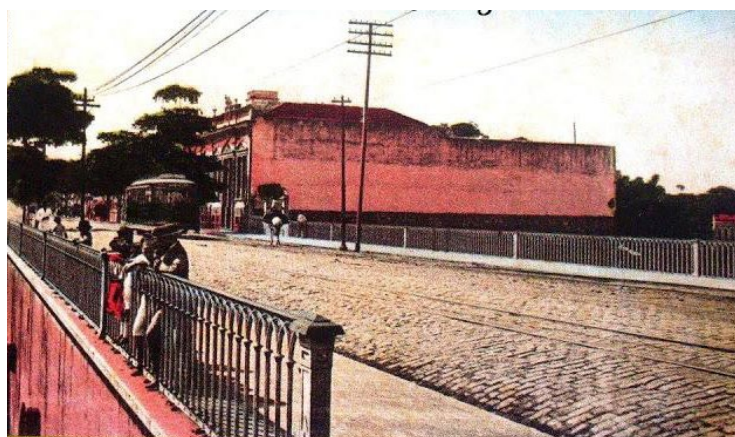


Figura 19. Imagem colorizada, Postal de Huebner & Amaral, em 1913. Foto: Huebner & Amaral. Fonte: Photographia Allemã, 1913. Acervo Manaus de Antigamente.



Figura 20. Casarões e Ponte Romana I, foto tirada em março de 2021. Fonte: A autora, 2021.

A criação do cenário para ser utilizado como propaganda ou embelezamento não é exclusivo desse momento, ele remonta à *Belle Époque*. Mesquita (2005), ao estudar a reforma urbana ocorrida em Manaus entre 1890 e 1900, destaca que o objetivo era reconstruir a sua imagem para caracterizá-la como uma cidade “civilizada”, uma “vitrine do progresso”, ao utilizar dos melhoramentos e serviços como produtos para atrair investimentos e mão de obra.

Nascimento (2014) traz a discussão desse retorno à *Belle Époque*, quando observa os projetos de revitalização que começam no final dos anos 1990 e tem o Largo como modelo de implantação para outras praças a serem revitalizadas, incluindo o parque senador Jefferson Peres que é um espaço criado sob essa mesma aura. Então, é como se buscassem sempre o retorno àquela época, àquele momento. Logo, nessas ações tem-se a modernidade como uma busca daquilo que é histórico, mas, um histórico nessa dimensão de construção para outro tipo de uso, trazendo a ideia da cidade cartão-postal, em que se tem a construção/modificação da espacialidade para uma visualidade a ser vendida, uma visualidade cenográfica, algo que fica fotograficamente belo.

Evidencia-se, portanto, que os estudos sobre a cidade de Manaus compreendem uma diversidade de áreas do conhecimento, e a interdisciplinaridade pode fornecer uma das chaves para sua compreensão. Em novas pesquisas também no campo da Arqueologia Histórica, se vem estabelecendo estudos que tratam desde o contato entre indígenas e colonizadores, até um período muito recente, tendo a cultura material como objeto de estudo principal e contando com diferentes fontes disponíveis (ORSER, 1992; LIMA, 1988; FUNARI, 2005).

Ao observarmos no ângulo desta Arqueologia, especificamente quando se estabelece uma ligação aos estudos com o urbano em que são promovidos reflexões dos diferentes contextos formadores das cidades, a cultura material evidencia a dinamicidade das ocupações nesses espaços os quais servem de referenciais e funcionando como âncora da memória coletiva (TOCCHETTO & THIESEN, 2007). Assim, ao pensar nas cidades:

Para o arqueólogo, a cidade pode ser entendida como uma construção estratificada, que deve ser lida da mesma forma como lemos uma estratigrafia numa escavação: interpretando as sucessivas camadas de História ali depositadas, sob o solo e sobre o solo. Para o cidadão, ela pode ser lida por meio das marcas gravadas em forma de casas, ruas, praças, monumentos, jardins... Através de cada um dos vestígios deixados por aqueles que vieram antes (TOCCHETTO & THIESEN, 2007, p. 176).

Sobre esses referenciais de memória na cidade de Manaus, devemos retomar à restauração realizada em 1998, acerca da qual Otoni Mesquita, em entrevista realizada por nós no ano de 2020, afirma que:

Na época que nós começamos o trabalho de recuperação, fizemos um trabalho de aproximação, de diálogo, nós achávamos que íamos garantir a permanência daquelas construções, e essas famílias, que algumas eram oriundas de lá mesmo, poderiam ter garantias de preservar mais sua memória e com a demolição é dizer não ao patrimônio, não a memória, não a identidade.

Lamentando a demolição dos Casarões, Otoni Mesquita, ainda na entrevista, cita também a existência de uma rua ao lado do último imóvel (Figura 21) e que provavelmente não foi feito nenhum trabalho de recuperação das memórias dos habitantes que aí residiam.

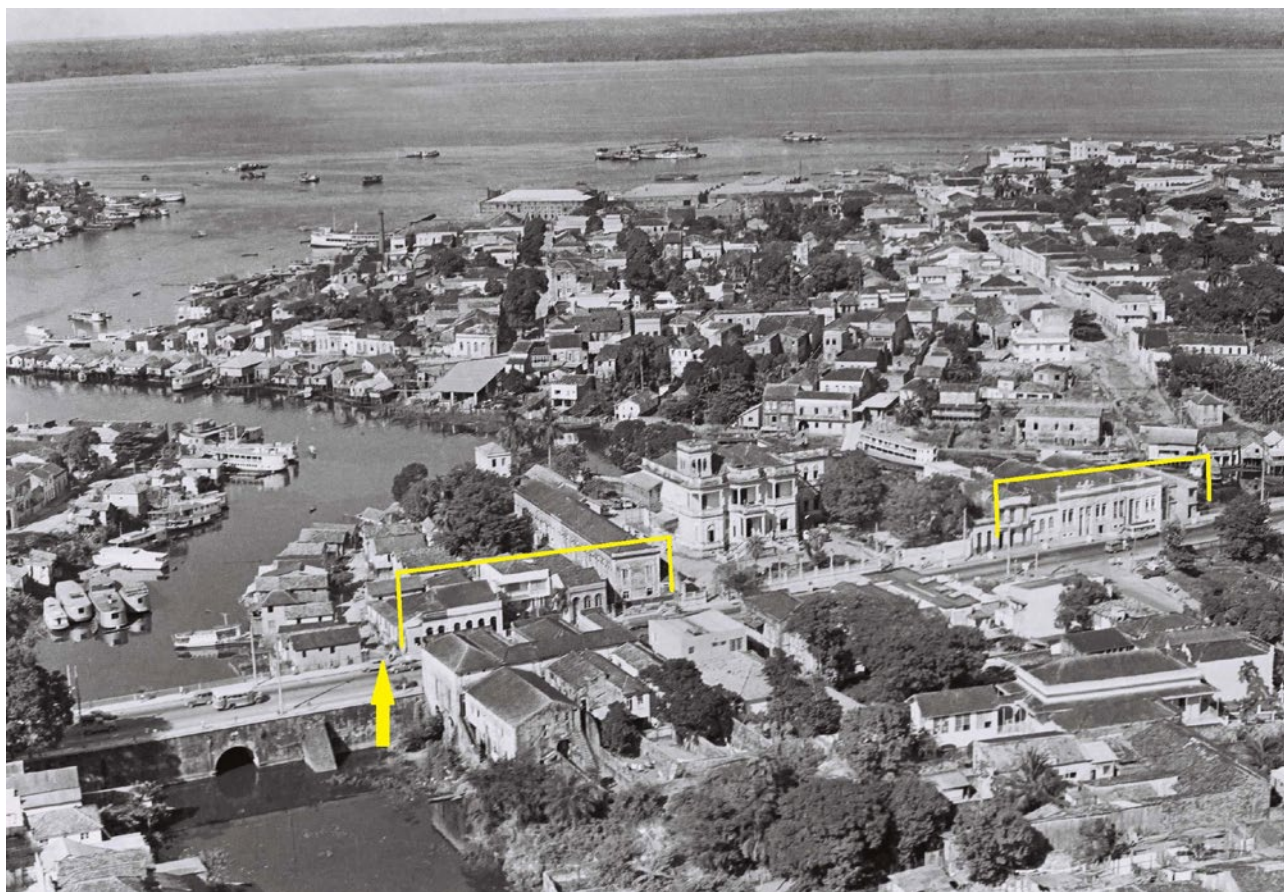


Figura 21. Vista aérea das pontes Romanas no início da década de 1960. À esquerda, as palafitas e embarcações às margens dos igarapés Manaus e Bittencourt. Em destaque amarelo, os imóveis restaurados em 1998. A seta indica o acesso para uma rua ao lado do último imóvel. Foto: Corrêa Lima. Acervo: Eduardo Braga. (Adaptado pela autora). Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/palaciorionegro6/>

Na imagem, acima, datada da década de 1960, há a presença de uma grande quantidade de palafitas às margens dos igarapés, e uma curiosidade é que no Igarapé Manaus ficava a sede náutica do “Manaus Ruder Klub”, um clube de remo fundado por alemães no dia 13 de abril de 1912, e que apesar de não ser o nosso objeto de pesquisa, é interessante trazê-lo a apresentá-lo, enfatizando o que teve que ser negado para que o local tivesse a aparência que tem. Isso também envolve a memória, nas perspectivas de lembrança e esquecimento como inseparáveis e interdependentes (GOYENA, 2010).

O que podemos deduzir, a partir desses dados, é que não há um modelo de referência para o que é patrimônio na cidade de Manaus, em um momento, os Casarões da Sete, foram considerados importantes para revitalização. Em outro, dez anos depois da recuperação, o antagonismo é expresso nestes casarões, os quais já não têm mais sentido de ser em outro projeto que é a construção do Parque Senador Jefferson Péres. Outra situação também exposta é que em determinado momento vemos o igarapé sem qualquer intervenção na época da cheia, e em outro o vemos aterrado para criar esse espaço implementado pelo projeto, uma espécie de esforço para um rompimento da relação da cidade com os igarapés, algo que faz parte não só do tecido geográfico, mas cultural da cidade.

Ademais, não desconsideramos os relatórios e avaliações da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS-AM) e de outros órgãos, e/ou estudos de doenças que apontam ao aglome-

rado de palafitas em igarapés como perigosos para a saúde dos moradores. Por sua vez, em vez de aterrizar e canalizá-los, a revitalização dos igarapés e a criação de condições de uma boa qualidade de vida para os moradores, são pontos que também deveriam ter sido melhor discutidos, além das consequências posteriores destas obras nesses espaços.

Voltando ao Projeto-Piloto “Casas da Sete”, ressaltamos que ele foi muito importante para o processo de reformulação espacial e de noção de patrimônio do Centro Histórico de Manaus. Para as pessoas que não discutem e não estudam a cidade, as únicas referências que possuem são às captadas pelo visual, as quais conseqüentemente somem com o desaparecimento desses objetos. Logo, a imagem que temos é como estão hoje (Figura 22, a seguir), e não como esses casarões eram, com imóveis de diferentes épocas e arquiteturas, trazendo num mesmo recorte espacial, no entorno do CCPRN, uma parte da evolução urbana da cidade.



Figura 22. Imagem aérea do entorno do Centro Cultural Palácio Rio Negro e Parque Senador Jefferson Péres. Registro realizado por meio de drone em 2021. Fonte: A autora, 2021.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos os discursos do patrimônio histórico imóvel de Manaus, através dos Casarões da Sete, vimos que tanto no processo administrativo quanto na ação civil pública aberta pelo Ministério Federal e nos jornais houve tentativas de se produzir uma narrativa isentaria das responsabilidades por tal decisão de demolição, além do mais, apenas os quatro casarões geminados da virada do século XIX e início do XX foram levados em consideração, os outros das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960 foram julgados de pouca importância histórica e arquitetônica.

Ao discutirmos essa política do patrimônio em Manaus, percebemos que a efemeridade e a seletividade são as características que a marcam, além do fato deste campo estar sujeito às inten-

ções de quem assume a pasta da Secretaria de Cultura, por exemplo, na postura de determinar o que deve ficar de pé ou deve ser demolido; o que vale a pena ser preservado e o que não vale.

Se formos colocar o que é permanentemente alvo de preservação há poucas referências, por exemplo, temos o Teatro Amazonas e seu entorno, e a Alfândega. Em relação a esses patrimônios históricos, percebe-se que mesmo com o passar do tempo e as mudanças de secretários ou políticos, eles permanecem como alvos de preservação em detrimento de muitos outros que são vistos como empecilhos à modernidade, se transformando em ruínas, com a estética destoando de forma negativa ao contexto arquitetônico e também sendo locais propícios e hóspedes à marginalidade, logo, que não mereceriam ser revitalizados, segundo a ótica governamental.

Em Manaus, talvez o que mais se considere para definição da criação de políticas de revitalização desses espaços é a busca de uma cidade cartão-postal (NASCIMENTO, 2014). Ao falar do Parque, sua aparência é aprazível e bonita, mas, não é um local do qual as pessoas têm como fazer um uso agradável, é apenas de natureza contemplativa, um espaço cenográfico e de uso apenas para este fim, inventado num esforço de remontar a um tempo histórico áureo, a *Belle Époque*.

Então, quando vemos essas definições de como intervir na cidade, parece que, de fato, o que mais se considera é apagar uma característica que foi marcante ao final da década de 1960, o considerado *boom* de transformação e inchaço, e do crescimento desordenado causado pela implementação da Zona Franca de Manaus. Com isso, envolve outras situações, pois, além da demolição dos Casarões da Sete também houve a remoção dos outros moradores ao seu derredor e das outras casas. Dutra (2018) aborda justamente o reassentamento involuntário de pessoas das áreas de intervenção do PROSAMIM, trazendo imagens para mostrar como se justifica a necessidade dessa política de sanitização.

O que pesa nessas políticas de patrimônio que intervém na cidade muitas vezes é o apagamento dessa aparência de crescimento desordenado e a sensação é de que a única referência que se tem é remontar à *Belle Époque*, como um desejo de voltar para este ponto, ficando evidente todas as vezes que se fala em intervenções ou revitalizações no Centro Histórico, em que é para esse tempo histórico que são buscadas as referências do patrimônio. Logo, essa questão de definir o que é ou não é patrimônio está no campo das relações de poder.

A História não é estática, ela é dinâmica, assim como as cidades. O reconhecimento do patrimônio e suas representações de memória e identidade de diferentes grupos ao longo do tempo nos levam a refletir sobre essa dinamicidade, as continuidades históricas presentes em determinados elementos e as rupturas, além de estarem atrelados aos discursos de modernidade que por sua vez vão determinar os discursos do patrimônio.

Este trabalho visou justamente contribuir para as discussões do patrimônio histórico imóvel de Manaus, tomando como objeto de estudo os Casarões da Sete e os diferentes contextos de intervenções pelos quais passaram, abrindo um leque de possibilidades para as análises das relações de poder em torno dos bens culturais que se localizam no Centro Histórico da cidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Frankimar de Souza Barros; ALBUQUERQUE, Carlossandro Carvalho de. A eficácia dos Programas “Manaus Belle Époque” e “Monumenta” para a preservação do patrimônio histórico edificado na cidade de Manaus. *Revista Eletrônica Aboré – Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Manaus*, Edição 04, Dez, 2010.
- CASTRO, Márcia Honda Nascimento. *Reconstruindo a Belle Époque Manauara: Projeto de Revitalização do Entorno do Teatro Amazonas e da Praça de São Sebastião*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2008.
- DUTRA, Viviane Alves da Silva. *Prosamim-BID: Uma experiência de reassentamento de pessoas*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus. 2018.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. Ed. ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MINC – IPHAN, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo. Teoria e Métodos na Arqueologia Contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. *Dossiê Arqueologias Brasileiras*, v6, n.13, dez.2004/jan.2005.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.
- GOYENA, Alberto. Rituais urbanos de despedida: reflexões sobre procedimentos de demolição e práticas de colecionamento. In: *2º Seminário Internacional, Museografia e Arquitetura de Museus: Identidades e Comunicação*, Anais Eletrônicos, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[https://www.arquimuseus.arq.br/anais-seminario\\_2010/eixo\\_i/p1-artigo-alberto-goyena-26-10.pdf](https://www.arquimuseus.arq.br/anais-seminario_2010/eixo_i/p1-artigo-alberto-goyena-26-10.pdf)> Acesso em: 02 de mar. de 2021.
- GUIMARÃES, Márcia Raquel Cavalcante; PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Avenida Sete de Setembro: o retrato de um passado presente e o seu legado para o turismo em Manaus-Amazonas. *IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, 2012.
- JORGE, Vítor Oliveira. Das sete vidas dos objetos. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio*, Porto, I Série vol. 2, p. 843-864, 2003.
- LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. *Clio – Série Arqueológica* [S. l], v. 5, 1988.
- MENEZHINI, Marcia Elisa Freire *A construção de uma nova etiqueta urbana e ambiental: um estudo etnográfico do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2012.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura – 1852–1910*. 3. Ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

- MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- NASCIMENTO, Maria Evany. *Do discurso à cidade: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus*. Tese (Doutorado em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA, Rossinês Batista. *Política Pública e seus efeitos: Programa Manaus Belle Époque*. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- ORSER JR., Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.
- SANTOS, Andressa Maria Cruz dos. *O Turismo a partir da requalificação da paisagem local de Manaus/AM: Estudo de caso centro cultural Largo do São Sebastião e seu entorno*. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajai, Balneário Camboriú, 2012.
- SILVA, Elisabete Edelvita Chaves da. *Gestão da Conservação do Patrimônio Cultural no Centro Histórico de Manaus: 1997- 2009*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2013.
- TOCCHETTO, Fernanda; THIESEN, Beatriz. A memória fora de nós: A preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. N.33. Brasília: IPHAN, 2007.

## DOCUMENTOS E JORNAIS

- IPHAN. *Processo Administrativo nº 01490.000001/2010-22 – Demolição parcial dos imóveis 1456, 1462, 1468 e 1472*. SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO AMAZONAS, Manaus, 2010.
- JORNAL. *A Crítica*. Manaus, domingo, 3 de Agosto de 1997, p. A6.
- JORNAL. *A Crítica*. Manaus, domingo, 09 de Agosto de 1998, p. D1.
- JORNAL. *Diário do Amazonas*. Manaus, terça-feira, 05 de Janeiro de 2010, p. 10.
- JORNAL. *Diário do Amazonas*. Manaus, quinta-feira, 07 de Janeiro de 2010, p. 10.
- JORNAL. *Diário do Amazonas*. Manaus, sexta-feira, 08 de Janeiro de 2010, p. 10.
- JORNAL. *Diário do Amazonas*. Manaus, segunda-feira, 11 de Janeiro de 2010, p. 6.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *Ação Civil Pública nº 1032-24.2013.4.01.3200 – Demolição de quatro casarões antigos do Centro Histórico de Manaus, proposta pelo Ministério Público Federal*. TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL – 1ª REGIÃO, SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DO AMAZONAS – 7ª Vara Federal Ambiental e Agrária, 2013.

**O MUSEU DIFUSO NUMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR:  
UM ESTUDO DE CASO**

THE DIFFUSE MUSEUM IN AN INTERDISCIPLINARY APPROACH:  
A CASE STUDY

Nunziatella Alessandrini  
Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

Como citar este artigo:

ALESSANDRINI, Nunziatella; CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. O Museu Difuso Numa Abordagem Interdisciplinar: um estudo de caso. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 146-156, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 09/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **O Museu Difuso Numa Abordagem Interdisciplinar: um estudo de caso**

### The Diffuse Museum in an Interdisciplinary Approach: a case study

Nunziatella Alessandrini<sup>a</sup>

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara<sup>b</sup>

#### **Resumo:**

O propósito deste texto é apresentar o conceito de *Museu Difuso* que tem como ponto de partida o modelo e a experiência italianas do *Museo Diffuso* (na zona da Valle del Liri ao longo da histórica linha ferroviária Roccasecca-Avezzano), e aplicá-lo ao contexto português no intuito de elaborar uma estratégia para preservar e desenvolver o território. O território escolhido é a Linha do Oeste o que logo nos remete para a presença de uma linha ferroviária. Será, de facto, a estação ferroviária - estrutura fulcral na vida das pequenas vilas (Bombarral, Óbidos e Caldas da Rainha) - a porta de entrada para a descoberta e conhecimento do território circundante.

#### **Abstract:**

The purpose of this text is to present the concept of *Museo Difuso* (Diffuse Museum), which has as a starting point the Italian model and experience of the *Museo Diffuso* (in the Valle del Liri area along the historical railway line Roccasecca-Avezzano) and apply it to the Portuguese context to elaborate a strategy to preserve and develop the territory. The territory chosen as the Linha do Oeste (West Line) immediately brings us back to the presence of a railway line. It will be, in fact, the railway station - the central structure in the life of small villages (Bombarral, Óbidos, and Caldas da Rainha) - the gateway to the discovery and knowledge of the surrounding territory.

#### **Palavras-Chave:**

*Museu difuso*, ferrovia, Linha do Oeste, património, identidade.

#### **Keywords:**

Diffuse Museum, railway, West Line, Heritage, Identity.

<sup>a</sup> Investigadora integrada CHAM / FCSH - Universidade NOVA de Lisboa- ORCID 0000-0003-4340-7903.

<sup>b</sup> Professora Auxiliar no Departamento de Ciências Sociais e de Gestão na Unversidade Aberta ORCID 0000-0003-1423-9824.

## INTRODUÇÃO

A experiência italiana do Museo Diffuso está a ser desenvolvida com notável sucesso na zona da Valle del Liri, ao longo da histórica linha ferroviária Roccasecca-Avezzano. Através da colaboração entre a Università degli Studi di Cassino e a Associazione Apassiferrati<sup>1</sup> foi iniciada uma investigação aprofundada que incide no território da Valle del Liri, situado na região do Lazio meridional, sobre o seu desenvolvimento económico e social e as suas peculiaridades territoriais, chegando a organizar concretamente um projecto de *Museo Diffuso*, imaginado como um organismo vivo e pulsante cujo centro é constituído pelo *Museo della Ferrovia* da Valle del Liri, na vila de Arce.

Deve-se salientar que, no último ano, houve um avanço importante com a assinatura, por parte da Associazione Apassiferrati, de colaboração com a Academia de Belas Artes de Frosinone, com a Universidade Técnica da Slesia na Polónia, com a Fondazione Ferrovie dello Stato, com o Touring Club Italiano, e com a Academia Filarmónica do Carvalhal do Bombarral. Não é de subestimar esta recente ligação da Associazione Apassiferrati com instituições portuguesas que, por sua vez, estão envolvidas em projectos de reabilitação de vilas históricas da Região Oeste. De facto, o objectivo comum da Associazione Apassiferrati, da sua associada Universidade de Cassino e da Academia Filarmónica do Carvalhal do Bombarral é o desenvolvimento dum novo modelo de turismo da memória. O texto que aqui se apresenta vai ser elaborado tendo em conta as características principais do museu - enquanto instituição aberta ao público para o informar através da presença e recolha de testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, de modo a tornar mais estreita a sua relação com lugares, patrimónios, tradições e comunidades locais.

Nesse sentido, uma panorâmica sobre o conceito de património enquanto conjunto de bens, de natureza material ou imaterial, móvel e imóvel, de reconhecido interesse (cultural, histórico, ambiental, etc.) pertencente a uma determinada região, nos dará acesso à realidade do *Museo Diffuso*, fenómeno plural e complexo, cuja caracterização e objectivos, tratados ao longo do texto, irão realçar e destacar a sua importância na preservação, redescoberta e inalterabilidade da valorização da memória individual e colectiva e, ao mesmo tempo, irão identificar as diferenças com os museus na sua definição corrente.

Da mesma forma que o exemplo italiano, a nossa abordagem tem como ponto de referência uma linha ferroviária, nomeadamente, a Linha do Oeste, tomando como estudo de caso as estações

---

<sup>1</sup> A Associação Apassiferrati nasceu em 2014 devido à profunda motivação do seu fundador, Engenheiro Paolo Silvi, em divulgar a cultura, a história e as tradições do território da Valle do Liri - na parte meridional da região do Lazio - através daquilo que é um dos elementos fulcral do desenvolvimento económico do dito território, isto é, a ferrovia da Valle do Liri entre Roccasecca e Avezzano e a ferrovia Mãe, a primeira Alta Velocidade Italiana entre Roma-Cassino-Nápoles que foi inaugurada em 1864. A Associação desenvolveu-se em âmbito nacional e internacional, conta com mais de 110 associados em Itália, Portugal, Espanha, França, Alemanha. Foi organizado o primeiro *Museo della Ferrovia* da Valle do Liri, cuja sede se encontra no Palácio da Câmara de Arce, constituindo um dos mais interessantes museus históricos do centro-sul de Itália. O projecto do *Museo Diffuso* foi apresentado em Lisboa nas Jornadas Europeias do Património em 2019. A Associação Apassiferrati é também uma editora e o primeiro volume sobre a Ferrovia do Liri foi traduzido em 6 línguas e apresentado em Madrid, Lisboa, Estrasburgo e Norimberga. Notável sucesso teve o volume o *Comboio do Papa Pio IX*, editado em 2019 e traduzido também em português. Deixamos aqui o *link* para eventuais informações [www.apassiferrati.com](http://www.apassiferrati.com)

de Bombarral, Óbidos e Caldas da Rainha, que serão o foco principal na realização de um Museu que ultrapassa as limitações e fronteiras do edifício físico e se desenvolve através do conhecimento do território. A Região do Oeste, com a linha ferroviária que une Lisboa com São Martinho do Porto, é um território que inclui uma parte do Distrito de Lisboa e do Distrito de Leiria. Pelas suas peculiaridades, que englobam influências das zonas costeiras e das zonas rurais, a Região do Oeste apresenta um património cultural diversificado, material e imaterial, que pode ser aproveitado e valorizado quer no intuito da conservação da memória coletiva da herança histórica, quer no intuito do desenvolvimento do território através do recurso às suas múltiplas excelências.

## **O PATRIMÓNIO E O TERRITÓRIO**

Conhecer uma determinada região, sítio ou lugar implica descobrir o seu património histórico e artístico e estabelecer uma relação muito próxima com o edificado e os recheios artísticos integrados ou deslocados: “ A ligação das pessoas à terra é também ancorada em referências de identidade. A paisagem, na sua complexidade, com os seus elementos ordenadores, é, decerto, a mais determinante dessas referências (...) a maioria dos casos em que as paisagens, edifícios e estações arqueológicas exibem as cicatrizes de uma existência conturbada contam-nos outra parte da história do Património: falam-nos de como a relação das sociedades com o seu Património, natural e cultural tem evoluído a da própria evolução da sua consciência histórica e identitária” (DUARTE; BELO, 2007, Vol. I, p. 7-8).

Defrontamo-nos perante um sistema de artefactos partilhados pelos membros de uma determinada comunidade nas suas relações com o espaço e com os outros, herdados e transmitidos de geração em geração através de processos de aproximação e aprendizagem.

É assim, pelo meio deste conjunto integrado e articulado de sinais materiais – quer artísticos, (património material), quer simbólicos (património imaterial) que se podem expressar e a consciencialização de uma continuidade histórica no tempo pode emergir. “A expressão Património histórico designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado” (CHOAY, p. 11)

O conceito de património incorpora as dimensões tangível (artefactos físicos produzidos, mantidos e transmitidos intergeracionalmente numa sociedade) e intangível (práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais associados); e hoje, cada vez mais, o digital<sup>2</sup> com uso e recurso das imensas e variadas ferramentas tecnológicas, conquistando crescentemente mais terreno, e

---

<sup>2</sup> O progresso tecnológico oferece novas oportunidades para digitalizar o património cultural tendo em vista a preservação, a conservação, a restauração, a investigação, mas também a ampliação do acesso em linha e a reutilização pelos cidadãos e por diferentes sectores, como o turismo. Consulta em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/news/iniciativas/comissao-lanca-consulta-publica-sobre-acesso-digital-ao-patrimonio-cultural-europeu/> consultado a 20 de Maio de 2021.

assumindo um papel de relevo e destacado no estudo, preservação e divulgação do património cultural junto dos mais diferentes tipos de público.

Consideramos dentro do património material, as categorias de móvel, bens culturais classificados com vista à respectiva circulação e mobilidade, tais como pinturas, esculturas e artesanato e imóvel, contextos dos bens que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa como por exemplo os bens naturais, ambientais, paisagísticos e que podem pertencer às categorias de monumento, conjunto ou sítio. Ambos nos ligam ao território.

Integrada nas Jornadas Europeias do Património- de 27 a 29 de Setembro de 2019<sup>3</sup> -, subordinadas ao tema *Artes Património Lazer*, a abordagem sobre a ferrovia e a cultura foi apresentada, perspectivando-se os transportes públicos ferroviários, não só como forma de deslocação entre locais de partida e destino, mas, também, como meios de acesso às Estações Ferroviárias que cada vez mais, se tornam espaços artísticos e culturais acessíveis a qualquer público e pólos de desenvolvimento.

Parece-nos, assim, hoje da maior importância esta perspectiva integrada e transectorial; e uma mais valia para a notoriedade de regiões ou locais do país desconhecidos ou menos conhecidos.

Deste modo, sabendo e constatando que o Património enfrenta nas sociedades contemporâneas enormes desafios - na relação com a memória e o conhecimento, a mudança social, a sustentabilidade e a globalização – será um factor da maior importância na definição e aplicação do *Museu Difuso* na Linha do Oeste, cruzando os domínios da Cultura, da Sociedade, da Educação, da Economia e, por fim do Território.

## **O MUSEU DIFUSO: PERSPECTIVAS E OPERATIVIDADE**

Na mensagem divulgada pelo ICOM-Portugal<sup>4</sup> a 18 de Maio de 2021, dia internacional dos museus, sublinha-se que “Os museus devem garantir, na sua pluralidade e diversidade, que todas as visões e opiniões podem ser escutadas e debatidas, sem preconceitos”, reforça-se que “A preservação da diversidade, em perigo no mundo natural, deve ser simultaneamente o desiderato das instituições do património cultural” e apresentam-se as quatro directrizes de trabalho: “a relevância e sustentabilidade, o ambiente, os novos modelos de gestão e a transformação digital”.<sup>5</sup> Fala-se da preservação da diversidade do património cultural entendido na sua excepção mais ampla, assim como se frisa a importância do ambiente e da sustentabilidade, elementos, estes, que mostram uma evolução do conceito de Museu.

Não cabe aqui percorrer as várias fases desta evolução, sendo que o que nos interessa é a origem do conceito de *Museo Diffuso*<sup>6</sup> que remonta aos anos 70 do século passado, tendo sido, no entanto,

<sup>3</sup> Consultável em: [Jornadas Europeias do Património 2019 | Infraestruturas de Portugal](#)

<sup>4</sup> Criada em 1946 e com sede em Paris, ICOM é a maior organização internacional de museus e profissionais de museus.

<sup>5</sup> Consultável em: <http://musicalcovers.pt/museus-devem-garantir-pluralidade-de-opinioes-sem-preconceitos/>

<sup>6</sup> Fredi Drugman foi entre os primeiros que, nos anos 70 do século XX, teorizaram o conceito de *Museo Diffuso*.

uma abordagem a nível teórico, referindo-se apenas “às experiências de redes entre museus e território”(MOREIRA, 2010, p.8).

Nesse sentido, seguimos de perto o trabalho de Ivana Bruno,<sup>7</sup> coordenadora científica do projecto e tutora para as bolsas de investigação relativas ao estudo sobre o tema e Laura Saturnino, doutoranda em Museologia sobre o tema do *storytelling* digital para o *Museo Diffuso*, ambas da Universidade de Cassino. Em ocasião das já mencionadas Jornadas Europeias do Património em Lisboa em 2019, as duas investigadoras italianas apresentaram a comunicação “*Museo Difuso – Um novo modelo para preservar e desenvolver o território*”.

Aparece claro, através dos exemplos reportados pelas oradoras, que o conceito de *Museo Diffuso* ganhou força e vitalidade aquando da afirmação do conceito de Ecomuseu, na senda de estudos sobre o museu e o território. É interessante o que Georges-Henri Riviére e Hugues de Varine apresentaram, no que diz respeito ao conceito de Ecomuseu, em Grenoble, em 1971, na IX Conferência Internacional do ICOM: “Musée éclaté, interdisciplinaire, démontrant l’homme dans environnement naturel et culturel, invitant la totalité d’une population à participer à son propre développement par divers moyens d’expression basés essentiellement sur la réalité des sites des édifices, des objects, choses réelles plus parlantes que le mots ou les images qui envahissent notre vie”. Em 1982, Fredi Drugman explicitava que o *Museo Diffuso* “escluye, in linea di principio, qualsiasi pratica di estirpazione dal luogo di origine di oggetti d’arte o di scienza prodotti dall’uomo e meritevoli di tutela, conservazione, conoscenza”, sublinhando a importância da relação do património móvel e imóvel com o território.

O conceito de *Museo Diffuso* foi adoptado, por parte de Bruno e Saturnino, para a preparação do projecto e os trabalhos de investigação que seguiram, e que ainda estão em curso, servem para a valorização da Valle do Liri, seguindo idealmente a linha ferroviária Roccasecca-Arce-Avezzano que, como se pode averiguar nas imagens 1 e 2, apresenta factores comuns ao trecho escolhido como estudo de caso para o nosso projecto.

---

<sup>7</sup> Professora de Museologia e crítica artística e do restauro da Universidade de Cassino. Aproveitamos para agradecer à professora Ivana Bruno e à Dra Laura Saturnino todas as informações e dados facultados.





Figura 1 - Percurso da Linha do Oeste



Figura 2 - Percurso da linha ferroviária Roccasecca-Avezzano

A linha ferroviária Roccasecca-Avezzano une vilas que, com os territórios circundantes, foram alvo de análises aprofundadas quer do ponto de vista das peculiaridades territoriais, assim como da reconstrução e conservação da memória colectiva. A missão do *Museo Diffuso* consiste, portanto, em juntar “ai compiti principali di ogni museo (...) la vocazione naturale di mettere in relazione luoghi, patrimoni, tradizioni e comunità locali”.<sup>8</sup> A caracterização do sítio, as belezas e as asperidades, as antigas tradições ainda vivas na memória colectiva, um olhar alargado ao património cultural que torna a identidade da comunidade única. Tudo isto numa óptica de gestão participativa, com particular atenção ao envolvimento da comunidade que intervirá directamente e com responsabilidade a favor da valorização e da comunicação eficaz da própria herança cultural. A internacionalização de projectos em que o comboio é um dos elementos de união de territórios às vezes distantes entre eles, é dada pelo significado simbólico que este meio de transporte inclui e que é utilizado nas artes – literatura, cinema, poesia, música, pintura - nacionais e internacionais.

### **O MUSEO DIFFUSO NA LINHA DO OESTE**

Na actual conjuntura vivencial, que se apresenta e se antecipa como um forte desafio em termos económicos e de relações sociais, o projecto ao qual estamos a trabalhar consiste na implementação do *Museo Diffuso*, com as características acima mencionadas, no território da Linha do Oeste, cuja conformação geográfica, com a presença de uma linha ferroviária, nos remete para o modelo italiano da linha ferroviária Roccasecca-Avezzano.

A escolha do território foi pensada no intuito de recuperar e valorizar o património cultural desta área interior de Portugal, numa colaboração entre a academia e a sociedade civil. O território português, com os seus 600 km de comprimento e 300 km de largura, possui uma diversidade geográfica cuja potencialidade não está devidamente aproveitada. O turismo focaliza-se, principalmente, nas maiores cidades (Lisboa, Porto, Coimbra, entre outras) e nas pequenas vilas costeiras que aproveitam a atracção pelas numerosas praias e admiráveis panoramas sobre o Atlântico. Com uma faixa costeira privilegiada, a Região Oeste, por exemplo, foi reconhecida com o nível Ouro para 2020-2021 no âmbito da candidatura apresentada pela Comunidade Intermunicipal do Oeste.<sup>9</sup>

No entanto, se excluirmos um fraco turismo alternativo, o interior do país não está devidamente aproveitado no sentido da organização de turismo sustentável. Esta realidade foi inspiradora na concepção de um projecto que visasse sensibilizar e potenciar o envolvimento das comunidades locais para responderem activamente à escassa exploração da identidade da região. Outras razões que nos levaram a escolher o dito território dizem respeito à

---

<sup>8</sup> “A passi ferrati sui binari della cultura” Per un museo diffuso nella Valle del Liri”, título do projecto da Università di Cassino.

<sup>9</sup> <http://www.cm-nazare.pt/pt/noticias/regiao-oeste-foi-considerada-um-destino-de-ouro-para-2020-2021?fbclid=IwAR2OeuFmHQxssPN8iCFCLWuwMGHqY4knNi25cAOhA2VLHQbaZPlidWkttCso>

presença de uma linha ferroviária que, actualmente, está pouco desenvolvida, e ao facto de as vilas em questão possuírem recursos diversificados, desde à agricultura até a actividades transformadoras e serviços que muito podem e devem ser potenciados.

A própria característica do *Museo Diffuso*, na sua vertente plural e multidisciplinar, conjuga a história do património, a história social, a arte, a arquitectura, e, possivelmente, as novas tecnologias que servem para a divulgação e o conhecimento.

A estação ferroviária das vilas da Linha do Oeste constitui, por um lado, a estrutura fulcral na vida das pequenas comunidades, e, por outro, é a porta de entrada para o território e para as suas peculiaridades e riquezas. De modo a simplificar a exposição, vamos ter em atenção apenas três vilas da Linha do Oeste, nomeadamente Bombarral, Óbidos e Caldas da Rainha. Não nos podemos deter demoradamente sobre as características territoriais e socio-culturais destas vilas, apenas, e só como exemplo, mencionamos os estudos levados a cabo nestes últimos anos por Nunziatella Alessandrini e outros investigadores que revelaram uma forte presença de artefactos históricos em pequenas vilas espalhadas no município de Bombarral. A organização de dois colóquios, em 2015<sup>10</sup> e 2018<sup>11</sup>, no Carvalhal do Bombarral na esplêndida Quinta dos Loidos, residência, no século XVI, dum rico mercador italiano, revelou a riqueza da história local, e despertou o interesse da comunidade e das empresas agrícolas locais que apresentaram e ofereceram os seus produtos.

A riqueza do território, com as suas especialidades agrícolas- frutas, vinhos e tradições alimentares que contam séculos de vida - assim como o rico património imóvel – capelinhas, igrejas, santuários, ricos em azulejos, pinturas, esculturas, documentos de arquivo espalhados nas famílias das várias pequenas vilas, representa um valor inestimável que deve ser reconhecido pela comunidade, restaurado e apresentado ao público. No entanto, a promoção deve ser integrada no território através de a) aumento de uma visibilidade qualificada da economia, sociedade, cultura e ambiente dos centros urbanos com ferrovia e dos seus arredores; b) renovação do processo de reconhecimento do interesse histórico artístico dos achados arqueológicos e do património c) análise aprofundada destes lugares de modo a salientar, num processo interdisciplinar e multi-ator, dos aspectos peculiares que irão ser utilizados para a reconstrução e conservação da memória colectiva.

A importância da ferrovia reside, nesse sentido, no facto de constituir, simultaneamente, um polo de agregação e de propagação de conhecimento, concretizado, por exemplo, na elaboração de um conjunto de itinerários culturais físicos ligados pelo percurso da linha ferroviária, que irá, de facto, disseminar informações e o conhecimento sobre a história e o património local, sendo o objectivo o reencontro com o passado e a redescoberta desses lugares. A constituição de novas rotas culturais através da identificação do património móvel e imóvel do território – por exemplo, a rota dos azulejos das estações, dos chafarizes, das várias capelas disseminadas no território e ainda pouco estudadas; a rota de produtos agrícolas específicos da região; a rota da presença de comunidades estrangeiras que nos séculos passados habitaram a zona e deixaram marcas ainda hoje bem visíveis; a identificação de um percurso verde de cicloturismo histórico ao longo da ferrovia; a

<sup>10</sup> <https://gazetadascaldas.pt/cultura/as-familias-italianas-do-carvalhal-bombarral/>

<sup>11</sup> [http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file\\_002780.pdf](http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file_002780.pdf)

reutilização de áreas não aproveitadas das estações ferroviárias – abrirá inúmeras possibilidades de garantir um turismo sustentável de grande porte, sendo o património do território à disposição dos turistas e visitantes.

A abordagem para o estudo do território deve ser necessariamente interdisciplinar: a integração de diversas áreas do conhecimento, nomeadamente a história económico-social, história da arte, da arquitectura, património, geografia humana numa interacção aplicada ao território, irá contribuir para a valorização do património móvel e imóvel e para a preservação da memória. A recolha de dados com o levantamento de fontes primárias, com o apoio de entrevistas à população mais velha, e os contributos de diversos actores do território – envolvendo a recolha de testemunhos, imagens, fotografias, recortes de jornais etc. - fará com que a comunidade se torne parte activa, reforçando a sua ligação com o território. Para além disso, a população do território terá benefícios, jovens e adultos, tendo os instrumentos para intervir conscientemente, enquanto cidadãos mais informados e sensibilizados, no aproveitamento sustentável dos recursos do território, assim como a sua preservação.

Deve-se também considerar não despendendo o impacto sobre os sectores produtivos da sociedade civil, de acordo com o Objectivo de Desenvolvimento Sustentável 12: Produção e consumo sustentáveis <https://unric.org/pt/objetivo-12-producao-e-consumo-sustentaveis/>.

É nessa estrutura, de facto, que se define o conceito de *Museo Diffuso*, um Museu que transborda do edifício físico e se desenvolve através do conhecimento multi-apropriado do território, incidindo sobre o homem e o seu ambiente de maneira absolutamente complementar.

## NOTAS FINAIS

Nesta abordagem interdisciplinar interessou-nos de modo mais particular, e tendo em conta o estudo de caso da linha ferroviária do Oeste, identificar os aspectos sócio-espaciais, económicos, ambientais e culturais do património (material e imaterial) naquele território, promovendo e oferecendo através do *Museu Difuso* uma experiência física, que possibilita a criação de uma identidade simbólica com o lugar visitado.

Neste sentido, desempenham um papel fundamental as novas tecnologias da informação e da comunicação, bem como a redefinição do próprio conceito de lugar, que partindo de um espaço físico experienciado, nos permite a aquisição de conhecimentos mais altos e integrados.

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Caminhos do Património*. DGEMN/ Livros do Horizonte: Lisboa, 1999.
- BRUNO, Ivana. *Il museo diffuso. Un modello per la tutela e lo sviluppo del territorio*, Giornata di studi-La Valle del Liri: un territorio da valorizzare, Università degli Studi di Cassino e del Lazio Meridionale, Cassino, Palazzo degli Studi, Campus universitario, 7 maggio 2019 (No prelo)
- *Il museo diffuso. Un nuovo modello per la conservazione e lo sviluppo del territorio*, Giornata di studi-La Valle del Liri: un territorio da valorizzare, Università degli Studi di Cassino e del Lazio Meridionale, Cassino, Palazzo degli Studi, Campus universitario, 7 maggio 2019 (no prelo)
- CHOAY, Françoise. *L'allégorie du patrimoine*. Paris: Ed. Du Seuil, 1992.
- DRUGMAN, Fredi (a cura di). *I luoghi del sapere scientifico e tecnologico*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1994
- *Lo specchio dei desideri. Antologia sul museo*, a cura di M. Brenna, Bologna, 2010
- DUARTE, Álvaro; BELO, Duarte. *Portugal património: guia, inventário* (10 vol.). Lisboa: Círculo de Leitores, 2007-2008.
- MOREIRA, Sílvia Cristina Neves. *Itinerários Culturais: o Museu Difuso*, Dissertação de Mestrado, Vila Nova de Famalicão, 2010.
- PEREIRA, Paulo. " Património Integrado ou a alma dos edifícios" in *Conservação e Restauro do Património Móvel e Integrado*, Cadernos IPPAR, nº 4, Lisboa, 2003, pp. 5-15.
- SATURNINO, Laura. *Ecomusei, reti e sistemi museali. Progetto di Museo diffuso nella Valle del Liri: "Apassiferrati sui binari della cultura"*, Dissertação de Licenciatura, Università di Cassino, 2019 (no prelo).
- VARINE, Hugues de. *Le radici del futuro. Il patrimonio culturale al servizio dello sviluppo locale*, Jalla D. (org.), Bologna: CLUEB, 2005.

**A (RE)AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE PORTUGUESA E BRASILEIRA ATRAVÉS  
DAS FACHADAS DE EDIFÍCIOS HISTÓRICOS NO SÉCULO XIX: MEMÓRIA E  
PATRIMÔNIO**

THE (RE)AFFIRMATION OF PORTUGUESE AND BRAZILIAN IDENTITY THROUGH  
THE FACADES OF HISTORIC BUILDINGS IN THE 19TH CENTURY: MEMORY AND  
HERITAGE

Larissa Patron Chaves  
Mônica Lucas Leal de Macedo

Como citar este artigo:

CHAVES, Larissa Patron; MACEDO, Mônica Lucas Leal de. A (Re)afirmação da Identidade Portuguesa e Brasileira Através das Fachadas de Edifícios Históricos no Século XIX: memória e patrimônio. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 157-174, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 14/07/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## A (Re)afirmação da Identidade Portuguesa e Brasileira Através das Fachadas de Edifícios Históricos no Século XIX: memória e patrimônio

The (Re)affirmation of Portuguese and Brazilian Identity Through the Facades of Historic Buildings in the 19th century: memory and heritage

Larissa Patron Chaves<sup>a</sup>

Mônica Lucas Leal de Macedo<sup>b</sup>

### Resumo:

O trabalho pretende analisar as fachadas de edificações construídas pela comunidade portuguesa no Brasil e retornada para Portugal, correspondentes a casas residenciais e ou de Instituições hospitalares, sua apresentação perante as comunidades locais, como edificações de origem lusa e brasileira. É apresentada a possibilidade de estabelecer relações entre as imagens produzidas pelas Instituições e as suas aplicabilidades, e pelas residências privadas e seus proprietários. A partir delas, emergem representações e complexas relações sociais envolvendo grupos de elite, questões de identidade, memória e patrimônio no movimento à lusofonia. Como exemplares da produção simbólica que enfatiza o cruzamento de representações e identidades são apresentados os casos das *casas de brasileiros*, em Fafe-Portugal, e algumas das Sociedades Portuguesas de Beneficência, do Rio Grande do Sul.

### Abstract:

The work aims to analyze the fronts of buildings constructed by the portuguese community in Brazil and given back to Portugal, belonging to residential and/or nursing homes, as buildings of both brazilian and portuguese origin. The research shows the possibility of establishing relationships between the images produced by institutions and their applicabilities, and private residences and their owners. Representations and complex social relationships emerge through them, involving elite groups, questions about identity, memory and patrimony in the movement to lusophony. The cases of the *casas de brasileiros* – brazilian houses –, in Fafe-Portugal, as well as some from *Sociedades Portuguesas de Beneficência*, in Rio Grande do Sul are shown as examples of the symbolic production which emphasizes the crossing of representations and identities.

### Palavras-Chave:

Identities. Historical buildings. Lusophony. *Brazilianos*.

### Keywords:

Identities. Historical buildings. Lusophony. *Brazilian*.

<sup>a</sup> Docente do PPG em História-UFPel. Graduada em Artes Visuais-UFPel. Mestre em História-PUCRS. Doutora em História-UNISINOS. Pós-doutorado em História-Universidade de Évora. Área de atuação: Arte e História. Coordena os grupos de pesquisa “Imaginária Sacra no Rio Grande do Sul”; “Identities Luso-brasileiras e Conexão de Mundos: História e Representação no Mundo Luso-brasileiro”. E-mail: larissapatron@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1678-7007>.

<sup>b</sup> Doutoranda do PPG em História-UFPel. Arquiteta. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pesquisadora na área do patrimônio através dos grupos internacionais de pesquisa “Identities Luso-brasileiras e Conexão de Mundos: História e Representação no Mundo Luso-brasileiro”; e “Casas Senhoriais e seus Interiores: Estudos Luso-brasileiros em Arte, Memória e Patrimônio”. E-mail: monica.macedo.ni@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3449-8946>.

## INTRODUÇÃO

Movimentos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade. Em diferentes momentos, pessoas se deslocaram e se deslocam em busca de sonhos, de oportunidades, de uma nova vida e de reconstruir espaços, motivados pela sensação do acolhimento e reconhecimento de si e de suas ações. No Brasil e em Portugal não foi diferente, sobretudo na segunda metade do século XIX, momento considerado importante para a consolidação de uma mudança social atrelada ao desenvolvimento político das nações. Esses imigrantes e emigrados, deixaram contribuições, desejosos de um retorno cá e lá, um reconhecimento desconhecido por muitos em vida. Ainda assim, pensar a história dos deslocamentos em um período pós-colonial nos motiva a considerar a pergunta: por que as pessoas migram? O que buscam como reciprocidade?

No império do Brasil, desde o século XIX, momento em que não mais fora colônia de Portugal, uma política favorável a imigração para o país fora adotada, sobretudo com relação à população advinda da Europa. A imigração subvencionada tem dois momentos marcantes na história do país: 1º) depois da vinda de Dom João VI, no início de 1808; 2º) depois da extinção do tráfico negreiro em 1850, e das posteriores e definitivas leis que extinguem a escravidão, como a do Ventre Livre, em 1871, e a Áurea, em 1888. Permeado por estes acontecimentos históricos, o tema da imigração europeia para o Brasil na segunda metade do século XIX, largamente discutido na historiografia brasileira, é tratado sob o prisma da imigração centralizada, organizada e subsidiada pelo Estado, com atenção especial à origem das colônias de alemães e italianas.

Os lusos recém chegados fazem parte da grande migração em massa que assola os países da América Latina entre os anos de 1860 e 1880. A imigração portuguesa para o Brasil pode ser encarada como um fenômeno análogo ao da imigração de outras nacionalidades como a francesa, ou a inglesa, e por isso, justificadamente, as condições de possibilidade que instigam essa população imigrante ao deslocamento são extremamente importantes enquanto fontes explicadoras do processo de desenvolvimento desse país.<sup>1</sup>

Em Portugal, a partir de finais da década de 1850, iniciou-se a introdução do capitalismo no meio agrário, notadamente no Alentejo e no Ribatejo, formando companhias que se lançaram na

---

<sup>1</sup> Dados numéricos sobre o movimento migratório para o Brasil são registrados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A estatística do porto do Rio de Janeiro mostra que aos 14 anos, decorridos de 1865 a 1878, entraram 388.459 estrangeiros que pela maior parte do país se fixaram. Nessa corrente de população entram os portugueses pelo número de 179.623, e os alemães pelo de 34.217, o que demonstra a proporcionalidade dos elementos da nova população. Ainda, desse número de estrangeiros, aproximadamente 269.971 são homens e 118.488 são mulheres. No caso português, pesquisa realizada no livro de registros de imigrantes chegados ao Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (dois Estados do Brasil), entre os anos de 1860 e 1890, mostra que a maioria dos imigrantes lusos se identifica como operários, solteiros, entre 20 e 25 anos. Portanto, é menos comum encontrar o registro de um português que emigra com a família, pois sua vinda ao país consiste na ideia de trabalhar e enriquecer para posteriormente retornar a terra Natal. No ano de 1880, entra no país um número total de 34.725 portugueses, sendo que 20 entram pelo porto de Belém; 23 pelo porto de Recife; 136 pelo porto de Salvador; 74 pelo porto de Vitória; 20.335 pelo porto do Rio de Janeiro; 9.246 pelo porto de Santos; 109 pelo porto de Paranaguá; 8 pelo porto de Florianópolis e 84 pelo porto de Porto Alegre (as principais cidades portuárias da costa brasileira, de norte a sul). Sobre essas questões ver em “Honremos a Pátria, senhores!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro (1854 – 1910). Tese. 2008. Universidade do vale do Rio dos Sinos.



agricultura comercial. Tal fato proporcionou, por um lado, um leve crescimento econômico, e por outro, uma forte migração populacional das zonas rurais para os centros urbanos (em decorrência da perda das pequenas propriedades rurais) ocasionando o início da sobre população.

Posteriormente, um outro fator contribuinte à emigração dos portugueses para o Brasil foi a política orçamentária do seu país. Os problemas sociais e políticos de Portugal, de 1880 a 1890, materializaram-se pelo comprometimento de 50% das receitas do Estado com a dívida pública. Nesse ponto, a perspectiva do sistema de governo baseado na doutrina liberal durante o século XIX, defendia que a emigração para as colônias era vantajosa para a economia das metrópoles. Embora o Brasil na segunda metade do século XIX não fosse mais colônia de Portugal a muitas décadas, é sob essa visão que a emigração para o país foi encorajada pelas autoridades governamentais portuguesas.

Do outro lado do Atlântico, alguns portugueses iniciam outro movimento. Enriquecidos pelo trabalho no Brasil, retornam às localidades de origem com a alcunha de “Brasileiros de torna-viagem”. Para ser reconhecido em Portugal como um *brasileiro de torna-viagem*, ou simplesmente um *brasileiro*, era preciso ter obtido sucesso em sua empreitada no Brasil, retornar endinheirado, patrocinar obras de benemerência, exibir roupas caras, joias, e imitar um comportamento social – com todo tipo de aparato simbólico relacionado ao Brasil – desde a vestimenta, o sotaque, até os trejeitos e as maneiras do brasileiro novo burguês.

Esse movimento gerou novas formas de mobilidade. O retornar a sua terra natal, reforçando o prestígio e destaque social em uma terra então desconhecida representava o sucesso alcançado na viagem e empreendimento. Reforçou o imaginário projetado no Brasil, o de mundo novo e de novas oportunidades. Sabemos que de fato, essa situação não fora uma realidade para todos. Entretanto, a produção desses migrantes – portugueses no Brasil e *brasileiros* em Portugal – foi fundamental para a compreensão de suas representações, e com elas, o patrimônio edificado que deixaram nos dois países, como identificação do sucesso e memória coletiva.

O presente trabalho destaca essa produção simbólica, atual patrimônio edificado, através de exemplares elencados em função de uma metodologia comparativa por aproximação/semelhança. Os edifícios apresentados correspondem ao mesmo escopo temporal – segunda metade do século XIX – e são produtos das relações luso brasileiras, caracterizadas pela representatividade dos sujeitos.

## **A REPRESENTAÇÃO DO TORNA-VIAGEM: REAFIRMANDO IDENTIDADES DO BRASIL EM PORTUGAL**

“A classe hierarquicamente superior tenta impor e legitimar a sua dominação por meio de sua produção simbólica” (BOURDIEU, 1989, p. 14). É com base nessa afirmação do autor que se reconhece o apelo da representação social por meio da produção arquitetônica, que vai desde edifícios destinados a instituições públicas e privadas, até e principalmente, às casas residenciais, através dos tempos, e em diferentes contextos geopolíticos.

O artifício de se fazer representar pela aparência das moradias é usado desde o *Ancien Re-*

*gime*, quando a sociedade de corte se submetia à padrões rígidos de representação, fazendo da “hierarquia das casas” verdadeiro símbolo das “hierarquias sociais” (ELIAS, 2001, p. 98).

Na sociedade pautada pelo poder centralizador monárquico as casas de moradia eram usadas como artifícios para distinção social. O autor atenta para o fato de que as pessoas privilegiadas como os príncipes e os grandes, tinham a consciência de ter uma vida *society*, ou seja, “uma vida mais ou menos pública”, e assim se constituía a esfera social daquele regime, onde a classe trabalhadora ficava marginalizada e cujas “casas particulares não tinham importância assim como seus habitantes”.

Cada cidadão deveria saber o seu lugar na sociedade, e sua residência deveria ficar “dentro dos limites tradicionais impostos pela hierarquia social”. Através da casa se verificava a que “nível social” pertencia seu morador (Op. cit., 2001, P.76-77-78).

De acordo com o autor, foi pelos moldes do *Ancien Regime* que as relações sociais se desenvolveram.

No segundo quartel do século XIX, e entrada do XX os valores de representação serviam para afirmar a posição social da classe emergente – a burguesia – tanto no Novo Mundo, quanto na Europa.

As obras de arquitetura europeia produzidas a partir dos grandes centros urbanos, sobretudo na França com sua emblemática Paris, influenciaram diretamente os países americanos. No Brasil essa tendência ganhou força em meados do século XIX, e na entrada do século seguinte já eram muitos os prédios de arquitetura eclética despontando com inspiração nos edifícios europeus.

No Brasil os novos endinheirados – burguesia emergente – conquistavam mercados. A prosperidade veio na exploração da borracha no Pará, no ciclo do ouro nas Minas Gerais, nas transações comerciais dos grandes centros (TAVARES, 2017).

As casas apalaçadas, por eles erguidas, começaram a mudar os cenários urbanos desde as capitais até as regiões periféricas do país. Ao sul das américas as capitais Buenos Aires e Montevideu passaram a exibir palacetes sob a mesma influência, alastrando-se a prática às cidades vizinhas no Estado do Rio Grande Sul, desde Porto Alegre, até os centros urbanos da Região Lacustre, como Pelotas, onde as casas imponentes eram patrocinadas pelos barões do charque, passando pelas cidades da Região da Fronteira e da Campanha, atendendo aos anseios exibicionistas dos grandes latifundiários (SANTOS, 2007).

Nesse momento as cidades eram protagonizadas por um casario suntuoso rico em adornos, que afirmou e difundiu a linguagem arquitetônica do ecletismo historicista<sup>2</sup>.

Os edifícios de feição eclética possuíam todo tipo de adornos nas fachadas e nos interiores, vindos das ordens classicistas. Nas paisagens urbanas se destacavam pela imponência e monumentalidade. Os porões altos adjetivavam as casas como *assobradadas* – além da funcionalidade de ven-

---

<sup>2</sup> A linguagem arquitetônica do ecletismo historicista foi predominante no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Caracterizou-se por seus adornos, de raízes classicistas, nas fachadas e nos interiores, cujas casas assemelhavam-se a palacetes. Sobre esse tema ver mais em: SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia.

tilar os assoalhos, contribuía com o equilíbrio visual dos frontispícios tripartidos horizontalmente em: soco<sup>3</sup>, corpo principal, e platibanda para arrematar o alto das edificações. No soco apreciam as gateiras, ou óculos com gradis torneados em ferro fundido e molduras estucadas, enquanto as aberturas da edificação eram encimadas por vergas e sobrevergas trabalhadas em estuque, frisos e cornijas. Eram comuns os frontões marcando a entrada principal, enfeitados por elementos igualmente estucados que iam desde o monograma do dono da casa, até os símbolos ao qual se destinava a construção, as platibandas exibiam estátuas em faiança, de musas, compoteiras, pinhas, e tantos outros elementos fitomorfos. O excessivo apelo à ornamentação do casario imponente “salientava o poder e a riqueza das elites das cidades” (SANTOS, 2014, p. 65).

A essa altura os imigrantes portugueses haviam encontrado em solo brasileiro a *arvore das patacas*<sup>4</sup>. Uma vez retornados as suas localidades de origem, ganharam notoriedade na sociedade lusitana ao levar o progresso citadino para esses vilarejos. “Incontestavelmente foi decisivo o seu papel no desenvolvimento do centro urbano, fazendo-se emergir de um longo marasmo que vinha da Idade Média” (COIMBRA, 2017, p.12).

Aparatos de urbanização e todo tipo de infraestrutura, possibilitaram a construção dos edifícios imponentes, que segundo Renó Machado (2005), mudaram para sempre a paisagem do norte de Portugal.

A preservação destes monumentos está diretamente associada aos conceitos de François Hartog (2013), quando atenta para o fato de que essa valorização do patrimônio denota as relações que cada sociedade tem com o seu passado, e como essa relação marca as passagens temporais.

Atualmente os exemplares dessa arquitetura singular figuram como patrimônio cultural nas cidades do Porto<sup>5</sup> – onde os emigrantes retornados tiveram significativa participação devido ao fluxo comercial estabelecido com outros países, especialmente com o Brasil – e em algumas cidades das regiões Norte e Nordeste do país. A cidade de Fafe<sup>6</sup>, na região minhota, é conhecida como “capital da *arquitetura brasileira*” por preservar um grande conjunto arquitetônico erguido pelos *torna-viagem*. “Foram eles, que, indubitavelmente, deram o grande impulso para a modernidade de Fafe”. No forte período das migrações os habitantes dessa localidade rumaram em massa para o Brasil. Ao retornarem povoaram as ruas com edificações que exibiam ornatos “de motivos reproduzidos das Terras de Vera Cruz, dos brilhantes azulejos às típicas claraboias, passando pelas exuberantes varandas de ferro forjado ou fundido e pelas imensas janelas por onde entra a luz e saem sinais de opulência” (Op. cit., 2017, p. 12).

<sup>3</sup> O termo “soco serve para designar a base saliente das paredes”. (CUNHA, Almir Paredes. **Dicionário das artes plásticas**: guia para estudos da história da arte. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019). É comumente usado para referenciar a base horizontal saliente das fachadas, relativa aos porões.

<sup>4</sup> Dizia-se em Portugal que o Brasil era a *Árvore das Patacas*, lugar propício a se fazer dinheiro – *patacas* – ou onde o dinheiro nascia em árvores (MOYSÉS, 2014).

<sup>5</sup> No ano 2000, houve a grande exposição internacional “Os ‘Brasileiros’ de Torna-Viagem” na cidade do Porto/Portugal, onde tiveram presença marcante de meados do século XIX a entrada do XX. (José Manuel Lopes Cordeiro). Disponível em <https://www.publico.pt/2000/05/14/jornal/o-porto-e-os-brasileiros>. Acessado em 25/09/2020.

<sup>6</sup> Na cidade de Fafe/Portugal está localizado o Museu da Emigração e das Comunidades que conta as façanhas dos *torna-viagem*. (COIMBRA, 2017)

Para além da modernização e do evidente progresso, as casas ao *gosto brasileiro* afirmavam a nova condição de riqueza dos retornados, funcionando como o “verdadeiro estandarte de ostentação”, e uma “representação simbólica deles mesmos” (COIMBRA, 2016, s/n). Na descrição do autor vê-se as semelhanças do tratamento arquitetônico entre os edifícios que eram erguidos, a partir da segunda metade do século XIX e entrada do XX, dos dois lados do Atlântico. Ele fala das “fachadas amplas” adornadas com monogramas, da estatuária em faiança e das claraboias como maior símbolo da “arquitetura brasileira” (Op. cit, 2017, p. 16).

Embora o Brasil tenha importado da Europa os traços da arquitetura eclética, nos pequenos concelhos portugueses parados no tempo, a nova tendência construtiva não chegou através dos seus países vizinhos, mas acabou sendo levada pelos filhos retornados de além-mar. Uma vez influenciados pela arquitetura europeia dos grandes centros, praticada com largueza no Brasil, os retornados em situação de riqueza, esbanjaram as referências ao seu país de adoção, sobretudo nas casas. A tal ponto de a notoriedade destas construções ganharem a identidade de *casas brasileiras*. (Figura 1)



Figura 1: Casa brasileira. Fafe/Portugal.  
Fonte: Foto de Artur Coimbra.

Mais do que compartilhar os mesmos traçados do desenho arquitetônico, esses edifícios se fizeram repositórios de muitos signos cheios de referências brasileiras. Adotaram os avarandados<sup>7</sup>, passaram a exibir palmeiras tropicais em seus jardins, e as fachadas azulejadas usavam a paleta de cores nas tonalidades do verde, do amarelo e do azul, alusivas à Bandeira Nacional do Brasil “distinguindo o que foi uma *casa de brasileiro*” (MACHADO, 2005. p. 55). (Figura 2)

<sup>7</sup> Segundo LEMOS (1979), as varandas e os alpendres foram recursos arquitetônicos que as construções brasileiras começaram a lançar mão, ainda no período colonial, para fazer sombra a fim de refrescar o interior das casas assoladas pelo calor dos trópicos.



Figura 2: Detalhe de fachada azulejada. Casa brasileira. Fafe/Portugal.  
Fonte: Foto de Artur Coimbra.

Desse modo, as residências opulentas dos *brasileiros* em Portugal, não se igualavam nem as edificações comuns das suas pequenas vilas, nem ao casario eclético vigente nas cidades americanas, mas alcançavam linguagem própria. Enfim, se o histórico desses retornados personificou as cidades; as casas foram seus documentos identitários, ainda mais do que isso, se tornaram lugares de memória.

Apontando para o fenômeno da patrimonialização, há na sociedade contemporânea um desejo de perpetuar memórias, como se um temor assombrasse as pessoas – o fantasma da perda da identidade.

O medo de não ter referências, parece fazer de cada grupo, cada sociedade, lutadores em defesa da preservação de bens materiais e/ou imateriais capazes de fazer emergir as suas lembranças e assim perpetuar as suas memórias.

O conjunto arquitetônico de Fafe evoca memórias e dá testemunho da trajetória dos *torna-viagens*. É a valorização do passado, ou o do que sobrou dele, que ainda figura nas paisagens ou “instituições de memória – museus, arquivos, bibliotecas” –, como enfatiza Nora (2008).

Segundo o autor, dessas inquietações nasce o sentimento histórico profundo. O homem não tolera com facilidade o finito, não é agradável a consciência de si diante do signo do terminado. Se as memórias não existem mais, como reflete o autor, é preciso elencar lugares de memória.

É preciso elencar lugares de memória, para que os sujeitos não se percam de si mesmos, como atores passivos da passagem do tempo, sem referenciais.

## **A REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL NO BRASIL: OS EDIFÍCIOS DA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA**

A representação de uma identidade lusa acontece também no Brasil, movimento análogo ao dos *brasileiros* em Portugal, onde algumas instituições e agremiações de lusos estabelecem laços identitários com seus países de origem a partir de elementos da fachada de prédios, de moradia e/ou funcionais.

Este é o caso das fachadas dos edifícios das Sociedades Portuguesas de Beneficência, como instituições laicas criadas por portugueses no Brasil, sob a proteção régia portuguesa tornam-se, também, interlocutoras de poder, que só se modifica após a República Portuguesa em 1910.

A Sociedade Portuguesa de Beneficência é uma instituição hospitalar criada por imigrantes portugueses no Brasil, e no mundo colonial português, a partir da segunda metade do século XIX. Além de atender aos associados na enfermidade e na morte – objetivo principal dessas instituições – proporcionou suporte cultural<sup>8</sup> e financeiro<sup>9</sup> diante da omissão das autoridades governamentais brasileiras.

A mais antiga associação de Beneficência Portuguesa criada no Brasil foi a do Rio de Janeiro, em 1840, seguida por outra em Santos, em 1859. Em Pernambuco, muitas instituições de origem portuguesa foram criadas na segunda metade do século XIX, entre elas o Real Hospital Português de Beneficência para a comemoração da ascensão ao trono de D. Pedro V em Portugal, a 16 de setembro de 1855.

Como instituição privada, dependente do pagamento e de doações espontâneas advindas dos associados, as Sociedades Portuguesas de Beneficência diferem das Santas Casas de Misericórdia, fundadas também no Brasil, cujo atendimento hospitalar é direcionado para a população em geral e as despesas subvencionadas pelo Império. No entanto, em instituições de Beneficência Portuguesa, persistiram e persistem elementos que as situam sob o modelo das Misericórdias Portuguesas, criadas por Dona Leonor de Lancastre na Portugal do século XV, pois à semelhança das Misericórdias portuguesas, as Sociedades Portuguesas de Beneficência agem na circulação social da caridade tanto como um meio ético quanto como forma de perspectivar o favorecimento de determinados grupos e poderes elitários”<sup>10</sup>.

O edifício da Sociedade de Beneficência de Porto Alegre, apresenta inúmeras similaridades com o edifício-sede da sua congênere na cidade de Santos. A edificação caracterizada pelo estilo neoclássico, foi um retorno arcaizante aos estilos greco-romano e renascentista. As superfícies são

---

<sup>8</sup> Exame realizado junto aos arquivos das Sociedades Portuguesas de Beneficência nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé mostrou que é presente na história das instituições a existência de uma Biblioteca. A doação de obras da literatura portuguesa e brasileira realizada pelos associados e pessoas das comunidades, contempla a função cultural que tais associações também pretendem cumprir.

<sup>9</sup> Da mesma forma, é presente nos estatutos das instituições a ajuda às famílias de sócios falecidos, na concessão de benefícios às viúvas e órfãos na forma de mensalidades pagas.

<sup>10</sup> Sobre essas questões ver em “Honremos a Pátria, senhores!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro (1854 – 1910). Tese. 2008. Universidade do vale do Rio dos Sinos.

lisas e decoradas abstratamente; os pórticos enormes derivam dos templos gregos. O formalismo é refinado e enfatiza os frontões como as principais guarnições nos edifícios, uma marca da sua imponência e sobriedade. (Figura 3)



Figura 3: Foto noturna do prédio destacando platibanda cega, corpo principal com brasão.  
Fonte: Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre.

De modo mais conservador, opta por uma arquitetura racionalista, sóbria e maciça. Na platibanda, que coroa o edifício, encontra-se incrustado o brasão de Portugal, escudos das armas que também foram ofertados por associados, no caso a lusa Teresa Ferreira Porto Santos, esposa do então presidente da Instituição em 1869, o sr. Antônio Francisco Pereira dos Santos.

No caso do edifício-sede da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas a construção teve sua efetivação graças a realização de muitas subscrições e donativos de associados beneméritos. O lançamento da pedra fundamental deu-se no ano de 1861, tendo a conclusão do hospital sido dada por completa em 1868. O corpo inicial do hospital da Sociedade primava pela linguagem arquitetônica do ecletismo historicista, caracterizado pela horizontalidade. A capela da Sociedade de Beneficência de Pelotas é marca da representação do ideário católico como inerente ao povo português. Nesse sentido, ela apresenta referências estilísticas sob a influência do neobarroco. (Figura 4)



Figura 4: Foto da capela da Beneficência Portuguesa de Pelotas.  
Fonte: Foto de Larissa Patron Chaves.

Embora, não existam registros iconográficos do edifício da Beneficência de Pelotas, percebe-se que o mesmo brasão com as armas portuguesas se encontra no frontão da capela. Nesse caso, para além da evidência do estilo neobarroco, que pode ser visto pelas falsas colunas duplas e ornamentos que conferem movimentação à fachada, a identificação portuguesa torna-se, como em Porto Alegre, um símbolo do poder lusitano na cidade.

O edifício-sede da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande apresenta ao longo de sua história muitas modificações. A construção da primeira parte da edificação teve início no ano de 1857, quando pelo arrendamento dos prédios situados na Praça da Geribanda, números dois e quatro (atual Praça Tamandaré), foi erguida a primeira enfermaria. Após reivindicar a sua autonomia, a Sociedade de Beneficência de Rio Grande deixa de ser agência de Porto Alegre, em 1859, e nesse mesmo ano, começam as cotizações para a reforma da fachada do edifício-sede.

No entanto, foi somente no ano de 1868, que inicia-se a tão esperada reforma na fachada do prédio representativo da Instituição, que previa a sua reconstrução nos moldes do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. (Figura 5)



Figura 5: Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Fonte: Convergência Lusíada. Revista do Real Gabinete português de Leitura. N° 14, 1997.

O edifício do Gabinete Português na capital do Império obedecia a uma arquitetura neo-manuelina, ou seja, ilustrativa de uma época áurea em Portugal, em que o próprio Dom Manuel ao imprimir nas artes e na cultura um estilo próprio português manifestava o enriquecimento da sociedade durante o século XV, consequência dos descobrimentos e da oposição aos valores medievais, marcadores da Renascença portuguesa. No Rio de Janeiro, o Gabinete Português representou, e ainda representa, o símbolo da cultura portuguesa, pois configurou-se como guardião do saber nos inúmeros livros e periódicos que abriga.



De uma forma geral, a cópia da fachada do Gabinete Português representou para a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande uma maneira de equiparar-se com aquela Instituição, como detentora do saber e da cultura lusa, na garantia de obtenção de maior respeito e confiança por parte da população na cidade, e mais do que isso, do Rei de Portugal à quem endereçavam correspondência. (Figura 6)



Figura 6: Fachada do prédio da Sociedade Portuguesa de Beneficência em Rio Grande (1950).  
Fonte: Arquivo da Biblioteca Municipal de Rio Grande.

A edificação é marcada pela linguagem neogótica, pela referência ao gótico medieval, misturado às novas técnicas de construção tão quanto o já trabalhado dentro do ecletismo. Da Antiguidade são buscadas as colunatas da Roma Imperial; da Grécia Antiga são trazidos os pórticos dóricos. Os temas alegóricos e exóticos são usados à exaustão. Este estilo foi empregado principalmente como alternativa ao neoclássico na construção de grandes igrejas. A presença do porão é comum na época. Balaustrada na platibanda e cornija logo abaixo, clássicas. Padieira em forma de cornija acima das janelas também é clássica, mas o elemento ornamental rebuscado quebra a formalidade comum ao clássico: a presença de platibanda em concreto com desenhos geométricos imitando os que eram produzidos nos gradis de ferro tão em moda, traços do *art decor*. No prédio da Beneficência Portuguesa de Rio Grande este estilo sofreu forte influência da arquitetura gótica.

Da mesma forma, percebe-se que o edifício também apresenta semelhança com o Monastério dos Jerônimos, um dos maiores monumentos exemplares da tipologia manuelina em Portugal, construído por Dom Manuel, também em 1498. Toda a referência à fachada de pedra do Monastério, sua imponência e decorativismo, já haviam sido retomados no Brasil em 1810, na construção do Real gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e de Pernambuco, sendo, nesse sentido, evocado também o aspecto de glória que há na organização estética e formal que representa esta tipologia, especificamente típica da Portugal no período do reinado de Dom Manuel.

O prédio da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé, tomado como exemplo para um estudo do modelo compositivo dos edifícios das Sociedades de Beneficências Portuguesas, conta com uma extensa fachada, que se ergue imponente na parte alta da cidade, como se fosse um guardião, assemelhando-se às acrópoles gregas, que se localizavam no alto de uma colina. Este edifício, por sua

imponência, traduz uma riqueza de sensibilidade, de intuição, e até mesmo de poesia e que se somam às regras racionais da edificação. Apresenta em sua fachada, semelhança com o Palácio de Queluz, construído em 1747, última morada de Dom João VI antes de sua vinda para o Brasil. (Figuras 7 e 8)



Figura 7: Palácio de Queluz. Portugal.  
Fonte: Oficina de Turismo de Lisboa -1997

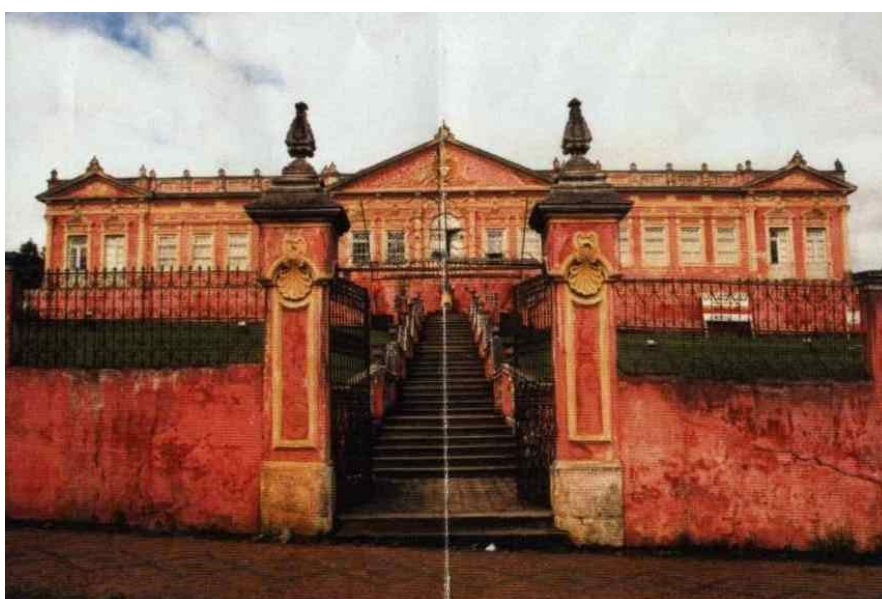


Figura 8: Fachada do Edifício da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.  
Fonte: Foto Maria Luiza Pegas.

O Palácio de Queluz, imagem marcante do gosto de uma época, valorizava a teatralidade, a aparência e a necessidade de espaços amplos, foi algumas vezes comparado ao Palácio de Versalhes, pelos jardins palacianos povoados de fontes e estatuárias barrocas. O edifício da Beneficência de Bagé, remete a arquitetura palaciana. Além do grande jardim de entrada, apresenta lances de escadas, em diferentes direções, onde dois lances se voltam para os jardins e outros dois para a parte superior, evi-

denciando uma sutil manifestação de movimentação, análoga às escadarias maneiristas do século XVI.

No frontão central da edificação, ornamentos apresentam uma réplica do escudo presente na bandeira de Portugal, emoldurado por dragões que conferem o sentido de poder e soberania à Sociedade Portuguesa fundadora da Associação. (Figura 9)



Figura 9: Frontão do Edifício da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.  
Fonte: Foto de Larissa Patron Chaves.

Para uma maior evidência das referências arquitetônicas, que acabam sendo mais um dos traços das representações cruzadas que entrelaçam Brasil e Portugal, destacam-se as caixas murais e fachadas da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, fundada em 1840 e o Hospital São José, de Fafe, inaugurado em 1863. Cabe destacar que as referidas edificações parecem tratar de modelos de representação, reforçando elementos de uma identidade portuguesa e suas conexões com o mundo. Identificação que ultrapassa o período expansionista ibérico, mas que rememora e projeta tal intenção, fazendo referência, tão quanto em Fafe, a lugares de memória. (Figuras 10 e 11)



Figura 10: Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.  
Fonte: Flickr. Disponível em: [flickr.com/photos/christiansisson/](https://www.flickr.com/photos/christiansisson/). Acessado em: 31/05/2021.



Figura 11: Hospital São José. Fafe/Portugal.  
Fonte: Foto de Artur Coimbra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno migratório que movimentou as águas do Oceano Atlântico entre o Velho e o Novo Mundo – entre Portugal e Brasil – teve seu ápice na segunda metade do século XIX e início do XX.

Portugal sofria com a sobre população nos centros urbanos em decorrência de uma política econômica que favorecia certo crescimento capital ao país, mas chegava por vezes, a destituir algumas famílias de suas pequenas propriedades rurais. A emigração era, então, estimulada tornando-se comum entre as famílias de pequenos produtores a prática de eleger um dos filhos para emigrar, outro para herdar a propriedade, enquanto os demais filhos eram incentivados a vida eclesiástica.

No Brasil, especialmente logo após a abolição da escravatura, emerge o interesse pela imigração europeia, com favorecimentos políticos/sociais. Interesses econômicos e ideológicos, como o “branqueamento da raça” possibilitaram a entrada desses estrangeiros que passaram a se beneficiar das boas condições de trabalho, sobretudo na área comercial. O Brasil fixava sua imagem de um país exuberante, revestido de uma roupagem exótica e atraente, onde se fazia dinheiro com facilidade – a verdadeira *árvore das patacas*. Em um dado momento eram eleitos para migrar para o Brasil, rapazes portugueses de boa aparência e com certo nível de instrução – deveriam ser alfabetizados e saber as quatro operações matemáticas básicas. Eram assim encaminhados a famílias selecionadas para, até mesmo, enlaces matrimoniais vantajosos para ambos os lados. Para essa intermediação era comum a presença de um caixeiro viajante, que também se beneficiava com este ofício.

O ir e vir dos viajantes proporcionou um contínuo e intenso fluxo de culturas e riquezas, formadoras de novas identidades, e geradoras de memórias. No entrecruzamento das relações transoceânicas, a identidade lusitana, primeiramente bem aceita pela sociedade brasileira cheia de interesses, passou a ser repudiada quando os imigrantes, uma vez endinheirados com as benesses do

país tropical, voltaram para Portugal levando consigo dinheiro, esposa, e filhos brasileiros. Permanecendo no Brasil “os engajados” – jovens portugueses de qualidade inferior aos primeiros selecionados – que acabaram a margem da sociedade burguesa da época.

Em Portugal, o retorno dos bem-aventurados emigrantes, determinou o surgimento de uma nova identidade cultural – luso brasileira – com peculiaridades de exposição de muitos signos de referência ao Brasil. Ao seletivo grupo foi dada a alcunha de *brasileiros de torna-viagens*.

A presença dos *brasileiros* nos pequenos Concelhos lusitanos de suas origens povoou os imaginários de uma sociedade parada no tempo, levou progresso citadino para essas localidades, e modificou a paisagem do norte de Portugal com suas edificações apalaçadas de uma arquitetura singular *ao gosto brasileiro*.

As *casas de brasileiros*, ou *casas brasileiras*, foram o maior artifício de representação usado pelos *torna-viagens*. A força de sua expressão é perpetuada e salvaguardada como patrimônio cultural, tendo como maior repositório de exemplares a cidade minhota de Fafe – “capital da *arquitetura brasileira*” – considerando sua presença significativa também na cidade do Porto.

A arquitetura praticada pelos *torna-viagens* em Portugal, aos moldes do casario dos principais centros urbanos do Brasil, era acrescida de detalhes que se fizeram signos de referência a terra de sua adoção. Certas características atestam essa singularidade como o uso de palmeiras tropicais em seus jardins, a presença dos avarandados, e a azulejaria de algumas fachadas com paleta de cores alusivas à Bandeira Nacional brasileira.

As casas de moradia obedeciam ao padrão de representação social, servindo aos anseios exibicionistas de seus proprietários, atravessando os tempos na conseqüente evolução do que foram os padrões hierárquicos da sociedade de corte.

Os distintos edifícios não se restringiam às moradias dos novos ricos retornados, também foram erigidos para abrigar as casas bancárias e as instituições filantrópicas como os hospitais e as escolas.

Os edifícios institucionais se destacavam pelas inovações construtivas e de infraestrutura urbana. No Brasil e em Portugal eram erguidos prédios de inspiração eclética, exibindo tamanha similaridade, que ajudou a reforçar a identidade luso brasileira desejada, aqui e lá. Como é o caso das Sociedades Portuguesas de Beneficências, de fachadas quase idênticas no Brasil e em Portugal. As criações dessas instituições, assim como as Casas de Misericórdia, ainda que salvaguardando os propósitos das associações hospitalares privadas e das casas de assistencialismo – que distinguem uma e outra – refletem os interesses lusos de favorecer determinados grupos e poderes elitários.

A distinção de grupos sociais é atestada também através dos hábitos, do linguajar, dos sotaques, das vestimentas, e dos casamentos oportunos. A produção de uma arquitetura rica em adornos vindos das ordens classicistas gregas, com o uso de frontões, cornijas, vergas e sobrevergas, platabandas ornamentadas, brasões, monogramas, estatuária em faiança, claraboias, porões altos, gradis, entre outros elementos pertinentes a linguagem do ecletismo historicista, constitui em repertório de referências de um lado e outro do Atlântico que permeiam as memórias, contribuem com a formação de novas identidades e afirmação das identidades que não querem se perder no tempo.

Grupos seletos sempre estiveram presentes entre as relações sociais. A aspiração e pertença às classes dominantes instigam a que se produza muitos símbolos de afirmação. Esses artifícios podem ser concretos e/ou imateriais. Enquanto produção de um legado material, o patrimônio edificado mantém viva a história da arquitetura, e perpassando por ela, revela a trajetória de muitos desses grupos.

Os edifícios erguidos por brasileiros, *brasileiros de torna-viagens*, e portugueses, dos dois lados do Atlântico, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, reforçam as identidades luso brasileiras – propositadas ou enraizadas – mesclando referências daqui e da lá, e marcando as paisagens e as memórias de Brasil e Portugal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: Reflexions on the Origin and Spread of Nationalist**. London e NY: Verso, 1991. Revisit edition.
- BENÉVOLO, Leonardo. **Introción a la arquitectura. Madid**: Ceselste Ediciones, 1992. p. 20.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CHAVES, Larissa Patron. **Honremos a Pátria Senhores! As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro (1854-1910)**. Porto Alegre: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História. Tese. 2008.
- COIMBRA, Artur Ferreira. **Fafe: A Terra e a Memória**. Fafe: Converso, 2016, pp. 186-202.
- COIMBRA, Artur Ferreira. **Fafe, meu amor**. Textos e imagens sobre o Concelho. Fafe: Núcleo de Artes e Letras de Fafe, 2017.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Tradução Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Trad. Andréa de Menezes et. al. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LEMOS, Carlos. **Cozinhas e etc**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Nº 35, p. 47-67, jan/jun, 2005.
- MOYSÉS. Tatiana de Fátima Alves. **Entre Portugal e a “Árvores das Patacas”**: os percursos do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana. Porto Alegre: Nau Literária, 2014.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Ed. Trilce, 2008.
- POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas: 1870-1931**. Pelotas: Ed. UFPel, 2014.
- SERRÃO, Joel. **Dicionário da história de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas, 1984. Volume V. pp (256, 257, 258).
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Documentos para a história da Imigração portuguesa no Brasil (1850-1938)**. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992.
- TAVARES, Andrea Caroliny da Costa. **Para onde foram as Patacas? Patrimônio de portugueses na Amazônia (Belém, 1840-1909)**. Belém. PA. UFPA. Resgate – Ver. Interdiscip. Cult., Campinas, v. 25, n2 [34], p. 145-166, jul/dez, 2017.

**EL CUERPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICACIÓN EN LA FIESTA DE SAN JUAN BAUTISTA DE NAIGUATÁ**

O CORPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO NA FESTA DE SAN JUAN BAUTISTA DE NAIGUATÁ

Humberto José Mayora Guaita

Como citar este artigo:

GUAITA, Humberto José Mayora. El Cuerpo Humano Como Canal de Comunicación en la Fiesta de San Juan Bautista de Naiguatá. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 175-201, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 23/02/2021

Aprovado em: 16/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412



## **El Cuerpo Humano Como Canal de Comunicación en la Fiesta de San Juan Bautista de Naiguatá**

### **O Corpo Humano Como Canal de Comunicação na Festa de San Juan Bautista de Naiguatá**

Humberto José Mayora Guaita<sup>a</sup>

#### **Resumen:**

Esta investigación tiene como propósito describir EL CUERPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICACIÓN EN LA FIESTA DE SAN JUAN DE NAIGUATÁ. Esta es una representación cargada de emotividad, junto con el baile y la música, constituyen una forma de expresión tradicional que integra la cultura y la religiosidad popular presente de sus habitantes. A través de las imágenes y narraciones se pondrá en evidencia como nuestro cuerpo humano baila, realizan cantos con frases, y entonaciones, que provienen de sus fieles, ingiere bebidas espirituosas y experimenta diversas formas de comunicación que emergen en esta festividad. Estas celebraciones ocurren en junio en Pueblo Arriba, en la parroquia Naiguatá, donde se le rinde homenaje a San Juan Niño. Sus cultores, y devotos lo consideran como un patrimonio vivo, preparan las ceremonias, elaboran guarapita, y repican sus tambores. Como metodología se trata de una investigación orientada bajo el enfoque cualitativo desde el paradigma socioconstruccionista de Gergen (testimonio de los autores que escriben, los cultores populares que hablan y narran historias y la reflexividad del investigador como elemento integrador), sumado a los aportes antropológicos de Bryan S. Turner y sus cuatro argumentos u orientaciones teóricas para el estudio del cuerpo; con sus técnicas corporales, destacando la importancia social y cultural del hombre al conocer la utilidad de su cuerpo en la sociedad y Tomas Csordas con su enfoque basado en el embodiment o comprensión mutua, retoma parte de la fenomenología de la percepción profundizada en la perspectiva de corporización o corporeidad presente en la existencia humana.

#### **Palabras-Clave:**

San Juan, Naiguatá, fiesta, técnicas corporales, embodiment y fenomenología.

#### **Resumo:**

O objetivo desta pesquisa é descrever O CORPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO NO FESTIVAL DE SAN JUAN DE NAIGUATÁ. Esta é uma representação carregada de emoção, a par da dança e da música, constituem uma forma de expressão tradicional que integra a cultura e a actual religiosidade popular dos seus habitantes. Através das imagens e narrações, ficará evidente como o nosso corpo humano dança, canta canções com frases, e entonações, que vêm dos seus fiéis, ingerem espíritos e vivenciam as várias formas de comunicação que surgem nesta festa. As celebrações acontecem no mês de junho em Pueblo Arriba, na paróquia de Naiguatá, onde se homenageia San Juan Niño. Seus devotos e devotos a consideram uma herança viva, preparam as cerimônias, fazem guarapita e tocam tambores. Como metodologia, trata-se de uma pesquisa orientada sob a abordagem qualitativa do paradigma sócio-construccionista de Gergen (depoimentos dos autores que escrevem, dos cultistas populares que falam e narram histórias e a reflexividade do pesquisador como elemento integrador), somado ao contribuições antropológicas de Bryan S. Turner e seus quatro argumentos ou orientações teóricas para o estudo do corpo; Marcel Mauss com as suas técnicas corporais, destacando a importância social e cultural do homem ao conhecer a utilidade do seu corpo na sociedade e Tomas Csordas com a sua abordagem baseada na corporeidade ou compreensão mútua, insere-se na fenomenologia da percepção aprofundada na perspectiva do encarnação ou corporeidade presente na existência humana.

#### **Palavras-Chave:**

San Juan, Naiguatá, festa, técnicas corporais, corporificação e fenomenologia.

<sup>a</sup> Doctor en Patrimonio Cultural (ULAC). Profesor a tiempo integral. Universidad Simón Bolívar, Sede del Litoral, Venezuela [hmayora@usb.ve](mailto:hmayora@usb.ve), [humbertomayora@yahoo.es](mailto:humbertomayora@yahoo.es) ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3953-4424>.

## INTRODUCCIÓN

Venezuela, a lo largo de su historia, muestra una rica diversidad cultural, la cual se refleja en las celebraciones tradicionales de sus diversos pueblos -algunos de ellos ubicados muy cerca de las costas venezolanas, como es el caso de Naiguatá-, que abarcan rituales, bailes, música, gastronomía. Gran parte de estas manifestaciones tienen su origen en la herencia cultural que integra la venezolanidad. Provenimos de una población aborígen representada por los indígenas, sumado a los esclavizados traídos de África, quienes por su condición étnica representaron una significativa fuerza de trabajo, y por último los nativos españoles, quienes trajeron su propio modelo económico, cultural y religioso.

Para el abordaje de este ensayo me referiré a dos puntos relevantes como la construcción del objeto de estudio y la visión misma que en mi condición de investigador puedo desarrollar. De acuerdo a Márquez (2008), "La construcción del objeto de estudio la realizaré dentro de unas perspectivas múltiples en lo que de acuerdo a lo expuesto en la literatura especializada, consideraré las vivencias y discursos cotidianos" (p 389). Con esta introducción me sumerjo para dar respuesta al diálogo intersubjetivo resultante de mi investigación.

A partir de lo antes expuesto inicio la producción del proceso investigativo considerando al mismo autor a lo largo de la exposición utilizando como recursos ilustrativos las expresiones; de los que escriben y los que hablan para referirnos a la literatura y a los testimonios orales respectivamente, para las ideas provenientes de mi reflexión, considerando las expresiones y emociones a partir de mi reflexividad. los cuales han sido obtenidos bajo su conocimiento y consentimiento autorizado a ser grabados y/o fotografiados de manera audio visual.

Es importante señalar que el paradigma socioconstruccionista de Gergen, (1993), de acuerdo con Sandín, (2003) como "una forma de comprender y explicar cómo conocemos y explicamos lo que sabemos." Por lo tanto, acota: "en el construccionismo social el significado y el conocimiento no se descubren, sino que son construidos por los seres humanos en su diario interaccionar". (p.47).

Tras lo antes descrito, me permito destacar que este estudio es una investigación cualitativa orientada a la comprensión detallada de la hermenéutica enfocada en la corriente del construccionismo social y en el enfoque de la fenomenología social, así como en el carácter inductivo, del cual añade Ugas (2005, p-15) cuando manifiesta "Inductivo porque induce principios explicativos a partir de los fenómenos que se han de explicar".

Para este ensayo visual no se impone una rigidez metodológica, se presentarán párrafos con citas de autores, luego vendrán las opiniones de los cultores o actores sociales y por último mi reflexividad. San Juan Bautista, representa una forma de tradición muy venerada en Venezuela, por la fe, devoción y uno de sus principales atractivos como los repiques de tambores, esa fuerza ancestral, una sonoridad que evoca un pasado que parece tan lejano y a la vez tan cercano que impulsa tu memoria generacional y hasta mueve tus sentidos e involucrando el cuerpo en reacciones instintivas.

## EL CUERPO

Según Ayus y Eroza (2017) El cuerpo como tema fue incluido desde el siglo XIX en la antropología, y le dio un lugar prioritario a su estudio con cuatro argumentos u orientaciones teóricas fundamentadas por Bryan S. Turner. Primero: La antropología filosófica situó al cuerpo con la ontología del hombre, comprendiendo su humanidad como hecho esencial y del cual sustentó las teorías de ancestro común. Segundo: La antropología fenomenológica, la cual volvió a los cimientos de la existencia humana y a la idea de Nietzsche del hombre como un "animal aún sin determinar". Tercero: el darwinismo social y a través de Edgard Wilson (1975), sociobiología y genética de la especie y aspectos relacionados al comportamiento, las diferencias y los cambios sociales. Y por último la antropología social y cultural, en la cual resalta la obra pionera de Marcel Mauss, técnicas y movimientos corporales. Este antropólogo francés reconoció en la temática del cuerpo uno de esos "campos mal compartidos donde se plantean los problemas científicos más urgentes".

Mauss, expresa la forma en que los hombres y sociedad por sociedad hacen uso de su cuerpo en una forma tradicional, y documentó las técnicas corporales, las cuales serán expresadas en el desarrollo de este trabajo y en las reflexiones finales se enunciará como complemento el enfoque fenomenológico de Tomas Csordas, como miradas de índole antropológico aunado a nuestra discusión basada en el cuerpo humano como canal de comunicación en la fiesta de San Juan Bautista de Naiguatá, el cual representa una forma de manifestación tradicional.

Según *Memorias de Vargas* (2005), en estas formas tradicionales se evidencian los aportes de los pueblos que históricamente han contribuido a la conformación del núcleo de la cultura popular venezolana. Existe una tendencia reciente a atribuir mayor peso a elementos culturales procedentes de África, tal vez porque durante años se los marginó deliberadamente o por ignorancia. La importancia social de los aportes africanos era anteriormente desestimada fuera del ámbito económico, como mano de obra en plantación, minas y otras tareas subordinadas a la autoridad de blancos peninsulares y criollos. Históricamente también fueron subestimados los pueblos indígenas originarios, diezmados y sujetos a crueles tratos durante el período de la colonia y la conquista. Continuando con la publicación *Memorias de Vargas* (2005), expresa lo siguiente:

La población indígena fue reemplazada por el esclavo africano en trabajos más duros. Los sobrevivientes debieron desplazarse a zonas de difícil acceso y sus aportes culturales considerados de nula importancia. Independiente de ello, la trascendencia de las culturas indígenas autóctonas y las africanas, sometidas a un largo proceso de concesiones y restricciones, actos de rebeldía y represión, contribuyeron en forma determinante a la estructuración social de un patrimonio cultural en un nuevo contexto donde se produjo la reinterpretación de numerosos elementos, diferentes a los aportados por indios, europeos y africanos (p. 17).

Al respecto, nuestro cultor Alberto Bonilla (2019) nos expresa su punto de vista:

Los negros adoraban a San Juan, a su tambores, los indios nativos de Naiguatá se iban más hacia la Virgen de Coromoto, y los españoles le rendían culto a las imágenes de la iglesia, pero llegó

una fusión, ya tanto el indio acepta al negro, el negro acepta al indio, se cuela la española, nace un españolito negro y vino la fusión, el mestizaje y la verdadera idiosincrasia de una festividad que no es africana ni europea, es nuestra versión, es la versión del venezolano en este caso la versión de la gente de Naiguatá, de la que hoy te puedo hablar. A través del tiempo uno va recabando o escuchando, atando cabos y haciendo lógica con lo que ha pasado. Como te decía al principio cuando llegaron los esclavizados africanos ellos no podían haberle tocado tambor a San Juan, no lo conocían, algo que le hicieron como un castigo a los africanos se convirtió en una de las mayores gracias que le hicieron, porque les obligaron a rendirle culto a un hombre que cuando ellos lo conocieron no fueron obligados, lo hicieron con devoción ¿por qué condición a rendirles culto y ser devotos de Juan el Bautista? lo que mal empieza mal termina y después a ellos los obligaron a una cosa que después no pudieron pararla, es tanto eso, que la imagen de Juan el Bautista es como la gente cree ahora, la imagen de Juan el Bautista viene con los africanos, resulta que le dieron el dedo y se cogieron la mano, entiende, porque ahora se relaciona más la devoción de Juan el Bautista por el lado africano que por el lado europeo.



Imagen 1. Alberto Bonilla, Cultor popular. Fuente: Alberto Bonilla (2020)

En medio de la crueldad que vivían los africanos, para ser rescatados y salvados de la muerte se les ofrecía una forma de dominación ideológica de conocer un Dios verdadero, practicar una misma religión y obtener así su plena libertad. Estas poblaciones trajeron además su *modus vivendi*,

tradición y su religión. Esta religiosidad tuvo que adaptarse a los rígidos patrones del catolicismo que funcionó como medio de transmisión para que permaneciera siglos después, y es por eso que se observan distintas tradiciones culturales. Respecto a lo informado por nuestro cultor Bonilla sobre la fusión en cual los indios y negros se encontraron y aceptaron mutuamente. Aparece lo europeo a darle esa mistura o mezcla a la que el cultor denomina mestizaje y de ahí al nacimiento de una festividad particular que ya no era africana ni europea sino la de Naiguatá, y con ello el nacimiento de una nueva cultura.

## **LA CULTURA EN EL CUERPO HUMANO**

La cultura implica una gran variedad de elementos materiales e inmateriales que contribuyen a afianzar sentimientos de identidad nacional. Parte de la cultura son las expresiones de los pueblos que integran representaciones bailables, musicales y religiosas, entre otros, tal como ocurre en la Fiesta de San Juan Bautista. La cultura es ese vínculo invisible que nos une entre personas y expone formas de pensar y de vivir, siempre han estado presente en mi cotidianidad. Como investigador, manifiesto, ser amante empedernido de todo lo que esté relacionado con la cultura y sus diferentes elementos que la componen (tradiciones, manifestaciones, creencias y oralidad). Debido a este amor que siento, desde hace ya varios años concebí un interés muy profundo por estos temas.

Por ello cito a Acuña (2001) quien relaciona la influencia de la cultura en el comportamiento humano:

Si partimos por asumir la gran influencia que la cultura posee como elemento orientador y configurador del comportamiento humano, entrando ya en el motivo principal de este trabajo nos podemos interrogar preguntándonos si es acertado o no pensar en la "construcción social y cultural del cuerpo". Para dar respuesta a esta cuestión se hace preciso superar la influencia que el pensamiento occidental ha tenido con respecto a las dicotomías cuerpo-alma y naturaleza-cultura; ya que nos enfrentamos con un hecho en el que confluyen internamente la carne (la naturaleza, la materia) y el sentido (la cultura, el espíritu) (García Selgas 1994:60). Hecho en donde el ser y el tener forma parte de la misma unidad.

Al respecto, Acosta Saignes (1967) nos señala:

Las historias, leyendas, canciones, bailes tradicionales de un pueblo o nación constituyen un conjunto de tradiciones. La memoria de un pueblo se forma a través de los años, se va enriqueciendo con acciones que se transmiten de generación en generación, es decir, de padres a hijos. Esas costumbres sabedores de cómo la resistencia humana tiene un límite, no se atrevían a impedir en los campos y los pueblos tales festejos, mientras, en muchas ciudades coloniales fueron restringiendo los bailes y toques de tambores de los esclavizados. Pero a pesar de las prohibiciones, reglamentos, reprimendas y castigos, las etnias marginadas defendieron siempre su música y sus cantos que hoy enriquecen, a través de sus descendientes, la cultura popular venezolana (p.221).

Este artículo se propone describir EL CUERPO HUMANO COMO CANAL DE COMUNICACIÓN EN LA FIESTA DE SAN JUAN DE NAIGUATÁ, como proceso multicultural. Ángel Acuña, conocido investigador del cuerpo humano, y de la fiesta de San Juan Bautista, hizo una recopilación etnográfica e histórica en el

estado La Guaira, específicamente en la Sabana, una comunidad cercana a Naiguatá y donde ha investigado de ésta fiesta y tomaremos como punto focal el cuerpo, como parte de esa construcción social y corporal para conocer y comprender la cultura dentro de esa naturaleza y alma dentro de nuestros cuerpos que sienten no solo de manera física sino también de manera emocional expresando esas diversas dualidades que parecen aisladas u opuestas pero convergen en una sola unidad o el mismo cuerpo humano.

También Acosta Saignes nos habla del enriquecimiento de nuestra cultura popular venezolana gestada a través de los descendientes de etnias oprimidas que siempre expresaron su música y tradiciones, lo cual fue producto de una resistencia humana inquebrantable que pudo hasta el momento sobrevivir. Hablar del cuerpo en este ensayo respecto a San Juan Bautista podrá narrarse de manera metafórica y narrativa de acuerdo a las opiniones, expresiones y mi propia opinión harán posible su comprensión.

Joel Izaguirre (2019), nos relaciona algunas canciones alusivas a San Juan Bautista y por ser descriptivas detalla lo que ocurre en las sensaciones corporales:

Dentro de la historia local había un canto que hacía referencia a una mujer llamada MARIA, MARIA está buscando su prenda de oro, y en el coro decía ay rum rum María Loa, ay rum rum María Loa es la historia de una mujer que estaba buscando una prenda de oro, que estaba enamorada de un novio, y para ella el novio era una prenda, era su príncipe azul, porque María estaba buscando su príncipe azul, y ese canto se fue perdiendo en el tiempo, muy poca gente se lo sabe o poca gente lo canta, y los mismos cantos que ya están se cantaba antes aún se conserva pero no de la misma manera como lo hacían antes, en el canto Julián Julián, Julián José se hacían versos, la gente inventaba versos, los improvisaban, versos comunes que también se encuentran en otro tipo de música tradicional como la fulía se cantan ahí, en el canto del dale también, en el canto del hueso, tiene variaciones que hoy en día no lo hacen porque se perdieron y la forma de cantar también se perdió, se perdió un poco y hay quienes la conservan pero hay otros que no, la forma de cantar junto con la parte del baile, que el baile es muy gestual porque es como en otras partes de la costa o en todos de los baile de la tambor como tal hay una gestualidad en cuanto al canto que es en la parte del hueso, la gente simula que algo le está picando en el cuerpo, hueso por la cabeza, entonces de acuerdo a lo que dice el cantante también se va haciendo la parte gestual del bailarín o del que en ese momento está bailando, me pica aquí, me pica allá, en el canto del rajuñao también se ve esa parte gestual.

Izaguirre nos narra de ciertas canciones donde los tamboreros y los fieles cantan en el baile de San Juan Bautista. Algunos de ellos se han perdido con el tiempo y se han ido transformando y hasta perdido. Por ejemplo la canción Julián Julián, Julián José repícame los tambores que me los quiero aprender oye. Esta canción yo la cantaba desde niño y muchos la hemos repetido aquí en Naiguatá. Aquí se relaciona en las canciones los sonidos del tambor y acompañados de una gestualidad jocosa y divertida que vincula el cuerpo humano con el doble sentido y también ocurre un baile, con movimientos muy descriptivos del cuerpo humano. Hay versos de antaño, improvisación. También la canción del hueso "me pica aquí, hueso me pica allá, hueso me está picando" las mujeres se tocan una parte corporal desde la cabeza otras partes que por lo general son risibles en la dinámica del baile de tambores.

Algo a lo que él configura al hecho de ser y tener en una misma estructura. A lo que Acuña recoge de Salinas (1994) y expresa:

El cuerpo humano es receptor de los acontecimientos sociales y culturales que suceden a su alrededor, y además constituye una unidad biológicamente cambiante que en contacto con su entorno se halla sujeto a significados diversos, importantes para la comunicación social (p.87). En ese sentido, las diferencias sexuales entre hombre y mujer no solo obedecerían a factores biológicos predeterminados, sino también a la influencia de factores sociales y culturales. Si la biología explica las singularidades de sexo, la realidad social y cultural explica la construcción de una identidad diferencial de género.

Joel Izaguirre (2019), nos vuelve a compartir otras canciones vinculadas a la festividad:

En esta parte del canto de la cuchara también la gente tiende a darle el doble sentido y al poner la cuchara con el significado del órgano reproductor femenino, entonces se señala esa parte de ahí e igualmente en el canto jorunga la cueva. En el canto de dale que no le ha dado, dale de medio lado, dale pal otro lado y se simula también. Ese animal está peluo también, la gente hace la seña, a mí no me gusta ese animal, la señal de la negación. Hay un antiguo canto que poco se canta medio huele y la gente canta alante y atrás, se hace como una seña entre las manos, hacia arriba y hacia abajo, las mujeres huelen alante y atrás, la parte del mal olor también, se simula que hay un mal olor entre todos los presentes que están ahí, hay otro tipo de canto que es en cuanto a eso no, se va perdiendo poco a poco pero va unido a lo gestual del bailaror y el buen tamborero quien sabe en realidad tocar tambor también lo asume porque el canto va también de acuerdo al repique entonces se improvisa el canto y también improvisa en el repique que es un golpe porque en Naiguatá es nada más un golpe y el tambor es lento, es cadencioso, con cierta parte de fuerza, se va llevándola medida digamos que el cambio y los cantos es de acuerdo a lo que se va dando al momento de acuerdo a la energía, como se va transformando el sonido, se van transformando los cantos, se va transformando el baile, también como tal.



**Imagen 2.** Devotos de San Juan Bautista bailando en pleno repique de tambores. Fuente: IPC Venezuela (2017)

Los sentidos, emociones, vibraciones no solo pasan por nuestros estados de ánimo sino también nuestro cuerpo físico; de manera biológica complementa estas características, así sea predeterminado. Hombres y mujeres respondemos a estos estímulos pero eso sí también tenemos una identidad diferencial que nuestra sociedad determina. Es importante resaltar según Salinas, sobre nuestro cuerpo, que recibe mucha información, la cual le viene de su medio social y cultural cambiante en un entorno pleno de diversos significados. La canción Dale que no le ha dado se interpreta de dos maneras: una al hecho de bailar y la otra una sugerencia de hacer el amor o tener sexo. Y también tapa la cuchara, ta tapá (está tapada) quiere decir que las mujeres deben protegerse sus partes íntimas. Nuestro cultor revela el rol e identidad de la mujer en estas festividades, está siempre presente demostrando, participando y gestualizando, algo que no se ve en los hombres y no porque no lo pueda o quiera hacer sino se ve que el hombre muestra un rol de mando en los tambores, como si fuera un guía o director que con los repiques y la cadencia del tambor demuestra a mi juicio la autoridad, y un rol cultural.



**Imagen 3.** Tamboreros en el inmenso repique en Naiguatá. Fuente: Mayora, 2014



## LAS TÉCNICAS CORPORALES

Acuña, A. (2001) señala:

M. Mauss (1971), indicaba al hablar de las "técnicas corporales" que antes de toda técnica propiamente dicha, considerada como "acción tradicional y eficaz" que tiende a transformar el medio con la ayuda de un instrumento (martillo, pala, lima, etc.), está el conjunto de las técnicas que utiliza el cuerpo en las actitudes y en los movimientos vitales de todos los días, como la actitud de descansar o los movimientos de andar, correr, nadar, etc.; siendo "el primero y más natural instrumento del hombre"(p. 352). El movimiento inteligente en el ser humano, desde el más simple al más complejo se aprende culturalmente como ocurre con el sencillo andar cotidiano. Pero la manera de caminar no es fija ni definitiva en una misma sociedad, sino que puede cambiar y evolucionar según el estilo de vida y los modelos culturales (frecuencia y modos de transporte, modas de la indumentaria, determinados tipos de calzado, etc.).



**Imagen 4:** Devota disfrutando de una bebida espirituosa delante del santo patrono. Fuente: Mayora 2014

Joel Izaguirre (2019), nos habla:

Por lo mismo el aguardiente es parte de la celebración de los antepasados recordemos que el aguardiente es algo que siempre está presente en muchos de los rituales africanos e indígenas, el aguardiente da o propicia alegría, propicia compartir, propicia también ese cambio físico, sino ese cambio corporal tenemos una persona en estado normal y en estado de ebriedad entonces la ebriedad es como parte de eso, el cambio físico y psicológico que senda ahí hace cosas que no haces cuando estas en la normalidad de repente se improvisan cosas te ayuda en la improvisación del canto, adquiere más resistencia en cuanto a los dolores al toque de tambor te sobrelleva, el aguardiente sobrelleva todos esos pesares te ayuda a olvidar las cosas, las penas que tiene a nivel sentimental. Te da alegría por el cambio que se da en el organismo del ser humano cuando toman aguardiente entonces es como parte de ese ritual que está ligado a la celebración.

Descubrir de mi parte la existencia de técnicas corporales fue un poco tardío, pero al mismo tiempo concientizas tu propio cuerpo, desplazamiento y diversos movimientos en tus acciones diarias. Un ejemplo particular cuando nos acostamos y ver nuestras camas tendidas y ordenadas para luego bien sea dormir, soñar y descansar, cambiar la postura mientras descansamos son diferentes, siendo el movimiento inicial y básico del ser humano. Por lo tanto, Acuña revela en que los movimientos del ser humanos se aprenden culturalmente y equipara al hecho de caminar tanto en el cuerpo humano con las sociedades, las cuales no son definitivas y que pueden variar y crecer según la propia cultura y manera de vivir.

Además Izaguirre nos narra de la bebida espirituosa, el aguardiente, como el licor presente en esta festividad y que en lo particular no comprendía el porqué de su uso y hasta abuso presente en la fiesta y cuando formé parte de este ritual, me sumergí en la tradición y lo pude comprender, no solo por la alegría y liberación que te provoca cambios de tu estado corporal y la ebriedad te da fortaleza y resistencia a permanecer en ese inclemente sol y calor, de lo que se recuerdan nuestros antepasados indígenas y africanos que labraban la tierra y realizaban sus faenas llenándose de alegría por ese reencuentro con esta festividad, ver a la devota delante del santo concuerda una técnica cultural como el beber comulga entre ella y el santo.

Acuña, A (2001) continúa con una explicación:

Para estudiar mejor las técnicas corporales M. Mauss propuso una taxonomía ordenada de acuerdo a la biografía o estadios evolutivos de la vida de una persona: nacimiento, infancia, adolescencia, y edad adulta. Las técnicas corporales relativas al nacimiento serían las distintas maneras de dar a luz (de pie, acostada, a gatas, en cuclillas), el modo de tomar al recién nacido, de cortar y ligar el cordón umbilical, los cuidados posteriores al nacimiento. Las técnicas de la infancia abarcan por su parte todas las técnicas de nutrición, de transporte del niño, de crianza, de destete, de aprender a caminar, etc. Las de la adolescencia son técnicas corporales en muchos casos de iniciación a un posterior desempeño de papeles sociales: en nuestra sociedad actual cabría citar las maneras y posturas adquiridas a través de la enseñanza escolar, por el aprendizaje de un oficio, o por el servicio militar, en el caso del varón. En otros modelos de sociedades la iniciación del adolescente asume formas rituales complejas que consagran su metamorfosis corporal y su "paso" al mundo de los adultos; además de la circuncisión que es frecuente en muchos pueblos, el adolescente es sometido también a determinadas pruebas de oración y escarificación asociadas a actos mágico-religiosos que dejarán su huella en el cuerpo. Si en ciertos contextos el reconocimiento

Joel Izaguirre nos expresa:

Se dice que el agua es un elemento particular de la celebración, el agua adquiere propiedades mágicas, en la parte bíblica San Juan era un santo que bautizaba, veo que actualmente existe el río Jordán, y luego de descubrir que Jesús el hijo de Dios a través de ese bautismo se cree que el agua ese día de San Juan a partir de las doce de la noche del día anterior el agua adquiere propiedades curativas y mágicas, de hecho en los rituales que están presentes se utiliza el agua como elemento en el ritual que anteriormente se señaló en el huevo se utiliza el agua como elemento y se echa la clara del huevo en un vaso de agua a la media noche del día 23 y a las 12 del mediodía del 24 se

ve la forma que ha tomado ahí en el vaso de agua, lo de la ponchera también que se echa agua en la ponchera y tú te asomas para que el agua diga que tu reflejo está ahí, entonces, son rituales que se hacen con el agua que según las creencias antiguas ese día coincide con el solsticio de verano, el agua tiene propiedades mágicas, entonces eran rituales que se siguen en España por el solsticio de verano, porque el solsticio de verano cambiaba la naturaleza. Entraba la persona en otro tiempo y los antiguos egipcios, el pueblo israelí, el paso de los árabes así la historia se va construyendo, se creen propiedades adivinatorias, esto coincide con la celebración católica de San Juan Bautista, entonces se mezcla una cosa con la otra y hay mezclas, lo que antes creía que eran los Dioses griegos, los dioses romanos en cuanto al solsticio de verano y la tribulación de hacer cosas mágicas se mezcla con San Juan Bautista.

Como investigador, hallar este tesoro de información dejado por Mauss para un mejor estudio de estas técnicas corporales en las que este autor propuso una taxonomía o glosario explicativo detallado en la vida de un ser humano por los estadios o segmentos. Entre esas técnicas relativas al nacimiento, niñez, pubertad, pueden variar de una sociedad a otra y también de género. La adolescencia podría ser una etapa compleja que puede transformar la vida y un cambio de estadio. Izaguirre nos habla de una manera detallada de los rituales de San Juan Bautista presentes y aunque no provienen de una taxonomía bien como lo ha explicado Acuña. Izaguirre nos puede hablar de las transformaciones del agua y sus propiedades mágicas y que si están narradas en las sagradas escrituras partiendo del sacramento del bautismo como un hecho significativo para la vida de todo ser humano, algo que se cree sencillo pero que inicia en el Río Jordán desde que Juan el Bautista practicaba este sacramento y donde bautizó al hijo de Dios y nos describe un ritual donde asoma la posibilidad que viene de su memoria ancestral el ritual de la clara del huevo y explica la forma que puede tomar dentro del agua.

También nos habla del reflejo de una persona observado en la ponchera o recipiente por medio del agua. Izaguirre nos reafirma que esos rituales se siguen realizando en España porque el solsticio de verano cambia la naturaleza de las cosas. Puede cambiar una cosecha y renovar un ciclo y hasta la vida de las personas y de cómo todo esto ocurrió en Egipto, en el pueblo de Israel y de cómo estas propiedades adivinatorias provienen de los griegos, romanos y árabes que influyó finalmente en España hasta llegar hasta nosotros al San Juan Bautista de Naiguatá.

Acuña, A (2001) continúa una nueva acotación de Mauss:

En cuanto a la edad adulta, la clasificación mencionada incluye diversas técnicas funcionalmente diferentes: técnicas de reposo, de actividad, de cuidados higiénicos, de consumo, de cópula sexual, de cuidados terapéuticos. Así, para descansar, los miembros de algunas sociedades, como nosotros mismos, se sientan; pero los miembros de otras sociedades, como los nómadas del Sahara, descansan poniéndose en cuclillas. En cuanto a la actividad habría que analizar las diferentes maneras culturales de caminar, correr, danzar, saltar, trepar, nadar, empujar, tirar, etc. Los cuidados higiénicos presentan también diversidad de técnicas de lavar, jabonar, frotar el cuerpo, de limpieza bucal, posturas para defecar o para orinar. Igualmente conocida es la variedad de posiciones sexuales, considerablemente divulgadas en los últimos tiempos. Las técnicas terapéuticas ofrecen

toda una amplia gama de posibilidades desde la medicina científica con las prácticas quirúrgicas y la aplicación farmacéutica; hasta la medicina popular y tradicional con el empleo de plantas, masajes, imposición de manos, ensalmos, rezos, etc. Como se puede comprobar esta clasificación y la definición misma de "técnica del cuerpo" reposan en el postulado de que todas las actitudes y actos corporales son utilitarios e instrumentales y de que el cuerpo es el instrumento primero y más natural de esa eficacia.

Joel Izaguirre nos complementa:

Y aprovechando ese elemento de como San Juan bautizó en el río, la gente se baña en el río, sobre todo las aguas en curso. La gente cree que a las 12 del mediodía, bañarse en el río se lleva las malas energías y te trae buena suerte, cortarse el pelo y echarlo en el río que este en curso. Como referencia más cercana tenemos el pueblo de Osma que todavía se conserva el ritual de las 12 de la noche del día 23. Hacer el encuentro entre San Juan y San Benito la gente se baña en el río, antiguamente en Naiguatá el espacio geográfico era otro cuando teníamos el río como tal la gente bajaba al río, se bañaba y se dice que también se bañaba la imagen. La señora Concha Iriarte, ya murió y en horas de la mañana bajaba la imagen del santo y lo bañaba en el río como para atraer los buenos augurios durante toda la celebración y muchas bendiciones. Entonces el agua está presente en la celebración generalmente se le pone una copita de agua en su altar.

Continuando con la taxonomía de Mauss y una vez pasados por los primeros estadios del ser humano, el mismo detalla entre otras técnicas corporales en la edad adulta como el reposo, actividad, cuidados de asistencia sanitaria, coito sexual, descanso, incluso detalla como los pobladores del desierto de Sahara logran descansar en cuclillas, algo que para sociedades como la nuestra parece ser increíble. Para la actividad, también hay maneras culturales como correr, caminar, saltar y bailar. En la higiene aunque uno lo haya realizado por imitación o repetición de conducta viendo a nuestros padres o más allegados como enjabonarse, cuidado dental e incluso para orinar y defecar. También están las técnicas donde se observa una diversidad en posiciones sexuales hasta las prácticas de cirugía en la medicina científica hasta la medicina popular y tradicional como el uso de plantas, masajes, reiki o imposición de manos, ensalmos, rezos, limpiezas, etc. Por otra parte, Izaguirre nos complementa otros rituales accesorios a San Juan Bautista y nos expresa como el bañarse en un río en mediodía te puede cambiar tu frecuencia vibratoria hasta mejorar tus energías. Cortarse el pelo y que el agua del río se lo lleve, también es una buena señal. Antiguamente en Naiguatá esto se realizaba en su propio río y complementa que la imagen del San Juan niño que reposa en Naiguatá era lavado en señal de buen augurio.



**Imagen 5.** San Juan Bautista de Naiguatá. Fuente: Alberto Bonilla (2020)

Acuña, A (2001) describe un nuevo argumento citando a Mauss y Le Boulch:

M. Mauss (1971) revela el carácter social y cultural de la corporeidad, poniendo de relieve "las maneras en que los hombres, en cada sociedad, de un modo tradicional, saben servirse de su cuerpo" (p. 343). En la misma línea J. Le Boulch (1985) considera que la manera de descansar, trabajar, caminar o estar de pie difieren de una sociedad a otra; añadiendo que "el carácter expresivo del movimiento que remite a la persona ya que traduce la emoción y la afectividad, no es nunca una expresión pura, sino expresión en presencia de los demás, por ende, expresión para los demás. Los movimientos expresivos del cuerpo, sus reacciones tónicas, adquieren una dimensión social en la medida en que se revisten de un sentido pragmático o simbólico para los demás" (p. 60). La transmisión de gestos socializados con diferenciación de estatus, orientados a conseguir un mayor grado de eficacia, apuntan hacia la especialización e incluso profesionalización del gesto.

Petra Díaz (2019) nos refiere en la adoración a San Juan Bautista de Naiguatá con respecto al aporte de las culturas africanas, europeas e indígenas:

con tus rezos, con mi rituales, yo llego allá arriba según mi fe y mis creencias, está bueno por supuesto la música, canto, por la costumbre como están el baile, la expresión corporal, como se expresaban, nuestra música en cuanto más lo que tiene que ver con el tambor que se da esa África que trae sus cosas, trae su lenguaje, también que trae su manera de bailar, de tocar. Pero que trajeron de España como te dije anteriormente esa mezcla crea una fusión interesante por ejemplo me imagino también en el transcurso de ese tiempo donde estaban los creadores, los que allí en ese momento empezaron a crear esos cantos, empezaron a crear ese tambor, yo le doy de

esta manera así hizo la parte de la construcción que tiene que ver con el tambor, yo no me lo pude traer de allá sino que lo construí acá con los arboles de por aquí, que si lo que si aguacate, que si la mata de tambor entonces no acababa el proceso, los cueros de venado. Por supuesto faltaban algunos elementos naturales para crear eso allí para yo este, también en mi parte poética poder llevar esa carga en cuanto al trabajo en cuanto a la vida estamos allí y se expresa a veces cuando uno hace ciertos movimientos fíjate como los aleteos al cielo, y la conexión de la tierra está ahí presente, entonces claro es importante que todos los aportes que las tres culturas en este caso dan esa mezcla interesante, importante, que se sigue dando, cosa que nosotros conocemos ahorita, cosas que se nos escaparon de nuestra memoria porque recuerden que hay cosas que se quedan y hay cosas que se van construyendo, se van creando así como seguirán creando a través del tiempo. Lo estamos haciendo ahorita, hay cambios, transformaciones, dentro de ese negro, ese indio y ese blanco que está aquí presente que está aquí con otro sentido, ya de otra manera, verdad, expresándose ya porque su creencia cambió pues ya no es de otra forma como era antes, entonces bueno yo creo, yo alabo, yo disfruto, yo comparto, yo agradezco, ve y ahí es porque se da esta bueno yo lo veo de esa manera maravillosa, que es lo que somos ahora gracias a eso.

Mauss destaca la importancia social y cultural en la que el hombre conoce la utilidad de su cuerpo en cada sociedad. En sintonía con J. Le Boulch quien afirma que el modo de descanso, estar de pie, caminar son diferentes de una sociedad a otra resaltando que la expresión del movimiento bien sea emotivo o afectivo no es puramente afectivo ni puro sino es una expresión para los demás. Estos movimientos del cuerpo y sus reacciones adquieren una dimensión social que reviste un carácter simbólico para los demás. Los gestos sociales son incluso transmitidos con diferentes estatus dirigidos a una mayor eficacia que se especializa y hasta se profesionaliza.

Nuestra cultora Petra Díaz, lleva su fe y creencias lo más alto posible destacando su aporte musical y es importante para ella la expresión corporal no solo de los individuos sino del alrededor, del lenguaje y el tambor que viene de África, su manera de bailar y de tocar ese instrumento que se fusiona con la cultura española y ella se pregunta dónde estaban esos creadores, los que empezaron a construir en esta tierra esos tambores. Cómo lo hacían si no vinieron en esos barcos, había que replicarlos aquí pero con qué árbol y cual tipo de cuero se hacía. Por otro lado cuando se baila a San Juan se canta y baila al cielo y a la tierra, nuestro cuerpo se involucra, eso junto con la maraquita es un aporte indígena y así es como se integran esas tres culturas, por un lado se quedan en la memoria y otras cosas emergen para transformarse y sentirnos orgullosos por lo que nos dejaron.

## **EL TAMBOR Y SUS RITMOS**

Verenzuela, (2011), reseña en su artículo "La fiesta de San Juan Bautista en Osma y Naiguatá", las festividades que se realizan en ambas regiones del estado La Guaira en honor al santo San Juan Bautista, tienen un hecho particular con categorías de sostenimiento y escape en base a lo que dice al investigador Brandt, (1987 p.91), de igual manera sostiene la importancia del sonido de los

tambores realizados en un estudio etnomusicológico mediante los tambores afro-venezolanos con elementos comunes del ritual con los ritmos de percusión. Continúa el autor afirmando:

El rol de cada tambor dentro de cada tipo de conjunto está compuesto por dos clases distintas de patrones o modos, usualmente denominado "toques" por los tamboreros. Para los fines de este estudio se describirán como patrones de "sostenimiento" y "ruptura". El patrón de sostenimiento, una fórmula rítmica básica, repetida continuamente, provee el apuntalamiento para la estructura polirrítmica general, y mayormente está asociada con las partes de soporte. El patrón de escape es una desviación, liberación, o escape del patrón básico. El patrón de escape es más característico del tambor más grande de cada batería. El patrón de sostenimiento de cada parte le da estabilidad al conjunto; el patrón de escape le añade carácter y estilo individual (Brandt, 1987: 127).

El cultor Elio Yriarte (2019) nos dice una información respecto a los toques del tambor tanto en Naiguatá como en Osma y Caraballeda:

Los toques de tambores también son distintos, tiene una base que es el pujao que es la base de todos los tambores de Vargas y de todos los tambores de Venezuela, que se da el pujao pero cada pueblo aquí tiene sus diferencias porque lo que uno llama la Costa, en la parroquia Caruao tiene siete pueblos, casi todos los pueblos tocan, hay diferencias de un pueblo a otro, la diferencia los toques, al final uno oye lo mismo tumtucutum tumtucutum uno lo dan más rápido, otros lo dan más lento, otro le atraviesa un repique, la base es la misma pero hay características diferentes en cada pueblo Naiguata mantiene la diferencia total por el tipo de tambor que le meten, la pipa que ha cambiado de madera de roble a lata, cartón, fibra, plástico.

En cuento a las opiniones antes descritas, se puede decir que ambos tamboreros expresan la importancia en los toques de tambor de los bailes dedicados a San Juan Bautista, ya que el sonido que ofrecen los tambores dan ritmo al cuerpo de los bailarines, así como también les imprimen carácter y estilo. El tambor más grande es el que ofrece equilibrio al conjunto. Esto es lo que le da vivencia al baile, que realizan los naiguatareños en honor a su santo patrono. Nuestro cultor nos detalla lo que él llama pujao, la base rítmica del repique que en cada pueblo es diferente, mientras Venezuela nos lo dice de una manera detallada de la percusión, el cultor nos lo dice de forma coloquial.

Nuevamente Venezuela (2011) nos expresa:

Todos los ritmos de nuestra música de ascendencia africana, tienen una morfología rítmica que caracteriza el estilo de su tumbao. En las notas que ejecuta la primera requinta, los sonidos se desplazan hacia adelante y hacia atrás en pequeñas fracciones de tiempo, para dar como resultado un ritmo morfológicamente distinto al simétrico patrón de la escritura exacta. La escritura musical es muy útil para el análisis de los golpes, pero no refleja sus contenidos expresivos. (p.98)

Algo que nos aporta Cáceres (2017);

Existe una maravillosa sonoridad musical, ya que tiene una marcada importancia en las manifestaciones culturales especialmente en aquellas vinculadas a las celebraciones que ocurren a propósito del solsticio de verano como son las celebraciones de la Cruz de Mayo, Diablos Danzantes

de Corpus Christi, San Pedro y San Juan Bautista.

Verenzuela como experto, nos señala gran parte de los valores de la música africana, dándole cualidades únicas de sus ritmos los cuales tienen un patrón que van hacia adelante y hacia atrás en muy corto tiempo, lo cual da como resultado de un ritmo estructurado para así analizarlo en sus golpes con contenidos de expresión. Mientras que esta cultura popular destaca la sonoridad musical presente en las tradiciones de Naiguatá que ocurren motivo del solsticio de verano desde la Cruz de mayo a San Juan Bautista, en estas precisamente de mayo a junio existe la preeminencia de los tambores y sus cantos, que los fieles, promeseros y devotos entonan al ritmo del tambor dicha sonoridad.

## **REFLEXIONES FINALES**

### **EL CUERPO FÍSICO COMO CANAL DE COMUNICACIÓN**

La experiencia de Ángel Acuña vivida al estudio del tambor en la Sabana con la fiesta de San Juan Bautista, nos revela lo importante del baile con tres ritmos: uno suave, el cual es escuchado al comienzo con movimientos suaves de caderas y levantamiento de brazos sin moverse del lugar preparando el cuerpo para una mayor intensidad. A continuación Acuña expresa el siguiente ritmo presente en el baile:

En consonancia con los ritmos, cuando entra el frenético y envolvente macizón, quienes lo siguen con el baile se hacen sitio donde estén para desplegar su propio repertorio de movimientos enérgicos. Los desplazamientos sobre el terreno son cortos, apenas se mueven del sitio, pero el cuerpo muestra toda la energía que puede desprender con gestos amplios de apertura y cierre de brazos, llevándolos arriba y abajo, con manos abiertas o semiabiertas siempre sugerentes. Sobre el sitio, el cuerpo gira en torno a su eje dando una o dos vueltas en un sentido u otro; unas veces se encoge agachándose abajo y otras se estira hacia arriba, sacando o metiendo pecho. Y la cadera, que en todo momento se deja notar con sus acusados movimientos a uno u otro lado, así como las nalgas cuando se sacan hacia atrás, sirve en la práctica para proteger el propio espacio y desplazar a culetazos a quien se acerca demasiado. No obstante, aunque las distancias entre quienes bailan son mínimas apenas hay roces. (p.78)

A continuación nuestra cultora Petra Díaz nos habla de los movimientos del cuerpo humano alusivos al baile de tambor:

Mira yo digo que eso bueno cortejo, la seducción, por supuesto está ahí el sexo que es natural, está presente, bueno en casi toda la manifestaciones del ser humano. Allí hay un baile donde tú de alguna manera te expresas con ciertos movimientos con ciertas formas, allí actúa toda la parte que cortejar a alguien, alguien que te agrada, la mirada a través del baile que se da el contacto de lo que se tome allí de lo que se comparte como tal como el baile ha variado, se pasea que si es adelante y atrás, es una manera de hacer ese baile de solución con los cantos dependiendo del mensaje que se



está dando en la rueda, y como tal como lo natural que es, como era antes como seguramente en la actualidad también sucede que aparezcan Juanes y Juanitas por ahí en la historia porque el sexo es natural, sea sexo o amor, lo que se da en el momento, no es que vas al tambor y vas a conseguir esto en este momento sino que lo proyecta como tal que hay algo natural, como el baile como tal que se presta para muchas cosas, dependiendo de la disposición de las personas que están allí presente, si el interés es ese, el interés será y la persona como tal lo asumirá.

Acuña detalla de los ritmos presentes en la fiesta de San Juan Bautista. El baile siempre comienza suave pero hay un momento en que el ritmo del tambor aumenta y su energía hace que te desplaces a lo largo de esa rueda, puedes abrir los brazos, agacharte y mover las caderas y apenas hay roces para evitar cualquier contacto. Así como Acuña detalla la proximidad de nuestros cuerpos, también nuestra cultora Petra Díaz nos habla de lo que también está inmerso en un baile de San Juan, la sexualidad, el cortejo como manifestaciones corporales humanas, ahí es donde los Juanes y Juanitas se encuentran y la rueda que concentra a los bailarores emite también mensajes ya sea de erotismo, coqueteo, flirteo. Porque yo lo he sentido en cuerpo presente, es verdad, bailan aquellos que primero se miran y de una manera voluntaria salen a bailar y lo que siempre es común es la atmósfera de sexo, feromonas, olores, sudores y todos los de la rueda lo captamos.



**Imagen 6.** Rueda que reúne los bailarores de tambor. Fuente IPC (2017).



**Imagen 7.** Ibídem. Fuente: IPC. (2017)

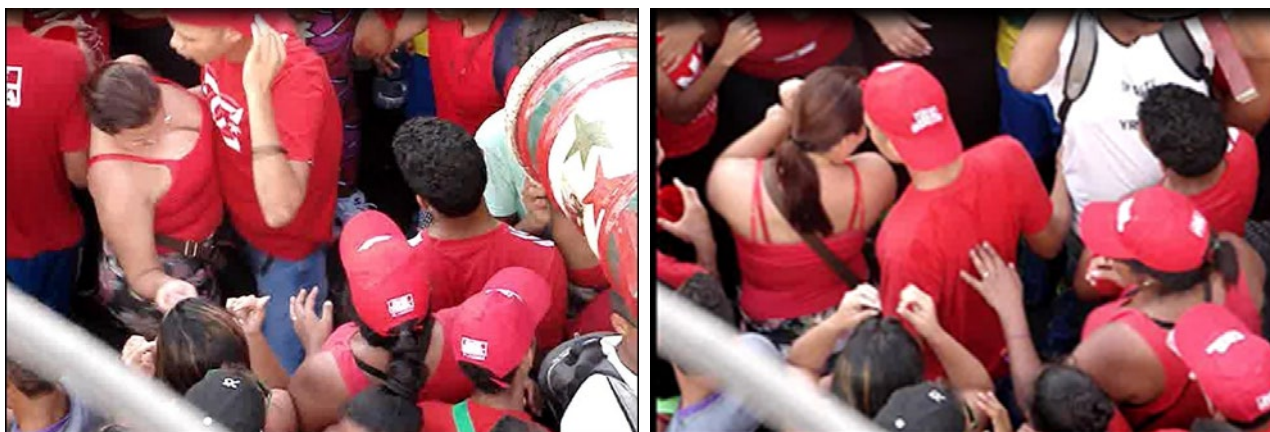
Acuña, A (2001) describe el ritmo bailado en la Fiesta de San Juan de Caruao:

Aunque existen una serie de gestos estereotipados que casi todos repiten, cada persona que baila lo hace a su modo, lo personaliza dándole su propio estilo. Entre el gesto forma más común cabe citar a grandes rasgos: giros sobre el propio eje, circulación en uno u otro sentido por dentro de la rueda, genuflexiones y estiramientos, cierre y apertura de brazos, torsión del cuerpo a uno y otro lado, contorneo de cadera, agacharse rodeando con los brazos el cuerpo de la pareja, brazos arriba, brazos abiertos y flexionados con ambas manos detrás de la nuca (los hombres), lo misma pero con una mano (las mujeres), pasos cortos y exagerados movimientos corporales; todo ello acompañado con la pareja, dado que se trata de un baile en el que ambos se muestran mutuamente dependientes. (P.78-79)

Frank Cáceres nos habla de movimientos por qué al escuchar los tambores hombres y mujeres

bailan de forma provocativa:

Si lo que pasa es que el toque tiene una parte sensual, yo pienso que los negros en ese momento demostraron el arte de bailar y lo demostraban con esa manera de danzar y eso es lo que se ha mantenido pues, al son de las caderas, al son del toque del tambor, y cada toque tiene una diferencia de baile, cada baile tiene su canto.



**Imágenes 8 y 9.** Estilos de los bailarines. Fuente IPC.

Estas imágenes concuerdan con lo dicho por nuestro autor Acuña, quienes, cuyos gestos se ven reiteradamente en cada bailarín, eso también tiene que ver con la duración del baile de esta pareja pues en el momento en que salen a bailar hay otra pareja que irrumpe y los retorna a la rueda y por eso no es mucho lo que se puedan lucir entre gestos y posturas, así como vemos al caballero de esta imagen con sus manos en la nuca y la dama con su movimiento de cadera delante del hombre en modo seductora. Nuestro cultor nos indica que esa manera de bailar viene de los negros quienes demostraban su arte al bailar y lo provocativo que resulta para las parejas que depende una de la otra.

Acuña (2013) nos resume en sí la festividad de San Juan Bautista en la Sabana:

En este sentido, no sería aventurado decir que la celebración de San Juan en La Sabana, ilustra de manera descarnada la cotidianidad entre sus habitantes nativos, para quienes la familiaridad induce al respeto. Es decir, el posible mensaje sexual transmitido en el baile al son de los tambores, por ejemplo, no representa necesariamente una provocación o una invitación al flirteo amoroso o al coito, como aparentemente pudiera parecer; más allá de las apariencias, teniendo en cuenta que se trata de actuaciones realizadas en escenarios públicos, y prestando atención a los detalles (baile cargado de insinuaciones sexuales en donde se evita el contacto físico), que es donde se halla la esencia de las cuestiones, los sentidos de la acción pueden estar más orientados al estrechamiento de los vínculos, al aprecio familiar y al respeto personal, como continuación de lo expresado en la vida cotidiana.

Izaguirre nos habla:

Anteriormente, muchos niños se engendraban ese día de San Juan, porque la celebración es eso, hay gente que consigue pareja ese día, porque en medio de la cuestión conoces personas, hombres, mujeres y se da como ese intercambio, que muchas veces a lo mejor se transforma en el

amor, pero otras no, en el momento es sexual toda la cosa. Para una atracción sexual que se da ahí, depende también que se dé con una persona o no, se varía de acuerdo a eso, está presente dentro de la celebración y la gente cuando está en estado de ebriedad. Como el aguardiente también está presente, permite que muchos seres humanos expresen lo que en el estado normal no quieren decir, a lo mejor de repente te atreves a decirle a esa persona otra cosa, o a otra persona que no, todo lo hace de manera normal y en el pasado los africanos, los esclavos hacían ese tipo de cosas que también hacían en ríos, montañas, en la oscuridad de los quilombos, detrás de las paredes de la hacienda, ese tipo de cosa se daban allí con otras variaciones pero todavía está presente ahí.

Acuña expresa como los nativos le rinden honores a San Juan Bautista, donde se percibe el ambiente de familiaridad y respeto y coexiste además con la carga de sexualidad que reúne el baile al repique de tambores, lo cual según el autor es una provocación conducente al sexo en lo que se puede observar en actos públicos y ante una multitud de propios y visitantes. Algo que según el autor es parte de su cultura popular y modo de vida en una festividad que los integra año tras año. Puedo corroborar esa contradicción particular de lo que he visto toda mi vida entre la unión familiar y un baile provocativo. Izaguirre expresa una realidad que también he observado como muchos niños han sido concebidos este día por quienes en un principio se conocieron y se unieron al ritmo de los tambores y poco después del coqueteo, coito, momento de amor o acto sexual se llegó a esto. El aguardiente según el cultor es uno de los posibles desencadenantes o motivadores que impulsa ese deseo y nos da una remembranza de lo que nuestros esclavizados hacían en los ríos, quilombos y haciendas nosotros en la actualidad lo representamos en otros lugares un poco más públicos.

Acuña nos habla del cuerpo como Lenguaje:

En segundo lugar existe un discurso que trata "el cuerpo como lenguaje", como un sistema semiológico, productor de sentido. R. M. Birdwistell (1952) concibió la idea de interpretar todos los hechos gestuales con la ayuda de la lingüística, dando lugar a la kinésica (kinesics), o ciencia del movimiento, donde el cuerpo se estudia como elemento de comunicación. E. Goffman (1987) mediante el llamado "método del dramaturgo" interpreta la realidad interactiva existente entre las personas dentro de la vida cotidiana, mostrando la semejanza que hay entre la acción real y la acción teatral; y la utilización del cuerpo como fachada, como envoltura para conseguir credibilidad en la comunicación. E. T. Hall (1973) por su parte estudió el uso y percepción del espacio social y personal como estrategia comunicativa dando lugar a la proxémica, que define la existencia de distintas distancias interactivas que cada cultura asume como adecuadas.

Petra Díaz nos habla del tambor como Lenguaje:

Cuando yo veo un tambor yo lo veo como un alivante, un tambor que nos representa, un tambor que alivia, un tambor que da alegría, un tambor que te transporta a través del tiempo, un tambor que te da sentido de pertenencia, un tambor que aunque en ese momento es un objeto que está allí detenido, habla mucho de quien eres o de quienes somos como tal en la historia, un tambor que estuvo presente, está y estará presente. Siempre en lo que tiene que ver no solo con las celebraciones o trasciende yo digo que me hace recordar ahorita que hay personas o no sé si hay un país o un pueblo por ahí que todas las casas deberían tener un tambor no solo para tocar en

San Juan sino dependiendo de la circunstancia ponerlo a tocar porque el tambor habla, él tiene un lenguaje, yo lo veo de esa manera.

Continuando con toda esta información relativa al cuerpo, expresiones, movimientos y reacciones también hay conocimiento vinculado al cuerpo como lenguaje que promueve sentidos. Birdwistell quien se especializó para interpretar los gestos por medio de un discurso lingüístico conocido como la kinésica, estudia al cuerpo como elemento de comunicación. Goffman ideó el método del dramaturgo quien interpreta una realidad escenificada con personas en la vida cotidiana vinculando la acción real y una acción teatralizada y el cuerpo como el instrumento y obtener una verosimilitud en el discurso comunicacional. Mientras que Hall, estudió la percepción del espacio social como estrategia de comunicación derivando en la proxémica definida como la existencia de las distancias interactivas que cada cultura asume como adecuada. La cultora Petra Díaz nos habla de una manera muy descriptiva de lo que para ella representa el tambor. El tambor en su cuerpo la alivia, la alegra y la traslada al pasado y del papel de ese tambor a lo largo del tiempo que aunque esté en un lugar apartado, representa en su lenguaje un importante símbolo con vida propia, acción que habla y como tal expresa con su propio lenguaje.

Ángel Acuña, quien desde su experiencia con el cuerpo humano y San Juan Bautista en un pueblo cercano a Naiguatá me ha permitido profundizar mi investigación no solo con el cuerpo sino en otras áreas como la cultura, la construcción social, la naturaleza de nuestras almas. Conocer la experiencia de Ángel Acuña en cuanto a las técnicas corporales y tomar conciencia de nuestro cuerpo, sus movimientos y comprender las rutinas como dormir, caminar, descansar y muchas fueron aprendidas culturalmente. La información dejada por Mauss, citado por Acuña quien detalla una taxonomía citando los estadios del ser humano desde la niñez hasta la vejez, algo que realmente desconocía y de la cual comprendo más a mi propio cuerpo quien lo aprendió más por error que por ensayo y nos hace mirar con detenimiento estas investigaciones y como complemento nos adentramos en estas conclusiones de dos antropólogos mexicanos, los cuales realizaron una publicación denominada "El cuerpo y las ciencias sociales".

## **EL EMBODIMENT**

Según Ayus y Eroza (2017), en la antropología médica la relación objeto/sujeto, racionalidad/irracionalidad, individuo/sociedad, naturaleza/cultura, entre otros va de la mano con un concepto que puede englobar dichas dualidades como el embodiment traducido a corporización o corporeidad y cuyo promotor fundamental es Tomas Csordas (1990), pudo observar esta dualidad en lo **primero sujeto/objeto** como un problema mientras que lo **segundo** se relaciona con la estructura/práctica, mediante la etnografía, el autor aplica su concepto que consiste en el cuerpo vivido como parte de su metodología.

El embodiment, según su autor es la base común para el reconocimiento de la humanidad del otro y la inmediatez de la intersubjetividad, como un principio metodológico veía al cuerpo como

una entidad no dual. Csordas intentó equilibrar el individuo y su mundo cuando propuso el tránsito de lo preobjetivo-lo preabstracto a lo objetivo-lo abstracto y se puede comprender como lo presocial y/o precultural a los social y/o cultural en un principio de indeterminación que permanentemente rige la existencia humana y permite la interacción entre los individuos y su mundo constituye un proceso de retroalimentación en el cual la cultura es continuamente recreada pero también creada.

Csordas indaga en la noción de doble horizonte -espacio exterior/ espacio corporal- de Merleau-Ponti (Katz y Csordas, 2003:277) que consiste en como mi cuerpo toma posesión del tiempo, haciendo existir un pasado y un futuro para un presente (Merleau-Ponti, 1993:254). Esta influencia de Merleau-Ponti es difícil de apreciar, y muchas veces no se comprende o no llega de manera directa a los investigadores etnográficos.

Para Csordas el cuerpo es la teoría analítica de la cultura y el yo. También busca superar esa dualidad objeto-sujeto a través de una reflexión basada en la percepción o preobjetivo y la práctica o hábito fundamentado en el cuerpo (Csordas, 1990:39). El embodiment o comprensión mutua hace posible realizar una serie de preguntas sobre la experiencia y la percepción religiosa (Csordas, 1990:40)

Para Ayus y Eroza (2017) entre lo preobjetivado y lo objetivado, la mente y cuerpo, sujeto y objeto, la representación y el ser en el mundo, semiótica y fenomenología, lenguaje y experiencia, así como textualidad y embodiment, según Csordas, estos pares de términos convergen en un punto crítico acerca de la cultura y el individuo "yo". Aclara que ninguna de las dualidades encierra principios opuestos, y para la indagación antropológica es pertinente identificar el campo donde están estas oposiciones se sitúan. También existen dos conceptos muy empleados en la identificación de procesos que interactúan entre sí, como la emoción, que adquiere distintas implicaciones desplazándose a universos de análisis más específicos y la metáfora.

Kirmayer, L. (1992) ha mostrado en experiencia de casos clínicos articuladas mediante metáforas, fundamentadas y delineadas en caso de experiencias corporales e interacción social. Estas metáforas vienen a solucionar las dualidades del cuerpo y la sociedad y sus significados se localizan en los modos de acción o formas de vida. Kirmayer sustenta en la semántica de la metáfora y clarifica las tensiones entre irracionalidad esencial de la experiencia de un padecimiento y la presunción biomédica de racionalidad. Para Csordas el individuo puede interactuar e incidir en el mundo cultural, al cual llama objetivación y busca superar en ese mundo cultural una precondition para que el individuo lo interprete e incida en él.

Conocer el embodiment de manos de Tomas Csordas me permitió comprender parte del enfoque fenomenológico quien profundizó su perspectiva de corporización o corporeidad presente en la existencia humana. Siempre o desde mi experiencia, entendí al cuerpo como una sola estructura y me di cuenta que el hombre o el **yo** está inmerso en un mundo cultural vasto y rodeado de emociones, sentimientos, pensamientos y memorias. Las técnicas corporales pueden aprenderse culturalmente desde la infancia hasta la adultez, pero el cuerpo aunque parece indivisible se compone de una dualidad. Él no está separado de su estructura o mundo social, para el caso de nuestro ensayo nuestro cuerpo vive diversas emociones como la euforia, alegría, nostalgia, gozo, placer

sexual, y lo asociamos en parte porque estamos en un cuerpo físico que siente y experimenta ante una multitud, ante el repique de tambores y al intercambio de emociones producto de lo que vive, recuerda, porque nos desenvolvemos en un medio social y cultural como la comunidad de Naiguatá. Es importante el aporte de Csordas, quien nos traslada a una mirada en torno al pensamiento fenomenológico vinculado a la etnografía y converge en la intersubjetividad como un territorio en común de la investigación de un individuo o de nosotros dándole valor al trabajo que he venido realizando en esta comunidad. Puedo expresar mi agradecimiento a la antropología, que estudia al ser humano como una disciplina de gran ayuda a la comprensión de este universo tan amplio de las ciencias sociales y pude sintetizar en estas líneas.

En el socioconstruccionismo de Gergen (2007), la narración oral obtenida de sus actores sociales, la encaminé por la producción del conocimiento. Mientras que la interpretación obtenida de las entrevistas a profundidad, el discurso paradigmático de los textos y otras fuentes de información los pude agrupar en estos diversos temas que se integraron en una red entrelazada de significados en lo que se denomina Teoría Emergente.

Haber culminado estos párrafos bajo el socio construccionismo de Gergen me permitió construir con mi aporte, el de los cultores y también de los autores, comprendo que es una teoría de la cual tomo su paradigma para adentrarme y construir desde mi propia opinión con los aportes de otros. El paradigma socioconstruccionista de Gergen (2007), vino a sustentar de modo recurrente los estudios de las ciencias sociales para los que investigamos la cultura. Sumergirnos en las diversas historias que se producen en las comunidades, es la materia que sustenta este trabajo. El camino recorrido en la comunidad de Naiguatá producto de las entrevistas a profundidad con los actores sociales, han significado para mí el hecho de conectarme con personas interesantes, motivantes, conversadoras, lo que me han permitido integrar de manera cohesionada esta ensayo visual.

Esta interpretación de los autores que escriben no solo en la fenomenología y hermenéutica sino en el contexto total de esta investigación, está lleno de elementos diversos, creados a lo largo de los años y ha exigido un grado elevado de elaboración, creado con mucho esfuerzo con una realidad múltiple percibida por y con el encuentro de mis cultores o actores sociales y mi propia reflexividad sobre San Juan Bautista, así como de mis predecesores que han investigado sobre este tema.

San Juan Bautista en opinión de los autores y cultores acuerdan que nuestros aborígenes, los negros y también los blancos se encontraron en estas tierras y así esta festividad cuyo origen bien pudo ser católico y con aportes africanos devino en una festividad en Naiguatá y con ella una nueva cultura.

Petra Díaz y Joel Izaguirre fueron los últimos cultores a quienes les realicé la entrevista, y de quienes conocí detalles significativos de expresión y devoción musical narrada por Petra, la cual es profesora de música y me ofreció con amplio detalle los diferentes sonidos del tambor y Joel, me enseñó el uso las redes sociales como un elemento innovador para la difusión de la tradición del santo San Juan Bautista.



**Imagen 10.** Cultora popular Petra Díaz. Fuente Petra Díaz (2020)

Joel Izaguirre nos expresa la gesticulación corporal a través de las canciones lo cual involucra a los tamboreros y el público quien lo sigue, es decir percibimos en el sonido y respondemos con nuestro cuerpo con baile, gestualidad y cantando. Sentimos y nos emocionamos, nos llenamos de euforia y queremos cantar y bailar. También Izaguirre nos habla de los rituales alusivos a San Juan, los cuales no están alejados de la realidad y que vienen de nuestras generaciones y destaca en principal el sacramento del bautismo como un hecho esencial en el ser humano, rituales de observar tu rostro por medio del agua en un recipiente es algo que parece divertido pero también de incertidumbre ante la posibilidad de que ocurra lo contrario en no ver tu reflejo implica estar fuera de este mundo o cercano a la transformación o fallecimiento.

Cortarse el cabello el 24 de junio hace que te crezca mejor, según él y muchos otros y de cómo se involucra el agua como elemento más importante, en un río o mar, de una tradición que recoge de los griegos, egipcios, árabes, españoles hasta sus propiedades de adivinación y que llegó a Venezuela.

Beber también representa una de las maneras como suplimos la necesidad de hidratarnos, en la tradición de San Juan Bautista nuestro cuerpo responde también recurre a esta técnica corporal que bien para el catolicismo es pagano es una técnica ancestral de honra al santo y en tiempos de faena en la colonia se recurría a beber alcohol o aguardiente para un mayor rendimiento en fortaleza y resistencia y gran parte del hecho de beber es como comulgamos con el santo, juntos él y yo brindamos pero también celebramos.

Conocer el poder del cuerpo humano como canal de comunicación en los tambores,

memorias, deseos, anhelos, emociones, cantos, actos de amor y actos sexuales es algo que ha estado presente en esta festividad. San Juan es más que eso, representa la unión familiar, el respeto, el legado de lo que le dejaremos al mundo, impregnado de un santo que involucra una religiosidad popular que involucra unos maravillosos rituales ancestrales que no solo vienen de España, sino de otras latitudes.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta Saignes, M. 1984. Vida de los esclavos negros en Venezuela. [1ª. Publicación, 1967]. Vadell Hnos. Editores. Valencia, Venezuela
- Acuña Delgado, Ángel. (2001) El cuerpo en la interpretación de las culturas, pp. 31-52 Boletín Antropológico. Boletín Antropológico Año 20, Vol 1, Nº 51, enero-abril 2001, ISSN: 1325-2610. Universidad de Los Andes. Mérida.
- Acuña Delgado Ángel y Altez Yara (2013) Los tambores de San Juan en la Sabana, historia, cuerpo y lenguaje. Revista venezolana de Economía y Ciencias Sociales. vol.19, no 1 (enero-abril), pp. 63-80
- Ascencio, Michaelle (2001): Entre Santa Bárbara y Changó (La herencia de la plantación), Fondo Editorial Tropykos, Caracas. Igualmente debe consultar textos clásicos como: Liscano, Juan (1973) La fiesta de San Juan El Bautista, Monte Ávila Editores,
- Ayus Reyes, R. (2007) y Eroza Solana, E. El Cuerpo y las Ciencias Sociales. Revista Pueblos y Frontera Digital, num 4, diciembre-mayo (2007), Universidad Nacional Autónoma de México. Distrito Federal México,
- Barreto Guédez E., (2014) Turismo y fiestas populares de Naiguatá, Estado Vargas-Venezuela. Kalpana No. 12 (pag.22-pag.31) ISSN: 1390-5775
- BIRDWISTELL, R.M. 1952. Kinesics and context: essays on body motion communication. New York: Balla.
- Bolívar, A. (2001) La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología. Madrid. Ed. La Muralla.
- Brandt, M. H. (1987). Estudio etnomusicológico de tres conjuntos de tambores afro-venezolanos de Barlovento. Caracas: Centro para las Culturas Populares y Tradicionales.
- Briceño Perozo, M. Informe sobre la fundación de Naiguatá. En: Boletín de la Academia Nacional de Historia. Nº 229, tomo LVIII, enero - marzo, p 181-183, 1975. Caracas, Venezuela.
- Csordas, T.J. (1990) Embodiment as a paradigm of anthropology. Revista Ethos, 18 (1), pp. 5-47
- García, S. (2007). Diablos danzantes de Naiguatá. Caracas: Miguel Ángel García e Hijo.
- García SELGAS, F. (1994). El cuerpo como base del sentido de la acción social. En REIS, 68:41-84
- Goffman, E. (1987). La presentación de la persona en la vida cotidiana. Buenos Aires: Amorrortu.
- Hall, E. T. (1973). La dimensión oculta. Enfoque antropológico del uso del espacio. Madrid: IEAL.
- Katz, J y Csordas, T.J (2003) Phenomenological ethnography in sociology and anthropology, Ethnography, 4 (3), pp. 225-288
- Kirmayer, L (1992) The body insistence of meaning: Metaphor as presentation and representation of illness experience. Medical Anthropology Quarterly, num 6 (4) pp. 323-346. Publicado por The American Anthropological Association
- Le Boulch, J. (1985). Hacia una ciencia del movimiento humano. Introducción a la psicokinética. Buenos Aires: Paidós.
- Márquez, E. (2008). Reflexiones sobre cómo construir el proyecto de tesis doctoral desde la

perspectiva cualitativa. Caracas: Fondo Editorial de la Universidad pedagógica Libertador.

Mauss, M. (1971). Sociología y antropología. Madrid: Técnos

Merleau-Ponty, M. (1945) Fenomenología de la percepción. Planeta-Agostini, Barcelona.

Memorias de Vargas (2005). Caracas: Fundación de Estudios Financieros.

Pollak-Eltz, A. (1991). La negritud en Venezuela. Madrid: Akal.

Salinas, L. (1994). "La construcción social del cuerpo." En REIS, 68: 85-96.

Sandín, E. M. P. (2003) Investigación cualitativa en educación. Fundamentos y tradiciones. México: McGraw-Hill.

Turner, Bryan S. (1994) Avances recientes en la Teoría del Cuerpo. Revista Española de Investigaciones Sociológicas, num. 68, octubre-diciembre, pp. 11-39. CIS. Madrid. España.

Ugas F., G. (2005) Epistemología de la educación pedagógica. Táchira, Venezuela: Lito-Formas.

Verenzuela, R (2011). La fiesta de San Juan Bautista en Osma y Naiguatá: repetir para sostener, variar para escapar. Revista Nuestramérica. Edición Nº 4. ISSN: 2244-7555. Caracas, Venezuela. Pags. 91 a 109. Disponible: [http://revistanuestramerica.net/content/site/module/magazine/op/article/article\\_id/16/format/html/](http://revistanuestramerica.net/content/site/module/magazine/op/article/article_id/16/format/html/). Consulta: Agosto, 2014.

Wilson, Edgard (1975), Sociology; the new sintesis

Zerpa, R. (2015). Festividades de la parroquia Naiguatá y turismo sustentable: Evaluación de sus modelos de gestión cultural. Trabajo de Grado para Magister Scintiarium en Políticas Culturales. Caracas: Universidad Central de Venezuela.

Entrevista cualitativas realizadas a profundidad a Eladia Casares, Yelitza Romero y Kelvis Romero. (2017) en Naiguatá Estado La Guaira.

Entrevista cualitativas realizadas a profundidad a Elio Yriarte, Norberta Corro, Alberto Bonilla, Frank Cáceres, Dilia Cáceres, Nuvia Cáceres, Petra Díaz y Joel Izaguirre (2019) en Naiguatá, estado La Guaira.

**EL MONUMENTO AL COLONO EN TRES LOCALIDADES DE LA AMAZONIA COLOMBIANA. HISTORIA DE UN OBJETO, REPRESENTACIONES DE UNA IDEA**

THE MONUMENT TO THE COLONIST IN THREE LOCATIONS IN THE COLOMBIAN AMAZON. HISTORY OF AN OBJECT, REPRESENTATIONS OF AN IDEA

O MONUMENTO AO COLONO EM TRÊS CIDADES DA AMAZÔNIA COLOMBIANA. HISTÓRIA DE UM OBJETO, REPRESENTAÇÃO DA UMA IDEIA

Gabriel Cabrera Becerra

Como citar este artigo:

BECERRA, Gabriel Cabrera. El Monumento al Colono en Tres Localidades de la Amazonia Colombiana. Historia de un Objeto, Representaciones de una Idea. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 202-228, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 06/05/2021

Aprovado em: 03/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **El Monumento al Colono en Tres Localidades de la Amazonia Colombiana. Historia de un Objeto, Representaciones de una Idea.**

The Monument to the Colonist in Three Locations in the Colombian Amazon.  
History of an Object, Representations of an Idea.

O Monumento ao Colono em Três Cidades da Amazônia Colombiana.  
História de um Objeto, Representações da Uma Ideia.

Gabriel Cabrera Becerra<sup>a</sup>

### **Resumen:**

Los monumentos son uno de los mecanismos que algunos sectores de la sociedad nacional emplean para instaurar un recuerdo en la sociedad. Su existencia en la Amazonia colombiana es tardía y representan una forma particular o visión de la historia de esta región. Este texto ofrece un contexto sobre el papel de los monumentos en Colombia y se focaliza sobre el llamado monumento al colono en tres capitales de la región y sus particularidades.

### **Abstract:**

Monuments are one of the mechanisms that some sectors of national society use to establish a memory in society. Their existence in the Colombian Amazon is late and they represent a particular form or vision of the history of this region. This text offers a context on the role of monuments in Colombia and focuses on the so-called settler monument in three capitals of the region and its particularities.

### **Resumo:**

O texto faz um estudo sobre os monumentos erigidos tardiamente em espaços urbanos da Amazônia colombiana. Ligados à presença dos colonos os monumentos, faz parte dos espaços de memória e lugares de rememoração, e pertencem ao patrimônio cultural das localidades. Mesmo assim oferecem formas particulares da história regional. O estudo faz contexto acerca dos monumentos na Colômbia e detalha o chamado monumento ao colono em três capitais da região.

### **Palabras-Clave:**

Amazonia, Memoria, Monumento, Representaciones, Vaupés

### **Keywords:**

Amazonia, Memory, Monument, Representations, Vaupés.

### **Palavras-Chave:**

Amazônia, Memórias, Monumento, Representações, Uaupés.

<sup>a</sup> Profesor Asociado en el Departamento de Historia en la Universidad Nacional de Colombia – sede Medellín. Proyecto 49791 apoyado por la Universidad Nacional de Colombia. Contacto: [gcabrerabe@unal.edu.co](mailto:gcabrerabe@unal.edu.co), Orcid: 0000-0002-9772-7542

## INTRODUCCIÓN

La representación no es una acción universal. En sociedades africanas de Ghana como los *frafra* prácticamente no existe arte figurativo al igual que entre *lodagaa* y *gonja*, pero entre sus vecinos *senufo* de Costa de Marfil y *lobi* de Burkina Faso si es significativa la representación. En las grandes religiones, hay momentos de iconoclasia o resistencia a la representación en imágenes; el judaísmo rechazó los ídolos con base en la singularidad de la creación divina, el islamismo en general rechazó las representaciones figurativas especialmente en las mezquitas y el cristianismo que en un momento las rechazó las terminó aceptando bajo la idea de que las masas ignorantes necesitaban símbolos visuales para comprender la palabra, y bajo la herencia de la tradición romana de representar santos y así enriquecer los rituales y permitir la donación de ofrendas. Así mismo en el budismo la imagen de buda apareció tardíamente (GOODY, 1999, p. 52-64). Es decir representar no sólo acompaña en distinta escala al ser humano sino que el acto es cambiante en el tiempo.

¿Qué sucede con la representación figurativa en otros contextos? En el comienzo de los años noventa, Edgar Ramírez, líder y comerciante del puerto de Tomachipán sobre el río Inírida en el Departamento del Guaviare mencionó a mi colega Carlos Franky su sueño de tener un monumento con bustos de los fundadores a lado y lado de la calle principal del lugar. En varias localidades amazónicas de otros países existe el llamado monumento al colono (Fernando Santos-Granero, com. pers.). En Brasil se denomina como monumento a los inmigrantes o a los pioneros. Estos objetos fueron erigidos en espacios urbanos e intentan instaurar o afianzar un recuerdo e integrar el paisaje urbano, haciendo en algunos casos parte del patrimonio cultural local.

Su existencia se da en la llamada “frontera interna”, estas son de acuerdo con García (2003, p. 47), “espacios de confluencia-diferenciación de complejos socioculturales internos a un grupo, una sociedad o un Estado-nación –donde no median separaciones por soberanías políticas entre estados–, producidos por una amplia variedad de procesos, tales como ordenamiento territorial, colonización, identidades territoriales, conflicto social y político-militar, etc.”. Y su estudio tiene dos grandes enfoques las relaciones interétnicas propias de la antropología, y la colonización o ampliación de la frontera agrícola y la vinculación de estas zonas al estado son propias de la sociología y la historia. Este artículo se inscribe en el segundo enfoque. Las fronteras internas son entonces áreas de conflicto en las que se confrontan visiones del mundo, estrategias adaptativas y nociones de progreso diferentes que generan símbolos particulares como “el hacha [que] ha representado el símbolo de la colonización antioqueña del sur del departamento, [y] la carretera al mar [que] es el símbolo indiscutible de la colonización del occidente (STEINER, 2015).

Los monumentos como parte del mobiliario urbano existen en primera instancia para rendir homenaje a personajes o acontecimientos buscando mantenerlos en la memoria popular, pero sobre ellos opera también la apropiación, el uso y la resignificación (LLANOS, 2012; ECHEVARRÍA *et al*, 2014). Es decir surgen con una intencionalidad de unos sujetos para influir en otros, pero esos otros hacen sus propias elaboraciones discursivas y establecen relaciones particulares con el monumento. Pero el propósito de los monumentos es más amplio, estos revelan la manera como se pretende

usar el pasado, haciendo de ellos uno de los instrumentos, para “perpetuar tradiciones, legitimar proyectos políticos en el presente o proyectar futuros posibles cuando se emprenden procesos de transición política y jurídica” (RODRÍGUEZ, 2017, p. 383; RAMOS, 2017, p. 226). En un sentido amplio buscan forjar una cultura política, entendida esta como “un conjunto de valores, tradiciones, prácticas y representaciones políticas compartidas por determinado grupo humano, expresando identidad colectiva y ofreciendo lecturas comunes del pasado, así como inspiración para proyectos políticos direccionados al futuro” (MOTA citado en RIBEIRO, 2015, p. 218). Los monumentos son entonces objetos con historia y están inmersos en el curso de la historia.

Los monumentos son elementos visuales y parafraseando la propuesta de análisis de la imagen fotográfica, que adicional al elemento lingüístico, considera un aspecto denotativo o icónico que incluye la descripción de los elementos de las imágenes y otro connotativo o simbólico que involucra el análisis de los elementos subjetivos (BARTHES, 1986), bajo esta idea el propósito de este texto es brindar una mirada sobre estos objetos en tres capitales departamentales en la Amazonia colombiana. Los monumentos de dos de ellas se incluyen en el material gráfico de las guías del Ministerio de Comercio Industria y Turismo. Inicialmente se contextualiza el tema, su relevancia actual y los antecedentes, luego se abordan los procesos de colonización y finalmente cada uno de los casos propuestos intentando develar cuál es la valoración de estos monumentos, que relación se tiene con ellos y qué papel juegan.

## **LA ACTUALIDAD DE LOS MONUMENTOS**

En junio de 2020 los indígenas misak derribaron la estatua ecuestre del conquistador Sebastián de Belalcázar, emplazada en el Morro de Tulcán en Popayán. Este lugar es de importancia simbólica para los indígenas que ocupaban la zona antes de la llegada de los europeos. Unos años antes, Julieth Morales, una artista plástica misak, había realizado una intervención con miembros de su comunidad haciendo unas zanjas alrededor que tienen contenido simbólico para su pueblo y sembrando semillas en ellas. La respuesta gubernamental al derribamiento no tardó: “en medio de la desolación de la pandemia de COVID-19, un helicóptero de la aviación del Ejército Nacional inició el traslado de la estatua de Sebastián de Belalcázar que se encontraba en el morro en Popayán, para ser restaurada luego de que fue derribada por un grupo de indígenas misaks que buscaban proteger un antiguo cementerio indígena. ‘Nuestro deber es cuidar Popayán. Dentro de ello se involucra restaurar la estatua de Sebastián de Belalcázar’, afirmaron las autoridades” (ACEVEDO, 2021, p. 32). Detalles y reacciones pueden seguirse en el video ¿Por qué los misak tumbaron la estatua de Belalcázar? ([www.youtube.com/watch?v=96WCKOrvWm0&t=440s](https://www.youtube.com/watch?v=96WCKOrvWm0&t=440s)). Otra intervención similar ocurrió en Lima donde la estatua del conquistador Francisco Pizarro fue cubierta por un artista en el 2001 (VARÓN, 2006).

En 1940 en el campus de la Universidad Nacional en Bogotá se instauró un busto del prócer Francisco de Paula Santander en el sector de La Playita. En 1965 se trasladó frente a la Torre central

en la que funcionaba la rectoría, y en 1976 en medio de una protesta el busto fue sacado del campus sin que se sepa su destino. Los ejemplos podrían multiplicarse. En la guerra del golfo la estatua de Sadam Huseim en Bagdag, fue derribada por civiles iraquíes con la participación de las tropas estadounidenses, como puede verse en YouTube bajo la etiqueta “Yo derribé la estatua de Saddam pero ahora querría tenerlo de vuelta” del año 2016. Recientemente la avivada reclamación de los derechos civiles y racismo sobre los sectores de población negra en los Estados Unidos tras el asesinato de George Floyd a manos de la policía, condujeron al ataque de monumentos de personajes del pasado que eran esclavistas en Estados Unidos y en Inglaterra. Finalmente, el Estado Islámico destruyó esculturas de Palmira en Siria consideradas patrimonio de la humanidad.

La iconoclasia tiene carácter histórico y detrás político (BURKE 2005, p. 232-233). En la caída de Mussolini se retiraron los llamados *fascas* y en la de Hitler las esvásticas. En 1966 en Ghana al derrocamiento de Nkrumah le siguió el de su estatua frente al parlamento; el régimen de Pol Pot en Kampuchea y la Revolución Cultural China hicieron lo propio destruyendo símbolos del pasado (GOODY, 1999, p. 87-88). Existen también otras relaciones con los monumentos, los seguidores del Real Madrid celebran sus triunfos reuniéndose en la fuente de La Cibeles, en tanto que los hinchas de Atlético de Madrid hacen lo propio en la fuente de Neptuno.

## LOS PRIMEROS MONUMENTOS EN COLOMBIA

Tras la independencia, la figura de quienes hicieron parte de la gesta pasó a ser modelo a emular por los ciudadanos, y el arte al servicio de este reconocimiento incorporó su imagen para afirmar sentimientos patrióticos. En 1910 se estableció una iconografía en la que los protagonistas de la jornada del 20 de julio de 1810 contaron con una representación gráfica y placas conmemorativas (BERMÚDEZ, 2015, p. 45). Esta circunstancia fue compartida en Latinoamérica desde mediados del siglo XIX hasta las primeras décadas del XX; los monumentos alcanzaron relevancia e intentaron “afianzar los imaginarios republicanos” (LLANOS, 2012, p. 23), hecho referido también como “estatuomanía latinoamericana” (VANEGAS, 2019, p. 60). Un elemento adicional para afianzar estos sentimientos fue el himno patrio (RINCÓN, 2015).

En Colombia el mayor registro fue pictórico, pero serían los monumentos los que recordaban a los seres anónimos de la gesta independista. El Monumento a los Mártires es un homenaje a los sacrificados durante el Régimen del Terror de Morillo. Su construcción se dio bajo la ordenanza 112 de 1850 y consistió en un obelisco en piedra. La obra empezó en 1873 e inicialmente tenía cuatro estatuas representando la gloria, la justicia, la paz y la libertad, que fueron retiradas. El diseño fue de Reed Thomas en 1851 y lo emplazó el italiano Mario Lambardi el 4 de marzo de 1880, siendo el primer monumento hecho con piedra local (BERMÚDEZ, 2015, p. 52-55; VANEGAS, 2019, p. 185). Otro monumento similar es la columna corintia inaugurada en 1910, ubicada en el parque del centenario en Bogotá que se trasladado a la calle 63 con carrera 50. Un tercer monumento es el de Los Héroes que tiene la estatua ecuestre de Bolívar del francés Emmanuel Frémiet (1824-1910) y cuyo

conjunto fue diseñado por Vico Consorti Marioti, ubicado hoy en la Autopista Norte entre calles 79 y 80 y se inauguró en 1963 (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, 2008, p. 262; BERMÚDEZ, 2015, p. 57-58).

El Centenario de la Independencia produjo un mayor número de obras conmemorativas en Bogotá y como estrategias adicionales se acuñaron monedas, se hicieron grabados, impresos, pinturas y aunque la escultura fue considerada, probablemente por sus costos, muchos de los proyectos de estatuas no se materializaron (VANEGAS, 2019, p. 15). En el último cuarto de siglo y hasta 1910 hubo siete monumentos conmemorativos relacionados en la Tabla 1. Los artistas eran extranjeros (4 franceses, 2 italianos y 1 alemán), reflejo del desarrollo de las artes en el mundo y del referente cultural que para la élite nacional había en la época y cuya impronta debía estar presente en nuestra realidad (MARTÍNEZ, 2001). Aunque es cierto que existen algunos antecedentes a la creación de la Academia de Bellas Artes de Bogotá fundada en 1886 por Alberto Urdaneta (1845-1887), reconocido artista, coleccionista de arte y político conservador, que vivió en París mucho tiempo y fundó el Papel Periódico Ilustrado publicado entre 1881-1888 (VANEGAS, 2019, p. 178-181 cf. BADAWI, 2019, p. 52), la verdad es que la Academia cerró durante la guerra de los Mil Días y sus labores fueron pocas incluso luego de su reapertura en 1904. En la Exposición de Bellas Artes de 1910 entre 412 obras, sólo 33 eran esculturas de las que 15 eran proyectos para monumentos, bustos o estatuas pero que la crítica de la época no consideraba de suficiente calidad (VANEGAS, 2019, p. 202 y 206). Es decir, que el precario contexto local como la percepción de Europa como referente se materializó en la búsqueda de artistas extranjeros.

Tabla 1. Esculturas en Bogotá 1874 -1910.

<b>Estatuas</b>	<b>Escultor</b>	<b>Emplazamiento inicial y fecha</b>	<b>Ubicación actual</b>
Simón Bolívar	Pietro Tenerani	Plaza Mayor – 1874- 1846	Plaza de Bolívar
Francisco de Paula Santander	Pietro Costa (1849-1901) Italia	Parque Santander – 1878	Parque Santander
Tomás Cipriano de Mosquera	Ferdinand von Miller (1813-1887) alemán	Patio principal del Capitolio -1883	Patio del Capitolio
Simón Bolívar	Louis-Antoine Prudent Desprey (1832-1892) Francia	Parque del Centenario - 1884	Batallón Simón Bolívar en Tuja (Boyacá)
Simón Bolívar	Emmanuel Frémiet (1824-1910) Francia	Parque de la Independencia - 1910	Monumento a Los Héroes
Francisco José de Caldas	Raoul Charles Verlet (1857-1923) Francia	Plaza Caldas -1910	Plaza de las Nieves
Antonio Nariño	Henri-León Gréber (1845-1941) Francia	Plaza de San Victorino – 1910	Plaza de Armas de la Casa de Nariño

Fuente: Vanegas Carrasco, Carolina. *Disputas monumentales. Escultura y política en el Centenario de la Independencia (Bogotá, 1910)*. Bogotá: IDPC, 2019.

En tres de los lugares donde se emplazaron estatuas: Plaza de Bolívar, Plaza de San Victorino y Plaza Caldas había anteriormente pilas o fuentes de agua que surtían el líquido en la ciudad. Tres de los monumentos el Bolívar de Desprey, el Bolívar de Frémiet y el Nariño de Gréber fueron removidos de su emplazamiento original. Adicionalmente y con certeza por la reducción de costos



el Caldas de Verlet como el Nariño de Gréber tuvieron copias que se emplazaron respectivamente en Manizales y Pasto, en tanto que el Bolívar ecuestre de Frémiet tuvo tres reproducciones que se encuentran en Paris, La Paz (Bolivia) y Barranquilla (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, 2008, p. 262). Todas estas observaciones revelan la manera como los monumentos tienen vida y se mueven en el espacio, no sólo con su traslado, sino con su orientación o la modificación de sus emplazamientos (VANEGAS, 2019). Otros monumentos emplazados en 1910 fueron el de Policarpa Salavarrieta del colombiano Dionisio Cortés (1863-1934), siendo la única mujer y artista nacional presentes en este conjunto conmemorativo; y los bustos de Antonio Ricaurte hecho por Henri-León Gréber por encargo del Jockey Club y de Camilo Torres de Charles Raoul Verlet encargado por el Gun Club (VANEGAS, 2019, p. 209; ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, 2008).

La Academia Colombiana de Historia fundada en 1902, bajo un espíritu de patriotismo colocó 19 placas conmemorativas entre 1930 y 1956 al igual que 15 bustos entre 1931 y 1960 en la Capital (RODRÍGUEZ, 2017, p. 256). Naturalmente otras capitales vivieron procesos similares y con el paso del tiempo incorporaron en su mobiliario monumentos que recuerdan figuras históricas, eventos o personajes más contemporáneos como se detalla para Bogotá (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, 2008), Tunja (LLANOS, 2012), Barranquilla (TOBÓN, 2013) y Medellín (ECHEVARRÍA *et al*, 2014).

Un trabajo sobre Medellín sugiere un esquema temporal para leer la historia de los monumentos urbanos, estableciendo cinco etapas: 1. Siglo XIX o era del monumento heroico y la conmemoración correspondiente a la construcción simbólica de los héroes y la patria. 2. Inicios del siglo XX a 1950 o era del monumento mito y utópico que busca resignificar el pasado e inventar el futuro. 3. 1960-1980 o era de la experimentación visual y espacial con nuevas formas de ver y usar el espacio, los materiales y las formas. 4. 1985 a fin del siglo XX o era de la ornamentación urbana y el referente globalizado y 5. Siglo XXI a hoy o arte participativo que busca incorporar el espectador a la obra con una intención lúdica que signifique y se apoye en nuevas tecnologías, citas o alusiones (ECHAVARRÍA *et al*, 2014, p. 8-9). Sin embargo, por el sesgo andino, como por el carácter tardío y variado de los procesos amazónicos, este esquema no es funcional para abordar la región.

En Armenia, capital del Departamento del Quindío, se encuentra el monumento de los Fundadores, que tiene en el hacha su elemento más destacado, circunstancia que se repite en el monumento de San Vicente del Caguán, una localidad amazónica del Caquetá (Figuras 1 y 2). Objeto sobre el que un maestro de secundaria recordaba a sus alumnos: “la escultura del tronco con el hacha en la plaza de Armenia simbolizaba el exterminio de la gentes Quimbaya, por eso les enorgullece a los descendientes de los colonos racistas” (LÓPEZ DE MESA, 2021). Naturalmente los procesos de dominio de la naturaleza no tienen un carácter único (PARSONS, 1996, p. 13). La región del Quindío hace parte de la llamada colonización antioqueña, cuya gesta previa en Antioquia es recordada por su himno que versa: “El hacha que mis mayores me dejaron por herencia, la quiero porque a sus golpes libres acentos resuenan”. Y como lo recuerda el geógrafo ya citado Parsons (1997, p. 55) “por donde quiera que se ha extendido la colonización antioqueña, su primera empresa ha sido el desmonte de la selva. Los resultados han sido la amenaza creciente de la destrucción de las fuentes de agua y la mayor escasez de carbón de leña, leña y madera, especialmente en las ciudades”.



Figura 1. Monumento Los Fundadores en Armenia (Depto. del Quindío) Fuente: El Tiempo, 16 de julio de 2016.



Figura 2. Monumento al Hacha en San Vicente del Caguán (Depto. del Caquetá).

## LA COLONIZACIÓN AMAZÓNICA

El *Tesoro de la lengua castellana* como el *Diccionario de autoridades* incluyen el vocablo colonia que definen casi de forma idéntica, pero sólo el segundo incluye el término colono definido así: “El labrador que cultiva y labra alguna tierra por arrendamiento. Tanto colonia como colono son dos términos de origen latino. El *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española* define colono como: 1. La persona que coloniza un territorio o que habita una colonia y 2. Labrador que cultiva y labra una heredad por arrendamiento y suele vivir en ella. En cuanto a colonización lo define como la acción y efecto de colonizar. Palabra que define como: 1. Formar o establecer colonia en un país y 2. Fijar en un terreno la morada de sus cultivadores.

Desde las ciencias sociales la colonización se define como un proceso por el cual se transforman espacios naturales en riqueza, por medio de la inversión de trabajo o capital, en forma permanente, sobre tierras incultas (DOMÍNGUEZ, 1987, p. 273). O como una técnica por medio de la cual se generan y orientan flujos migratorios hacia la periferia de la frontera agropecuaria con el fin de ampliarla y fijar en nuevo territorio a campesinos sin tierra. Desde el punto de vista económico se entiende como la ocupación productiva de tierras nuevas, con arreglo a los determinantes ecológicos del entorno en que se desarrolla (MORENO, 1986, p. 119). También como el establecimiento

de poblaciones y el desarrollo de actividades económicas de carácter permanente (MARÍN, 2002, p. 125). Subyace a todas estas definiciones la capacidad transformadora del ser humano que hace que el hombre tenga “historia porque transforma la naturaleza” (GODELIER, 1990, p. 17), pero también contiene un silencio sobre los habitantes originales de estos espacios.

La Amazonia colombiana representa el 43% del territorio nacional (Red Amazónica de Información Sociambiental Georeferenciada 2012, p. 11) y a pesar de que actualmente concentra la mayor diversidad cultural, algunos pueblos tienen una baja representación demográfica (Puerto Rastrojo 2001). Este sustrato indígena entró de manera diferencial en contacto con sectores de la sociedad nacional, en algunas zonas desde tiempos coloniales con las misiones (RAMÍREZ, 1996) y en otras más tardíamente de nuevo con las misiones o bajo las economías extractivas (CABRERA 2002; CABRERA 2015a; GÓMEZ, 2010; KUAN 2013); pudiendo entonces hablarse no de una amazonia, sino de varias amazonias o espacios fronterizos con especificidades de disímil articulación a la nación (ZARATE, 2019, p. 12).

Para el siglo XX, la transformación poblacional de la amazonia colombiana incluida en la Tabla 2 en la que Guaviare, Guainía y Vaupés aparecen con una sola cifra pues entre 1910 y 1965 operaron como una unidad administrativa llamada la Comisaría Especial del Vaupés, revelan que desde el año 1918 hasta 1993 el flujo de población fue creciente y que sólo en el último censo de 2005 la cifra global disminuyó. Naturalmente, la disminución de 1938 obedece al no censado en el Amazonas; la duplicación de la población entre 1951 y 1964 obedece probablemente a la emigración producida por el fenómeno de la violencia política en la mitad del siglo XX, y el incremento significativo desde 1973 que se hace mayor en 1985 y 1993 refleja en parte el avance de los cultivos ilícitos en la región. Finalmente, la reducción en el año 2005 con certeza obedece al fenómeno de expulsión derivado del conflicto armado en Colombia, en donde muchas personas migraron de las áreas rurales hacia los centros urbanos del país. De cualquier modo es un hecho notorio que la población en toda la región casi se cuadruplica en un lapso de 67 años de 1918 a 1985. En 1928 se adelantó un censo cuyas cifras no fueron aceptadas razón por la que la tabla no las incluye.

Tabla 2. La Amazonia colombiana en los censos oficiales del siglo XX.

	1918		1938	1951	1964	1973	1985	1993	2005		
	Total	Indígenas	Total						indígenas	afros	
Amazonas	74254		No censo	7619	12962	15677	30327	37764	67726		
Caquetá			20914	46588	103718	180297	214473	925358	420337	1.4% 3.5%	
Guainía	6355	5600	7767	9169	3602	6637	9214	13491	35230	80%	
Guaviare					13403	23260	36305	57884	95571		5.1%
Vaupés							18936	18235	39279	90%	
Putumayo	40770		15688	22467	56284	67336	119815	204309	310132	12.6% 4.05%	
Población total amazónica	121379		44369	85843	189969	293207	429070	1257041	968275		
Población total nacional	5855077		8697041	11548172	17484508	20646600	27316936	33109840	41468384		
% indígena del nacional	2.07%		5.10%	0.74%	1.08%	1.42%	1.57%	3.79%	2.33%		

Fuente: Poveda Ramos, Gabriel. *Población y censos en Colombia desde la conquista hasta el siglo XXI*. Medellín. Ediciones UNLAULA, 2013.

Zonas como Putumayo y Caquetá contaron con flujos de población más temprana y numerosa debido a su proximidad con la zona andina y las normas que buscaron promulgar su ocupación en los años veinte, pero la ocupación continuó siendo mayormente espontánea (GONZÁLEZ, 1989). El porcentaje de población indígena con relación a la población total en épocas recientes es muy bajo, situación que contrasta con el Guainía y Vaupés que por su distancia de centros urbanos son marcadamente indígenas. Naturalmente estos flujos de población externa se corresponden con la transformación de bosques en sabanas para sistemas productivos ajenos a la región, especialmente con la producción de ganado u otros procesos como los hidrocarburos en el Putumayo. En el 2020 bajo la negociación de paz con la insurgencia de las Farc, diversos estudios revelan una nueva oleada de ocupación y en particular de destrucción de los bosques en la amazonia colombiana (PACHECO y LATORRE, 2019; BOTERO, 2019). De igual manera se destaca el registro de población afro en tres departamentos para el año 2005, aunque otro trabajo señala la presencia de algunos individuos en Calamar la antigua capital del Vaupés en 1934 (CABRERA, 2002, p. 239)

## **EL CASO DEL CAQUETÁ**

El actual departamento del Caquetá surgió como Intendencia en el año 1912. Una primera migración se produjo para la extracción del caucho acompañada de la apertura de al menos cuatro caminos desde el Caquetá hacia el Alto Magdalena (MARTÍNEZ, 2017). Una segunda avanzada fue de la Sociedad Colonizadora del Caguán que apoyó caucheros fracasados para que prepararan en la zona de San Vicente potreros. Hacia 1935 y a unos 25 kilómetros de Florencia, la hacienda Larandia se convirtió en el emblema de la gran propiedad latifundista de un solo dueño llamado Oliverio Lara Borrero (1905-1965). Junto a su esposa adquirieron tierras hasta acumular unas 35.000 hectáreas en la que tuvieron vivienda, taller, oficinas, establos, corrales, acueducto interno, energía y pista de aterrizaje; todo ello con una red de 40 km de vías, 1200 puentes y una fuerza laboral de 600 empleados que temporalmente aumentaban a 1200 (VÁSQUEZ, 2015). Larandia fue lugar de veraneo de los presidentes de Colombia y por su continuo crecimiento desplazó población vecina. Tras el secuestro y muerte del dueño por algunos de sus trabajadores, la familia subdividió el predio en 1965.

En los cuarenta la migración al Caquetá procedía en su mayoría del Huila y Tolima (VÁSQUEZ, 2015). Entre 1963 y 1971 comenzaron los programas de colonización dirigida hacia Las Monas, Valparaiso y Manguaré, experiencia que resultó fallida por la “repartición indiferenciada de las parcelas” o su tamaño no superior a 50 hectáreas que las “hacia inviables” (VÁSQUEZ, 2015 cf. MARTÍNEZ, 2017). Un segundo momento se adelantó en las fases Caquetá 1 (1972-1976) y Caquetá 2 (1976-1980), los resultados fueron “relativamente exitosos en materia de titulación de tierras, provisión de créditos e infraestructura vial, pero sumamente tímidos en lo que concierne al desarrollo social” (MARTÍNEZ, 2017, p. 105). En los ochenta el Instituto Colombiano de Reforma Agraria o INCORA compró una parte de los predios y hizo parcelaciones en una área de 4500 hectáreas para reubicar insurgentes amnistiados en 1982 y establecer emprendimientos comunitarios. En 1994 el Estado

adquirió 8000 hectáreas más para vincularlas a las zonas de reserva campesina (VÁSQUEZ, 2015).

La espacialidad del proceso de ocupación y su temporalidad puede verse en la Figura 3. En el Caquetá también operó la Colonia Penal de Araracuara entre 1938 y 1971, lugar en donde fueron reclusos más de 5.000 personas durante su funcionamiento (USECHE, 1998), Recientemente también se produjo un estudio local sobre El Doncello (Melo, 2016), otros estudios son trabajos globales (JARAMILLO, MORA y CUBIDES, 1989; ARTUNDUAGA, 1990; IGAC, 1990; ARCILA *et al*, 2000).

Florencia la capital caqueteña, fue fundada en 1902 sobre el puerto de La Perdiz, nombre tomado de la agencia cauchera que desde 1899 operó como centro de acopio (ARCILA, 2010, p. 46). Según Domínguez su nombre deviene de la influencia del sacerdote italiano Doroteo de Pupiales, en tanto que Almario sugiere que este recuerda al también italiano Pablo Richi, que nació en Florencia y vivió en la zona siendo muy apreciado por los primeros colonos del lugar (ARCILA, 2010, p. 46).

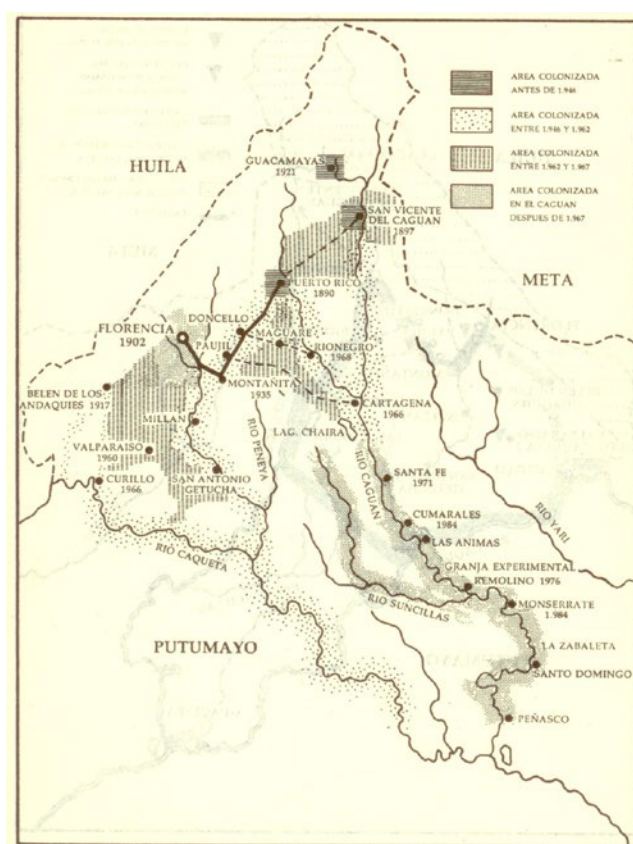


Figura 3. El avance de la colonización en el Caquetá. Jaramillo, J. E.; Mora, L. y Cubides, F. *Colonización coca y guerrilla*. Bogotá: Alianza Editorial Colombiana, 1989, sin pág.

## EL CASO DEL VAUPÉS

En 1910 se creó la Comisaría Especial del Vaupés (Guainía, Guaviare, y Vaupés). Inalterada hasta la segregación en 1965 del Guainía y Guaviare en 1977. Los primeros datos de población fueron ofrecidos por un misionero monfortiano en 1918 quien mencionó “un total de unos 300 blancos en toda la Comisaría del Vaupés, y en este reducido número de habitantes nada menos que 111 pares de amancebados. Había a lo sumo cuatro matrimonios” (DAMOISEAUX, 1920, p.

99). El detalle de este censo está en otro trabajo, y cabe recordar que los propios misioneros se acompañaron de tres familias llaneras para que se establecieran en la región pero pese al avance de sementeras y construcciones ellos retornaron a su lugar de origen (CABRERA, 2002, p. 153 y 180).

La preocupación sobre las uniones maritales es comprensible, la revisión de los documentos del Archivo General de la Nación como de otras fuentes entre 1924 y 1970, totaliza 266 colonos, de sólo 44 se sabe el origen (incluidos 2 brasileños); 29 se registran con pareja (17 con mujer indígena, 2 con brasileñas, 1 con venezolana); y 10 son empleados públicos. La cifra de parejas es inferior a la mención del misionero probablemente pues la mayoría de migrantes eran hombres, y son ellos los firmantes de los documentos, aunque las parejas mixtas de colonos e indígenas son pocas también. Lo cual ratifica las distancias culturales. En 1925 la situación no había cambiado, el comisario manifestaba entonces:

La colonización por elementos nacionales de estos territorios colmados de riqueza natural verdaderamente fabulosa, de clima, sano en sus mayores extensiones y aguas puras y abundantes, después de tantos años de brega y de lucha, no es ninguna. Por esto se cometen tantos atropellos y por esto también será que nuestros bosques, en la inmensidad de su extensión y desamparo, despiertan la criminal indiferencia a los propios y la desmedida ambición a los extraños. La Comisaría, pues se preocupará en fomentar este ramo de su administración, procurando por medio de propaganda a la región y con el apoyo de alguna parte de sus productos, una inmigración anual de elementos sanos, fuertes y trabajadores de los Departamentos de Antioquia, Boyacá y Tolima (ROJAS, 1925, p. 152).

La ocupación de la zona norte del río Guaviare y su centro San José se dinamizó con el ciclo extractivo de gomas en la década del cuarenta siendo protagonista la *Rubber Company* cuyas actividades “trajinaban para el Vaupés y Villavicencio” y pasaban por San José. Para los años cincuenta el cultivo de cacao hizo avanzar poco a poco la colonización aunque casi todo:

era desierto, únicamente habían habitantes indígenas en Mocuare, en la loma del Teviare, Caribén, Barrancominas... blancos no había sino en Barranco Picure.... En ese tiempo era que había una compañía que era la que explotaba esas cacaoteras silvestres. En los años siguientes se presentó un flujo colonizador procedente de Santander, Cundinamarca, Boyacá y en menor medida de los Llanos Orientales que con motivo de la violencia fueron viajando para este lado (DOMÍNGUEZ *et al*, 1989, p. 175).

El otro eje fue la colonización que siguió el eje terrestre de San José hacia Calamar. En el Figura 4 se visualizan las dos áreas de este proceso. Un llamado a colonizar por parte del Estado apareció en 1966, cuando el comisario Hernando González Villamizar decía:

¿Es usted zapatero, sastre, panadero, constructor, carpintero, trabaja o conoce cualquier otro oficio? Envíe una solicitud en papel ordinario y una fotografía reciente y tendrá a las puertas de una emocionante aventura: la conquista del Vaupés. Las autoridades de la Comisaría del Vaupés están interesadas en contratar artesanos, que devengarán un sueldo oficial del gobierno en esa región del país o de las innumerables empresas privadas aserríos, explotaciones de caucho, fundos agrícolas, haciendas ganaderas que comienzan a alcanzar su desarrollo en la selva (TORRES, 1966).

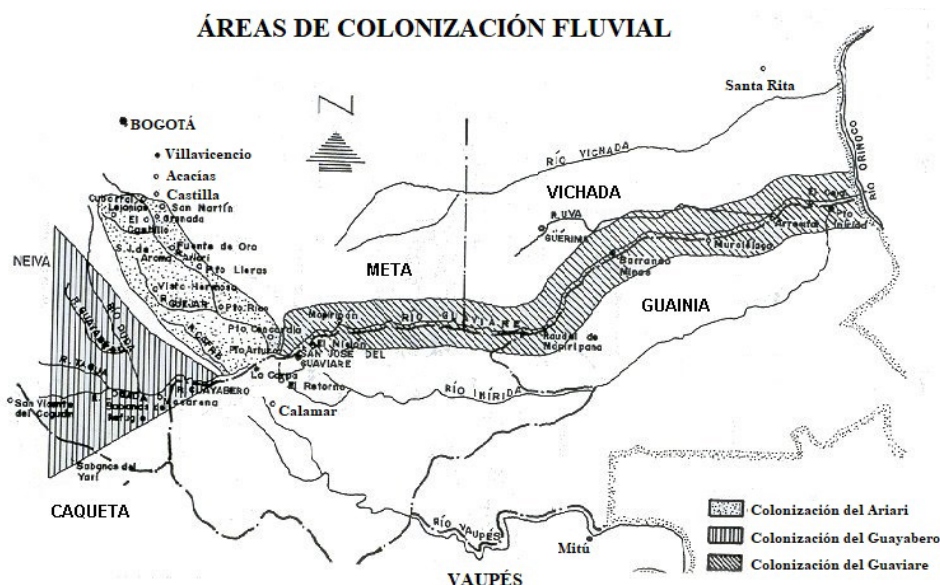


Figura 4. Mapa de áreas de colonización fluvial. González, J. R. "Regionalización y conflicto: Guaviare, Vichada y Guainía. De colonos, guerrilleros y chichipatos". En: *Conflictos regionales – Amazonia y Orinoquia*. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert de Colombia. IEPRI, 1998, p. 67.

Desde los años veinte se mencionaba el camino San José – Calamar, pero era intransitable, se trabajó en su mejora con la participaron de indígenas tukano orientales, migrados desde los ríos Papurí y Vaupés en los años sesenta y a los que entre 1964 y 1966 se les unió un nuevo grupo que siguió aumentando hasta fines del decenio siguiente, conformando los primeros núcleos indígenas tukanos en la zona (CHAVES 1987 citado en ACOSTA, 1993, p. 22).

Uno de los asentamientos que surgió fue Caño Grande, un caserío que “empezó a formarse en 1968” y llegó a contar “con unas 78 casas habitadas” (*Boletín Informativo*, n. 118, 1970, p. 14). Su fundador fue Elías Márquez (AGN, Mingobierno República. Mingobierno, sección 1ª, Comisaría Especial del Vaupés, tomo 849, fl. 135); y su desarrollo, pese a intentar ser dirigido, fue espontáneo y desbordó las expectativas según el testimonio de un religioso católico:

Caño Grande, un pueblo situado a cuatro horas de San José del Guaviare, nació de la noche a la mañana. Diez y nueve manzanas, y cuatro mil habitantes en un año es algo que tomo desprevenido a todos los organizadores de auxilio. Y a nosotros también pues más parece la invasión que colonización pacífica de los terrenos sin cultivar. Ante la alarmante situación de los colonizadores, hambre, pobreza, mala habitación, falta de drogas y de recursos primarios, escasez de herramienta de trabajo, dificultad de transporte, deficiencias organizativas en el control de la inmigración, fue necesario destacar material humano de colaboración misionera. El padre Arango, encargado de la pastoral caritativa en la Prefectura está a la tarea de relacionar a los colonos con las entidades de ayuda cualificada: caritas y demás (*Boletín informativo*, n. 102, 1968, p. 6).

Según Acosta, la falta de infraestructura desalentó el proceso, pero a partir de 1970 el INCO-RA comenzó la legalización de predios y el otorgamiento de créditos y solicitó la sustracción de porciones del área de reserva forestal establecida desde 1959, hecho que tuvo lugar en 1971 (ACOSTA, 1993, p. 24-26 y 35). Ya a mediados de los ochenta la llegada de la marihuana y luego de la coca imprimió una nueva dinámica al proceso de ocupación, haciendo que en 1993 el Guaviare se convirtiera entonces en el departamento con la mayor área de coca cultivada.

## **LOS MONUMENTOS EN CAQUETÁ, GUAVIARE Y VAUPÉS**

El emplazamiento amazónico de monumentos en Colombia fue tardío, la estatua de Santander en Leticia data del año 1940 y sólo después de los años ochenta aparecen los monumentos que intentan recordar la acción de los migrantes que desbrozaron bosque en estas regiones para establecerse definitivamente.

El monumento de Florencia, 'Los colonos', es una escultura emplazada en una glorieta sobre la Avenida de los fundadores en su intersección con la carrera once con calle quinta, es decir está sobre la vía principal de la ciudad que une al aeropuerto con la ciudad y que todos los visitantes pueden ver de día como en la noche pues está iluminada y se acompaña de algunas palmas sembradas alrededor. La obra fue elaborada en 1982 por el Maestro José Emiro Garzón Correa. Pintor, escultor y dibujante, nació el 7 de mayo de 1950 en la ribera del río Aguas calientes en el Caquetá. Garzón estudio en la desaparecida escuela de Bellas Artes de Neiva, ha realizado exposiciones individuales en Neiva (1974), Popayán (1978) y en muestras colectivas en Neiva (1977) y Bogotá (1988), también participó en una muestra itinerante nacional (1986). Ha recibido distinciones como el Primer Premio del Salón de Artistas Huilenses en 1977, la Medalla José Eustasio Rivera en 1994, el Pincel de Oro, otorgado por la Corporación Colombo Japonesa en 1997 entre otras. Sus esculturas se encuentran en Neiva, Florencia, Yaguarú, Hobo, Pereira, Bogotá y en Belén de los Andaquíes, donde hizo el Monumento al último andaquí (BUENAVENTURA, 2018, p. 267). Dentro de sus técnicas artísticas se destacan el ferroconcreto y la fundición a la cera perdida.

Los colonos es un homenaje a los mestizos colonizadores. Está compuesto por tres figuras humanas (un hombre, una mujer y un niño) símbolo de las familias desplazadas por la violencia en la década de los cincuenta; sus dimensiones son 4 metros con 50 centímetros de altura y pesa media tonelada; fue esculpido en roca sintética y acero. El hombre y la mujer llevan algún tipo de calzado, en tanto que el niño está descalzo, el varón lleva sombrero y también dos herramientas el machete al cinto y un hacha que porta en su brazo derecho, todos en actitud de movimiento, la mujer toma al hombre por el brazo y esta a su vez lleva al niño tomado de la mano. La obra está colocada sobre un pedestal y tiene una placa, que en el algún momento fue retirada, y a través del tiempo el entorno ha cambiado (Figuras 5 y 6). Cabe recordar como indica otro investigador que la idea de movimiento o dinámica en la escultura tiene su más remoto antecedente en las estatuas hechas por Dédalo, el primero en hacer estatuas que parecían personas vivas, abrió los ojos, separó las piernas, como si caminaran, y les alejó los brazos del cuerpo, como si se movieran (FREEDBERG, 2011, p. 100). El himno del Caquetá entre tanto, con música y letra de Ismael Téllez Valenzuela, incluye versos que recuerdan al colono, pero que no hacen ninguna alusión a las los andaki, koreguaje, macaguaje, tama y karijona, poblaciones nativas que ocupaban este espacio (ARTUNDUAGA, 1990, p. 31-40).





Figura 5. Monumento al colonizador en Florencia (Caquetá). IGAC. Caquetá. Características geográficas, Bogotá: IGAC, 1990, p. 65.



Figura 6. Monumento al colonizador en la actualidad.

Recordemos los egregios colonos  
Con sudores supieron formar  
Un emporio de riquezas que tenemos  
Caquetá muy digno para amar.

¡Oh! Valientes primeros pobladores  
Nos legaron la honra y el valor  
Y sus hijos los colonizadores  
Su memoria invocamos con amor

En cuanto a la procedencia de los colonos del Caquetá, solo se cuenta con datos ciertos para dos años como lo muestra la Tabla 3. Hacia 1964 más de la mitad de su población provenía del departamento andino próximo del Huila, seguido del Tolima. Para 1987 estas dos regiones continuaban manteniendo su lugar preminente, aunque ya era evidente un flujo interno representado por el porcentaje de pobladores del mismo Caquetá (JIMENO, 1987).

Tabla 3. Origen de los colonos migrantes al Caquetá.

Procedencia	Porcentaje 1964 [1]	Porcentaje 1987 [2]
Antiguo Caldas	6.7	4.6
Antioquia		7.4
Boyacá	3.5	
Caquetá		23.3
Cundinamarca	5.2	8.3
Huila	53.3	30.2
Tolima	15.8	21.3
Valle	4.7	5.0

[1] Brucher, W. La colonización de la selva pluvial en el piedemonte amazónico de Colombia, IGAC, 1974 citado en Ar-cila et al. *Caquetá. Construcción de un territorio amazónico en el siglo XX*. Bogotá. Sinchi, 2000, p. 49.

[2] Jimeno Santoyo, Myriam. "El poblamiento contemporáneo de la Amazonia". *Colombia Amazónica*. 1987, p. 226.

## EL MONUMENTO EN SAN JOSÉ DEL GUAVIARE.

San José pasó a ser la capital del Comisaría del Guaviare en 1977. El origen de sus habitantes en los años ochenta provenía en su orden de Boyacá, Antiguo Caldas, Cundinamarca, Santander, Tolima y Meta y Valle con los mismos valores (JIMENO, 1987). Es probable que la elevada representación boyacense esté asociada a la violencia y agotamiento de trabajo en la zona esmeraldera en estos años.

En San José se encuentra el monumento al colono que está emplazado en una glorieta cercana al aeropuerto (transversal 20 con calle 10), de manera que cualquier viajero que llega a la ciudad por vía aérea lo aprecia camino al centro de la localidad y tiene algunos árboles sembrados en su entorno (Figuras 7 y 8). Aunque hoy no tiene inscripciones, una fuente señala que tenía una que decía:

"... tu llanera [sic] y tu selva se juntan, tu belleza la exalta un pincel, el maestro creo tu relieve porque estoy seguro que un indio ubicó a San José Capital de la esperanza, majestuoso hoy se ve...yo activo proclamo tu nombre y por verte morir viviré., agregando que el día 17 de marzo se conmemora el día de las colonias en la ciudad con muestras gastronómicas y decorados en las calles (ARMENTA, s.f., p. 7).



Figura 7. El monumento al colono en San José del Guaviare.



Figura 8. Detalle del monumento al colono en San José del Guaviare.

La escultura montada en un pedestal de casi cuatro metros de alto pintado de blanco con bordes rojos que por uno de sus costados tiene la imagen de cinco animales en blanco sobre un fondo rojo por el costado del brazo izquierdo. El monumento está compuesto por la figura de un hombre con su pecho desnudo que está en pie y sostiene en su mano izquierda un hacha levantada de proporciones enormes, mientras que con su brazo derecho toma la mano derecha de la mujer indígena quien está apoyada en su rodilla derecha y tiene entre sus brazos a un niño que se alimenta de sus senos descubiertos. El monumento en conjunto está sobredimensionado o lo que otro autor señala que en el arte escultórico se denomina como “versión realista con tamaño agrandado” (TOBÓN, 2013, p. 32). Al igual que el monumento que recuerda al colono y al indígena, el himno del departamento del Guaviare cuya letra y música es de Máximo Martínez, un segmento recuerda estos dos actores de la historia, su acercamiento y mezcla:

El nativo y colono se sienten  
Orgullosos de hacerte crecer  
Pues no en vano unieron su sangre  
Y el cabuco un día vieron nacer.  
Hombres fuertes que trabajan  
Con coraje y honradez  
Con su esfuerzo surgieron los pueblos  
Que hoy presentan con gran altivez

## EL MONUMENTO EN MITÚ

El Vaupés continúa como departamento hasta hoy. Inicialmente los misioneros monfortianos a través de la compra realizada por el padre Pierre Barón intentaron establecer una estación en la localidad de Elvecia, una antigua vivienda de un comerciante cauchero que incluía su casa, sementeras y veinte cabezas de ganado sobre el río Vaupés, pero la idea de albergar los niños en la antigua casa fue rechazada por sus progenitores. Fue hasta 1927, el momento en que bajo iniciativa del padre Emilien Pied se estableció como base el lugar de Mitú (CABRERA, 2002, p. 197). En 1936 la capital se trasladó de Calamar a Mitú.

En 1935, el ingeniero agrónomo Félix M. Díaz Galindo produjo su texto que acompañó de las primeras imágenes realizadas por un nacional colombiano en la región, las fotos muestran aspectos de la vida de los colonos y su encuentro con los indígenas. Una de ellas es la primera piedra de la nueva capital (Figura 9). En los años sesenta el periodista nacido en Angelópolis (Antioquia) en 1917 de nombre José J. Jaramillo Gómez cuyo seudónimo era José Kent, viajó por el Vaupés y consignó sus impresiones en un texto del que se conocen tres ediciones y que acompañó de una docena de imágenes de escasa calidad. Las fotografías muestran escenas de la vida de los colonos e indígenas civilizados en Mitú (CABRERA, 2018, p. 178-179).



Figura 9. Primera piedra en Mitú. Díaz F. M. *Monografía de la Comisaría del Vaupés*. 1935.

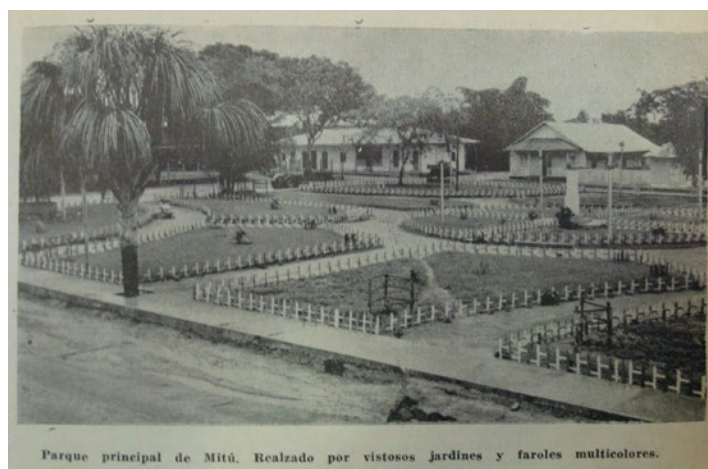


Figura 10. Parque principal de Mitú. Fuente: Guzmán, A. "Panorama de la Comisaría del Vaupés". *Revista Policía Nacional de Colombia*, Bogotá, n. 104, 1964, p. 9.



Figura 11. Parque principal de Mitú en la actualidad.

En Mitú existe el Parque principal que desde mediados de la década del sesenta alberga un busto de Francisco de Paula Santander (Figura 10) y que hace un tiempo fue renovado (Figura 11). Igualmente en el 2018 se emplazó allí un monumento conmemorativo a la Policía Nacional, que recuerda los veinte años de la cruenta toma del poblado por la guerrilla de las Farc y sus víctimas (Figura 12). Al lado de la Iglesia hay una imagen de la Virgen. Pero cerca al río Vaupés, en un lugar llamado Parque infantil de los fundadores se encuentra el monumento que rinde homenaje a los pioneros. La imagen de la Inmaculada concepción está en un alto pedestal que tiene dos columnas blancas y está pintado de color azul. Como es típico en su representación se aprecia la media luna y un ángel a los pies de la virgen y sus manos descansan una sobre otra sobre su pecho en tanto que su cabeza está ligeramente inclinada hacia la izquierda. La columna está acompañada de un altorrelieve rectangular en el que se aprecia dos devotos de rodillas orando y una placa conmemorativa que señala que el municipio de Mitú rinde homenaje a sus fundadores. La Inmaculada concepción es la virgen a la que está consagrada la parroquia en la plaza principal de Mitú. Y una de sus imágenes en la década del sesenta ya había sido emplazada en la localidad. Sin duda el carácter religioso del movimiento obedece a la importante impronta del trabajo misionero en la región que desde 1914 en adelante es ininterrumpido en la región y que cómo lo revelan otros estudios otros agentes institucionales públicos sólo llegaron a la zona en la segunda mitad del siglo XX (HAWKINS, 1972; CABRERA 2002; CABRERA 2015a, CABRERA 2015b), como también los privados hacia alguna localidades amazónicas (Figura 13).



Figura 12. Monumento conmemorativo de la toma guerrillera de Mitú.



Figura 13. Pauta publicitaria del Banco de Bogotá. Fuente: El Tiempo, 1966.

En la placa conmemorativa se relacionan los nombres de: Arturo Benjumea, Homero Benjumea, Emiliano Borrero, Humberto Botero, Saturnino Castañeda, Julio Chequemarca, Miguel Cuervo A, Camilo Daza, Julio Díaz, Miguel Domínguez, Pablo Espítia, Quintiniano Fructuoso, Uvaldino Ortíz, Pedro Restrepo, Juan Risco, Evaristo Sánchez, Saúl Sánchez, Alcides Suarez, Luis Felipe Rey y Jesús Villa. El monumento fue inaugurado en marzo de 1990 por el alcalde de Mitú Harold León y registra como fecha conmemorativa octubre 5 de 1936 (Figura 14). Así mismo el himno del Vaupés, compuesto en música y letra por el Monseñor Gerardo Valencia Cano (1917-1972), el primer Prefecto Apostólico de Mitú, contiene los siguientes versos que recuerdan la presencia indígena, sus costumbres y la imposición de la creencia religiosa católica.



Figura 14. El monumento al colono en Mitú. Fotografía del autor.

Soy de Inírida y Guaviare  
Del Isana y Papurí  
Sé el secreto del curare  
Y del cruel Yuruparí.  
Tengo una grande maloca  
Donde a mi abuelo enterré,  
Todo huésped que allí toca  
Siempre encuentra qué comer.

Soy un hijo de la selva,  
Un hermano del tucán  
Mi carcaj abunda en flechas  
Y de hevea el siringal.  
Soy tukano, selva mía  
Y te quiero con furor  
Yo por ti morir podría  
Y me muero por tu honor.

Hasta ayer sólo cantaba  
En mis fiestas a Watí  
Y en su honor feliz brindaba  
Espumoso cachirí.  
Hoy en toda mitazaba  
Brilla el signo de la cruz  
Y ante un solo nombre tiemblo,  
Ente el nombre de Jesús.

## CONCLUSIÓN

De manera tardía como en buena medida fue el avance hacia la Amazonia, fue también el emplazamiento de monumentos que recuerdan la avanzada colonizadora. En Florencia se recuerda los campesinos, en San José la unión o encuentro de campesinos e indígenas, en Mitú se recuerda a la virgen. El monumento al colono en Florencia sugiere el movimiento caminando con el hombre llevando su herramienta principal de trabajo, el de San José en cambio muestra la figura estática con el hacha levantada como honrando su papel. La postura y el tipo de herramienta no es insignificante, las herramientas recuerda otro autor “constituyen los soportes materiales de cualquier modo de vida social” (GODELIER, 1990). El hacha como herramienta vital y principal en la vida del colono expresa la tala como práctica de sobreponerse a la naturaleza, de dominarla, concepción fuertemente arraigada en la cultura occidental, en la que el hombre se concibe distante de la naturaleza, donde esta existe para ser dominada, en contraste con la visión de los pueblos indígenas (DESCOLA, 2004).

Que en San José y Florencia el monumento lleve un nombre similar “monumento al colono” pero que sean diferentes no sólo materializa su existencia sino su propósito en el primero se reconoce el elemento indígena en el segundo no. Ponerle nombre a una estatua puede considerarse el equivalente a consagrarla (FREEDBERG, 2011, p. 53-54), y pretender instaurar algo en la memoria, un mundo sin indígenas o poblaciones nativas o un mundo donde la mezcla es el ideal.

El abandono o descuido acompaña los monumentos, y cada cierto tiempo se revitalizan o embellecen para reavivar el recuerdo, los tres monumentos que considera este texto ya tuvieron intervenciones, el de San José del Guaviare en el año 2010 (*El Tiempo*, 2010) y el de Florencia en 2017. Cada cierto tiempo hay quienes buscar reavivar el recuerdo o no dejar que este desaparezca. El monumento de Mitú sin embargo, pese a ser donado por los colonos, los recuerda en una placa conmemorativa pero no en la estatua, este es un símbolo religioso, el de la Inmaculada a la que se consagró la parroquia del lugar. Y tan sólo hace unos años en la plaza principal se emplazó un monumento en homenaje a los indígenas de la región que sobre un alto pedestal muestra una serpiente-canoa, representando el mito fundacional de los pueblos indígenas tukano oriental, sobre la que hay tres figuras masculinas y una femenina, todos con ornato tradicional.

¿Cómo se perciben estos monumentos? ¿Qué apropiación se hace de ellos? ¿Qué papel cumplen en el sustento de una memoria presente o futura? Son todas preguntas necesarias. La

existencia de estos objetos sin preguntarnos por estas cosas o “alejada de los síntomas de la respuesta se limita a jugar con las minucias del intelectualismo (FREEDBERG, 2011, p. 322). Para desarrollar este componente diseñé una encuesta cuya aplicación implicaba viajar a las localidades y aplicarlas en algunas instituciones educativas y moradores locales, circunstancia que la pandemia de covid-19 impide hasta hoy. Igualmente, es esencial completar la información sobre la autoría de los monumentos y conocer si se hicieron bajo concurso o no, a quienes y por qué les gano de ser así, al igual que el rastreo de los registros (sonoros y visuales) del momento del emplazamiento y la inauguración (RAMOS, 2017, p. 232).

Los monumentos de Florencia, San José y Mitú fueron emplazados el primero en 1983, y los segundos en 1990, para entonces el discurso o la “retórica multiculturalista” no tenía aún un lugar, lo que ocurrió en Colombia después de la constitución de 1991 (RIVERA, 2010, p. 55-60). Expresión que comparto pues si bien en las normas legales como la Constitución y La Ley 21 de 1994 [Convenio 169 de la OIT] se han consignado el reconocimiento y derechos de los pueblos indígenas, la violencia y desprotección de estos y sus territorios no se materializa, basta con leer los informes sobre violencia contra los pueblos indígenas en Colombia y seguir la cifra de asesinatos de sus líderes (VILLA y HOUGHTON, 2004). Los monumentos entonces transmitían una idea bien convencional con relación a la colonización, el ocultamiento o silencio del componente indígena en las áreas colonizadas o su incorporación a través del mestizaje. Es decir eran un claro reflejo de lo que muchos años atrás el sociólogo mexicano Pablo González Casanova llamó ‘colonialismo interno’ para señalar que en nuestros países del dominio colonial europeo pasamos a la dominación interna en donde la preeminencia del mestizo, sin eliminar la diferencia, reproducen las condiciones de explotación de los indígenas, negándole el derecho de sus tierras al desplazarlos cuando las ocupan los colonos o vinculándolos laboralmente en trabajos no calificados e impidiendo su actuación en la esfera política y administrativa (CASANOVA, 2009).

Los archivos, museos, monumentos, murales, instalaciones, santuarios e incluso parques temáticos a los que yo agregaría plazas y nombres de calles son constituidos por sectores particulares regularmente con poder político diseñados para cumplir el mandamiento “no olvidarás recordar” (HARRIS 2010 citado en COMAROFF y COMAROFF, 2013, p. 208). Es decir en su momento se intenta afianzar unos valores particulares, pero estos no son perpetuos. Los tiempos cambian y la memoria “siempre es una representación formulada en un determinado contexto, y que guarda relación directa con el juego de los signos y poder que apuntala los esfuerzos convencionales de producción de valor (COMAROFF y COMAROFF, 2013, p. 210).

Que los indígenas estén ausentes en los monumentos o que su condición subordinada ni se mencione no es extraño, en Boa Vista, capital del Estado de Roraima, existe el llamado monumento a los pioneros del que la ciudad tuvo dos ejemplos uno emplazado en 1975 y otro en 1995 que tienen sus propias placas con contenidos que exaltan en el primero la exploración y en el segundo a los militares, aunque este incluye una representación indígena en el extremo; ambos monumentos tuvieron sus respectivas ceremonias de inauguración. En los textos y los mismos monumentos es claro como lo señala una investigadora que se identifica a los hijos de la tierra con el establecimiento de los pioneros, o sea solamente después de las expediciones,



sea por la actividad económica que ejercieron (administración o propiedad de grandes haciendas de ganado), la historiografía memorialista destaca la diferenciación entre los pioneros y aquellos que ya habitaban la región antes del proceso de colonización. De ese modo, los indígenas son excluidos del grupo de hijos de la tierra, a pesar de haber nacido en Roraima (MARTINS, 2010, p. 34-35).

Pero aún si los monumentos recordaran a los indígenas, sobre ellos en el caso concreto del Vaupés es difícil ver la impronta de la economía extractiva cauchera y su violencia ampliamente documentada (TAUSSIG, 1987; RODRÍGUEZ y HAMMEN, 1993; DOMINGUEZ y GÓMEZ, 1994; CABRERA, 2018) como también su diversidad cultural, pues en la zona viven 23 grupos de filiación tukano oriental, 4 de filiación Nadahup (CABALZAR, 2009; CABRERA, 2012), el recuerdo es también limitado, se enmarca en una idea de homogeneidad cultural e igualdad civil, propia de los estados-nación que disuelve las diferencias en un único relato (COMAROFF y COMAROFF, 2013, p. 219).

Que tanto cambio la visión después de los años noventa en Colombia desborda este estudio. Pero cotejar el sentido que se infiere de la época del emplazamiento de los monumentos con la valoración actual de los habitantes es una tarea pendiente. Saber sí y cómo el monumento hace parte del mapa mental de los habitantes de la ciudad y el valor que le otorgan. Adicionalmente, resultaría ingenuo pensar que la dinámica colonizadora se ha detenido, aun hoy se repite el patrón conocido, lejos de ser un proceso inacabado o consolidado, la colonización es dinámica y avanza, como lo señala el testimonio de un colono, que a pesar de los años se repite: “¿San José? Ahí está don fulano, el más capitalista, ya le dice al vecino. ... Bueno, cuánto vale su finca? Y le compra. El hecho es, sacarlo, que se vaya bien al centro de la selva a bregar otra vez de nuevo” (DOMÍNGUEZ *et al*, 1989, p. 179). Quizás en el futuro tengamos menos bosques y más monumentos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Tatiana. Sin llorar. *El Espectador*, p. 32. Domingo 7 de febrero, 2021,
- ACOSTA, Luis Eduardo. *Guaviare. Puente a la Amazonia*. 1ª ed, Bogotá: Corporación Colombiana para la Amazonia, 1993.
- ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Bogotá un museo a cielo abierto: guía de esculturas y monumentos conmemorativos en el espacio público*. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2008.
- ARCILA, Oscar.; GONZÁLEZ, Gloria.; GUTIÉRREZ, Franz.; RODRÍGUEZ, Adriana y SALAZAR, Carlos. *Caquetá. Construcción de un territorio amazónico en el siglo XX*. Bogotá: Instituto Amazónico de Investigaciones Científica, Sinchi. Ministerio del Medio Ambiente, 2000.
- ARMENTA, Yeismith. San José-Guaviare. *La historia hecha palabra, la voz de un abuelo tukano del Guaviare. Historias locales*. Ministerio de Educación Nacional, s.f.
- ARTUNDUAGA Félix. *Historia General del Caquetá*. Florencia: [s.e.], 1990.
- BADAWI, Halim. *Historia urgente del arte en Colombia. Dos siglos de arte en el país*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2019.
- BARTHES, Roland. El mensaje fotográfico. En: *Lo obvio y lo obtuso*. Barcelona: Paidós, 1986, p. 11-27.
- BERMÚDEZ, Jairo Alfredo. *Los héroes y sus imágenes. Un estudio iconográfico sobre la construcción de la República y la nación en Colombia durante el siglo XIX*. Barranquilla: Editorial Uniautónoma, 2015.
- BOLETÍN INFORMATIVO, Instituto de Misiones Extrajeras de Yarumal, Yarumal: 1956-2010.
- BOTERO, Rodrigo. El desmonte de la selva amazónica, *El Espectador*, Domingo 23 de diciembre, 2018. *Separata Que la verdad nos acompañe*.
- BUENAVENTURA, Juan Guillermo. *El último andakí*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2018.
- BURKE, Peter. *Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico*. Barcelona: Crítica. 2005.
- CABALZAR, Aloisio. *Filhos da Cobra da Pedra*. São Paulo: Editora UNESP, Instituto Socioambiental, 2009.
- CABRERA, Gabriel. La presencia antillana en la Amazonia: los negros barbadenses en la explotación del caucho y sus imágenes, *Memorias. Revista digital de historia y arqueología desde el caribe colombiano*, n. 36, p. 57-96, 2018.
- CABRERA, Gabriel. *Los poderes en la frontera. Misiones católicas y protestantes, y Estados en el Vaupés colombo-brasileño, 1923-1989*, Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2015a.
- CABRERA, Gabriel. El Vaupés 1935-1970. Notas para una historia de una zona marginal en la amazonia colombiana, *EDUCamazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente*, Vol. XV, n. 2, p. 186-215, 2015b.
- CABRERA, Gabriel. Los pueblos makú y las misiones católicas en la frontera de Colombia y Brasil, 1900-1990, *Historia y Sociedad*. n. 22, p. 73-112, 2012.
- CABRERA, Gabriel. *La Iglesia en la frontera: misiones católicas en el Vaupés 1850-1950*, Bogotá: Uni-
- BECERRA, Gabriel Cabrera. *El Monumento al Colono en Tres Localidades de la Amazonia Colombiana. Historia de un Objeto, Representaciones de una Idea*. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 202-228, Jul-Dez. 2021.

versidad Nacional de Colombia, 2002.

CHAVES, Esther. *Monografía del Departamento del Vaupés*, [s.l., s.e.], 1993.

COMAROFF, Jean y COMAROFF, John. La historia sometida a juicio. Memoria, evidencia y producción forense del pasado. En: COMAROFF, Jean y COMAROFF, John. *Teoría desde el sur*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores. 2013, p. 205-235.

DAMOISEAUX, Hubert. Informe de un Misionero del Vaupés al señor Ministro de Gobierno. 1920, p. 98-100.

DESCOLA, Philippe. Las cosmologías indígenas de la Amazonia. En: *Tierra adentro. Territorio indígena y percepción del entorno*. Copenhague: IWGIA, 2004, p. 25-35.

DÍAZ, David. Fiesta e imaginaria cívica: la memoria de la estatuaría de las celebraciones patrias costarricenses, 1876-1921, *Revista Historia*, n. 49-50, p. 111-154, 2004.

DOMÍNGUEZ, Camilo y GÓMEZ, Augusto Javier. *Nación y etnias. Los conflictos territoriales en la Amazonia 1750-1933*. Bogotá: COAMA, Fundación Puerto Rastrojo. 1994.

DOMÍNGUEZ, Camilo; GONZÁLEZ, Jorge, y VANEGAS, Deyanira. Colonos e indígenas en el río Guaviare. *Colonización del bosque húmedo tropical*. Bogotá: Fondo de Promoción de la Cultura. Corporación Araracuara, p. 169-197, 1989.

ECHAVARRÍA, J., FLOREZ, Laura Elena, MESA, Carlos Enrique, MONTOYA, José Jairo y XIBILLÉ, Jaime. *Arte público en Medellín La ciudad de las (casi) 500 esculturas [Glosario incompleto para su discusión]*. Medellín: Alcaldía de Medellín, 2014.

EL TIEMPO. Comerciantes y Policía de San José del Guaviare buscan rescatar los monumentos de la ciudad, *El Tiempo*, miércoles 7 de abril, 2010.

FUNDACIÓN PUERTO RASTROJO. *Atlas de la Amazonia Colombiana (CD)*. Bogotá: Fundación Puerto Rastrojo, 2001.

FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes*. Madrid: Cátedra, 2011.

GARCÍA, Clara Inés. Enfoques y problemas de la investigación sobre territorios de frontera interna en Colombia. En: GARCÍA, Clara Inés (comp.). *Fronteras. Territorios y metáforas*. Medellín: Hombre Nuevo Editores, 2003, p. 47-60.

GODELIER, Maurice. *Lo ideal y lo material*. Madrid: Taurus, 1990.

GÓMEZ, Augusto Javier. *Putumayo. Indios, misión, colonos y conflictos (1845-1970)*. s.l.: Editorial Universidad del Cauca.

GONZÁLEZ, José Jairo. Caminos de oriente: aspectos de la colonización contemporánea del oriente colombiano. *Controversia*, n. 151-152, 1989, p. 107-199.

GONZÁLEZ, José Jairo. Regionalización y conflicto: Guaviare, Vichada y Guainía. De colonos, guerrilleros y chichipatos. En: *Conflictos regionales –Amazonia y Orinoquia-*. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert de Colombia. IEPRI, 1998, p. 15-69.

GONZÁLEZ, Pablo. El colonialismo interno (1969). En: *De la sociología del poder a la sociología de la explotación. Pensar América Latina en el siglo XXI*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores. Clacso, 2009, p. 129-156.

GOODY, Jack. “¿Iconos e iconoclasia en África? Ausencia y ambivalencia. En: *Representaciones y con-*

*tradiciones*. Barcelona: Paidós, 1999, p. 51-90.

GUZMÁN, Álvaro y BILLON, Federico. Panorama de la Comisaría del Vaupés. *Revista Policía Nacional de Colombia*, n. 104, p. 7-40, 1964.

HAWKINS, Harlan Glenn. Mitú, Colombia. A geographical analysis of an isolated border town. Tesis (Doctorado en Geografía), University of Florida, 1972.

IGAC. *Caquetá. Características geográficas*. Bogotá: Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 1990.

JARAMILLO, Jaime Eduardo; MORA, Leonidas y CUBIDES, Fernando. *Colonización coca y guerrilla*. Bogotá: Alianza Editorial Colombiana, 1989.

JIMENO, Myriam. El poblamiento contemporáneo de la Amazonia. En: *Colombia Amazónica*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Fondo FEN, 1987, p. 211-233

KUAN, Misael *La misión capuchina en el Caquetá y el Putumayo 1893-1929*, Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2013.

LÓPEZ DE MESA, Alberto. Nos mataron la ilusión, *El Espectador*, viernes 30 de julio, 2021.

LLANOS, Julián Andrés. *Memoria y sentidos. Esculturas públicas y monumentos de Tunja en comunicación con la ciudad*. Tunja: Ediciones Universidad de Boyacá, 2012.

MARÍN, Jorge Iván. Colonización y recomposición campesina en el Guaviare 1960-1998. *Memoria y Sociedad*, v. 7, n. 13, p. 117-158, 2002

MARTÍNEZ, Frédéric. *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845-1900*. Bogotá: Banco de la República. Instituto Francés de Estudios Andinos, 2001.

MARTÍNEZ, Sandra Patricia. *Encuentros con el Estado. Burocracias colonos en la frontera amazónica (1960-1980)*, Cali: Programa Editorial Universidad del Valle, 2017.

MARTINS, Elisangela. Memória do Regime Militar em Roraima. Tesis (Maestría en Historia), Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2010.

MELO, Fabio. Álvaro. *Colonización y poblamiento del piedemonte amazónico en el Caquetá. El Doncello, 1918-1972*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2016.

MORENO, Héctor. Modelos de colonización en los Territorios Nacionales. En: *Seminario ecológico y del medioambiente. Bosque y vida*. Bogotá, Editora Guadalupe. 1986, p. 117-128.

PARSONS, James. *La colonización antioqueña en el occidente de Colombia*. 4ª ed. Bogotá: Banco de la República. El Áncora Editores, 1997.

PARSONS, James. *Urabá, salida de Antioquia al mar. Geografía e historia de su colonización*. Bogotá: Banco de la República. El Áncora Editores, 1996.

PACHECO, Daniel y LATORRE, Angélica. “La deforestación en Guaviare por fin tiene nombre”, *El Espectador*, domingo 5 de mayo, p. 14-15, 2019.

RAMÍREZ DE JARA, María Clemencia. *Frontera fluida entre andes, piedemonte y selva: el caso del Valle de Sibundoy, siglos XVI-XVIII*, Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1996.

RAMOS, Eloisa Helena. As cidades e seus monumentos: um estudo sobre a imigração italiana em

Buenos Aires e Caxias do Sul 1910 – 1954 – 2016. *Almanack*, Guarulhos, n. 17, p. 224-247, 2017.

RED AMAZÓNICA DE INFORMACIÓN SOCIOAMBIENTAL GEOREFERENCIADA. *Amazonia bajo presión*, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012.

RIBEIRO, Jayme. Imaginando a revolução: cultura política e iconografia comunista nas páginas de A Nação (1927). En: MAIA, Andréa Casa Nova (org.). *O mundo do trabalho nas páginas das revistas ilustradas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 215-243.

RINCÓN, Carlos. El himno colombiano. Una canción patriótica entre exigencias políticas internacionales, poesía romántica tardía y revolución medial. *Avatares de la memoria cultural en Colombia. Formas simbólicas del Estado, museos y canon literario*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2015, p. 131-150.

RIVERA, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RODRÍGUEZ, Sandra Patricia. *Memoria y olvido. Usos públicos del pasado en Colombia, 1930-1960*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Universidad del Rosario, 2017.

RODRÍGUEZ, Carlos y HAMMEN, María Clara. “Nosotros no sabíamos cuánto valía el muerto”. Roberto Pineda y Beatriz Álzate (eds.). Bogotá: Uniandes, 1993, p. 31-54.

ROJAS, Luis. Informe del Comisario Especial del Vaupés. *Memoria de Gobierno. Anexos 11*. Bogotá: Ministerio de Gobierno, 1925, p. 149-161.

STEINER, Claudia. Urabá: de región de frontera a región de conflicto. En: Jimeno Miryam (ed.). *Conflicto social y violencia*. Bogotá: p. 63-71.

TAUSSIG, Michael. Cultura del Terror - Espacio de la Muerte: El Informe Putumayo de Roger Casement y la Explicación de la Tortura, *Amazonia peruana*, v. 8, n. 14:7-36, 1987.

TOBÓN, Aníbal. *Los monumentos hablan en Barranquilla*. Barranquilla: Universidad del Norte, 2013.

TORRES, Pablo. Conquista del Vaupés. *El Espectador*, domingo 13 de febrero, 1966, p. 7-E.

VANEGAS, Carolina. *Disputas monumentales. Escultura y política en el Centenario de la Independencia (Bogotá, 1910)*. Bogotá: Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, s.f.

VARÓN, Rafael. “La estatua de Francisco Pizarro en Lima. Historia e identidad nacional”, *Revista de indias*, v. 66, n. 236:217-236, 2006.

VÁSQUEZ, Teófilo. *Territorios, conflicto armado y política en el Caquetá: 1900-2010*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2015.

VILLA, William y HOUGHTON, Juan. *Violencia política contra los pueblos indígenas en Colombia. 1974-2004*. Bogotá: CECOIN, OIA, IWGIA.

ZARATE, Carlos Gilberto. *Amazonia 1900-1940. El conflicto, la guerra y la invención de la frontera*. Leticia: Universidad Nacional de Colombia, 2019.

**FRONTEIRA CULTURAL OU DISPUTA PELA PAISAGEM?  
O CASO DA SINAGOGA DE TEL DOR, ISRAEL**

CULTURAL FRONTIER OR DISPUTE FOR LANDSCAPE?  
THE CASE OF THE TEL DOR SYNAGOGUE, ISRAEL

Gabriela Rodrigues Marques de Oliveira

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Gabriela Rodrigues Marques de. Fronteira Cultural ou Disputa Pela Paisagem? O Caso da Sinagoga de Tel Dor, Israel. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 229-244, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 13/05/2021

Aprovado em: 06/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Fronteira Cultural ou Disputa Pela Paisagem? O Caso da Sinagoga de Tel Dor, Israel**

### **Cultural Frontier or Dispute for Landscape? The Case of the Tel Dor Synagogue, Israel**

Gabriela Rodrigues Marques de Oliveira<sup>a</sup>

#### **Resumo:**

Por meio de informações contidas na obra de Josefo e em relatórios de escavações em Tel Dor, tomamos conhecimento de um possível episódio que ocorreu nessa cidade em 42 E.C., quando um grupo de romanos depositou uma estátua do imperador dentro de uma sinagoga. A existência dos vestígios materiais da sinagoga e da estátua ainda não foi comprovada, mas tal ato, se realmente ocorreu, foi desrespeitoso não apenas com os judeus, mas com o próprio imperador, que havia garantido liberdade de culto aos mesmos. A partir desse acontecimento, mesmo que não comprovadamente factual, discutiremos questões concernentes aos usos do culto imperial nas províncias romanas, e às fronteiras e limites existentes entre Roma e os romanos das províncias, e entre judeus e romanos. Trataremos também de como essas fronteiras podem ser simbólicas e culturais, mas ainda sim levar a uma disputa pela paisagem construída.

#### **Palavras-Chave:**

Tel Dor; Culto imperial; Contato cultural; Fronteira simbólica; Paisagem.

#### **Abstract:**

Through information contained in the work of Josephus and excavations reports of Tel Dor, we came to know of a possible episode that occurred in that city in 42 C.E., when a group of Romans deposited an imperial statue inside a synagogue. The existence of material remains of the synagogue and the statue was not yet proved, but if such an act did happened it was disrespectful not only to the Jews, but to the emperor himself, who had guaranteed religious freedomship for them. From that event, even if it was not proven factual, we will discuss issues concerning the uses of imperial cult in the roman provinces, and the borders and boundaries existing between Rome and the Romans of the provinces, and between Jews and Romans. We will also deal with how these borders can be symbolic and cultural, but at same time lead to a dispute over the built landscape.

#### **Keywords:**

Tel Dor; Imperial cult; Cultural contact; Symbolic border; Landscape.

<sup>a</sup> Mestranda do Programa de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), membro do Laboratório de Arqueologia Romana e Provincial (LARP). Apoio CAPES. ORCID: <orcid.org/0000-0002-3239-3094>. Email: <[gabriela.rmo@usp.br](mailto:gabriela.rmo@usp.br)>.

## INTRODUÇÃO

Em 42 E.C., Tel Dor era uma cidade portuária da costa de Israel que, assim como as demais cidades da região, se encontrava sob domínio romano. Sua população naquele momento era majoritariamente gentia e romana. Porém, Josefo (JOSEPHUS, *Ant.* XIX, 6) nos revela que no ano referido houve um breve episódio de conflito entre essa população romana – especificamente um grupo de jovens - e os judeus, que eram minoria na cidade.

De acordo com Josefo, a pequena comunidade judaica construiu uma sinagoga para realizar suas práticas religiosas. Como forma de demonstrar seu desprezo pelos judeus, um grupo de jovens romanos colocou uma estátua do Imperador dentro de tal sinagoga, o que transgrediu as leis judaicas, demonstrando seu caráter ofensivo. Sabendo disso, o então rei da Judeia, Herodes Agripa I, que se considerava um defensor da população judaica e era favorecido por Roma, foi prestar queixa da situação ao legado da Síria, Públio Petrônio que, por sua vez, puniu os romanos pelo que haviam feito e garantiu aos judeus seu direito de culto.

A existência dessa sinagoga e da estátua do imperador ainda não foi arqueologicamente comprovada – apesar de algumas hipóteses terem sido levantadas -, porém, a partir desse episódio, buscamos ter uma melhor compreensão das relações e contatos entre judeus e romanos. Abordamos brevemente algumas teorias sobre contatos culturais e formação de identidade, que têm estado em voga nos últimos anos, visando a compreender como se organizavam as possíveis fronteiras culturais entre esses povos e como elas poderiam ser interpretadas no contexto do objeto de estudo, considerando a etnicidade judaica e a prática do culto imperial romano.

Reiteramos que o culto imperial não deve ser visto como um bloco monolítico, mas sim como um fenômeno multifacetado (PORTO, 2018). Da mesma forma, o período de dominação romana na Palestina não deve ser resumido à mera “romanização” e a uma relação bipolarizada entre colonizador e colonizado. Contatos e fronteiras culturais eram mais multiformes e fluídos do que tais definições nos levam a crer (PORTO, 2007, p. 40).

Por fim, também intentamos discutir se a relação entre a sinagoga e a estátua do imperador (ou culto imperial) pode ser considerada uma disputa pela paisagem, na medida em que o espaço é também um transmissor de mensagens, possuindo intencionalidade e refletindo as relações de poder.

## DOMÍNIO ROMANO E O CULTO IMPERIAL

O período de dominação romana na Palestina<sup>1</sup> foi marcado por tensões e revoltas, principalmente envolvendo o povo judeu. Cerca de um século depois da Palestina se tornar uma província

---

<sup>1</sup> Apesar do uso do termo “Palestina” para um melhor entendimento da região abordada pelo texto, esse território foi conhecido por diferentes denominações, dependendo de quem estava no poder. No decorrer do período de domínio romano foi conhecido como Estado Cliente da República Romana (c. 63 – 40 A.E.C.), durante o reinado dos hasmoneus; Estado Cliente do Império Parta (c. 40 – 37 A.E.C.), durante um breve domínio dos partas; Reino Herodiano na Judeia (c. 37 – 4 A.E.C.), durante o reinado de Herodes Magno; Província Romana da Judeia (c. 6 – 135 E.C.), durante a Tetrarquia Herodiana, e durante a administração exclusivamente romana, a partir de 44 E.C. A denominação “Palestina” só passou a ser oficialmente utilizada a partir de 135 E.C., depois que o imperador Adriano derrotou Bar Kochba e expulsou os judeus da Judeia, após o fim da Segunda Revolta.



vassala romana, eclodiu a Primeira Revolta Judaica, em 66 E.C., que resultou na destruição do Templo de Jerusalém em 70 E.C. Tal revolta pode ser considerada um reflexo da intensificação da ocupação romana, já que os romanos passaram a governar diretamente a região após o fim do período herodiano – os filhos de Herodes Magno (37 – 4 A.E.C.) pouco a pouco foram perdendo totalmente o domínio de seus territórios para os romanos –, aumentando os embates culturais e religiosos entre judeus e povos politeístas (ANDERSON, 1995, p. 448). Além disso, a questão das taxas pagas ao Império e a incompetência de alguns procuradores, e mesmo imperadores, inflamou a revolta dos judeus.

As tensões romano-judaicas aumentaram mais ainda no século II e por volta de 132 E.C. teve início a Segunda Revolta. Os motivos que culminaram na eclosão dessa revolta incluíram, principalmente, grande insatisfação com a opressiva situação agrária da região. Outro possível motivo, que fontes antigas sugerem, foi o plano do imperador Adriano (117 – 138 E.C.) para converter Jerusalém em uma colônia de religião romana, já que ele havia mandado fazer um templo dedicado a Júpiter no mesmo local onde existira o Templo de Jerusalém, além de proibir a prática da circuncisão (PORTO, 2007, p. 64).

A maioria dessas hostilidades surgia e se dava em cidades cuja população era de maioria judaica. Em cidades mais fortemente helenizadas, os romanos não enfrentavam grandes problemas e conflitos. Esse era o caso de Tel Dor, que chegou até mesmo a ser considerada um porto seguro para os romanos durante a Primeira Revolta (STERN, 1995, p. 279). A maior aceitação romana nessas cidades também se dava pelo fato de o culto imperial ter ali sido melhor inserido e aceito.

O cerne do culto imperial era a divinização de Augusto, que era então ao mesmo tempo líder político e deus, do qual as pessoas podiam se aproximar através de cartas e embaixadas ou orações e sacrifícios (REVELL, 2009, p. 82).

Ele era humano, mas também divino, independente do momento em que essa divindade foi alcançada – antes ou depois de sua morte. A “divinização antecipada” reforçava a ideologia do imperador como sendo a cabeça do sistema político romano. Nos rituais em sua homenagem, as pessoas do império aceitavam e reproduziam essa ideologia ativamente: não era meramente uma imposição romana de mão única, mas se baseava nas ações de seus súditos e em sua recriação daquele poder (REVELL, 2009, p. 99, *tradução livre*).<sup>2</sup>

Dessa forma, o culto imperial não era imposto forçosamente como consequência de uma romanização pura e simples. Ele era praticado e recriado pelos diferentes povos que se encontravam sob o jugo dos romanos. O culto também podia sofrer modificações dependendo do local onde era praticado. Nas províncias do Oriente, onde já havia a “tradição de veneração ao poder”, era necessário apenas substituir um culto pelo outro, enquanto nas províncias do Ocidente o culto precisava ser mais fortemente imposto por Roma (PORTO, 2018, p. 141). Em todo caso, o culto objetivava a lealdade provincial, através da influência sobre objetos, pessoas, e mesmo lugares (TEIXEIRA-BASTOS, 2015, p. 42-43).

---

<sup>2</sup> “He was human, but also divine, regardless of the precise moment when that divinity was reached. This anticipated divinity reinforced the ideology of the emperor as the head of the Roman political system. In the rituals for his worship, the people of the empire actively accepted and reproduced that ideology: it was not merely a one-sided imposition from Rome, but relied upon the actions of his subjects and their recreation of that power” (REVELL, 2009, p.99).

Por vezes, a implementação do culto imperial era envolta em conflitos, como no caso de Calígula (37 – 41 E.C.),

que obrigou todas as províncias, inclusive a Judéia, a cultuá-lo, oferecendo-lhe sacrifícios. Quando os judeus se recusaram a cultuá-lo, foram perseguidos tanto na diáspora (em Alexandria, por exemplo) como na Judéia e demais províncias. O imperador romano exigiu que uma estátua sua fosse colocada no Templo. Petrônio, legado da Síria, tentou dissuadi-lo de seus propósitos: foi condenado à morte, ou seja, recebeu ordem do Imperador para se suicidar. Calígula foi assassinado em 41 d.C., e Cláudio, seu sucessor, dispensou os judeus do culto ao Imperador, salvando também a vida de Petrônio (PORTO, 2007, p. 60).

A partir desse relato percebemos que as nuances e tensões envolvendo o culto imperial variavam de acordo com o imperador que estivesse no poder. Consequentemente, também variava sua relação com o judaísmo, o que podemos notar em um breve período de cerca de três anos, durante os quais ocorreu o conflito com Calígula, mencionado acima, seguido do afrouxamento da obrigatoriedade da prática do culto imperial pelos judeus, no governo do imperador Cláudio e do legado Petrônio – de certa forma respeitando as especificidades étnicas e religiosas judaicas.<sup>3</sup> Mas, foi também nesse período de liberdade de culto dos judeus que transcorreu a tensão referente à sinagoga de Tel Dor, que abordaremos subsequentemente.

## TEL DOR: HISTÓRICO E CONFLITOS

Tel Dor – ou Dora nas fontes helenísticas – é uma cidade da costa de Israel que sofreu sucessivas ocupações durante a Idade do Bronze e Idade do Ferro. A primeira menção a seu respeito foi feita em uma inscrição de Ramsés II, que listava assentamentos ao longo da estrada que mais tarde, em época romana, seria conhecida como *Via Maris*. Essa inscrição, juntamente com achados arqueológicos, revelou que a fundação de Dor provavelmente ocorreu durante a Idade do Bronze Média. Outras menções a Dor também foram feitas na Bíblia e na História de Wenamun<sup>4</sup> – que apresentou Dor como uma potência marítima governada pelos Sikil,<sup>5</sup> em finais do século XII A.E.C. Durante o reinado de Salomão, Dor se tornou um importante centro administrativo governado pelo genro do rei (STERN, 1995, p. 1).

A partir de 732 A.E.C., com a conquista da costa de Israel pelos assírios, Dor provavelmente foi a capital de uma província assíria que se estendia do Monte Carmelo ao rio Yarqon, situação esta que perdurou pelo período assírio e pelo posterior período babilônico, sendo esse último extremamente escasso em vestígios arqueológicos e históricos (STERN, 1995, p. 2).

Já entre os séculos VI e IV A.E.C., Dor e outras cidades da costa de Israel ficaram sob o jugo dos persas. Esse período foi de grande prosperidade para essa região, já que os reis persas encorajavam o comércio marítimo fenício – visando a competir com seus inimigos gregos -, e, para tanto, permitiam o domínio fenício de certas cidades costeiras palestinas – entre elas, Dor. Não à toa, al-

3 Importante salientar que essa maior liberdade de culto judaica ocorreu antes da Primeira Revolta.

4 Oficial egípcio que foi enviado para uma missão à Síria pelo faraó (PORTO, 2007, p. 120).

5 Um dos povos do mar que invadiu o Egito durante o reinado de Ramsés III (STERN, 1995, p. 1).

guns gregos julgavam que a cidade havia sido fundada pelos fenícios (STERN, 1995, p. 2).

Quando de seu domínio, entretanto, os gregos declararam que a cidade na verdade tinha origem grega, já que teria sido fundada por Doros, filho de Poseidon. O culto a esse suposto e legendário fundador se tornou central na cidade nos períodos helenístico e romano (PORTO, 2007, p. 120). Foi também no período helenístico que Dor se tornou uma cidade-Estado independente, nos moldes de uma *pólis* grega, e foi posteriormente transformada em uma fortaleza real dos ptolomeus. Com a ascensão dos hasmoneus – dinastia judaica que governou a região por pouco mais de um século –, a cidade foi adquirida por Alexandre Janeu<sup>6</sup> – por negociação, não por guerra –, que a anexou à Judéia, tirando sua autonomia (PORTO, 2007, p. 120).

Por fim, Pompeu desmantelou o reino hasmoneu em 63 A.E.C. – quando teve início a dominação romana da região –, e tirou a cidade do domínio judaico, anexando-a à província da Síria, reconstruindo-a, e garantindo sua autonomia e direito de cunhar moedas (STERN, 1995, p. 3). Essa autonomia perdurou por todo o período herodiano, durante o qual a cidade foi governada diretamente por Roma, por meio de governadores.

É nesse contexto, precisamente durante o reinado de Herodes Agripa I (41 – 44 E.C.), que uma sinagoga foi supostamente construída na cidade. Entretanto, é importante salientar que os judeus eram então uma comunidade minoritária em Dor, principalmente, devido ao histórico de ocupação do local. De forma que, durante o período de construção da sinagoga, a população de religião romana era predominante. Josefo narra uma situação de conflito envolvendo a referida sinagoga. Ele nos informa que, sob o pretexto de ser uma atitude piedosa, um grupo de jovens da cidade colocou uma estátua do imperador na sinagoga, demonstrando temeridade e insolência, já que tal ato feria as leis judaicas (JOSEPHUS, *Ant.* XIX, 6). Na realidade, a profanação da sinagoga sinalizou verdadeiro desprezo aos judeus por parte dos jovens romanos e, quando soube do ocorrido, Herodes Agripa I foi imediatamente prestar queixa com o então governador da província da Síria, Públio Petrônio.<sup>7</sup>

Importante ressaltar que Agripa I não apenas tinha boas relações com os romanos, mas era mesmo favorecido por Roma. Ele havia passado grande parte de sua juventude em Roma, na corte do imperador Tibério (14-37 E.C.), onde desenvolveu uma sólida amizade com Calígula,<sup>8</sup> de quem recebeu os territórios de seus tios Filipe, em 37 E.C., e Herodes Antipas, em 39 E.C. A região da Judeia propriamente só passou a fazer parte dos seus domínios em 41 E.C., já no governo do imperador

---

<sup>6</sup> “Alexandre Janeu, filho de João Hircano, foi rei da Judeia entre 103 e 76 A.E.C. Herdou o trono de seu irmão Aristóbulo I após a morte deste, casando-se também com sua viúva, Salomé Alexandra. Ele “continuou o processo de anexação de territórios na Palestina, levando suas fronteiras a um ponto que o país nunca mais tivera desde que fora destruído por Nabucodonosor em 586 a.C.” (PORTO, 2007, p. 36).

<sup>7</sup> Petrônio foi pró-consul da Ásia (29-35? E.C.) e legado da Síria (39-42 E.C.). Ordenado a erigir uma estátua do imperador Caio (Calígula) no Templo de Jerusalém, ele se negou, alegando que foi por conta da oposição judaica (Petrônio (RE 24), Publius. In: HORNBLLOWER, S. *et al.* The Oxford Classical Dictionary, 2012, p. 1118).

<sup>8</sup> Durante sua estadia em Roma, Agripa se aproximou de Calígula e expressou sua esperança de logo vê-lo no trono, no lugar de Tibério. Ao saber disso, o então imperador sentenciou Agripa à prisão, onde ficou por seis meses. Ficou livre quando Tibério morreu e Calígula assumiu o poder, libertando o amigo e cedendo-lhe os territórios de seu tio, o tetrarca Filipe (SCHWARTZ, 1990, p. 3).

Cláudio (41-54 E.C.), também seu amigo de longa data.<sup>9</sup> Vale lembrar que ele era neto de Herodes Magno, que havia sido conhecido pelas manobras políticas que tentavam agradar os romanos e ao mesmo tempo apaziguar os judeus, já que os mesmos não viam legitimidade no governo herodiano – para eles, os verdadeiros reis eram os hasmoneus. Além disso, ele se designava como protetor dos judeus, tentando manter um bom relacionamento com eles, tendo inclusive intercedido em seu favor durante o conflito com Calígula, destacado anteriormente. O fato de ser um descendente dos hasmoneus através da avó, Mariana,<sup>10</sup> também o auxiliava nessa aproximação. É nesse contexto que sua defesa dos judeus de Tel Dor pode ser compreendida. Ele visava a ganhar a simpatia dos mesmos, considerando que fazia parte da dinastia herodiana, mas sem perder também as boas relações com os romanos.

Como exposto acima, não apenas Agripa se aborreceu com o ocorrido em Tel Dor. O governador Petrônio, não menos irritado, escreveu uma carta aos magistrados da cidade, onde reiterava que o imperador Cláudio havia permitido aos judeus viver sob suas próprias leis, de forma que a atitude dos jovens romanos havia sido uma ofensa à religião judaica e também à piedade do imperador. Além de que, havia sido ofensivo depositar a estátua do imperador em um templo “estrangeiro”, já que cada divindade deveria ser adorada em seu templo específico. Por fim, Petrônio solicitou a presença dos jovens romanos para que fossem julgados pelo que fizeram, buscando assim enfatizar que havia sido um episódio isolado e que os demais habitantes de Tel Dor não tomaram parte no ocorrido, de forma que não insurgisse nenhuma revolta entre os judeus (JOSEPHUS, *Ant.* XIX, 6). Após a queixa de Petrônio ser acatada, os jovens que haviam profanado a sinagoga foram presos e enviados para serem postos à prova pelo centurião Proclus Vitellius, que era, aparentemente, comandante de uma unidade militar fixada na área (STERN, 1995, p. 279).

Petrônio deixa bastante explícito em sua carta que sua preocupação e do rei Agripa estava mais relacionada ao receio dos judeus pegarem em armas, usando o episódio como pretexto, do que com a questão da ofensa religiosa em si. Isso porque o embate entre judeus e romanos era relativamente costumeiro, conforme são demonstrados em diversas fontes escritas e materiais. Não obstante, o episódio da sinagoga de Tel Dor é um estudo de caso deveras interessante, já que não demonstra apenas as divergências culturais e religiosas entre esses dois povos. Ele também demonstra o estabelecimento de fronteiras e a possível disputa por uma paisagem cultural, além de ser um exemplo das vicissitudes do culto imperial.

Entretanto, é importante salientar que não há comprovação arqueológica da veracidade do episódio. Ehud Netzer sugeriu que uma estrutura escavada na área B2 do sítio de Tel Dor (Fig. 1) poderia ser a sinagoga descrita por Josefo, por conta da similaridade de seu plano com o plano da sinagoga de Gamla. Porém, Ilan Sharon, diretor das escavações na cidade desde 2003, discorda des-

<sup>9</sup> Agripa teve papel importante na ascensão de Cláudio ao trono, entretanto, as fontes divergem a respeito do nível dessa importância. Dion Cássio, historiador romano, menciona apenas que Agripa ajudou Cláudio, posto que já se encontrava em Roma na ocasião. Já Josefo destaca o papel de Agripa como essencial na coroação de Cláudio, tendo sido uma espécie de intermediário entre o futuro imperador e o Senado (SCHWARTZ, 1990, p. 91).

<sup>10</sup> Mariana (54 – 29 A.E.C.) foi uma princesa hasmoneana e a segunda esposa de Herodes Magno. Era neta de Aristóbulo II e Hircano II, e por meio de seu casamento com ela, Herodes entrou definitivamente para a família hasmoneana (PORTO, 2007, p. 54).

sa hipótese por conta da estratigrafia da construção, que pertence ao segundo estrato romano de Dor – entre os séculos II e III E.C. -, e também por conta de sua estrutura, que não tem as fundações necessárias para suportar um clerestório, além de que a largura do que seria a nave é excessiva se comparada aos supostos corredores. Por conta dessas características, Sharon acredita que a estrutura se assemelha mais a um pátio periférico do que a um corredor basilical (Fig. 2). Quanto à estátua do imperador que teria sido posta dentro da sinagoga, sua identificação individual também é devesras arriscada, já que o estrato romano de Dor sofreu com muitos roubos de pedras, deixando apenas as fundações das construções e estátuas disponíveis para estudo.<sup>11</sup>

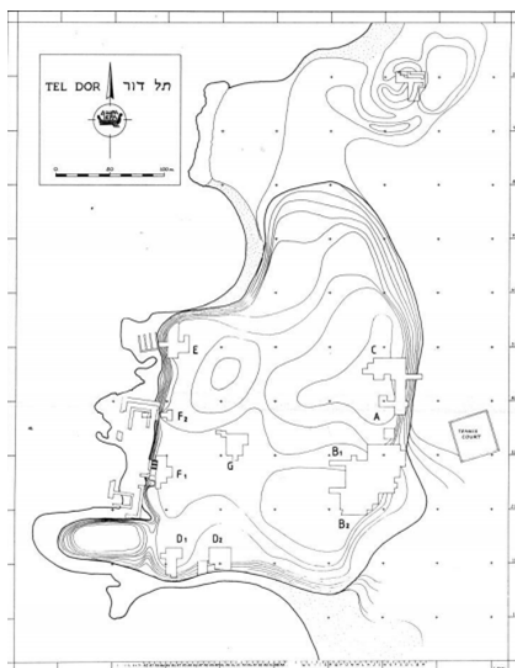


Figura 1: Plano geral das escavações em Tel Dor, com a área B2 em destaque (STERN, E; SHARON, I. 1992, p. 127).

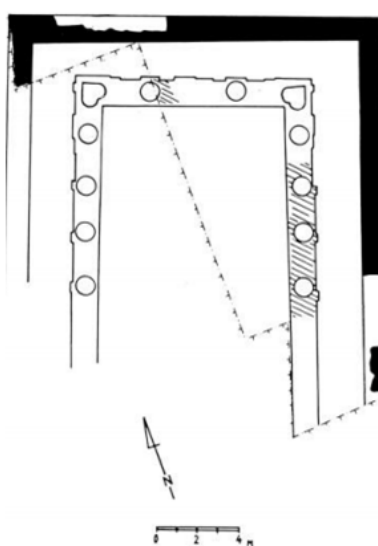


Figura 2: Parte da construção identificada como a "sinagoga perdida" por Ehud Netzer. Pódio romano rodeado por colunas internas em três lados (STERN, E; SHARON, I. 1992, p. 127).

<sup>11</sup> Essas informações foram cedidas pelo próprio Prof. Ilan Sharon por meio de correspondência virtual (*e-mail*).

## SINAGOGA DE TEL DOR: UM CASO DE FRONTEIRA CULTURAL?

Por muito tempo foi comum na historiografia analisar as relações entre Roma e suas províncias somente sob a ótica da “romanização”, que estava ligada a “uma leitura inflexível do mundo romano, na qual os exércitos romanos chegavam, conquistavam e Roma finalmente podia impor sua dominação e, desse modo, sua cultura” (PORTO, 2007, p. 39). Entretanto, esse paradigma tem se modificado nas últimas décadas:

Todos os fundamentos normativos por trás de conceitos como a helenização e a romanização foram aplicados ao mundo antigo em meio a projetos imperiais modernos. Porém, nas décadas recentes, os modelos normativos criticados pelos movimentos sociais e – depois, e conseqüentemente – pelos intelectuais, questionaram a maneira como o mundo antigo foi percebido. Essa crítica pós-colonial e pós-moderna dos fundamentos conservadores levou a novos modos de entender as sociedades antigas e modernas, que passaram a ser vistas como realidades heterogêneas, conflitivas e diversas, contendo relações e interações sociais fluidas. Conceitos como a creolização, o hibridismo e a mestiçagem sempre enfatizam uma mescla de interações e intercâmbios contínuos (FUNARI; GARRAFFONI, 2018, p. 250).

Dessa forma, cada vez mais autores têm lidado com essas interações sociais de forma fluida e multilateral, elaborando termos e conceitos que possam melhor definir as múltiplas relações mediterrânicas. Jane Webster, por exemplo, defende o conceito de creolização,<sup>12</sup> onde não haveria a substituição de uma cultura pela outra, mas uma mistura de diferentes culturas, em um contexto social heterogêneo (WEBSTER, 2001, p. 218). Já Alícia Jiménez nos apresenta a ideia de *mímesis*,<sup>13</sup> relacionada às relações entre Roma e suas províncias, onde o modelo romano não seria reproduzido de forma idêntica por suas províncias, mas sofreria modificações de acordo com as especificidades locais de cada uma (JIMÉNEZ, 2010, p. 49).

Ambos são conceitos que se inserem no hibridismo, termo guarda-chuva cunhado a partir da biologia. Stockhammer ainda nos apresenta conceitos como “empréstimo”, “mistura” e “tradução”, com a justificativa de que tais conceitos ajudam a compreender melhor o fenômeno de hibridismo, já que cada um deles traz à luz problemas que demais conceitos, como sincretismo e aculturação, podem obscurecer (STOCKHAMMER, 2012, p. 17). O autor também opta pelo uso do termo “emaranhamento” ao invés de hibridismo propriamente, por considerar o último demasiadamente

<sup>12</sup> “Creolização, um termo linguístico que indica a fusão de duas línguas em um único dialeto, denota os processos de ajustamento multicultural (incluindo mudanças artísticas e religiosas) através dos quais sociedades Afro-Americanas e Afro-Caribenhas foram criadas no Novo Mundo” (WEBSTER, 2001, p. 217, *tradução livre*). Texto original: “Creolization is a linguistic term indicating the merging of two languages into a blended dialect. It has come to be used more generally for the processes of multicultural adjustment through which African-American and African Caribbean societies were created.”

<sup>13</sup> “A noção de mimesis que está na base do discurso moderno sobre contextos coloniais também é influenciada pela visão Platônica desse conceito, a qual sugere que mimesis é uma prática inconsciente e que as pessoas tem a capacidade de aprender através de mimesis ou imitações automáticas e impensadas, sem exercer sua razão ética. Mimesis, além disso, influencia não apenas o observador e a audiência, mas também o imitador, que efetivamente se torna um duplo” (JIMÉNEZ, 2010, p. 49, *tradução livre*). Texto original: “The notion of mimesis that underlies much modern discourse of colonial contexts is also influenced by the Platonic view of the concept, which suggests that mimesis is an unconscious practice and that people have the capacity of learning through mimesis are automatic and unthinking imitation, without exercising their ethical reason. Mimesis, moreover, influences not only the observer and the audience but also the imitator, who effectively becomes a double.”

determinista e raso. Nesse sentido, o emaranhamento seria um fenômeno resultante de processos criativos gerados por encontros interculturais (STOCKHAMMER, 2013, p. 16).

Por fim, Malkin traz à tona o conceito de *Middle Ground* que, segundo o autor, não se trata meramente de aculturação sob um novo nome. Seria não apenas uma metáfora social, mas também o espaço físico “entre” e “dentro do qual” as pessoas interagem (MALKIN, 2002, p. 152). O termo evocaria a complexidade dos encontros coloniais e as novas criações culturais daí resultantes, além da criação de um mundo compreensível fisicamente, mais amplo que a mera zona de contato.

De qualquer modo, o elemento híbrido, seja ele um artefato ou pessoa, carrega em si a convergência, às vezes não muito pacífica, de distintas identidades.

Identidade pode ser definida como o aspecto coletivo do conjunto de características pelas quais algo ou alguém é reconhecido ou conhecido. Essas características podem ser comportamentais ou pessoais, ou a qualidade ou condição de ser a mesma de outra coisa. Esse senso de similaridade coletiva entre entidades, sejam elas objetos ou indivíduos, implica que a própria noção de identidade também depende da oposição por meio de um contraste com outra coisa. Esses marcadores de identificação são, portanto, ativos e passivos, e podem ser performativos e receptivos (HODOS, 2010, p. 3, *tradução livre*).<sup>14</sup>

Conforme esclarece Hodos, a noção de identidade depende também da determinação de quem é o “outro”, o que, por sua vez, leva à criação de fronteiras.

Nesse ponto retomamos o objeto de análise do presente estudo. Os conflitos identitários envolvidos no caso da suposta sinagoga de Tel Dor são, em um primeiro momento, fáceis de identificar. Trata-se de um embate entre romanos e judeus, afinal. No entanto, podemos também destacar as relações identitárias entre romanos e os habitantes de Dor “romanizados”, sendo esse último caso uma relação mais mimética que conflituosa. Nos dois casos, podemos inferir que havia a existência de fronteiras.

Assim, em termos muito gerais, a primeira fronteira é a própria natureza, que deve ser dominada e apropriada para que uma comunidade humana (nossa segunda fronteira) possa sobreviver e reproduzir-se acumulando, a cada dia, trabalho morto (nossa terceira fronteira). A junção dessas fronteiras parciais é a fronteira do poder, em seu sentido mais amplo, poder de ocupar um território, capacidade de agir sobre os homens e a natureza e de organizar a ação coletiva. Esse poder, em cada comunidade, regula a cooperação e a competição interna, estabelecendo-se a partir de fronteiras internas, que diferenciam os membros da comunidade: as famílias, os sexos, os grupos de idade, os proprietários, os trabalhadores, os que têm autoridade, os que não a têm, e assim por diante. Neste sentido, a ordem é a comunidade e a comunidade reproduz e modifica a ordem (ou seja, a si mesma) através da negociação de suas fronteiras. Cada comunidade representa, assim, uma fronteira política, econômica, social e cultural, um esquema interno de comunicação, classificação, propriedade e exploração. É com esta fronteira de múltiplas faces, e com múltiplas densidades, que cada comunidade se defronta com as outras e com elas se integra, ou não (GUARINELLO, 2010, p. 121).

<sup>14</sup> Texto original: “Identity may be defined as the collective aspect of the set of characteristics by which something or someone is recognizable or know. These may be behavioural or personal characteristics, or the quality or condition of being the same as something else. This sense of collective similarity among entities, be they objects or individuals, implies that the very notion of identity also depends upon opposition through a contrast with something else. Such identification markers therefore are both active and passive, and they can be performative and receptive” (HODOS, 2010, p. 3).

Assim, Guarinello nos remete a um conceito metafórico e social de fronteira, mais amplo e abrangente, que nos é particularmente pertinente. Consideremos a relação entre os romanos e suas províncias: o Império Romano visava à integração, principalmente das terras mediterrânicas, e, para tanto calçou uma paz baseada em uma nova ordem. “A ordem imperial, criada pela violência, reconfigura as ordens anteriores para englobá-las num todo diferente, cujo centro é, durante certo tempo, Roma” (GUARINELLO, 2010, p. 123). Essa nova ordem também foi responsável pelo ordenamento das fronteiras do Império, que se tornaram mais fluidas e negociáveis. Como exemplo, podemos citar as elites locais das províncias, que passaram mesmo a fazer parte de uma elite imperial, “com códigos sociais, culturais e de conduta cada vez mais homogêneos” (GUARINELLO, 2010, p. 125). Essa homogeneização se dava, em grande parte, por meio do culto imperial. Porém, podemos nos questionar até que ponto as fronteiras entre Roma e essas elites provinciais eram tão flexíveis.

No caso de Tel Dor, por exemplo, a possível deposição de uma estátua de César dentro da sinagoga poderia ser considerada, em última instância, como expressão do culto imperial na cidade e, portanto, deveria ser aprovada pelos romanos. Todavia, o contrário aconteceu, e os jovens habitantes romanos de Dor – talvez de elite – que haviam colocado a estátua no local foram castigados pelos próprios romanos – e não pelos judeus que procuravam ofender. Provavelmente porque, tal atitude foi vista antes como desrespeito puro e simples, além de inabilidade política, do que como uma real preocupação com o culto ao imperador. A partir daí podemos deduzir que a fronteira entre Roma e suas províncias não era tão flexível assim. Fentress destaca que a cultura romana também funcionava como uma poderosa arma psicológica nas fronteiras, visando a diferenciar os romanos dos não-romanos. Nesse âmbito, quem morava em Roma propriamente tomava sua “romanidade”<sup>15</sup> como garantida, já quem habitava as fronteiras e províncias do Império possuía uma necessidade muito maior de deixar clara sua romanidade – tornando-se até mais romano que os romanos –, de modo que pudesse se diferenciar dos não-romanos (FENTRESS, 1984, p. 399).

Ademais, podemos considerar a possibilidade de que os ditos habitantes romanos de Dor, ao utilizarem um dos principais símbolos de civilização romana e expressão do culto imperial como ferramenta de “vandalismo”, tenham, na verdade, aumentado a fronteira existente entre Roma e os romanos de Tel Dor, uma vez que tal atitude foi exatamente contrária ao que era considerada civilidade pelos romanos. O seu objetivo, entretanto, havia sido de se diferenciar e se distanciar dos judeus que habitavam a cidade. E nesse ponto podemos notar a existência de outra fronteira, ou, mais especificamente, de um limite.<sup>16</sup>

Fronteira e limite se diferem na medida em que a fronteira está orientada para fora, podendo então ser um fator de integração, e o limite está orientado para dentro, sendo um fator de separação

---

<sup>15</sup> Para analisar as relações e contatos no mundo romano, Louise Revell desenvolveu a noção de “romanidade” (*romanness*), que, de forma resumida, era o modo como características e ideais romanos eram replicados e repetidos por todo o império. A romanidade podia ser observada em diversos âmbitos do império - como o urbanismo, as práticas religiosas, e o próprio imperador -, onde a ideologia do “ser romano” era reproduzida nas atividades diárias, nos prédios públicos e nos rituais perpetuados nas cidades. Mas, outras atividades como comer, beber, e as atividades econômicas também podiam propagar a romanidade da mesma forma (REVELL, 2009, p. 5).

<sup>16</sup> A discussão a respeito de fronteiras e limites pode ser melhor compreendida em: KORMIKIARI, M. C.; HIRATA, E. V.; ALDROVANDI, C. E. (Org.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2011.



(MACHADO, 1998, p. 41-42 *apud* KORMIKIARI *et. al*, 2011, p. 127). Além disso, Kormikiari também destaca a existência de limites simbólicos, que seriam “distinções sociais feitas por sujeitos sociais para categorizar objetos, pessoas, práticas, tempo e espaço” – sendo “um meio essencial para a aquisição de status e o monopólio de recursos” (KORMIKIARI *et. al*, 2011, p. 127).

Se os limites simbólicos têm como um de seus objetivos a distinção social – nesse caso especificamente étnico-religiosa –, então tanto a sinagoga quanto a estátua de César implantada dentro dela cumpriram esse papel, mesmo se considerarmos apenas a narrativa de Josefo. Conforme já foi dito, a formação e fortalecimento de uma identidade dependem, principalmente, da definição de quem é o outro. Definição essa que geralmente está imbuída de conflitos. Os judeus mantinham sua identidade e etnicidade principalmente através das práticas religiosas, que não apenas os caracterizavam como judeus, mas os diferenciavam de romanos e, posteriormente, de cristãos. Durante o período de ocupação romana, essa etnicidade foi muitas vezes foco de conflitos – como na Primeira e Segunda Revoltas Judaicas – e, mesmo quando não havia conflito iminente - como era o caso da década de 40 E.C., onde se insere a construção da sinagoga de Dor –, havia tensão, caso o mesmo espaço fosse dividido entre judeus e outros povos. Em Tel Dor, os judeus eram uma população minoritária. Apesar disso, os limites em relação aos romanos eram palpáveis, e vice versa. Consequentemente, esses limites simbólicos se refletiram em uma disputa pelo domínio da paisagem.

## PAISAGEM EM DISPUTA

A Arqueologia da paisagem é uma arqueologia de como as pessoas visualizavam o mundo e como interagiam umas com as outras por meio do espaço, como escolhiam manipular seu entorno ou como eram subliminarmente afetadas para agir de acordo com suas circunstâncias locais. Concerne o intencional e o não intencional, o físico e o espiritual, a agência humana e o subliminar (DAVID; THOMAS, 2016, p. 38, *tradução livre*).<sup>17</sup>

A reflexão acima nos remete à significância da paisagem e em sua construção de acordo com os interesses culturais das pessoas que a habitam. Tel Dor havia passado por diversas camadas de paisagem, já que diferentes ocupações ali se sucederam no decorrer no tempo. Havia existido uma cidade persa, helenística e, por fim, romana. Todas construídas de acordo com os interesses e ideais de seus respectivos e diversos habitantes.

Arqueologicamente podemos encontrar vestígios do que outrora compunha essas paisagens. Assim sabemos, por exemplo, que a cidade foi destruída e reconstruída pelos persas entre VI e IV A.E.C. e novamente reconstruída por Ptolomeu II por volta de 275 A.E.C., tendo sofrido uma mudança arquitetônica no período hasmoneu e novas reconstruções nas mãos de Gabínio e no período herodiano (STERN, 1995, p. 29-48). Trata-se então de uma paisagem que foi extremamente modificada no decorrer do tempo – assim como se deu com a maioria das cidades do Levante –, fruto das

---

<sup>17</sup> “Landscape archaeology is an archaeology of how people visualized the world and how they engaged with one another across space, how they chose to manipulate their surroundings or how they were subliminally affected to do things by way of their locational circumstances. It concerns the intentional and the unintentional, the physical and the spiritual, human agency and the subliminal” (DAVID; THOMAS, 2016, p. 38).

intensas relações e conflitos que ocorreram no Mediterrâneo durante a Antiguidade.

De acordo com Elaine Hirata (2011), o espaço é tão mutável quanto a ação dos atores sociais, ou seja, é um produto da sociedade, cujas diferentes formas são identificáveis pelo trabalho arqueológico. Sendo assim, o espaço é uma criação do homem, e é também por ele habitado, não se tratando meramente de um local onde as ações humanas são projetadas. Logo, se o espaço está ligado ao homem, conseqüentemente está ligado à sua identidade política, de forma que sua conceitualização é indissociável das definições políticas do território (HIRATA, 2011, p. 27).

Podemos então dizer que Tel Dor era um território com sucessivas disputas de poder e diferentes intencionalidades sobrepostas. Tomemos o período romano como exemplo. Sabe-se que, para os romanos, o urbanismo era mais do que apenas construir cidades, era mesmo um modo de vida. Fazia parte do “ser romano” e por isso mesmo a remodelação urbana era uma das primeiras coisas que eles faziam quando ocupavam novas cidades. “A cidade no Império Romano constituiu uma imagem ou representação de ideias, imaginação ou cosmologia, que era uma visão dos valores culturais associados com Roma naquele determinado lugar” (PORTO, 2014, p. 96). Ainda seguindo essa ideologia urbana, “templos, sepultamentos, altares e paisagem se articulam como nexos que são referências da comunidade, organizando o espaço e assegurando a identidade das pessoas que vão morar naquele local” (PORTO, 2014, p. 96).

A partir daí, podemos depreender que a esfera do sagrado era de suma importância dentro do contexto urbano de paisagens significativas na antiguidade romana. Logo, a pressuposta construção de uma sinagoga em uma cidade onde a religião romana predominava, além de um modo de reforçar a identidade judaica, era uma expressão ideológica que simbolizava relações de poder ou, nesse caso, de resistência. O mesmo vale para a estátua de César que teria sido posta por jovens romanos dentro da sinagoga: era uma representação palpável de uma tensão político-identitária que ia além de apenas uma sinagoga ou mesmo de Tel Dor. A paisagem, nesse contexto, assumiu um caráter de palco para disputas religiosas, culturais e políticas. Quem “venceu” tal disputa, entretanto, pode variar dependendo do ângulo em que a história é analisada. Os judeus tiveram sua liberdade religiosa assegurada (pelo menos naquele momento), mas, com isso, os romanos garantiram a harmonia de seu próprio domínio no local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise de uma situação conflituosa entre romanos e judeus que talvez tenha ocorrido na cidade romana de Tel Dor em 42 E.C., intentamos compreender alguns fatores contextuais que à primeira vista podem não ser tão óbvios, quando refletimos a respeito do episódio exemplificado.

Vimos que a noção de fronteira, por exemplo, se interpretada com um viés cultural e simbólico, pode ser aplicada às relações entre Roma e os romanos da cidade, e também entre esses romanos e os judeus. Com base nas discussões bibliográficas, pudemos refletir que, entre Roma e

os romanos de Dor predominava uma fronteira mais fluída, que visava à integração – na maioria das vezes. Isso se dava, principalmente pela prática do culto imperial por essa população, e uma possível tentativa de se “romanizar”, o que não é exatamente válido no caso dos jovens romanos, uma vez que sua atitude foi vista como puro desrespeito, e não devoção. Por outro lado, entre esses romanos e os judeus, o que notamos é, muito provavelmente, um limite mais rígido, que tinha como foco a separação, uma vez que as diferenças identitárias e hostilidades eram florescentes.

Se o limite serve para delimitar, e conseqüentemente, diferenciar um elemento do outro, e, se esses elementos dividem o mesmo espaço, é provável que ocorra então uma disputa pelo monopólio da paisagem. No caso de Tel Dor, isso já havia ocorrido em consecutivas ocasiões, conforme a cidade foi construída e reconstruída. Quiçá tenha sido exatamente essa pluralidade de ocupações o que impossibilitou a predominância de uma única identidade cultural nesse local. Mas, foram também essas divergências culturais que geraram disputas e conflitos entre diferentes povos. O caso da sinagoga de Dor é um exemplo desses conflitos, no âmbito religioso.

## FONTES

## TEXTUAIS

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

JOSEPHUS, Flavius. *Jewish Antiquities*. Harvard University Press, 1957.

JOSEPHUS, Flavius. *The Works of Flavius Josephus*. Translated by William Whiston, A. M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley, 1895. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0146>> Acessado em: 13/02/2020.

## RELATÓRIOS DE ESCAVAÇÃO

STERN, Ephraim. *Excavations at Dor, Final Report: Volume IA—Areas A and C: Introduction and Stratigraphy*. Qedem Reports, 1995.

STERN, Ephraim; SHARON, Ilan. Tel Dor, 1992: Preliminary Report. *Israel Exploration Journal*, vl. 43, 1993

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, James. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestine – Roman period (63 BCE-324 CE). In: ANDERSON, James D. *Local Kingdoms and World Empires*.

DOUGHERTY, Carol; KURKE, Leslie. Introduction: the cultures within Greek cultures. In: DOUGHERTY, Carol; KURKE, Leslie. (eds.). *The cultures within ancient Greek culture*. Contact, conflict, collaboration. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 1-22.

FENTRESS, Elizabeth. Frontier culture and politics at Timgad. *Bulletin archéologique du C.T.H.S.*, n. 17 B, Paris, 1984, pp. 399-408.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. A Aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.3, n.2, dezembro, 2018, pp. 246-255.

GUARINELLO, Norberto. Ordem, integração e fronteiras no império romano. Um ensaio. *Mare Nostrum*, 1, 1, 2010, pp. 1-16.

JIMÉNEZ, Alicia. Reproducing Difference: Mimesis and colonialism in Roman Hispania. In: KNAPP; VAN DOMMELEN. *Material Connections: Mobility, Materiality and Mediterranean Identities*, 2010.

HIRATA, Elaine. A Paisagem construída no Mediterrâneo Antigo: entre a Arqueologia e a História. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11, 2011, pp. 25-30.

HODOS, Tamar. Colonial engagements in the Mediterranean Iron Age. *Cambridge Archaeological Journal*, 19, 2, 2009, pp. 221-241.

HODOS, Tamar. Local and global perspectives in the study of social and cultural identities. In: HALES,

Shelley; HODOS, Tamar (eds). *Material culture and social identities in the ancient world*. Cambridge University Press, 2010, pp. 3-31.

- KORMIKIARI, Maria Cristina; RAMAZZINA, Adriana; MORALES, Fabio; ARGOS, João; PALMA, Adriana. O estudo das fronteiras no mundo antigo: o caso grego. In: KORMIKIARI, Maria Cristina; HIRATA, Elaine; ALDROVANDI, Cibele Elisa (Orgs.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2011, pp. 125-156.
- MALKIN, Irad. A colonial Middle Ground: Greek, Etruscan, and local elites in the Bay of Naples. In: LYONS, Claire; PAPADOPOULOS, John (eds.). *The archaeology of colonialism*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2002, pp. 151-181.
- PORTO, Vagner Carvalho. Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana. *MAE-USP*, 2007.
- PORTO, Vagner Carvalho. O culto imperial e as moedas do Império Romano. *Phoenix*, Rio de Janeiro, 24-1, 2018, pp. 138-154.
- PORTO, Vagner Carvalho. A cidade como discurso ideológico: monumentalidade nas moedas do Império Romano. *R. Museu Arq. Etn.* São Paulo, n. 18, 2014.
- REVELL, Louise. *Roman Imperialism and local identities*. Cambridge University Press: New York, 2009.
- SCHWARTZ, Daniel. *Agrippa I: The Last King of Judaea*. Tübingen: Mohr, 1990.
- SILVA, Filipe; FUNARI, Pedro Paulo. Calígula – Loucura, Tirania e Poder, ou não? In: SILVA, Maria; PORTO, Vagner Carvalho (orgs). *Imperadores Romanos: de Augusto a Marco Aurelio*. LABHAN/UFPI – LARP/MAE/USP, Teresina – São Paulo, 2019.
- STOCKHAMMER, Philipp. *Conceptualizing cultural Hybridization: A Transdisciplinary Approach*. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2012.
- STOCKHAMMER, Philipp. From Hybridity to Entanglement, From Essentialism to Practice. *Archaeological Review from Cambridge*, vl. 28.1, 2013.
- TEIXEIRA-BASTOS, Marcio. Arqueologia e ritual: lugares de devoção na Palestina romana. *Romanitas* – revista de estudos Grecolatinos, n.5, 2015, pp. 39-65.
- WEBSTER, Jane. Creolizing the Roman Provinces. *American Journal of Archaeology*, vl. 105, n.2, 2001, pp. 209-225.

**NA SENSIBILIDADE DO PERCEBER:  
AS DIVERSAS POSSIBILIDADES E OUTRAS NARRATIVAS DAS MISSÕES (RS)**

IN THE SENSITIVITY OF PERCEIVING:  
THE VARIOUS POSSIBILITIES AND OTHER NARRATIVES OF THE MISSIONS (RS)

Ana Laura Carvalho Nunes  
Ana Luisa Jeanty de Seixas  
César Bastos de Mattos Vieira

Como citar este artigo:

NUNES, Ana Laura Carvalho; SEIXAS, Ana Luisa Jeanty de; VIEIRA, César Bastos de Mattos. Na Sensibilidade do Perceber: As diversas possibilidades e outras narrativas das Missões (RS). Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 245-259, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2021

Aprovado em: 04/08/2021

Publicado em: 14/12/2021

ISSN 2316 8412

## **Na Sensibilidade do Perceber: As diversas possibilidades e outras narrativas das Missões (RS)**

### **In The Sensitivity of Perceiving: The various possibilities and other narratives of the Missions (RS)**

Ana Laura Carvalho Nunes <sup>a</sup>

Ana Luisa Jeanty de Seixas <sup>b</sup>

César Bastos de Mattos Vieira <sup>c</sup>

#### **Resumo:**

A memória pode ser manifestada através de “marcas”, individualizando lugares e formando identidades. Nessas marcas, diferentes narrativas, como a patrimonial, tornam-se visíveis, e os valores a serem preservados são indicados através da escolha de alguns bens e das manifestações culturais. O objetivo deste artigo é indicar a importância de uma leitura mais sensível da “realidade” patrimonial, partindo-se do pressuposto de que o patrimônio é uma narrativa elegida entre várias possibilidades (ao escolher-se uma, outras são desconsideradas), sendo utilizado como instrumento de poder. Metodologicamente, se aplicam considerações teóricas no exemplo de Missões (RS), cuja construção das “marcas desse lugar”, ao nosso olhar, baseia-se em uma narrativa patrimonial predominantemente eurocêntrica, que ainda hoje molda e instrumentaliza as políticas brasileiras de patrimônio. Este estudo pretende provocar reflexões acerca da necessidade de um olhar mais acurado para outras narrativas “esquecidas” ou emergentes, sem, entretanto, esgotá-las.

#### **Abstract:**

Memory can be manifested through “marks”, individualizing places and forming identities. In these marks, different narratives such as heritage become visible, and the values to be preserved are indicated through the choice of some goods and cultural manifestations. The purpose of this article is to indicate the importance of a more sensitive reading of the heritage “reality”, based on the assumption that heritage is a narrative chosen among several possibilities (when choosing one, others are disregarded), being used as instrument of power. Methodologically, theoretical considerations are applied to the example of the Missões (RS), whose construction of the “marks of this place”, in our view, is based on a predominantly Eurocentric heritage narrative that still shapes and implements Brazilian heritage policies. This study intends to instigate and provoke reflections on the need for a more accurate look at other “forgotten” or emerging narratives, without, however, exhausting them.

#### **Palavras-Chave:**

narrativas; patrimônio cultural; identidade; Missões.

#### **Keywords:**

narratives; cultural heritage; identity; Missões.

<sup>a</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Email: analaura.nunes@hotmail.com ORCID: 0000-0002-7181-5659.

<sup>b</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: analuisaseixas@gmail.com ORCID: 0000-0002-0194-4789

<sup>c</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROPARG, da UFRGS; Professor Associado da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e professor convidado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR - UFRGS. Email: cbvieira.1963@gmail.com ORCID: 0000-0002-5518-6194

## INTRODUÇÃO

A globalização, compreendida a partir de uma fundamentação em Bauman (1990) e de outros autores do campo patrimonial<sup>1</sup>, provocou reflexões sobre novas maneiras de ver e de pensar as cidades. No que tange “as marcas” que identificam e individualizam lugares no meio de tantos outros, isso ocorre através de diferentes narrativas, destacando-se, nesse artigo, a patrimonial - a seleção de bens materiais e imateriais que indicam valores a serem preservados como representantes de lugares e de indivíduos, promovendo a sua identidade.

A necessidade de reconhecer ou de criar uma identidade brasileira está presente no campo patrimonial desde a instrumentalização oficial do patrimônio na década de 1930, com a busca do “ser brasileiro”. Essa identidade foi sendo moldada e construída na seleção de bens de “pedra e cal”, com viés material, normalmente relacionado ao passado luso-brasileiro e/ou colonial (SEIXAS, 2014). Nesse contexto inicial, a dimensão imaterial e os outros atores sociais como a população indígena e os descendentes de africanos, entre outros, foram colocados em um papel secundário, “esquecidos” e valorizados apenas mais recentemente. Trata-se de escolha, de seleção e de construção de uma narrativa baseada em padrões importados e ainda pouco questionada, que criou lugares, deixou marcas e moldou a identidade patrimonial brasileira. Sendo assim, é necessário (re)pensar o patrimônio, para que(m) ele é preservado e quem ele, de fato, representa, ou seja, qual identidade é valorizada e reconhecida. É importante trazer à tona tensões narrativas e disputas emergentes, refletindo sobre quais marcas estão sendo construídas e contadas e qual(is) está(ão) sendo relegadas(s) ao esquecimento.

Dentro de inúmeras reflexões possíveis nesse campo, este artigo é um convite a uma leitura mais sensível das diferentes “realidades” patrimoniais, formadoras de lugares e identidades. Assim, parte-se de uma apuração da sensibilidade sobre a temática e do pressuposto de que o patrimônio é uma narrativa escolhida, uma marca de lugar e um elemento fundamental e formador da identidade. Considerando a existência de uma “narrativa oficial” que abarca uma perspectiva da história, se propõe especular sobre a existência de outras narrativas possíveis para o patrimônio que permitam uma (re)valorização e (re)significação de marcas e lugares. Como exemplo a ser refletido se apresenta o caso de Missões<sup>2</sup>, no Rio Grande do Sul, e mais especificamente o Sítio de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, cuja emergência de novas narrativas tensiona a visão patrimonial e a identidade até então conhecida.

---

<sup>1</sup> Autores como Zygmunt Bauman abordam a questão da globalização de uma forma mais ampla, sob o viés das discussões políticas, culturais, temporais e espaciais. Marcia Chuva, Maria Cecília Londres da Fonseca, Márcia Sant’Anna e Vanessa Figueiredo, entre outros, apresentam essa discussão mais relacionada às questões patrimoniais, em um contexto de mudanças de conceitos e principalmente de ações e de políticas de preservação patrimonial.

<sup>2</sup> O artigo propõe pensar e discutir as narrativas patrimoniais valorizadas oficialmente na região de Missões, no RS. Embora haja outros bens valorizados na região, o olhar mais atento será para o Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo. Optou-se por esse Sítio por ser o bem patrimonializado em diferentes escalas (regional, nacional e mundial) e por apresentar valorização oficial nas dimensões material (as “Missões Jesuíticas dos *Guarani*”, desde 1938) e imaterial (*Tava* – Lugar de referência para o povo *Guarani*, reconhecida em 2014). Sabe-se que a temática não se restringe, e nem deve, a apenas esse Sítio. Ela abrange a região missioneira e extrapola limites nacionais, porém sendo o foco do artigo os processos oficiais de valorização patrimonial, selecionou-se o bem mais representativo nesse sentido.



Metodologicamente, busca-se a criação de um espaço que acolha provocações, inquietações e problematizações, sem visar resolução ou resposta. A intenção é que perspectivas e noções (novas ou não) sejam conflitadas sem serem esgotadas, admitindo a emergência de outros possíveis entendimentos, olhares, questionamentos. Ao fazer uso de um embate não resolutivo, o resultado obtido seria o movimento, e com este, a possibilidade de deslocamento para além do que se entende por “comum” ou “realidade”. É um eterno se reinventar, um desacomodar que leva adiante este pensar.

## **SENSIBILIZANDO O OLHAR: O RECONHECIMENTO DE OUTRAS MEMÓRIAS E POSSÍVEIS NARRATIVAS**

O artigo propõe questionar aquilo que já foi dado e aceito como “narrativa oficial”, apresentando-a dentro do seu contexto histórico/cultural, mas problematizando-a sob novas perspectivas para que, ao ser revisitada, seja feita com outro olhar e outros questionamentos, trazendo, conseqüentemente, outras possíveis reflexões e respostas. Ao gerar uma tensão e se propor o exercício de rever o patrimônio sob outros olhares sensíveis, espera-se enriquecer e ampliar para novos pensamentos e desvendar novos horizontes.

Os lugares possuem uma temporalidade intrínseca e que de uma forma ou de outra pode ser acessada. O passado dos espaços por sua vez é um dos atributos que os torna únicos, é o que os diferencia e principalmente é o que os forma e os constitui. Trata-se da memória e da narrativa elegida para contar a história e conseqüentemente a escolha de uma perspectiva e o esquecimento de outras. Como indica Calvino (2017) ao descrever a cidade imaginária de Zaíra, ela não conta o seu passado, ela o contém - o passado é parte formadora do seu presente.

Assim como Zaíra, os lugares contêm o passado também expresso na sua materialidade - que mesmo quando destruída, indica uma seleção onde o apagamento é uma das possibilidades. São essas as marcas da existência de uma população específica, de antepassados que conformam um grupo enquanto indivíduos e sociedade - é a transmissão do passado ao presente, a herança, o patrimônio. Esses “rastros do passado” são acessados através da utilização da memória<sup>3</sup> enquanto faculdade individual e coletiva. Entende-se, conseqüentemente, que além do indivíduo ou do grupo ser composto de memória, também esta é construída pelos que a constituem. Nora (1993) confirma a possível transformação e edição memoriais:

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos manipulações, susceptível [sic] de longas latências e de repentinas revitalizações (p.9).

Dessa forma, alterações e operações mnemônicas se tornam fragmentos forjados por deci-

<sup>3</sup> A noção de memória é baseada nas reflexões desenvolvidas na dissertação de Nunes (2020), onde a memória e o esquecimento são problematizados em função de desastres e outros acontecimentos entendidos como negativos para os lugares e indivíduos.

são de alguém ou de instituições dotadas de poder suficiente para modificações e instaurações. A decisão pode ser espelhada, ou seja, por um lado ela se detém em fragmentar, destruir, até apagar; por outro, pode criar espaço para lembranças, homenagens. De qualquer maneira o esquecimento não é um tema que convida à neutralidade (ROSSI, 2010). Assim, se torna necessário pensar sobre a responsabilidade e a intenção de quem ou o que decide por obliterar ou lembrar dos fatos.

É importante, para a discussão proposta, o viés da latente e dinâmica relação que se estabelece entre memória e narrativa. Isso se deve ao fato de que, para carregar, preservar e transmitir recordações, são apontadas as narrativas como veículo para tal (RICOEUR, 2007). Contar e recontar os fatos (usando as mais diversas mídias) é como cria-se, modifica-se e transmite-se memórias. Assim, “quem” e “o que” esculpem os relatos e são responsáveis por dar forma e deformar as lembranças. É importante essa noção de responsabilidade sobre a narração de fatos, uma vez que estes possuem uma alta capacidade de seleção. No caso do patrimônio cultural, considerando que a escolha dos bens normalmente é feita por poderes institucionalizados e eles são usados também como instrumentos de poder, é preciso problematizar a potência e o alcance de estratégias e de ações provenientes dessas escolhas e decisões.

Uma das consequências de memórias privilegiadas em alguns contextos é a emergência de uma possível padronização de narrativas, desapegadas do singular e das especificidades locais. Como resultado, encontram-se lugares com passado (ao menos o narrado) homogêneo e pasteurizado, de forma que todos eles sejam percebidos como semelhantes, criando identidades generalizadas. Entretanto, ao se identificar marcas do passado, memórias a serem preservadas a partir de uma análise cuidadosa que valoriza diferentes narrativas, é possível singularizá-lo em um mundo que dá indícios de, cada vez mais, buscar reconhecer e valorizar a heterogeneidade e a individualidade.

A maneira como se vê, como se monta, desmonta, remonta o patrimônio e a sua consequente narrativa, auxilia na formação de identidade(s) e na intenção por detrás dela. Especula-se que há outro(s) tempo(s) e outra(s) narrativa(s) possíveis sobre o mesmo patrimônio, outra(s) leitura(s) para a mesma história. As narrativas sobre o mesmo lugar, sobre o mesmo bem, as marcas deixadas e valorizadas são diferentes e é necessário considerar os múltiplos tempos, atores e valores, sejam eles da narrativa do “colonizador” ou do “colonizado”, do “vencedor” ou do “derrotado”, do “lembrado” ou do “esquecido”.

Mignolo (2008) chama a atenção para essa necessidade de um conhecimento mais amplo – “a história do mundo escrita por europeus corresponde à experiência europeia e não à sensibilidade e experiências de todo o mundo” (MIGNOLO, 2008, p. 245). Adichie (2019), ao refletir sobre o risco de nos atermos a um número limitado de relatos, também indica a necessidade de dar espaços a outras histórias, de ver de diferentes maneiras o mesmo fato, afirmando que “é impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. [...] Como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas, e quantas são contadas dependem muito de poder” (p. 22-23).

Ao propor sensibilizar o olhar e ser capaz de identificar outras narrativas, verifica-se a atenção às comunidades locais, aos “novos” atores sociais, tensionando narrativas oficiais e já estabelecidas. É através dessa multiplicidade de atores que a narrativa é (re)contada e (re)visitada, sendo um crescente de reflexões e de complexidade, que condiz com a nossa existência.

Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da única história é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento de nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos. (ADICHIE, 2019, p. 27-28).

Somando-se aos pontos já levantados, Didi-Huberman (2017) instiga a necessidade de novas reflexões ao sugerir que “o que é preciso, a cada vez, é lançar novamente os dados e fazer novas perguntas” (p. 101). Armado sob estas provocações, propõe-se a emergência de novas perspectivas, leituras e sentidos para dar conta de enfrentar o questionamento proposto, sem esgotá-lo, sem resolvê-lo, mas sim aprofundando-o e explorando-o ainda mais, com vistas a chegar em lugares, obstáculos, conflitos outros e, quem sabe, provocar novas reflexões. Trata-se de um novo “lançar de dados”.

Na tentativa de melhor elaborar a relação pretendida entre memória, narrativas e suas seleções, e a sensibilização necessária para novos olhares, apresentam-se alguns esquemas que buscam ilustrar o encadeamento dos pontos relevantes para a discussão. Parte-se do pressuposto de que existem diversas narrativas, algumas delas, por determinadas razões, escolhidas e outras desconsideradas (fig. 1). O patrimônio é uma narrativa escolhida (deixando outras tantas à margem) e um elemento fundamental e formador de lugares e de identidades. É essa seleção de memórias e de narrativas que é questionada, entendendo-se que a patrimonialização de um ou mais bens culturais exclui tantos outros e de que, mesmo esse patrimônio já escolhido como narrativa oficial permite, ele mesmo, múltiplas narrativas.

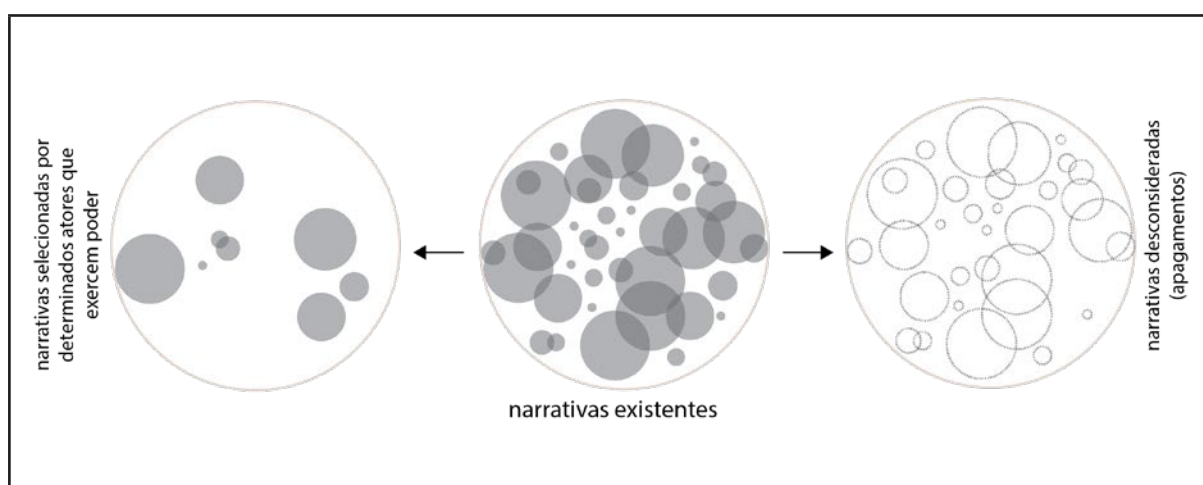


Figura 1 – esquema da exclusão de narrativas a partir da seleção “oficial”. Fonte: autores.

Tendo-se como ponto de partida, por exemplo, a narrativa eurocêntrica do conquistador que, mesmo sendo cada vez mais questionada ainda é base para muitas políticas brasileiras de patrimônio, indica-se a necessidade de rever essa ideia globalizada sobre o que é patrimônio. Esse olhar entendido como “oficial” acaba sobrepondo-se a realidades locais, “padronizando” narrativas e identidades e deixando à margem da história outras tantas narrativas e valores. Buscando sensibilizar esse discurso, apresenta-se a ideia (fig. 2) de que existem outras narrativas possíveis dentro da própria narrativa e que a escolha de qual será selecionada depende do interesse momentâneo, o que não exclui a possibilidade de, em outros momentos, novas escolhas e reflexões por outro viés.

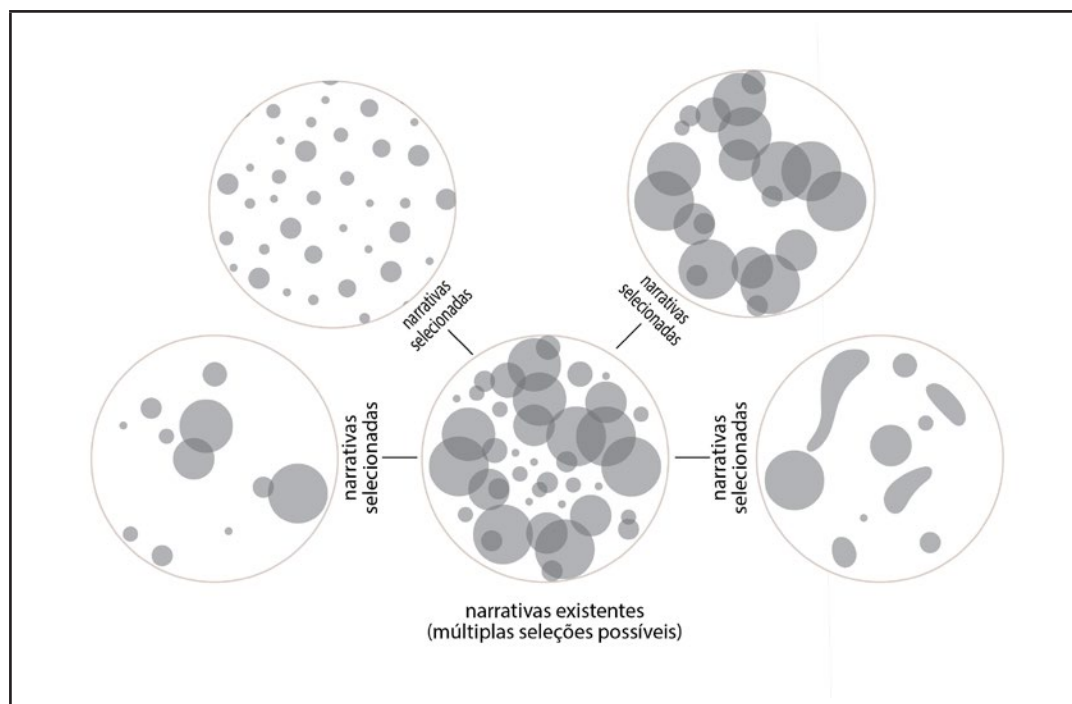


Figura 2 – esquema de seleções outras a partir da sensibilização do olhar. Fonte: autores.

Este próprio estudo acontece dentro dessa proposta (fig. 3). Os lugares são entendidos como uma tessitura composta por diversas narrativas que deixam marcas e, dentro deste emaranhado de informações, escolhe-se se debruçar sobre o elemento “patrimônio” e sua potencialidade como narração dos valores e da identidade em um tempo determinado, deixando-se outras narrativas mais ou igualmente relevantes de fora do recorte. O espelhamento dessa ação deixa a mostra as ambiguidades escondidas pelo poder e pelas tomadas de decisão. Sensibilizar o olhar sobre narrativas se traduz em confrontá-las, desestabilizá-las através de outras perguntas que permitam a emergência de outras leituras e outros questionamentos.

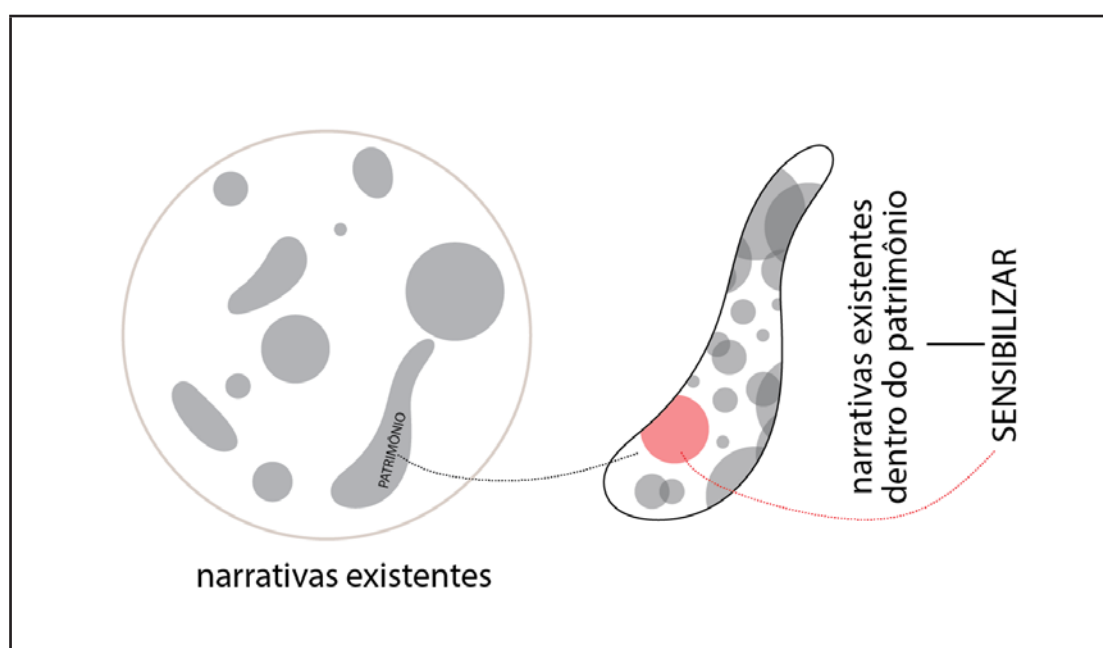


Figura 3 – esquema de seleção outra a partir da sensibilização do olhar. Fonte: autores.

Dentro das narrativas que compõem a patrimonial, mais uma vez avança-se e seleciona-se uma: a brasileira respaldada pela visão eurocêntrica. Nessa perspectiva, propõe-se a ampliação e a variação do processo de seleção patrimonial “padrão”, de forma a explorar narrativas existentes para além de polaridades e de conformidades. Busca-se uma reflexão sobre o patrimônio como narrativa e as diferentes narrativas existentes dentro de um mesmo patrimônio. Trata-se de narrativas “esquecidas” que parecem querer voltar à tona, proporcionando uma nova identidade patrimonial à identidade já existente.

## **PATRIMÔNIO COMO NARRATIVA E IDENTIDADE BRASILEIRA**

Considerando a relação intrínseca entre identidade e narrativa, se explora a ideia de patrimônio como narrativa e enquanto narrativa, da seleção de presenças e de ausências, de lembranças e de esquecimentos formadores de identidades. Assim, retomando a ideia de que a memória, produzida e partilhada por indivíduos, se relaciona com lugares e de que o passado é formador e individualizador do presente, o patrimônio surge como uma das possíveis narrativas existentes, uma das múltiplas possibilidades de leituras da realidade.

Segundo Choay (2011, p. 16–19) o termo “monumento” origina-se do latim “monumentum” que deriva do verbo “monere”, significando “advertir; lembrar à memória”. Partindo-se desse ponto, entende-se que os bens e o patrimônio cultural<sup>4</sup>, estão intrinsecamente articulados a questões relativas à memória. O bem patrimonializado passa a ser objeto de poder e de significado ainda maior, lhe sendo atribuído um destaque pela narrativa oficial. Essa opção de lembrar e de esquecer traz em si mesma questões sobre essas escolhas e usos do patrimônio. Nesse sentido, as reflexões de Jacques (2015) parecem pertinentes ao indicar a necessidade de “compreender o que não conhecemos ou desconhecemos o que pensamos compreender: as cidades, suas formas de apreensão, suas formas de experiência, suas diferentes narrativas possíveis e aqueles que as narram ou são narrados. Quem narra? O que narra? Como narra?” (p.17).

A narrativa tradicional do patrimônio e que formou a “identidade brasileira” tem origem em uma visão eurocêntrica, na Revolução Francesa (1789 - 1799), segundo Sant’Anna (1995). No Brasil<sup>5</sup>, a institucionalização das práticas de preservação inicia-se com a aprovação do Decreto-Lei nº 25, em 1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, e com a criação do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1938.

Nesse momento inicial (1937 - 1967), segundo Fonseca (2009), o objetivo era a busca da identidade nacional e a procura por bens que melhor representassem o que era o “ser brasileiro”. Tratava-se do patrimônio definindo uma memória coletiva nacional baseada em uma narrativa úni-

<sup>4</sup> O que diferencia o “bem” do “patrimônio cultural”, segundo Chuva (2009) é o processo de patrimonialização, quando passa a ter um valor atribuído por um órgão de preservação.

<sup>5</sup> Nesse artigo é apresentada uma breve contextualização sobre a origem do patrimônio no Brasil. O tema é baseado nas reflexões desenvolvidas na dissertação de Seixas (2014), que aborda a temática patrimonial e as políticas de preservação.

ca, centrada em bens coloniais luso-brasileiros e modernistas e visando consolidar uma história e uma identidade, a “identidade brasileira”.

Entre 1968 e 1979 ocorrem novas reflexões sobre o que deveria ser considerado patrimônio nacional. Alguns anos depois, Aloísio Magalhães, diretor do IPHAN entre 1979 e 1982, indica a necessidade de ampliação da ideia de patrimônio cultural, entendendo que “mudando o necessário e conservando o imprescindível, talvez possamos preservar a memória nacional — até aquela feita em barro pelas mãos dos mais humildes e anônimos artesãos” (MAGALHÃES, 1997, p. 188). Esse talvez seja o momento no qual o patrimônio brasileiro busca esse olhar em outros atores, indicando que há outras “identidades nacionais”, incluindo aqueles que não necessariamente se identificavam nas edificações luso-brasileiras ou modernistas. Entretanto, embora houvesse essa indicação de ampliação de conceitos, permanecia a concepção patrimonial de arquitetos urbanistas focados nos bens materiais e na visão eurocêntrica da preservação.

Ao longo dos anos de 1970 e, principalmente, a partir de 1980, com o crescimento das cidades e o fortalecimento das organizações civis, a preocupação e o interesse pela definição de normas e de planejamento urbano ampliou-se (SANT’ANNA, 2017). A memória manifestada no patrimônio, a narrativa patrimonial, passa a ser um valor importante no contexto urbano. Os rápidos avanços e modernização dos espaços colocam em risco o patrimônio: a narrativa oficial, aquela a ser lembrada, é ameaçada de ser esquecida - os lugares e as marcas que os individualizam e conseqüentemente a identidade de seus indivíduos é incerta.

Na década seguinte, em 1990, ocorre a “revitalização” dos centros urbanos e o envolvimento mais acentuado com o turismo, provocando um processo de “artificialização” (SANT’ANNA, 2017). Os bens culturais, entendidos como objetos turísticos a serem valorizados e explorados, se revertem em dinamismo econômico, passando a ter um papel exclusivamente de atrativo cultural. É a construção de marcas, de lugares, de realidades que visam a mercantilização e o consumo do patrimônio como objeto.

Esse cenário muda, a partir dos anos 2000, quando novos instrumentos e ações do Estado são criados e aplicados (FIGUEIREDO, 2014). O Decreto nº 3551/2000, oficializa os bens imateriais como patrimônio e parte fundamental da identidade nacional, devendo ser objeto de políticas públicas. A narrativa de “pedra e cal”, de edificações luso-brasileiras ou de centros históricos turísticos, já não é mais suficiente para narrar a(s) memória(s) do país - a identidade brasileira patrimonial é ampliada e outras leituras passam a ser essenciais para contar a(s) história(s). Há mais de uma narrativa para o mesmo patrimônio.

## **REFLEXÕES SOBRE AS MISSÕES (RS), UM NOVO “LANÇAR DE DADOS”**

Considerando a possibilidade e necessidade de identificar diferentes narrativas e de questionar sobre os usos e a instrumentalização do patrimônio, propõe-se uma breve reflexão<sup>6</sup> sobre a

---

<sup>6</sup> Trata-se de um assunto que está sendo abordado na tese em desenvolvimento e que foi já brevemente apre-

região das Missões (RS). Parte fundamental e responsável pelo processo histórico<sup>7</sup> que gerou esse patrimônio, a população indígena *Guarani-Mbyá*<sup>8</sup>, presente na região desde antes da chegada europeia, tem sua narrativa oficialmente reconhecida quase um século após a valorização do viés do colonizador - apenas em 2014, o Sítio de São Miguel Arcanjo é reconhecido como “*Tava*, lugar de referência para o povo *Guarani*”. A partir desse momento a população autóctone, cujo “estereótipo” faz parte da narrativa oficial de maneira submissa e coadjuvante, passa a ter a identidade de protagonismo patrimonial. Adichie (2019) aponta essa limitação ao indicar que “a história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que eles são incompletos. Eles fazem com que a uma história se torne a única história.” (p.26).

A história oficial indica que a região das Missões, no noroeste gaúcho, relaciona-se com o início da ocupação luso-espanhola nos séculos XVII e XVIII, quando a Companhia de Jesus, a serviço da Coroa Espanhola, fundou, em terras tradicionalmente ocupadas por indígenas<sup>9</sup>, aldeamentos para facilitar a evangelização dos povos nativos, a “missão evangelizadora” – que resulta no nome “Missões”. Após o declínio dessa estrutura ocupacional ocasionado por tratados de delimitação de fronteiras entre Portugal e Espanha no século XVIII, os “Sete Povos das Missões”<sup>10</sup> (localizadas no atual Brasil) passam por um período de abandono deste tipo de ocupação, mas ainda habitadas até o final do século XIX, quando se iniciam processos de imigração na região através da vinda de casais açorianos, e, de forma mais intensa, no início do século XX, com a vinda de alemães, italianos e poloneses. A vinda de imigrantes para uma região ocupada inicialmente por indígenas e jesuítas complexifica esse lugar, deixando marcas na arquitetura, no modo de vida, nas festas, na culinária e tantas outras manifestações e bens culturais.

Dentro do contexto de pensar o patrimônio como uma narrativa construída visando, entre outros fatores, o fortalecimento de uma identidade, observa-se que Missões é objeto de políticas públicas de reconhecimento e preservação, nesse caso valorizando (ou construindo) a identidade brasileira ligada à origem europeia e no caso mais específico à portuguesa (a quem coube essa região após os tratados entre as coroas). Essa construção e valorização de marcas europeias auxiliaram na formação da identidade “oficial” brasileira que estava sendo moldada e na qual o patrimônio é utilizado como um instrumento para a construção da narrativa patrimonial identitária, “visando à unidade nacional e à formação de um país moderno” (SEIXAS, 2014, p.19). Chuva (2009, p.48) indica que, para a construção do Estado Brasileiro, buscava-se “aquilo que foi classificado como *arquitetura tradicional do período colonial*, representante ‘genuína’ das origens da nação”. E isso incluía a região missioneira:

---

sentado em artigo publicado (Seixas; Marzulo, 2020).

<sup>7</sup> Diversos autores trabalham com a temática das Reduções e Missões, cabendo aqui destacar as pesquisas de Ana Lúcia Meira, Bartolomeu Meliá, Jean Batista, Luis Antônio Custódio, Ramón Gutiérrez, Vladimir Stello, entre outros.

<sup>8</sup> As palavras em *Guarani-Mbyá* estão escritas em itálico e segue a escrita da Escola indígena localizada na aldeia *Tekoa Koenju*. O nome “*Guarani -Mbyá*” será utilizado apenas para a denominação da comunidade. (IPHAN, 2014, p. 1).

<sup>9</sup> Esse território atualmente situa -se em regiões do Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai.

<sup>10</sup> Fazem parte dos Sete Povos das Missões: São Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo. Dessas, quatro são considerados Sítios históricos e patrimônio cultural Brasileiro: São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir e São João Batista.

(...) poder-se-ia pensar que a “Guerra Guaranítica” contra os jesuítas, nas missões do sul da Colônia, e a Inconfidência Mineira, tratada então como divisor de águas das origens da nacionalidade pela historiografia tradicional, atenderam à necessidade de reafirmação do fratricídio, visando a construção de uma genealogia da nação brasileira. (CHUVA, 2009, p.48)

Os diferentes processos institucionais de patrimonialização pelos quais a região missioneira passou evidenciam a valorização da narrativa jesuítica europeia. A atenção preservacionista<sup>11</sup> de maneira mais institucionalizada principia na década de 1920, quando o Estado do Rio Grande do Sul, em 1922, indica as Ruínas de São Miguel Arcanjo como “Lugar Histórico”. Em âmbito nacional o início da preservação ocorre em 1938 no contexto citado de busca de formação da identidade nacional, quando o Sítio de São Miguel Arcanjo, é tombado<sup>12</sup> como Patrimônio Nacional, acompanhado em 1970 pelos demais Sítios - São João Batista, São Lourenço Mártir e São Nicolau. Em 1983, ocorre a declaração de patrimônio mundial de São Miguel Arcanjo, juntamente com as ruínas na Argentina, destacando-se, além do excepcional valor universal e arquitetônico, como importantes exemplares da atuação da Companhia de Jesus nas terras sul-americanas. Trata-se da valorização mundial da memória e narrativa europeia, das coroas de Portugal e Espanha no “novo mundo”. Observa-se que até esse momento, dentro do entendimento e contexto da época, as ruínas, as construções, a dimensão material<sup>13</sup>, são o que despertam a atenção e o olhar de valorização<sup>14</sup> na região missioneira.

Após os anos de 2000, já citado anteriormente, há a ampliação da ideia de patrimônio, ou seja, passa-se a considerar, de maneira institucionalizada, outras narrativas possíveis como expressão da memória e da identidade brasileira. A narrativa *Guarani- Mbyá* é finalmente reconhecida<sup>15</sup> como patrimônio cultural com o registro de São Miguel Arcanjo como *Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani*<sup>16</sup> em 2014. Trata-se de uma outra narrativa, dessa vez *Guarani- Mbyá*, no mesmo lugar que já possui a jesuítica. Em 2015 a dimensão material do Sítio de São Miguel Arcanjo é declarada como Patrimônio do Mercosul e, em 2018, o mesmo ocorre com a dimensão imaterial, ou seja, a *Tava*.

Embora presentes desde antes da chegada dos europeus, os *Guarani- Mbyá* apenas há pou-

<sup>11</sup> Diversos autores indicam os processos de valorização do Sítio de São Miguel Arcanjo, como por exemplo Ana Lúcia Meira entre outros.

<sup>12</sup> O instrumento de preservação utilizado para o patrimônio material é o “tombamento”, enquanto para o patrimônio imaterial trata-se do “registro”.

<sup>13</sup> Não se pretende aqui discutir sobre a questão “patrimônio material” x “patrimônio imaterial”, apenas indicar que, essa ideia, contextualizada, se fez presente ao longo da narrativa patrimonial missioneira.

<sup>14</sup> Além do reconhecimento oficial pelos processos de patrimonialização, é possível identificar ações e políticas públicas de preservação e valorização da região, como obras de consolidação das estruturas, o espetáculo “Som e Luz”, as exposições no Museu das Missões, entre outros. Entretanto, esse assunto, não será aprofundado nesse artigo.

<sup>15</sup> Esse reconhecimento resulta dos trabalhos iniciados oficialmente com o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC conduzido por uma equipe de pesquisadores (IPHAN e UFRGS) e com o envolvimento ativo da comunidade indígena. Faz parte de um contexto cultural nacional de ampliação da ideia de patrimônio, conforme aponta, entre outros autores, Chuva (2009), Fonseca (2009) e Figueiredo (2014).

<sup>16</sup> A palavra “*tava*” é formada pela união de “*ita*” (pedra) + “*avá*” (gente, humanidade). É a maneira como o povo *Guarani-Mbyá* identifica o Sítio de São Miguel Arcanjo, um local importante para a comunidade pois “ali se encontra uma ‘casa de pedra’ que concretiza, de maneira paradigmática, a morada dos antigos, visível a todos (...) e que evoca os ensinamentos fundamentais para se viver de acordo com os princípios éticos *Guarani-Mbyá*.” (IPHAN, 2014, p. 2)



co tempo conquistaram um papel importante na narrativa patrimonial e sua identidade passa a ser efetivamente valorizada como protagonista patrimonial (SEIXAS, MARZULO, 2020). É possível identificar que, pelo menos desde os anos de 1940, os *Guarani-Mbyá* estão presentes na região através de acampamentos, se estabelecendo de maneira definitiva em 1996 na *Tekoa Koenju*, a 30 km da sede do município (IPHAN, 2014). Essa presença indígena na região ocasiona reflexões sobre a relação entre os atuais *Guarani-Mbyá* e os do período missioneiro, o que faz com que, entre 2004 e 2008 se iniciem estudos junto ao povo *Guarani-Mbyá* de São Miguel das Missões, o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC. Ao longo desse processo é observada a importância do Sítio de São Miguel Arcanjo, ou melhor, da *Tava*, para a comunidade, tratando-se de lugar através do qual “os Mbyá interpretam o evento histórico – as Missões – o qual foi incorporado aos relatos Mbyá e reelaborado segundo a lógica de sua cosmologia. Tais sentidos dados à *Tava* permitem acionar sentimentos de pertencimento e identidade” (IPHAN, 2014, p.7).

O significado é maior do que a edificação em si, há um valor na dimensão imaterial que é importante para a identidade do lugar- as marcas visíveis auxiliam no sentimento de pertencimento<sup>17</sup>. Para além de ruínas e pedras, para a população *Guarani- Mbyá* atualmente presente na região e para aqueles que possuem essa identidade indígena, o lugar é mais que materialidade, trata-se “do local onde viveram seus antepassados, que construíram estruturas em pedra, nas quais deixaram suas marcas, ou melhor, parte de suas corporalidades [...]” (IPHAN, 2014, p. 1). Assim, tornando-se essa narrativa um patrimônio nacional, reconhece-se os significados e valores atribuídos pelos *Guarani-Mbyá* ao lugar, “a partir do qual eles pretendem contar sua história” (IPHAN, 2014, p. 34).

O uso patrimonial para contar a sua história permite uma identificação e uma individualização. Não se trata de qualquer ruína, trata-se de um lugar específico que possui uma dimensão que passa a ser ressignificada e pode ser utilizada, inclusive, como instrumento de poder, como aponta uma liderança ao afirmar que “temos que contar as histórias da *Tava*, pra tocar o coração deles [os não indígenas] e eles nos darem uma situação melhor, reconhecerem nosso direito” (TAVA - A CASA DE PEDRA, 2012).

Atores fundamentais no processo histórico, demorou um século após a valoração do bem material das ruínas de São Miguel, para que o significado cultural atribuído pelos *Guarani-Mbyá* fosse reconhecido como parte formadora desse patrimônio, como memória a ser valorizada e identidade patrimonial a ser considerada. Isso indica que é preciso e possível, ainda, muitos outros “lançamentos de dados” sobre a temática<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> O Dossiê de Registro da Tava (IPHAN, 2014) e o INRC, além de outras pesquisas sobre a temática, indicam que há outros lugares importantes para os *Guarani- Mbyá* na região de Missões, não se limitando ao Sítio de São Miguel Arcanjo/ *Tava* e que extrapola inclusive a atual delimitação do território nacional.

<sup>18</sup> Pode-se pensar, por exemplo, sobre a questão da imigração em Missões, que ainda não possui patrimônios reconhecidos em âmbito nacional. Nesse sentido vale aqui destacar a tese de Vladimir Stello (2013) sobre a paisagem cultural missioneira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo pretendeu instigar a importância de uma leitura mais sensível “da realidade” patrimonial. A discussão foi tecida se apoiando no pressuposto do patrimônio como uma narrativa escolhida e selecionada, o que faz com que outras sejam colocadas de lado, apagadas ou esquecidas. Buscou-se apresentar que, mesmo dentro de uma narrativa já escolhida, de um patrimônio já valorizado, existem outras possibilidades a serem experimentadas. Sendo um elemento fundamental e formador de identidades dos lugares, essa revisitação em ideias e conceitos sobre o patrimônio se faz necessário para uma sensibilização do olhar e do pensar.

A memória do lugar, seu passado e suas marcas podem individualizá-lo em um mundo cada vez mais globalizado, sendo o que o diferencia e o valoriza. Utilizado e instrumentalizado como uma forma de expressão da memória e do poder, o patrimônio pode definir identidades através das narrativas escolhidas. Dessa forma, ter em mente o que é esquecido ou lembrado, identificado e valorizado como patrimônio ou não, ou seja, qual (is) a(s) narrativa(s) estão sendo contadas é importante para a construção do presente e do futuro.

É notório que houve, dentro do contexto histórico, um maior interesse nos bens de “pedra e cal”, entendendo-os como a base da construção da identidade nacional. A partir da expansão da ideia do que pode ou deve ser preservado, outros atores e outras narrativas surgem, sendo necessário “(re)pensar o patrimônio” e “para que(m)” esse patrimônio é preservado. Refletir sobre qual versão de narrativa está sendo contada e qual (is) está (ão) sendo deixada(s) no esquecimento, é, ao nosso entender, um ponto fundamental, pois permite outros olhares para a mesma “realidade”, permitindo que um mesmo lugar e suas marcas possam ser lidos de maneiras diferentes por outros grupos sociais.

A trajetória do trabalho permitiu diversas e ricas descobertas, revelações, provocações outras, não possíveis de serem entrelaçadas no tecer deste artigo. Ideias como “Cronotopos”, “tempo narrado”, “atores sociais”, “narrativas coloniais e decoloniais” e tantas outras permanecem em aberto, comprovando que a narrativa escolhida para a construção deste artigo, assim como as narrativas estudadas, possui diferentes desdobramentos, acolhimentos e esquecimentos. Há outras possíveis narrativas dentro dela mesma, e que tantas outras possibilidades foram deixadas de lado e mereceriam, igualmente, serem exploradas em trabalhos futuros. Por isso continuamos nossas pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: : Jorge Zahar Ed., 1999.
- CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CHOAY, Françoise. *As Questões do Patrimônio Antologia para um Combate*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória: sociogêneses das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930 - 1940)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- FIGUEIREDO, Vanessa Bello. *Da tutela dos monumentos à gestão sustentável das paisagens culturais complexas: inspirações à política de preservação cultural no Brasil*. 2014. FAUUSP, [s. l.], 2014.
- FONSECA, Maria Cecilia Londres. *O patrimônio em processo – trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 3 edição ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- IPHAN. Dossiê de Registro / IPHAN - TAVA - Lugar de Referência para os Guarani, 2014. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_da\\_Tava\\_Lugar\\_de\\_Referencia\\_para\\_o\\_Povo\\_Guarani\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_da_Tava_Lugar_de_Referencia_para_o_Povo_Guarani(1).pdf)>
- JACQUES, Paola Berenstein. *Experiência, Apreensão e Urbanismo*. Tomo 1. Coleção Experiências Metodológicas. Salvador: Edufba, 2015.
- MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? A Questão dos Bens Culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MIGNOLO, Walter D. *La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso*. Tabula Rasa, [s. l.], n. 8, p. 243–281, 2008.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, n. 1, p.7-28, dez. 1993.
- NUNES, Ana Laura Carvalho. *A cidade e o desastre: Goiânia (GO) e o césio-137*. 2020. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento: Seis Ensaios da História das Ideias*. São Paulo: Unesp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SANT'ANNA, Márcia. *Da cidade-monumento à cidade – documento: A trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937 - 1990)*. 1995.
- SANT'ANNA, Márcia. *A cidade- atração: a norma de preservação de áreas centrais no Brasil nos anos 1990*. Salvador: FAUFBA, EDUFBA-PPG-AU, 2017.
- SEIXAS, Ana Luisa Jeanty. *Gestão das áreas de entorno de bens tombados: estudos de caso nas*

idades gaúchas de Piratini e Novo Hamburgo. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio De Janeiro, 2014.

SEIXAS, Ana Luisa Jeanty de; MARZULO, Eber Pires. *Emergência Guarani-Mbyá nas Missões Jesuíticas. Novos atores no Patrimônio Cultural?* Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/105897/58756>

TAVA, A casa de pedra. Direção e fotografia: Ernesto Ignácio de Carvalho, Vincent Carelli, Patricia Ferreira (keretxu), Ariel Duarte Ortega. Edição: Tita (Tatiana Soares de Almeida). Brasil: Vídeo nas Aldeias, 2012. 1 DVD (78min), estéreo, colorido.

**MYOCASTOR COYPUS: UNA APROXIMACIÓN A SU EXPLOTACIÓN DURANTE EL HOLOCENO TARDÍO EN EL SUDESTE URUGUAYO (SITIO CH2D01, EXCAVACIÓN IA)**

MYOCASTOR COYPUS: AN APPROACH TO ITS EXPLOITATION DURING THE LATE HOLOCENE IN SOUTHEASTERN URUGUAY (CH2D01 SITE, EXCAVATION IA)

Federica Moreno

Como citar este artículo:

MORENO, Federica. Myocastor coypus: una aproximación a su explotación durante el Holoceno tardío en el sudeste uruguayo (sitio Ch2D01, excavación IA). Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 260-279, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: xx/xx/2021

Aprovado em: xx/xx/2021

Publicado em: xx/xx/2021

ISSN 2316 8412

## **Myocastor coypus: una aproximación a su explotación durante el Holoceno tardío en el sudeste uruguayo (sitio Ch2D01, excavación IA)**

Myocastor coypus: an approach to its exploitation during the late Holocene in southeastern Uruguay (Ch2D01 site, excavation IA)

Federica Moreno

### **Resumen:**

La presencia de *Myocastor coypus* (nutria) es recurrente en los sitios arqueológicos del sudeste uruguayo, en este trabajo se presentan los resultados del análisis zooarqueológico de los restos de dicho taxón recuperados en un montículo del sitio Ch2D01 (2090 ± 90 a 220 ± 50 años AP). El objetivo del trabajo es evaluar la importancia económica que tuvo dicho taxón en este sitio y las características de su aprovechamiento. Para ello analizamos su importancia relativa, abundancia anatómica y perfil etario. La integridad del conjunto óseo se evaluó relevando marcas naturales y antrópicas y correlacionando el %MAU y la densidad ósea. La nutria representa el 1,6% del total de restos de vertebrados (NISP=306) con un NMI=35, y el 88,7% de las mandíbulas corresponden a animales adultos. Las modificaciones antrópicas y naturales son escasas, pero fue posible identificar marcas de procesamiento en los huesos. Este análisis muestra que la nutria se utilizó como fuente de alimento y materias primas durante todo el período de ocupación del sitio, con una selección hacia individuos adultos.

### **Palabras-Clave:**

*Myocastor coypus*; Holoceno tardío; sudeste uruguayo

### **Resumo:**

A presença de *Myocastor coypus* é recorrente nos sítios arqueológicos do sudeste do Uruguai, neste trabalho apresentamos os resultados da análise zooarqueológica dos restos deste taxon recuperados em um montículo do sítio Ch2D01 (2090 ± 90 a 220 ± 50 anos AP). O objetivo do trabalho é avaliar a importância econômica que este taxon teve neste sítio e as características de seu uso. Para isso, analisamos sua importância relativa, abundância anatómica, perfil de idade e integridade do grupo ósseo por meio do levantamento de marcas naturais e antrópicas e da correlação entre %MAU e densidade óssea. *M. coypus* representa 1,6% do total (NISP = 306) com um NMI = 35, e 88,7% das mandíbulas correspondem a animais adultos. Modificações antrópicas e naturais são raras, mas foi possível identificar marcas de processamento nos ossos. Esta análise mostra que *M. coypus* foi utilizada como fonte de alimento e matéria-prima durante todo o período de ocupação do local, sendo feita uma seleção para indivíduos adultos.

### **Palavras-Chave:**

*Myocastor coypus*; Holoceno tardío; Sudeste do Uruguai

### **Abstract:**

The presence of *Myocastor coypus* is recurrent in the archaeological sites of southeastern Uruguay, in this paper we present the results of the zooarchaeological analysis of the remains of this taxon recovered in a mound of the Ch2D01 site (2090 ± 90 a 220 ± 50 years BP). The objective is to evaluate the economic importance that this taxon had in this site and the features of its use. To do this, we analyze its relative importance, anatomical abundance and age profile. The integrity of the bone assemblage through the survey of natural and anthropic marks and the correlation between %MAU and bone density. *M. coypus* represents 1.6% of the total (NISP = 306) with an NMI = 35 and 88.7% of the jaws correspond to adult animals. Anthropic and natural modifications are rare, but it was possible to identify processing marks on the bones. This analysis shows that the otter was used as a source of food and raw materials during the entire period of occupation of the site, and there was a selection towards adult individuals.

### **Keywords:**

*Myocastor coypus*; late Holocene; Uruguayan southeast

## INTRODUCCIÓN

El sitio Ch2D01 es un conjunto de montículos de tierra localizado en el bañado de San Miguel, dentro de la cuenca de la Laguna Merín, región comprendida entre los 31º y los 34º de latitud Sur y 52º a 54º de longitud Oeste (actualmente Sur de Brasil y Sudeste de Uruguay). Esta zona posee una complejidad ecológica dada por la presencia de ambientes diversos en un área relativamente pequeña: costa atlántica, humedales de agua dulce (bañados), praderas, lagunas, sierras y tierras bajas inundables (PROBIDES 1999). Este carácter ecotonal determina a su vez una importante diversidad florística y faunística cuya oferta y disponibilidad varía a lo largo del año.

Los fechados radiocarbónicos sitúan la ocupación humana más antigua en esta región entorno al 8500 años AP (LÓPEZ MAZZ 2013), aunque la gran mayoría de los sitios datados son posteriores al 5000 AP. La manifestación arqueológica más significativa son los *cerritos*, montículos de tierra que se extienden por el sudeste y noreste uruguayo, y sur de Brasil, y que datan desde el Holoceno medio hasta la época de la conquista. Estos montículos poseen plantas predominantemente circulares y elípticas de entre 20 a 40 m de diámetro, y miden de 0,5 a 7 m de altura. Si bien los cerritos se distribuyen por todo el paisaje, se encuentran claramente asociados a zonas inundables y cursos de agua. Los conjuntos más numerosos se ubican en zonas bajas, y pueden llegar a concentrar más de 50 estructuras en menos de 4km<sup>2</sup>, mientras que en las zonas altas los cerritos tienden a aparecer aislados o en conjuntos pequeños (BRACCO et al. 2000; GIANOTTI 2005; GUEDES MILHEIRA y GIANOTTI 2018; LÓPEZ MAZZ y PINTOS 2001; entre otros).

La investigación arqueológica reconoció un proceso de transformación social que incluye, para el Holoceno tardío, manejo de vegetales domésticos, uso dilatado en el tiempo de espacios formales de inhumación y diferentes prácticas funerarias, violencia, monumentalización del paisaje, progresiva sedentarización, ocupación en aldeas, multifuncionalidad de los sitios y adopción de la tecnología cerámica (BRACCO 2020; DEL PUERTO 2015; GIANOTTI y BONOMO 2013; GUEDES MILHEIRA y GIANOTTI 2018; IRIARTE 2006; LÓPEZ MAZZ y MORENO 2014; LÓPEZ MAZZ 2001; PINTOS y BRACCO 1999).

El registro zooarqueológico muestra el aprovechamiento de animales de pradera y humedal: venadodecampo (*Ozotoceros bezoarticus*), ciervo de los pantanos (*Blastocerus dichotomus*), guazubirá (*Mazama gouazoubira*), apereá (*Cavia* sp.), nutria (*Myocastor coypus*) y armadillos (*Dasypus* sp. y *EufRACTUS sexcintus*), en menor proporción se identificó el consumo de *Rhea americana* y sus huevos y carpincho (*Hydrochoerus hydrochaeris*) (CAPDEPONT y PINTOS 2006; IRIARTE 2006; MORENO 2003, 2016, 2018; MORENO et al. 2016). Además, se identificaron varias especies de carnívoros silvestres: lobito de río (*Lontra longicaudis*), zorrillo (*Conepatus chinga*), zorro gris (*Lycalopex gymnocercus*), zorro de monte (*Cerdocyon thous*), y aguará guazú (*Chrysocyon brachyurus*) y comadreja colorada grande (*Lutreolina crassicaudata*). El único animal doméstico presente en estos contextos es el perro doméstico (*Canis familiaris*), identificado en sitios con cerritos tanto en el sudeste uruguayo como en el sur de Brasil (GUEDES MILHEIRA et al. 2017; LÓPEZ MAZZ et al. 2018). La ictiofauna de agua dulce es abundante en la mayor parte de los conjuntos analizados, identificándose *Rhamdia* aff. *quelen*

(bagre sapo), *Hoplias* spp. (tararira) y *Synbranchus* aff. *marmoratus* (anguila) entre otros (Pintos 2000; Moreno 2001, 2003; Bica 2020). El espectro de especies explotadas muestra la importancia que tuvieron los humedales como fuente de recursos animales que para estos grupos.

### **MYOCASTOR COYPUS**

La nutria es un roedor mediano adaptado al agua, localmente llamado nutria, que ocupa ambientes acuático-continentales en buena parte del sur de Sudamérica y está catalogado como Preocupación Menor en la Lista Roja de la IUCN (OJEDA et al. 2016) (figura 1). En Uruguay es común en todo el territorio en diversos cuerpos de agua. Se alimenta de raíces y otros vegetales, los adultos pesan un promedio de 5,5 kg y miden entre 40 y 60 cm de largo corporal, más 30 a 45 cm de cola. Su piel se compone de tres tipos de pelos progresivamente más abundantes, finos y cortos. El triple pelo protege al animal del frío y la humedad cuando pasa períodos prolongados bajo el agua. Las extremidades posteriores poseen cinco dedos, los primeros cuatro conectados por una membrana interdigital en adaptación al medio acuático. Las extremidades anteriores son más cortas, con cuatro dedos no unidos. La fórmula dental es 1/1, 0/0, 1/1, 3/3, y los incisivos adquieren con la edad un color anaranjado brillante característico. Forma grupos de hasta 13 individuos y se reproduce durante todo el año. Las hembras pueden procrear dos o tres camadas anuales, la gestación dura 19 semanas y nacen en promedio entre cinco y seis crías. En climas templados posee hábitos nocturnos (CURTO y CASTELLINO 2006; RUSCONI 1930). Este roedor puede alcanzar una densidad poblacional de 130 individuos por km<sup>2</sup>, en función de la extensión de los cursos de agua, la cobertura vegetal, la temperatura del agua y la disponibilidad de alimento (SANTINI 2011).

La nutria es un proveedor de carne, grasa y piel, estudios actuales sobre su rendimiento estiman un peso promedio de entre 5,2 y 5,5 kg para los individuos adultos, de los que se obtiene un cuero que puede alcanzar entre 0,75 y 1 m de largo. La fracción consumible directa de este roedor es aproximadamente el 48% de su peso vivo (BIANCHI y DABOVE 1984 en SANTINI 2011), mientras que el rendimiento cárnico, en individuos de 5kg eviscerados, desollados, extraída la grasa superficial y descarnado el esqueleto, es de 1,467kg, el 29,34% del peso total del animal (BIANCHI y DABOVE 1984 en ACOSTA 2005).





Figura 1: individuo adulto de *Myocastor coypus* (@Guy Haimovitch)

Se trata de un recurso ampliamente aprovechado desde tiempos precolombinos por las poblaciones indígenas en diversas regiones sudamericanas: cuencas del río Paraná y del Río de la Plata, pampa argentina, Chaco, mata atlántica, Amazonia, Llanos de Mojos y Chile central (ACOSTA y MUCCILOLO 2009; ACOSTA y SARTORI, 2012; ACOSTA et al. 2019; BONOMO et al 2014; BEOVIDE y OPERTI 2015; ESCOSTEGUY y SALERNO 2008-2009; ESCOSTEGUY et al. 2012; FRONTINI y BAYÓN 2017; JAKCSON et al 2012; OTTALAGANO 2019; SANTINI 2011; SCHMIDT 2012; VON DEN DRIESCH y HUTTERER 2011 entre otros).

Para las cuencas del río Paraná y el Río de la Plata, además de la información arqueológica, las fuentes históricas describen el aprovechamiento de la nutria por los grupos nativos en el momento del contacto y la conquista. Crónicas etnohistóricas señalan que los grupos abipones del Gran Chaco consumían carne y grasa de nutria, además de su piel, con la que se confeccionaban mantas y abrigos. Describen también eventos de captura en masa durante épocas de sequía y usando perros, así como la matanza de los animales utilizando garrote (DOBRIZHOFFER 1967, en SANTINI 2011). Una estrategia similar de captura describe Arenas (2003) para los grupos tobas y wichí, que consumen la carne y las vísceras, pero, a diferencia de los abipones no consumen el cuero, sino que lo utilizan como premio para los perros que participan de las cacerías (ARENAS 2003). La carne se consume hervida o asada y se deseca si debe ser transportada. Para la región del Río de la Plata, Schmidel

en 1567, con respecto a las prácticas subsistenciales de los querandíes de la margen derecha del Río de la Plata, menciona el uso de cuero de nutria. Fernández de Oviedo en 1547 refiere el uso del cuero de nutria para grupos timbúes, también utilizado como bien de intercambio con otros grupos (APOLINAIRE y BASTOURRE 2016).

En Argentina, la continuidad histórica en el aprovechamiento de la nutria se desprende de su aparición en contextos arqueológicos precolombinos, su mención en documentos escritos y fotográficos post-conquista, su presencia en sitios históricos, estudios etnográficos de fines del siglo XX y en su explotación contemporánea por parte de nutrieros (ESCOSTEGUY 2013; ESCOSTEGUY et al. 2012). El análisis de etnografías y fuentes históricas, junto a estudios experimentales con nutrieros actuales permitieron reconocer los usos de este animal, y las formas de captura y procesamiento, así como proponer modelos interpretativos para las modificaciones antrópicas y la diversidad anatómica presente en los conjuntos zooarqueológicos (ESCOSTEGUY 2013).

Para el actual territorio uruguayo las crónicas etnohistóricas si bien mencionan el uso de animales por parte de los grupos nativos, la mayoría destaca la presencia de ciervos y venados, ñandú y peces. El consumo de nutria aparece mencionado por primera vez en crónicas históricas del SXVI. Ulrico Schmidel en su diario de viaje de 1536 describe el consumo de carne seca de nutria por parte de grupos charrúas. Posteriormente Félix de Azara en 1781 si bien menciona a la nutria dentro de sus referencias de fauna también para grupos charrúas, no describe los usos (BEOVIDE 2007). Arqueológicamente la nutria se identifica en el litoral del Río Uruguay y del Río de la Plata (GASCUE et al 2016; BEOVIDE y OPERTI 2015) y fue un recurso regularmente explotado por los grupos humanos que ocuparon la región sudeste desde el Holoceno temprano. En esta última, su registro más antiguo se ubica en torno a los 8500 años AP en el sitio Los Indios, en donde fue identificada a partir de fragmentos dentales recuperados en los niveles tempranos (SOTELO y LÓPEZ MAZZ 2015) y se ha reportado su presencia en la gran mayoría de los conjuntos de fauna provenientes de cerritos (PINTOS 2000; PINTOS y CAPDEPONT 2006; MORENO 2003, 2016). En la mayoría de los conjuntos la representatividad anatómica está sesgada hacia el cráneo, particularmente mandíbulas, incisivos y molares. La presencia de nutria no parece estar relacionada con la localización de los sitios, ya que se identifica tanto en sitios próximos a cursos y cuerpos de agua como en sitios en sierra (CABRERA et al. 2000; IRIARTE 2006; MORENO 2003; PINTOS y GIANOTTI 1995; PINTOS 2000). Esta recurrencia y amplitud cronológica en la presencia arqueológica de nutria indica que fue un recurso constante en las economías de los grupos que ocuparon esta región desde el Holoceno temprano, probablemente para aprovechamiento de carne, grasa y piel. Actualmente en Uruguay la nutria es una especie catalogada como preocupación menor para su conservación, y desde el punto de vista cinegético está autorizada su caza comercial libre con permiso de caza, y también es objeto de caza familiar de subsistencia (GONZALEZ et al. 2013). La caza comercial de la nutria la realizan nutrieros y está dirigida a la obtención de cueros para exportación y confección de vestimenta.

El amplio uso pasado y presente de este roedor es una evidencia más de la importancia de los humedales como fuente de recursos para las economías nativas y rurales. En este trabajo se realiza una aproximación a las particularidades de la explotación pasada de este roedor en las tierras bajas

del sudeste uruguayo a través del análisis de los restos recuperados en una de las excavaciones del montículo A del sitio Ch2D01, con el objetivo de caracterizar su aprovechamiento en términos de uso, selección de individuos y gestión de las poblaciones.

## MATERIALES Y MÉTODOS

El sitio Ch2D01 se localiza en el borde del bañado de San Miguel, en el Departamento de Rocha (33°56'00"S 54°00'00"O), sudeste uruguayo (figura 2), y está compuesto por dos montículos de tierra y varias elevaciones de menor magnitud y forma irregular. Los montículos (denominados A y B) son circulares, miden entre 1,2 y 1,4 m de altura y alrededor de 35 m de diámetro. La intervención de este yacimiento comenzó en la década de 1980, y el montículo A se excavó entre los años 1987 y 1992 (figura 3). En él se realizaron dos excavaciones, denominadas IA y IC, en la parte central y en la ladera del montículo respectivamente (CURBELO et al. 1990). La excavación IA comenzó con un área de 9m<sup>2</sup> que posteriormente se amplió 16m<sup>2</sup> más, totalizando 25m<sup>2</sup> (FEMENÍAS y SANS 2000).

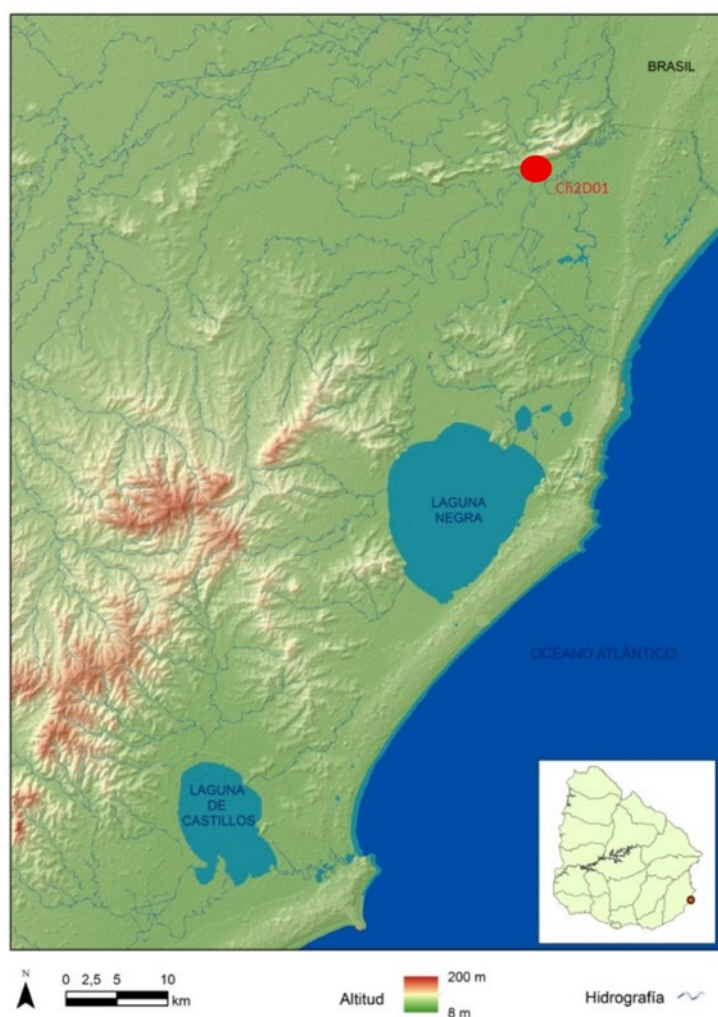


Figura 2: localización geográfica del sitio Ch2D01 (tomado y modificado de MORENO 2018).



Figura 3: montículo A del sitio Ch2D01 durante su excavación (foto cedida por José María López Mazz).

El montículo está compuesto por 4 capas antrópicas (capas A-D), que se desarrollan por encima del suelo natural (capas E-I). Los sedimentos del cerrito están enriquecidos en el orden de 10 a 100 veces en materia orgánica, fósforo y potasio en relación a los naturales. Las capas identificadas en campo presentan diferencias granulométricas y químicas dentro del perfil antrópico que no son compatibles con la lixiviación mecánica (DURÁN 1989). Inicialmente, estas unidades estratigráficas fueron interpretadas como ocupaciones discretas en una dinámica de formación por etapas separadas en el tiempo (LÓPEZ MAZZ 1992).

En este montículo se recuperó abundante material lítico, tiestos cerámicos, restos óseos, carbón vegetal y nódulos de tierra quemada (CURBELO et al. 1990), así como enterramientos y restos humanos aislados, que representan un NMI=21, con representación de ambos sexos y edades que van desde los 2-3 años hasta los 55 (FEMENÍAS y SANS, 2000; MORENO et al. 2014).

Fechados radiocarbónicos de muestras de restos óseos humanos y carbón vegetal establecieron el período de ocupación entre el  $2090 \pm 90$  (KR139, carbón) y el  $220 \pm 50$  (URU0014, óseo humano) (BRACCO 2006).

El conjunto zooarqueológico recuperado en esta excavación es muy abundante en relación al contexto regional (N=18171). La diversidad taxonómica con evidencias de consumo incluye cérvidos (*Blastocerus dichotomus*, *Ozotoceros bezoarticus* y *Mazama guazoubira*), roedores (*Hydrochoerus hydrochaeris*, *Myocastor coypus* y *Cavia apereá*), armadillos (*Eufactus sexcintus* y *Dasyopus* sp.), ñandú (*Rhea americana*) y varias especies de peces de agua dulce con predominio de tres grupos:

Rhamdia aff. quelen (bagre sapo), Hoplias spp. (tararira) y Synbranchus aff. marmoratus (anguila). Se identificaron carnívoros (*Lycalopex gymnocercus*, *Cerdocyon thous*, *Chrysocyon brachyurus*, *Conepatus chinga*, *Lutreolina crassicaudata* y *Lontra longicaudis*) que no muestran evidencias interpretables como consumo y cuya forma de ingreso al yacimiento no está clara (tabla 1) (BICA 2020; MORENO 2017 y 2018; MORENO et al. 2016). Además se identificaron restos de vaca y oveja de carácter intrusivo. Según el estudio tafonómico, los materiales no sufrieron meteorización atmosférica ni removilización, y la acción de carnívoros y roedores fue casi inexistente (MORENO 2017).

Identificación Taxonómica	NISP	%NISP
Pinnipedia	1	0,006
<i>Blastoceros dichotomus</i>	186	1,024
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	1738	9,6
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	24	0,13
<i>Rhea americana</i> (óseo)	20	0,1
<i>Rhea americana</i> (huevo)	139	0,8
<i>Myocastor coypus</i>	306	1,7
<i>Cavia apereá</i>	1429	7,9
<i>Dasyus hybridus</i>	71	0,39
<i>Eufactus sexcintus</i>	8	0,04
<i>Cerdocyon thous</i>	3	0,017
<i>Lycalopex gymnocercus</i>	2	0,011
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	7	0,039
<i>Conepatus chinga</i>	2	0,011
<i>Lutreolina crassicaudata</i>	12	0,066
<i>Lontra longicaudis</i>	1	0,006
<i>Bos Taurus</i>	3	0,017
<i>Ovis aries</i>	6	0,033
Cricetidae	66	0,363
Cérvido indet.	599	3,296
Armadillos indet.	13	0,072
Carnívoro indet.	6	0,033
Cánido indet.	42	0,231
Felino indet.	1	0,006
Mamífero indet.	8596	47,306
Ave indet.	78	0,429
Peces	3811	20,973
Reptil indet.	79	0,435
Tortuga indet.	3	0,017
No determinados	919	5,058
Total	18171	100

Tabla 1: NISP y %NISP de los taxones identificados.

El material analizado aquí es el conjunto de *M. coypus* recuperado en esta excavación. Los restos se determinaron taxonómica y anatómicamente utilizando la colección de referencia del Museo Nacional de Antropología de Montevideo. Las unidades de cuantificación utilizadas fueron NISP (*Number of Identified Specimens*), MNI (*Minimum Number of Individuals*), MNE (*Minimum Number of Elements*), MAU (*Minimum Animal Units*) y %MAU (GRAYSON 1978; LYMAN 2008).

Se evaluó la edad utilizando los estadios establecidos por Rusconi (1930) a partir de la erupción de los molares y el desgaste dental en mandíbulas y maxilares<sup>1</sup>. No se estimó la edad en dientes aislados.

Las superficies de los restos se observaron a ojo desnudo y a bajos aumentos (4-10X) para identificar modificaciones antrópicas y naturales: marcas de carnicería, fracturación, alteración térmica y modificaciones por meteorización, animales, raíces y procesos diagenéticos (BEHRENSMEYER 1978; BINFORD 1981; FERNÁNDEZ-JALVO y ANDREWS 2016; FISHER 1995). Aunque el peso promedio de la nutria la ubica en el límite para la aplicación de los estadios de meteorización de Behrensmeyer (1978), hay antecedentes del uso de esta escala en análisis de restos de este animal en Argentina (SANTINI 2011). También se consignó la completitud o incompletitud de los restos para evaluar la fragmentación del conjunto medida como el porcentaje de restos incompletos sobre el total.

Para evaluar la presencia de problemas de equifinalidad se correlacionó el %MAU de los elementos recuperados con los valores máximos de densidad ósea de *Marmota* sp. correspondientes (índice de correlación de Pearson), que ya se han utilizado en estudios similares de *M. coypus* en Argentina (ACOSTA, 2005; ACOSTA y SARTORI 2012; LYMAN 1994; LYMAN et al. 1992; SARTORI y COLASURDO 2012).

## RESULTADOS

Los restos de nutria suman un NISP= 306, representan el 1,7% del conjunto total de vertebrados del sitio arqueológico y el 7,8% de los restos determinados a nivel de especie. A partir de las mandíbulas derechas se estimó un MNI=35.

Anatómicamente, el conjunto está dominado por elementos del cráneo, particularmente mandíbulas. El postcráneo está representado principalmente por huesos largos, con menor presencia relativa de falanges, metápodos y elementos del esqueleto axial (tabla 2).

Unidad anatómica	NISP	%NISP	NME	MAU	%MAU
Bulla timpánica	1	0,3	1	0,5	1,8
Maxilar	14	4,6	14	7,0	25,5
Mandíbula	58	18,95	55	27,5	100
Molares	23	7,5			0
Incisivos	71	23,2			0

<sup>1</sup> Un análisis parcial de este conjunto (NISP=31) abordó la estimación etaria utilizando los estadios de Rusconi (1930) y encontró representación únicamente de individuos adultos (estadios IV y superiores) (PÉREZ 2001). Estos materiales están incluidos en este análisis.

V. Cervical	3	0,98	3	0,4	1,6
V. Torácica	2	0,7	2	0,2	0,6
Pelvis	11	3,6	9	4,5	16,36
Fémur	20	6,5	15	7,5	27,3
Tibia	13	4,2	10	5,0	18,2
Talus	8	2,6	7	3,5	12,7
Calcáneo	9	2,9	9	4,5	16,36
Escápula	5	1,6	5	2,5	9,1
Húmero	13	4,2	7	3,5	12,7
Radio	1	0,3	1	0,5	1,8
Ulna	9	2,9	8	4,0	14,5
Metápodo	13	4,2	13	0,7	2,6
Falange 1	20	6,5	20	1,1	4,0
Falange 2	12	3,9	12	0,7	2,4
Total	306	-	179	-	-

Tabla 2: NISP, %NISP, NME, MAU y %MAU de los elementos identificados de nutria.

En la Figura 4 se observan los elementos presentes y sus proporciones relativas normalizadas según el %MAU. Entre los elementos de las extremidades, los posteriores muestran los valores más altos, aunque alejados de las mandíbulas que representan el 100%. Los miembros anteriores, por su parte, están representados por escápula, húmero y ulna.

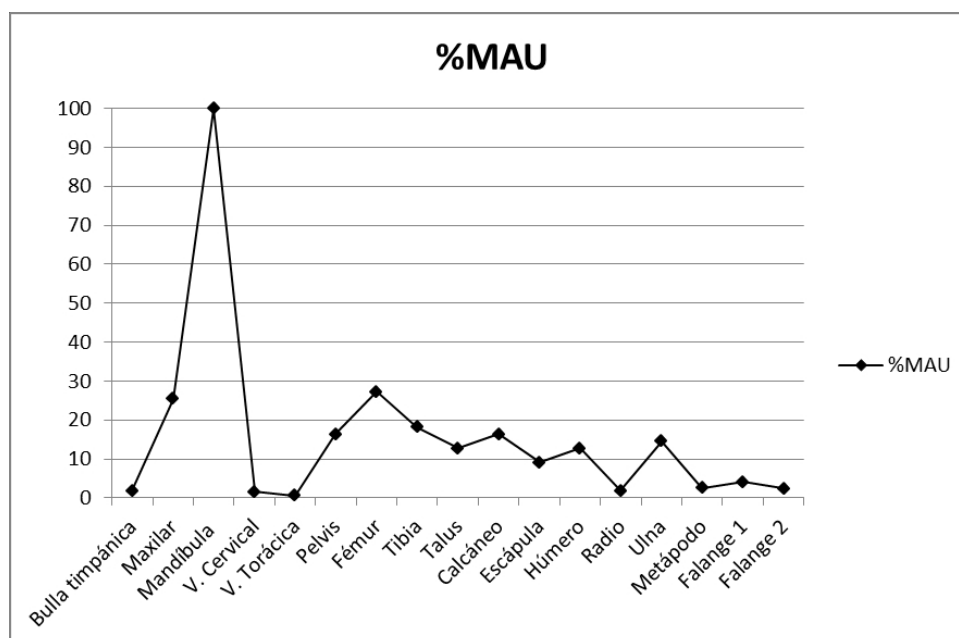


Figura 4: Proporciones anatómicas en %MAU de nutria a partir de un NISP=306.

La correlación entre la densidad ósea y el %MAU resultó no significativa ( $r_s=0.01529$ ;  $p=0.96656$ ), por lo que puede descartarse que la representatividad anatómica de este conjunto esté relacionada con la preservación diferencial.

Según el grado de erupción y desgaste de los molares, el conjunto está compuesto en su mayoría por animales adultos. La edad pudo determinarse en 44 mandíbulas y maxilares, y la mayoría (n=39; 88,7%) se ubican en los estadios IV, V y VI de Rusconi (1930), correspondientes a individuos maduros (figura 5a). Este resultado es consistente con el estudio parcial previo que se realizó de este conjunto, que encontró representados los estadios IV y superiores (PÉREZ 2001).

## MODIFICACIONES DE ORIGEN NATURAL

Los restos de nutria no exhiben modificaciones de origen animal ni vegetal en la superficie, lo que es coincidente con el estado del conjunto zooarqueológico general (MORENO 2017). Tampoco presentan rodamiento de bordes, y dos pares de calcáneo y astrágalo se recuperaron articulados, mantenidos en posición anatómica por la precipitación carbonática (figura 5b). La presencia de elementos articulados refuerza la noción de que el material no sufrió desplazamientos después de su enterramiento. La modificación natural más abundante es la concreción calcárea, que se registró en 115 restos (37,6%). Esta frecuencia es más alta que la del conjunto total, que alcanza el 25,09% (MORENO 2017).

Los restos de nutria no presentan evidencias de meteorización, mientras que en el conjunto general solo se identificó meteorización en el 0,82% de los restos (n=149), y limitada a los estadios 1 y 2 de Behrensmeyer (1978) (MORENO 2017).

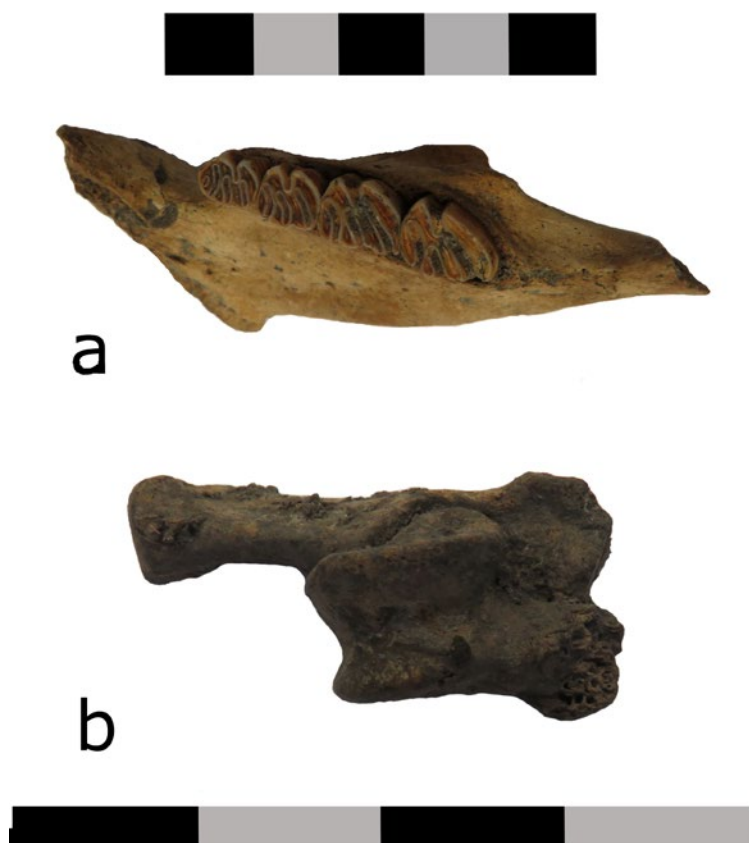


Figura 5: a) mandíbula estadio VI; b) astrágalo y calcáneo articulados.



## **MODIFICACIONES ANTRÓPICAS**

Las modificaciones antrópicas son escasas. Las marcas de corte están presentes únicamente en 12 restos. Anatómicamente se ubican en mandíbula (n=6), húmero (n=1), pelvis (n=1) y falange proximal (n=1). En el caso de las mandíbulas, los cortes se ubican en el corpus y en la fracción dentaria en plano lateral y medial.

En el húmero, la falange y la pelvis se trata de varios cortes agrupados, localizados en la diáfisis y en el acetábulo. La baja presencia de marcas de corte puede ser una consecuencia de la depositación calcárea, que dificulta la visualización de las superficies (figura 5b).

Solo un resto presenta fracturación atribuible a la acción antrópica, un fémur con fractura transversal de la diáfisis proximal. El conjunto muestra una alta tasa de incompletitud (70%), pero sólo en este caso pudo determinarse con claridad el origen antrópico de la fractura.

La termoalteración es la modificación más abundante. Los restos termoalterados suman 40 y representan el 13,1% del conjunto. La intensidad de la alteración térmica varía desde el color marrón hasta el blanco. Anatómicamente, salvo 8 fragmentos de esmalte de incisivo, los restos quemados pertenecen a las extremidades, tanto traseras como delanteras.

## **INSTRUMENTOS**

Se identificó un instrumento punzante realizado sobre ulna, que fue publicado en un trabajo previo. Hasta el momento es el único instrumento fabricado en hueso de nutria reportado en esta región (figura 6) (CLEMENTE et al 2010).



Figura 6: instrumento sobre ulna de nutria.

## DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

La nutria ocupa ambientes de agua dulce, tales como bañados y bordes de laguna. El sitio Ch2D01 se ubica al borde del Bañado de San Miguel, por lo que posee una ubicación estratégica para su explotación minimizando los costos. De forma similar, a nivel regional, la mayoría de los asentamientos arqueológicos se localizan en las proximidades de cursos y cuerpos de agua (LÓPEZ 2001; BRACCO 2006; GUEDES MILHEIRA y GIANOTTI 2018), por lo que en general, la nutria podría considerarse un recurso con una buena relación costo-beneficio para estos grupos, tanto por su distribución como por su previsibilidad y alta tasa de renovación. Por otro lado, climáticamente esta región se caracteriza por la ausencia de una estación seca claramente definida (BRACCO et al 2008), por lo que no variaría significativamente la abundancia de nutria en el ciclo anual y su explotación no sería una actividad estacional.

El conjunto de los restos de nutria que analizamos aquí no parece estar afectado por la preservación diferencial, por lo que pueden descartarse problemas de equifinalidad en su representación anatómica. Como ya se publicó en trabajos previos, los restos de ñandú y de cérvidos de este mismo cerrito tampoco muestran correlación entre %MAU y densidad ósea (MORENO, 2017, 2018). Por otro lado, la ausencia de meteorización, el bajo rodamiento de los bordes y la presencia de elementos articulados sugieren baja o nula removilización y un enterramiento rápido. Características similares se relevaron durante el estudio tafonómico del conjunto zooarqueológico completo, destacándose la presencia de un tarso de *Blastocerus dichotomus* articulado, inmovilizado por la precipitación carbonática (MORENO 2017).

Los perfiles de edad confirman la primera aproximación que se realizó a este conjunto en relación con la captura de individuos adultos (PÉREZ 2001), preferencia que ya fue observada en sitios argentinos (ESCOSTEGUY et al. 2012; SANTINI 2011; SARTORI y COLASURDO 2012). La selección de animales adultos maximiza el rendimiento, ya que proveen pieles más grandes y mayor cantidad de carne. Además, esta selección favorecería la continuidad del ciclo productivo de la especie (SARTORI y COLASURDO 2012). Las tecnologías utilizadas para la captura de los animales permanecen desconocidas, pero el perfil de edad indica que se usaron estrategias selectivas. El uso de redes con capturas indiscriminadas, implicaría la liberación posterior de los animales más jóvenes. En Argentina, para los grupos Abipones, se ha descrito el uso de garrote como método, éste permite seleccionar las presas y obtener un gran número de animales por evento de caza (SANTINI 2011). Es de destacar la presencia, en este sitio, de dos perros domésticos (LÓPEZ MAZZ et al. 2018). Los perros pueden haber cumplido diversas funciones en estas sociedades, incluyendo la asistencia en las actividades de caza como se menciona en las crónicas históricas para los grupos del Chaco argentino en las capturas de nutria.

En relación con la representatividad anatómica, la escasez de elementos del esqueleto axial, descartada la preservación diferencial, puede deberse a su destrucción durante el procesamiento y consumo del animal y la baja presencia de falanges y metápodos estar asociada a las actividades de peletería si éstas se realizaban fuera del cerrito (ACOSTA 2005; SANTINI 2011). En relación con

las evidencias de actividades de cuereo, llama la atención la baja presencia de trazas en falanges y su ausencia en metápodos, pero son consistentes con las mismas las identificadas en mandíbulas (ESCOSTEGUY y VIGNA 2010). La presencia de dos pares de calcáneo y astrágalo articulados sugiere que durante el procesamiento del animal estos elementos no eran desarticulados y se desechaban juntos y así los metatarsos eran separados del resto del esqueleto, lo que puede estar relacionado con las actividades de cuereo si éste se mantenía unido a los extremos distales de las extremidades.

En esta región son usuales los instrumentos óseos y la gran mayoría están fabricados con metápodos de cérvidos (PINTOS 2001). En este sitio en particular la tecnología ósea recuperada está fabricada mayormente en metápodos de venado y las huellas de uso indican que se utilizaron para trabajar piel y para cestería (CLEMENTE et al. 2010). El uso de huesos de nutria para fabricación de instrumentos está documentado en Argentina (ESCOSTEGUY et al. 2017), pero este es el primer registro para Uruguay y amplía los usos conocidos para este animal, incorporando la esfera tecnológica a su aprovechamiento.

La presencia de nutria en la mayor parte de los conjuntos zooarqueológicos analizados de esta región indica que la misma fue un recurso utilizado por los pobladores precolombinos de esta zona desde el Holoceno temprano. Si bien el conjunto que analizamos aquí muestra la selección de animales adultos y el aprovechamiento como alimento y fuente de materias primas, las particularidades de su explotación no pueden generalizarse a partir del análisis de un único sitio. Para obtener una imagen más completa de las características del aprovechamiento indígena regional de este animal es necesario abordar otros conjuntos provenientes de sitios ubicados en otras unidades del paisaje y con diferentes cronologías. El estudio comparado de estos conjuntos nos permitiría reconocer particularidades diacrónicas y geográficas en la explotación de la nutria, que a su vez expresen la variación de su importancia relativa en el ambiente, de sus usos y de sus formas de procesamiento y nos permita mejorar nuestro conocimiento de las relaciones que estas sociedades mantuvieron con los humedales y sus recursos.

## **AGRADECIMIENTOS**

A Natalia Alonso por facilitarme bibliografía y a José María López Mazz por cederme la foto del sitio. A los evaluadores anónimos que con sus aportes mejoraron significativamente la calidad de este trabajo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Alejandro. *Zooarqueología de cazadores-recolectores del extremo nororiental de la provincia de Buenos Aires (humedal del río Paraná inferior, Región Pampeana, Argentina)*. Tesis (Doctorado en Ciencias Naturales) Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2005.
- ACOSTA, Alejandro; CARBONERA, Mirian; LOPONTE, Daniel. Archaeological hunting patterns of Amazonian horticulturists: The Guaraní example. *International Journal of Osteoarchaeology*, v. 29, p. 999–1012, 2019.
- ACOSTA, Alejandro; MUCCILO, Leonardo. Zooarqueología dos grupos horticultores Amazônicos no rio Paraná inferior: o caso do Sítio Arroyo Fredes. *Revista de Arqueologia*, v.22, n.1, p. 43 - 63, 2009.
- ACOSTA, Alejandro; SARTORI, Julieta. Explotación de *Myocastor coypus* en el extremo meridional de la cuenca del Plata durante el Holoceno tardío. *Revista de Arqueología*, v. 24, n.2, p. 10 -29, 2012.
- APOLINAIRE, Eduardo; BASTOURRE, Laura. Los documentos históricos de los primeros momentos de la conquista del Río de la Plata (S XVI-XVII): una síntesis Etnohistórica comparativa. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, v. XLI, n. 2, p. 319-351, 2016.
- ARENAS, Pastor. *Etnografía y alimentación entre los Toba-Ñachilamole#ek y Wichí-Lhuku'tas del Chaco Central: Argentina*. Buenos Aires: Edición del autor, 2003.
- BEHRENSMEYER, Anna. Taphonomic and ecologic information from bone weathering. *Paleobiology*, v. 4, p. 150–162, 1978.
- BEOVIDE, Laura. Animals, bones and indians: patterns of the butchering process in the indigenous economy from the 16th to the 18th centuries, in the “Banda Oriental” (Uruguay). In: GUTIÉRREZ María; MIOTTI Laura; BARRIENTOS Gustavo; MENGONI GOÑALONS Guillermo; SALEMME Mónica, *Taphonomy and zooarchaeology in Argentina*. Bar International Series 1601. Oxford: Archaeopress, 2007, p. 143–160.
- BEOVIDE, Laura; OPERTI, Fabiana. Uso de la fauna al momento del contacto hispano-indígena en el Río de la Plata: un aporte arqueozoológico y etnohistórico. *Revista Chilena de Antropología*, v. 30, p. 136- 141, 2015.
- BICA, Carla. Peces y pesca en las tierras bajas de la Laguna Merín. Análisis de la ictiofauna recuperada en el sitio arqueológico CH2D01 (Rocha, Uruguay). Tesis (Maestría en Antropología) Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.
- BINFORD, Lewis. *Bones: ancient man and modern myths*. NY: Academic Press, 1981.
- BONOMO, Mariano; CASTRO, Juan Carlos; SILVA Carolina. Tecnología y subsistencia en el sitio arqueológico Cerro Tapera Vázquez (Parque Nacional Pre-delta, República Argentina). *Cadernos do Lepaarq*, v. XI, n.22, p. 52 -81, 2014.
- BRACCO, Roberto. Montículos de la cuenca de la Laguna Merín: tiempo, espacio y sociedad. *Latin American Antiquity*, v. 17, n. 4, p. 511–540, 2006.
- CABRERA, LEONEL; DURÁN, Alicia; FEMENÍAS, Jorge; MAROZZI, Oscar. Investigaciones arqueológicas en el sitio CG14E01 (“Isla Larga”) Sierra de San Miguel, Depto. de Rocha, Uruguay. In DURÁN Alicia; BRACCO Roberto, *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 2000, p. 183–194.

- CAPDEPONT, Irina; PINTOS, Sebastián. Manejo y aprovechamiento del medio por parte de los grupos constructores de montículos: cuenca de la Laguna de Castillos, Rocha-Uruguay. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, v. XXXI, p. 117–132, 2006.
- CLEMENTE, Ignacio; MORENO, Federica; LÓPEZ MAZZ, José María; CABRERA, Leonel. Manufactura y uso de instrumentos en hueso en sitios prehistóricos del Este de Uruguay. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, v. 12, p. 75–93, 2010.
- CURBELO, María del Carmen; CABRERA, Leonel; FUSCO, Nelsys; MARTÍNEZ Elianne; BRACCO, Roberto; FEMENÍAS Jorge; LÓPEZ MAZZ José María. Sitio Ch2D01, área de San Miguel, Depto. de Rocha, R.O.U. Estructura de sitio y zonas de actividad. *Revista do CEPA*, v. 17, p. 333–344, 1990.
- CURTO, Erio; CASTELLINO, Raúl. Coipo o nutria. In BUCHER, Enrique, *Bañados del río Dulce y Laguna Mar Chiquita (Córdoba, Argentina)*. Córdoba: Academia Nacional de Ciencias, 2006, p. 285–293.
- DEL PUERTO, Laura. *Interrelaciones humano-ambientales durante el Holoceno tardío en el este del Uruguay: cambio climático y dinámica cultural*. Tesis (Doctorado en Ciencias Biológicas) PEDECIBA, Universidad de la República, Montevideo, 2015.
- DURÁN, Artigas. Observaciones sobre los suelos del sitio arqueológico Ch2D01. Informe de investigación. 1989.
- ESCOSTEGUY, Paula. El uso de fuentes documentales y etnográficas para la interpretación del registro arqueofaunístico de coipo. *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana*, v. 7, p. 41-65, 2013.
- ESCOSTEGUY, Paula; SALERNO, Virginia. La caza del coipo. Su importancia económica y social desde momentos prehispánicos hasta la actualidad. *Anales de Arqueología y Etnología*, v. 63, p. 277–303, 2008-2009.
- ESCOSTEGUY, Paula; VIGNA, Mariana. Experimentación en el procesamiento de *Myocastor coypus*. In BERÓN, Mónica; LUNA, Leandro; BONOMO, Mariano, *Mamül Mapu: pasado y presente desde la arqueología pampeana*. Tomo I. Buenos Aires: Editorial Libros del Espinillo, 2010, p. 293–307.
- ESCOSTEGUY, Paula; SALEMME, Mónica; GONZÁLEZ, María Isabel. *Myocastor coypus* (“coipo”, Rodentia, Mammalia) como recurso en los humedales de la Pampa boanerense: patrones de explotación. *Revista del Museo de Antropología*, v. 5, p. 13–30, 2012.
- ESCOSTEGUY, Paula; SALEMME, Mónica; GONZÁLEZ, María Isabel. Tecnología ósea en la Depresión del Río Salado (provincia de Buenos Aires). *Arqueología*, v. 23, n. 3, p. 65-90, 2017.
- FEMENÍAS, Jorge; SANS, Mónica. Subsistencia, movilidad y organización social en el sitio monticular CH2D01-IA (Rocha, Uruguay): inferencias a partir de las pautas de enterramientos y los restos esqueléticos. In DURÁN Alicia; BRACCO Roberto, *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 2000, p. 383–394.
- FERNÁNDEZ-JALVO, Yolanda; ANDREWS, P. *Atlas of Taphonomic Identifications*. Springer, 2016.
- FISHER, John. Bone surface modifications in zooarchaeology. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 2, n. 1, p. 7–68, 1995.
- FRONTINI, Romina; BAYÓN, Cristina. Consumo de recursos animales de porte menor durante el Ho-

loceno tardío en el sudoeste de la provincia de Buenos Aires (Argentina). *Archaeofauna*, v. 24, p. 271 – 293, 2017

GASCUE, Andrés; LOPONTE, Daniel; MORENO, Federica; BORTOLOTTI, Noelia; RODRÍGUEZ, Ximena; FIGUEIRO, Gonzalo; TEIXEIRA DE MELLO, Franco; ACOSTA, Alejandro. Tecnología, subsistencia y cronología del sitio El Cerro, Departamento Rio Negro, Uruguay. *Anuario de Arqueología*, v. 8, p. 113–139, 2016.

GIANOTTI, Camila. Arqueología del paisaje en Uruguay. Origen y desarrollo de la arquitectura en tierra y su relación con la construcción del espacio doméstico en la prehistoria de las Tierras Bajas. In MAMELI, Laura; MUNTAÑOLA, Eleonora, *América Latina, Realidades Diversas*. Aula Oberta 2001-2005. Barcelona: Casa América-Catalunya, 2005, p. 104–123.

GIANOTTI, Camila; BONOMO, Mariano. De montículos a paisajes: procesos de transformación y construcción de paisajes en el sur de la cuenca del Plata. *Comechingonia*, v. 17, p. 129–163, 2013.

GONZÁLEZ, Enrique; MARTÍNEZ-LANFRANCO, Juan; JURI, Eduardo; RODALES, Ana; BOTTO, Germán; SOUTULLO, Álvaro. Mamíferos. In SOUTULLO, Alejandro; CLAVIJO, Cristian; MARTÍNEZ-LANFRANCO, Juan. *Especies prioritarias para la conservación en Uruguay. Vertebrados, moluscos continentales y plantas vasculares*. Montevideo: SNAP/DINAMA/MVOTMA y DICYT/MEC, 2013, p. 175-207.

GRAYSON, D. K. Minimum numbers and sample size in vertebrate faunal analysis. *American Antiquity*, v. 43, n 1, p. 53–65, 1987.

GUEDES MILHEIRA, Rafael; LOPONTE, Daniel; GARCÍA ESPONDA, César; ACOSTA, Alejandro; ULGUIM, Priscilla. The first record of a Pre-Columbian domestic dog (*Canis lupus familiaris*) in Brazil. *International Journal of Osteoarchaeology*, v. 27, n. 3, p. 488-494, 2017.

GUEDES MILHEIRA, Rafael; GIANOTTI, Camila. The Earthen Mounds (Cerritos) of Southern Brazil and Uruguay. In *Encyclopedia of Global Archaeology*. Switzerland: Springer Nature, 2018, p. 1–9.

IRIARTE, José. Landscape transformation, mounded villages and adopted cultigens: the rise of early formative communities in South-Eastern Uruguay. *World Archaeology*, v. 38, n. 4, p. 644–663, 2006.

JACKSON, Donald, ASPILLAGA, Eugenio, RODRÍGUEZ, Xose-Pedro; JACKSON, Douglas; SANTANA, Francisca; MÉNDEZ, César. Las ocupaciones humanas del sitio arqueológico de Santa Inés, Laguna de Tagua Tagua, Chile Central. *Revista de Antropología*, n 26, v. 2, p. 151-168, 2012.

LÓPEZ MAZZ, José M. Aproximación a la génesis y desarrollo de los cerritos de la zona de San Miguel (Rocha). In *Ediciones del Quinto Centenario Tomo 1*. Montevideo: Universidad de la República, 1992, p. 77–96.

LÓPEZ MAZZ, José M. Las estructuras tumulares (*cerritos*) del litoral atlántico uruguayo. *Latin American Antiquity*, v. 12, n. 3, p. 231–255, 2001.

LÓPEZ MAZZ, José M. Early human occupation of Uruguay: Radiocarbon database and archaeological implications. *Quaternary International*, v 301, p. 94–103, 2013.

LÓPEZ MAZZ, José M.; MORENO, Federica. El cambio social en la prehistoria del este de Uruguay: la visibilidad arqueológica del conflicto. In LÓPEZ MAZZ, José Maria; BERÓN, Mónica.

*Indicadores arqueológicos de violencia, guerra y conflicto en Sudamérica*. Montevideo: Universidad de la República, 2014, p. 19–35.

- LÓPEZ MAZZ, José M.; PINTOS, Sebastián. El paisaje arqueológico en la Laguna Negra, Colonia del Sacramento. In *Arqueología uruguaya hacia el fin del milenio. Tomo I. IX Congreso Nacional de Arqueología*. Uruguay: Gráficos del Sur, 2001, p. 175–185.
- LÓPEZ MAZZ, José M., MORENO, Federica, BRACCO, Roberto; GONZÁLEZ, Roberto. Perros prehistóricos en el este de Uruguay: contextos e implicaciones culturales. *Latin American Antiquity*, v. 29, n. 1, p. 64–78, 2018.
- LYMAN, R. Lee. *Quantitative paleozoology*. New York: Cambridge University Press. 2008.
- LYMAN, R. Lee. *Vertebrate taphonomy*. New York: Cambridge University Press. 1994.
- LYMAN, R. Lee, HOUGHTON, Lori y CHAMBERS, Anell. The effect of structural density on Marmot skeletal part representation in archaeological sites. *Journal of Archaeological Science*, v. 19, n. 5, p. 557–573, 1992.
- MORENO, Federica. *Análisis arqueofaunístico del sitio Rincón de los Indios*. Tesis (Monografía de grado) Departamento de Arqueología, Universidad de la República, Montevideo. 2003.
- MORENO, Federica. La gestión animal en la prehistoria del Este de Uruguay: de la economía de amplio espectro al control de animales salvajes. *Tessituras* v. 4, n. 1, p. 161–187, 2016.
- MORENO, Federica. Modificaciones naturales y antrópicas en el conjunto zooarqueológico del sitio CH2D01, Excavación IA (Sudeste uruguayo): aportes a la discusión de los procesos de formación. *Cadernos Do LEPAARQ*, v. 14, p. 458–479, 2017.
- MORENO, Federica. Aprovechamiento de ñandú (*Rhea americana*) en la prehistoria del sudeste uruguayo. *Archaeofauna*, v. 27, p. 83–92, 2018.
- MORENO, Federica; FIGUEIRO, Gonzalo. Metodologías de excavación y recuperación diferenciales en el sitio Ch2D01 (Rocha, Uruguay) y su efecto en el registro arqueofaunístico. *Anuario de Arqueología*, p. 35–48, 2016.
- MORENO, Federica, FIGUEIRO, Gonzalo; SANS, Mónica. Huesos mezclados: restos humanos de subadultos en el conjunto arqueofaunístico de un sitio prehistórico en el este de Uruguay. *Revista Argentina de Antropología Biológica*, v. 16, n. 2, p. 65–78, 2014.
- MORENO, Federica, FIGUEIRO, Gonzalo, MANNISE, Natalia, IRIARTE, Andrés, GONZÁLEZ, Susana, DUARTE, José M. B.; COSSE, Mariana. Use of next-generation molecular tools in archaeological neotropical deer sample analysis. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 10, p. 403–410, 2016.
- OTTALAGANO, Flavia. Estudios zooarqueológicos en la cuenca media del Paraná: sitio Arroyo Las Mulas 1 (Entre Ríos, Argentina). *Mundo de Antes*, v. 13, n. 1, p. 59-84, 2019.
- PÉREZ, María Inés. Estudio de los ejemplares de *Myocastor coypus* (nutria) del sitio Ch2D01 Excavación IA. In *Arqueología uruguaya hacia el fin del milenio. IX Congreso Nacional de Arqueología Tomo I*. Montevideo: Gráficos del Sur, 2001, p. 195–206.
- PINTOS, Sebastián. Economía “húmeda” del este de Uruguay: el manejo de recursos faunísticos. In DURÁN Alicia; BRACCO, Roberto. *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura-Comisión Nacional de Arqueología, 2000, p. 249-270.

- PINTOS, Sebastián. Puntas, puntos y apuntes acerca de la industria ósea en la R.O.U. En *Arqueología uruguaya hacia el fin del milenio. IX Congreso Nacional de Arqueología Tomo I*. Montevideo: Gráficos del Sur, 2001, p. 223–239.
- PINTOS, Sebastián; GIANOTTI, Camila. Arqueofauna de los constructores de cerritos: “quebra” y requiebra. In CONSENS, Mario; LÓPEZ MAZZ, José María; CURBELO, Carmen. *Arqueología en el Uruguay. VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguay*. Montevideo: Editorial Surcos, 1995, p. 79-91.
- PINTOS, Sebastián; BRACCO, Roberto. Modalidades de enterramiento y huellas de origen antrópico en especímenes óseos humanos. Tierras bajas del Este del Uruguay (R.O.U.). In LÓPEZ MAZZ, José María; SANS, Mónica. *Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas*. Montevideo: Universidad de la República, 1999, p. 81–106.
- PROBIDES. Plan Director. Reserva de biósfera Bañados del Este. Rocha: PROBIDES, 1999.
- RUSCONI, Carlos. Evolución craneodental de la nutria (*Myocastor coypus bonariensis*) a través de su desarrollo postembrionario. *Anales de La Sociedad Científica Argentina*, v. 109–110, p. 6–31, 1930.
- SANTINI, Mariano. Aprovechamiento de *Myocastor coypus* (Rodentia, Caviomorpha) en sitios del Chaco Húmedo argentino durante el Holoceno tardío. *Intersecciones en Antropología*, v. 12, p. 195–205, 2011.
- SARTORI, Julieta; COLASURDO, María Belén. La recurrencia del coipo (*Myocastor coypus*) en los registros arqueofaunísticos de la cuenca inferior del Río Paraná (Argentina). *Arqueología Iberoamericana*, v. 23, p. 23–36, 2012.
- SCHMIDT DIAS, Adriana. Hunter-gatherer occupation of south Brazilian Atlantic Forest: Paleoenvironment and archaeology. *Quaternary International*, v. 256, p. 12-18, 2012.
- VON DEN DRIESCH, Angela; HUTTERER, Rainer. Mazamas, Patos criollos y anguilas de lodo. Restos de subsistencia del asentamiento precolombino “Loma Salvatierra”, Llanos de Mojos, Bolivia. *Zeitschrift für Archäologie Außereuropäischer Kulturen*, v. 4, p. 341–367, 2011.



**BIOARQUEOLOGIA DO INDIVÍDUO EXUMADO DO SÍTIO CUCUÍRA – PONTA DE PEDRAS, PARÁ, BRASIL**

BIOARCHAEOLOGY OF THE INDIVIDUAL EXHUMED FROM THE  
ARCHAEOLOGICAL SITE OF CUCUÍRA – PONTA DE PEDRAS, PARÁ, BRAZIL

Claudia Minervina Souza Cunha  
Wagner Fernando Veiga  
Anna Bárbara Silva  
Felipe Damasceno e Silva

Como citar este artigo:

CUNHA, Claudia Minervina Souza; VEIGA, Wagner Fernando; SILVA, Anna Bárbara; SILVA, Felipe Damasceno e. Bioarqueologia do Indivíduo Exumado do Sítio Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brasil. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 280-302, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: xx/xx/2021

Aprovado em: xx/xx/2021

Publicado em: xx/xx/2021

ISSN 2316 8412

## **Bioarqueologia do Indivíduo Exumado do Sítio Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brasil**

Bioarchaeology of the individual exhumed from the archaeological site of Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brazil

Claudia Minervina Souza Cunha<sup>a,b</sup>  
Wagner Fernando Veiga<sup>c</sup>  
Anna Bárbara Silva<sup>d</sup>  
Felipe Damasceno e Silva<sup>e</sup>

### **Resumo:**

O Sítio Cucuíra, localizado em Ponta de Pedras (Pará) produziu um contexto funerário culturalmente associável à ocupação Marajoara da Ilha que é aqui analisado nos aspectos paleobiológicos e funerários. Neste contexto parte dos ossos de um indivíduo robusto adulto foram inumados em enterramento secundário em urna cerâmica. Ao lado da urna e em alinhamento com 4 vasilhas votivas, foi depositado um crânio humano com mandíbula em conexão anatômica. Esta disposição não encontra paralelo nos contextos funerários Marajoara, podendo remeter a outras possibilidades interpretativas sobre a pertença (ou não) do crânio ao indivíduo inumado na urna e à possível objetificação deste em posição sinonímica em relação aos objetos votivos. A análise dos remanescentes humanos evidencia condições patológicas no indivíduo, particularmente no que diz respeito a um processo infeccioso no osso mandibular.

### **Abstract:**

This study addresses a funerary context associated to the Marajoara culture which was exhumed from the archaeological site of Cucuíra located in Ponta de Pedras (Pará). Part of the skeleton of a robust adult individual were buried in a ceramic pot as a secondary deposition. Next to the funerary urn for ceramic vases and a human skull articulated with a compatible mandible were deposited. The literature on Marajoara funerary contexts does not register a similar pattern of deposition and it raises the question of the relationship between the skull and post cranial bones as well as the possible objetification of the skull placed in similar position to the votive objects of the funerary pack. The analysis of the human remains has evidenced pathological conditions mainly concerning oral health.

### **Palavras-Chave:**

Bioarqueologia; Marajó; Antropologia Funerária; Inumação Secundária

### **Keywords:**

Bioarchaeology; Marajó; Funerary Anthropology; War trophies

<sup>a</sup> Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí. <https://orcid.org/0000-0002-5073-1704>. [claudiacunha@ufpi.edu.br](mailto:claudiacunha@ufpi.edu.br) (autor correspondente).

<sup>b</sup> Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra.

<sup>c</sup> Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-8476-1007>. [wagnerveiga67@yahoo.com.br](mailto:wagnerveiga67@yahoo.com.br).

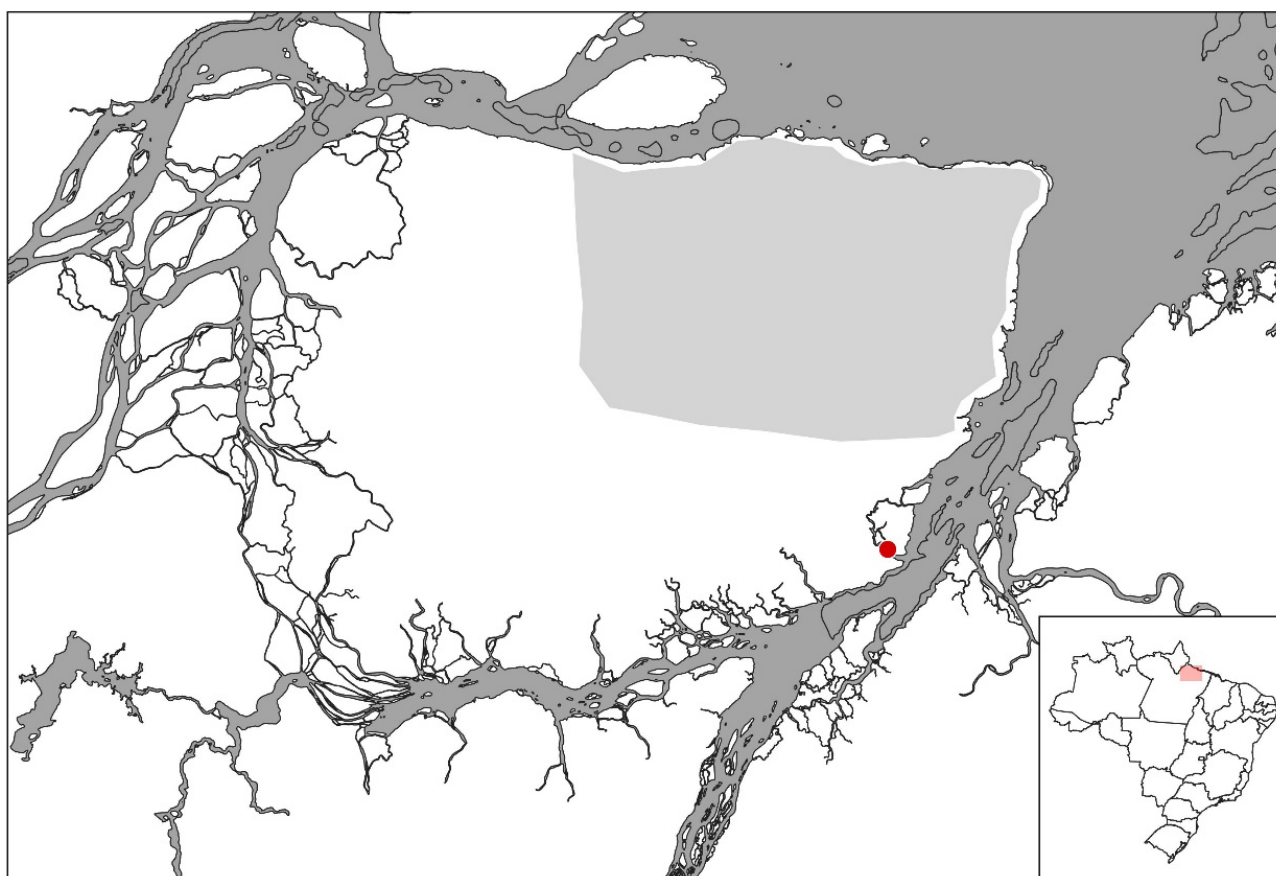
<sup>d</sup> Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-9106-8796>. [annabarao@gmail.com](mailto:annabarao@gmail.com).

<sup>e</sup> Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-9293-8458>. [felipedamasceno33@gmail.com](mailto:felipedamasceno33@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Os remanescentes humanos ameríndios provenientes do Sítio Cucuíra foram escavados em laboratório a partir seis blocos de sedimento recolhidos em campo contendo materiais arqueológicos durante ação de resgate arqueológico no âmbito do Programa de Salvamento Arqueológico da Área de Influência da LT Marajó, Sítios Cucuíra e Praia de São Pedro, Município de Ponta de Pedras – PA em 2017.

O sítio localiza-se nas margens do igarapé homônimo, a 2 Km da sede do município (Mapa 1), na Ilha de Marajó, a pouca distância de sítios arqueológicos importantes - a 2,5 km do Sambaqui de Panema e a 3,5 km do sítio Praia de São Pedro, no lado leste da ilha. A paisagem do Marajó com cerca de 50.000 km<sup>2</sup> é marcada pela presença de rios, córregos e canais, sendo marcadamente influenciada pelo regime anual que alterna períodos de alta precipitação pluviométrica e subida dos rios com períodos de seca. No período das águas, a parte centro-oriental da Ilha de Marajó transforma-se numa planície alagada onde despontam pequenas elevações naturais ou artificiais que permanecem acima da cota de inundação (LISBOA, 2012). No período da seca, a vegetação é do tipo savana dominada por gramíneas.



Mapa 1 – Localização do Sítio Cucuíra (ponto vermelho) em relação à região nordeste da Ilha do Marajó onde se concentram a maior parte dos sítios conhecidos da cultura Marajoara.

O Sítio Cucuíra é caracterizado por um pacote estratigráfico de “Terra Preta Antropogênica” (TPA) significativo com cerca de 60 cm de espessura. A TPA resulta da antropização de solos naturais que, mediante manejo humano. São solos escuros, enriquecidos com nutrientes apresentando altos teores de carbono orgânico, fósforo, cálcio, magnésio, zinco e manganês em contraste com os solos naturais (KÄMPF *et al.*, 2010) e apresentam abundância de materiais arqueológicos indígenas (principalmente cerâmicas). A profundidade do depósito de TPA no Sítio Cucuíra possivelmente resulta de uma ocupação de longa duração favorecida pela proximidade com o Igarapé Cucuíra de águas límpidas. A região também oferece outros recursos nas imediações como fontes de argila de boa qualidade, abundância de árvores frutíferas nativas (também visitadas pela fauna nativa) e acesso a fontes de recursos aquáticos (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017). Estas características favorecem a presença humana na região.

O sítio encontra-se ocupado por população atual que se beneficia da fertilidade do solo em TPA para o cultivo das suas hortas. A superfície é caracterizada por um palimpsesto de materiais Contemporâneos e cultura material arqueológica Colonial/Histórica e Pré-colonial. Nos níveis arqueológicos preservados, encontram-se materiais indígenas, nomeadamente cerâmicas tipologicamente associáveis à Cultura Marajoara (Figura 1) (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017).



Figura 1 – Fragmento de cerâmica Marajoara com decoração excisa encontrada no Sítio Cucuíra.

A cultura Marajoara ocupou a porção oriental da Ilha de Marajó (Mapa 1, acima) por um extenso período (c. 70 BC-1600 cal. AD) sendo o seu apogeu entre 700-1000 cal. AD, quando os sítios apresentam maior complexidade cultural, maior população e evidências de organização social em grandes chefaturas (SCHAAN, 2004).

Os sítios Marajoara são caracterizados pela presença de abundante cerâmica elaborada, grande parte da qual decorada e que tipologicamente enquadra-se na grande Tradição Polícroma Amazônica (MEGGERS e EVANS, 1961). Os tipos de decoração mais frequentes são padrões incisos ou excisos (Figura 2) e decoração policroma pintada, geralmente aplicada sobre uma base em engobo branco (Figura 3). A fase ou cultura Marajoara foi identificada por Meggers e Evans (1957) no seu estudo sistemático da região e tem sido tema de pesquisa sistemática nas últimas décadas (ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2001, 2003, 2004 e 2008; CUNHA, 2015) gerando um corpo sólido de conhecimento arqueológico.



Figura 2 – Banco Marajoara em cerâmica com decoração excisa. Foto: Nigel Smith, Acervo: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).



Figura 3 – Tanga Marajoara em cerâmica com decoração pintada sobre superfície engobada em branco. Foto: Nigel Smith. Acervo: MPEG.

Os grandes sítios de ocupação, associáveis aos centros de poder político-econômico local, são marcados pela construção de grandes tesos (aterros) com até 90 ha. de área e 20 m de altura que constituem alterações da paisagem nas planícies do interior da Ilha (ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008). As autoras sugerem que apenas o trabalho organizado da comunidade como um todo, sob controle político da elite, poderia empreender a movimentação de terra e construção a esta escala. Schaan (2004) ressalta que tesos de maiores dimensões onde se localizam os cemitérios da elite estariam associados a lugares estratégicos economicamente como viveiros artificiais para o manejo de fauna aquática. Schaan (2001, 2004 e 2008). Roosevelt (1991) também atribui a produção ou uso da cerâmica mais sofisticada aos ocupantes dos cemitérios de elite presentes nos maiores tesos. Diferenças na quantidade e qualidade dos itens do pacote funerário dos indivíduos também são notáveis entre os que foram exumados de tesos centrais em comparação com os que provêm de cemitérios em tesos periféricos (MEGGERS e EVANS, 1961; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004).

O tratamento funerário dispensado aos mortos na cultura Marajoara é variado, podendo consistir tanto em inumações primárias quanto secundárias ou cremações depositadas em urnas ou diretamente no solo. Esta variabilidade pode ocorrer sincronicamente e a nível intra-cemitério. As inumações tendem a ter um baixo número de indivíduos por túmulo, sendo as deposições indivi-

duais mais frequentes (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008). Os enterramentos localizam-se em cemitérios organizados contendo um número alto de sepultamentos, agrupados em conjuntos de três a quatro urnas com vasos votivos menores às vezes servindo como parte do enxoval funerário (MEGGERS e EVANS, 1957).

Itens valiosos, como por exemplo, líticos feitos com matéria prima importada ou grandes urnas funerárias aparecem em pacotes funerários de indivíduos de ambos os sexos e diferentes classes etárias. Schaan (2001 e 2004) sugere que o acesso a esses bens independe de fatores intrínsecos aos indivíduos, refletindo antes a sua posição social em função do pertencimento a uma elite, clã ou casta privilegiada dentro da sociedade. A profusão de cerâmica sofisticada e altamente decorada associada aos contextos funerários, principalmente nos enterramentos da elite seria um elemento identificativo do indivíduo a nível comunitário (socioeconômico), familiar e político (SCHAAN, 2001). Executada sob um código pré-determinado e relativamente rígido, ela funcionaria como elemento agregador e simbólico da comunidade, expressando a ideologia dos grupos no poder regional (SCHAAN, 2003).

## MATERIAIS E MÉTODOS

No Sítio Cucuíra foram abertas 44 unidades de escavação de 1 m<sup>2</sup>, dispostas em malha de escavação. Os materiais componentes do contexto funerário chegaram ao laboratório acondicionados em seis blocos de sedimentos provenientes das três unidades contíguas, as únicas a conter materiais funerários no sítio. Estes estavam em um estrato de deposição entre 30 e 50 cm de profundidade.

A recolha deste material em blocos foi motivada pela observação de que a decapagem dos níveis artificiais evidenciou materiais osteológicos e a presença de um grande vaso (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017). Considerando-se a necessidade de uma abordagem bioarqueológica desses materiais funerários, optou-se pela sua escavação em laboratório. Para investigar se haveria material osteológico humano em outras unidades de escavação, analisou-se também todo o material osteológico proveniente da intervenção no sítio.

A escavação em laboratório dos blocos teve em consideração níveis artificiais de 5 cm de profundidade envolvendo registo fotográfico do topo de cada nível e de eventuais achados significativos.

O estudo laboratorial do material osteológico envolveu uma abordagem não invasiva baseada em observações macro- e microscópicas, estas últimas com o uso de um microscópio Zeiss™ Stemi V5.

O registo das alterações tafonômicas observadas sobre os remanescentes humanos foi feito por observação macroscópica segundo abordagens sintetizadas por Knüsel e Robb (2016).

O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) foi estabelecido a partir do cruzamento de dados a dois níveis: (1) a repetição da peça óssea mais frequente na amostra associada à análise excludente de parâmetros biológicos como compatibilidade/incompatibilidade entre ossos e entre dentes e, (2) possíveis diferenças na maturação dos ossos incluídos na amostra (HERRMANN *et al.*, 1990, modificado por SILVA, 2002).

A estimativa de idade à morte foi feita a partir da aferição do grau de maturidade dos ossos e dentes e senescência óssea segundo metodologias compiladas em Schaefer *et al.* (2009) e White

*et al.* (2012), assim como do grau de calcificação e erupção dentária segundo metodologia proposta por AlQahtani e colaboradores (2010).

As evidências paleopatológicas e de estresse fisiológico foram identificadas e, quando possível, analisadas na perspectiva de elaboração de diagnóstico diferencial de condições patológicas (WALDRON, 2009; HILLSON, 1996), enquanto o desgaste dentário foi registrado seguindo metodologia proposta por Smith (1984).

## RESULTADOS

O bloco 1 continha sedimentos e a maior parte de um crânio humano (neurocrânio e fragmentos de maxilares) com mandíbula em posição anatômica sem qualquer evidência de deposição em contentor cerâmico. Os ossos humanos contidos neste bloco foram depositados ao lado da urna funerária, juntamente com pequenos vasos votivos que faziam então parte integrante do pacote funerário (Figura 4). Apesar de bastante fragmentados, foi possível identificar fragmentos de ossos compatíveis com um único crânio e uma única mandíbula, além de dentes superiores e inferiores consistentes com uma única dentição de indivíduo adulto.



Figura 4 – Fragmentos de crânio humano (em primeiro plano), juntamente com vasos votivos depositados ao lado da urna funerária exumada do Sítio Cucuíra.



No início da escavação em laboratório, observou-se que o bloco 2 continha em seu interior dois recipientes cerâmicos: uma urna e outra vasilha menor que fora utilizada como tampa. A vasilha menor (Figura 5) apresenta forma aberta, contorno composto e corpo carenado, diâmetro de abertura de 20 cm, 15 cm de altura com borda do tipo vazada, lábio arredondado e base convexa. Toda a cerâmica recolhida do contexto funerário foi feita por acordelamento. No caso da tampa, após o alisamento da superfície, as paredes internas e externas foram revestidas por engobo branco hoje bastante escurecido por ação tafonômica do sedimento.



Figura 5 – Tampa da urna funerária após restauro da cerâmica.

A urna funerária (Figura 6) apresenta forma aberta, contorno composto e corpo no formato carenado. O diâmetro de abertura vasilha é 65 cm por 18 cm de altura. Apresenta borda do tipo extrovertida, lábio plano e base convexa. Ela tem decoração pintada em ambas as superfícies. Na superfície externa a região da carena foi engobada em vermelho formando uma faixa. Na superfície interna a parte do lábio e da borda foi revestida por engobo branco (atualmente escurecido por alterações tafonômicas) e sobre este foi aplicada pintura polícroma vermelha e preta formando linhas paralelas. Este foi o único vasilhame cerâmico contendo ossos humanos deste conjunto.



Figura 6 – Urna funerária após restauro da cerâmica.

Quatro blocos de sedimentos escavados em laboratório continham pequenas vasilhas cerâmicas (Figura 7) entre 12 e 17 cm de altura e entre 14 e 16 cm de diâmetro. Três destes vasos não apresentam decoração nem tampa. Ao contrário da urna funerária e a sua tampa, as vasilhas menores apresentam evidências de exposição ao fogo na superfície externa. A sua escavação não evidenciou qualquer material osteológico ou itens de cultura material em seu interior.



Figura 7 – Pequeno vaso cerâmico que acompanhava a urna funerária do Sítio Cucuíra.

O último bloco continha uma vasilha de forma aberta e paredes finas, contorno simples e corpo no formato de meia calota com borda direta, lábio arredondado e base convexa. O diâmetro de abertura deste vaso é 24 cm com 12 cm de altura. É possível observar decoração pintada nas suas superfícies. Na superfície externa apresenta engobo vermelho na base e o corpo com decoração polícroma (engobo branco com pintura vermelha e preta) formando motivos conhecidos na bibliografia como “redemoinhos na água” (SCHAAN, 2001, p. 128). A superfície interna é revestida por engobo branco com decoração polícroma (pintura preta e vermelha) formando linhas paralelas próximas ao lábio.

Foi recolhido material faunístico do sítio Cucuíra em diferentes unidades de escavação. Contudo, as unidades de onde foram escavados os remanescentes humanos não produziram material osteológico não humano. Embora não venhamos a discutir este material em detalhes, observou-se que a maior parte dos fragmentos faunísticos era de origem malacológica, seguidos pelos restos de mamíferos, sendo a avifauna e os quelônios raros. Do material faunístico 15,26% apresentam sinais de exposição ao fogo com diferentes graus de intensidade que variam desde fragmentos enegrecidos resultantes de queima a baixa temperatura por pouco tempo a outros completamente calcinados.

O processo de escavação da urna funerária revelou dois fêmures humanos compatíveis com um mesmo indivíduo depositados alinhados entre si e ligeiramente inclinados em direção ao centro da vasilha logo abaixo da tampa da urna funerária (Figura 8). Abaixo destes em sobreposição aparecem duas tíbias de lateralidades opostas com características anatômicas, indícios patológicos (evidências de periostite) e grau de maturação que sugerem serem de um mesmo indivíduo. As tíbias também estavam alinhadas, mas cruzadas em relação aos fêmures. O restante dos ossos humanos recuperados do interior da vasilha estava abaixo desta composição com ossos longos. Não havia fragmentos de crânio ou mandíbula dentro da urna. Este padrão de organização – ossos desarticulados, reorganizados e supressão/inexistência de determinados ossos, caracteriza a inumação secundária dos remanescentes humanos aqui analisados.



Figura 8 – Fêmures humanos (direito e esquerdo) localizados no topo do depósito funerário.

Do bloco de sedimentos que envolvia o crânio e da urna funerária foram recuperados 32 fragmentos de ossos humanos com dimensões superiores a 2 cm<sup>2</sup> e 11 dentes compatíveis com uma única dentição de indivíduo adulto, não havendo ossos humanos nas vasilhas menores. A compatibilidade dentária é verificável pela consistência nos graus de desgaste, uniformidade de coloração do esmalte, facetas de desgaste interproximal compatíveis em dentes contíguos e não repetição de peças dentárias. No caso dos dentes cujos antagonistas estão presentes na amostra os graus de desgaste são equivalentes e as faces de desgaste oclusal emparelham, sugerindo antagonismo anatômico.

No que se refere aos remanescentes humanos, os ossos longos encontram-se pouco fragmentados (Figura 9) considerando-se as condições de preservação expectáveis em solo ácido e úmido em região de floresta tropical equatorial (SOUZA e RODRIGUES-CARVALHO, 2013). As regiões ósseas com maior proporção de osso trabecular são as mais afetadas por alterações tafonômicas neste material. O crânio foi particularmente afetado por fragmentação uma vez exumado do solo saturado em umidade.



Figura 9 – Fêmur esquerdo exumado do interior da urna funerária. Observa-se a preservação da maior parte do osso, exceto as diáfises proximal e distal.

Não foram identificados sinais de meteorização nos ossos humanos. Da mesma forma, estão ausentes sinais de descarnamento ativo ou evidências de ação de fauna necrófaga vertebrada. Por outro lado, observou-se a ação tafonômica de raízes, bem como fragilização do crânio e de regiões de osso trabecular por saturação de água no solo onde o material foi depositado.

Estão presentes nesta amostra elementos do esqueleto craniano (fragmentos dos temporais, maxilares, da mandíbula e de ossos da caixa craniana) e pós-craniano (fragmentos de *tali*, ulnas, tíbias, fêmures e ossos do tarso), embora seja notável a ausência de determinadas partes do esqueleto como vértebras, escápulas, costelas, coxais, ossos carpais, falanges, úmeros e rádios. A destruição tafonômica não parece explicar essa ausência por si só, já que elementos como ambos os *tali* foram recuperados durante escavação em laboratório enquanto ossos maiores como os úmeros não foram. Isto pode sugerir algum tipo de seleção de peças ósseas a serem submetidas à inumação secundária.

A análise dos ossos humanos aponta para um NMI de um indivíduo apenas, não havendo a repetição de peças ósseas identificáveis ou de incompatibilidade entre ossos. Devido à ausência de fragmentos dos ossos coxais e à intensa fragmentação dos ossos do crânio, não foi possível realizar a diagnose sexual. Contudo ressalta-se que se trata de um indivíduo bastante robusto. A população Marajoara tende a demonstrar acentuado dimorfismo sexual (CUNHA, 2015), sendo os indivíduos do sexo masculino consideravelmente mais robustos com linhas de inserção muscular mais marcadas que os do sexo feminino.

Não foi possível estimar a idade à morte uma vez que todos os ossos e dentes recuperados são plenamente maduros. Contudo, o fato de o indivíduo apresentar os terceiros molares completamente formados e relativamente desgastados sugere tratar-se de um adulto acima dos 20 anos de idade à morte (Figura 10).



Figura 10 – Molares superiores esquerdos articulados em fragmento de maxilar.

Devido às alterações tafonômicas e ao caráter incompleto intrínseco às amostras osteológicas de origem arqueológica, o diagnóstico de patologias nem sempre é possível. Contudo, observou-se a presença de estrias longitudinais em ambos os fêmures e em ambas as tíbias em mais de três terços da extensão vascularizada do perióstio no aspecto anterior desses ossos. Estas estrias são consistentes com formação de osso novo associado a insultos físicos ao perióstio (Figura 11), o que confere à superfície óssea a aparência de casca de árvore (*bark*) segundo Mann e Hunt (2005: 157-158). Uma série de processos patológicos ou traumas podem causar tal formação, como reação a processos infecciosos, neoplasias, trombose venosa, rompimento ou estresse periostal (WESTON, 2008).



Figura 11 – Região do fêmur direito afetada por periostite ativa.

Foram recuperados 11 dentes permanentes e fragmentos de mandíbula e maxilar compatíveis com um único indivíduo. O desgaste dentário médio observado neste conjunto é alto (4,4/0-8) (Tabela 1) de maneira geral, com a maioria dos dentes apresentando perda significativa de parte da coroa dentária. Este padrão de desgaste intenso é recorrente nas amostras de populações ceramistas regionais (CUNHA, 2015). É notável também a presença de desgaste levemente assimétrico dos terceiros molares. Apenas uma única cárie de pequenas dimensões foi observada na amostra, isto contudo é expectável uma vez que séries com alta frequência de desgaste tendem a apresentar poucas cáries, pois o primeiro tende a ter correlação negativa com o segundo (HILLSON, 1996), embora Wesolowski (2007) em seu trabalho sobre séries sambaqueiras do Litoral Norte de Santa Catarina tenha estudado séries indígenas brasileiras em que a correlação entre desgaste mais intenso e menor frequência de cáries não parece ser tão linear. A autora propõe que nesses casos haja processo formativo de lesões diferente no qual o desgaste não interfere como fator cariostático. Este processo seria iniciado por “uma lesão inicialmente pequena se instala no fundo de um sulco oclusal ou fóssula, ou ainda em área de exposição radicular; bactérias cariogênicas contaminam os túbulos dentinários dando início a uma cárie interna que aumenta de tamanho ao mesmo tempo em que mantém um aspecto externo reduzido (...). Na sequência, o desgaste dentário acaba por aplainar a superfície oclusal e sua progressão expande a(s) abertura(s) oclusal(is) da lesão cariosa conferindo-lhe(s) o aspecto arredondado e regular” (Wesolowski, 2007 p. 149).

Tabela 2 – Inventário de dentes humanos

N° Inv.	FDI	Cárie (n)	Cárie (Tam)	Cálculo	Cálc. (Loc)	Hipoplasia	Desgaste
CCR2a	37	0		5	LDB	0	6
CCR2c	18	0		2	B	0	
CCR13a	24	0					4
CCR13b	25	0					4
CCR13c	26	0					7
CCR13d	27	1	1	0		0	6
CCR13e	28	0		0			2
CCR14a	34	0					4
CCR14b	35	0					5
CCR15	16	0		1	L	0	7
CCR16	17	0		2	L	0	3

Cálculos dentários estavam presentes em 4 dentes embora em graus leves. A sua baixa severidade pode ser indicativa de uma dieta rica em elementos abrasivos, pobre em carboidratos ou do uso de medidas eficientes de higiene oral. Não foram identificados indícios de hipoplasias dentárias no material analisado.

Observou-se a perda *ante-mortem* do primeiro molar inferior esquerdo (Figura 12) com a destruição da parede alveolar no aspecto bucal e formação de osso canceloso novo na parede remanescente do alvéolo. Na parte inferior da lesão são observáveis o rebordo inferior de duas fístulas uma à altura do ápice da raiz mesial e outra na distal. A parede alveolar do segundo pré-molar e parte da parede do segundo molar apresentam superfície porosa em seu aspecto bucal consistente com a fragilização da região (MANN e HUNT, 2005) provocada pelo desenvolvimento de um abscesso nas proximidades que teria causado a perda óssea da parede alveolar do primeiro molar. O estágio incipiente de remodelação óssea sugere que esse processo infeccioso e a perda do dente provavelmente ocorreu nos últimos dois meses de vida do indivíduo (Morgan, 2011), como indicado por formação de osso novo incipiente, não tendo havido a regeneração completa do osso mandibular.



Figura 12 – Fragmento de mandíbula (nº de inv. CCR14) em vista bucal onde é observável a perda *ante mortem* do primeiro molar inferior esquerdo.

## DISCUSSÃO

As vasilhas cerâmicas decoradas que compunham parte do pacote funerário e parte dos fragmentos escavados em outras unidades de escavação do sítio Cucuíra apresentam características clássicas da cerâmica Marajoara policroma cuja produção local situa-se entre os séculos XI e XVI (MEGGERS e EVANS, 1957 e 1961; SCHAAN, 2004).

Não parece haver associação direta entre a deposição funerária e os ossos de fauna analisados, na medida em que não aparecem elementos faunísticos nas vasilhas cerâmicas ou próximos a estas. A presença de ambos (fauna e deposição intencional de remanescentes humanos) na mesma região do sítio, porém, pode apontar para duas possibilidades interpretativas. A primeira seria a ocorrência de duas ocupações, uma de cariz doméstico, outra de cariz funerário, em momentos cronológicos diferentes num mesmo espaço. A segunda hipótese, remetendo para a possibilidade de os dois tipos de remanescentes biológicos derivarem de uma única ocupação, seria que o grupo que ocupou o sítio praticaria as inumações funerárias em espaço doméstico ou muito próximo a ele. Relatos etnográficos e etnohistóricos de populações indígenas amazônicas são consistentes com a proximidade entre vivos e mortos quer no que se refere ao lugar de enterramento dos remanescentes humanos, quer na manipulação destes no cotidiano dos vivos (CHAUMEIL, 2012; BELTRÃO *et al.*, 2015).



A proximidade entre o mundo doméstico e o funerário é reportada por trabalhos em sítios clássicos Marajoara. Os tesos serviriam tanto de local para a implantação de cemitérios, quanto para local de moradia com o estabelecimento de casas e o desenvolvimento de tarefas domésticas. Embora o sítio Cucuíra não esteja localizado em um teso, este padrão se mantém no local com evidências de atividades domésticas (preparação de alimentos e descarte de restos alimentares) em proximidade a contextos funerários.

No que se refere aos aspectos paleopatológicos abordados no estudo dos ossos humanos, a ausência de várias partes do esqueleto e as alterações tafonômicas limitaram a recolha de informações. Contudo, foram verificadas evidências de remodelação do osso cortical compatíveis com processos de regeneração óssea pós processo inflamatório do periósteo nos membros inferiores que podem indicar uma reação do organismo a traumatismo por esforço ou episódios patológicos (ORTNER, 2003) durante a vida deste indivíduo.

No caso de séries arqueológicas sujeitas a intensas alterações de natureza tafonômica, a dentição tem maior probabilidade de preservar evidências de processos patológicos ou de estresse fisiológico que acometeram os indivíduos em vida (SCOTT, 1997). A dentição aqui analisada apresenta desgaste dentário significativo e baixo número de cáries (apenas uma). Porém, nos últimos dois meses de vida, o indivíduo passou por um processo infeccioso que resultou na formação de um abscesso periapical e perda *ante-mortem* do primeiro molar inferior esquerdo. Cavidades no osso alveolar à altura do ápice radicular não são raros em material arqueológico (WALDRON, 2009), embora geralmente identificadas como “abscessos”, elas podem resultar de três tipos diferentes de lesões: cistos, granulomas periapicais e abscessos propriamente ditos. Todas resultam de processos infecciosos na polpa dentária, normalmente propiciado pela exposição desta a agentes infecciosos através de cáries (HILLSON, 1996; ORTNER, 2003; WALDRON, 2009). Um abscesso se forma quando há formação de pus dentro da cavidade de um granuloma (WALDRON, 2009). Em casos agudos, a parede alveolar é fragilizada ao ponto de que uma ou mais fístulas se formem com a liberação do pus para dentro da cavidade oral (principalmente no aspecto bucal/labial) (HILLSON, 1996; MANN e HUNT, 2005; WALDRON, 2009). Este quadro agudo pode progredir para a formação de porosidade do osso alveolar e fragilização ou destruição de grande parte da sua estrutura levando à perda da estrutura óssea de sustentação do dente e conseqüentemente a esfoliação do dente em si (MANN e HUNT, 2005). No indivíduo proveniente do Sítio Cucuíra, o processo infeccioso parece ter seguido o curso completo, com a formação de dois abscessos (>3 mm) no ápice das raízes mesial e distal do primeiro molar inferior esquerdo, a formação de duas fístulas, fragilização da parede alveolar e perda *ante-mortem* do dente.

Além de possivelmente doloroso, este tipo de patologia constitui um risco sério à saúde do indivíduo, com possível disseminação hematogênica e complicações por infecções em diferentes partes do esqueleto (ORTNER, 2003). Este risco é especialmente relevante em um período anterior ao desenvolvimento e/ou em sociedades sem acesso a medicações antibióticas. Pela incipiente remodelação óssea na região da lesão, presume-se que, no caso aqui discutido, a lesão tenha ocorrido em período próximo ao óbito.

O trabalho de escavação em contexto laboratorial e o estudo bioarqueológico dos materiais recolhidos, possibilitou também a recolha de informações importantes no âmbito da Antropologia Funerária deste sítio, permitindo inferências sobre o gestual funerário dispensado aos remanescentes humanos ali inumados. Pode-se afirmar que se trata de uma inumação secundária individual dos remanescentes provenientes de provavelmente um único indivíduo adulto robusto.

A falta de marcas ativas de remoção de tecidos moles e a ausência de ação de macrofauna necrófaga, leva-nos a propor que o gestual funerário provavelmente envolveu o descarnamento passivo do corpo em outro local, que não o da sua deposição final, durante o período de inumação primária. Em sequência, o indivíduo foi exumado e reenterrado. Tal prática disseminada por diferentes grupos indígenas amazônicos está documentada tanto etnograficamente quanto arqueologicamente (NIMUENDAJÚ, 1948b e 1948c; STEWARD e MÉTRAUX, 1948; CARNEIRO DA CUNHA, 1978; CHAUMEIL, 2012) inclusive para outros sítios Marajoara (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008).

A ausência de partes específicas do esqueleto não pode ser explicada por preservação pós-deposicional diferencial já que elementos frágeis foram recuperados deste contexto, estando bem preservados dentro da urna. A manipulação e o revisitar dos enterramentos na cultura Marajoara, mesmo na sua fase secundária é sugerido tanto por Meggers e Evans (1957) quanto por Schaan (2001 e 2004). O registro final do contexto funerário em questão sugere que, caso se trate de ossos provenientes de um único indivíduo, houve provavelmente uma seleção intencional de quais ossos comporiam a deposição final e em que relação com o invólucro cerâmico.

A maioria dos ossos selecionados para a segunda inumação foi depositada dentro da grande urna funerária coberta por opérculo, enquanto o crânio e a mandíbula em articulação (provavelmente pertencentes ao mesmo indivíduo) foram depositados ao lado da urna e provavelmente em contato direto com o solo. Este caso difere da maioria dos enterramentos Marajoara: inumação indireta, *i.e.*, em urnas cerâmicas, quer seja de ossos ou cinzas em contexto secundário ou de cadáveres em inumação primária (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN 2004 e 2008). *A priori* não podemos classificar esta como uma inumação estritamente direta, uma vez que parte dos ossos estava contida na urna. Na realidade, a confirmar-se a hipótese destes ossos pertencerem ao mesmo indivíduo, esta constitui uma inumação com duas modalidades distintas de deposição final aplicadas ao esqueleto craniano (deposição secundária direta), e de parte do esqueleto pós-craniano – deposição secundária indireta de uma seleção de ossos dentro de contentor cerâmico.

Chaumeil (2012) e Beltrão e coautores (2015) apontam para uma tendência de muitos grupos indígenas amazônidas de proibirem o contato direto entre o cadáver ou os remanescentes humanos e o solo. Neste sentido, a inumação em algum tipo de contentor (urna funerária, envoltos em redes, esteiras, cascas de árvores ou dentro de canoas) seria a opção mais ortodoxa e comum. Contudo, o crânio e mandíbula do indivíduo exumados no Sítio Cucuíra não parecem ter sido depositados em nenhum tipo de contentor (pelo menos que se tenha preservado). Não se pode excluir, contudo, a possibilidade de que o crânio e a mandíbula estivessem envoltos em algum tipo de contentor perecível (cestaria, tecido, casca de árvore) do qual não se tenha preservado qualquer evidência macroscópica.

O uso de pequenas vasilhas como objetos acessórios do pacote funerário é uma prática recorrente na Amazônia para diferentes populações (LOWIE, 1946; MÉTRAUX, 1947 e 1979; NIMUEN-DAJÚ, 1948a), funcionando como contentores de depósitos votivos de comida e bebida durante o ritual de inumação. Em contextos funerários Marajoara, tais deposições aparecem em diferentes sítios, geralmente acompanhando enterramentos da elite (MEGGERS e EVANS, 1957; SCHAAN, 2004). A deposição do crânio ao lado das vasilhas votivas remete para uma possível objetificação dessa peça óssea.

A recolha de partes do corpo de inimigos em batalha é uma prática comum entre grupos amazônicos desde o sopé dos Andes à Foz do Amazonas e a cabeça (frequentemente mumificada) ou o crânio são elementos favorecidos como troféus de guerra entre povos de diferentes origens étnicas e linguísticas. Esta prática foi documentada entre os Juruna, Shipaya, Curuaya, Mundurucu, Jivaro, Capanahuá, Maué, Awishira e Arara (NIMUENDAJÚ, 1948b e 1948c; STEWARD e MÉTRAUX, 1948; CHAUMEIL, 2012). Entre alguns grupos como os Maué do Baixo Xingu ou os Awishira do Peru, os crânios eram usados como vasos a partir dos quais bebiam os vencedores das guerras por captura de inimigos e troféus.

Chaumeil (2012) faz uma clara distinção entre o uso de partes do corpo dos ancestrais e o uso de troféus de partes do corpo de inimigos entre grupos amazônicos. Embora ambos sejam regulados por normas de ritual, os primeiros mantêm a identidade e/ou filiação familiar ou grupal, mesmo que sejam usados como objetos (propiciatórios, divinatórios, xamânicos etc.), enquanto os segundos perdem completamente a identidade. Ao final do uso ritual, as partes do corpo dos ancestrais normalmente recebem um funeral formal, enquanto os troféus são dados, vendidos ou descartados. O caso aqui reportado não parece constituir um descarte. O crânio foi posicionado alinhado aos vasos votivos num arranjo que dificilmente seria aleatório. A composição sugere uma equivalência de função entre uns e outros sendo este o primeiro registro deste tipo de arranjo para a Cultura Marajoara a que temos conhecimento.

## CONCLUSÕES

A cerâmica utilizada para esta deposição, bem como o restante do acervo do Sítio Cucuíra atesta a sua filiação ou pelo menos relações próximas à rede de sítios secundários Marajoara distribuídos pelo leste da Ilha de Marajó. Longe do centro político da cultura Marajoara, localizado nas savanas da parte centro-leste da ilha, este sítio pode ter sido uma vila de importância secundária nos limites sudeste do território Marajoara.

O enoval funerário composto por cerâmica refinada, algumas peças com decoração elaborada (inclusive no que se refere à urna funerária e sua tampa) podem ser indícios de pertença do indivíduo inumado na urna à elite local.

Não podemos excluir a possibilidade de o crânio e mandíbula não pertencerem ao mesmo indivíduo cujos ossos foram depositados na urna funerária, mas que se trate de ossos provenientes de outro indivíduo. Nesse caso, se justificaria ponderar a possibilidade desse conjunto osteológico

integrar o pacote de oferendas votivas ao defunto depositado no interior da urna funerária. O fato da deposição do crânio e mandíbula ocorrer em alinhamento com vasos votivos do enxoval funerário sugere uma sinonímia entre eles: tanto os objetos quanto o crânio estariam num mesmo nível sintático na mensagem expressa por este contexto intencionalmente elaborado. A objetificação de partes do esqueleto pode estar relacionada à prática de ostentação de partes do corpo do vencido pelo vencedor nos eventos de violência promovidos pela guerra. Apenas a análise de compatibilidade genética ou química entre os ossos contidos na urna e aqueles depositados em seu exterior poderiam eventualmente esclarecer se de fato são ou não pertencentes a um único indivíduo.

São necessários futuros trabalhos sobre contextos funerários deste sítio e de outros nas imediações para tentar verificar se este padrão de enterramento é uma exceção à norma local ou se existem outros exemplos desse tipo de tratamento funerário entre as comunidades ceramistas pré-coloniais que ocuparam a região imediata do Cucuíra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALQAHTANI, S.J.; HECTOR, M.P.; LIVERSIDGE, H.M. Brief communication: the London atlas of tooth development and eruption. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 142, n. 3, p. 481-490, 2010.
- BELTRÃO, J.F.; LOPES, R.; CUNHA, M.; MASTOP-LIMA, L.; DOMINGUES, W.; TOMÉ, T. Vida e Morte entre Povos Indígenas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n.1, p. 206-238, 2015.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. *Os Mortos e os Outros – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó*. S. Paulo: Ed. Hucitec, 1978.
- CHAUMEIL, J.P. Bones, Flutes and the Dead: Memory and Funerary Treatments in Amazonia. IN: FAUSTO, C. and HECKENBERGER, M. (Eds). *Time and Memory in Indigenous Amazonia – Anthropological Perspectives*. Gainesville: Univ. Press of Florida, 2012, p. 243-283.
- CUNHA, C. A História Escrita nos Dentes do Goeldi: Antropologia Dentária e Afinidades Biológicas de Populações Amazônicas. *Projeto de pesquisa. Museu Paraense Emílio Goeldi*. Manuscrito. 2015.
- HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H.; SCHUTKOWSKI, H. *Praehistorische Anthropologie*. Leitfaden der Fels- und Labormethoden. Berlin: Springer Verlag, 1990.
- HILLSON, S. *Dental Anthropology*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.
- KÄMPF, N; WOODS, W; KERN, D.C.; CUNHA, T.J. Classificação das Terras Pretas de Índio e Outros Solos Antrópicos Antigos. IN: TEIXEIRA, W.G.; KERN, D.C.; MADARI, B.; LIMA, H.; WOODS, W. (Org.). *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas*. 1ª Ed. Manaus: EDUA, 2010, p. 87-102.
- KNÜSEL, C. J.; ROBB, J. Funerary taphonomy: An overview of goals and methods. *J. of Arch. Science Reports*, Amsterdam: Elsevier, v. 10, p. 655-673, 2016.
- LISBOA, P. L. B. *A Terra dos Aruã – uma História Ecológica do Arquipélago do Marajó*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.
- LOWIE, R.H. The Northwestern and Central Gê. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Marginal Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 1, 1946, p. 477-518.
- MANN, R.W.; HUNT, D.R. *Photographic Regional Atlas of Bone Disease: a Guide to Pathologic and Normal Variation in the Human Skeleton*. Springfield: Charles Thomas Publisher, 2005.
- MEGGERS, B., C. EVANS. *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, 1957.
- MEGGERS, B., C. EVANS. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South América. IN: LOTHROP, S. (Org.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- MÉTRAUX, A. Mourning Rites and Burial Forms of the South American Indians. *América Indígena*, México, v. VII, n. 1, 1947.
- MÉTRAUX, A. *A Religião dos Tupinambás e suas Relações com as Demais Tribos Tupi-guaranis*. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 1979.

- MORGAN, J. Observable Stages and Scheduling for Alveolar Remodeling Following Ante Mortem Tooth Loss. Tese para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Naturais. Johannes Gutenberg Faculty, Univ. Mainz. Manuscrito, 2011.
- NIMUENDAJÚ, C. The Mura and the Pirahá. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948a, p. 155-170.
- NIMUENDAJÚ, C. Tribes of the Lower and Middle Xingu River. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948b, p. 213-244.
- NIMUENDAJÚ, C. The Maué and Arapium. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948c, p. 245-254.
- ORTNER, D.J. *Identification of Pathological of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. 2ª Ed. New York: Academic Press, 2003.
- ROOSEVELT, A. C. *Moundbuilders of the Amazon – Geophysical Archaeology on Marajó Island*. Cambridge: Academic Press, 1991.
- SCHAAN, D. P. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society. IN: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (Eds.) *The unknown Amazon: nature in culture in ancient Brazil*. Londres: British Museum Press, 2001, p. 108-133.
- SCHAAN, D. P. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara. *Rev. Arqueologia*, Pelotas, v. 16, p. 31-45, 2003.
- SCHAAN, D. P. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Faculty of College of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, Pittsburgh, EUA. Manuscrito. 2004.
- SCHAAN, D. P. The nonagricultural chiefdoms of Marajó Island. IN: SILVERMAN, H. e ISBELL, W.H. (Eds.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008, p. 339-348.
- SCHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEUER, L. *Juvenile Osteology: a Laboratory and Field Manual*. Amsterdam: Elsevier, 2009.
- SCOTT, G.R. Dental Anthropology. IN: DULBECCO, R. (Ed.). *Encyclopedia of Human Biology*. Cambridge: Academic Press, v. 3, 1997, p. 175-190.
- SILVA, A.M. *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Portuguesas (Litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*. (Dissertação) Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2002.
- SMITH, B.H. Patterns of Molar Wear in Hunter-Gathers and Agriculturalists. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 63, n. 1, p. 39-84, 1984.
- SOUZA, S.M. de; RODRIGUES-CARVALHO, C. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Bol. do Mus. Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 8, n. 3, p. 551-566, 2013.
- STEWARD, J.H.; MÉTRAUX, A. Tribes of the Peruvian and Ecuadorian Montaña. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948, p. 535-656.

- VEIGA E SILVA, W.F.; BARBOSA, L.A.S.; SANTOS, M.F.S. Programa de Salvamento Arqueológico da Área de Influência da LT Marajó, Sítios Cucuíra e Praia de São Pedro, Município de Ponta de Pedras – PA. *Inside Amazônia Consultoria Científica*. Relatório Técnico. Manuscrito. 2017.
- WALDRON, T. *Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WESOLOWSKI, V. Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: É possível comer amido e não ter cárie?. Tese apresentada ao Departamento de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ para obtenção do grau de Doutor em Saúde Pública. Manuscrito. 2007.
- WESTON, D.A. Investigating the specificity of periosteal reactions in pathology museum specimens. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 137, p.48-59, 2008.
- WHITE, T.; BLACK, M.T.; FOLKENS, P. *Human Osteology*. 3ª Ed. Cambridge: Elsevier Academic Press, 2012.

**PROJETO “ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, CAMPUS MARCO ZERO” – ATIVIDADES REFERENTES AOS ANOS DE 2018-2019**

PROJECT “ARCHAEOLOGY AND HERITAGE EDUCATION: BUILDING EXPERIENCES FROM THE FEDERAL UNIVERSITY OF AMAPÁ, MARCO ZERO CAMPUS” - ACTIVITIES REFERRING TO THE YEARS 2018-2019

Jelly Juliane Souza de Lima  
Avelino Gambim Júnior  
Carlos Eduardo Santos Barbosa  
Leitícia Pinheiro Barros

Como citar este artigo:

LIMA, Jelly Juliane Souza de; GAMBIM JÚNIOR, Avelino; BARBOSA, Carlos Eduardo Santos; BARROS, Leitícia Pinheiro. Projeto “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero” – atividades referentes aos anos de 2018-2019. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 303-315, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: xx/xx/2021

Aprovado em: xx/xx/2021

Publicado em: xx/xx/2021

ISSN 2316 8412



## **Projeto “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero” – atividades referentes aos anos de 2018-2019**

Project “Archaeology and Heritage Education: building experiences from the Federal University of Amapá, Marco Zero campus” - activities referring to the years 2018-2019

Jelly Juliane Souza de Lima<sup>a</sup>  
Avelino Gambim Júnior<sup>b</sup>  
Carlos Eduardo Santos Barbosa<sup>c</sup>  
Leitícia Pinheiro Barros<sup>d</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo apresenta os resultados das ações do projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero”, executado entre os anos de 2018 e 2019, ao considerar o sítio arqueológico AP-MA-05, presente na área da referida instituição de ensino superior. A partir da base teórico-metodológica da educação patrimonial, as atividades como palestras, visitas e oficinas envolveram o segmento do turismo e três escolas da rede pública de Macapá, além da preocupação com a produção do conhecimento e divulgação científica no decorrer das ações do projeto de extensão. Com base nos resultados das diferentes ações educativas, concluímos que as mesmas permitiram criar aproximações entre o patrimônio arqueológico em questão e o público envolvido nas ações extensionistas.

### **Palavras-Chave:**

Educação Patrimonial, Arqueologia em Macapá, Universidade Federal do Amapá.

### **Abstract:**

This article presents the results of actions of the extension project “Archaeology and Heritage Education: constructing experiences from the Federal University of Amapá, Zero Ground campus”, carried out between the years 2018 and 2019, taking into account the archaeological site AP-MA-05, located in the area of the aforementioned higher education institution. Based on heritage education theories and methods, activities such lectures, talks, guided visits and workshops were directed to tourism agents and three public schools located in the city of Macapá, Amapá State, northern Amazonia, Brazil. Besides that, during the extension project it was a concern that the production of knowledge could be socialized and scientifically divulgated. Based on different educational actions results, we conclude that these actions allowed to create approximations between archaeological heritage and the public involved in the extension actions.

### **Keywords:**

Heritage Education, Archeology in Macapá, Federal University of Amapá.

<sup>a</sup> Doutoranda em “Histórias e conexões atlânticas: culturas e poderes”, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestra em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>.

<sup>b</sup> Doutorando em “Histórias e conexões atlânticas: culturas e poderes”, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <https://orcid.org/0000-0003-3563-0574>.

<sup>c</sup> Discente no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). <https://orcid.org/0000-0003-3149-3488>.

<sup>d</sup> Discente no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). <https://orcid.org/0000-0003-3757-9864>.

## INTRODUÇÃO

O estado do Amapá pode ser considerado um verdadeiro sítio arqueológico, que atesta diferentes processos e temporalidades históricas desse lugar. Na capital Macapá, em decorrência da expansão urbana e ampliações de infraestrutura de setores públicos, o encontro com o passado materializado nos sítios arqueológicos é inevitável (GAMBIM JÚNIOR & LIMA, 2020, p. 144-164; GAMBIM JÚNIOR & LIMA, 2021, p. 445-482; LIMA et al, 2020, p. 71-88). Assim, na década de 1990, obras de infraestrutura realizadas no campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) permitiram a identificação do sítio arqueológico AP-MA-05. Nas últimas décadas, esporadicamente ocorreram importantes pesquisas arqueológicas relativas a este sítio no campus Marco Zero da UNIFAP (COSTA & MORAES, 2017; GAMBIM JÚNIOR, 2016; MACHADO, 1997; SALDANHA & CABRAL, 2011).

A partir da importância da socialização do conhecimento produzido pelas pesquisas sobre o sítio arqueológico AP-MA-05, foi elaborado em 2018 o projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verônica Xavier Luna. O projeto de extensão contou com o apoio<sup>1</sup> do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) da UNIFAP. As ações educativas do projeto foram realizadas por uma equipe com formação acadêmica nas áreas de História e Arqueologia, composta principalmente por docentes, pesquisadores e discentes.

As ações de extensão se justificam pela necessidade de socializar o patrimônio arqueológico presente no campus Marco Zero, pois muitas pessoas que fazem parte dessa instituição desconhecem a presença do sítio arqueológico AP-MA-05. A partir desse diagnóstico considerou-se que o conhecimento anteriormente produzido pelas pesquisas arqueológicas deveria ser socializado para a comunidade, ou seja, superar os muros da instituição (MILHEIRA & PIRES, 2018, p. 83). Com base nos resultados das diferentes ações educativas, concluímos que estas permitiram criar aproximações entre passado e presente quanto ao patrimônio arqueológico em questão, ao levar em conta atividades extensionistas, focadas nas ações educativas junto aos segmentos do turismo e escolas da rede pública de Macapá.

## BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PÚBLICO ENVOLVIDO

Por muito tempo a realização de projetos educativos voltados à divulgação da arqueologia no Brasil esteve restrita às ações de um reduzido número de pesquisadores (BEZERRA, 2010; SCHAAN, 2007). O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), atento ao crescimento da arqueologia contratada, definiu a obrigação da educação patrimonial através das portarias 230/2002, 375/2018, 137/2016 e instrução normativa (IN) 01/2015.

---

<sup>1</sup> Principalmente pelas bolsas de extensão destinadas aos discentes que participaram do projeto.

A metodologia da educação patrimonial pode ser aplicada para qualquer evidência material, conjunto de bens ou ainda um sítio arqueológico, resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA, GRUNBERG & MONTEIRO, 1999). A educação patrimonial é considerada um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural e arqueológico como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (BASTOS, 2006; HORTA, GRUNBERG & MONTEIRO, 1999).

As quatro etapas metodológicas da educação patrimonial foram adaptadas e voltadas para o setor de turismo, escolas e seus públicos, nesse caso professores e alunos da rede pública de educação (LUNA, 2018, p. 3-4). As quatro etapas metodológicas da educação patrimonial foram relacionadas com as propostas de atividades idealizadas para o projeto de extensão, como se pode observar abaixo:

**1. Etapa de observação:** Identificação do objeto/função significado; desenvolvimento da percepção visual e simbólica. Palestras sobre o patrimônio arqueológico da cidade de Macapá. Visitação na área do sítio arqueológico AP-MA-05. Público: setor de turismo e escolas envolvidas no projeto de extensão.

**2. Etapa de registro:** Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento das percepções; desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuição e operacional. Oficinas “Arqueólogo do futuro” e “Força arqueológica”, além de desenhos de réplicas de vestígios arqueológicos, “sítio escola” e laboratório na escola.

**3. Etapa de exploração:** Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados. Oficinas “Dos cacos às memórias” e “Fabricação de objetos de argila”, e visitação na área do sítio arqueológico AP-MA-05.

**4. Etapa de apropriação:** Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto expressão, criatividade, valorização do bem cultural. Exposição fotográfica e das réplicas feitas na oficina “Fabricação de objetos de argila”. Oficina “Bem cultural familiar” e exposição das atividades feitas no caderninho “Conhecendo a arqueologia”.

O projeto de extensão procurou levar em conta o que cada público envolvido poderia aprender com as propostas de ações educativas. O Sindicato de Guias de Turismo do Amapá (SINGTUR-AP) envolve a classe de guias de turismo, tendo cerca de 50 profissionais com faixa etária estimada entre 25 e 50 anos, que atuam em diversos pontos turísticos do estado do Amapá. Para as escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias, as ações educativas contemplaram principalmente a participação dos segmentos do 5º ano (ensino fundamental I, faixa etária de 9 a 10 anos) e do 6º ano (ensino fundamental II, faixa etária de 11 a 12 anos) da rede pública da cidade de Macapá. Além disso, alguns professores fizeram parte das atividades de extensão.

## ATIVIDADES REALIZADAS ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2020

As ações educativas realizadas pelo projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero” possibilitaram envolver os guias de turismo e as escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias. Os resultados das atividades permitiram ainda produzir conhecimentos e divulgar seus resultados e discussões em eventos, capítulos de livros e revistas acadêmicas. Entre 2018 e 2020, podemos envolver cerca de 400 participantes nas ações extensionistas (LUNA, 2019). Para fins ilustrativos, neste relatório institucional é apresentada uma breve descrição das atividades, referentes às palestras, visitas guiadas, oficinas e divulgação científica.

### PALESTRAS

As palestras para os guias de turismo e escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias abordaram tópicos sobre arqueologia (conceito e prática), o histórico do potencial arqueológico da cidade de Macapá, questões de preservação dos sítios arqueológicos, visitação pelo público e a importância do patrimônio arqueológico presente no campus Marco Zero. As palestras foram realizadas no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá (CEPAP) da UNIFAP e salas de aula das escolas envolvidas.

Para os guias de turismo, organizou-se uma roda de conversa (Figura 1), tendo como ponto de partida uma palestra informal, pois a intenção foi sair do modo formal de se fazerem apresentações. Essa escolha ajudou na fruição da conversa entre os envolvidos na atividade e no momento de aprendizagem de como uma pesquisa pode contribuir para o setor do turismo e suas demandas. Para os guias de turismo, os resultados gerados pelas pesquisas arqueológicas permitem agregar informações no trabalho voltado para o atendimento de turistas, principalmente na cidade de Macapá.



**Figura 1:** Convite de atividade voltada para os guias de turismo do Amapá, tendo como objetivo participar das ações do projeto de extensão. Fonte: Acervo do projeto (2019).

As palestras envolveram as escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias, professores e alunos. Para os professores, palestras formais foram planejadas, visando a apresentar o potencial arqueológico da cidade de Macapá. A maioria dos professores envolvidos nas palestras é de ex-alunos da UNIFAP e desconheciam a existência do sítio AP-MA-05. A exposição de informações sobre a arqueologia de Macapá foi essencial para tirar dúvidas de professores que trabalham com conteúdo de diferentes disciplinas na sala de aula e de como lidar com temas relacionados ao patrimônio cultural.

## **VISITAS GUIADAS À RESERVA TÉCNICA DO CEPAP E AO SÍTIO ARQUEOLÓGICO AP-MA-05**

Os guias de turismo e professores das escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias participaram de visitas na reserva técnica do CEPAP da UNIFAP e na área do sítio arqueológico AP-MA-05, como forma de conhecer esses espaços. Para a área do sítio arqueológico AP-MA-05, foram necessárias explicações como o que é um sítio arqueológico, a prática da pesquisa arqueológica e o destino dos vestígios arqueológicos. No CEPAP da UNIFAP, as visitas ocorreram nos espaços do laboratório, lugar onde viram atividades de laboratório sendo realizadas por alunos da graduação. Esse grupo de visitantes pôde conhecer a reserva técnica, espaço onde fica acondicionado o material vindo de escavações.



**Figura 2:** À esquerda, visita à reserva técnica do CEPAP da UNIFAP. À direita, visita à área do sítio arqueológico AP-MA-05. Ações do projeto de extensão com os professores da Escola Cacilda Vasconcellos. Fonte: Acervo do projeto (2019).

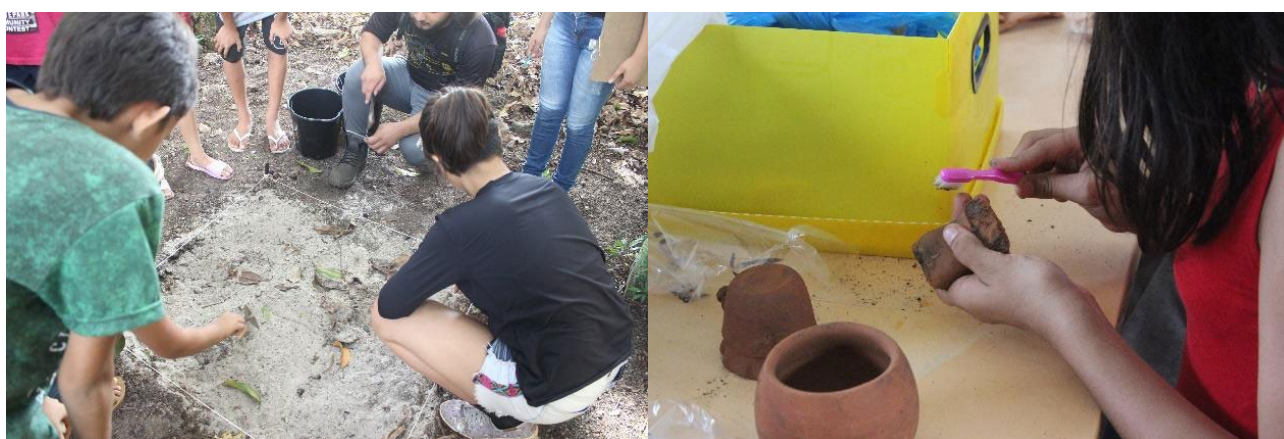
O contato das pessoas com o material arqueológico causou sensibilidades e reflexões sobre as motivações de as peças estarem em uma reserva técnica. Esse momento foi importante para expor que visitas devem ser feitas com cautela, pois em alguns casos a coleta de vestígios por pessoas pode ser considerada como perda de uma “peça do quebra-cabeças” que conta histórias de um lugar.

Como parte das ações, incentivou-se que os guias de turismo incluíssem em suas rotas de visita o sítio arqueológico AP-MA-05 e a participação do CEPAP nessas atividades. Assim, teríamos

a interação constante de setores externos da sociedade na universidade. Essa seria uma forma de manter viva uma memória soterrada pelo tempo.

## OFICINAS VOLTADAS PARA AS ESCOLAS

Para os alunos, foram planejadas oito oficinas educativas (Figura 4), tais como “Força arqueológica”, “Dos cacos às memórias: ferramenta pedagógica na educação patrimonial”, “Arqueólogo do futuro” e “Fabricação de objetos de argila”, além da realização de atividades com desenhos de expressões culturais, “sítio escola”, caderninho “Conhecendo a arqueologia” e exposição fotográfica das ações educativas (Figuras 3, 4, 5 e 6).



**Figura 3:** À esquerda, “sítio escola” para os alunos. À direita, prática de laboratório: limpeza do “material arqueológico” retirado do “sítio escola”. Ações na Escola Deosolina Farias. Fonte: Acervo do projeto (2020).



**Figura 4:** À esquerda, momento da oficina “Arqueólogo do futuro”. À direita, oficina “Fabricação de objetos de argila”. Ações na Escola Maria Luíza Bello da Silva. Fonte: Acervo do projeto (2019).



**Figura 5:** À esquerda, oficina “Força arqueológica”. À direita, desenho de réplicas de vestígios arqueológicos. Ações na Escola Cacilda Vasconcellos. Fonte: Acervo do projeto (2019).



**Figura 6:** À esquerda, exposição fotográfica das oficinas das quais os alunos participaram. À direita, alunos da Escola Maria Luiza Bello Silva observam a exposição com fotos de suas atividades. Ações na Maria Luiza Bello Silva. Fonte: Acervo do projeto (2019).

A “Força arqueológica” é baseada na brincadeira conhecida como “força”, muito comum em algumas escolas do Amapá, onde o jogador tem que acertar a palavra proposta, ligada ao tema investigado, tendo como dica o número de letras indicado no quadro branco. A cada letra errada, a boneca de papel-cartão colada no quadro branco perdia uma parte do corpo, até ser “enforcada”.

Na oficina “Expressão cultural”, as turmas foram divididas em grupos e receberam individualmente uma folha de papel A4 e lápis de cor. Cada grupo ficou responsável por observar as características de réplicas de artefatos arqueológicos cerâmicos, a fim de identificar seus aspectos físicos: a construção, a função, a forma e o valor.

Na oficina “Arqueólogo do futuro”, foram reservadas áreas no pátio da escola, e foram deliberadamente espalhados em cantos, no chão e próximo a mesas, lixo reciclável e outros objetos (previamente esterilizados e selecionados), depositados em locais distintos. Cada aluno recolheu os objetos encontrados e acondicionou-os em sacos plásticos, com indicação da localização onde foram encontrados, para em seguida serem discutidos e interpretados.

O “sítio escola” contou com escavação e laboratório simulado, onde foram escolhidas áreas dos pátios das escolas e estabelecidas malhas com quadras de dois a seis metros quadrados, devidamente

limpas, escavadas, e preenchidas com réplicas arqueológicas e terra. Explicaram-se procedimentos de escavação, coleta e acondicionamento. Após a escavação, os objetos com a indicação de procedência foram levados para sala de aula, remontados, desenhados, investigados e interpretados.

No caderninho intitulado “Conhecendo a arqueologia” (confeccionado pelos bolsistas) estavam reunidas informações sobre o que é arqueologia, sítio arqueológico e educação patrimonial, além de descrições sumarizadas com fotos do sítio arqueológico AP-MA-05. No caderninho foram adicionadas pelos alunos as demais atividades realizadas, com espaço para anotações pessoais e desenhos.

A oficina “Dos cacos à memória”, ocorrida na UNIFAP, foi elaborada pelos bolsistas, com a participação e idealização do artista plástico macapaense Alfrane Távora. Foi usada uma lajota grande e nela foi desenhada e pintada uma composição artística relativa ao patrimônio arqueológico amapaense. Ela foi quebrada em cacos, que foram distribuídos em pontos distintos no chão junto aos blocos de história. Os alunos procuraram os cacos e ao final os remontaram, tal qual um quebra-cabeças.

Na oficina “Fabricação de objetos de argila”, foi pedido que os alunos fizessem objetos com que se sentissem à vontade, ou o que mais gostaram nas atividades de que participaram. Foram expostos e explicados aos alunos modos de se fazerem objetos cerâmicos (técnicas, antiplástico, decoração, etc.) disponibilizando inclusive réplicas arqueológicas para quem quisesse se inspirar.

As exposições fotográficas foram realizadas nas escolas e na universidade, cujas fotos mostravam as atividades realizadas nas escolas, além dos desenhos e modelos de argila confeccionados. Essas exposições foram dirigidas aos alunos das escolas, aos pais, professores e acadêmicos universitários.

As oficinas visaram a fortalecer apropriações sobre a temática da arqueologia e aprofundar as observações a partir da elaboração de desenhos de réplicas arqueológicas e os métodos de pesquisa arqueológica de campo/laboratório, tendo a possibilidade de ações práticas realizadas pelos alunos.

## **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Nos projetos, uma das partes importantes é a divulgação científica, que considera o processo de tornar as informações e resultados no meio científico acessíveis, de forma didática, a um público o mais amplo possível (SANTOS et al., 2017; MILHEIRA & PIRES, 2018). Essa não é uma tarefa fácil, pois requer a sistematização das informações geradas e reflexões. Por isso, a cada momento a equipe do projeto foi incentivada a socializar o conhecimento produzido nas ações extensionistas deste projeto.

Quanto aos resultados das atividades de extensão, estes foram socializados em eventos acadêmicos internos promovidos na UNIFAP (Figuras 7 e 8) pelo curso de história e externos como o simpósio internacional de ensino de história, publicações de capítulos de livros, em revistas de história e arqueologia, entrevistas na rádio universitária da instituição apoiadora do projeto, produção de material didático (ex.: folder e caderno sobre patrimônio arqueológico) e participação na elaboração de oficinas voltadas para dissertações de mestrado profissional do curso de história da UNIFAP.





**Figura 7:** À esquerda e direita, bolsistas voluntários do projeto realizaram apresentações de banner sobre os planos de trabalho que executaram. Fonte: Acervo do projeto (2020).



**Figura 8:** À esquerda, oficina de escavação. À direita, equipe do projeto com camisetas temáticas que apresentam grafismos de urnas encontradas no sítio arqueológico AP-MA-05. Fonte: Acervo do projeto (2020).

Como parte importante do projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero”, consideramos a necessidade de divulgar e expor os resultados alcançados durante a execução da pesquisa, que tratam sobre o patrimônio arqueológico, a cidade de Macapá, e a importância de conhecer a história da diversidade social no passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, a expansão urbana e ampliações de infraestrutura de instituições localizadas na cidade de Macapá têm revelado a existência de sítios arqueológicos. No caso particular da área da UNIFAP, a ampliação da infraestrutura da instituição possibilitou o achado do sítio arqueológico AP-MA-05 (GAMBIM JÚNIOR & LIMA, 2020; GAMBIM JÚNIOR & LIMA, 2021). Ao levar em consideração as informações disponíveis sobre o sítio AP-MA-05, o projeto de extensão em questão procurou contribuir com tópicos importantes como o patrimônio arqueológico, a educação patrimonial e a socialização do conhecimento produzido por pesquisas arqueológicas.

Hoje, as discussões que envolvem o patrimônio arqueológico revelam que cada vez mais é necessário dialogar com outros segmentos da sociedade. Pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos de formação, geração de novos conhecimentos e socialização é um processo do qual se destaca a extensão universitária, que permite de forma conceitual e prática o “pensar” e “fazer” fora e no interior da universidade, superar os muros da universidade e alcançar a sociedade (MILHEIRA & PIRES, 2018, p. 83; SERRANO, 2016, p. 1).

A extensão universitária trilha novos caminhos e se fortalece enquanto campo de ação que procura relacionar o espaço acadêmico e a sociedade (MACHADO et al., 2019). A educação patrimonial na arqueologia já é uma realidade em diferentes lugares do Brasil (CAMPOS et al., 2018; CARVALHO, COSTA, & CASTRO, 2020; MEZACASA, 2017; LUNA, 2019; MACHADO et al., 2019; MILHEIRA & PIRES, 2018). O intercâmbio de preceitos da pesquisa e da extensão possibilita a ruptura com a hierarquia de saberes. Além disso, permite a relação dialética e dialógica entre instituições e sujeitos envolvidos (MACHADO et al., 2019, p. 76).

As ações de educação patrimonial voltadas para o patrimônio arqueológico realizadas nas escolas, que envolveram alunos e professores da rede pública do estado do Amapá, demonstraram a importância de estreitarmos os laços de aproximação e parcerias entre a escola e a universidade, ambas tendo como compromisso promover transformações da realidade social, através de ações educativas que precisavam ser integradas.

Portanto, consideramos que o projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero” e suas ações educativas são produtos inacabados, que permitiram experimentar práticas educativas em espaços de saída de difusão como as escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello da Silva e Deusolina Salles Farias e o Sindicato dos Guias de Turismo do Estado do Amapá. Com base nos resultados das diferentes ações educativas, considera-se que as estas permitiram criar aproximações entre passado e presente quanto ao patrimônio arqueológico em questão.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) da UNIFAP, edital DEX/PROEAC n.º 27/2017. Somos gratos aos discentes do curso de história: Júlio Gama, Alicia Miranda, Anderson Rocha, Fernando dos Santos, Kathelin Thayssa Mendonça Carneiro, Maria Letícia Oliveira e Leticia Santos pela participação nas atividades realizadas no decorrer do projeto de extensão. Às escolas Cacilda Vasconcellos, Maria Luiza Bello e Deusolina Salles Farias, obrigada pela parceria e colaboração. Agradecemos à coordenadora do projeto de extensão, professora Verônica Xavier Luna. Agradecemos a participação dos membros do Sindicato de Guias de Turismo do Amapá em nossas atividades. Aos pareceristas da *Revista Cadernos do LEPAARQ*, agradecemos pelas sugestões feitas neste relatório institucional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Rossano Lopes. Arqueologia Pública no Brasil: novos tempos. IN: MORI, Victor; Souza, Marize; BASTOS, Rossano Lopes; Gallo, Haroldo. *Patrimônio: atualizando o debate*. São Paulo: 9ª SR/ IPHAN, 2006, p. 155-168.
- BEZERRA, Marcia. Nossa herança comum: considerações sobre a educação patrimonial na arqueologia amazônica. IN: PEREIRA, Edithe e GUAPINDAIA, Vera (org). *Arqueologia Amazônica*, v. 2. MPEG; IPHAN; SECULT-PARÁ: Belém, 2010, p. 514-526.
- BEZERRA, Marcia. Arqueólogos e comunidades locais no projeto de educação patrimonial. In: NAJJAR, Rosana. *Arqueologia no Pelourinho*. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 167-184.
- BRASIL, Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. *Portaria 230*. 2002. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_230\\_de\\_17\\_de\\_dezembro\\_de\\_2002.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_230_de_17_de_dezembro_de_2002.pdf). 2002. Acessado em: 20.11.2020.
- BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Portaria 137*. 2016. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria\\_n\\_137\\_de\\_28\\_de\\_abril\\_de\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf). 2016. Acessado em: 21.11.2020.
- BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Portaria 375*. 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria3752018sei\\_iphan0732090.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria3752018sei_iphan0732090.pdf). 2016. Acessado em: 23.11.2020.
- BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Instrução Normativa 01*. 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Instru%C3%A7%C3%A3o%20normativa.pdf>. 2015. Acesso em: 28.11.2020.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; ZOCHE, Jairo José; PAVEI, Diego Dias; CEZARO, Hérom Silva; RIBEIRO, André Luiz Martins; CARRER, Lauro & OSTETTO, Lucy Cristina. Ações de educação patrimonial no extremo sul catarinense: incentivando a escola a preservar o patrimônio arqueológico. *Revista de Arqueologia Pública: Revista eletrônica do laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp*. Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 3-13, 2018.
- CARVALHO, Anderson Walley Rodrigues; COSTA, Rodrigo Lessa; CASTRO, Márcia de Santana. O pet na escola: um roteiro de ações de educação patrimonial desenvolvido no âmbito do programa de educação tutorial no município de São Raimundo Nonato-PI. *Revista de Arqueologia Pública: Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp*. Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 75-95, 2020.
- COSTA, Jucilene & MORAES, Irislene. *Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica Intensiva na área do Campus Universitário Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)*. Macapá: Universidade Federal do Amapá. 2017.
- HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina & MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.
- GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Corpo, vida e morte na foz do rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiaú Mirim I/AP*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2016.
- GAMBIM JUNIOR, Avelino; LIMA, Jelly Juliane Souza. Aproximações entre arqueologia, educação patrimo-

nial e diferentes segmentos da sociedade: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero. *Escritas: revista do curso de história de Araguaína*, v. 12, nº 2, p. 144-164, 2020.

- GAMBIM JUNIOR, Avelino; LIMA, Jelly Juliane Souza. Notas e Reflexões sobre as possibilidades de uma arqueologia pública na Universidade Federal do Amapá In: FARIAS JÚNIOR, José Petrúcio; SIMONIAN, Lígia Terezinha Lopez; SILVA, Ana Cristina Rocha; MATEUS, Yuri Givago Alhadaf Sampaio. *História, Arqueologia e Educação Museal: Patrimônio e Memórias*.1ª ed. Piauí: EDUFPI, 2021, v.1, p. 445-482.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JUNIOR, Avelino; LIMA, Joely Priscila Souza; MARIA, Dayse Maria; BARROS, Leiticia Pinheiro; BARBOSA, Carlos Eduardo. Toda cidade tem muito o que contar”: as narrativas sobre a ocupação da “linha b” no bairro Marabaixo III a partir da educação patrimonial na arqueologia contratada. In: MENDES, Paulo Sérgio Abreu; PALHETA, Ana Corina Maia; Souza, ADIRLEIDE Greice Carmo. *Desenvolvimento Ambiental e Urbano da Cidade de Macapá*.1 ed. Macapá: Senado Federal, 2020, v.1, p. 71-88.
- LUNA, Verônica Xavier. *Projeto de extensão “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero”*. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2018.
- LUNA, Verônica Xavier. *Relatório final de extensão do projeto “Arqueologia e Educação Patrimonial: construindo experiências a partir da Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero”*. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2019.
- MACHADO, Ana. *Relatório do Salvamento Arqueológico do Sítio AP-MA-5: Campus Universitário, Macapá*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1997
- MACHADO, Neli Galarce; LOPES, Sérgio Nunes; SCHNEIDER, Patrícia; SCHNEIDER, Lucas Fernando; PEREIRA & Lara Isadora. Educação Patrimonial e ações educativas do Projeto “Arqueólogo por um dia: história e natureza”. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 32, n. 51, p. 70-81, 2019.
- MEZACASA, R. Educação patrimonial e arqueologia: experiências em contextos de extensão universitária. *Extramuros-Revista de Extensão da Univasf*, v. 5 (1), p. 40-52. 2017.
- MILHEIRA, Rafael Guedes & PIRES, Caroline Araújo. Arqueologia, educação patrimonial e história indígena em Pelotas. IN: BITENCOURT CAMPOS, Juliano; GOMES RODRIGUES, Marian Helen da Silva & PEREIRA SANTOS, Marcos César. *Patrimônio Cultural, Direito e Meio Ambiente: Educação Contextualizada Arqueologia e Diversidade (volume III)*. Criciúma: UNESCO, 2018, p. 80-94.
- SANTOS, Josiel; MOSER, Diego; OSTETTO, Lucy Cristina; SANTOS, Marcos Cesar Pereira & CAMPOS, Juliano Bitencourt. Divulgação científica e educação patrimonial em arqueologia: a experiência do I Workshop de Arqueologia da UNESCO. *Revista Arqueologia Pública*. Campinas, SP, v. 11, n. 2 [19], p. 43-65, 2017.
- SALDANHA, João Darcy de Moura & CABRAL, Mariana Petry. *Segundo relatório semestral do Programa de Resgate Arqueológico no Campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)*. Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. 2011.
- SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*. *Extelar-Grupo de pesquisa em extensão popular*, João Pessoa, PB: UFPB, v. 13, n. 8, 2013.
- SCHAAN, Denise Pahl. Buscando soluções. Compartilhando a produção do conhecimento: a Arqueologia Pública. In: SCHAAN, Denise Pahl. *Marajó: arqueologia, iconografia, história e patrimônio-textos selecionados*. Erechim, RS: Habilis, 2009, p.29-45.